

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

Proposta de Tradução da

*Memória sobre o Sistema Primitivo de Vogais*

de Ferdinand de Saussure (1879)

Versão corrigida

Edgard Santana Bikelis

Tese apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Semiótica e Linguística Geral,  
do Departamento de Linguística da Faculdade  
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo, como requisito  
para obtenção do Título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Cristina Altman

De acordo

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Bp           Bikelis, Edgard  
              Proposta de Tradução da "Memória sobre o Sistema  
              Primitivo de Vogais" de Ferdinand de Saussure (1879) /  
              Edgard Bikelis; orientadora Cristina Altman - São  
              Paulo, 2023.  
              532 f.

              Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e  
              Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
              Departamento de Linguística. Área de concentração:  
              Semiótica e Lingüística Geral.

              1. Linguística. 2. Historiografia. 3. Saussure,  
              Ferdinand de, 1857-1913. 4. Linguística  
              indo-europeia. I. Altman, Cristina, orient. II.  
              Título.

# Agradecimentos

Dizem (SPENCE 1820, p. 158) que, pouco antes de morrer, Sir Isaac Newton teria sido tomado por um tom sentencioso, e dito algo como

não sei o que pareci para o mundo, mas para mim eu fui como um garoto brincando na praia, distraíndo-me ao ver uma pedra mais lisa ou uma concha mais bonita que o normal, tendo à frente um oceano desconhecido de verdade à minha frente.

Essa metáfora sobre pedras sempre me pareceu muito útil para pensar sobre ensinar e aprender. Todos nós sabemos uma ou duas coisas sobre três ou quatro assuntos, e as inclinações das pessoas divergem tanto que, no fim, todos sabemos coisas distintas, e só juntos sabemos muito de muito. Uma montanha de pedras.

Todos de quem aprendi bem, o que quer que seja, *mostraram-me* as pedras com o mesmo entusiasmo leve e sincero de que fala a frase, provavelmente apócrifa, que citei. Há algo de profundo em gostar de algo e querer compartilhar o entusiasmo com os demais. Já outros tantos que se propuseram a me ensinar, tentaram-no fazer mirando em mim as pedras, onde quer que mais doesse. Imagino que essa seja uma experiência comum a todos, tanto a dura experiência de ser alvo como a tentação do arremesso.

Eu tenho tido a boa sorte imensa de ter professores desse primeiro tipo, que me inspiram continuamente a aprender e a não apedrejar os desavisados. A eles **todos** eu devo agradecer muito.

Logo, eu naturalmente devo o meu primeiro agradecimento à minha orientadora, Cristina Altman, que é um exemplo excelente dessas virtudes de que eu disse. Ao chegar antes que ela em suas aulas, pude ver com que habilidade ela sempre incandesceu seus alunos, com um entusiasmo desinibido de que já tenho saudades de ver sempre. Obrigado pela inspiração, pela orientação, e pela confiança.

À professora Olga Coelho, que sempre esteve por perto cuidando para que o CEDOCH viceje, e a todos os colegas do CEDOCH, companheiros de Mini-ENAPOL: Alessandro Beccari, Bruna Polachini, Karina Gonçalves de Souza de Oliveira, Ênio Sugiyama Junior, José Bento Cardoso Vidal Neto, Olivia Yumi Nakaema, Rodygo Yoshiyuki Tanaka, Rogério Augusto Monteiro Cardoso, Rogério Ferreira da Nóbrega, Stela Maris Detregiacchi Gabriel Danna, Julia Lourenço, Bruno Fochesato Alves, Augusto Vicente Neto, e Felipe Prais Almeida.

À professora Maria Helena de Moura Neves (1931-2022), que participou da banca de qualificação deste, e que me deu muitas e valiosas sugestões.

GRATIAS PLURIMAS TIBI, MAGISTRA

Aos professores Pierre Swiggers, Estanislao Sofia, e Márcio Renato Guimarães que, na defesa desta tese, dignaram-se a dar muitas e excelentes sugestões e correções a este texto; quais sejam as virtudes que este texto tenha, isto deve-se muito a eles.

Agradeço também ao Departamento de Linguística, pelo repasse da Bolsa CNPq durante todo o processo de doutoramento; e aos seus diligentes secretários, de paciência infinda.

Agradeço a Malu Renzo, que acompanhou de perto a confecção deste texto, e muito amiúde ajudou para que ele pudesse nascer, além de ter colaborado para manter a já pouca salubridade deste autor por meio de seu acolhimento e gentileza imensurável.

Por fim à minha família, e especialmente aos meus pais, Angela e Eduardo, por serem a causa desta minha existência e razão de boa parte das alegrias nela.



# Resumo

BIKELIS, Edgard Santana **Proposta de Tradução da *Memória sobre o Sistema Primitivo de Vogais* de Ferdinand de Saussure (1879)**. 2023.

Compõe esta tese de doutoramento a tradução do *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879) de Ferdinand de Saussure (1857-1913), um estudo introdutório, e notas.

**Palavras-chave:** Historiografia Linguística; Saussure; Linguística Histórica; Proto-Indo-Europeu.





# Abstract

BIKELIS, Edgard Santana The “*Dissertation on the Primitive Vowel System*”  
by Ferdinand de Saussure (1879): A Translation into Portuguese.

This monograph is composed of the translation of the *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879) by Ferdinand de Saussure (1857-1913), an introductory study, and notes.

**Key-words:** Linguistic Historiography; Saussure; Historical Linguistics; Proto-Indo-European.



# Conteúdo

<b>I</b>	<b>Estudo</b>	<b>17</b>
<b>1</b>	<b>Bases Teóricas e Metodologia</b>	<b>19</b>
<b>2</b>	<b>Objeto: Saussure e o <i>Mémoire</i></b>	<b>21</b>
2.1	Ferdinand Mongin de Saussure (1857-1913) . . . . .	21
2.2	<i>O Mémoire sur le système primitif des voyelles</i> . . . . .	24
<b>3</b>	<b>Sobre a tradução</b>	<b>27</b>
3.1	Estrutura do Texto . . . . .	27
3.2	O Termo 'Memória' . . . . .	29
3.3	Nomes das Línguas Citadas . . . . .	30
3.4	Abreviaturas . . . . .	31
3.5	Transcrições e Índices . . . . .	32
3.5.1	Grego Antigo . . . . .	32
3.5.2	Avéstico . . . . .	34
3.5.3	Sânscrito . . . . .	34
<b>4</b>	<b>Glossário</b>	<b>35</b>

Conteúdo	12
4.1 Ablaut	35
4.2 <i>augment</i> , aumento	37
4.3 <i>autophthongue</i> , autongo	38
4.4 <i>bahuvrīhi</i> e <i>tatpuruṣa</i>	39
4.5 <i>cellule</i> , célula	40
4.6 <i>coefficient sonantique</i> , coeficiente sonântico	41
4.7 <i>gouna</i> e <i>vriiddhi</i> , <i>ḡuṇa</i> e <i>vṛiddhi</i>	41
4.8 <i>phonème</i> , fonema	43
4.9 <i>samprasāraṇa</i>	44
<b>II Memória sobre o Sistema Primitivo de Vogais</b>	<b>47</b>
<b>1 As líquidas e nasais soantes.</b>	<b>57</b>
1.1 Líquidas soantes (§1)	57
1.1.1 Sílabas Radical	60
1.1.2 Formações Verbais	62
1.1.3 Formações Nominais	68
1.1.4 Sílabas Sufixais.	74
1.2 Nasais soantes (§2)	74
1.2.1 Sílabas Radical	76
1.2.2 Sílabas sufixais.	83
1.3 Complemento aos parágrafos precedentes (§3)	107
<b>2 O fonema A nas línguas europeias.</b>	<b>115</b>

2.1	A vogal <i>a</i> das línguas do norte tem uma origem dupla (§4) . . . . .	115
2.2	Equivalência do <i>a</i> grego e o <i>a</i> itálico (§5) . . . . .	117
2.3	O fonema A nas línguas do norte (§6) . . . . .	132
<b>3</b>	<b>Capítulo III. Os dois <i>o</i> greco-itálicos.</b>	<b>143</b>
3.1	<i>o</i> <sub>2</sub> greco-itálico. – <i>a</i> <sub>2</sub> indo-europeu (§7) . . . . .	143
3.1.1	1. Sílabas Radical. . . . .	144
3.1.2	2. Sílabas sufixais. . . . .	165
3.2	Segundo <i>o</i> greco-itálico (§8) . . . . .	174
3.2.1	Obscurecimento da vogal <b>o</b> em <b>u</b> . . . . .	178
3.2.2	Mudança de vogais <i>a</i> e <i>o</i> . . . . .	180
<b>4</b>	<b>Sinais da pluralidade dos <i>a</i> na língua mãe (§9)</b>	<b>203</b>
<b>5</b>	<b>Papel gramatical das diferentes espécies de <i>a</i>.</b>	<b>211</b>
5.1	A raiz no estado normal (§10) . . . . .	211
5.1.1	a. Formações Verbais . . . . .	214
5.1.2	b. FORMAÇÕES NOMINAIS. . . . .	217
5.2	Papel gramatical dos fonemas A e O (§11) . . . . .	224
5.2.1	c. Estado reduzido. . . . .	236
5.2.2	II. Raízes contendo um <i>ā</i> médiat. . . . .	242
5.2.3	Línguas árias . . . . .	266
5.3	Visão geral sinóptica das variações do vocalismo provoca-	
	das pela flexão (§12) . . . . .	286
5.3.1	Observações preliminares. . . . .	286

---

5.3.2	1. Forma de sufixos. . . . .	286
5.3.3	2. O que pode ser chamado de variações vocálicas trazidas pela flexão? . . . . .	287
5.3.4	Flexão verbal. . . . .	288
5.3.5	2. Aparecimento do fonema <i>a</i> <sub>2</sub> . . . . .	297
5.3.6	Flexão nominal. . . . .	298
5.3.7	1. Expulsão do <i>a</i> . . . . .	298
5.3.8	Temas paroxítonos. . . . .	312
5.3.9	B. A expulsão ocorre sob as leis da flexão fraca. . . . .	314
5.3.10	Temas que terminam por <i>i</i> e <i>u</i> . . . . .	314
5.3.11	Temas plurais e duais de flexão forte. . . . .	317
5.3.12	1. Declinação de alguns temas em <i>u</i> . . . . .	335
5.3.13	2. Palavras heteroclíticas. . . . .	338
5.3.14	os neutros . . . . .	338
5.3.15	b. Masculino e feminino. . . . .	343
5.4	Visão geral sinóptica das variações de vocalismo trazidas pelo formação de palavras (§13) . . . . .	345
5.4.1	I. Temas nominais. . . . .	346
5.4.2	II. Temas verbais. . . . .	353
<b>6</b>	<b>Sobre diferentes fenômenos relativos às soantes</b>	<b>361</b>
6.1	Líquidas e nasais soantes longas (§14) . . . . .	361
6.1.1	Temas em <i>-ta, -ti</i> , etc. . . . .	375
6.1.2	Temas em <i>-na</i> . . . . .	379

6.1.3	Temas verbais em <i>-ya</i> . . . . .	379
6.1.4	Nota sobre alguns desiderativos. . . . .	382
6.1.5	Raízes verbais em <i>-á</i> . . . . .	386
6.1.6	Perfeito. . . . .	387
6.1.7	Raízes nominais do tipo <i>dviš</i> . . . . .	388
6.1.8	A. Antes de consoantes. . . . .	392
6.1.9	B. Antes das vogais. . . . .	395
6.1.10	A. Antes de consoantes. . . . .	402
6.1.11	B. Antes das vogais (grupos <i>-ṅn-</i> e <i>-ṅm-</i> ). . . . .	411
6.2	Fenômenos especiais §15 . . . . .	412
<b>7</b>	<b>Acréscimos e correções.</b>	<b>423</b>
<b>8</b>	<b>Índices</b>	<b>433</b>
8.1	Grego Antigo . . . . .	433
8.2	Latim . . . . .	486
8.3	Sânscrito . . . . .	489





**Parte I**

**Estudo**



# Capítulo 1

## Bases Teóricas e Metodologia

Nosso estudo se concentra no campo de estudos da Historiografia Linguística que, segundo Swiggers, trata de estudar da produção e da evolução das ideias linguísticas, propostas por certos agentes inseridos, em certo contexto socio-cultural e político, que abrange também o seu passado cultural e científico. (SWIGGERS 2004, pp. 105–6, SWIGGERS 2012).

Para que a Historiografia Linguística seja uma disciplina científica<sup>(1)</sup>, ainda segundo Swiggers, é preciso haver padrões metodológicos e epistemológicos claros, que norteiem o trabalho historiográfico, que ele divide em três tarefas distintas:

1. A *historiografia linguística*, que cuida da narrativa da história, que descreve e explica as reflexões e descrições linguísticas no passado;
2. A *epi-historiografia*, que trata da edição e da tradução de textos, e da

---

<sup>(1)</sup>Cf. também KOERNER 1999, 39 et seq.

publicação de fontes primárias, da documentação biográfica e bibliográfica, traçando a história dos seus agentes e de seus produtos (SWIGGERS 2004, p. 116, SWIGGERS 2010, p. 5); e finalmente

3. A *meta-historiografia*, que busca a reflexão sobre as práticas e produtos historiográficos, com três tarefas básicas, que descrevo muito sucintamente: a de construir, a de criticar, e a de contemplar quais sejam os modelos de narrativa a serem usados, a sua metalinguagem, avaliar os princípios metodológicos, o *status*, e a epistemologia para esta área da Linguística. (SWIGGERS 2010, p. 5).

Este estudo, então, insere-se na tarefa epi-historiográfica da Historiografia da Linguística, ao concluindo o trabalho começado em nossa dissertação de mestrado, com vistas a traduzir o *Mémoire* de Saussure e assim, dentro do possível, torná-lo acessível para um linguista contemporâneo, cuja formação difere radicalmente da do leitor-alvo da obra original.

Quanto à história externa da Linguística Comparativa como campo de estudos, e da história do problema das vogais do proto-indo-europeu que Saussure buscou resolver em sua *Memória*, referimos o leitor à nossa dissertação de mestrado, BIKELIS 2017.

# Capítulo 2

## Objeto: Saussure e o *Mémoire*

### 2.1 Ferdinand Mongin de Saussure (1857-1913)

Ferdinand Mongin de Saussure (1857-1913) viria a ser conhecido pelo *Cours de linguistique générale* [Curso de Linguística Geral] SAUSSURE 1916, publicado postumamente por Bally e Sechehaye, alunos seus, a partir das anotações dele mesmo e, especialmente, dos dos alunos que frequentaram os três cursos que ministrou na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911 (HARRIS e KOMATSU 2014, p. vii). Desse modo, Saussure é tido como pai da Linguística moderna (CULLER 1986, p. 104 CHAPMAN e ROUTLEDGE 2005, p. 241). Tendo nascido em Genebra, na Suíça, de uma proeminente família que havia emigrado da região francesa da Lorena no século XVI, e que mantinha naquela cidade, já por várias gerações, a tradição de formar filósofos, médicos, naturalistas, e geógrafos (BOUISSAC 2010), de que a maior parte lecionou na Academia e na Universidade de Genebra. Sua casa pertencia à

família desde o começo do século XVIII, e possuía uma grande biblioteca, além das coleções científicas acumuladas pelos seus habitantes.

O pai de Saussure, Henri Louis Frédéric de Saussure (1829-1905), foi um mineralogista e entomologista, tendo viajado para os Estados Unidos e a América Central em busca de exemplares de rochas e insetos. Sua mãe, Louise-Elisabeth de Pourtalès (1837-1906?), vinha de outra família aristocrática do sul da França (BOUISSAC 2010, p. 37).

Saussure matriculou-se em 1873 no *Gymnase de Genève*. É provavelmente no final desse ano que ele terá lido o primeiro volume, publicado em 1859, de *Les origines indo-européennes ou les Aryas primitifs* [As origens indo-europeias ou os Árias primitivos], de Adolphe Pictet (1799-1875). Pictet era amigo da família de sua família, com quem tinha também laços de sangue por meio de uma das tias de Saussure, Adèle. Neste livro, Pictet se vale da reconstrução da língua ancestral das línguas indo-europeias, o (proto-)indo-europeu, para reconstruir o contexto histórico e etnográfico do povo que falava essa língua e, para tanto, ele se vale de toda a literatura relevante da linguística comparada, desde Franz Bopp (1791-1867). Foi aí que Saussure teve o primeiro contato intenso com o sânscrito. O livro teve um enorme efeito sobre ele, que teria descoberto, ao lê-lo, a sua vocação:

Ao fechar o primeiro volume, um linguista havia nascido, e havia sido exposto, em segunda mão, ao trabalho de todos os Indo-europeístas comparativos, de Bopp a Schleicher, Curtius e aos outros escritos sobre o assunto até o fim dos anos de 1850.

[By the time he closed the first volume, a linguist was born, and has been exposed, at second hand, to the work of all the comparative Indo-europeanists from Bopp to Schleicher, Curtius and other writing on the subject up to the end of the 1850s.]

(JOSEPH 2012, p. 150)

Depois, em 1875, Saussure estudou na Universidade de Geneve. Segundo seus *Souvenirs*, ele estudou sozinho a gramáticas comparada e a sânscrita de Bopp e os *Princípios* de Georg Curtius (1820-1885). Foi nessa época que Saussure começou a amadurecer como linguista (JOSEPH 2012, p. 175). Depois de estudar por um ano na Universidade de Geneve, o pai de Saussure, Henri (1829-1905), houve por bem que seu filho estudasse na Universidade de Leipzig, em 1876.

Nesse mesmo ano Saussure passou a integrar a Société de Linguistique de Paris, tendo sua entrada sido proposta por Abel Bergaigne (1838-1888), renomado sanscritista, e por Michel Bréal mesmo (JOSEPH 2012, p. 181).

Já matriculado em Leipzig, Saussure vai ter com Henrich Hübschmann (1848-1908), com quem pretendia ter aulas de persa antigo. Ao encontrá-lo, Hübschmann comenta sobre a publicação recente de Brugmann (BRUGMANN 1876, DAVIES 1986), proponto que havia consoantes nasais que poderiam ser núcleo silábico, funcionando como vogais. A essas nasais Brugmann deu o nome de ‘nasais soantes.’ Saussure lembrava-se de ter descoberto o mesmo anos antes, enquanto lia Heródoto, e amargurou o fato de Brugmann, a seu juízo, ter-lhe roubado a precedência dessa descoberta (JOSEPH 2012, p. 132).

Usando esse artigo de Brugmann como ponto de partida, Saussure publica, em 1877, um pequeno *Essai d'une distinction des différents \*a indo-européens* (SAUSSURE 1877) [Ensaio sobre uma distinção dos diferentes \*a

indo-europeus] também tratando do problema das vogais do indo-europeu. Ele revisitou o assunto e, no final do ano seguinte, publicou este *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, que é o objeto de estudo desta pesquisa.

## 2.2 O *Mémoire sur le système primitif des voyelles*

Saussure, durante o ano acadêmico de 1877-1878 começou a trabalhar em um estudo das vogais indo-europeias, em princípio para ampliar seu trabalho anterior (SAUSSURE 1877). Ainda que sua família esperasse que retornasse a Genebra até o fim de julho de 1878, Saussure quis terminar em Leipzig o seu manuscrito, que inicialmente se planejava que fosse publicado em alguma revista especializada.

No entanto, ao ver que o texto crescia cada vez mais, Saussure decidiu publicar o texto por si mesmo, valendo-se da editora Teubner, que aceitou publicá-lo desde que os custos fossem todos pagos pelo autor, de modo a não haver o risco financeiro de se publicar a obra sem que seu autor tivesse obtido nem o doutorado (JOSEPH 2012, p. 221).

Este viria a ser o *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, que foi sendo impresso conforme era escrito, de tal forma que as partes anteriores não se referem às posteriores, e a ponto de Saussure renunciar a ideias propostas antes no texto (**citar aqui**). Quando começou, de fato o texto seria uma obra pequena, um “opúsculo” como se diz no primeiro parágrafo, mas que terminou por ter mais de trezentas e



oitenta páginas. Esta obra é tida como um dos maiores feitos da linguística histórica (KOERNER 1985), além de ser uma obra ‘de juventude’ do futuro autor do *Cours*.

Esta primeira edição, SAUSSURE 1879, foi lançada no fim daquele ano, em 1878, mas já com data do ano seguinte. Essa é a edição que usamos para a tradução. Além dela há outras duas. A segunda impressão foi arranjada por Saussure em 1887, feita por meio de uma técnica “reprodução foto-mecânica” do original.

A terceira é a do *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure* de 1922 (SAUSSURE 1922), organizada por Charles Bally (1865-1947) e Léopold Gautier, seus alunos. Esta é uma edição refeita, que usamos originalmente em nossa pesquisa de mestrado, mas que se mostrou inferior à edição original, fato por que continuamos a tradução a partir desta.



# Capítulo 3

## Sobre a tradução

### 3.1 Estrutura do Texto

Utilizamos para a tradução a primeira edição do *Mémoire*, SAUSSURE 1879. Para traduzi-lo, dado que uma quantidade grande do texto são dados linguísticos, tivemos de transcrever o texto todo enquanto traduzíamos. Na nossa pesquisa de mestrado, tentamos sem perfeito sucesso editar a versão final de tal modo que o original e a tradução ficassem em páginas opostas do volume. No caso presente nós abandonamos este plano, e colocamos apenas a tradução.

A consulta da tradução do *Mémoire* para o italiano, SAUSSURE 1978, foi absolutamente para a nossa tradução.

Dado que a estrutura do texto é peculiar, cabe fazer algumas observações. O texto se divide em seis capítulos, e dentro de cada capítulo há parágrafos numerados, como seções. A numeração desses é contínua, de tal

modo que o quarto parágrafo é o primeiro do segundo capítulo. Para mantermos tanto a ordem lógica desta tradução que ora propomos, e a numeração desses parágrafos, esta última vai no fim do título, não no começo, como se pode ver no sumário.

Agora quanto às notas. Há dois tipos de notas no *Mémoire*: as notas de rodapé, e as notas imediatamente abaixo dos quadros que apresentam dados linguísticos. A numeração dessas notas se reinicia a cada página, exigindo que o autor, para se referir a elas, tenha de dizer o número da página e da nota. Isto, cremos, se deve ao fato de que Saussure não tinha meios de saber a paginação final, e dado que o texto foi sendo impresso conforme era escrito, também não havia como reformar as referências depois do texto findo. Nesta tradução nós numeramos as notas de rodapé numa só sequência ao longo de todo o texto, e incluímos as notas das tabelas também entre as notas de rodapé, dado que a estrutura do texto não era imediatamente apreensível, de outra forma. Como as referências do original ainda se referem às páginas, marcamos o fim de cada uma em itálico, desta forma: [pág. 1].

Quanto às notas do tradutor, elas também vão no rodapé, com a diferença de que sua numeração vai sempre entre parênteses, desta forma: <sup>(1)</sup>.

Por isso há dois 'níveis' de notas de rodapé: o imediatamente abaixo do original são as notas originais do autor; o nível abaixo desse é o das notas do tradutor. Dado que, além disso, elas estão indicadas diferentemente, a diferença nos parece facilmente apreensível.

## 3.2 O Termo ‘Memória’

O substantivo *Mémoire* em francês pode ser feminino, tendo assim o mesmo sentido geral de *Memória* em português, mas também pode ser masculino, caso em que significa algum texto escrito<sup>(2)</sup>, quer seja de eventos vividos (como o plural em português ‘*memórias*’), quer sobre um assunto em particular. Nesta segunda acepção o termo encontra-se usado também em português, especialmente no século XIX. Como exemplo, vejam-se a *Memória sobre a população e a agricultura de Portugal* (SILVA 1868) já no título, e citação seguinte, que associa “memória” a “dissertação”<sup>(3)</sup>:

As provas do concurso para o magisterio academico, necessarias para apreciar os dotes essenciaes do professor, devem constar de preleções, argumentações e escripta. Uma memoria ou dissertação, feita pelo candidato em tempo determinado, é um meio seguro para avaliar a sua erudição e estylo de escrever [...]

Disso alertou-nos o prof. Dr. Bruno Gripp da Universidade Federal Fluminense, quando da defesa da dissertação de mestrado (BIKELIS 2017), onde comecei meu estudo sobre o *Mémoire* de Saussure. Seguindo sua sugestão, e abonado pelo uso antigo, optamos por traduzir o título desta obra de Saussure como *Memória*, com o intuito de, já no título, remeter o leitor à época e ao contexto de produção desse texto.

---

<sup>(2)</sup>ROBERT, REY e MORVAN 2001, sub voce. <sup>(3)</sup>MACEDO PINTO 1863, p. 690

### 3.3 Nomes das Línguas Citadas

nome em francês	abreviatura	nome em português	abreviatura
allemand	allem.	alemão	al.
anglo-saxon	anglo-s., ags.	anglo-saxão	ang.-sax.
vieux haut allemand	v. h <sup>t</sup> -all.	antigo alto-alemão	ant. alt-al.
borrusien	borr.	prussiano	pruss.
corcyrien	corcyr.	córciro	córc.
délphique	délph.	délfico	delf.
dorique	dor.	dórico	dór.
éolique	éol.	eólio	eól.
gothique	goth.	gótico	gót.
gréc	gr.	grego	gr.
indien	ind.	indiano	[sânscrito]
irlandais	irland.	irlandês	irl.
indo-europeén	ind.-eur.	indo-europeu	ind.-eur.
latin	lat.	latim	lat.
lithuanien	lit.	lituano	lit.
norrois	norr.	nórdico	nórd.
ombrien	ombr.	umbro	umbr.
osque	osq.	osco	osco
paléoslave	paleosl.	antigo eslavônico	ant. esclav.
slave	sl.	eslavo	esl.
sanskrite	skr.	sânscrito	sânschr.
védique	véd.	védico	véd.
vieux haut-allemand	v. ht-all.	antigo alto-alemão	ant. alto-al.
zend	zd.	avéstico	avés.
letto-eslave	let.-sl.	balto-eslávico	balt.-esl.

### 3.4 Abreviaturas

sing.	singular
du.	dual
pl.	plural
cf.	lat. <i>confer</i> , confira
seq.	lat. <i>sequentes</i> , seguintes
voc.	vocativo
nom.	nominativo
ac.	acusativo
gen.	genitivo
fem.	feminino
neu.	neutro
masc.	masculino
part.	particípio
at.	ativo
méd.	médio
pass.	passivo
aor.	aoristo
perf.	perfeito
fut.	futuro
pres.	presente
negat.	negativo
suf.	sufixo
subj.	subjuntivo
imper.	imperativo
v.	lat. <i>vide</i> , veja

## 3.5 Transcrições e Índices

### 3.5.1 Grego Antigo

Uma das razões que torna o texto do *Mémoire* opaco, à primeira vista é o fato de ter boa parte de seus dados no alfabeto grego, com que o leitor moderno não costuma estar familiarizado. Como parte de nosso intuito em tornar o texto mais acessível, transliteramos os termos em grego do modo mais transparente possível, e pusemos essas informações no índice no final da tradução.

Originalmente, não seguimos à risca as normas de transcrição que foram propostas por PRADO 2006. Dado que se sugere que a letra ípsilon ⟨υ⟩ seja transcrita ⟨y⟩ se sozinha e ⟨u⟩ se em ditongo, teríamos com isso o obscurecimento dos morfemas sem, ao nosso ver, vantagem alguma. Veja-se, por exemplo, a a ⟨πευθ⟩ ~ ⟨πυθ⟩, que na transcrição proposta seria ⟨peuth⟩ ~ ⟨pyth⟩, mas na nossa ⟨peuth<sup>h</sup>⟩ ~ ⟨puth<sup>h</sup>⟩. Assim ⟨Ζεύς, ἠδύς⟩ ficam ⟨Zeús, hēdús⟩.

Além disso, Saussure se vale do ⟨y⟩ para representar o *glide* [j], e assim há vários casos como ⟨σι-σλ-γειν⟩ em que a letra ⟨y⟩ se mostra como externa ao grego já na sua grafia; transcrevemos ⟨si-sl-yein⟩, e aí novamente o ⟨y⟩ só pode ser [j].

Visto que não esperamos que os leitores deste texto tenham em mente, necessariamente, todas as sutilezas da acentuação do grego antigo, acreditamos que a informação de que são longas as vogais com o acento circun-



flexo pode, antes de ser um fardo, ser de algum auxílio.

Quanto à aspiração das consoantes, nós a denotamos por um ⟨h⟩ sobrescrito, ⟨k<sup>h</sup>⟩, ao invés da letra de tamanho normal que se costuma usar, ⟨kh⟩. Isto fazemos porque, quer pela nossa experiência como aluno quer pela de professor, vimos que não é sempre claro que a primeira vogal em ⟨psuk<sup>h</sup>é⟩, por exemplo, esteja seguida de só uma consoante, já que se escrevem duas. Esta compreensão dos encontros consonantais importa, por exemplo, nas regras sobre sílabas pesadas, chamadas pela tradição clássica de ‘vogais longas por posição’.

Quanto ao índice, ele segue a ordem alfabética latina, com as formas marcadas por Saussure com um asterisco ao final de tudo. Como o índice contém todas as ocorrências de cada palavra ou morfema, ele tem sido de grande utilidade para nós, porque além de facilitar a busca desses itens, permite identificar erros, tanto na transcrição do original como da marcação desses itens em nossa tradução. Até o momento o índice do grego antigo conta com cerca de mil e quinhentas entradas, e pelo escopo do trabalho, erros ainda pode haver. Dedicamos especial atenção ao grego antigo por ele ser a maior fonte de dados do *Mémoire*.

Idealmente o texto deveria ser acompanhado do índice de todas as línguas, mas isto se provou inexecutável no tempo que tivemos. Todas as entradas têm de ser verificadas manualmente, uma a uma, o que não pôde ser feito concomitantemente à tradução.

Ademais, dado que a transcrição junto do original deixava difícil a lei-

tura da tradução, optamos por manter o grego no seu alfabeto original, e preservar a transcrição que descrevemos apenas na representação interna do texto, com vistas a criar uma edição eletrônica interativa que possa usá-la.

### 3.5.2 Avéstico

Particularmente frustrante são os dados do avéstico que, grafados numa transcrição anterior à de Bartholomae (BARTHOLOMAE 1895), não permite recuperar o original se já não se o conhecer, dado que, por exemplo, transcreve-se por <sh> os três grafemas que Hoffmann transcreve como <š ś š̄> (HOFFMAN e FROSSMAN 1996).

### 3.5.3 Sânscrito

A transcrição do sânscrito é, naturalmente, anterior ao dito *alfabeto internacional para a transliteração de sânscrito*, IAST em inglês, acordado mais de uma década depois (“Tenth International Congress of Orientalists, Held at Geneva” 1895). O índice contém poucos itens comparado ao todo do texto. Nos casos em que a transcrição do IAST difere da do livro, nos termos que estão no índice também pusemos uma nota de rodapé com a grafia do original.

# Capítulo 4

## Glossário

*Todos os termos que estão definidos neste glossário são grafados da seguinte forma: EXEMPLO<sup>+</sup>, seguidos do número da seção onde estão, e o número da página. Já no parágrafo em que o termo é definido, está em negrito: **EXEMPLO**.*

Para a confecção deste glossário nós nos valemos de toda a bibliografia secundária de que dispomos, mas especialmente de COSENZA 2016 pela seleção dos termos.

### 4.1 Ablaut

Pour les idiomes du nord l'échange  $\hat{a}$ :  $a$  est devenu une sorte d'ablaut quantitatif qui a succédé à l'ablaut qualitatif  $\bar{A}_1 : \bar{A}_2$ . L'ablaut qualitatif était détruit par la confusion phonique des deux  $\bar{A}$  comme aussi par la perte partielle des formations contenant  $\bar{A}_1$ , dont la plus importante est le présent de la 1<sup>e</sup> classe.

(*Mémoire* p. 154.)

Termo inaugurado por Jakob Grimm em sua *Deutsche Grammatik* (GRIMM

1819 – 1832, vol. 1 p. 546), significando a inflexão gramatical marcada pela variação da vogal de um morfema. Sobre a significância de Grimm para a Linguística, veja-se KOERNER 1988. Sobre a história do problema no século XIX, vejam-se BENWARE 1974, BERGOUNIOUX 2009, e DAVIES 2009. Quanto à *communis opinio*, a visão ortodoxa recente sobre alternância vocálica, veja-se **sihler1995**.

Tal modo de descrição foi utilizado extensivamente pela tradição gramatical do sânscrito (veja-se W. S. ALLEN 1962, WHITNEY 1879, §34-87), em que a vogal *a* breve e suas combinações recebe o nome técnico de  $GU\dot{N}A^+$ , lit. ‘qualidade’, e a vogal  $\bar{a}$  longa e suas combinações recebe o nome de  $VR\ddot{D}DHI^+$  (ambos termos na [section 4.7](#), p. 42), lit. ‘crescimento’. O mesmo morfema pode, alternando essas vogais, ter *guṇa* (como na raiz  $\sqrt{bhar}$ ), ter *vr̥ddhi* (como em  $\sqrt{bhār}$ ), ou não ter nenhuma dessas duas vogais (como em  $\sqrt{bhr}$ ). Neste último caso, o morfema *r*, pela ausência de vogais na sua vizinhança, passa a ser o núcleo silábico, denotado pelo anel subscrito. Esta alternância é chamada de **ABLAUT QUANTITATIVO**, já que entre o *a* breve e o  $\bar{a}$  longo a diferença dá-se apenas pela duração da vogal.

Ao estado do morfema com  $GU\dot{N}A^+$ , *a* breve, Grimm deu o nome de ‘grau pleno’; ao com  $VR\ddot{D}DHI^+$ ,  $\bar{a}$  longo, ‘grau alongado’, e ao estado sem nenhuma dessas vogais, **GRAU-ZERO**, que se soi escrever *grau-ø*.

Aplicando o mesmo modo de descrição nas “línguas do Ocidente”, no entanto, encontram-se amiúde casos como no grego antigo *phérō* ‘eu carrego’ e *phorós* ‘que traz’, em que há a alternância entre as vogais *e* e *o*, em

*pher* ~ *phor*; esse tipo de *ablaut*, dado que ambas vogais têm a mesma duração, é chamado de **ABLAUT QUALITATIVO**, pois somente a *qualidade* da vogal de fato é alterada. Para um estudo mais recente sobre *ablaut* qualitativo, veja-se PULLEYBLANK 1965.

Essa alternância qualitativa entre *e* ~ *o* supunha-se ser posterior à quantitativa, encontrada no sânscrito, no período em que se defendia que este idioma seria o mais próximo da língua comum indo-europeia. Na década de publicação do *Mémoire* de Saussure, no entanto, ela passou a ser reconstruída como original, “dividindo-se” a vogal que antes era reconstruída como *\*a* em dois, *\*a<sub>1</sub>* e *\*a<sub>2</sub>*, que passaram a ser escritos *\*e* *\*o* respectivamente.

Cumpre notar que *Ablaut* é um fenômeno diferente de **UMLAUT**, este sendo a alternância vocálica que há como no inglês moderno *mouse* ~ *mice*, causada pela desinência do nominativo plural (Proto-germânico *\*-iz*) que tornou anterior a vogal do tema (nom. sing. *\*mūs*, pl. *\*mūsiz* > *\*mȳsiz*).

## 4.2 *augment*, aumento

Tanto *augment* ‘aumento’ como *augmenter* ‘aumentar’ têm dois sentidos. O sentido mais geral é o da simples adição de algum som ou sufixo à alguma forma:

Le suffixe *-man* augmenté de *-ta* devient *-mṇta*.

(*Mémoire* p. 33)

La racine est augmentée d’une dentale [...] *pā-t*

(id. p. 64.)

Há também um sentido específico: em grego antigo, as formas verbais do passado, *ie.* do aoristo, do imperfeito, e do mais-que-perfeito, recebem um prefixo  $\acute{\epsilon}$ - *e-* que tem o nome de **AUMENTO** (SMYTH 1918, §428). Sejam exemplos as formas da terceira pessoa do plural da voz ativa dos verbos cognatos δείκνυμι *deíknumi* ‘eu mostro’ do grego antigo,  $\sqrt{dis}$  ‘mostrar’ do sânscrito, e o latim *dico* ‘eu digo’:

	grego antigo	sânscrito	latim
presente	deík-nu-men	diś-āmas	dic-imus
imperfeito	<u>e</u> -deík-nu-men	<u>a</u> -diś-āma	dic-ebamus
aoristo SIGMÁTICO <sup>+</sup>	<u>e</u> -deík-s-amen	<u>a</u> -dik-ṣ-āma < * <i>-diś-s-</i>	dīximus < * <i>deik-s-</i>

Como pode-se ver no imperfeito e no aoristo, também em sânscrito ocorre o morfema *a-* com função equivalente (WHITNEY 1879, §585), de marcação do passado, e por isso recebe, no Ocidente, o mesmo nome que seu equivalente do grego antigo. Também em armênio clássico há um morfema *t-* *e-* de mesmo nome e função (GODEL 1990, §3.233a).

### 4.3 *autophthongue*, autongo

Partout où l’/e/ tombe normalement, partout en particulier où apparaît l’/i/ ou l’/u/ **autophthongue**, les liquides sonantes doivent régulièrement exister ou avoir existé, si la position des consonnes les forçait à fonctionner comme voyelles. (p. 10);

‘Som articulado (Gr. φθόγγος *phthóngos*) [que soa] sozinho, por si (Gr.

αὐτός *autós*): Um neologismo Saussuriano. A formação da palavra é paralela à de *ditongo*, em que dois sons (*di-*) soam juntos.

O estado **AUTONGO** é o que um som toma quando se torna o núcleo de uma sílaba, e dessa forma passa a “funcionar como vogal”. Saussure nomeia os sons passíveis de ser núcleo silábico como **COEFICIENTES SONÂNTICOS<sup>+</sup>**. O estado oposto ao ‘autongo’ é o estado **SINTONGO** (*sympthongue*), em que o coeficiente sonântico se comporta como semivogal, ao lado de outro que é o núcleo silábico.

O termo não teve grande uso além do *Mémoire* de Saussure, mas se encontra, por exemplo, na obra de Léon Parmentier (1863–1929):

B. L'e disparaissant, les coefficients sonantiques *i, u*, passent à l'état autophthongue: λιτ- (ἔλ-λιπ-ον), (κλυ- κλυ-τός). [...]

#### 4.4 *bahuvrīhi* e *tatpuruṣa*

*sq-logŭ* de *leg* (peut-être *bahuvrīhi*)

[...]

L'osq. *loufri-konoss* est un *bahuvrīhi*.

(*Mémoire* p. 84.)

O termo **BAHUVRĪHI** nomeia, em sânscrito, um composto nominal ‘acéfalo’, *ie.*, que não descreve nenhum dos seus componentes. Em *rudrākṣa-* (*rudra-akṣa-*) ‘olho (*-akṣa-*) de Rudra (*rudra-*)’, o segundo membro do composto limita o sentido do primeiro: o olho *de* Rudra. Este tipo de composto é chamado ‘endocéfalo’, ou *tatpuruṣa-*, em sânscrito. Já *bahu-vrīhi* significa ‘muito (*bahu-*) arroz (*vrīhi-*)’, ‘[alguém que tem] muito arroz’ *ie.* ‘rico’.

e o composto como um todo qualifica algo que não está contido em seus membros.

## 4.5 *cellule, célula*

Si le terme de *syllabe* n'était ici plus ou moins consacré par l'usage, nous lui préfererions beaucoup celui de *cellule* ou d'unité morphologique, car un grand nombre de racines et de suffixes — p. ex. *sta<sub>1</sub>A-*, *pa<sub>1</sub>rA-* (§ 14), *-ya<sub>1</sub>A*, peut-être aussi *ka<sub>1</sub>i-*, *-na<sub>1</sub>u* etc. — sont disyllabiques. Définissons donc bien ce que nous entendons par «syllabe» ou cellule: groupe de phonèmes ayant, à l'état non affaibli, le même *a<sub>1</sub>* pour centre naturel.

(*Mémoire* p. 174)

Saussure, ao propor que o termo CÉLULA fosse usado no lugar de *sílaba*, sugere que todo morfema da língua original indo-europeia teria de ter um *a<sub>1</sub>* como núcleo silábico, e explicita indiretamente que entende que todos os COEFICIENTES SONÂNTICOS<sup>+</sup>, incluindo os \**A* e \**O* que reconstruiu, não seriam *glides* ou semivogais ao lado de *a<sub>1</sub>*, mas seriam núcleos vocálicos distintos, a ponto de constituírem outra sílaba no mesmo morfema.

Por muitas décadas, mesmo depois da lenta aceitação das laringais na reconstrução do proto-indo-europeu, discutiu-se a natureza fonética desses morfemas, que costumava-se chamar por *schwa indogermanicum*, o *schwa* indo-europeu, afirmando assim a sua natureza vocálica. Raízes que contêm laringal, especialmente depois de nasal ou líquida, como \**pa<sub>1</sub>rA* (hoje escrita \**perh<sub>2</sub>* 'vender', cf. o grego ático *πιπράσκω pipráskō* 'eu vendo') chamavam-se dissilábicas por conta da laringal.

Hoje a *communis opinio* é de que sejam consoantes, tal como em seus



reflexos no hitita, descobertos depois da morte de Saussure.

## 4.6 *coefficient sonantique, coeficiente sonântico*

L' *i* et l' *u* de ces racines, ainsi que la liquide et la nasale des racines telles que *derk bhendh*, peuvent prendre le nom de coefficient sonantique. Ils concourent au vocalisme de la racine. Suivant que l' *e* persiste ou disparaît, leur fonction varie: *r, l, m, n*, de consonnes deviennent sonantes; *i* et *u* passent de l'état symphongue à l'état autophongue.

(*Mémoire* p. 9)

Na descrição tradicional do sânscrito as consoantes ⟨y r l v⟩, chamadas 'semivogais', tornam-se as vogais ⟨i ṛ ḷ u⟩ quando ocorrem entre consoantes, ou entre consoante e as fronteiras da palavra. Com a proposição das *nasais soantes*, além desses quatro fonemas, passou-se a reconstruir o mesmo fenômeno para as consoantes nasais do proto-indo-europeu, ⟨m n⟩ ~ ⟨ṁ ṅ⟩. A todos esses seis morfemas Saussure dá o nome de coeficiente sonântico, porque todos podem-se tornar soantes, *i.e.* núcleos silábicos. Saussure no *Mémoire* reconstrói dois novos morfemas, *A O*, que desde ((Möller)) chamam-se laringais, e notados por  $h_2$   $h_3$ .

## 4.7 *gouna e vriddhi, guṇa e vṛddhi*

Quant à la *vriddhi* qui, d'après ce qui précède, ne peut plus être mise, même de loin, en parallèle avec le «gouna», nous n'en avons trouvé aucune explication satisfaisante. Il y en a évidemment deux espèces: celle qui sert à la dérivation secondaire, — *vriddhi* dynamique ou psychologique, si on veut lui donner ce nom — et celle qu'on trouve dans quelques formes primaires comme *yaû-mi*, *â-gai-sam* où on ne peut lui supposer qu'une cause mécanique (v. plus bas). (*Mémoire* p. 118)

Quanto à grafia, *gouna* é apenas a acomodação no francês da pronúncia de *guṇa*, sendo o *ṇ* retroflexo em sânscrito, e *vṛddhi* a grafia da forma mais comum da pronúncia de *vṛddhi* no Norte da Índia, em que o *r* vocálico se pronuncia [ri]. A pronúncia do Norte da Índia tornou-se a mais usual no Ocidente dado que foi lá, na região de Calcutá (hoje Kolkata), que a colonização britânica da Índia teve início, e com ela o estudo do sânscrito pelos seus oficiais.

GUṆA, como dissemos em ABLAUT<sup>+</sup> (section 4.1, p. 35), é o nome técnico da vogal *a* breve e dos ‘ditongos’ *e* *o*, assim chamados por surgirem sincronicamente da união desse *a* breve seguido de *i* e *u*, respectivamente.

grau-ø	i	u
<i>guṇa</i>	a+i → e	a+u → o
<i>vṛddhi</i>	ā+i → ai	ā+u → au

Regularmente o *guṇa* ocorre no singular do presente ativo da segunda classe, enquanto o dual e o plural têm o grau-zero. Nas raízes da segunda classe que terminam em vogal, a *vṛddhi* ocorre no singular, no lugar do *guṇa*.

√i 'ir'	√yu 'jungir'
<i>e-mi</i> 'eu vou'	<i>yau-mi</i> 'eu junjo'
<i>e-ṣi</i> 'tu vais'	<i>yau-ṣi</i> 'tu junges'
<i>e-ti</i> 'ele/a vai'	<i>yau-ti</i> 'ele/a junge'
<i>i-vaḥ</i> 'nós dois vamos'	<i>yu-vaḥ</i> 'nós dois jungimos'
<i>i-thaḥ</i> 'vós dois ides'	<i>yu-thaḥ</i> 'vós dois jungis'
<i>i-taḥ</i> 'eles/as dois vão'	<i>yu-taḥ</i> 'eles/as dois jungem'
<i>i-maḥ</i> 'nós vamos'	<i>yu-maḥ</i> 'nós jungimos'
<i>i-tha</i> 'vós ides'	<i>yu-tha</i> 'vós jungis'
<i>y-anti</i> 'eles/as vão'	<i>yuv-anti</i> 'eles/as jungem'

VR̥DDHI é o nome técnico da vogal *ā* longa e dos ditongos *ai au*, que surgem da união dessa vogal *ā* longa seguida das vogais *i* e *u*. A *vṛddhi*, além de ocorrer ao longo da flexão verbal e nominal, também é um processo de derivação nominal secundária, *ie.* criando substantivos a partir de outros substantivos, tal como o que cria *bauddha-* 'seguidor de Buddha' a partir do tema *buddha-*, em que ocorre a inserção de um *ā* longo antes da primeira vogal do tema, e a sequência *ā+u* resultante é substituída pela *vṛddhi* equivalente, *au*.

## 4.8 *phonème, fonema*

Avant de commencer une recherche sur l' *a*, il est indispensable de bien déterminer les limites de son domaine, et ici se présente d'emblée la question des liquides et nasales sonantes: car quiconque admet ces phonèmes dans la langue mère considérera une foule de voyelles des

périodes historiques de la langue comme récentes et comme étrangères à la question de l' *a*.

(*Mémoire* p. 7)

Il y a plus: la liquide, en cessant d'être sonante, n'a point du même coup cessé d'exister; elle s'est bornée à prendre la fonction de consonne. Autre a été le sort des nasales, soit dans le grec, soit dans les langues ariennes: en donnant naissance à un phonème vocalique, elles ont elles-mêmes succombé, et, pour mettre le comble à la complication, le phonème en question est venu se confondre avec l' *a*.

(*Mémoire* p. 19)

Fonema, do grego antigo φώνημα *phōnēma* 'som, algo dito', parece significar um som articulado de uma língua particular, em especial do proto-indo-europeu, ainda sem se opor a *fone*. Nota-se que Saussure nunca discute os sons das línguas em termos de letras, da mesma forma que a gramática tradicional sânscrita trata de sons, *śabda-*, e não da escrita desses sons.

#### 4.9 *samprasāraṇa*

Gardons-nous aussi de prononcer le mot *samprasāraṇa* : ce terme, il est vrai, désigne simplement le passage d'une semi-voyelle à l'état de voyelle ; mais en réalité il équivaut dans tous les ouvrages de linguistique à : rétrécissement des syllabes *ya, wa, ra* (*ye, we ; yo, wo*) en *i, u, r*. Dans l'esprit de celui qui emploie le mot *samprasāraṇa*, il y a inévitablement l'idée d'une action spéciale de *y, w, r* sur la voyelle qui suit, et d'une force absorbante dont jouiraient ces phonèmes. Si tel est le sens qu'on attache au mot *samprasāraṇa*, il faut affirmer nettement que les affaiblissements proethniques n'ont rien à faire avec le *samprasāraṇa*. L'*a* tombe, voilà tout. Et ce n'est point par plusieurs phénomènes différents, mais bien par un seul et même phénomène que *pa-pt-ús* est sorti de *pat*, *s-mási* de *as*, *rih-mási* de *raigh*, *uḥ-mási* de *wak*. — D'ailleurs, lorsque dans des périodes plus récentes nous assistons véritablement à l'absorption d'un *a* par *i* ou *u*, la voyelle qui en résulte est dans la règle une longue. (*Mémoire* p. 49)

Na gramática tradicional do sânscrito, *samprasāraṇa* (lit. ‘separação’) é um termo técnico para a substituição entre semivogais ⟨*y r l v*⟩ e seus alofones vocálicos, ⟨*i ṛ ḷ u*⟩ (WHITNEY 1879, §252a, RENOUE 1957, p. 325, ROODBERGEN 2008, pp. 445–446). Isto se dá quando quer que uma forma da língua peça o GRAU-ZERO de um morfema, “expulsando” dele, caso haja, o *a* breve. Isto se dá, por exemplo, na construção do particípio perfeito passivo, em que o sufixo *-ta-* é adicionado ao grau-zero da raiz verbal:

alternância	raiz	GUṆA	GRAU-Ø	particípio
y ~ i	√yaj [1] ‘executar um rito’	yaj	ij	ij-ta- → iṣṭa-
r ~ ṛ	√grah [9] ‘agarrar’	grah	grh	grhīta-
l ~ ḷ	√kḷp [1] ‘pôr em ordem’	kalp	kḷp	kḷpta-
v ~ u	√vaś [2] ‘desejar’	vaś	uś	uś-ta- → uṣṭa-

O mesmo fenômeno é encontrado na conjugação verbal. Na segunda classe do presente, a de raízes atemáticas, o GUṆA da raiz recebe, no singular, as desinências verbais; mas no dual e no plural o grau-zero é utilizado.

	√as [2] ‘ser’	√rih [2] ‘lamber’	√vaś ‘desejar’
1ª p. sg.	asmi	rehmi	vaśmi
2ª p. sg.	asi	reh-si → rekṣi	vaś-si → vakṣi
3ª p. sg.	asti	reh-ti → reḍhi	vaś-ti → vaṣṭi
1ª p. du.	svas <sup>1</sup>	rihvas	uśvas
2ª p. du.	sthas	rih-thas → rīḍhas	uś-thaḥ → uṣṭhas
3ª p. du.	stas	rih-tas → rīḍhas	uś-taḥ → uṣṭas
1ª p. pl.	<u>smas(i)</u> <sup>2</sup>	<u>rihmasi</u>	<u>uśmasi</u>
2ª p. pl.	stha	rih-tha → rīḍha	uś-tha → uṣṭha
3ª p. pl.	santi	rihanti	uśanti

<sup>1</sup>Em sânscrito, todo <-s> final antes de pausa é substituído pelo seu alofone chamado de *visarga*, uma fricativa glotal surda, transcrita <ḥ>. A literatura sobre sânscrito costuma aplicar essa substituição, donde lê-se *svaḥ* no lugar de *svas*, *rihvaḥ* no lugar de *rihvas* etc. Na literatura filológica costuma-se preservar o <-s> para não obscurecer a relação ‘genética’ entre o <-s> final em sânscrito com os das demais línguas; cf. sânsc. *smas* e o latim *sumus* ‘nós somos’.

<sup>2</sup>Saussure cita formas verbais com a desinência *-masi* ao invés de *-mas*, esta última sendo a única que ocorre em sânscrito clássico. *-masi* limita-se à literatura mais antiga do sânscrito, em uma variedade da língua chamada sânscrito védico, ou védico, apenas.

## Parte II

Proposta de Tradução da  
*Memória sobre o Sistema Primitivo*  
*de Vogais nas Línguas*  
*Indo-Europeias*





Estudar as múltiplas formas com que se manifesta aquilo que se chama o *a* indo-europeu, este é o objetivo imediato deste opúsculo: o resto das vogais não será levado em consideração, exceto na medida em que os fenômenos relacionados ao *a* derem oportunidade. Mas se, chegando ao fim do campo assim circunscrito, o quadro do vocalismo indo-europeu for modificado pouco a pouco diante dos nossos olhos, e se virmos que ele se agrupa completamente ao redor do *a*, e toma acerca dele uma atitude nova, de fato é claro que é o sistema de vogais nesse conjunto que estará sob a luz de nossa observação, e cujo nome deve ser inscrito já na primeira página.

Nenhum assunto é mais controverso; as opiniões são divididas até o infinito, e os diferentes autores raramente aplicaram com perfeito rigor as suas ideias. A isto se soma que a questão do *a* se relaciona a uma série de problemas de fonética e de morfologia de que parte ainda aguarda solução, e de que muitos nem ainda foram formulados. Assim, teremos frequentemente, no percurso de nossa peregrinação, que atravessar as regiões mais rústicas da linguística indo-europeia. Se ainda assim nos aventuramos, bem certos já no início de que nossa inexperiência nos desviará muitas vezes do labirinto, é porque, para quem quer que se ocupe destes estudos, dar-se a tais questões não é uma temeridade, como se costuma dizer: é uma necessidade, é a primeira escola por onde se deve passar; pois trata-se aqui não de especulações de ordem transcendente, mas da pesquisa de dados elementares cuja falta torna tudo instável, arbitrário e incerto. [p. 2]

Sou obrigado a retirar várias das opiniões que publiquei num artigo das

*Mémoires de la Société de Linguistique de Paris* chamado *Essai d'une distinction des différents a indo-européens*<sup>(4)</sup>. Em particular a semelhança de *ar* com os fonemas vindos do *r* levou-me a rejeitar, muito a contra-gosto, a teoria das líquidas e nasais soantes a que retornei depois de profunda reflexão.

Bopp e aqueles que sucederam imediatamente ao ilustre autor da *Gramática Comparada* se limitaram a constatar que, quanto às três vogais *a e o* das línguas europeias, o ário mostra uniformemente *a*. O *e* e o *o* passaram desde então por enfraquecimentos próprios dos idiomas do Ocidente e recentes em relação ao *a* único do indo-europeu.

O trabalho de Curtius<sup>(5)</sup> no *Sitzungsberichte der Kgl. Sächs. Ges. der Wiss.* (1864)<sup>(6)</sup> enriqueceu a ciência com um fato importante: Curtius mostrou que o *e* aparece no mesmo lugar em todas as línguas da Europa, e que não pode, conseqüentemente, ter-se desenvolvido independentemente em cada uma delas. E partindo da ideia aceita de que a língua-mãe só possuía as três vogais *a i u*, ele tira a conclusão de que todos os povos europeus tinham tido de atravessar por um período comum onde, falando ainda uma só língua, estavam já separados de seus irmãos da Ásia: que durante este período uma parte dos *a* – sob uma influência desconhecida – se enfraqueceram em *e*, enquanto que o resto persistiu como *a*. Mais tarde as diferentes línguas puderam fazer, separadamente umas das outras, outra divisão do *a*,

---

<sup>(4)</sup>SAUSSURE 1877, reimpresso em SAUSSURE, BALLY e GAUTIER 1922, pp. 379–390.

<sup>(5)</sup>Georg Curtius (1820–1885).

<sup>(6)</sup>Berichte über die Verhandlungen der Königlich Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften zu Leipzig.

que produziu o *o*. Ao menos no sul da Europa essa vogal teve de nascer antes do fim do período greco-italico, dada a concordância do *o* dessas duas línguas clássicas, especialmente na declinação dos temas masculinos em *-a* (*ἵππος* = *equos*<sup>(7)</sup>).

Creemos representar com exatidão o sistema de Curtius com esta tabela seguinte<sup>1</sup>: [p. 3]

Indo-europ.	<i>a</i>	<i>ā</i>
Europeu	<i>a; e</i>	<i>ā</i>
Mais Tarde	<i>ao; e</i>	<i>ā</i>

A apresentação de Fick<sup>(8)</sup> (*Spracheinheit der Indogermanen Europas*, p. 176 seq.)<sup>(9)</sup>. reproduz aproximadamente o sistema acima. O antigo *a* se dividiu no período europeu em *a* e *e*. Quando uma palavra tem *e* em todas as línguas, deve-se supor que a mudança de seu *a* para *e* data desse período; apareça ele ao contrário como *a* ou *o*, mesmo que em uma só língua, deve-se aceitar que o *a* subsistiu até a época da unidade. O *ablaut* do grego

<sup>1</sup>É preciso acrescentar ainda assim a observação seguinte dos *Grundzüge* (p. 54): “o dualismo (*Zweiklang*) primitivo *gan* (sânsr. *jan-ā-mi*) e *gân* (sânsr. perf. *ja-jān-a*), *bhar* (sânsr. *bhar-ā-mi*) e *bhâr* (sânsr. *bhāra-s* fardo) surge por uma substituição imperceptível no começo : *gen gan*, *bher bhar*, depois *gen gon* (γενέσθαι, γέγονα), *bher bhor* (φέρω, φόρος). Mas nada pode fazer pensar que houve em algum momento um período onde γεν e γον, φερ e φορ fossem trocados arbitrariamente, de tal forma que se pudesse chegar a dizer γενέσθαι, φόρω ou inversamente γέγονα, φέρος.” Aqui, por consequência, o douto pro-

<sup>(7)</sup>Em latim, os nomes (*ie.* substantivos e adjetivos) da segunda declinação, que têm *-us* no nominativo e *-ī* no genitivo do singular, são escritos com *-os* em latim arcaico (J. H. ALLEN e GREENOUGH 1916, §45), tal como a segunda declinação do grego antigo (SMYTH e MESSING 1920, §222). Como essa declinação equivale à dos temas terminados em *-a-* do sânscrito (WHITNEY 1879, §112). Saussure usa a grafia mais antiga, cuja vogal *o*, de acordo com Schleicher, viria de um *-a-*, como a do sânscrito.

<sup>(8)</sup>August Konrad Friedrich Fick (1833-1916). <sup>(9)</sup>FICK 1873.

δέρομαι δέδορκα, mas sobretudo o do germânico *ita at*, é um uso admirável da divisão do *a*. Sobre este último ponto, veja-se quanto a obra de Curtius na nota abaixo.

Outro era o sistema de Schleicher<sup>(10)</sup>. Admitindo em cada série vocálica dois graus de reforço produzidos pela união de um ou dois *a*, ele propôs para a série do *a* os três termos: *a aa āa*.

Encontram-se esses três graus em grego: *a* é representado normalmente por  $\epsilon$  (ex. ἔδω), por  $ο$  (ποδός) e por  $\alpha$  (ἄκων). *a + a*, o primeiro reforço, é representado por  $ο$  quando ele ocorre no lugar de  $\epsilon$ , e assim "γέ-γον-α, a primeira forma: *ga-gān-a*; sânscr. *ja-jān-a*, junto de ἑ-γεν-όμην." Este mesmo grau se resulta na forma de  $\bar{a}$ ,  $\eta$ , quando tem um  $\alpha$  como base: ἔλακον, λέλᾱκα. O segundo reforço é  $\omega$ : ἔρωγα. – O gótico teria assim os três; graus; as outras línguas teriam confundido os dois reforços.

A árvore genealógica das línguas, tal com Schleicher a construiu, não sendo aquela que a maior parte dos outros estudiosos adotou, nem incluindo o período europeu, é [p. 4] claro que o *e* das línguas da Europa não remonta, para ele, a uma origem comum. Em particular o *i* gótico tem no seu *Compendium*<sup>(11)</sup>. um lugar totalmente diferente do  $\epsilon$  grego: este último é considerado como o representante regular do *a* indo-europeu, o *i* gótico como um enfraquecimento anormal. Fazemos assim uma abstração da ideia de

---

fessor admite uma diversidade primitiva do *e* e do *o*, e faz com que o *o* de γέγονα venha do  $\bar{a}$  indo-europeu.

<sup>(10)</sup> August Schleicher (1821-1868)

<sup>(11)</sup> SCHLEICHER 1871, vertido para o inglês em dois volumes: SCHLEICHER 1874 e SCHLEICHER 1877.

um desenvolvimento histórico comum do vocalismo europeu, formulando no esquema seguinte o sistema de Schleicher:

Indo-europeu	<i>a</i>	<i>aa</i>	<i>āa</i>
Europeu	<i>a e o</i>	<i>a o ā</i>	<i>ā</i>

Deve-se notar também que o  $\alpha$  grego e o *a* latino não são citados como graus reforçados.

Em um opúsculo intitulado : *Die bildung der tempusstämme durch vocalsteigerung* (Berlim 1871)<sup>(12)</sup>, o germanista Amelung<sup>(13)</sup>, tolhido prematuramente da ciência, buscou aplicar o sistema de Schleicher de um modo mais consequente ao combinar o *e* comum europeu. Este *e* é segundo ele o único representante normal do *a* sem reforço. O *a* europeu – em que ele inclui também o *o*, assim como o Curtius o fez – remonta ao primeiro reforço, que ele designa *ā*, e o segundo reforço (*â*) é o *ā* longo das línguas da Europa. Os presentes como o gót. *fara*, gr.  $\alpha\gamma\omega$ ,  $\alpha\zeta\omega$  mostram então uma vogal reforçada, e ele precisa admitir que esses são verbos denominativos. – Em resumo, o dualismo de *e* e *a* é primitivo, e a relação que há entre elas é a entre a vogal simples e a vogal reforçada. Eis a tabela:

Indo-europ.	<i>a</i>	<i>ā</i>	<i>â</i>
(Ário	<i>a</i>	<i>a ā</i>	<i>ā</i> )
Europeu	<i>e</i>	<i>a</i>	<i>ā</i>
Gótico	<i>i</i>	<i>a</i>	<i>ō</i>
Grego	$\varepsilon$	$\alpha o$	$\alpha \omega$

<sup>(12)</sup>AMELUNG 1871. <sup>(13)</sup>Arthur Julius Heinrich Amelung, 1840-1874.

O debate que Amelung teve sobre esta questão com Leo Meyer<sup>(14)</sup> no *Journal de Kuhn*<sup>(15)</sup> (XXI e XXII) não trouxe modificações essenciais a este sistema que foi exposto uma segunda vez de maneira detalhada na *Zeitschrift für deutsches Altertum* XVIII 161 seq.

Brugmann<sup>(16)</sup> (*Studien* IX 367 seq., K. Z. XXIV 2) traça a existência do *e* como vogal distinta das [p. 5] outras ao período indo-europeu, sem supor com isto que a sua pronúncia fosse originalmente como um *e*; e ele designa o protótipo por  $a_1$ . Junto dessa vogal, o mesmo estudioso encontra no *o* latino, grego, e eslavo = lituano gótico *a* = sânscrito  $\bar{a}$  (ao menos nas sílabas abertas)<sup>(17)</sup> um fonema mais forte que chama de  $a_2$  e cujo nascimento seria provocado pelo acento.

Conforme esta teoria traça-se o quadro seguinte, bastante geral, que no entanto não é com certeza o que o Brugmann mesmo aprovaria, pois ele alude (*Studien* IX 381) à possibilidade de um número maior de *a* primitivos:

	(a)		
Indo-europ.	$a_1$	$a_2$	$\bar{a}$
Europeu	<i>e</i>	<i>a</i>	$\bar{a}$

Vê-se em resumo, quanto às línguas do Ocidente, que os diferentes autores, qualquer que seja o ponto de vista deles, operam com três grandezas:

<sup>(14)</sup>Leo Karl Heinrich Meyer (1830-1910).

<sup>(15)</sup>*Zeitschrift für vergleichende Sprachforschungen*. <sup>(16)</sup>Karl Brugmann (1849-1919).

<sup>(17)</sup>Alude-se à chamada Lei de Brugmann (BRUGMANN 1876), que prescreve que a vogal breve  $*a_2$  (=  $*o$ ), em sílaba aberta no proto-indo-europeu, torna-se  $\bar{a}$  longo em sânscrito. Essa lei foi abandonada por Brugmann mesmo, dado que havia exceções que só foram explicadas pelas laringais, comumente aceitas só bem depois. Sobre isso, veja-se COLLINGE 1985, pp. 13-21.

---

o *e*, o *a* e o *ā* das línguas europeias. Nossa tarefa será assinalar o fato de que trata-se, na verdade, de quatro termos diferentes, e não de três; que os idiomas do norte deixaram que se confundissem dois fonemas fundamentalmente diferentes e ainda distintos no sul da Europa: *a*, vogal simples, oposta ao *e*; e *o*, vogal reforçada, que não é mais que um *e* na sua mais alta expressão. A disputa entre os partidários da divisão (*a* primitivo enfraquecido parcialmente em *e*) e os do *a* original (*a*<sub>1</sub>, *a*<sub>2</sub> que se tornam *e* e *a*), esta disputa, cumpre dizer, não leva a nada, porque entende-se com o nome de *a* das línguas da Europa um agregado que nada tem de unidade orgânica.

Essas quatro espécies de *a* que nós buscamos encontrar na base do vocabulário europeu, nós as perseguiremos ainda mais, e chegaremos à conclusão de que pertenceram já à língua mãe de onde vieram as línguas do Oriente e do Ocidente. [p. 6]





# Capítulo 1

## As líquidas e nasais soantes.

Antes de começar uma pesquisa sobre o *a*, é indispensável determinar bem os limites do seu domínio, e aqui logo se apresenta a questão das líquidas e das nasais soantes: pois quem quer que aceite esses fonemas na língua mãe considerará várias vogais de períodos históricos da língua como recentes e alheios à questão do *a*.

A hipótese das nasais soantes foi proposta e desenvolvida por Brugmann, *Studien* IX 287 seq. No mesmo trabalho (p. 325), o autor trata incidentalmente o assunto das líquidas soantes, cuja primeira ideia se deve, ao que parece, a Osthoff.

### 1.1 Líquidas soantes (§1)

Na língua mãe indo-europeia a líquida – ou as líquidas, se se admitem duas – existiam não somente no estado de *consoantes*, mas também no estado de

*soantes*, ou seja, que elas eram susceptíveis ao acento silábico, capazes de formar uma sílaba. É isto que acontece, como se sabe, em tempo histórico, no sânscrito. Tudo leva a crer que as líquidas soantes nunca surgiram a não ser por um enfraquecimento, que é a razão para o *a* que precedia a líquida ser expulso; mas isto não impede, como veremos, de as colocar exatamente no mesmo patamar que *i* e *u*.

Antes de tudo é certo que ao *r* indiano<sup>2</sup> corresponde, quase constantemente, em avéstico a um fonema particular, muito parecido [p. 7] sem dúvida ao *r* vocálico, a saber *arə*: também o *r* do período indo-iraniano não encontrará mais, hoje em dia, nenhum céptico convicto. — O persa antigo, é verdade, não oferece nada parecido, exceto talvez *akunavam* = sânscr. *ákṛṇavam*. Quanto ao sânscr. *kṛtá*, do avést. *kərətə*, mostra *karta*, e aí não há nada de inexato na escrita, pois a transcrição grega nos dá *αρ*, por exemplo em ἄρξιφος = sânscr. *ṛjipyá*, avést. *arəzifya* "falcão"<sup>3</sup>. Os nomes que contêm Ἄρτα- são menos convincentes por causa do avéstico *aša* que,

<sup>2</sup>O sinal diacrítico que adotamos para marcar as líquidas e nasais soantes (*r ṛ ṝ*) tem um uso diferente nos *Grundzüge der Lautphysiologie* de Sievers (p. 89). Procuramos evitar que assim fosse, mas inutilmente: considera-se que a designação comum *r* seja impossível, pois ela resultaria na confusão da nasal soante (*ṛ*) com a nasal cerebral sânscrita; que por outro lado a designação *r̄* (Sievers, Brugmann) não seria introduzida na transcrição do sânscrito, e que, enfim o carácter *r* foi usado já por Ascoli precisamente com o valor do *r* vocálico, e reconhecer-se-á que, se inovamos, fazêmo-lo ao menos na menor medida possível.

<sup>3</sup>A forma persa deve ter sido *arziḫya*. Digamos desde já que a palavra existe também em grego com a substituição regular: primeiro no idioma macedônio, onde existe a ἀργίπους (Hes.) sobre que Fick (K. Z. XXII 200) erra em procurar outra etimologia. Junto de ἀργίπους a Etymologia Magna<sup>(18)</sup>. nos conserva αἰγίποψ· ἀετὸς ὑπὸ μακεδόνων<sup>(19)</sup>. que é

<sup>(18)</sup>Nome latino da obra de Hesíquio de Alexandria (séc. 5-6 d.C.) intitulada *Synagōgē Pa-sōn Lékseōn katà Stoik<sup>h</sup>eïon* "Coleção de todas as Palavras por Ordem Alfabética", contendo uma lista de palavras raras e antigas do grego antigo, em cerca de cinquenta mil entradas. A edição mais recente disponível a Saussure é SCHMIDT et al. 1867.

<sup>(19)</sup>*Aigílops*: águia, entre os macedônios.

ele mesmo, remonta a \**arta* apesar do sânscr. *ṛtá*.

Face à concordância entre o avéstico e o sânscrito, somos forçados a admitir que o persa confundiu os fonemas diferentes originalmente, e este é um dos exemplos mais patentes da tendência geral das línguas árias à monotonia do vocalismo; o iraniano nisto está um passo além do sânscrito, mas no seio do iraniano mesmo o persa antigo foi mais longe que o avéstico.

Quanto ao *r* das línguas árias, as línguas da Europa mostram todas um *r*-consoante (ou *l*-consoante) acompanhado de uma vogal distintamente articulada. Mas essa vogal é, em várias delas, de tal natureza que não se pode simplesmente fazer remontar o grupo fônico onde ela se encontra a *a + r*, e que tudo sugere, ao contrário, que ela seja somente um desenvolvimento anaptítico<sup>(20)</sup> surgido posteriormente.

Ao *r* ário e indo-europeu corresponde:

Em grego: *αρ, αλ; ρα, λα*

Em latim: *or, ul (ol)*

Em gótico: *aúr, ul*

O eslavo e o lituano não conservaram nenhum indício positivo do *r*. Pode-se dizer somente que esta última língua o substituiu frequentemente por *ir, il*.

[p. 8] Passamos à enumeração de casos.

---

evidentemente a mesma palavra, e aqui nos guia com segurança ao grego *αἰγυπιός*. O desaparecimento do *ρ* tem sua analogia em dois outros casos de *r* vocálico: *μαπέειν* de *μάρπτω* e *αἴγλη* = sânscr. *ṛjrá*. Sobre o *ι* de *αἰγυπιός* e de *αἴγλη* vejam-se essas palavras no índice.

---

<sup>(20)</sup>De anaptixe, o desenvolvimento de uma vogal entre duas consoantes.

### 1.1.1 Sílabas Radical

A ordem adotada aqui, para distinguir os diferentes casos onde *r* aparece, baseia-se numa classificação nova de raízes, que não poderá ser justificada agora, mas que também não desorientará o leitor.

Nós nos ocuparemos somente com as raízes contendo *e*. – Toda raiz que nas línguas da Europa contém *e* tem a faculdade de expulsar esse *e* e tomar, assim, uma forma mais fraca, com a condição de que as combinações fônicas assim produzidas possam-se pronunciar comodamente.

Serão listadas entre as raízes contendo *e*: as raízes onde se encontram os ditongos *ei* e *eu* e que tem-se o hábito de citar em sua forma enfraquecida, privada do *e*; tal como *kei*, *sreu*, *deik*, *bheug* (*ki*, *sru*, *dik*, *bhugh*).

O *i* e o *u* dessas raízes, e também a líquida e a nasal de raízes como *derk* *bhendh*, podem receber o nome de *coeficiente sonântico*. Elas contribuem para o vocalismo da raiz. Conforme o *e* persista ou desapareça, a função dele varia: *r*, *l*, *m*, *n* de consoantes tornam-se soantes; *i* e *u* passam do estado *sintongo* ao estado *autongo*.

A) Raízes terminadas por um coeficiente sonântico.

Exemplos *kei* (forma fraca *ki*) *sreu* (for. fr. *sru*) *bher* (for. fr. *bhr̥*) *men* (for. fr. *m̥n̥*).

B) Raízes contendo um coeficiente sonântico seguido de uma consoante.

Ex. *deik* (for. fr. *dik*) *bheugh* (for. fr. *bhugh*) *derk* (f. fr. *dr̥k*) *bhendh* (f.

fr. *bhndh.*)

C) Raízes sem coeficiente sonântico, terminadas por uma consoante.

Ex. *pet* (forma fraca *pt*) *sek* (forma fraca *sk*) *sed* (forma fraca *zd*).

Não nos ocuparemos aqui das raízes *terminadas* em *e*, como, em grego,  $\theta\epsilon\ \delta\epsilon\ \acute{\epsilon}$ .

Na forma fraca, conforme o sufixo adicionado comece por uma consoante ou por uma vogal, as raízes da classe A serão assimiláveis àquelas da classe B ou às da classe C.

De fato, na classe B, o coeficiente sonântico, logo que o [p. 9] *e* desaparece, toma necessariamente a função de vogal, pois ele se encontra entre duas consoantes. Isto também é o que acontece nas raízes da classe A, quando elas recebem um sufixo que comece por uma consoante: portanto *mḡ-to*.

Mas se o sufixo começa por uma vogal, o seu coeficiente sonântico terá a qualidade de consoante, e essas mesmas raízes se parecerão em tudo com as raízes da classe C; portanto  $\acute{\epsilon}\text{-}\pi\lambda\text{-}\acute{o}\text{-}\mu\eta\eta$  assim como  $\acute{\epsilon}\text{-}\sigma\chi\text{-}\acute{o}\text{-}\nu$ .

Tendo em vista o propósito especial a que nos propusemos neste capítulo, tiramos das observações precedentes o benefício seguinte: que conhecemos o lugar exato onde é preciso esperar encontrar as líquidas soantes e que estamos presenciando, por assim dizer, a sua formação; a simples comparação de um *r* indiano com um  $\alpha\rho$  grego tem somente, de fato, um valor precário se não se vê como esse  $\alpha\rho$  surgiu e se há a possibilidade de que ele seja um *ar* normal. Onde quer que o *e* caia normalmente, especi-

almente onde quer que apareça o *i* ou o *u* autotongo, as líquidas soantes devem existir regularmente ou ter existido, se a posição das consoantes os força a funcionar como vogais.

### 1.1.2 Formações Verbais

Aoristo temático. Diz-se frequentemente que este tempo coincidia inteiramente, quanto à forma, com o imperfeito da sexta classe verbal<sup>(21)</sup> dos gramáticos hindus. Resta saber se esta sexta formação remonta ao tempo indo-europeu, como é indubitável para o nosso aoristo, mas infinitamente menos certo para o presente.

De toda forma, este aoristo pede a expulsão do *e* – ou do *a* nas línguas árias –. Consequentemente as raízes das classes A e C (veja mais acima) fazem em grego com grande regularidade:

πελ: ἐ-πλ-ό-μην    πετ: ἐ-πτ-ό-μην

(ἐ)γερ: (ἐ)γρ-ε-το    σεχ: ἔ-σχ-ο-ν

1 σεπ: ἔ-σπ-ο-ν

2 σεπ: ἐνί-σπ-ε<sup>4</sup>

[p. 10] Os imperativos *σχέξ* e *ἐνίσπεξ* persuadiram Curtius a admitir nesses aoristos a metátese da raiz<sup>5</sup>. Osthoff, em seu livro: *Das Verbum in der No-*

<sup>4</sup>A presença do *s* nos três últimos exemplos atesta a antiguidade dessa formação. – No que concerne *ἐνίσπε* não se pode rejeitar completamente a ideia de que aí haja um imperfeito cujo presente seria \*ἴσπ-ω. Cf. ἴσχω, πί-πτ-ω e nossa nota 1, página 12: Ele deveria ser dividido assim: ἐν-ί-σπ-ε.

<sup>5</sup>Nos outros aoristos haverá síncope. Verbum II 7.

<sup>(21)</sup>Sobre as dez classes de formação do tema do presente em sânscrito, veja-se WHITNEY 1879, §227-278.

*minalcomposition*<sup>(22)</sup>, p. 340, já declarou não poder concordar com a opinião similar do eminente linguista quanto aos presentes como γίγνομαι, μίμνω, e isso partindo da convicção de que a gradação da raiz aí é absolutamente normal. Como, além disso, a metátese concordará com o vocalismo dos temas σχε, σχο, σπε, σπο? Esses imperativos devem ter seguido a analogia de θές<sup>(23)</sup>, ἔς<sup>(24)</sup>.

Surpreendentemente o sânscrito só forma esse aoristo nas raízes da classe B: as formas como ἔ-πτ-ε-το são-lhe estranhas; o único vestígio que ele oferece talvez seja a 3ª pessoa do plur. *kránta* que, ao lado de *ákrata* (3ª pl.) parece ser uma forma temática; que queremos comparar melhor mais abaixo quanto às desinências nasais<sup>6</sup>.

Ao contrário, abundam exemplos das raízes da forma B: *róhati áruhat*, *várdhati ávrdhat* etc. Em grego φευγ faz ἔφυγον, στειχ faz ἔστιχον; igualmente, é nisto em que queremos chegar,

δέρομαι faz ἔ-δρακ-ο-ν (sânscr. *ádṛśam*)

πέρθω - ἔ-πραθ-ο-ν

πέρδω - ἔ-παρδ-ο-ν

τέρπω - ταρπ-ώ-μεθα

O ἔτραπον de τρέπω vem também de uma forma ἔτῤῥπον, mas aqui é uma

<sup>6</sup>Delbrück<sup>(25)</sup> (*Altind. Verb.*, p. 63)<sup>(26)</sup> bem diz que *sran* em *avasran* (R.V. IV 2, 19) contém a vogal temática. Mas faltam provas positivas e Grassmann<sup>(27)</sup> interpreta essa forma de uma maneira completamente diferente (*a-vas-ran*)<sup>(28)</sup>. — *á-gama-t* é de uma outra formação, que se reproduz em grego no dório ἔ-πετο-ν, no ático ἔ-τεμο-ν. Este aoristo coincide quanto à forma com o imperfeito da 1ª classe verbal. É o aoristo não-sigmático eslavo: *nesŭ*.

<sup>(22)</sup>OSTHOFF 1878. <sup>(23)</sup>O imperativo da 2ª pess. do sing. do verbo τίθημι 'colocar'.

<sup>(24)</sup>O imperativo da 2ª pess. do sing. do verbo ἵημι 'enviar'.

<sup>(25)</sup>Berthold Gustav Gottlieb Delbrück (1842-1922). <sup>(26)</sup>DELBRÜCK 1874.

<sup>(27)</sup>Hermann Grassmann (1809-1877). <sup>(28)</sup>GRASSMANN 1873.

líquida que *precede o e* que se transforma em soante.

Aoristo temático reduplicado. Não há certeza de que os aoristos causativos do sânscrito sejam imediatamente comparáveis aos aoristos gregos reduplicados. Mas há outros aoristos [p. 11] indianos, menos numerosos, que coincidem exatamente com as formas gregas: aqui novamente o *a* (*e*) cai invariavelmente.

Raízes de formas A e C:

sânscr.	<i>sac:</i>	<i>á-sa-śc-a-t</i> <sup>7</sup>	grego	σεπ:	έ-σπ-έ-σθαι
	<i>pat:</i>	<i>á-pa-pt-a-t</i>		κελ:	έ-κέ-κλ-ε-το
				φεν:	έ-πε-φν-ον
				τεμ:	έ-τε-τμ-ον

Raízes da forma B, com *i, u* como coeficiente sonântico:

sânscr.	<i>tveṣ:</i>	<i>á-ti-tviṣ-a-nta</i>	gr.	πειθ:	πε-πιθ-έ-σθαι
				πευθ:	πε-πυθ-έ-σθαι

E enfim com uma líquida como coeficiente sonântico:

sânscr.	<i>darh:</i>	<i>á-da-dṛh-a-nta</i>	gr.	τερπ:	τε-τάρπ-ε-το
---------	--------------	-----------------------	-----	-------	--------------

Delbrück põe uma parte dessas formas indianas no mais-que-perfeito; mas se se pode subscrever sem reservas a esta maneira de ver para as formas *sem vogal temática* como *ajabhartana*, estaremos ainda mais inclinados a pôr as primeiras sob a rubrica de aoristo.

Perfeito. O perfeito indo-europeu enfraquecia a raiz no plural e no dual da voz ativa, e em toda a voz média. Veja-se em particular Brugmann, *Stud.*

<sup>7</sup>Dir-se-ia que *ásáscat* é imperfeito (presente *sáscati*); sem dúvida, mas não há limite fixo entre os dois tempos. Os aoristos reduplicados são os imperfeitos de uma classe verbal que a gramática hindu esqueceu e em que retornaria, com *sáscati*, o sânscr. *sídati*, o particípio *píbdamāna*, o grego πίπτω, γίγνομαι, μίμνω, μέμβλεται etc.



IX 314. Essa formação se conserva intacta nas línguas árias.

Raízes de formas A e C:

sânschr. *sar:* *sa-sr-ús* *pat:* *pa-pt-ús*

Diante de sufixos que começam por consoante, algumas raízes em *r* não aceitam o *i* de ligação, e tem-se então um *r* como em *ca-kr-má*. Esse mesmo *i* de ligação permite, nas raízes da classe C, formas como *pa-pt-imá*<sup>8</sup>. [p. 12]

Chegando às raízes da forma B podemos logo comparar o gótico com o indiano:

*bhaugh* : sânschr. *bu-bhuj-imá* gót. *bug-um*

e com *r* :

*vart*: sânschr. *va-vrt-imá* gót. *vaurþ-um*

Cf. gót. *baug* = *bubhója*, *varþ* = *vavárta*.

Em grego, a forma do singular avançou pouco a pouco sobre a do plural; nos poucos vestígios da formação primitiva do plural ativo (Curtius, *Verb.* II 169) ainda encontramos *ἐπέπιθμεν* junto de *πέποιθα*, *ἔϊκτον* junto de *ἔοικα*, mas a sorte quer que nenhum caso de *r* tenha subsistido<sup>9</sup>. A voz média ao menos foi melhor conservada:

<sup>8</sup>Brugmann (*Studien* IX 386) sente uma certa hesitação de atribuir aos períodos mais antigos formas como *paptimá*, e crê ao contrário que elas devam seu nascimento à analogia de *ca-kr-* etc. No fundo da questão retornaria ainda outra, a saber se a vogal de ligação existia já na língua mãe, caso em que *pat* fazia necessariamente *pa-pt-* no perfeito plural. Ora o *u* das formas germânicas (*bundum*, *bunduts*) concordaria bem com essa hipótese, e o *α* do grego *γεγήθαμεν* não é contrário, ainda que ele se explique mais provavelmente pela contaminação do singular *γέγηθα* e da 3ª p.do plur *γεγήθασι*; compara-se enfim o latim *-imus* em *tulimus*. – Nesta questão é preciso considerar também os perfeitos indianos como *sedimá*, góticos tal como *sétum*, e latinos tal como *sēdimus* que são conhecidos por conter a raiz reduplicada e desprovida de vogal. Assim *sedimá* = *\*sa-zd-imá*. Nem é preciso dizer que a mesma análise fonética não será aplicável a cada uma das formas: a formação se generalizou por analogia.

<sup>9</sup>τέ-τῶ-μεν vem da raiz τῶ como ἔστῶμεν de στῶ; seu λα não remonta a uma líquida

Raízes da forma A:

σπερ: ἔ-σπαρ-ται

δερ: δε-δαρ-μένος

φθερ: ἔ-φθαρ-μαι, cf. ἔ-φθορ-α

μερ: εἶ-μαρ-ται, e ἔ-μβρα-ται Hes. – cf. ἔ-μμορ-α

περ: πε-παρ-μένος

στελ: ἔ-σταλ-μαι

É supérfluo notar aqui novamente que ἔ-φθαρ-μαι está para φθερ assim como ἔ-σσυ-μαι está para σευ.

As línguas itálicas uniformizaram muito a flexão verbal para que se pudesse tentar recuperar nelas a alternância das formas fracas e das formas fortes. Mas é bem possível que os pares como *verto* – *vorto* provenham dessa origem. Não se deve dar muita importância a *pepuli* de *pello*, *perculi* de *percello*; Aí há talvez o mesmo enfraquecimento da vogal radical que em *detineo*, *colligo*, com a diferença de que a influência do *l* determinasse a cor *u* no lugar de *i*.

O úmbrio tem, junto do imperativo *kuvertu*, o futuro do pretérito *vurtus* – pronunciado sem dúvida *vortus* – formado [p. 13] com o tema fraco do perfeito. Nas tábuas em escrita latina há *covertu* e *covortus*. Se se tivesse certeza de que *covortuso* fosse um perfeito (v. Bréal<sup>(29)</sup>, *Tables Eugubines*, p. 361<sup>(30)</sup>), essa forma seria preciosa. Não se pode perder de vista, somente, que em solo itálico *vort-* representa tanto *va<sub>2</sub>rt-* quanto *vrt-*, e assim todas soante.

<sup>(29)</sup>Michel Jules Alfred Bréal (1832-1915). <sup>(30)</sup>BRÉAL 1875.

essas formas talvez venham do singular do perfeito, e não do plural; elas não deixam de ser notáveis. Outro exemplo: *persnimu, pepurkurent*.

Presente. Na 2ª e na 3ª classe verbal, no presente e no imperfeito, a raiz só conserva a sua forma normal nas três pessoas do singular da voz ativa; o dual, o plural e toda a voz média exigem a expulsão do *a*: assim, em sânscrito, para citar somente raízes da forma A:

*e* faz *i-más*      *kar* faz *kṛ-thás* (véd.)

*ho* - *ju-hu-más*    *par* - *pī-pṛ-más*

Em grego πίμ-πλα-μεν corresponde exatamente a *pī-pṛ-más*; essa forma, de fato, não pertence a uma raiz πλᾱ que seria a metátese de πελ, pois se não os Dórios diriam πίμπλαμι. O η pan-helênico indica, ao contrário, que πίμπλημι é uma transformação recente de \*πίμπελμι = sânscr. *pīparmi*<sup>10</sup>.

A raiz φερ assume a forma πι-φρα- (em πιφράναι) que é igual ao sânscr. *bi-bhṛ-* (*bibhṛmás*). Os vestígios numerosos do ε, por exemplo em φρέξ (Curtius, *Stud.* VIII 328 seq.), garantem-nos que a raiz era φερ, e não φρᾱ.

Uma vez que as outras formações do presente não oferecem, nas línguas da Europa, nada além de traços incertos do *r*, não há grande vantagem de as analisar. Lembramos somente o latim *po(r)sco* idêntico ao indiano *pṛcchāmi*. Se a raiz é *prak*, o *r* nasceu aí da mesma forma que ἔτραπον de τρέπω. Para comparar esses dois presentes, deve-se partir da ideia de que

<sup>10</sup>Existem, é verdade, formas como πλάθος (v. Joh. Schmidt, *Vocal.* II 321), mas aquelas que se encontram nos trágicos áticos são, segundo Ahrens<sup>(31)</sup>, dorismos de má qualidade, e aquelas inscrições podem provir, como as formas da Élide bem conhecidas, de uma passagem secundária de *ä* a *a*. Pode-se além disso admitir que πλᾱ existisse paralelamente a πελ. Cf. recentemente Schrader, *Studien* X 324.

<sup>(31)</sup>Eduard Ahrens (1803-1863).

*posco* é o descendente direto da forma indo-europeia, livre de qualquer contaminação das outras formas verbais, [p. 14] e esta suposição será hoje algo perigosa, dado o hábito dos dialetos itálicos de nivelar o vocalismo da raiz e de propagar uma só forma através da flexão inteira. Além do mais, no caso de *posco*, é sem dúvida exatamente a forma do presente que fez essa generalização. – Com as mesmas reservas podem-se comparar *horreo* e *torreo*, este último somente no sentido intransitivo, aos presentes indianos *hṛ̥syati* e *tṛ̥syati*<sup>11</sup>; essas duas raízes apresentam o *e* nas formas gregas não enfraquecidas: χέρσος, τέρσομαι.

### 1.1.3 Formações Nominais

Nas línguas árias, o particípio passado passivo em -τά expulsa regularmente o *a* radical, se isto é possível, isto é, se a raiz é da forma A ou B (página 9). Assim em sânscrito *yo dá yu-tá*, em avéstico *dar dá dērētadərəta*, etc. A última forma citada corresponde exatamente ao grego δαρ-τό ou δρα-τό de δέρω, e tem-se até σπαρτός de σπερ, καρτός de κερ, (πάμ-)φθαρτος de φθερ.

Em φερτός, em ἄ-δερκτος e nos outros adjetivos parecidos, devem-se ver formações recentes. É assim, para citar só este exemplo dentre centenas, que junto do antigo πύσ-τι-ς = sânscr. *buddhi*, vemos aparecer πεύσις, formado de novo por analogia de πεύθομαι.

A raiz de σπάρτον (cabo) é σπερ, como visto em σπεῖρα.

βλαστός = sânscr. *vṛddhá* exhibe também um λα bem regular; mas como

<sup>11</sup>*Mémoires de la Soc. de Linguistique* III 283.

este particípio perdeu seu presente, nosso principal meio de controle, saber o ε das formas congêneres, é algo que nos escapa.

O latim tem *pulsus* de *pello*, *vulsus* de *vello*, *perculsus* de *per-cello*, *sepultus* de *sepelio*.

Fick identifica *curtus* – que parece vir de *\*cortus* – com o grego καρτός. *pro-cul* lembra muito o indiano *vi-pra-kṛṣ-ṭa* (distante), *pra-kṛṣ-ṭa* (longo, grande, falando de uma distância) ; seria preciso agora reduzi-la a um caso do tema *\*proculsto*<sup>12</sup>. *recello* e *procello* têm [p. 15], além disso, um sentido vizinho do sentido do sânscr. *karṣ*, mas como *verro* aproxima-se ainda mais dela, a combinação é questionável.

Comparou-se a palavra antiga *forctus* (Corssen, *Ausspr.* I<sup>2</sup> 101) ao sânscr. *dṛḍhá* de *darh*.

Sendo a etimologia *porta a portando*<sup>(32)</sup> difícil de aceitar, *porta* deve ser um particípio da raiz *per* (donde gr. *πείρω, διαμπέρες*), e equivaleria a uma forma grega *\*παρτή*.

O gótico tem os particípios *þaurft(a)-s*, *daurst(a)-s*, *faurht(a)-s*, *handu-vaurht(a)-s*, *skuld(a)-s*.

A união do sufixo -ti precisa igualmente da expulsão do *a* (*e*) radical. Citamos apenas os casos onde esta lei faz surgir o *r*:

Abundam exemplos nas línguas da Ásia: sânscr. *bhṛ-tí*, avéstico *bərə-ti*

<sup>12</sup>Ou ao comparativo neutro *\*proculstis*, *\*proculsts*?

<sup>(32)</sup>*porta, a portando* [*aratrum*]. “Porta tem esse nome porque [o arado] deve ser levantado.” Esta etimologia antiga se refere ao mito da fundação de Roma, em que Rômulo usa um arado para circunscrever, sulcando, o território sagrado da cidade, chamado *pomerium*. Nos lugares em que haveria portões, o arado devia ser levantado, ou *portado*. (KOPP 1873, p. 1)

da raiz *bhar*, e assim por diante.

O grego tem *κάρ-σις* de *κερ*. Hesíquio traz: *ἀγαρρίς-ἄθροισις* ( o acento parece estar corrompido) que deve remontar a \**ἄγαρσι-ς* de *ἀγείρω*. – *στάλ-σις* de *στελ* é de uma época tardia.

O gótico forma de *bairan* : *ga-baurþ(i)-s*, de *tairan* : *ga-taurþ(i)-s* ; também *þaurft(i)-s*, *fra-vaurht(i)-s*.

O latim *fors* (tema *for-ti-*) de *fero* coincide com o sânscr. *bhṛtí*. – *mors* o é equivalente do sânscr. *mṛti*, mas o presente *morior* e o grego *βροτός* mostram que o *o* prevalece por toda a raiz, e recomendam, então, prudência.

*sors*, por \**sorti-s*, parece ter vindo da mesma raiz *ser* que deu *exsero*, *desero*, *praesertim*<sup>13</sup>. A palavra seria então originalmente só um sinônimo de *exsertum*.

Se os advérbios em *-tim* derivam, como se supõe, de temas nominais em *-ti*, deve-se citar aqui o úmbrio *trah-vorfi* = *transversim* ; cf. *covertu*.

O sufixo *-ú* exige, via de regra, o enfraquecimento da [p. 16] raiz. Sem as línguas árias, o *r* assim produzido se reflete ainda fielmente no adjetivo gótico:

*þaurus* (raiz *þers*) = sânscr. *tṛṣú*

Insistimos menos nos adjetivos gregos:

<sup>13</sup>Completamente diferente é a raiz de *con-sero*, *as-sero* que significa *amarrar*. O *sero* de que falamos é o sânscr. *sáрати, síсати* "fluir, avançar": composto com a preposição *pra* ele tem também o sentido transitivo e dá o védico *prá bāháva sisarti* (R.V. II 38, 2) "ele estende os braços", exatamente o grego *χείρασ ἰάλλειν* (= *σι-σαλ-γειν, σι-σλ-γειν*). O verbo *insero* pode pertencer a uma ou outra das duas raízes em questão.

βραδύς = sânscr. *mṛdú*<sup>14</sup>

πλατύς = sânscr. *prthú*

O lituano *platùs* sugeriria que o λα de πλατύς é original, pois nessa língua esperar-se-ia o *il* como continuação do *r*. Em todo caso seria desejável encontrar, paralelamente a πλατύς, βραδύς, formas que contivessem o *e*<sup>15</sup>.

Quando as raízes das classes A e B (página 9) são usadas sem sufixo como temas nominais, elas expõem o *a* (na Europa o *e*). Sob esta forma elas servem amiúde em compostos:

sânscr. *bhed* : *pūr-bhíd darś* : *saṃ-dṛś*

Assim é, em grego, o advérbio ὑπό-δρα(κ) de δερκ. Cf. tanto quanto à função como à forma o sânscr. *ā-prk* “*mixtim*”<sup>(34)</sup>.

Eis enfim algumas palavras, de diferentes formações, que possuem um *r*:

sânscr. *hṛd* “coração” = lat. *cord-*. O grego καρδία, κρᾶδίη está ao lado da forma indiana *hṛdí*. – O gót. *hairto*, o grego κῆρ (= κερδ? Curtius, Grdz. 142) oferecem uma forma não enfraquecida da raiz.

sânscr. *ṛkṣa* “urso” = gr. ἄρκτος = lat. *ursus* (\**orcsus*).

O lat. *cornua* no plural talvez responda exatamente ao védico *śṛṅgā*; ele seria então de \**corṅgua*. Nesta hipótese o singular não seria primitivo. O

<sup>14</sup>Junto de βραδύς tem-se com *l*: *abladeōs*: *hēdēōs*<sup>(33)</sup> Hes., o que torna bem verossímil a etimologia antiga do latim *mollis* como vindo de \**moldvis*.

<sup>15</sup>πλέθρον, πέλεθρον serão estes por acaso parentes de πλατύς onde encontraríamos o *e*?

<sup>(34)</sup>“De maneira mista”, um acusativo singular com sentido adverbial.

<sup>(33)</sup>ἀβλαδέως· ἡδέως. *abladeōs*: ‘docemente’.

gót. *haur̥n*, na mesma suposição, remontaria a *\*haur̥nig*, e a flexão ter-se-ia norteadado pela forma do nom.-acus. onde a gutural cairia facilmente<sup>16</sup>. [p. 17]

A aproximação do grego τράπελος com o sânscr. *ṭṛprá, ṭṛpála* (Fick, W. I<sup>3</sup> 96) permanece muito incerta.

κάρχαρος "espetado" (cf. κάρκαρος) faz pensar no sânscr. *kṛcchrá* "áspero, doloroso etc."

O lat. *furnus* "forno" vem de *fornus* = sânscr. *ghṛṇá* "ardor".

κελαινός "escuro", vindo de *\*κ(ε)λασνγο-*, torna-se o parente próximo do sânscr. *kṛṣṇá* (de mesmo sentido)<sup>17</sup>.

λαυκᾶνίη "garganta" vem de *\*σλακφαν-ίη*, extensão do tema *sṛkvan*, que significa em sânscrito *canto da boca*; o tema aparentado *srákva* tem, segundo Böhtlingk e Roth, o sentido geral de *boca, garganta*.<sup>18</sup> A epêntese do *u* na palavra grega tem analogias sobre que teremos chance de retornar. Nos autores pós-homéricos encontra-se também λευκανίη.

ε-ύλακα (lacôn.) "arado", α-ύλακ-ς "sulco" correspondem, segundo a etimologia de Fick, ao védico *vṛka* "arado".

O lat. *morbus* é sem dúvida parente do sânscr. *mṛdh* "objeto hostil, inimigo", mas a diferença dos temas não nos permite afirmar que o *or* da palavra latina venha de *r*.

<sup>16</sup>O capricórnio, este coleóptero de grandes antenas, que se chama em grego κεράμβυξ, conservou-nos talvez a pista de um antigo tema *\*κ(ε)ραμβο-* = *śṛṅga*.

<sup>17</sup>O que torna suspeito o parentesco de κελαινός com κηλῖς, é o *a* do dório κᾶλῖς e do lat. *cāligo*.

<sup>18</sup>Se se compara além disso os sentidos de *sṛaktí*, reconhece-se que todas essas palavras contêm a ideia de *contorno*, de *ângulo* ou de *anfractuosidade*. Esta palavra *anfractuosidade* mesma se associa provavelmente em linha direta, pois o latim *an-fractus* vem re-



ταρτημόριον· τὸ τριτημόριον Hes. Cf. sânscr. *tr̥t̥yā*.

Gr. πράσον = lat. *porrum* contém sem dúvida também o *r*.

Se se abstraírem as formações correntes, como os substantivos gregos em -σι-ς, em que a vogal do presente devia inevitavelmente penetrar pouco a pouco, as exceções à regra de correspondência enunciada no começo são poucas.

Os casos como γέλιγος – *gr̥h̥jana*, merda – *m̥rd*, ou περκνός – *pr̥sni* não entram em consideração, visto que os temas não são idênticos; junto de περκνός encontramos também πρακνός (Curt., Grdz. 275). – δειράς (dor. δηράς) "crista de montanha" foi comparado ao sânscr. *dr̥śád* "pedra", mas indevidamente, pois δειράς não se poderia separar de δειρή. [p. 18]

A identificação de Φλέγυς com *bh̥g̥u* (Kuhn, herabk. des feuers) é atraente, mas não pode ser tomada como perfeitamente segura.

Ao sânscr. *k̥mi* corresponde quase sem dúvida, e muito regularmente quanto ao *r*, o got. *vaurms*; mas o gr. ἔλιμις, o lat. *vermis* mostram *e*. A forma dessa palavra tem, além disso, uma instabilidade notável em seu consonantismo<sup>19</sup> assim como na vogal radical: a leitura *krimi* é muito frequente em sânscrito, e λίμινθες· ἔλμινθες· Πάφιοι (Hes.) dá-nos a forma correspondente do grego.

gularmente de *\*am-sractus* como *\*cerefrum*, *cerebrum* de *ceres-rum*. Cf. no entanto Zeyß, K. Z. XVI 381 que divide assim: *anfr-actus*. – O grego acrescenta a essa família de palavras: ῥακτοί· φάραγγες, πέτραι, χαράδραι e ῥάπται· φάραγγες, χαράδραι, γέφυραι. Hes.

<sup>19</sup>O *k* substituído por *v*, no lugar de *kv*; o *m* substituído por *v* no eslavo *čr̥nǐ*; a líquida varia entre *l* e *r*, e esta, mesmo dentro das fronteiras do grego, como o indica a glosa: ῥόμος· σκώληξ ἐν ξύλοις.

### 1.1.4 Sílabas Sufixais.

Os nomes de parentesco e os nomes de agente em *-tar* expulsam, nos casos fracos, o *a* do sufixo, que se reduz a *-tr*, ou, diante das desinências que começam por uma consoante, a *-tr̥*. Daí:

gr. *πα-τρ-ός*, lat. *pa-tr-is* : cf. sânscr. *pi-tr-á*

e com *r̥* :

gr. *πα-τρά-σι* = sânscr. *pi-tr̥-ṣu*.

cf. Brugmann, *Zur Gesch. der stammabstufenden Declinationen*, Studien IX 363 seq. Tem-se também: *μητράσι*, *ἀνδράσι*, *ἀστράσι* etc.

Se a palavra em *-ar* é o primeiro membro de um composto, espera-se que fique na forma fraca, como no indiano *bhrātṛ-varga*. Talvez no grego *ἀνδρά-ποδο-ν* exista, como afirma Brugmann, um último exemplo desse modo de formação.

No nom.-acus. sing. de certos neutros aparece um sufixo *-r̥* ou *-r̥-t* que dá *yákr̥t* = gr. *ἦπαρ* = lat. *jecur* (provavelmente no lugar de *\*jequor*). No entanto nem todos os neutros gregos em *-αρ* remontam a uma forma em *r̥* : *οἶθαρ* por exemplo, corresponde ao védico *údhar*, e seu *α* não é anaptítico.

## 1.2 Nasais soantes (§2)

Enquanto a líquida soante se manteve na antiga língua da Índia, as nasais soantes desapareceram por completo, como tais, do domínio indo-europeu

<sup>20</sup>. E [p. 19] mais: a líquida, ao deixar de ser soante, não deixou simultaneamente de existir; ela se restringiu a ter a função de consoante. Outro foi o destino das nasais, seja em grego, seja nas línguas árias: ao fazer surgir um fonema vocálico, elas mesmas sucumbiram e, para coroar a complicação, o fonema em questão passou a se confundir com o *a*.

Este *a* não tem nada que o distinga à primeira vista no sânscrito, nem no avéstico. Em grego pode-se felizmente reconhecê-lo mais facilmente, pois ele se encontra muitas vezes oposto a um  $\epsilon$  radical (τείνω — τατός).

Nas línguas congêneres a nasal se conservou; ao contrário, a vogal que se desenvolveu diante dela assumiu, na maioria desses idiomas, a cor de *e*; e é muitas vezes impossível saber se o grupo *en* substituiu realmente uma nasal soante.

O trabalho onde Brugmann expôs sua teoria oferece materiais consideráveis àquele que deseje estudar a questão; convém, entretanto, coligir aqui os fatos principais em discussão, ao pô-los no quadro que nos serviu quanto aos fenômenos relativos às líquidas. As duas séries se completam e se esclarecem, assim, uma à outra.

Eis os fonemas diferentes que vêm das nasais soantes:

	(Indo-eur. ṅ	[ṅ]	ṁ)	(Indo-eur. ṅ	[ṅ]	ṁ)
Ário <sup>21</sup>	a	a	Latim	en	em	
Grego	α	α	Eslav.	ę	ę	
Gót.	un	um	Lituano	in	im	

<sup>20</sup>Naturalmente não se trata aqui das nasais soantes que se formaram novamente em muitas línguas antigas e modernas.

<sup>21</sup>Entende-se que em avéstico o *a* vindo da nasal soante participa em afecções secun-

As nasais soantes puderam surgir de duas maneiras: ou pela queda de um *a*, como é sempre o caso das líquidas soantes; ou pela adição a um tema consonântico de uma desinência que comece por nasal. Consideramos agora o primeiro caso: [p. 20]

### 1.2.1 Sílabas Radical

#### a. formações verbais

Aoristo temático (v. página 9). O indiano *randh* “cair nas mãos de” tem um aoristo *á-radh-a-t* que vem de *\*a-r̥ndh-a-t*, supondo ao menos que a raiz seja *randh*, e não *radh*.

Vê-se aqui desde o princípio o contraste de concepções, consequência de se crer ou não na nasal soante. Até aqui considerou-se a nasal de uma raiz como *randh* como um elemento móvel, expulso na forma fraca. Com a teoria nova é, ao contrário, o *a* que foi expulso, em perfeita concordância com o que foi desenvolvido mais acima, e o *a* que vemos, o *a* de *áradhat*, equivale a uma nasal, pois ele é feito da mesma substância dessa nasal desaparecida. Quisesse o acaso que fosse um *u* e não um *a* que se tivesse desenvolvido nas línguas árias no lugar da nasal soante, o aoristo em questão seria “*árudhat*”.

O grego nos fornece a prova irrefutável disso, pois nele a monotonia do *a* cessa, e o dualismo se revela em duas cores,  $\epsilon$  e  $\alpha$ :

---

dárias do *a*, por exemplo a coloração em *e*.

A raiz  $\pi\epsilon\nu\theta$  dá o aoristo: ἔ-παθ-ον.<sup>22</sup>

O aoristo temático reduplicado não fornece nenhum exemplo grego. Em sânscrito pode-se citar o védico *ca-krad-a-t* de *krand*<sup>23</sup>.

O aoristo sem vogal temática que coincide, na forma, com o imperfeito da 2ª classe verbal<sup>24</sup> não foi mencionado acima quanto às líquidas, porque ele não oferece nenhum caso de *r* na Europa. – O singular da voz ativa conserva o *a* (*e*). O resto da voz ativa, assim como toda a voz média, expulsaram-no; donde temos em sânscrito:

[p. 21] 1º Raízes da forma A página 8:

*śro:* á-śrav-[a]m; á-śrot śrutám

*var:* á-var(-s) á-vr-ta

e raízes com nasal soante na forma fraca:

*gam:* á-gan(-t) ga-tám

2º Raízes da forma B<sup>25</sup>:

*doh:* á-dhok(-t) á-duh-ran

*varj:* vârk(-s) á-vrk-ta

Brugmann compartilhou comigo uma explicação muito engenhosa dos aoristos gregos como ἔχευα, ἔσσευα que até agora resistiram a qualquer análise. Essas são as formas da voz ativa correspondentes aos aoristos médios como ἐχύμην, ἐσσύμην. A flexão primitiva era: ἔχευα (no lugar de ἔχευα),

<sup>22</sup>Não é que, no caso, não tenhamos algumas dúvidas sobre a qualidade verdadeira do alfa de ἔπαθον, e isto é por causa do latim *patior*, sobre que retornaremos mais abaixo. Mas ἔπαθον ocorre como único aoristo temático onde se pode supor uma nasal soante e, se se o recusarmos, será suficiente recorrer aos exemplos que seguem.

<sup>23</sup>Supondo sempre que a nasal seja radical.

<sup>24</sup>As formas que têm a "ṽṛddhi" como *ásvait*, *ávāt* são completamente diferentes. É preciso vê-las, como Whitney, como aoristos sigmáticos.

<sup>25</sup>As raízes dessa forma, que contêm uma nasal, não parecem fornecer nenhum exemplo.

\*ἔχεν, \*ἔχεν(τ); — plural \*ἔχουμεν etc. ; — médio ἐχόμεν. Como no perfeito, o α da primeira pessoa ἔχευα propagou-se pela voz ativa inteira, e o antigo plural com a sílaba radical fraca foi substituído pelas formas criadas com o modelo do singular (ἐχέουαμεν). Este \*ἔχουμεν, que não mais existe e que é para ἔχευα o que em sânscrito \*á-śru-ma é para á-śrav-am o seu perfeito análogo, com a nasal soante, na forma ἔκταμεν (raiz κτεν): somente, neste último aoristo, é o singular que sofreu mudanças pela influência do plural: \*ἔκτεν-α, \*ἔκτεν(-τ) foram substituídos por ἔκταν, ἔκτα. — Em κτάμεναι, κτάσθαι, κτάμενος, ἀπ-έκτα-το o α deve vir diretamente da soante. — Curtius (Verb. I<sup>2</sup>192) nota que a hipótese de uma raiz κτα é inadmissível.

Perfeito. (v. página 12). As raízes da forma A apresentam de novo em grego restos do perfeito primitivo, tais como:

μέμα-τον; cf. sing. μέμον-α de μεν

γε-γάτην; cf. pf. sg. γέγον-α de γεν

e na voz média:

τέτα-ται de τεν    πέφα-ται de φεν<sup>26</sup>

[p. 22] Nas formas indianas, a vogal de ligação permitiu à nasal que permanecesse uma consoante: *ja-gm-imá*, *ta-tn-iṣé*. O particípio *sa-sa-ván* (de *san*) oferece a soante; mas veja-se esta palavra no índice.

Nas raízes da forma B podem-se citar, seguindo Brugmann: sânscr. *tas-támbha*, 3<sup>a</sup> pl. *tastabhús* (isto é, *tastṁbhús*); *cacchánda* tem um optativo

<sup>26</sup>A 3<sup>a</sup> pl. πέφονται é uma formação recente feita pela analogia às raízes em α; regularmente, seria πεφν-αται. — γεγάσι, μεμαυία e as outras formas onde o sufixo começa por uma vogal só puderam surgir por analogia. É de se notar que as formas fortes do singular ficaram protegidas de toda contaminação desse tipo, pois γέγαα, μέμαα só existem nos nossos dicionários assim como mostra Curtius, Verb. II 169: A antiga flexão: γέγονα, plur. γέγαμεν é, portanto, ainda transparente.

*cacchadyát*. Em grego tem-se πεπαθυῖα junto de πέπονθα (raiz πενθ); Brugmann, adotando além disso uma lição de Aristarco, obtém: πέ-πασθε (= πέ-παθ-τε) no lugar de πέποσθε *Iliad.* 3, 99 *et pass.* — Mas veja-se o nosso comentário sobre ἔπαθον, p. 20 i. n.

O gótico *bund-um* (raiz *bend*) vem naturalmente de *b̥ndum*, e todos os verbos góticos dessa classe apresentam provavelmente a soante no perfeito plural e dual.

Presente. Na 2ª classe verbal v. página 14 pode-se mencionar, em grego, (ἔ)ραμαι vindo de ῥῆ-μαι num artigo recente de Brugmann *K. Z.* XXIII 587; a raiz é a mesma que o sânscrito *rámati* “gostar, etc.” Em sânscrito encontramos por exemplo: *hán-ti*, 2ª do plur. *ha-thás*, isto é, *h̥-thás*.

A 8ª classe verbal será o objeto de um próximo trabalho de Brugmann, onde ele mostrará que *tanómi*, *vanómi* etc., vêm de *t̥n-nó-mi*, *v̥n-nó-mi*. Também o grego exhibe o alfa significativo em τά-νυ-ται da raiz *τεν*, em ἄ-νυ-ται da raiz *έν*<sup>27</sup>. Isto é possível pois há, da raiz *k<sub>2</sub>ai*: *ci-nómi*, da raiz *dhars*: *dh̥r̥s-ḥómi* e não: “*ce-nomi*, *dhars-ḥómi*”<sup>28</sup>.

A classe dos incoativos adiciona *-ska* à raiz *sem a*: sânscr. *yú-cchati* de *yo*, *ucchati* de *vas*. É claro, por conseguinte, que *yá-cchati* de *yam*, *gá-cchati* de *gam* têm a nasal soante, e não [p. 23] há razão para crer que o grego βᾶ-σχω seja formado de outra forma, ainda que possa vir da raiz irmã βᾶ.

<sup>27</sup>Curtius mostrou a identidade de ἄνυται (Homero tem somente ἤνυτο) com o sânscr. *sanuté* (raiz *san*); a sibilante deixou um traço no espírito rude do ático ἄ-νύ-ω. Quanto à raiz não enfraquecida *έν*, ela vive no composto αυθ-έν-της “autor de uma ação”. Cf. Fick, *Wörterb.* I<sup>2</sup> 789.

<sup>28</sup>As formas como δείκνυμι, ζεύγνυμι são inovações do grego.

**b. formações nominais**

O sufixo -tá (v. página 15) dá os temas seguintes:

de *tan* (*ten*) : sânscr. *ta-tá* = gr. *τα-τός* = lat. *ten-tus*

de *g<sub>2</sub>am* (*g<sub>2</sub>em*) : sânscr. *ga-tá* = gr. *βα-τός*<sup>29</sup> = lat. *ven-tus*

de *man* (*men*) : sânscr. *ma-tá* = gr. *μα-τος* = lat. *mentus*<sup>30</sup>

de *gh<sub>2</sub>an* (*gh<sub>2</sub>en*) : sânscr. *ha-tá* = gr. *φα-τός*<sup>31</sup>

de *ram* (*rem*) : sânscr. *ra-tá* = gr. *ῥα-τός* (= lat. *lentus* ?)

As formas indianas a que se devem juntar *yatá* de *yam*, *natá* de *nam*, *kṣatá* de *kṣan*, e que se reproduzem em avéstico e no antigo persa (avést. *gata* "ido", ant. pers. *jata* "morto" etc.) pertencem, segundo Schleicher, Beiträge II 92 seq., às raízes em -ǎ, e o autor as usa para demonstrar a teoria que se conhece; mas poderia ser que esses fossem exatamente os únicos casos de um *a* em sânscrito terminando uma raiz, e que em todos os exemplos onde a nasal não está envolvida, encontra-se *i* ou *ī* nos mesmos participios: *sthitá*, *pītá*? Pode-se dizer, ao contrário, que esse *a* carrega em si mesmo a prova de sua origem nasal.

Os temas em -ti (v. página 16) são em tudo similares aos precedentes: sânscr. *tati* = gr. *τάσις*, cf. lat. *-tentio* ; *kṣati* (de *kṣan*) tem como paralelo em grego homérico *ἄνδρο-κτασίη* (de *κτεν*). O sânscr. *gáti*, o gr. *βάσις* e o gót. *(ga-)qumþ(i)s* encontram-se no indo-europeu *g<sub>2</sub>m̥-ti*. O gót. *(ga-)mund(i)s*

<sup>29</sup>*βατός* poderia também pertencer à raiz *βᾶ* que deu *ἔβην*; as duas formas deviam se confundir necessariamente em grego. Ao contrário, o sânscr. *gatá* não pode derivar de *gā*.

<sup>30</sup>Forma conservada na palavra *αὐτόματος*, seguindo a etimologia mais provável. -- *mentus* se encontra em *commentus*.

<sup>31</sup>A identificação do sânscr. *han* e do grego *\*φεν* será justificada mais abaixo.



corresponde ao véd. *matí* (sânschr. clássico *máti*), ao lat. *men(ti)s*<sup>32</sup>.

Temas em -ú (v. página 16). A identidade do indiano *bahú* e do grego *παχύς* (*bahulá* = *παχυλός*) impõe-se com não menor força do que [p. 24] a comparação entre *pinguis* e *παχύς* que se deve a Curtius. Deve-se admitir a redução da primeira aspirada *ph* no período pré-histórico, quando em itálico não se havia ainda convertido as aspiradas em fricativas espirantes, e este não é, sem dúvida, um caso único de seu tipo. Ou *pinguis* no lugar de *\*penguís* nos prova que o *a* de *bahú* e de *παχύς* representa uma nasal soante. O superlativo sânscrito *bámh-iṣṭha* oferece ainda uma prova imediata disso.

O sânschr. *raghú*, *laghú* = gr. *ἐλαχύς* contém igualmente a nasal soante, a julgar pelas palavras aparentadas, sânschr. *rámhas* e *rámhi*. Logo o latim *lěvis* vem de *\*leñhuis*, *\*leñuis*; os tratamentos diversos de *pinguis* e de *levis* não têm outra razão além da diferença das guturais (*gh<sub>1</sub>* e *gh<sub>2</sub>*: *bahú*, *raghú*). A discordância do vocalismo em *levis* em comparação com *ἐλαχύς* é eliminada. O lituano , o avést. *reñjya* confirmam a existência da nasal. Por fim, para voltar ao sânschr. *raghú*, o *a* desta palavra explica-se somente se ele representar uma nasal soante; de outro modo ele devia desaparecer como em *ṛjú* (superl. *rájiṣṭha*) e nos outros adjetivos em -ú.

O lat. *densus* indica que *δασύς* vem de *δῆσός*.

O enfraquecimento da sílaba radical diante do sufixo -ú verifica-se novamente em *βαθύς*, da raiz *βενθ* cuja forma plena aparece em *βένθος*. Aqui,

<sup>32</sup>As formas latinas não inspiram uma confiança absoluta, na medida em que elas podem igualmente ter sido formadas posteriormente como o grego *δέρξις*, *θέλξις*. Para as formas eslavas tais como *-meři* essa possibilidade torna-se quase uma certeza.

no entanto, como mais acima sobre  $\pi\alpha\theta\epsilon\acute{\iota}\nu$ , pode-se duvidar da proveniência, e por conseguinte também sobre a natureza, do  $\alpha$ : pois junto de  $\beta\epsilon\nu\theta$  tem-se a raiz  $\beta\tilde{\alpha}\theta$  sem nasal. Nós nos ocuparemos dessas duplas num capítulo seguinte.

Temas de formações diversas:

sânschr. *así* = lat. *ensis*. sânschr. *vastí* e lat. *ve(n)sīca*.

O gót. *ūhtvo* (isto é *\*unhtvo*) "manhã" corresponde, como se sabe, ao védico "luz", a que se comparou também o grego  $\acute{\alpha}\kappa\tau\acute{\iota}\varsigma$  "raio".

O gr.  $\pi\acute{\alpha}\tau\omicron$ -ς "caminho" deve remontar a *\*πῆτο*-ς, tendo em vista a nasal do sânschr. *pánthan*, gen. *path-ás* (= *pḥth-ás*).

O tema *ṇdhara* (ou talvez *ṁdhara*) "inferior" dá o indiano *ádharma*, o lat. *inferus*, o gót. *undaro*.

Scherer (*Z. Gesch. der deutsch. Spr.*, p. 223 seq.), falando sobre os temas dos pronomes pessoais, permite-se fazer conjecturas [p. 25] que Leskien revelou terem carácter aventureiro (*Declination*, p. 139); sobre um ponto, entretanto, o estudioso germanista tocou sem dúvida com justeza, quando ele reconstrói para o plural da 1ª pessoa um tema contendo uma nasal antes de *s*: *amsma*, *ansma*. Não é que as razões teóricas de Scherer sejam convincentes; mas o germânico *uns*, *unsis* não se explica a não ser dessa forma. No lugar de *amsma* ou *ansma*, é necessário naturalmente *ṁsna* ou *ṇsma*, donde derivam com igual regularidade o gót. *uns*, o sânschr. *asmád*, o grego (eól.)  $\acute{\alpha}\mu\mu\epsilon$  =  $\ast\acute{\alpha}\sigma\mu\epsilon$ .

Muitos casos de natureza particular – o do nome do número cem, por

exemplo – encontrarão seu lugar em outro capítulo<sup>33</sup>.

### 1.2.2 Sílabas sufixais.

A flexão dos temas em *-an* (*-en*), *-man* (*-men*), *-van* (*-ven*) exige um exame detalhado que encontrará melhor o seu lugar num capítulo posterior. Basta aqui levantar aquilo que tange à nasal soante: na língua mãe, o sufixo perdia seu *a* nos casos ditos *fracos* e *muito fracos*. Nestes últimos, a desinência começa por uma vogal e a nasal permanece uma consoante; nos casos "fracos," ao contrário, ela era obrigada a tomar a função de vogal, pois a desinência começa por uma consoante. Esta é toda a diferença. Tem-se em sânscrito, do tema *ukṣán*:

gen. sing. *ukṣṇ-ás*

dat. sing. *ukṣṇ-é*

instr. pl. *ukṣá-bhis* (= *ukṣṇ-bhis*)    loc. pl. *ukṣá-su* (= *ukṣṇ-su*)

O grego faz no gen. sing.: ποιμενός, no dat. plur.: ποιμέσι, [p. 26] ambos posteriores. As antigas formas devem ter sido \*ποιμν-ός e \*ποιμᾶ-σι. Restaram alguns remanescentes dessa formação: κυ-ν-ός do tema κυ-ον, φρ-ᾶ-σί (Píndaro) do tema φρ-εν. Veja-se Brugmann, Stud. IX 376.

No nom.-ac. sing. dos neutros em *-man*, o *a* final do sânscrito *náma*,

<sup>33</sup>É possível que a nasal soante seja representada em ário por *i*, *u*, na palavra que significa *língua*: sânscr. *e*, avést. *hizva*, *hizu*; – o antigo persa seria *izāva* segundo a reconstrução de Oppert, mas só *āva* está ainda escrito nas pedras. Como a consoante que começa a palavra é um verdadeiro Proteu linguístico – ela difere mesmo no iraniano face ao indiano – e em lituano torna-se *l*, será de se convir que a glosa de Hesíquio: λαυχάνη· γλώσσα encontra sua explicação mais natural na comparação das palavras citadas: o tema primitivo seria *?-ṅgh<sub>1</sub>ū* ou *?-ṅgh<sub>1</sub>wā*: de onde o lat. *d-ingua*, o gót. *t-uggon-*, e o gr. \*λ-αχφαν-η, λαυχάνη. O eslavo *j-ęzy-kū* mostra também a soante. Só o *ie* do lit. *l-iežuv-i-s* se distancia da forma reconstruída. – Sobre a epêntese do *u* na palavra grega cf. mais acima (p. 17) λαυκανίη.

avéstico *nāma*, grego ὄνομα<sup>34</sup> vem, assim como o *ę* do eslavo *imę* e o *en* do latim *nōmen*, de uma nasal soante indo-europeia. Morfológicamente, é isto que todas as analogias nos fazem concluir, e a do indiano *dātṛ* no nom.-ac. neutro ; foneticamente, é a única hipótese que dá conta da ausência da nasal nas duas primeiras línguas citadas. – Eis a primeira vez que encontramos uma nasal soante no fim de palavra, e o caso merece uma atenção especial. Por tão simples que pareça à primeira vista, isto não deixa de confundir um pouco, logo que se considera a palavra em seu papel natural de membro da frase. O indiano *dātṛ*, que se citou, posto diante de uma palavra que comece por vogal, como *api*, daria, segundo as regras de sândi: *dātrapi*. Em outras palavras, o *dātṛ* do paradigma não é real, a não ser se for seguido por uma consoante ou terminando a frase; diante de vogais só se tem *dātr*. E ainda assim o *r* (isto quer dizer: o *r* com acento silábico pode muito bem se manter diante de vogais. É assim que a frase inglesa: *the father is* será pronunciada fluentemente: *the fathṛ is*, e não: *the fathr is*<sup>35</sup>. É o mesmo para o *ŋ* em alemão *siebŋ-und-zwanzig* (*sieben-und-zwanzig*).

Uma palavra indo-europeia como *stāmn* (nom.-ac. de *stāman-* = sânscr. *sthāman-*<sup>36</sup>) pôde portanto fazer diante de uma vogal [p. 27], diante de

<sup>34</sup>O τ dos casos oblíquos (ὀνόματος) provavelmente nunca existiu no nom.-acusativo – O gót. *namo* não é mencionado, pois ele é de uma formação nova.

<sup>35</sup>É verdade que *r*, *ŋ* etc. postos diante de uma vogal parecem se redobrar em *rr*, *ŋn* etc. V. Sievers, Lautphysiol., p. 27 no meio. E, ainda que se pudesse dizer que *i* e *u* são também consoantes durante um instante na passagem dos órgãos a uma outra vogal, em *ia* ou *ua* por exemplo, não fica menos certo que a tripla combinação fônica 1) *ia*. 2) *ia* isto é *i'a*. 3) *iia*, transportada para a série nasa se reduz a 1) *na* e 2. 3) *ŋna*, na série do *r*: a 1) *ra* e 2. 3) *rra*. – *i* designa o *i* consoante.

<sup>36</sup>Uma das formas do nome do número oito terminava de fato por uma nasal. É verdade que os compostos gregos como ὀκτα-κόσιοι, ὀκτά-πηχες só oferecem uma pista incerta, e que eles se explicam suficientemente por analogia de ἑπτα-, ἔννεα-, δεκα- (cf. ἑξά-).

*api* por exemplo: *stāmn\_ api* – ou melhor *stāmṅ\_ api* (cf. nota 2, pág. 26). Decidir-se pela primeira alternativa será talvez admitir implicitamente que se dizia *madhw api* e não *madhu api*, isto é, reconstruir a regra de *saṃdhi* sânscrita relativa a *i* e *u* diante das vogais, ao menos em seu princípio<sup>37</sup>, até o período proétnico e o uso védico não deporiam a favor dessa tese. Não nos ocuparemos aqui da discussão deste ponto, pois cremos que a hipótese: *stāmṅ\_ api* é, com efeito, a mais provável, mas desejamos comparar adiante aquilo que diz respeito ao acusativo singular dos temas consonânticos. – Tem-se então na frase indo-europeia: *stāmṅ\_ tasya* e *stāmṅ\_ api*.

Na época em que a nasal soante se tornou incômoda à língua, época em que os hindus e iranianos falavam ainda um mesmo idioma, o antigo *stāmṅ\_ tasya* tornou-se necessariamente *stāma\_ tasya*, sânscrito *sthāma\_ tasya*. Posto no fim da frase, *stāmṅ* deve igualmente dar *stāma*. Quanto a *stāmṅ\_ api*, seu desenvolvimento normal deve ter sido, em virtude da duplicação que foi discutida: *stāma-n-api*. Essa última forma pereceu: houve uma unificação, como também em uma multidão de casos análogos sobre que é suficiente citar os trabalhos recentes de Curtius : *Zu den Auslautsgesetzen des*

---

Para o lat. *octingenti*, essa ação da analogia é menos admissível; essa forma além disso não poderia conter o *octōni* distributivo; pode-se assim com alguma razão concluir um antigo *\*octem*. O sânscrito tira todas as dúvidas: seu nom.-acus. *aṣṭá* é necessariamente o equivalente de *\*octem*, por ninguém conceberá de o reconstruir a um *akta* primitivo, respondendo a uma forma grega "ὄκτε" fictícia, similar a πέντε: uma suposição assim não teria fundamento algum. No máximo seria possível pensar num dual em *ā* do tipo de *deva* no lugar de *devā*, e é neste sentido que se pronunciam os editores do dicionário de São Petersburgo. Mas por quê, neste caso, essa formação se perpetua no sânscrito clássico? Bem se pode admitir uma forma com nasal, que talvez tivesse uma função especial desde o começo. – Quanto à forma *aktau*, confirmada pelo gót. *ahtau*, nós nos limitamos a assinalar na formação de seu ordinal (gr. \*ὄγδοϝ-ο- ou \*ὄγδϝ-ο-, lat. *octāv-o-*) o mesmo modo de derivação por meio de um suf. *-a* que há em *aṣṭam-á*, *saptam-á* etc. (v. a continuação do texto).

<sup>37</sup>Em seu princípio somente, pois seria de se supor em todo caso um *j* indo-europeu no

*Griechischen*, Stud. X 203 seq. e de Sievers nos *Beiträge de Paul et Braune* V 102.

Em grego e em eslavo o passo dessa seleção deve ter sido um pouco próximo ao das línguas árias.

Flexão dos neutros em *-man*, na língua grega – A flexão grega (ὀνόματος, -ματι etc.) mostra em toda parte a nasal soante graças à criação de um tema em *-τ* difícil de explicar. Deve-se naturalmente [p. 28] comparar esta declinação com a de ἥπαρ, ἥπατος. ὀνόματος corresponde ao sânscr. *nām̐nas*, hépatos ao sânscr. *yaknás*; e quanto a essa última classe de temas, podemos estar certos, qualquer que seja a origem do *τ* grego, que a declinação indiana *yákrt*, *yaknás*, que só conhece o *r* no nom.-ac. sing. reflete fielmente essa declinação na língua mãe<sup>38</sup>.

Mas quanto a saber se a inserção do *τ* surgiu dos temas em *-μα*, ou dos temas em *-αρ*, ou se ela se desenvolveu junto das duas classes de temas, sem que tenha havido contaminação entre elas é uma questão que pode se resolver de muitas formas, sem que nenhuma solução seja muito satisfatória.

Eis alguns pontos a considerar na discussão das probabilidades:

1º As línguas aparentadas possuem um sufixo *-μη-ta*, alargamento do suf. *-man* ; em latim por exemplo esse sufixo resultou em *augmentum*, *cognomentum*. O grego não tem esse sufixo. – Um sufixo *-η-ta* paralelo a um

---

lugar da espirante do sânscrito clássico, e o *ν* da mesma língua seria ainda mais distante da consoante primitiva (*μ*). – Aditamos que na reconstituição das formas indo-europeias servimo-nos dos sinais *W* e *y* sem buscar distinguir o *u* e o *i* consonantais (*μ* e *ι* de Sievers), das espirantes correspondentes (*w* e *j* de Sievers). No caso de *madhw api*, *W* representaria certamente *μ*.

<sup>38</sup>Partir de um antigo genitivo \*ἥπαρτος seria recusar o testemunho do sânscrito e ao mesmo tempo admitir inutilmente em grego um caso de alteração fonética, cujos exem-

neutro grego em  $-\alpha\rho, -\alpha\tau\omicron\varsigma$  existe provavelmente no lat. *Oufens* (masc.), *Oufentina*: cf.  $\omicron\upsilon\theta\alpha\rho, -\alpha\tau\omicron\varsigma$ . Pois *Oufens* vem de \**Oufento-s*.

2º O *t* que se mostra no nom.-ac. do sânscr. *yákṛt* bem poderia, apesar de tudo, ter tido um papel no fenômeno. Ter-se-ia um paralelo impressionante no lat. *s-an-gu(-en)* em comparação ao sânscrito *ás-ṛ-g*, g. *as-n-ás*<sup>39</sup>; vemos aí claramente o elemento consonântico adicionado ao *ṛ* do nom.-ac. se propagar pelo tema em *-n*. Por outro lado há alguma possibilidade de que a dental de *yákṛt* (*yakṛd*) seja a mesma que a que marca o neutro nos temas pronominais<sup>40</sup>; nesse caso é na verdade um *d*, e não há mais com que se preocupar na questão do  $\tau$  grego.

3º No caso onde a inserção do  $\tau$  teria surgido dos temas em  $-\alpha\rho$ , é notável que o nom.-ac. de palavras em  $-\mu\alpha$  tenham sofrido também um metaplasmo vindo desses temas, pois as formas  $\hat{\eta}\mu\text{-}\alpha\rho, \tau\acute{\epsilon}\kappa\text{-}\mu\alpha\rho, \tau\acute{\epsilon}\kappa\text{-}\mu\omega\rho$  nada têm de análogo nas línguas congêneres. É verdade que, segundo a etimologia que se aadote, talvez seja preciso dividir assim:  $\hat{\eta}\mu\text{-}\alpha\rho, \tau\acute{\epsilon}\text{-}\kappa\mu\text{-}\alpha\rho, \tau\acute{\epsilon}\text{-}\kappa\mu\text{-}\omega\rho$ . [p. 29]

4º Os temas neutros  $\delta\omicron\upsilon\rho\alpha\tau, \gamma\omicron\upsilon\nu\alpha\tau$ , que, na maior parte da flexão, substituem  $\delta\acute{\omicron}\rho\upsilon, \gamma\acute{\omicron}\nu\upsilon$ , são talvez para o sânscr. *dāru-ṇ(-as), jānu-n(-as)* aquilo que  $\acute{\omicron}\nu\omicron\mu\alpha\tau$  é para o sânscr. *nāmn(-as)*. Isto, sem querer prejudicar o valor morfológico da nasal de *dāru-ṇ-*, e sobretudo sem insistir sobre a escolha

plos, se existem (v. p. 8), são em todo caso esporádicos. É verdade que *yakṛt* é também, mais tarde, declinado inteiro assim; mas o importante é que *yakan* não pode ter outro nominativo que *yákṛt*. – O lat. *jecinoris* substituiu o antigo \**jecinis*, graças à tendência à uniformidade que fez passar o *or* do nominativo para os casos oblíquos. – Lindner (p. 39 de son *Altindische Nominalbildung*) vê também em  $\hat{\eta}\pi\alpha\tau\omicron\varsigma$  o equivalente do sânscr. *yaknás*.

<sup>39</sup>Excelente reconciliação de Bopp, em favor de que ficamos felizes de ver Ascoli intervir (*Vorlesungen über vgl. Lautlehre*, p. 102). A perda do *a* inicial tem sua razão de ser; v. o índice.

<sup>40</sup>Cf. *yúvat* (*yúvad*), neutro védico de *yúvan*.

desses dois temas em *u*, cuja flexão primitiva levanta um grande número de outras questões.

5º Mesmo em sânscrito, certas formas fracas de temas terminados em *an* se unem a um *t*; assim *yuvatí* (= *yuvṛti*) junto *yūnī*, ambos derivados de *yuvan-*. Por sua vez o indiano *yuvatí* lembra-nos a formação grega: \**προφρητυα*, *πρόφρασσα*, feminino de *προφρον-*. Cf. novamente *yívat* no lugar de \**yúva* no neutro, forma que admite também uma outra explicação (p. 28, nota 2), e *varimátā*, *ṛkvatā*, instrumentais védicos de *varimán*, *ṛkvan*.

6º As palavras do antigo eslavônico como *žrěbę*, gén. *žrěbęt-e* "potro", *tele teleť-e* "bezerro" etc. têm um sufixo que coincide com o *ατ-* do grego em uma forma primitiva *-ṛt*. No entanto, essas palavras são diminutivos de formação secundária, e o grego talvez tenha um só exemplo desse gênero, o homérico *προσώπατα* que parece ser derivado de *πρόσωπο-ν*. Pode-se conjecturar ainda assim que as formas eslavas em questão sejam mesmo a última lembrança de temas como *ῆπαρ -ατος*, e *yákṛt*, *-nás*. Segundo o que se disse acima, o nom.-ac. em *-ę* só poderia ser recente; encontramos provavelmente em latim o nom.-ac.: *ungu-en*, em grego: *ἄλειφα* junto de *ἄλειφαρ*.

Eis algumas conexões que vêm à mente na questão da origem do *τ* nos sufixos *-ατ* e *-ματ*. Nós nos abstermos de de qualquer julgamento, mas ninguém duvidará, no que concerne ao *α*, que ele não represente uma nasal soante.

Junto do sânscr. *náma* estão, com relação ao tratamento da nasal soante



final, os nomes de número seguintes:

*saptá* = lat. *septem*, gót. *sibun*, gr. *ἑπτὰ*

*náva* = lat. *novem*, gót. *niun*, gr. *ἐννέα*

*dása* = lat. *decem*, gót. *taihun*, gr. *δέκα*

A forma do nominativo-acusativo é a única que fornece material para comparação. À questão: "quais são os temas desses nomes de número?" a gramática hindu responde: *saptan-*, *navan-*, *daśan-*, e em seu ponto de vista ela tem razão, pois um instr. pl. como *saptabhis* não se distingue em nada da forma correspondente do tema *nāman-*, que é *nāmabhis*. No entanto, se consultamos as línguas congêneres, duas entre elas nos mostram a nasal labial, o latim e o lituano (*déšimtis*<sup>41</sup>), e essas duas [p. 30] línguas são as únicas que podem esclarecer a questão, visto que o gótico converteu o *m* final em *n*.

Segunda prova em favor da nasal labial. O sânscrito termina os seus nomes de número ordinais, de dois a dez, por *-tīya*, *-tha* ou *-ma*.<sup>42</sup> Omitindo por um instante o adjetivo ordinal que corresponde a *pāñca*, e juntando as formas onde o sufixo começa por uma dental, tem-se uma primeira série, composta de:

*dvi-tīya* ; *tṛ-tīya*, *catur-thá*, *ṣaṣ-thá*,

e uma segunda onde se encontram:

*saptamá*, *aṣṭamá*, *navamá*, *daśamá*.

Nas línguas européias a primeira formação é a mais difundida, e em gótico ela substituiu completamente a segunda. Ainda assim é visível, entretanto, que as duas séries do sânscrito remontam, exatamente, exceto pelas mudanças fonéticas,

<sup>41</sup>, são de formação secundária. Leskien, *Declin. im Slavisch-Lit.*, p. XXVI.

<sup>42</sup>Não levamos em conta *prathamá* e *turīya*, estranhos à questão.

à língua indo-europeia. De fato nenhum idioma da família mostra a terminação *-ma* onde o sânscrito tem *-tha* ou *-tīya*, enquanto que a cada forma da nossa segunda série responde, ao menos numa língua, um adjetivo em *-ma*: não citamos o iraniano, vizinho demais do sânscrito para mudar muito a certeza do resultado.

Quanto a *saptamá*: gr. ἑβδόμος, lat. *septimus*, pruss. *septmas*, esl. *sedmŭ*, irl. *sechtmad*.

Quanto a *aṣṭamá*: lit. *ašmas*, ant. esl. *osmŭ*, irl. *ochtmad*.

Quanto a *navamá*: lat. *nonus* no lugar de *\*nomus* vindo de *\*noumos*, v. Curtius Grdz., p 534.

Quanto a *daśamá*: lat. *decimus*.

Assim os nomes do número sete, oito, nove e dez, e somente eles formavam na língua mãe adjetivos ordinais em *-ma*. Ora, ocorre exatamente que esses quatro nomes de número<sup>36</sup>, e somente eles, terminam [p. 31] numa nasal. Ou isso é um fruto singular do acaso, ou a nasal dos cardinais e a dos ordinais são em verdade uma só e a mesma; em outras palavras, até onde se tem direito de considerar os primeiros como bases dos segundos, o sufixo derivativo dos ordinais é *-a*, e não *-ma*<sup>43</sup>.

A nasal latente de *saptá*, idêntica àquela que aparece em *saptamá* é, assim, um *m*. Mesma conclusão, no que concerne a *aṣṭá*, *náva*, *dáśa*.

Voltamos ao nome do número cinco. Bopp (Gr. Comp. II, p. 225i seq. da tradução francesa) assinala a ausência da nasal final nas línguas europeias<sup>44</sup>, assim

<sup>43</sup>Quanto a saber se, como último recurso, não se acharia um parentesco particular entre o *-ma* do superlativo e o *-m-a* dos adjetivos ordinais, de uma maneira que, por exemplo, já no período proétnico, a terminação *ma* destas teria produzido o significado do superlativo, e teria sido estendida a partir daí a outros temas para elevá-los a essa função, estas são questões que não examinaremos aqui.

<sup>44</sup>O gótico *fimf* seria "fimfun" se tivesse uma nasal final.

como o ε do grego πέντε junto do α de ἐπτά, ἐννέα, δέκα "conservado pela nasal". – "De todos esses fatos, diz ele, vem a tentação de concluir que a nasal final de *pañcan*, em sânscrito e em avéstico, é uma adição de data posterior." Mas também é exagero atribuí-la às línguas árias: com efeito, o gen. sânscr. *pañcānām* (avést. *pañcanām*) seria completamente irregular se derivasse de um tema em *-an*; ele foi simplesmente emprestado dos temas em *-a*<sup>45</sup>. Os compostos artificiais tais como *priyapañcānas* (Benfey, Vollst. Gr., §767) não têm valor linguístico algum, e as formas *pañcábhis*, *-bhyas*, *-su* não provam nada para qualquer uma das opções<sup>46</sup>. Assim, nada nos faz supor a existência de uma nasal. [p. 32]

Os adjetivos ordinais desse número são:

gr. πέμπτos, lat. *quin(c)tus*, (gót. *fimfta*), lit. *pènktas*, ant. esl. *peřŭ*, avést. *puχda*, sânscr. véd. *pañcathá*.

O número cardinal não tendo a nasal final, essas formações se conformam à regra estabelecida acima. Se, junto de *pañcathá*, o sânscrito – mas só o sânscrito – mostra-nos já no Veda a forma *pañcamá*, é porque, para usar a fórmula conveniente de Havet, sendo dados *pañca* e o par *saptá-saptamá*, ou mesmo *dása-dasamá* etc., o hindu tirou disso, naturalmente, a *quarta proporcional*: *pañcamá*.<sup>47</sup>

Ascoli, em sua explicação do sufixo grego -τατο, toma como ponto de partida os adjetivos ordinais ἕνατος e δέκατος. Nossa tese não nos força a abandonar a

<sup>45</sup>O ponto de partida de todos os genitivos de nomes de número em *-ānām* parece ser *trayānām*, que deriva de *trayá-*, e não de *trí-*. A acentuação norteou-se pela acentuação de outros nomes de número. O avéstico, que permite supor (cf. , ), atesta a antiguidade desse genitivo anormal.

<sup>46</sup>Essas mesmas formas cujo testemunho não importa na questão de saber se o nome do número cinco tem ou não nasal final, naturalmente não pesam mais na balança, ainda que se trate de saber se a nasal de *náva*, *dása* etc. – cuja existência não é duvidosa – é um *n* ou um *m*.

<sup>47</sup>Encontra-se ao contrário *saptátha*, avést. *haptaða*, junto de *saptamá*. Na presença do acordo quase unânime das línguas congêneres, incluindo o grego, ainda que tenha uma preferência bem marcada pelo suf. -το, não se suporá que esta é a forma mais antiga.

teoria de Ascoli; basta adicionar uma fase à evolução que ele descreveu, e dizer que ἑνατος, δέκατος são eles mesmos formados em solo grego à imagem de τρίτος, τέταρτος, πέμπτος, ἕκτος<sup>48</sup>.

O valor fonético primitivo da terminação *-ama* das formas sânscritas, e aquilo que corresponde a ele nas outras línguas, é discutido alhures.

Não foi inútil para o começo deste estudo acentuar o fato, em geral muito conhecido, de que a nasal final dos nomes de número é um *m*, e não um *n*. O valor morfológico desse *m*, de resto, não é conhecido, e ao pô-lo provisoriamente sob a rubrica *sílabas sufixais* não queremos de maneira alguma decidir esta questão obscura.

Além da flexão propriamente dita, duas operações gramaticais podem causar nos sufixos variações que engendrarão a nasal – ou a líquida – soante, a saber a composição e a derivação. Essas são as que estudaremos agora.<sup>49</sup>

É uma lei constante desde a origem que os sufixos que expulsam o seu *a* diante de certas desinências tomam também essa [p. 33] forma reduzida, quando o tema ao qual eles pertencem torna-se o primeiro membro de um composto. Brugmann K. Z. XXIV 10. Cf. acima p. 19.

O segundo membro do composto começando por uma consoante, ver-se-á nascer a soante no fim do primeiro. As línguas árias foram sempre fiéis a essa antiga formação:

sânscr. *nāma-dhéya* (= *nāmṇ-dhéya*)

Essa forma em *-a*, que só se justifica diante das consoantes, é então genera-

<sup>48</sup>Procuramos, infelizmente sem sucesso, uma outra obra de Ascoli que tem relação mais direta aos nomes de número, intitulado: *Di un gruppo di desinenze Indo-Europee*.

<sup>49</sup>O número de líquidas soantes devidas à mesma origem sendo bem pequeno, só toca-

lizada da mesma maneira que no nom.-ac. neutro: tem-se então em sânscrito *nāmāñka* no lugar de *\*nāmnāñka*. – *āsmāsyà* de *āsmān* "pedra" e *āsyà* "boca" é um exemplo védico dessa formação secundária; é, assim, o único que se encontra no dicionário do Ṛgveda de Graßmann<sup>5º</sup>, e há simultaneamente uma quantidade de compostos onde o primeiro membro é *vr̥ṣan* e que oferecem os resquícios do procedimento antigo: *vr̥ṣan* composto com *āśva* por exemplo dá, não *vr̥ṣāśva*, mas *vr̥ṣaṇāśvā*, que se deve traduzir: *vr̥ṣṇ-n-āśvā*. Da analogia com os temas em *-r* (*pitrartha* de *pitar* e *artha*), seria de se esperar *\*vr̥ṣṇāśvā*; e encontramos aqui a alternativa formulada acima em *stāmn\_āpi*, *stāmn\_āpi*. Talvez na composição seja preciso, como na frase, manter a segunda fórmula, e que *pitrartha* deva, por ser mais novo, dar ordem de precedência a *vr̥ṣaṇāśva*.

Nos compostos gregos onde o primeiro membro é um neutro em *-μα*, *ὄνομα-κλυτός* por exemplo, pode-se, junto com Brugmann (*Stud.* IX 376) reconhecer um último vestígio da formação primitiva, que foi substituída em todos os outros casos pelo tipo *ἀρρεν-ο-γόνος*. Cf. p. 34 *ἄπαξ* e *ἀπλός*.

Derivação. Nem é preciso dizer que aqui como em todo lugar a soante só representa um caso particular de um fenômeno geral de enfraquecimento; que ela só aparecerá se o elemento derivativo começar por uma consoante. Vejamos primeiro alguns exemplos do caso inverso, onde o sufixo secundário começa por uma vogal. Já no primeiro volume do *Journal de Kuhn* (p. 300), Ebel punha em paralelo a síncope do *a* nos casos fracos do sânscr. *rājān* (gén. *rājñas*) e a formação de *λίμν-η*, *ποιμν-η*, [p. 34] derivados de *λιμήν*, *ποιμήν*. Brugmann (*Stud.* IX 387 seq.) reuniu um certo número de exemplos desse tipo que se referem aos temas em *-ar*, e entre

---

mos neste assunto na página 19.

<sup>5º</sup>Adicione-se no entanto os compostos de nomes de número, como *saptāśva*, *dāsāritra*. O caso deles é um pouco diferente.

eles notar-se-á sobretudo o lat. *-sobrīnus* = *\*-sosr-īnus*, de *soror*. Cf. loc. cit. p. 256, o que se disse sobre ὄμν-ο-ς, considerado como um derivado de ὄμῆν.

O elemento derivativo começa por uma consoante:

O sufixo *-man* aumentado com *-ta* torna-se *-mṅta*. Um exemplo conhecido é: sânscr. *śró-mata* = antigo alto alemão *hliu-munt*. O latim mostra, regularmente, *-mento* : *cognomentum*, *tegmentum* etc.

Um sufixo secundário *-bha* que se une de preferência aos temas em *-an* serve para formar certos nomes de animais. Sua função se limita a *individualizar*, seguindo a expressão consagrada por Curtius. Assim o tema que é em avéstico *arshan* "macho" só aparece em sânscrito na forma ampliada *ṛṣa-bhá* (= *ṛṣṇ-bhá*) "touro". Igualmente: *vr̥ṣan*, *vr̥ṣa-bhá*. A algum desses dois temas se relaciona o grego Εἰραφ-ιώτης, eól. Ἐρραφ-εώτης, epíteto de Baco<sup>51</sup>, v. Curtius *Grdz.* 344.

O grego possui como o sânscrito um número enorme desses temas em *-ṇ-bha*, entre eles ἔλ-αφο-ς é particularmente interessante, o eslavo *j-elen-ŭ* conservando-nos o tema em *-en* de onde é derivado. Curtius reconstrói ἔλλός "corça" de *\*ἔλν-ός*; este seria uma outra ampliação do mesmo tema *el-en*.

As palavras latinas *columba*, *palumbes*, pertencem, ao que parece, à mesma formação; mas seria de se esperar *-emba*, não *-umba*.

O sânscr. *yúvan* "jovem", continuado pelo sufixo *-śa*, dá *yuvaśá*. A quem seja tentado a dizer que "a nasal caiu" bastaria lembrar o lat. *juven-cu-s*. O tema primitivo é, assim, *yawṇ-kṛá*. O gót. *juggs* parece vir de *\*jivuggs*, *\*jiuggs*; cf. *niun* no lugar de *\*nivun*.

O Sânscr. *párvata* "montanha" parece ser uma ampliação de *párvan* "articulação, separação". Compare-se o nome de país Παρρασία, v. Vaniček, *Gr.-Lat. Et. W.*

<sup>51</sup>O ε inicial é provavelmente só uma alteração eólo-jônica (cf. ἔρσην) do α que deve

523.

O tema grego ἐν- "um", mais antigamente \*σεμ-, dá ἄ-παξ e ἄ-πλόος, que estão no lugar de \*σῆπαξ, σῆπλος. A mesma [p. 35] forma *ση-* se encontra no lat. *sim-plex* = \**semplex* e no indiano *sa-kṛt*.

No Veda, os adjetivos em *-vant* tirados de temas em *-an*, conservam frequentemente o *n* final desses temas diante de *v*: *ómanvant*, *vṛṣaṇvant* etc. Isto não deve impedir de reconhecer a nasal soante, pois diante de *y* e *W*, quer seja em grego ou em sânscrito, é *an* e e não *a* que é o representante regular<sup>52</sup>. É isso que pudemos constatar já quanto ao particípio perf. ativo, na página 22 onde citamos *sa-saván*. Essa forma é a única de sua espécie, os outros particípios como *jaghanván*, *vavanván*, mostrando todos a nasal. *sasaván* não se encaixa no metro em muitas passagens; Grassmann e Delbrück propõem *sasanván*<sup>53</sup>. É com efeito *-anván* que se deve esperar como continuação de *-ṇwán*, e *-ṇwán* é a única forma que se pode justificar morfológicamente: cf. *śúsukvān*, *cakṛván*. O avéstico é idêntico a *jaghanván*.

A formação dos femininos em *-ī* constitui um capítulo especial da derivação. Tomemos somente aqueles que são dados pelos temas em *-vant* dos quais acabamos de falar: *ṇṛ-vátī*, *re-vátī* etc. O grego responde com *-φασσα* e não \**-φασσα* como se esperaria. Homero usa certos adjetivos em *-φεις* no feminino: ἐς Πύλον ἡμαθόεντα, mas disso no decorre no entanto que o fem. *-φασσα* seja completamente moderno: isto é tanto menos provável quanto um primitivo *-φεντα* é impossível: ele teria

---

fazer esperar um *ṛ* na forma sânscrita.

<sup>52</sup>Essa evolução da nasal soante não deve ser posta em paralelo com os fonemas *ṛ* e *ṛr*, p. ex. em *tīrván*, *pūryáte*, ou ao menos só com certas precauções cuja explicação exigiria uma grande digressão. A existência do *ṛ* em *cakṛván*, *jāgrván*, *paṇván* etc., basta para entrever a disparidade dos dois fenômenos.

<sup>53</sup>É possível também conjecturar *sasāván*; cf. *sātá*, *sāyáte*.

dado  $-\text{φεισ}\alpha$ . Mas a ausência da nasal se explica pelo  $*\text{-φασσα}$  hipotético, que substituiu  $\alpha$  por  $\epsilon$  e que, além disso, permaneceu igual, limitando-se a imitar o vocalismo do masculino.

Chegamos às nasais soantes das sílabas desinenciais, e assim ao segundo modo de formação desses fonemas (v. página 19), onde o  $a$ , ao invés de ser expulso como nos [p. 36] casos precedentes, nunca existiu em época alguma. Será indispensável ter em mente um fator importante, a acentuação da palavra, que preferimos ignorar até aqui, e isto principalmente pela razão seguinte, que a formação das nasais – e líquidas – soantes da primeira espécie coincidindo quase sempre com um distanciamento da tônica, a história de suas transformações posteriores é por isso mesmo isenta suas influências.

Ao contrário, a formação das nasais soantes da segunda espécie é evidentemente de todo independente do acento: é possível que lhes aconteça carregar esse acento, e nesse caso o tratamento que elas sofrerão refletirá isso.

Seremos o mais breve possível, tendo pouco a acrescentar à explicação de Brugmann.

Para as línguas árias, a regra é que a nasal soante que tenha o acento se desenvolva em  $an$  e não em  $a$ .

A desinência  $-nti$  da 3ª pessoa do plural. Essa desinência, adicionada a temas verbais consonânticos, dá lugar à nasal soante. Na maior parte do tempo o acento incide nessa soante, e se desenvolve então em  $an$  :

2ª classe :  $lih\text{-}\acute{a}nti = lih\text{-}\acute{\eta}ti$  7ª cl. :  $yu\tilde{n}j\text{-}\acute{a}nti = yu\tilde{n}j\text{-}\acute{\eta}ti$

Na 3ª classe verbal, a 3ª pessoa do plural da voz ativa tem a particularidade



de fazer remontar o acento à sílaba do redobro; também a nasal da desinência desaparece: *pí-pr-ati* = *pí-pr-ṅti*. É o mesmo para certos verbos da 2ª classe que têm a acentuação de verbos reduplicados, assim *śás-ati* de *śās* "comandar".

No que tange a *dádhati* e *dádati*, não é duvidoso que o *a* das raízes *dhā* e *dā* não seja elidido diante do sufixo, pois no presente desses verbos o *a* não é conservado diante de *nenhuma* desinência do plural ou do dual: *da-dh-más*, *da-d-más* etc. Isto seria mais discutível para a 3ª pess. do pl. *jáhati* de um verbo como *hā* em que a 1ª pes. do pl. faz *ja-hī-más*, onde por conseguinte o *a* persiste, ao menos diante das desinências que começam por uma consoante. Ainda assim, mesmo num caso equivalente, todas as analogias autorizam a admitir a elisão do *a* radical; limitamo-nos aqui a lembrar a 3ª pes. pl. do perf. *pa-p-ús* de *pā*, *ya-y-ús* de *yā*, etc. O *a* radical persistindo, nunca haveria havido [p. 37] nasal soante e *n* seria conservado em "*já-ha-nti*", assim como se conservou em *bhára-nti*. – Isto nos leva à forma correspondente da 9ª classe: *punánti*. Aqui dividiremos: *pu-n-ánti* = *pu-n-ṅti*, ao invés de atribuir o *a* ao tema; a nasal sobreviveu graças ao acento, exatamente como *lihánti*<sup>54</sup>.

A desinência *-ntu* do imperativo passa pelas mesmas peripécias que *-nti*.

A desinência *-nt* do imperfeito aparece, nos temas consonânticos, na forma *-an* no lugar de *-ant*. Essa desinência, recebendo o acento – ex. *vr-án* de *var* –, não tem nada de irregular.

A desinência do médio *-ntai* torna-se invariavelmente *-ate* em sânscrito, quando ela se une a um tema consonântico. Primitivamente a tônica nunca incidia na sílaba formada pela nasal, como mostram novamente as formas védicas como *rihaté*, *añjaté*. Brugmann, Stud. IX 294.

<sup>54</sup>Se há um argumento a tirar do imperfeito *apunata*, ele é em favor de nossa análise.

Quanto ao imperfeito *liháta*, a acentuação indo-europeia *righṅtá* não pode causar nenhuma dúvida, logo que se admita *righṅtái* (*rihaté*). Quanto à explicação da forma indiana, podem-se fazer duas hipóteses: ou o acento desloca-se em um período relativamente recente, como para o presente (véd. *rihaté*, cláss. *liháte*), ou esse deslocamento remonta a uma época mais recuada (ainda que já só ária) onde a nasal soante ainda existia, e é isso que sugere o védico *kránta* (Delbrück, *A. Verb.* 74) comparado a *ákrata*. Dir-se-ia, ao ver essas duas formas, que a desinência *-ata* só pertence na verdade às formas providas do aumento<sup>55</sup> e que em todas as outras a nasal soante acentuada deve ter-se tornado *an*, donde a desinência *-anta*. Mais tarde *-ata* ganharia terreno, e só *kránta* teria resistido como última testemunha do dualismo perdido. Essa segunda hipótese seria supérflua, se [p. 38] *kránta* fosse uma formação analógica, como não se pode duvidar quanto às formas que cita Bopp (*K. Gramm. d. Skr. Spr.*, §279): *práyuñjanta* etc. Cf. acima p. 11.

O particípio presente em *-nt*. O particípio presente de uma raiz como *vas* "querer" (2ª classe) faz no nom. pl. *usántas*, no gen. sg. *usatás*. Nas duas formas há a nasal soante; somente essa soante se traduz, seguindo o acento, em *an* ou em *a*. Ao contrário, no par *tudántas*, *tudatás*, de *tud* (6ª classe), só a segunda forma contém uma nasal soante, e de novo ela não é produzida da mesma maneira que em *usántas*: *\*tudṅtás* (*tudatás*) vem do tema *tuda<sub>2</sub>nt-* e perdeu um *a*, comme *\*tṅ-tá* (*tatá*) formado com *tan*; ao passo que *\*usṅtás* (*usatás*) vem do tema *usṅt-* e nunca teve nem perdeu o *a*. – Certas questões difíceis que se associam aos diferentes particípios em *-t* serão mencionadas no capítulo VI.

Até aqui a existência da nasal soante nas desinências verbais em *-nti* etc., só

<sup>55</sup>É certo que a acentuação dessas formas foi quase toda sem influência sobre o vocalismo, e que é preciso sempre partir da forma *sem aumento*. Mas isto não é necessariamente verdadeiro além do período proétnico.

é assegurada em verdade pela ausência de *n* nas formas do médio e outras, em *rihaté* por exemplo. As línguas da Europa com seu vocalismo variado trazem testemunhos mais positivos.

Os verbos eslavos que se conjugam sem vogal temática têm *-ęť* na 3ª pess. do plur.: *jadeť, vědeť, daděť* ; cf. *nesqť*. Igualmente os dois aoristos em *-s* fazem *něse, nesoše*, enquanto que o aoristo com vogal temática faz *nesq*.

O grego mostra, junto dos temas consonânticos, as desinências seguintes: no ativo, *-αντι* (*-ᾱσι*), *-ᾶτι* (*-ᾶσι*); no médio, *-αται*, *-ατο*.<sup>56</sup> As duas últimas formas não oferecem dificuldade alguma; trata-se somente de saber por que o ativo tem às vezes *-ατι*, às vezes *-αντι*. A desinência *-ατι* só aparece no perfeito: *ἐθώκατι, πεφήνασι*, mas o mesmo tempo mostra também *-αντι* (*-ᾱσι*): *γεγράφᾱσι* etc. O presente só tem *-αντι*. Brugmann atribui à influência do acento a conservação de *n* no presente: *ἔᾱσι = sánti*. No que tange ao perfeito, ele vê em *-ατι* a forma regular<sup>57</sup>: *-αντι* penetrou por analogia com o presente, ou mais provavelmente com o perfeito nas raízes em *α* como *ἔστα-ντι, τέθνα-ντι*. [p. 39] – O que se disse sobre o acento não é inteiramente satisfatório, porque ou se trata da acentuação que vimos em grego, e então *ἔαντι, ἐθώκατι* encontram-se ambos nas mesmas condições, ou ele é o tom primitivo para que o do sânscrito pode servir de norma, e aqui novamente encontramos uma paridade de condições: *sánti tudús*. A hipótese *túdati* ou *tudatí*, como forma mais antiga de *tudús* (p. 320) não tem base sólida. A ação do acento sobre o desenvolvimento da nasal soante em grego permanece assim envolvida por várias dúvidas.<sup>58</sup>

<sup>56</sup>Hesíquio tem, porém, uma forma *ἔσσανται*.

<sup>57</sup>Aqui deve-se lembrar que o autor considera justo o perfeito grego como não tendo vogal temática; o *α* não pertence ao tema.

<sup>58</sup>A questão é inextricável. Acaso temos certeza de que as formas do presente não cederam, até elas, à alguma analogia? No perfeito, não se está de acordo sobre a desinência pri-

Na 3ª pess. do pl. ἔλυσαν, -αν é a desinência; o tema é λυσ, como mostra Brugmann (p. 311 seq.). O optativo λύσειαν é obscuro. Quanto à forma arcádica ἀποτίνοιαν, nada impede de ver nela a continuação de -ητ, e é ao contrário a forma ordinária τίνοιεν que não se explica. Ela pode ter vindo de optativos em ιη, como δοίην, 3ª pl. δοίην.

Entre os participios, todos os do aoristo em σ contêm a nasal soante: λύσ-αντ. No presente deve-se citar o dór. ἔασσα (Ahrens II 324) e γεκαθά (έκοῦσα, Hes.) que Schmidt muda com justeza para γεκάσα. Qualquer comentário sobre essas duas formas faria nascer num instante uma legião de questões tão espinhosas que faremos muito melhor em nos calar.

A desinência -ns do acusativo plural. O ário mostra nos temas consonânticos: -as: sânscr. *ap-ás*, que seria regular, não sendo o acento que cai na desinência e que faz esperar \**-án* = \**-áns*. Brugmann desenvolveu por extenso a opinião de que essa forma da flexão sofreu uma perturbação [p. 40], que originalmente o acusativo plural foi um caso forte, como é ainda em avéstico e quase sempre nas línguas europeias, e que o acento caía em consequência na parte temática da palavra. Só podemos nos alinhar da sua opinião. – A substituição do *a* na nasal soante precede essa inversão do acusativo plural; daí vem a ausência da nasal.

O grego tem -ας regularmente: πόδ-ας, cf. ἵππους. As formas cretenses como φοινίκ-ανς só se devem à analogia de πρειγευτά-νς etc. Brugmann *loc. cit.*, p. 299.

---

mitiva da 3ª pess. do plural. Além disso, seria necessário ter bem clara a natureza da elisão do *a* final das raízes, diante das desinências que começam por uma soante: entre τίθε-ντι e *jáhati* = *jah-ητι*, qual o mais antigo? Muitos indícios, no grego mesmo, diriam em favor da segunda alternativa (assim τιθέασι, arcád. ἀπυδόας seriam um vestígio de \*τιθαντι – ou \*τιθατι? –, \*ἀποδας; a vogal breve de γνούς, ἔγνον se explicaria de uma maneira análoga). Por fim as formas impressionantes da 3ª pess. do plur. da raiz *as* "ser" não ajudam, muito pelo contrário, a esclarecer a questão, o cúmulo da história, pode-se perguntar, como faremos mais abaixo, se a 3ª pess. do plur. indo-européia não era uma forma com sílaba radical forte, levando o acento *na raiz*.

- O lat. *-ēs* pode descender em linha direta de *-ns, -ens*; o umbro *nerf* = *\*nerns*.
- O acus. gót. *broþrun*s foi talvez, apesar de sua antiguidade aparente, formado secundariamente de *broþrum*, como o nom. *broþrjus*. Cf. p. 45.

A desinência *-m*. (*Acusativo singular e 1ª pess. do sing.*) O acus. sing. *pádam* e a 1ª pess. do imperf. *ásam* (raiz *as*) decompõem-se em *pād + m, ās + m*.

Como é que não encontramos "*páda, ása*", como acima *náma, dása*? A primeira explicação à qual se recorre é infalivelmente a seguinte: a diferença de tratamento se deve à diferença de nasais: *pádam* e *ásam* terminam em *m*, *náma* e *dása* em *n*. É para prevenir de uma vez por todas essa solução errônea que nós somos obrigados (p. 29 seq) a estabelecer que a nasal de *dása* só pode ser a nasal labial; é preciso então procurar outra resposta para o problema. Eis a de Brugmann (*loc. cit.*, p. 470): "deixada à sua própria sorte, a língua parece ter-se inclinado a rejeitar a nasal, e em *dása* ela deu rédeas soltas a essa inclinação, mas o *m* em *pádam* foi freado pelo de *ásva-m*, e em *ásam* pelo de *ábhara-m*." Isto tenderia a admitir uma ação possível de analogia ao longo das transformações fonéticas, que são consideradas normalmente como sendo sempre mecânicas; princípio que nada tem de inadmissível em si mesmo, mas que exigiria novamente ser provado. Se consultamos as línguas congêneres, o eslavo nos mostra o acus. sing. *matere*<sup>59</sup> = sânscr. *mātáram*, mas *imę* = sânscr. *náma*; o gótico tem o acus. sing. *fadar* = sânscr. *pitáram*, mas *taihun* = sânscr. *dása*. Isto nos adverte, creio, sobre uma diferença primordial. Acima admitimos que uma palavra indo-europeia *stām̃* (sânscr. *sthāma*) sempre foi dissilábica e que, seguida de uma vogal, [p. 41] ela não se tornava *stāmn*.<sup>60</sup> Pode-se

<sup>59</sup>Scholvin em sua obra *Die declination in den pannon.-sloven. denkmälern des Kirchensl. (Archiv f. Slav. Philol. II 523)*, diz que a sintaxe eslava não permite decidir com certeza se *matere* é algo que não um genitivo, e admite que há de fato toda a probabilidade de que essa forma seja realmente vinda de um antigo acusativo.

<sup>60</sup>Para os neutros em *-man* que são derivados de uma raiz terminada por uma conso-

imaginar ao contrário que o acus. *patarm* fazia *patarm\_āpi*, e admitir até que *patarm* permanecia dissilábico diante de consoantes: *patarm\_tasya*.<sup>61</sup> Sem dúvida não se deve querer propor uma regra completamente fixa, e a consoante final do tema acarretava variações, necessariamente; nos acusativos como *bharantm*, uma pronúncia dissilábica é impossível diante de consoantes. Mas ainda temos os indícios positivos de um esforço enérgico da língua que tendia a que o *m* do acusativo não formasse uma sílaba: são as formas como o sânscr. *úśām*, avést. *ushām* = *\*úśásm*, *pánthām*, avést. *pañtām* = *\*pánthanm*<sup>62</sup>, e uma multidão de outros de que Brugmann tratou *Stud.* 307 seq., *K. Z.* XXIV 25 seq. Certos casos como *Zḡv* = *dyām*, *βῶv* = *gām*, parecem ser ainda mais antigos. Da mesma forma, no verbo, tem-se a 1ª pess. *vam* = *\*varm* (Delbrück, *A. Verb.*, p. 24). Se essa pronúncia se perpetuou até a substituição da nasal soante pelo *a*, imagina-se que o *m* de *patarm* e *āsm* foi salvo e se desenvolveu então em *-am* por *svarabhakti*. – O gót. *fadar* no lugar de *\*fadarm* perdeu a consoante final, enquanto *\*tehm* se desenvolveu em *taihun*. No que tange à primeira pessoa do verbo, Paul reconstruiu o subjuntivo *bairau* de um *\*bairaj-u* = sânscr. *bhárey-[a]m*; se esse *-u* não está de acordo com o desaparecimento total da desinência em *fadar*, deixa subsistir ao menos a diferença com os nomes de número, que têm *-un*. Brugmann indicou (p. 470) uma possibilidade segundo qual o acus. *tunḡu* pertenceria a um tema *tunḡ-*; o acordo com *bairāu* seria então recuperado; mas por que *fadar* e não *\*fadaru*? Deve-se admitir uma assimilação do acusativo ao nominativo? O eslavo *\*materem*, *matere* deve ter-se desenvolvido

---

ante, é a única hipótese possível, visto que *n* se encontra então precedido de duas consoantes (*vakmḡ*, *sadmḡ*) e que nessas condições ele é quase sempre forçado a fazer uma sílaba mesmo diante de uma vogal. – Quanto aos nomes de número, será observado que o dissilabismo de *saptm* se prova pelo acento que concorda no *saptá*, no gr. *ἑπτὰ* e no gót. *sibun*, que cai sobre a nasal.

<sup>61</sup>Cf. a pronúncia de palavras alemãs como *harm*, *lärm*.

<sup>62</sup>Essas formas, diga-se de passagem, são naturalmente importantes para a tese mais

em *\*materm* ainda antes da entrada em vigor da lei que incidiu sobre as consoantes finais. A primeira pessoa dos aoristos não-temáticos *něsŭ*, *nesochŭ* não é mais uma forma pura: ela seguiu a analogia do aoristo temático. No lado oposto encontramos *imē* no lugar de *imŋ*. – Deveríamos ter mencionado já mais acima que a regra estabelecida por Leskien segundo qual um *q* final sempre contém um antigo *ā* longo não afasta a possibilidade de que *ē* nas mesmas condições continue uma nasal soante; pois este último fonema pôde ter uma ação bem especial (cf. [p. 42] gót. *taihun* etc. onde ele conservou a nasal, contra a regra geral), e o *ē* só está no fim da palavra nesse caso. – Em grego e em latim os dois finais são confundidos num mesmo tratamento.

Mencionemos de novo a 1ª pess. do perf. sânscr. *véd-a*, *oīḍ-α*. Aos olhos de Brugmann a desinência primitiva é *-m*. Nesse caso, diz Sievers, o germ. *vait* vem da 3ª pessoa, pois o descendente normal de *vaidm* seria "*vaitun*".

Em resumo, a soma dos fatos discutidos neste capítulo e cuja descoberta devemos a Brugmann e Osthoff<sup>63</sup> é extremamente digna de atenção. Estes fatos encontram sua explicação na hipótese desses estudiosos sobre as líquidas e nasais soantes proétnicas, que consideramos doravante como completamente garantida. – Resumamos os argumentos mais salientes que falam em seu favor:

1. Quanto às líquidas, quem quer que não chegue a negar o vínculo comum que os fatos enumerados têm entre si, deverá reconhecer também que a hipótese de um *r* vogal é a que dá conta da maneira mais simples, a que se apresenta o mais naturalmente à mente, dado que este fonema existe, dado que ele se

geral de que a desinência do acus. dos temas consonânticos seja *-m* e não *-am*.

<sup>63</sup>A hipótese das líquidas soantes indo-europeias foi feita faz dois anos por Osthoff, *Beiträge de Paul et Braune* III 52, 61. A lei de correspondência mais geral que ele estabeleceu foi divulgada com sua autorização nos *Mémoires de la Soc. de Ling.* III 282 seq. Infeliz-

encontra nesse lugar numa das línguas da família, o sânscrito. Logo, há uma fortes indícios de que as nasais possam ter funcionado da mesma forma.

2. Certas variações do vocalismo dentro de uma mesma raiz, que se observam em concordância em muitas línguas, explicam-se por esta hipótese.
3. A identidade teórica das duas espécies de nasais soantes – as que devem-se produzir pela perda de um *a* (τατός) e as que devemos esperar da união a um tema consonântico de uma desinência começando por nasal (ῥαται) – é assegurada pelos fatos fonéticos.
4. Ao mesmo tempo as ditas desinências encontram-se reduzidas a uma unidade: não é mais necessário admitir pares: *-anti, -nti* ; *-ans, -ns* etc. [p. 43]
5. A ideia que se tinha, de que as nasais puderam em certos casos ser expulsas desde o período proétnico, conduz sempre, se considerarmos as coisas de perto, a duas consequências contraditórias. A teoria da nasal soante remove essas dificuldades ao propor, em princípio, que na língua mãe nenhuma nasal foi expulsa.

Quanto às objeções, poder-se-ia pensar em atacar a teoria precisamente neste último terreno, e propor a possibilidade da rejeição das nasais baseando-se no sufixo sânscrito *-vamś* que faz *-úś* nos casos muito fracos; o grego *-υια* = *-úsi* prova que essa última forma já é proétnica. Na hipótese da nasal soante, a forma mais fraca teria podido dar algo diferente de *-vas* = *-wñs*. Mas é muito provável, como mostra Brugmann K. Z. XXIV 69 seq., que a forma primeira do sufixo é *-was*, que ele só foi infectado pela nasal nos casos fortes no ramo indiano das línguas, e isto

---

mente este estudioso não publicou nenhuma monografia completa sobre o assunto.



por analogia.<sup>64</sup>

Joh. Schmidt, aderindo, em geral, completamente à teoria de Brugmann na resenha que fez na *Jenaer Literaturz.* 1877, p. 735, preferiria substituir a nasal soante por uma nasal precedida de uma vogal irracional:  $\bar{a}s^a n t a í = \eta \alpha \tau a i$ . Ele acrescenta: "se se quisesse, baseando-se em *ukṣṇás*, reconstruir *ukṣábhis* de *ukṣṇbhis*, seria preciso também, para ser coerente, fazer descender *śvábhis*, *pratyágbhis* de *\*śunbhis*, *pratīgbhis*." O argumento é dos mais bem escolhidos, mas não se deve perder de vista o fato seguinte: de que os grupos *i + n*, *u + n*, ou mesmo *i + r*, *u + r* podem sempre se combinar de duas maneiras diferentes, conforme se ponha o acento silábico no primeiro elemento ou no segundo – o que não muda em absolutamente nada a natureza deles. Obtém-se assim: *in* ou *yn* (mais exatamente *īn*), *un* ou *yn* (*un*) etc. Ora, a observação mostra que a língua se decide pela primeira ou pela segunda alternativa, conforme o grupo for seguido [p. 44] por uma vogal ou uma consoante: *śu + n + as* se torna *śunas*, não *śwṇ(n)as*; *śu + n + bhis* se torna *śwṇbhis* (= *śvabhis*), não *śunbhis*. As líquidas atestam muito claramente essa regra: a raiz *war*, privada de seu *a*, tornar-se-á *ur* diante do suf. *-u*: *uru*, mas *wṛ* diante do suf. *-ta*: *vṛta*.<sup>65</sup>

<sup>64</sup>Pode-se argumentar, entre outras coisas, a favor desse a palavra *anaḍ-vah*, nom. *anaḍvān* que vem da raiz *vah* ou da raiz *vadh*: nunca houve nasal em nenhuma das duas. Então a palavra *púmān* cujo instr. *pumṣá* só se explica partindo-se de um tema *pumas* sem nasal. É verdade que este último ponto só é completamente incontestável para quem admitir já a nasal soante.

<sup>65</sup>As combinações de duas soantes criam, além disso, uma série de questões que demandariam uma investigação paciente e que não se deve esperar resolver imediatamente. É por isso que omitimos mais acima as formas como *cinvánti*, *δεικνύασι* (cf. *δεικνύσι*); *cinvánt*, cf. *δεικνύς*. A regra que vem a ser proposta parece, no entanto, verificar-se quase em todas as circunstâncias no ário, e provavelmente também em indo-europeu. Certas exceções como *purūn* (e não "purvas") = *puru + ns*, podem ser explicadas por considerações especiais: o acento de *purú* cai sobre o *u* final e não passa para as desinências casuais – o gen. plur. *purūṅām* junto de *purūṅām* tem um caráter recente –; o *u* é, por conseguinte, forçado a permanecer uma vogal: então a nasal será uma consoante, e a forma *\*purúns* se define. As paroxítonas em *-u* terão seguido então essa analogia.

Poder-se-ia objetar ainda que *ukṣṇbhis* é uma reconstrução inútil, pois em *dhaníbhis* de *dhanín* onde não se trata de uma questão de nasal soante, notamos a mesma ausência da nasal que em *ukṣábhis*. Mas os temas em *-in* são formações obscuras, provavelmente muito recentes, que deviam ceder facilmente à analogia dos temas em *-an*. Pode-se citar quanto a isto a forma *maghóṣu* de *maghávān* confirmada pelo metro *RV X 94, 14* num hino onde a prosódia é, é verdade, bastante singular. Dos casos muito fracos como *maghónas* abstraiu-se um tema *maghon-*: desse tema tira-se *maghóṣu*, como de *ukṣan ukṣásu*.

A cronologia da nasal soante é bastante clara para as línguas asiáticas, onde ela deve ter sido substituída desde o período indo-iraniano por uma vogal vizinha ao *a*, mas que podia ser ainda distinta. Para o caso onde a nasal soante seguida de uma semivogal aparece em sânscrito como *an* (p. 34), o avéstico *jaynvāo = jaghanvān* prova que na época ária só havia antes da nasal uma vogal irracional.<sup>66</sup> [p. 45]

Os indícios que as línguas clássicas fornecem, ao menos aqueles que eu vi, são bem pouco decisivos para que valha a pena comunicá-los. Nas línguas germânicas, Sievers (*Beiträge de P. et B. V 119*) mostra que o nascimento do *u* diante das soantes *r, l, m, n, ŋ* data do período de sua unidade, e não continua depois do fim desse período. Assim, o gót. *sitls*, isto é *sitl̥s* que, assim como provou o autor, era ainda *\*set-las* na época da unidade germânica, não se tornou "situls".

<sup>66</sup>Se o sânscr. *amā* "em casa" pudesse ser comparado ao avést. *nmāna* "moradia", ter-se-ia um exemplo de *a = ŋ* no período indiano. Mas o dialeto dos Gāthās tem *demāna* (Spiegel, *Gramm. der Ab. Spr.*, p. 346), e essa forma é, talvez, mais antiga?

### 1.3 Complemento aos parágrafos precedentes (§3)

É preciso distinguir das antigas líquidas e nasais soantes diferentes fenômenos de *svarabhakti*<sup>(35)</sup> mais recentes que têm com elas alguma semelhança.

É assim que em grego o grupo *consoante + nasal + y* torna-se *consoante + ανυ*<sup>67</sup>: ποιμν + yw dá \*ποιμανυw, ποιμαίνw; τι-τν + yw dá \*τιτανυw, τιταίνw; o último verbo é formado como ἴζω que está no lugar de σι-σδ-yw (v. Osthoff, *Das Verbum etc.*, p. 340). Os femininos τέκταινα no lugar de \*τεκτν-γα, Λάκαινα, ζύγαινα etc. explicam-se da mesma forma.

As líquidas são menos sujeitas a esse tratamento, como mostra, por exemplo, ψάλτρια junto de Λάκαινα. O verbo ἐχθαίρω deriva talvez do tema ἐχθρό, mas os lexicógrafos dão também um neutro ἔχθαρ. – Por outro lado o eólico oferece: [p. 46] Πέρραμος = Πρίαμος, ἀλλότερρος = ἀλλότριος, μέτερρος = μέτριος, κόπερρα = κόπρια (Ahrens I 55); essas formas são bem da índole do dialeto: elas foram provocadas pela passagem do *i* à espirante iode – donde também φθέρρω, κτέννω – que transformou Πρίαμος em \*Πρjαμος. É então que a líquida se desenvolveu diante dela uma vogal de apoio, que seria certamente um *α* em qualquer outro dialeto, mas à

<sup>67</sup>Pode-se no entanto considerar o *αν* assim criado como representando uma nasal soante; a nasal, como no sânscr. *jaghanvān* = \**jaghñwān* (p. 34) tendo persistido diante da semivogal. Igualmente ποιμαίνw = ποιμηγw. Numa palavra como \*ποιμνγw, se tiver existido, a língua resolveu a dificuldade no sentido inverso, quer dizer, ela dividiu o *y* em *ÿ*: \*ποιμνÿγw, grego histórico ποίμνιον. Encontramos as mesmas duas alternativas nos advérbios védicos em -*uyā* ou -*viyā*: \**āçwyā* se resolve em *āsuyā*, enquanto que \**urwyā* torna-se *urviyā*. Nesses exemplos indianos não se vê o que exatamente poderia determinar uma forma e não outra. No grego, ao contrário, é certo que a diferença de tratamento tem uma causa muito profunda, ainda que escondida é verdade; o sufixo de ποίμνιον é provavelmente não -*γα*, mas -*ια* ou -*ÿγα*: tem-se entre ποιμαίνw e ποίμνιον a mesma distância que entre ἄζομαι e ἄγιος ou entre οὔσα e οὔσια. A lei fixada por Sievers, *Beitr. de P. et B.* V 129, não ainda esclareceu este ponto.

<sup>(35)</sup>Lit. 'fragmento de vogal', em sânscrito dá nome a uma vogal epentética que pode ocorrer entre duas consoantes em um encontro consonantal; dá nome a vogais reconstruídas que podem ter surgido de fenômeno semelhante, e não de alguma razão morfológica.

qual o eólico dá a coloração ε. Em outras condições, ἄμ-ᾱ vem, seguindo uma explicação que Brugmann me autoriza a comunicar, de \*σμ-α que é o instrumental de εῖς "um" (tema *sam-*), enquanto que μία, no lugar de \*σμ-ία (Curtius, *Grdz.* 395), preferiu não usar o apoio vocálico.

Pode-se reconstruir a prepos. ἄνευ de \*σνευ que seria o locativo de *snu* "trás"; o Veda tem um loc. *sáno* que difere somente porque ele vem do tema forte. Quanto ao sentido cf. νόσφι (*Grdz.* 320). Encontra-se além disso em sânscrito: *sanutár* "longe", *sánutya* "afastado" que parecem ser parentes de *snu*; *sanutár* está certamente no lugar de *snutár*; cf. *sanúbhis* s.v. *snú* em Grassmann<sup>(36)</sup>. Este estudioso faz, também de *sanitúr* um advérbio vizinho de *sanutár*; neste caso o gót. *sundro* nos daria o equivalente europeu. Cf. por fim o latim *sine*.

A 1ª pess. do pl. ἐλύσαμεν vem de \*ἔλυσμεν. Essa forma é, junto de ἔλυσσεν, ἔλυσαν e o part. λύσας, a base sobre que se edificou o resto do aoristo em -σα.

O aor. ἔκτανον de κτεν pertence à mesma formação que ἔσχηον (p. 10 seq.). Ele deve seu α ao acúmulo de consoantes em \*ἔκτιν-ον. O α de ἔδραμον tem a mesma origem, ao menos, o que dá bem no mesmo, que ρα não representa *r* e que não se devia assimilar ἔδραμον à ἔτραπον. – σπαρέσθαι, se existir (Curtius *Verb.* II 19), vem provavelmente de \*σπρέσθαι.<sup>68</sup> [p. 47]

<sup>68</sup>Os aoristos do passivo em -θη e em -η são curiosos, pois a raiz toma junto deles a forma reduzida, e isto com uma regularidade que a data recente dessas formações não nos faria esperar. Exemplos: ἐτάθη, ἐτάρθη; ἐκλάθη, ἐδράθη. À época em que esses aoristos surgiram, não apenas uma raiz δερκ tinha perdido a capacidade de se tornar δρκ, mas não se trata nem mesmo questão da existência de raízes; o seu vocalismo é, logo, emprestado de outros temas verbais (por exemplo o aoristo temático ativo, o perfeito médio), e ele nos ensina somente que o domínio das líquidas e nasais soantes era antigamente bem abrangente. No entanto, certas formas do aoristo em -η continuam inexplicadas: formas como ἐάλην, ἐδάρην, onde αλ, αρ é seguido por uma vogal. Essas formas, como veremos, apresentam-se e se justificam num aoristo ativo após uma consoante dupla, mas não em outras condições: ἐάλην, ἐδάρην devem ter sido formadas secundariamente, então, por analogia de ἐτάρην, ἐδράθη etc., que em si mesmas seguiram o modelo de ἐταρπόμεν, ἔδρακον etc.

<sup>(36)</sup>GRASSMANN 1873.

O germânico é muito rico em fenômenos desse tipo; é, como se poderia esperar, o *u* que tem aqui o lugar do *a* grego. Sievers (loc. cit., p. 119) reconstrói a 1ª pess. pl. do perf., *bitum* como *bitm̄* nascido durante a queda do *a* de *\*(bi)bitmá*. Cf. acima p. 11 i. n. – Sievers explica *lauhmuni* similarmente, p. 150.

Osthoff considera o dat. pl. *broþrum* (o *u* deste caso é comum a todos os dialetos germânicos) como estando no lugar de *broþrm̄*, sânscr. *bhrátṛbhyas*. Mas resta sempre a possibilidade de que a sílaba *um* seja aí da mesma natureza que em *bitum*. Em outras palavras, o acento silábico podia cair tanto na nasal como na líquida. Cf. os dativos do plural góticos *bajoþum*, *menoþum*, onde a líquida não está em jogo.

Quanto aos participios passivos de raízes em líquida ou às nasais da forma A (p. 9), como *baurans* em face do sânscr. *babhrāná*, deve-se crer que a vogal de apoio veio, com ajuda da necessidade de alongamento, de certos verbos onde a colisão de consoantes deve tê-la desenvolvido mecanicamente, como em *numans* no lugar de *\*nmans*, *stulans* de *\*stlans*. Acrescentamos logo que as formas indianas como *śa-śram-āṇá* (= *śa-śr̄m̄-āṇá*) apresentam o mesmo fenômeno, e que em certas combinações ele data necessariamente da língua mãe. Numa tese geral, as inserções recentes de que falamos confundem-se frequentemente com certos fonemas indo-europeus de que falaremos mais tarde, e que basta indicar aqui por um exemplo: gót. *kaurus* = gr. βάρύς, sânscr. *gurí*.

A extensão que assumiu, no itálico, o desenvolvimento das vogais irracionais é conhecida. O grupo assim produzido com uma líquida coincide mais ou menos com a continuação de uma antiga líquida soante; diante de *m* ao contrário encontramos *e* aqui, *u* lá: *(e)sm(i)* torna-se *sum*, enquanto *pedm̄* torna-se *pedem*. Um *n* parece preferir a vogal *e*: *genu* está no lugar de *\*gnu*, *sinus* de *\*snus* (sânscr. *snú*

Fick, *W.* I<sup>3</sup> 226). [p. 48]

Em avéstico, esse tipo de fenômeno penetra na língua inteira; é em geral um *e* que se desenvolve dessa forma. – O sânscrito insere um *a* diante das nasais; encontramos alguns casos anteriormente; a prosódia dos hinos védicos permite, como se sabe, restituir um grande número deles. Outras vezes o *a* se acha escrito: *tatane* ao lado de *tatné*, *kṣamá* ao lado de *kṣmás*. O acento de *kṣamá* bastaria para determinar o valor de seu *a*; se esse *a* tivesse tido sempre uma vogal plena, ele levaria o acento: *\*kṣámā*.

Deixando as líquidas e nasais soantes, fonemas criados na maior parte do tempo pela perda de um *a*, é impossível deixar de mencionar brevemente o caso onde o *a* é impedido de obedecer às leis fonéticas que exigem a sua expulsão. Esse caso não se apresenta nunca nas raízes da forma A e B (p. 8), estando o coeficiente sonântico sempre disponível para tomar o papel de vogal radical. Pelo contrário, as RAÍZES DA FORMA C só podem, sob pena de se tornarem impronunciáveis, renunciar ao seu *a* em certas condições quase excepcionais.

Diante de um sufixo que comece por uma *consoante* elas não poderão jamais.<sup>69</sup> As formas indianas como *taptá*, *sattá*, *taṣṭá*, as formas gregas como *ἐκτός*, *σκεπτός* etc., por acaso podiam perder seu *a*, seu *ε*? Não, evidentemente; e por conseguinte elas não invalidam de modo algum o princípio de expulsão do *a*.

Se o sufixo começar por uma *vogal* e exigir ao mesmo tempo o enfraquecimento da raiz, esse enfraquecimento poderá ter lugar num grande número de casos. Encontramos acima *σχ-εῖν*, *σπ-εῖν*, *πτ-έσθαι* etc. de raízes *σεχ*, *σεπ*, *πετ* etc. Em sânscrito tem-se por exemplo *bá-ps-ati* de *bhas*, *á-kṣ-an* de *ghas*, que dá também por um fenômeno análogo a raiz secundária *ja-kṣ*. Mais frequentemente o ambi-

<sup>69</sup>Tem-se no entanto em sânscrito *gdha*, *gdhi*, *sá-gdhi*, avést. *ha-γδāñhu*, vindo de *ghas*

ente de consoantes não permitirá perder o *a*. Vejamos, por exemplo, o particípio perfeito médio em sânscrito, que rejeita o *a* radical: as raízes *bhar* da forma A e *vart* da forma B seguirão a regra sem dificuldade: *ba-bhr-āṇá*, *va-vṛt-āṇá*. Igualmente *ghas*, ainda que tendo a [p. 49] forma C, daria se se conjugasse no médio: *\*ja-kṣ-āṇá*; mas esta outra raiz da forma C, *spas* por exemplo, será forçada a manter o *a*: *pa-spas-āṇá*. Este fato simples esclarece todo um paradigma germânico: a *babhrāṇá* responde o gót. *baurans*, a *vavṛtāṇá* o gót. *vaurþans*; o tipo *paspaśāṇá* é *gibans*. Todos os verbos que seguem o *Ablaut giba, gab, gebun, gibans* têm no particípio passivo um *e (i)* ilegítimo, por assim dizer, e que, ainda que muito antigo, só está aí por acaso.

Há nas diferentes línguas uma multidão de casos desse tipo, que não temos intenção de enumerar aqui. A regra prática bem simples que surge quando se propõe a questão "tal classe de temas tem o hábito de conservar ou de rejeitar o *a (e)* radical?", deve-se ter cuidado para não tomar como critério formas onde o *a (e)* não podia cair.

Aqui é o lugar para falar brevemente do que acontece nas raízes de que *as* e *wa* podem servir de amostra. É possível, a rigor, juntá-las à forma C, mas todos vêem que a natureza sonântica da consoante inicial em *wak* e sua ausência total em *as* criam aqui condições bem particulares.

Nas raízes como *as*, pouco numerosas além disso, a perda do *a* não causa nenhum conflito nem acúmulo de consoantes. A perda é assim possível, e no devido tempo ela deverá acontecer normalmente. Daí a flexão indo-europeia: *ás-mi*, *ás(-s-)i*, *as-ti*; *s-mási*, *s-tá* etc. Optativo: *s-yám*. Imperativo: (?) *z-dhí* (avéstico *zdī*). Veja-se Osthoff, *K. Z.* XXIII 579 seq. Abaixo encontraremos sânscr. *d-ánt*, lat. *d-ens*, pela expulsão do *a* e supressão da sibilante (como em *pumbhís*).

particípio de *ad* "comer".

A raiz *wak* é em sânscrito *vaś* e faz no plural do presente *uś-más*; há semelhantemente *iṣ-tá* de *yaj*, *ṛj-ú* de *raj* etc. Que fenômeno é esse? Um enfraquecimento da raiz, sem dúvida; só é essencial concordar que essa palavra, *enfraquecimento*, não significa nada mais que a *perda do a*. Isso permite muito mais flexibilidade do que dizer, com Brugmann (*loc. cit.*, p. 324) "*Vocalwegfall* unter dem Einfluß der Accentuation"<sup>70</sup>. Entre outros exemplos encontram-se citados aqui o indo-eur. *snusá* "nora" no lugar de *sunusá*, sânscr. *strī* "mulher" no lugar de *\*sutrī*. Mesmo quando nessas palavras um *u* caia (o que é indubitável para o véd. *śmasi* = *uśmási*), tratar-se-ia aqui de um fato absolutamente anormal [p. 50] e sem paralelo e que está, além disso, em contradição com a lei da expulsão do *a*, pois um corolário dessa lei é precisamente que os *coeficientes do a* se mantêm. Cuidemos, também, ao evocar *samprasāraṇa*: este termo, é verdade, designa simplesmente a passagem de uma semivogal ao estado de vogal, mas na verdade equivale em todas as obras de linguística a: estreitamento das sílabas *ya, wa, ra* (*ye, we ; yo, wo*) em *i, u, ṛ*. Na mente daquele que emprega a palavra *samprasāraṇa*, há inevitavelmente a ideia de uma ação especial de *y, w, r* sobre a vogal que segue, e de uma força absorvente que esses fonemas experimentariam. Se este é o sentido que se associa à palavra *samprasāraṇa*, deve-se afirmar claramente que os enfraquecimentos proétnicos não têm nada a ver com o *samprasāraṇa*. O *a* cai, e é tudo. E não é por vários fenômenos diferentes, mas por um só fenômeno que *pa-pt-ús* vem de *pat, s-mási* de *as, rih-mási* de *raigh, uś-mási* de *wak*. – De toda forma, quando nos períodos mais recentes vemos realmente a absorção de um *a* por *i* ou *u*, a vogal que resulta é, pela regra, uma longa.

<sup>70</sup>"Eliminação da vogal pela influência da acentuação".



Acima, nós meramente indicamos este modo de formação das líquidas soantes, assim τρέπω dando ἔτραπον; *mḗdí, pṛthú* das raízes *mrad* e *prath*. A lista seria longa. Vale a pena notar o gr. τρεφ que, além de ἔτραφον e τέθραμμαι, apresenta ainda a soante regular no adjetivo ταρφύς.



## Capítulo 2

# O fonema *A* nas línguas europeias.

### 2.1 A vogal *a* das línguas do norte tem uma origem dupla (§4)

A tarefa que propusemos no capítulo precedente era somente um trabalho de escavação: tratava-se de libertar o *a*, o antigo e verdadeiro *a* – ou um complexo, pouco importa aqui – de todo o húmus moderno que diferentes acidentes acumularam sobre ele. Esta operação foi tão indispensável que não [p. 51] tivemos medo de nos alongar bastante nela, de ultrapassar até mesmo os limites que nos impõe o âmbito restrito deste pequeno volume.

É possível agora condensar em algumas palavras o raciocínio que nos conduziu à proposição declarada no começo do parágrafo.

1. O *u* (*o*) germânico não entra em consideração na questão do *a*. Ele vem sempre de uma líquida ou de uma nasal soante, quando não é o antigo *u* indo-europeu.

2. Portanto, no grupo das línguas do norte, há apenas 2 vogais a considerar: o *e*, e o que chamaremos de *a*. Esta última vogal *aparece em eslávico na forma de o*, mas pouco importa: tal *o* se adequa ao *a* do lituano e do germânico; a cor *o* não importa neste caso.
3. No grupo do sul tem-se, ao contrário, 3 vogais: *e a o*.
4. O *e* do sul corresponde ao *e* do norte; o *a* e o *o* do sul juntos correspondem ao *a* do norte.
5. Sabemos que ainda que um  $\alpha$  grego alterne com  $\epsilon$  numa raiz contendo uma líquida ou uma nasal (não inicial), o  $\alpha$  é secundário e remonta a uma soante.
6. Mas as ditas raízes são *as únicas* onde havia alternância do  $\alpha$  e do  $\epsilon$ , o que significa que o *a* greco-latino e o *e* greco-latino não têm nenhum contacto um com o outro.
7. Pelo contrário, a alternância de *e* e de *o* em grego, e primitivamente também no itálico, é absolutamente regular: ( $\xi$ )τεκον : τέτοκα, τόκος. *tego* : *toga*).
8. Como o *a* e o *o* das línguas do sul puderam então vir de um só *a* primitivo? Por que milagre esse antigo *a* seria colorido em *o*, e nunca em *a*, precisamente todas as vezes em que ele se achasse em companhia de um *e*? – Conclusão: o dualismo: *a* e *o* das línguas clássicas é original, e é preciso que no *a* único do norte dois fonemas sejam confundidos.
9. Confirmação: quando uma raiz contem o *a* em grego ou latim, e essa raiz se encontra nas línguas do norte, observa-se em primeiro lugar que ela mostra ainda a vogal *a*, mas, ainda, – e eis um fato importante – *que este a não alterna com o e*, como é o caso quando o grego corresponde com um *o*. Assim,

o gótico *vagja* = gr. ὀχέω, *hlaf* = gr. (κέ)κλοφα são [p. 52] acompanhados de *viga* e de *hlifa*. Mas *agis(a-)* = gr. ἄχος, ou mesmo *ala* = lat. *alo* não têm nenhum parente com *e*. Por sua vez as raízes da última espécie terão uma particularidade desconhecida entre as da primeira: a capacidade de alongar o seu *a* (*agis* : *ōg*, *ala* : *ōl*), o que consideraremos mais adiante.

Brugmann designou por *a<sub>1</sub>* o protótipo do *e* europeu; seu *a<sub>2</sub>* é o fonema que chamamos de *o* até aqui. Quanto ao terceiro fonema que é o *a* greco-italico e que constitui metade do *a* das línguas do norte, nós o designaremos pela letra *A*, afim de marcar bem que ele não é parente nem do *e* (*a<sub>1</sub>*) nem do *o* (*a<sub>2</sub>*). – Fazendo provisoriamente uma abstração das outras espécies possíveis de *a*, obtem-se a tabela seguinte:

línguas do norte	estado primordial	greco-italico
e	a <sub>1</sub>	e
a	a <sub>2</sub>	o
a	A	a

## 2.2 Equivalência do *a* grego e o *a* itálico (§5)

No parágrafo precedente falamos do *a* grego e do *a* itálico como sendo uma coisa só, e se reconhece de fato que eles se equivalem na maior parte dos casos. A enumeração de exemplos que segue, e que foi feita tão completa quanto possível, é em grande parte a reprodução da primeira das listas de Curtius (*Sitzungsberichfe* etc., p. 31). Era indispensável pôr esse material sob os olhos do leitor, nem que fosse apenas para enfatizar os limites onde cessa, em grego, o domínio das líquidas e nasais soantes, lembrando que o alfa não é necessariamente uma vogal anaptítica de

origem secundária.

Por outro lado, o estudo citado contém duas listas de exemplos, com cujo resultado nossa teoria parece estar em contradição. A primeira dessas listas elenca os casos onde um *a* grego se encontra oposto a um *e* latino; a segunda dá as palavras onde, ao contrário, o *e* grego corresponde a o *a* latino. E uma tal alternância de *e* e *a*, que pode concordar mais ou menos com a divisão de um *a* único, é quase incompatível com a hipótese de dois [p. 53] fonemas *A* et *a<sub>1</sub>* diferentes desde a origem. Mas, aos olhos de quem aceita a teoria das nasais sonantes, o número de casos da primeira espécie se reduzirá já consideravelmente: ele suprimirá *ἑκατόν* — *centum*, *δασύς* — *densus*, *παχύς* — *pinguis* etc. Ao olhar mais de perto, e tendo em conta todas as retificações motivadas pelos trabalhos recentes, chegar-se-á a um resto absolutamente insignificante, resto que não é isento de quase nenhuma lei fonética de equivalência. Nós podemos nos eximir de fazer tudo isso. Um ou dois exemplos bastarão. *Κρέας* — *caro*: Bréal mostrou (*Mém. Soc. Ling. II 380*) que essas duas palavras não são parentes. *μέγας* — *magnus*: a raiz não é a mesma, como veremos mais abaixo. *Κεφαλή* — *caput*: o *φ* do grego continua a tornar esta aproximação improvável. *Τέσσαρες* — *quattuor*: as irmãs mais próximas da língua latina mostram o *e*: umbro *petur*, osco *petora*; *quattuor* é sem dúvida uma alteração de *\*quottuor* no lugar de *\*queuttuor* (cf. *colo* = *\*quelo* etc.). *Βαστάζω* — *geste* (Fick): sua identidade não é convincente pois seria de se esperar ao menos *\*(g)vesto*; *gesto* et *gero* por sua vez são bem parentes do gr. *ἄ-γαστός*<sup>71</sup> "palma da mão" cujo *o* é *a<sub>2</sub>*. Quanto a *ἄχην* (cf. *ἄχηνία*) que se aproxima do lat. *ēgeo*, deve-se ter em conta aí, em todo caso, a glosa *ἀεχίηνες· πένητες* (Hes.). — O exemplo mais saliente que se

<sup>71</sup> Igual ele mesmo ao sânscr. *hásta*. O avéstico *zaçta* mostra que a gutural inicial é palatal, não velar. É um caso a adicionar à série: *hānu* — *γένυς*, *ahām* — *ἔγώ*, *mahānt* — *μέγας*, *gha* — *γε* (*hγd* — *καρδία*).

citou para a suposta equivalência de *e* e *a* é o grego ἑλίχη "salgueiro" = lat. *sălix* (antigo alto-al. *salaha*); mas aqui de novo pode-se responder que ἑλίχη é uma palavra arcádia, e pode-se lembrar ζέρεθρον = βάραθρον e outras formas do mesmo dialeto<sup>72</sup> (Gelbke, Studien II 13).

No seio do grego mesmo — não se trata aqui das diferenças de dialeto — admite-se frequentemente uma troca de *e* e *a* entre si. Como tivemos chance de dizer em §4, este fenômeno se limita a uma classe de raízes em que o *a*, sendo um resultado recente das líquidas e nasais soantes, não é na verdade um *a*. Não cremos que esta troca se apresenta em nenhum outro lugar. [p. 54] Parece-nos supérfluo começar uma série de escaramuças etimológicas cujo interesse seria bem pequeno. Já basta, para criar dúvidas, o fato de que todos os casos alegados prestam-se à discussão. Basta olhar para a flexão verbal para constatar que lá ao menos não há nenhum traço de um *α* substituindo um *ε*, com exceção das raízes com líquidas e com nasais. Assim como o paradigma τρέπω, ἔτραπον, τέτραμμαι, ἐτράφθην é comum nessas últimas duas classes, ele seria desconhecido em qualquer outro lugar. Um exemplo, é verdade, foi conjecturado. Curtius foi levado a crer ser justa a derivação que fizeram Aristarco e Buttmann do aor. pass. homérico ἐάφθη (ἐπὶ δ' ἄσπις ἐάφθη, *Iliada* XIII 543, XIV 419). A palavra parece significar *seguir na queda*, ou segundo outros, *permanecer ligado, aderir*. Partindo do primeiro sentido, Buttmann via em ἐάφθη um aoristo de ἔπομαι, rejeitando a opinião que o associa a ἄσπω. Em todos os casos ninguém querará, numa base tão fraca, manter a possibilidade do *ablaut* ε-α na flexão verbal. Antes de se render, seria legítimo recorrer mesmo às etimologias mais arriscadas (cf. por exemplo o gót. *siggan* "cair", ou o sânscr. *sang* "aderir"; α seria então o representante de uma nasal soante).

<sup>72</sup> É de propósito que nos abstermos de citar ζέλλω, que na aparência seria um paralelo

Examinemos mais três casos onde a equivalência de  $\epsilon$  e de  $\alpha$  é mais ilusória:  $\nu\acute{\epsilon}(\varphi)\omega$  "nadar",  $\nu\acute{\alpha}(\varphi)\omega$  (eól.  $\nu\acute{\alpha}\upsilon\omega$ ) "fluir"; cf. sânscr. *snaúti*. Como uma mesma forma primitiva pôde dar ao mesmo tempo  $\nu\acute{\epsilon}\varphi\omega$  e  $\nu\acute{\alpha}\varphi\omega$ ? Isto é o que não se saberia imaginar. A dificuldade se suprime se, separando  $\nu\acute{\alpha}\varphi\omega$  da antiga raiz *snau*, nós as aproximamos de *snā*:  $\nu\acute{\alpha}\varphi$  se desenvolveu de *snā* exatamente como  $\varphi\acute{\alpha}\varphi$  ( $\varphi\acute{\alpha}\upsilon\sigma$ ) de *bhā*,  $\chi\acute{\alpha}\varphi$  ( $\chi\acute{\alpha}\upsilon\sigma$ ,  $\chi\acute{\alpha}\sigma$ ) de *ghā*,  $\sigma\acute{\alpha}\varphi$  ( $\sigma\tau\alpha\upsilon\rho\acute{\sigma}$ ) de *stā*,  $\lambda\acute{\alpha}\varphi$  ( $\acute{\alpha}\pi\omicron\lambda\acute{\alpha}\upsilon\omega$ ) de *lā*,  $\delta\omicron\varphi$  ( $\delta\upsilon\varphi\alpha\nu\omicron\iota\eta$ ) de *dā*,  $\gamma\nu\omicron\varphi$  ( $\nu\acute{\omicron}\sigma$ , *gnanus*) de *gnā*. —  $\nu\acute{\epsilon}(\sigma)\omicron\mu\alpha\iota$  "vir",  $\nu\acute{\alpha}\iota\omega$ ,  $\acute{\epsilon}\nu\alpha\sigma\sigma\alpha$ ,  $\acute{\epsilon}\nu\acute{\alpha}\sigma\theta\eta\nu$  "permanecer"; cf. sânscr. *násate*. Os sentidos concordam até que bem, mas nada garante que a raiz verdadeira  $\nu\acute{\alpha}\iota\omega$  seja *nas*; compare-se  $\delta\acute{\alpha}\iota\omega$ ,  $\acute{\epsilon}\delta\acute{\alpha}\sigma\sigma\alpha\tau\omicron$ ,  $-\delta\alpha\sigma\tau\omicron\varsigma$ . Por outro lado é preciso ter em conta  $\nu\acute{\alpha}\upsilon\sigma$  "templo", que Curtius propôs, é verdade, de provir de  $*\nu\alpha\sigma\varphi\sigma$ . —  $\varphi\acute{\alpha}\sigma\tau\upsilon$  "cidade" pertence à raiz do gót. *visan* que se crê encontrar no gr.  $\acute{\epsilon}\sigma\tau\acute{\iota}\alpha$  e com mais certeza em  $\acute{\alpha}\varphi\acute{\epsilon}\sigma\kappa\omega$ ,  $\acute{\alpha}\epsilon\sigma\sigma\alpha$  "passar a noite, dormir".  $\varphi\acute{\alpha}\sigma\text{-}\tau\upsilon$  é de  $\acute{\alpha}\varphi\acute{\epsilon}\sigma\text{-}\kappa\omega$  o que o tema latino *vad-* é do gr.  $\acute{\alpha}\varphi\epsilon\theta\text{-}\lambda\omicron\nu$ ; trata-se aqui de de fenômenos [p. 55] fônicos bem particulares. — Os outros casos todos podem-se eliminar da mesma forma. Nas duas palavras:  $\delta\acute{\epsilon}\iota\pi\nu\omicron\nu$  =  $*\delta\alpha\pi\nu\omicron\nu$ , e  $\acute{\epsilon}\iota\kappa\lambda\omicron\nu$ , outra forma de  $\acute{\alpha}\iota\kappa\lambda\omicron\nu$  (v. Baunack, Studien X 79), o  $\alpha$  parece ter-se assimilado ao  $i$  que seguia. Quanto a  $\kappa\lambda\acute{\epsilon}\iota\varsigma$ ,  $\gamma\acute{\epsilon}\iota\tau\omega\nu$ ,  $\lambda\acute{\epsilon}\acute{\omicron}\varsigma$ ,  $\lambda\epsilon\iota\pi\omicron\upsilon\rho\gamma\acute{\omicron}\varsigma$ ,  $\rho\acute{\epsilon}\iota\acute{\alpha}$  etc., junto de  $\kappa\lambda\acute{\alpha}\iota\varsigma$ ,  $\gamma\acute{\alpha}$ ,  $\lambda\acute{\alpha}\acute{\omicron}\varsigma$ ,  $\rho\acute{\alpha}\delta\iota\omicron\varsigma$  etc., não é preciso dizer que seu  $\epsilon$  no lugar de  $\eta$  só é a tradução jônica de um  $\acute{\alpha}$ .

Depois da crítica detalhada desse ponto por Brugmann, não se quererá mais atribuir às formas dialetais  $\varphi\acute{\alpha}\rho\omega$ ,  $\tau\rho\acute{\alpha}\chi\omega$ ,  $\tau\rho\acute{\alpha}\varphi\omega$  etc., mais que a  $\varphi\epsilon\sigma\tau\acute{\alpha}\rho\iota\omicron\varsigma$ ,  $\acute{\alpha}\nu\varphi\acute{\omicron}\tau\alpha\rho\omicron\varsigma$ ,  $\pi\alpha\tau\acute{\alpha}\rho\alpha$ , qualquer importância na questão do  $a$ . Havet (Mém. Soc. Ling. II 167 seq.) explicou, depois de muito tempo, o  $\alpha$  pela influência de um  $r$ . Nem é preciso dizer aqui que não temos nada contra a  $r$  vogal gerando um  $\alpha$ , mas temos a um  $r$  con-

---

melhor.



soante transformando  $\epsilon$  em  $\alpha$ . É o fenômeno inverso que se manifesta em certas formas jônicas e eólicas, tais como ἔρσην, γέργερος, χλιερός.

Como se vê pela tabela de Corssen (11<sup>2</sup>26), a troca entre l'*a* e *e* é quase nula em latim, ao menos desde que certas afecções fonéticas especiais e de data recente não estejam em jogo. O vocalismo concorda igualmente entre os diferentes dialetos itálicos, o que nos permite considerá-los, quanto a isso, conjuntamente. A divergência mais considerável está no latim *in-* (prefixo negativo) e *inter* em comparação a *an-*, *anter*, do osco e do umbro. Essa divergência se explicará adiante, esperamos.

Os exemplos que seguem são divididos em três séries, de acordo com o lugar do *a* e seu ambiente dentro da raiz.

1. *A sílaba radical não contém nem nasal nem líquida que não seja inicial.* No começo da lista encontram-se as raízes comuns a um grande número de palavras. As letras C e F referem-se às obras de etimologia de Curtius e de Fick.

ak <sub>1</sub> :	ἄκ-ρος, ἀκαχ-μένος	<i>ac-ies, ac-us</i> etc.
ak <sub>2</sub> :	ἄκ-αρος, ἀχ-λύς	<i>aqu-ilus</i> . F.
ag:	ἄγ-ω, ἀγ-ός	<i>ag-o, ac-tio</i> .
ap:	ἄπ-τω	<i>ap-tus, ap-ere</i> (?).
kwap:	καπ-ύω, καπ-νός	<i>vap-or, vappa</i> . C. [p. 56]
dap:	δάπ-τω, δαπ-άνη	<i>dap-es, dam-num</i> . <sup>73</sup>
1 mak:	μάκ-αρ, μακ-ρός	<i>macte</i> ( <i>macer</i> ?).
2 mak <sup>74</sup> :	μάχ-ομαι, μάχαιρα	<i>mac-tare, mac-ellum</i> .

<sup>73</sup>Sobre a aproximação de *damnum* e de *δαπάνη*, v. Bechstein, *Studien* VIII 384 seq. O autor deixa de mencionar que mesmo no tempo de Suetônio (Nero, cap. 31) *damnosus* significava *perdulário*.

<sup>74</sup>É preferível não listar aqui uma terceira raiz *mak*, em μάσσω — *mācero*, pois o *e* do esl. *męknęti* complica a questão.

mad:	μαδ-άω, μαδ-αρός	<i>madeo, mad-idus.</i>
lac:	λάχ-ος, λακ-ερός	<i>lac-er, lac-erare.</i>
lag:	λάγ-νος, λαγγ-άζω	<i>lac-sus, langu-eo. C.</i>
lap:	λάπ-τω, λαφ-ύσσω	<i>la-mb-o, lab-rum.</i>
las:	λιλα(σ)-ίομαι, λάσ-τη	<i>las-c-ivus.</i>
sap:	σαπ-ρός, σαφ-ής	<i>sapio, sap-or. C.</i>

ἄβιν, ἑλάτην	<i>abies.</i>	βάκτρον	<i>baculus.</i>
ἄγρός	<i>ager.</i>	βασκαίνω	<i>fascinare (?)</i> .
ἄκχος	<i>axilla, āla</i>	δάκρυ	<i>dacruma</i>
ἄμνός	<i>agnus.</i> <sup>75</sup>	κάδος	<i>cadus.</i>
ἄξινη	<i>ascia.</i>	κακκάω	<i>cacare.</i>
ἄξων	<i>axis.</i>	κάπρος	<i>caper.</i>
Ἄπι-δανός	<i>amnis.</i> <sup>76</sup>	ῥάξ	<i>racemus (?)</i> .
ἄπό	<i>ab.</i>	ιάπτω	<i>jacio (?)</i>
ἄττα	<i>atta</i>	λάχνη	<i>lāna</i>
ἄχνη	<i>agna.</i>	ψαφαρός	<i>scabies</i>

No ditongo:

<sup>75</sup> V. Fick, *K. Z.* XX 175; o esl. *jagne* que tem  $g_2$  justifica a forma antiga \*ἄβνός que se supõe para a palavra grega.

<sup>76</sup> Curtius interpreta o nome do rio Ἄπιδανός como ἄπι "água" + δανο "dando", etimologia que encontrará, talvez, algum apoio em Ἡρι-δανός (sânscri. *vāri* "água"); ele relaciona com a mesma raiz Μεσσάπιοι, γῆ Ἀπία etc. A questão é somente saber se estamos lidando com *ap* (donde *amnis*) ou a  $ak_2$  (em *aqua*); mas em ambos casos o latim mostra o *a*.

<b>ai.</b>	αἶθω	<i>aestas, aestus.</i>
	αἰών	<i>aevum.</i> <sup>77</sup>
	αἶσα (αἰκ-γα)	<i>aequus.</i>
	(δα(ιφ)ήρ	<i>lēvir.</i> )
	λαιός	<i>laevus</i>
	σαῖοι	<i>saevus.</i> <sup>78</sup>
	σκαῖός	<i>scaevus.</i>
	αἰ	<i>osc. svaí.</i> <sup>79</sup> [p. 57]

<b>au</b>	<i>aug:</i>	αὐγ-ή, αὐκ-σις	<i>aug-ere, aug-ustus</i>
	<i>1 aus:</i>	αὖως; ἀέλιος	<i>aur-ora; Aus-elius C.</i>
	<i>2 aus:</i>	ἐξ-αυσ-τήρ	<i>h-aur-io, h-aus-tus</i> <sup>80</sup> (?).
	<i>gau:</i>	γαῦ-ρος, γή-θέω	<i>gau-dere, gav-istus. C.</i>
	<i>kaup:</i>	κάπ-ηλος <sup>81</sup>	<i>caup-o, cōpa. C.</i>
	<i>pau:</i>	παύω	<i>pau-cus, pau-per.</i>
	<i>stau:</i>	σταυ-ρός	<i>in-stau-rare. C.</i>

<sup>77</sup> O *a* é longo: gr. ἐπηετανός, sânscri. *áyus*.

<sup>78</sup> V. Savelsberg, *K. Z.* XVI 61. A leitura σαῖοι torna duvidosa a aproximação.

<sup>79</sup> Aqui de novo pode-se supor um *a* longo; assim pode-se chegar talvez a explicar o εἰ no lugar de ηἰ.

<sup>80</sup> Fick, *Beiträge de Bezzengerger* II 187. <sup>81</sup> O *u* caiu em grego, como em κλώνις e outras formas. Osthoff, *Forschungen* I 145, Misteli, *K. Z.* XIX 399.

αὔρα	<i>aura</i> (empréstimo?).
θραύω	<i>fraus</i> .
αὐτε	<i>autem</i> (?).
καυλός	<i>caulis</i> .
ἐνι-αυτός	<i>autumnus</i> (?).
σαυχμός	<i>sucius</i> .
θαῦνον, θηρίον	<i>Faunus</i> (?).
ταῦρος	<i>taurus</i> .

<i>a</i> seguido de <i>v</i> .	ἀπο-λαύ-ω	<i>Lav-erna, lav-erniores</i> . C.
	ἀ(ϕ)-ίω	<i>av-eo, av-idus</i> (?). C.
	πα(ϕ)-ίω	<i>pav-io</i> .
	παῦ-ος, φα(ϕ)εινός	<i>fav-illa</i> . C.

2. *A raiz contém uma líquida ou nasal não-inicial.*<sup>82</sup> Num certo número de exemplos (pusemos alguns entre colchetes) o *a* representa certamente algo diferente de *A*; é um *a* anaptítico, relevante aos fenômenos estudados no capítulo VI.

<sup>82</sup> Os pares σφάλλω — *fallo* e ἀλφάνω — *labor* não estão nesta lista, porque eles exigem maior discussão.

<i>ank:</i>	ἀγκ-ών, ἀγκ-ύλος	<i>anc-us</i> C.
<i>angh:</i>	ἄγχ-ω	<i>ang-o, ang-ustus.</i>
1 <i>ar:</i>	ἀραρ-ίσκω, ἄρ-θρον	<i>ar-tus.</i>
2 <i>ar:</i>	ἀρ-όω	<i>ar-are, ar-vum.</i>
<i>ark:</i>	ἀρκ-έω	<i>arc-eo, arx.</i>
<i>arg:</i>	ἀργ-ός [ἀργ-υρος]	<i>arg-uo [arg-entum],</i>
–	ἀρπ-άζω, ἀρπ-αλέος	<i>rap-io, rap-ax.</i>
<i>al:</i>	ἄν-αλ-τος	<i>al-o, al-umnus</i> C.
(?) <i>alg:</i>	ἄλγ-ος, ἀλγ-έω	<i>alg-eo</i> (?).
<i>kan:</i>	καν-άζω, ἡι-καν-ός <sup>83</sup>	<i>can-o, can-orus.</i>
[ <i>kard:</i>	κράδ-η, κραδ-αίνω	<i>card-o.</i> C. ]
<i>kal:</i>	καλ-έω	<i>cal-endae, cal-are.</i> [p. 58]
[ <i>bhark:</i>	φράσσω, φρακ-τός	<i>farc-io, frac-sare.</i> ]
[ <i>sark<sub>2</sub>:</i>	ράπ-τω	<i>sarc-io.</i> Bugge. ]
[ <i>sarp:</i>	ἄρπ-η	<i>sarp-o, sarmen.</i> ]
1 <i>sal:</i>	ἄλ-λομαι	<i>sal-io, sal-tus.</i>
2 <i>sal:</i>	σάλ-ος, σαλ-άσσω	<i>sal-um.</i> C.
[ * <i>skand:</i>	κάνδ-αρος	<i>cand-eo, cand-ela.</i> C. ]

<sup>83</sup> ἡικανός· δ' ἄλεκτρυνών. Hes.

ἄλλος	<i>alius.</i>
[ἄλκη	<i>alces.</i> ]
ἄλκυών	<i>alcedo.</i>
ἄλφος	<i>albus.</i>
[ἄμφι	<i>amb-.</i> ]
[ἄμφω	<i>ambo.</i> ]
ἄν	<i>an.</i>
[ἄν- (priv. <sup>(37)</sup> )	osc. úmbr. <i>an-.</i> ]
ἄνεμος	<i>animus.</i>
ἄντι	<i>ante.</i>
ἀράχνη	<i>arānea</i>
[ἀρμός	<i>armus.</i> ]
ἄρον	<i>arundo</i> (?). F.
[βαρύς	<i>gravis.</i> ]
βλάπτω	<i>suf-flāmen</i> (?). <sup>84</sup>
βάρβαρος	<i>balbus.</i>
βάλανος	<i>glans.</i>
γάλακτ-	<i>lact-</i>
γλαμυρός	<i>gramia.</i>
γλαφυρός	<i>glaber</i> (?).
κάλχη	<i>clacendix.</i>
καμάρα	<i>camurus.</i>
dor. κάπος	<i>campus.</i>
καρκίνος	<i>cancer.</i>

<sup>84</sup> Fick, *Beitr. de Bezenb.* I 61.

<sup>(37)</sup> *Ie.* o alfa privativo na forma em que ocorre antes de vogal.

λάξ	<i>calx.</i>
κάρταλος	<i>cartilago.</i> <sup>85</sup>
κράμβος	<i>carbo.</i>
μάλβαξ, μαλάχη	<i>malva.</i>
μάμμη	<i>mamma</i>
dor. νάσσα	<i>anat-</i>
δί-πλαξ	<i>umbr. tu-plak.</i> <sup>86</sup>
[παλάμη	<i>palma.</i> ]
πάλη	<i>palea.</i> F.
dor. πᾶνιον	<i>pannus.</i>
πλάξ	<i>planca.</i>
πραπίδες	<i>palpito.</i> <sup>87</sup>
ράιβός	<i>valgus</i> (?).
ἄλς	<i>sal.</i>
ράκτοί	<i>an-fractus.</i> <sup>88</sup>
σκάλοψ	<i>talpa.</i> C.
σκάνδαλον	<i>scando.</i> C.
[ἄφλαστον	<i>fastigium.</i> F.]
ἦλος, φάλλος	<i>vallus.</i> C
χάλαζα	<i>grando.</i>
dor. χάν <sup>89</sup>	<i>anser.</i>

[p. 59] À tabela precedente é preciso adicionar 5 raízes que, basicamente, não

<sup>85</sup> *Studien* V 184.

<sup>86</sup> O *e* do latim *duplex* só se deve à lei de enfraquecimento que se aplica nos segundos membros de compostos.

<sup>87</sup> Separamos assim *palpito* de *palpo* = ψηλαφάω. <sup>88</sup> V. pág. 18.

<sup>89</sup> Ahrens II 144. — *antrum* e *bracchium* são empréstimos do grego.

parecem conter nenhuma nasal, ainda que elas sejam infectadas em muitas línguas, sem dúvida pela influência do sufixo. Essas raízes estão, no mais, num estado tal que pode-se duvidar se sua vogal é um *e* ou *a*, tal que o estudo de suas perturbações é quase impossível por enquanto. Pode-se dizer o mesmo de algumas delas que acabei de mencionar e que estão entre colchetes.

κλάζω, ἔκλαγον, κέκλαγα, *clango, clangor.*

κεκληγώς, κλαγγή

Cf. nórd. *hlakka*; gót. *hlahjan, hloh*; lit. *klegù*. F. I<sup>3</sup> 541.

τεταγών *tango, tago, tetigi, tactus.*

Fick compara o gót. *stigqan*, que concorda mal com o lat. *tago*. É certo que não se deve pensar no gót. *tekan*; este último tem um parente grego em δάκτυλος (raiz *dag*; cf. *digitus*).

πέγνυμι, πέγηγα, ἐπάγη, *pango, pago, pepigi,*

πηκτός, πάγη *pignus, pāciscor, pāx.*

Cf. gót. *fāhan, faifāh*, ou o alto al. ant. *fuogī*; sânscr. *pása*.

πλήσσω, dor. πλᾶγά, ἐξεπλάγην; *plango, planxi, planctus,*

πλάζω, ἐπλάγχθην *plāga*. C. Grdz. 278.

κάκαλον "muralha" *cancelli* "treliça, barreira"

Fick, que aproxima essas duas palavras (II<sup>3</sup> 48), compara-as com o sânscr. *kācate* e *kāñcate* "aderir". Mas a partir disso se está muito próximo do gót. *hāhan, haihāh* "suspender". A identificação deste último verbo com o sânscr. *śāṅkate* "preocupar-se, duvidar etc." (I<sup>3</sup> 56) tem um ponto fraco na significação da palavra indiana. Cf. Pott, *Wurzelwörterb.* III 139.

Eis enfim exemplos diferentes que pertencem às tabelas 1 e 2, mas que apresentam um *ā* longo, em uma das duas línguas ou nas duas. Este *ā* longo é um fonema novo a registrar, e como é evidentemente relacionado a *Ā*, podemos dar a ele



imediatamente a designação A, enquanto prometemos estudá-lo mais longamente alhures conforme desejado.

dor. γᾱρύω	<i>garrío</i> . <sup>90</sup>
dor. (F)ᾱχῶ <sup>91</sup> , (F)ι(F)ᾱχῆ	<i>vāgio</i> .
dor. κᾱλίς <sup>91</sup>	<i>cāligo</i> .
dor. κλᾱ(F)ίς <sup>91</sup>	<i>clāvis, claudo</i> .
dor. κλᾱρος <sup>91</sup>	<i>glārea</i> <sup>92</sup>
λᾱας	baixo-lat. <i>gravarium</i> <sup>93</sup>
[p. 60] μᾱλον	<i>mālum</i> .
νᾱῦς	<i>nāvis</i> .
dor. πᾱλός <sup>91</sup>	<i>pālūd</i> -. <sup>94</sup>
dor. πηρός, παῦρος, τὸ πάρος	<i>pārum, parvus</i> .
πεπαρεῖν	<i>ap-pāreo</i> . <sup>95</sup>
ῥᾱδίξ, ῥᾱδάμνος	<i>rādix</i> .
ῥᾱπυς	<i>rāpa</i> .
σκήπων <sup>96</sup>	<i>scāpus</i> .
ᾱδύς, εὔᾱδε	<i>suāvis</i> .
(ταᾱς	<i>pāno</i> . <sup>92</sup> )
χαμός	<i>hāmus</i> .
ψηλαφάω (η=ᾱ?)	<i>palpare</i> .
ψᾱφος	<i>sābulum</i> .

Põe-se aqui também a raiz de *magnus, major, osco mahiis* etc. que deu em

<sup>90</sup>A raiz de *garrío* não é, é verdade, exatamente a mesma que a δεγαρύω (cf. lit. *garsà*).

<sup>91</sup>Ahrens II 137 seq.

<sup>92</sup>É possível que *glārea* seja um empréstimo; *pāno* quase certamente o é.

<sup>93</sup>Pictet, *Origines Indo-européennes* I 132. <sup>94</sup>Por outro lado πλάδος se aproxima de *palus*.

<sup>95</sup>Curtius, *Verbum* II 29. <sup>96</sup>Dór. σκαπάνιον Ahrens II 144.

grego μήχος, μήχαρ, dór. μαχανά (Ahrens II 143). V. pág. 64.

3. *a* termina a raiz:

<i>ghā</i> <sup>97</sup> :	χᾱ-λά, χᾱ-τέω, χᾱ-τίζω, χᾱ-τίς	<i>fā-mes, fā-tuus,</i> <i>fā-t-iscor, fā-t-igo</i>
<i>pā</i> :	πᾱ-τ-έομαι, ᾱ-πα-σ-τος, πᾱ-νία	<i>pā-nis, pā-bulum, pa-sco,</i> <i>pā-s-tor</i> <sup>98</sup> , <i>pā-vi</i>
<i>bhā</i> :	φᾱ-μί, φᾱ-μα, φᾱ-τίς, 1 <sup>a</sup> pess. pl. φᾱ-μέν	<i>fā-ri, fā-ma,</i> <i>fā-bula, fā-t-eor.</i>
(?) <i>lā</i> <sup>99</sup> :	ύλᾱ-ω, ύλα-κ-ή	<i>lā-trare (lā-mentum?).</i>
<i>stā</i> :	dor. ἴ-στᾱ-μι, ἔ-στᾱ-ν, στᾱ-τήρ, 1 <sup>a</sup> pess. pl. ἴ-στᾱ-μεν	<i>Stā-tor, stāmen,</i> <i>stā-tus, stā-bulum.</i>
( <i>s</i> ) <i>nā</i> :	νᾱ-ρός, νᾱ-μα, νᾱ-σος, Nᾱ-ϊάς	<i>nā-tare, nā-trix, nāre.</i>
<i>spā</i> :	dor. σπᾱ-διον, σπά-ω	<i>spā-tium (pa-t-eo?), pa-nd-o, pa-s-sus.</i>

[p. 61] Os exemplos precedentes oferecem muitos casos de extensão por meio de uma dental – extensão que acometeu as raízes em *ā*, que aconteceu de muitas formas diferentes. Eis uma raiz que nas duas línguas só aparece na forma estendida (cf. Curtius, *Grdz.* 421):

*lā*: dór. λᾱ-θ-ω, ἔ-λᾱ-θ-ον *lā-t-eo.*

A nasal de λανθάνω não prova em nada uma raiz *lan*, que o sânscr. *rándhra* "caverna", visto o seu isolamento, não confirmaria. Hesíquio, é verdade, nos dá: ἀλανές· ἀληθές, mas uma outra glosa: ἀλλανής· ἀσφαλής. Λάκωνες, impede de ter

<sup>97</sup>A dependência de palavras latinas da raiz *ghā* é muito frequentemente reconhecida; quanto a *hisco, hiare* etc., não se sabe derivá-los de *ghā* imediatamente; *hiare* é o lit. *žióti* (raiz *ghyā*); e a semelhança de *hisco* com χᾱσκω não deve passar despercebida nesta consideração.

<sup>98</sup>Schmitz, *Beiträge zur lat. Sprachk.*, p. 40.

<sup>99</sup>Admitindo em ύλάω um caso de prótese de υ reconstruímos no grego uma raiz que não falta em nenhuma língua congênere. Fick, é verdade, encontra-a em λήρος, λήρέω. O

qualquer resultado quanto a λανθάνω.

O lat. *ma-nd-o* "mastigar" (cf. *pa-nd-o*, λα-νθ-άνω), *ma-s-ticare*, *ma-nsu-dus* etc., e o grego μα-σάομαι baseiam-se igualmente numa raiz *mā*, donde deriva também o gót. *mat(i)-s* "refeição".

Aqui se coloca por fim o lat. *pa-t-ior*, *pa-s-sus* junto de πά-σχω, ἔ-πα-θον; vimos e veremos mais abaixo que é quase impossível decidir se o α dessas palavras gregas é um α antigo ou o representante de uma nasal soante.

Falta mencionar:

dór. μάτηρ = *māter*. χλᾶρός = *h(i)lāris(?)*.

φράτηρ = *frāter*. [dór. τλᾶτός = *lātus*.]

πατήρ = *pater*. πρᾶσιά cf. *pratum*.

Döderlein (*Handbuch der Lat. Etym.*) compara *latex* "regato" a λάταξ "som do dado que cai". Roscher demonstrou (*Stud.* IV 189 seq.) que as formas numerosas da palavra βάτραχος "rã" vêm de \*βράτραχος, que ele aproxima do lat. *blaterare*. Seria preciso citar também λάτρις em comparação com *latro*, se esta última fosse emprestada ao grego (*Curtius, Grdz.* 365).

As sílabas sufixais fornecem A e Ā num número relativamente restrito. Esses fonemas são quase limitados ao sufixo dos femininos da 1ª declinação: grego χώρᾱ, latim arcaico *formā*. Certos casos dessa declinação também mostram A breve, veja §7 no fim. Um A breve aparece junto do nom.-acus. plur. dos neutros da 2ª declinação, ou provavelmente ele foi longo no começo: δῶρᾱ, latim *dōnā* (latim ant. *falsā*). V. §7.

O A é, além disso, a desinência de temas neutros consonânticos [p. 62] no nom.-acus. plur. Ex. γένε-α, *gener-a*. Mas sabe-se que a idade dessa desinência é incerta.

---

λάων de Homero é controverso. ἄλυκτεῖ· ὕλακτεῖ. Κρήτες esclarece pouco.

### 2.3 O fonema *A* nas línguas do norte (§6)

O que é preciso, quando se trata de uma palavra greco-latina, para se ter certeza de que esta palavra contém *A*? É preciso simplesmente, tomadas todas as precauções contra as líquidas e nasais soantes, que se tenha o *a* em grego e em latim. Mas basta, no geral, se a palavra existir em só uma das duas línguas, que nesta língua apareça o *a*: o *a* itálico ou o *a* grego *não anaptítico*, em qualquer forma que se encontre, a qualidade de *A*. – Nos idiomas do norte o problema é mais complicado: cada *a* pode, em si mesmo, ser *A* ou *a*<sub>2</sub>. Antes de atribuir a ele o valor de *A*, deve-se estar certo de que ele não pode representar *a*<sub>2</sub>. Frequentemente este teste será possível em cada língua sem que seja preciso recorrer aos idiomas congêneres, e isto entre os dados morfológicos que indiquem em quais formações *a*<sub>1</sub> é substituído por *a*<sub>2</sub>. A formação sendo uma daquelas que não admitem *a*<sub>2</sub>, ter-se-á certeza de que o *a* é um *A*. O tema do presente, mas somente nos verbos primários, é a mais rica dessas formações.

Na seleção de raízes dadas como exemplos de *A* nas línguas do norte, seguimos esse princípio tanto quanto possível. É preciso que, sem ultrapassar esse grupo de línguas, seja possível concluir que a raiz contenha *A*; compare-se então com as línguas do sul, e aí ter-se-á a confirmação, contanto que essas últimas mostrem o *a*. Cf. §4, 9. Exemplos como o esl. *orjā* em comparação com o lat. *arare* ou o gót. *pahan* em comparação a *tacere* foram deixadas de lado: não que se possa duvidar que o *a* delas não seja um *A*, mas sendo esses verbos sendo derivados, não se pode distinguir na língua mesma se o *a* não representa *a*<sub>2</sub>; só se pode decidir invocando o *a* das línguas do sul. E é precisamente para iluminar a identidade do *a* do sul com os *a* do norte que não pode ser a *a*<sub>2</sub> que se destina a tabela. – No entanto essa

triagem era impossível para os temas nominais não-compostos.

A maior parte dos exemplos se encontra nas ricas coleções de Amelung, a que, no entanto, não referiremos o leitor, pura e simplesmente: pois, conforme o seu [p. 63] sistema, que só admite um fonema primitivo, seja para o *a* do norte, seja para o *a* e *o* reunidos do sul, o autor citará assim, indistintivamente, o gót. *akrs* = gr. ἄγρός, gót. *hlaf* = gr. κέκλωφα. A presente lista está bem longe de ser completa; é sobretudo uma seleção de exemplos.

<i>Ak<sub>1</sub></i> :	esl. <i>os-trǔ</i> ; lit. <i>aš-trùs</i> , <i>ašmen-</i>	<i>ac-ies</i> , ἄκ-ρος.
<i>Ag<sub>1</sub></i> :	nórd. <i>ak-a</i> , <i>ōk</i>	<i>ag-o</i> , ἄγ-ω.
<i>Ah<sub>2</sub></i> <sup>100</sup> :	gót. <i>ag-is</i> , <i>og</i> (irland. <i>ag-athar</i> )	ἄχ-ος, ἀκαχ-ίζω.
<i>kAp</i> :	gót. <i>haf-jan</i> , <i>hof</i> <sup>101</sup>	<i>cap-io</i> .

<sup>100</sup> O grego ἄχομαι, ἄχος, ἤκαχον, ἄχθος; o gót. *ag-is*, *un-agands*, perf.-pres. *og* etc. vêm de uma raiz *agh* sem nasal, que parece ser distinta de *angh*. A primeira dá em sânscrito *aghá* "maldoso" (*aghá-m* "mal, adversidade"), *aghalá* (id.), *aghāyāti* "ameaçar"; a segunda: *aṃhú*, *áṃhas* etc. A primeira designa um mal moral, no mais bem indeterminado, a segunda significa unir, estreitar. A gutural final prova que se pode fazer a distinção; de fato o avéstico , o eslavo *qzūkǔ* mostram *gh<sub>1</sub>* e levantam por conseguinte uma barreira entre sânscr. *aṃhú* e o sânscr. *aghá*. Só em aparência o *gv* do gót. *aggvus* contradiz o *z* do eslavo e do avéstico: cremos que o *v* em questão vem dos casos oblíquos, onde ele só continua o *u* sufixal. Mas deve-se confessar que o avéstico *ayana* "vínculo" compromete a combinação.

<sup>101</sup> *hafjan* é um verbo forte; de outro modo, a partir do que se disse, não deveríamos citá-lo.

<i>twAk</i> <sup>102</sup> :	gót. <i>þvah-an, þvoh</i>	τάκω, ἐ-τάκ-ην.
<i>dhAbh</i> <sup>103</sup> :	esl. <i>dob-rǔ</i> ; gót. <i>ga-daban, ga-dob</i>	<i>fäber</i> .
<i>mAk<sub>1</sub></i> :	gót. <i>ma(h)-ists</i> <sup>104</sup>	μακ-ρός.
<i>MAgh<sub>2</sub></i> :	esl. <i>mog-q</i> ; gót. <i>mag-an</i> <sup>104</sup>	<i>mag-gnus</i> , μάχ-ανά.
<i>wAdh</i> :	nórd. * <i>vað-a, vōð</i>	<i>vād-o, vāsi</i> . F.
<i>skAp</i> :	esl. <i>kop-ajq</i> <sup>105</sup> ; lit. <i>kap-óju</i>	σκάπ-τω, κάπετος.
<i>skAbh</i> :	gót. <i>skab-an, skof</i>	<i>scab-o, scābi</i> .
<i>An</i> :	gót. <i>an-an, on</i> ; esl. <i>q-ch-a</i>	<i>an-imus</i> , ἄν-εμος.
<i>Angh<sub>1</sub></i> :	gót. <i>agg-vus</i> ; esl. <i>qz-ǔkü</i> ; lit. <i>ànksztas</i>	<i>ang-o</i> , ἄγγχ-ω.
<i>Al</i> :	gót. <i>al-an, ol</i> (irl. <i>al</i> )	<i>al-o</i> , ἄν-αλ-τος. [p. 64]

<sup>102</sup>Parece quase impossível manter a aproximação do gót. *þvahan, þvoh* com o grego τέγγω (apesar de ἄτρεγκτος = ἄτρεγκτος). O grego τήκω pelo contrário, não oferece, na forma, nenhuma dificuldade; os significados, é verdade, divergem sensivelmente, mas eles podem-se unir na idéia de fazer verter, que é precisamente a do sânscr. *tósate* a que se comparou *þvahan*. Cf. alhures os sentidos variados das raízes *prau* e *snā*.

<sup>103</sup>Fick, *K. Z.* XIX 261.

<sup>104</sup>Como Ascoli mostrou (*K. Z.* XVII 274) o gót. *maists* está no lugar de \**mahists*, que ele compara a μακρός, separando de *mikils*, como pedia já a diferença de vogais. Ascoli mostrou ao mesmo tempo que *major, magnus* vêm de *mah, magh*; e nos permitiríamos apenas a duvidar de que esse *magh* deu o sânscr. *mahánt*. Não podendo desenvolver o assunto longamente, contentâmo-nos a constatar que temos 3 raízes. 1º *MAk*: avéstico *maçyāo*, ant. persa *maθišta*, gót. *ma(h)ists, ma(h)iza*, grego μακρός, e também μάκαρ e o latim *macte*. 2º *MAgh<sub>2</sub>*: sânscr. *maghá* «riqueza», gót. *magan*, lat. *magnus, ma(h)jor*, gr. μάχανά, esl. *mogq*; — mas não *mahánt*, visto o *z* do avéstico *mazāoñt*. 3º *MA<sub>1</sub>G<sub>1</sub>* ou *MA<sub>1</sub>G<sub>2</sub>*: gr. μέγας, gót. *mihils*, sânscr. *mahánt*; cf. *majmán*. — No que concerne especialmente o gótico, é preciso admitir que o part. sing. *mag* vem de \**mog* e que ele seguiu a analogia do plural *magum*; do mesmo modo que, inversamente, *forum* substituiu \**farum*. Cf. mais abaixo, cap. V.

<sup>105</sup>Os verbos derivados da classe de que *kopajq* faz parte não têm o hábito de mudar um *e* radical em *o* (*a<sub>2</sub>*); era lícito então citá-lo aqui.

<i>a(j)iza-</i>	<i>a(j)es.</i>	gót. <i>aljis</i>	<i>alius, ἄλλος.</i>
<i>akrs.</i>	<i>ager, ἄγρός</i>	gót. <i>ana</i>	<i>ἀνά.</i>
lit. <i>akmú</i> (? esl.		lit. <i>qsà</i>	<i>ansa.</i>
<i>kamy =okmy, nórd. hamarr)</i>	<i>ἄκμων.</i>	ant. alt-al. <i>ano,</i>	
got. <i>ahva</i>	<i>aqua.</i>	lit. <i>anyta</i>	<i>ānus.</i>
lit. <i>áklas</i>	<i>aquilus, ἄκαρος</i>	gót. <i>arhvazna</i>	<i>arcus.</i>
ant. alt-al. <i>ahsa,</i>		gót. <i>avo</i>	<i>avus.</i>
sl. <i>osj, lit. aszìs</i>	<i>axis, ἄξων</i>	esl. <i>brada (*borda),</i>	
got. <i>af</i>	<i>ab, ἀπό.</i>	lit. <i>barzdà,</i>	
sl. <i>otiči, gót. atta</i>	<i>atta, ἄττα</i>	ant. alt-al. <i>part</i>	<i>barba.</i>
got. <i>tagr</i>	<i>lacrima, δάκρυ.</i>	gót. <i>bariz-eins,</i>	
esl. <i>bobŭ, pruss. babo</i>	<i>fāba. Fick.</i>	(esl. <i>borŭ F.)</i>	<i>far, g. farris.</i>
gót. <i>gazds</i> <sup>106</sup>	<i>hasta.</i>	esl. <i>gqsŭ, lit. žqsis</i>	<i>anser, χάν.</i>
esl. <i>lomŭ</i>	<i>lāma (*lacma). Fick</i>	gót. <i>fana, esl. o-pona</i>	<i>pannus, πᾶνιον.</i>
gót. <i>ma(h)il</i>	<i>mācula. Fick</i>	gót. <i>salt, esl. solŭ</i>	<i>sal, ἄλς</i>

Os exemplos seguintes permitirão que vejamos o *ā* longo das línguas do norte. Este fonema que, no grupo do sul, só difere do *A* breve na quantidade, nelas em geral se distingue ainda pela cor. No germânico e no lituano ele é um *ō* longo (ant. alto al. *uo*), ainda que o eslavo, onde um *a* breve torna-se *ǫ*, dá ao *ā* longo a cor de *a*. Sabe-se que o *a* eslavo só [p. 65] vem de uma vogal breve em um ou dois casos bem excepcionais. As formas entre colchetes violam essa lei de substituição.

<sup>106</sup> Osthoff, K. Z. XXIII 87.

<i>fāgus</i>	ant. alt-al. <i>buocha</i> .
<i>cāligo</i> , κάλις	esl. <i>kalŭ</i> . Fick.
μάκων	esl. <i>makŭ</i> [ant. alt-al. <i>māgo</i> ].
<i>nāres</i> , <i>nāsus</i>	lit. <i>nósis</i> , ang-sax. <i>nōsu</i> (cf. sl. <i>nosŭ</i> , ant. alt-al. <i>nasa</i> .
πάχυς	nórd. <i>bōgr</i>
<i>rāpa</i>	ant. alt-al. <i>ruoba</i> , lit. <i>rópé</i> [esl. <i>répa</i> ]
<i>suāvis</i> , ἄδύς	germ. <i>svōtja-</i> : nórd. <i>soetr</i> , ant. alt-al. <i>suozī</i> (F. III <sup>3</sup> 361).

*O A e Ā estão no fim da raiz:*

<i>ghā</i> : χήμη (χᾱ-λά)	germ. <i>gō-men-</i> , lit. <i>go-murŷs</i> «palatum». Fick
<i>tā</i> : <i>tā-bes</i>	esl. <i>ta-jq</i> [anglo-s. <i>þāven</i> ].
<i>bhā</i> : <i>fā-ri</i> , (φᾱ-μί)	esl. <i>ba-jq</i> .
<i>lā</i> : <i>lā-trare</i>	esl. <i>la-jq</i> , lit. <i>ló-ju</i> [mas em gótico <i>laia</i> = * <i>lē(i)a</i> ].
<i>stā</i> : <i>stātus</i> , ἔ-στᾱ-ν etc.	esl. <i>sta-nq</i> , lit. <i>stóju</i> ; gót. <i>sto-min-</i> , <i>sta-da-</i> [ant. alt-al. * <i>stām</i> , <i>stēm</i> ].
( <i>s</i> ) <i>tā</i> : dóρ. τᾱτάω <sup>107</sup>	esl. <i>ta-jq</i> , <i>ta-tŭ</i> , <i>ta-jñŭ</i> .

A raiz é aumentada por uma dental, por exemplo em:

<sup>107</sup> Ahrens H 144. No eslavo *tajŭ* "secretamente", *tajñŭ* "segredo" cf. o tema indiano *tāyú* "ladrão" donde também τηῦ-σιος "vão, sem resultado" (Pott, *Wurzelwörterb.* I 100).



*pā-t*: gót. *fō-d-jan*<sup>108</sup>, esl. *pa-s-tyrĭ*.  
*lā-(t)*: gót. *la-þ-on*, *la-þa-leiko*. Fick  
*sā-t*<sup>109</sup> gót. *sa-d-a*, *so-þ-a-*; lit. *só-t-us* (sl. *sytŭ*).

Entre as palavras mais isoladas, limitâmo-nos a citar:

(*pater*, πατήρ gót. *fadar*; cf. §11.)  
*māter*, μάτηρ ant. alt-al. *muotar*, esl. *mati*, lit. *moté*.  
*frāter*, φράτηρ gót. *broþar*, esl. *bratrŭ*, lit. *broterĕlis*.

O A do sufixo dos femininos observa-se facilmente nos casos [p. 66] do plural onde a desinência começa por uma consoante: gót. *gibo-m*, lit. *mergó-ms*, sl. *žena-mŭ*. Posto na sílaba final ele sofreu, como se sabe, diversas alterações. No nominativo singular, o eslavo (*žena*) ainda preserva o *a*, nele representando o *ā* longo, enquanto que as leis que regiam os sons do germânico e do lituano comandassem que se abreviasse a vogal final: *giba*, *mergà*, salvo no gót. *so*, gr. ἄ. Sobre o vocativo *ženo* v. p. 88.

O A no ditongo dá lugar a algumas notas particulares.

Muitos estudiosos negaram que tenha havido um ditongo europeu *eu*, em outros termos e no ponto de vista da unidade original do *a*, que tenha havido a divisão do ditongo *au* em *eu* : *au* na mesma época onde em todas as outras posições o *a* foi dividido em *e* : *a*. Bezzenger (*Die a-Reihe der gotischen Sprache*, p. 34) defende, ou antes menciona, que, é quase desnecessário dizer expressamente, que no presente gótico *kiusa* no lugar de *\*keusa* = gr. γεύω, o *e* da primeira língua não

<sup>108</sup> *fodjan* pressupõe uma raiz contendo A, e por isso somente que o citamos; é bem provável, de fato, se consideramos a palavra *fodjan* mesma, que o seu *o* respondesse a um *ω*, e não a um *ā* do grego. Cf. cap. V, §11.

<sup>109</sup> A raiz simples se encontra em grego ἔωμεν = \*ἦομεν (Curtius, *Verb.* II 69).

tem vínculo histórico com o *e* da segunda. Quai seria a razão dessa violenta separação de duas formas em que a congruência é tão perfeita como possível? É que os idiomas leto-eslavos não tinham nenhum ditongo *eu*, e por conseguinte o período europeu não podia, igualmente, possuí-lo.

Não nos propusemos, em geral, nenhuma tarefa quanto ao *e* europeu, sendo o fato de seu surgimento, que concorda nas diferentes línguas, sendo reconhecido pelos partidários de todos os sistemas. Devemos ainda assim nos ocupar do *e* pois queremos relacioná-lo ao *a*, e combater os argumentos que tenderiam a estabelecer que, em uma época qualquer o *e* e o *a* (*A*) seriam um e o mesmo. Evidentemente, a origem recente do ditongo *eu*, se se confirmasse, entraria nessa categoria. Por outro lado, nós nos abstemos de perseguir até o fim as consequências para onde Bezzenger se veria arrastado pelo princípio que ele mesmo propõe, pois queremos evitar subordinar à questão do *eu* a da unidade europeia, ou a da divisão do *a*. Dizemos logo de início que a ausência do *eu* nas línguas leto-eslavas, em que o autor se apoia, é posta em dúvida por Schmidt, que assinala pistas numerosas *K. Z. XXIII 348 seq.* Schmidt [p. 67] considera o ant. esclav. *ju* e o lit. *iau* como sendo, em certos casos, representantes do *eu* (esl. *b(l)judq* = gót. *biuda*, gr. *πέυθομαι*; lit. *riáugmi*, gr. *ἐρέύγω*). Depois, é verdade, Bezzenger arremessou um dardo novo para a causa que defende. Nossa incompetência não nos permite julgar; entretanto, eis o que temos, ao menos, a dizer:

Mesmo que a suposição de Schmidt não se verificasse; mesmo que não existisse indício algum de um ditongo *eu* no domínio leto-eslavo, isso não significaria que ele nunca tenha existido: as línguas itálicas não possuem mais o *eu*, e se não fosse o único *Leucetio*, seria possível dizer que no itálico o antigo ditongo *au* nunca

teve a forma *eu*. Ninguém duvida, no entanto, que *douco*<sup>(38)</sup> não venha de *\*deuco*. O mesmo parece ter acontecido no leto-eslavo, não só no ditongo, mas também, como em latim no grupo *ev*. Isto se observa com maior clareza no antigo eslavônico *čelvěkŭ*: o letão *zilweks* mostra de fato que o *o* não é primitivo<sup>110</sup>, e sem ir tão longe, basta constatar a palatal nicial *č* para saber que a forma antiga é *\*čelvěkŭ* (v. sobre este assunto J. Schmidt, *Voc.* Il 38 seq.). Donde vem o *o*, então? Ele só pode vir do *ν* com quem a metátese da líquida *o* havia posto em contato. – Por um raciocínio de outro tipo obtém-se a convicção de que *slovo* vem de *\*slevo*: de fato os neutros em *-as* só têm desde o tempo mais remoto *a<sub>1</sub>*, nunca *a<sub>2</sub>*, na sílaba radical: também é assim no ariano, no grego, no latim, no germânico. E o eslavo mesmo não infringe essa regra como mostra *nebo* = gr. *νέφος*. Como então explicar *slovo* = *κλέφος* de outra forma que não pela influência do *ν* sobre o *e*? Dir-se-ia o mesmo sobre o presente *plovq* = gr. *πλέφω*, pois *πλώω* é, evidentemente, de formação posterior. — Numa sílaba de desinência encontramos similarmente em sânscrito *sūnāvas*, em grego *πήχες*, em gótico *sunjus*, e só no eslavo *synove*.

Essa ação do *ν* que durou por muito tempo, como mostra *člověkŭ*, começa a se produzir desde o período da unidade leto-eslava. [p. 68] Quanto ao grego *νέφος* aparece em lituano *naújas* como em eslavo *novŭ*.

Aqui, algumas palavras sobre o *a* lituano. Dada a completa equivalência desse *a* e do *o* eslavo (ambos representando A e *a<sub>2</sub>*) surge a pergunta, naturalmente, de qual dos dois fonemas é mais antigo. A palavra que suscita a questão na sua forma leto-eslava é *novos* ou *navas*? Tendo em vista todas as flutuações entre o *ō* e o *ā* de diferentes dialetos do Báltico, prussiano antigo, lituano, letão, e considerando a

<sup>110</sup> Encontra-se também o *e* no gót. *fairhvus* "mundo" que se pode reconstruir de um *\*hverhvus* *\*hvervehvus* e comparar com *člověkŭ*.

<sup>(38)</sup> Ie. a forma mais antiga do latim *dūcō* 'eu conduzo'.

divergência de cor entre o *a* breve e o *a* longo, seja em lituano, seja em eslavo (lit. *ã:/õ/*; esl. *õ:/ã/*), uma terceira hipótese se apresenta, a saber, *nãvã*s. No período leto-eslavo seria pronunciado não um *a* puro, mas um *ã*, breve e longo. Sem dúvida não há para esta hipótese um argumento bem positivo, mas há menos ainda, acreditamos, que se possa invocar contra ele. Ele fundamenta os fatos de assimilação de que falamos, da mesma maneira que, por outro lado, ele é fundamentado. O método comparativo é e será sempre obrigado a recorrer às vezes a esse tipo de indução dupla.

Cito novamente o lit. *javalí*, gr. ζεά (sânschr. *yáva*), *sávo*, gr. ἔφος, e então duas palavras onde o mesmo fenômeno se manifesta, aparentemente, no sentido inverso como no lat. *vomo* no lugar de *\*vemo*. São *vákaras* = gr. ἔσπερος, esl. *večerŭ*; *vasarà* = gr. ἔαρ, lat. *vēr*. Muitos desses exemplos e dos precedentes vieram da lista onde J. Schmidt registra os supostos casos de concordância incompleta do *e* nas línguas europeias: seriam, se tudo isso não for ilusório, muitos números a retirar de um catálogo já bem exíguo.

Essa transformação leto-eslava de *ev* em *ãv* difere do fenômeno análogo que o itálico apresenta, principalmente por não ter acontecido constantemente. Bem deve haver uma causa para que *devęti* (lit. *devyni*) não tenha sido tratado como *\*slevo* que se tornou *slovo*, mas essa causa permanece oculta. – No ditongo, ao contrário, a assimilação do *e* é a regra, excetuando casos como *bljudq* e *riáugmi* que vimos mais acima. Pode haver uma prova dessa dupla origem do *au* (em última análise ela é tripla, o *a* (*ã*) sendo ele mesmo formado de *A* + *a*<sub>2</sub> no genitivo lituano *sunaús* de temas em *-u* em comparação com o gen. *akies* (e não «akais») de temas em [p. 69] -<sup>111</sup>. Mesmo assim a relação exata entre *ie* e *ai* sendo ainda incerta, não

<sup>111</sup> O *au* do gótico *sunaus* não se explica assim, como mostra a forma correspondente de

insistiremos.

Na descendência leto-eslava dos ditongos  $a_1i$ ,  $a_2i$ ,  $Ai$ , há igualmente, como acabamos de aludir, perturbações muito graves. O significado exato do  $i$  e do  $e$  do eslavo,  $ie$  ( $ei$ ) e de  $ai$  em lituano ainda é um problema. Parece que o  $ie$  desta língua, que aparentemente representa  $a_1i$ , seja somente uma degradação de  $ai$ : tem-se por exemplo, junto do gót. *haims*, do prussiano *kaima*, veja-se mesmo do lit. *kaimýnas*, um  $ie$  em *kíemas*.

Com o que precede fica aparente que os exemplos de A lituano ou eslavo no ditongo só podem ter, como tais, um valor bem relativo, quase nulo quanto a  $Au$ .

(?) <i>ghAis</i> :	<i>haer-eo</i>	lit. <i>gaisztù, gáisztì</i> . Fick.
<i>skAidh</i> :	<i>caed-o</i>	gót. <i>skaid-an, skaiskaid</i> .
<i>Aug</i> :	<i>aug-eo, αὐξίς</i>	gót. <i>auk-a, aiauk</i> ; lit. <i>áug-u</i> .
(?) <i>Aus</i> :	<i>h-aur-io, h-aus-tus</i>	nórd. <i>aus-a, jōs</i> . F.

---

temas em  $-i$  que, também ela, tem  $a$ : *anstais*. Até o presente este  $au$  e este  $ai$  certamente não se explicam.

<i>aevum</i>	gót. <i>aivs</i> cf. p. 54.
<i>caecus</i>	gót. <i>haihs</i> .
δα(ιϜ)ήρ	anglo-sax. <i>tācor</i> ; esl. <i>děverī</i> , lit. <i>dieverīs</i>
<i>haedus</i>	gót. <i>gaits</i> .
<i>laevus</i> , λαιός	esl. <i>lěvŭ</i> .
<i>aurora</i>	lit. <i>auszrà</i>
<i>caulis</i> , καυλός	lit. <i>káulas</i> . C.
ναῶς	nórd. <i>nau-st</i> .
<i>pau-cus</i>	gót. <i>fav-ai</i> .
σαυσαρός	lit. <i>saúsas</i> .
Ἄ-χα(Ϝ)ιοί	gót. <i>gavi</i> . <sup>112</sup>

<sup>112</sup> O tema da palavra gótica é *gauja-* ("região"): Ἄχαιοί significaria ὁμόχωροι. Talvez pertençam aqui os Δωριέες τρι-χάϊκες, a menos que se veja aí um composto com τρίχα – à maneira do indiano *purudhá-pratika* – com um tema Ϝικ- avéstico *viç* "clã".

## Capítulo 3

# Capítulo III. Os dois *o* greco-italicos.

Foi por razões meramente práticas que consideramos até aqui o *o* greco-italico como um todo homogêneo. Na [p. 70] verdade há ao contrário duas espécies bem distintas que estudaremos uma depois da outra.

### 3.1 *o*<sub>2</sub> greco-italico. – *a*<sub>2</sub> indo-europeu (§7)

Os fenômenos das línguas árias estão aqui ligados demais àqueles que se observam na Europa para serem tratados em separado. Pusemos então no começo do parágrafo o *a*<sub>2</sub> *indo-europeu* junto do greco-italico *o*<sub>2</sub>.

A verdadeira definição de *a*<sub>2</sub> é, como me parece: a vogal que, nas línguas europeias, alterna regularmente com *e* dentro de uma mesma sílaba radical ou sufixal.

Assim, para falar de um *a*<sub>2</sub> proético<sup>(39)</sup>, deve-se também pôr absolutamente

---

<sup>(39)</sup>Ie. de um estado anterior à divisão das etnias indo-europeias.

o germen do *e* no período da unidade, primeiro. Esta é a hipótese de Brugmann. Este estudioso, por uma ideia que Amelung havia vislumbrado (*v.* p. 5), deixou de procurar no estado do vocalismo que nos apresenta o ariano os dados de onde se devem derivar os fonemas do Ocidente, e transporta, pelo contrário, até a língua mãe o princípio do *e* europeu e do fonema que substitui talvez este *e* ( $a_2$ ), deixando, no mais, o número total dos *a* provisoriamente indeterminado.

Em tudo que segue partimos dessa hipótese não-provada da origem proétnica do  $a_1 = e$ . Quanto a  $a_2$ , queremos prová-lo por meio dos fatos reunidos no parágrafo que, no mais, são geralmente conhecidos. – Mais tarde examinaremos até que ponto esses fatos, ao garantir  $a_2$ , não garantem ao mesmo tempo o  $a_1$  indo-europeu.

Brugmann se estendeu com maior detalhe sobre  $a_2$ : *Studien* IX 367 seq., 379 seq.; *K. Z.* XXIV 2. Este fonema, diz ele, torna-se no armênio, no grego, no itálico e no eslavo<sup>13</sup>: *o*, no céltico, no germânico e nas outras línguas do báltico: *a*, no [p. 71] ário em toda sílaba aberta:  $\bar{a}$ , mas se a sílaba for fechada<sup>14</sup>, *a*.

Como dizíamos há, independente do que tange às líquidas soantes, *o* greco-italicos que remontam a um fonema diferente de  $a_2$ . Chamamos de  $o_2$  a espécie que equivale ao antigo  $a_2$ : o segundo receberá a designação  $\varrho$ .

Eis as formações onde  $a_2$  (greco-it.  $o_2$ ) substitui regularmente  $a_1$  (*e*).

### 3.1.1 1. Sílaba Radical.

#### a. Formações Verbais.

<sup>13</sup>Ainda que não seja uma questão essencial, preferiremos não pôr o eslavo junto das línguas do sul, pois não se saberia insistir na disparidade do *o* eslavo e do *o* das línguas clássicas. O primeiro tinha exatamente o valor de um *a* lituano ou gótico. Quando vemos ao contrário  $a_2$  tornar-se em greco-italico *o* e não *a* (diferença que não existe no eslavo), há aí um fato notável, que utilizamos em §4, que segue.

<sup>14</sup>Para o ditongo, pode-se chamar de sílaba aberta aquela onde, sendo seguido de uma



PERFEITO. Enquanto que, na origem, o médio e o plural e o dual da voz ativa rejeitam o  $a_1$  radical, o *singular do ativo* o substitui por  $a_2$ .<sup>115</sup> Encontram-se todas as formas gregas em questão enumeradas em Curtius, *Verb.* II 185 seq, 188 seq. Deles eis alguns exemplos tirados dos três modelos de raízes da página 9:

γεν:	γέγονα
κτεν:	ἔικονα
μερ:	ἔμμορα
δερκ:	δέδορκα
φεικ:	ἔιοκα
ἔλευθ:	εἰλήλουθα <sup>116</sup>
λεγ:	εἶλοχα
τεκ:	τέτοκα
χεδ:	κέχοδα [p. 72]

No latim *totondi, spopondi, momordi* (lat. antigo *spepondi, memordi*) vive um resquício dessa antiga formação. Pode-se supor que o presente desses verbos era no princípio *\*tendo, \*spendo, \*merdo*. Ao lado desses presentes havia os derivados *tondeo, spondeo, mordeo*, e em virtude da regra que diz que o que se parece se junta,

vogal, o segundo elemento do ditongo se torna uma semivogal (*cikāya*); a sílaba fechada é a que é seguida de uma consoante (*bibhēda*).

<sup>115</sup>Dissemos acima sobre a extensão secundária dessa forma em grego (p. 13 e p. 22 i. n.). οἶδα : ἴδμεν, e alguns outros exemplos refletindo a imagem do estado primitivo que é ainda o do germânico e do sânscrito.

<sup>116</sup>Sabe-se que o ditongo ου só é um arcaísmo conservado aqui e ali; os perfeitos como πέφευγα, τέτευχα, não devem espantar. Mas encontram-se ainda outros perfeitos contendo como κεκλεβώς, λέλαγα. No médio, essas formas são numerosas, e há mesmo o ditongo ει em λέλειπται, πέπεισμαι etc. (ao lado das formações regulares εἶκτο, ἴδμαι, τέτυγμαι etc.). Esse ε vem certamente em parte do presente, mas há ainda uma outra origem, as formas fracas do perfeito nas raízes de forma C que não podiam rejeitar o  $a_1$  – entre elas algumas podiam, v. página 12 i. n. Assim τεκ deve fazer primeiro τέτοκε, plur. \*τετεκαμεν ou \*τετεκμεν, pois "τετκμεν" era impossível. O que apoia essa explicação do ε é que as formas em questão, ao menos as que pertencem ao ativo, são principalmente participios, e que o part. perf. exige a raiz fraca. Ex.: ἐν-ήνοχα ἀν-ηνεχυῖαν, εἶλοχα συνειλεχώς etc. Curtius, *Verb.* II 190. *Das Verbum der Griechischen Sprache*.

o verbo em *-eo*, pondo-se em contato com o perfeito finito, termina por suplantar o antigo presente. Cf. p. 13.

Nas línguas germânicas o singular do perfeito não é menos bem conservado que o plural e o dual. Lá, em toda parte, a forma fraca sem *a* (p. 12 e 22), aqui em toda parte *a*<sub>2</sub> em sua forma germânica *a*: *gab* de *giban*, *bait* de *beitan*, *baug* de *biugan*, *varþ* de *vairþan*, *rann* de *rinnan* etc.

O perfeito irlandês tratado por Windisch *K. Z. XXIII 201 seq.* é muito interessante: aqui novamente o *e*, expulso do plural, torna-se *a* (= *a*<sub>2</sub>) no singular. O autor reúne os exemplos desse *a*, p. 235 *seq.* onde só é preciso escolher. Pres. *condercar* "ver", perf. sing. *ad-chon-darc*; pres. *bligim* "ordenhar", perf. sing. *do ommalgg* etc.

As línguas árias respondem com *ā* longo na sílaba aberta: sânsc. *jagáma*, *papáta*, *cikáya*. A sílaba fechada, como o ditongo seguido de uma consoante, tem *a* breve, conforme a regra: *dadárśa*, *bibhédā*.

É peculiar que na língua védica a primeira pessoa nunca mostre *ā* longo, e mesmo no sânscrito clássico a longa seja somente facultativa nessa forma. Brugmann (*Stud. IX 371*) buscou explicar esse fato no meio de sua hipótese sobre a desinência *-a* dessa primeira pessoa, que representaria um antigo *-m* (v. p. 40): a sílaba se encontra assim fechada, o *a* breve de *jagáma* etc. não teria nada de irregular. Mas 1º é lícito duvidar que esse *a* represente realmente uma nasal; 2º mesmo isto sendo admitido, julga-se antecipadamente nessa explicação a questão de saber qual fenômeno é anterior ao alongamento do *a*<sub>2</sub> ou a perda da nasal; 3º em *rājān-(a)m*, *pād-(a)m*<sup>(40)</sup> e em outras formas a desinência *-m* não impediu o alongamento.

<sup>(40)</sup>Saussure se refere ao perfeito reduplicado em védico. Tendo citado formas como *papáta* 'ele caiu', formada da raiz  $\sqrt{pat}$  com a reduplicação do *onset* da sílaba radical, *pa-*, resultando no tema do perfeito *pa-pat*, a vogal da raiz se alonga ao receber a desinência da terceira pessoa: *pa-pát-a* → *papáta*, dado que a vogal radical é *\*a*<sub>2</sub>, o que se constata ao comparar a mesma formação no grego. A desinência da primeira pessoa, por sua

gamento do  $a_2$ . – É preciso confessar que não se saberia ter certeza da presença de  $a_2$  na primeira pessoa: ela é assegurada na 3ª pessoa, e provavelmente na segunda (*jagantha*); e isso é tudo, pois em grego e em germânico a [p. 73] primeira pessoa podia facilmente tomar o  $a_2$  emprestado da segunda e da terceira<sup>117</sup>.

Exceto esse pequeno grupo do perfeito singular não se encontra em lugar algum na flexão verbal  $a_2$  substituindo o  $a_1$  radical. Três aoristos sigmáticos gregos<sup>118</sup> *δοάσσατο* junto do imperf. *δεάμην, -έτοσσε* (Píndaro) da raiz *τεκ, ζόασον· σβέσον* Hes. (cf. *ζείνυμεν*), podem no entanto conter um vestígio de algum outro emprego de  $a_2$ . E precisamente o aoristo indiano em *iṣam* alonga o *a* radical na sílaba aberta como se esse *a* fosse  $a_2$ : *ákāniṣam, ávādiṣam*. Somente no dialeto védico o alongamento é só intermitente: a lista dada por Delbrück, *Altind. Verb.* 179 seq. mostra que, com uma ou duas exceções, quase só ocorre se todas as sílabas seguintes forem breves, porque aparentemente um certo ritmo da palavra seria, sem isso, problemático. É preciso saber, antes de se ter direito de concluir que  $a_2$  está presente, se razões

<sup>117</sup>É peculiar que se encontre em Hesíquio uma 1ª pessoa *λέλεγα*, seguida, a algumas linhas de distância, por uma 2ª pess. *λέλογας*. Mas tem-se aí sem dúvida só um acidente.

<sup>118</sup>Ahrens (199) conjectura um aoristo eólico *ὄρράτω*, de *εἴρω* "entrelaçar". Esta seria uma quarta forma dessa espécie.

vez, também emerge como *-a*, sem que a vogal da raiz se alongue: *papáta* 'eu caí'. Dada a Lei de Brugmann mencionada acima, a vogal radical, estando em uma sílaba breve, deveria ter sido alongada, como na terceira pessoa do perfeito. Pode-se conjecturar que, se a desinência da primeira pessoa fosse uma consoante, a vogal radical não seria mais leve, estando seguida por duas consoantes. O melhor candidato seria o *-m* que é a desinência da primeira pessoa no imperfeito, por exemplo (*ápatam* 'eu caí'). A forma então viria de *\*pa-pát-m*. Essa nasal, estando entre uma consoante e o fim da palavra, tornar-se-ia soante, *\*pa-pát-ṃ* e, em védico, *-a*. No entanto, argumenta Saussure em seu terceiro ponto, o acusativo singular de temas que terminam em consoante, como *rájan-* 'rei' e *pád-* 'pé' seria uma forma análoga, tendo  $a_2$  na última sílaba antes da desinência *-m*: *\*rájan-ṃ, \*pád-ṃ*. Essas formas emergem como *rājānam* e *pādam*, com o alongamento, o que sugere que a desinência do perfeito não possa ser *-m*. Em grego antigo os acusativos de temas consonânticos, como *anéra* de *anér-* sugerem que a desinência do acusativo singular era apenas *-m* de fato. As formas do sânscrito ou receberam a desinência novamente depois da vocalização da nasal soante, para que se tenha *rājānam*, ou sofreram analogia com os temas vocálicos, como *ásvam* de *ásva-*, e é por isso que a desinência é grafada como *-(a)m* aqui.

desse tipo puderam impedir o alongamento desse fonema. Cremos de fato que assim é; v. p. 83. Seria essencial também conhecer exatamente a origem do aoristo em *-iṣam*, a que voltaremos no capítulo VI. Em todo caso o aoristo sigmático normal, como ἔδειξα, mostra  $a_1$  e não  $a_2$ .

VERBOS DERIVADOS. Além dos denominativos, que naturalmente tomam a raiz na forma em que ela está no tema nominal, existem verbos derivados que gostaríamos de chamar de deverbativos, e de que é impossível deixar de fazer, ao menos provisoriamente, uma classe distinta, como pede a acentuação indiana<sup>(41)</sup>. Nós os poremos aqui ao invés de fazer um apêndice aos temas nominais. Eles têm em parte o sentido causativo. O  $a_1$  radical neles se torna  $a_2$ .

Gótico *dragkjan* no lugar de \**dragkijan*, cf. *drigkan*; *lagjan*, cf. *ligan*; *kausjan*, cf. *kiusan*.

Grego ὀχέω de φεχ, φορέω de φερ, σκοπέω de σκεπ. φοβέω de φεβ talvez seja um causativo. [p. 74]

Tem-se em latim *moneo* de *men*, *noceo* de *nec*, *torreo* (no sentido causativo) de *ters*. *mordeo*, *spondeo*, *tondeo* encontram nas línguas congêneres o *e* radical necessário. Retornaremos a *tongeo* e o gót. *þagkjan*.<sup>119</sup> São conhecidos os dois exemplos greco-italicos *torqueo* = προτέω (raiz *terk<sub>2</sub>*), *sorbeo* = ῥοφέω (raiz *serbh*) Curtius, *Verb.* I<sup>2</sup> 348. — O latim conserva o *o* nas formas derivadas diretamente da raiz e que primitivamente deviam ter uma outra vogal, como em *sponsus*, *tonsus*. Em *morsus*, *tostus*, poder-se-ia rigorosamente admitir que *or* venha de uma líquida soante.

<sup>119</sup>Em *foveo*, *moveo*, *voveo*, *mulgeo*, *urgeo* e outros, deve-se levar em conta a possível influência dos fonemas vizinhos.

<sup>(41)</sup>Tanto causativos como denominativos têm *-aya-* antes da desinência verbal: *mān-āya-ti* 'ele faz pensar' (de *√man* 'pensar') e *amitr-ayá-ti* 'ele age como inimigo' (de *a-mitra* 'in-imigo'). Veja-se WHITNEY 1879, §1057 e seguintes.

O que a 1ª conjugação pode nos fornecer pertence aos denominativos, pois as línguas congêneres nunca mostram A na sílaba de derivação dessa espécie de verbos.

Em antigo eslavônico: *po-ložiti* de *leg*, *topiti* de *tep*, *voziti* de *vez* etc.

Encontramos nas línguas arianas a vogal longa que se esperaria: sânsc. *pātáyati* de *pat*, *śrāváyati* de *śro*. Avéstico *pārayēiti* de *par*. — As raízes fechadas têm a breve regular: *vartáyati*, *rocáyati*.

b. FORMAÇÕES NOMINAIS. TEMAS EM -MA. O grego oferece um número muito grande deles. Designamos por Hm. os que se encontram em Homero, por Hs. os que são extraídos de Hesíquio.

εί	οἶμο <sup>120</sup> Hm.
έρκ	ὄρκμο Hs.
φελ	ὄλμο Hm.
φερ	ὄρμο Hm.
λεχ	λόχμη Hm.
ι σερ	ὄρμο Hm.
πετ	πότμο <sup>121</sup> Hm.
τελ	τόλμη Hm.
τερ	τόρμο <sup>122</sup>
άλει	ἀλοιμό <sup>123</sup>
βρεχ	βροχμό Hs.
δεχ	δοχμή
κερ	κορμό Hm.
σλει	λοιμό <sup>124</sup> Hm.
πλεκ	πλοχμό Hm. [p. 75]

<sup>120</sup>Além disso οἶμη.

<sup>121</sup>Se fosse provado que o τ inicial de τετμεῖν vem de uma gutural antiga, seria melhor tirar πότμος da raiz πετ. A relação entre πότμος e πετμεῖν seria, quanto à consoante inicial, a que há entre ποινή e τεῖσαι.

<sup>122</sup>É τόρμος no sentido de τέρμα, e não τόρμος "buraco" a que nos referimos.

<sup>123</sup>ἀλοιμός "cobertura" é uma palavra preservada na Etymol. Magn. Ele se relaciona não a ἀλειφω mas a ἀλίνειν· ἀλείφειν, e ao lat. *lino* (*lēvi, lītus*); v. Curtius, *Verb.* I<sup>2</sup> 259.

<sup>124</sup>Existe uma raiz *sra<sub>1</sub>i* "pecar, ser criminoso, perder-se": ela dá o sânsc. *sre-man* em *asremán* que Böhtl.-Roth e Grassmann (s. v. *sreman*) traduzem por *fehlerlos*, talvez também *sríma*, nome de fantasmas noturnos. Em latim *lē-tum, de-leo* (*de-levi*). Em grego λοιμός e λοιτός· λοιμός Hes. rejeitado por Schmidt, mesmo que garantido pela ordem alfabética. Uma raiz irmã se encontra no sânsc. *srín<sub>1</sub>yati* "faltar, falhar", parente do grego λῦμη λῦμαίνομαι. Então há a raiz aumentada *sra<sub>1</sub>idh*: sânsc. *srédhati* "etwas falsch machen, fehlgehen" e *srídh* "der Irrende, der Verkehrte" (B. R.); ela dá em grego ἡλίθιος, dór. ἄλίθιος no lugar de ἄ-σλίθιος (ἡλέος é outra coisa). O ramo *sra<sub>1</sub>i-t* só se encontra na Europa: gót. *sleips* "danoso", grego ἄ-(σ)λιτ-εῖν "pecar", λοιτός· ἀμαρτωλός; talvez além disso o lat. *stlit-*. Pode-se admitir além disso que ἀλιτεῖν só recebeu sua dental no solo grego. Esta é a opinião de Curtius (*Grdz.* 547), e ela tem uma base muito sólida na forma ἀλεί-της.

ρέγκ ρογμό<sup>125</sup>(?)

2 σερ όρμή Hm.

στελ στολμό

φερ φορμό<sup>126</sup>

φλεγ φλογμό

φεχ συν-εοχμό Hm.

O verbo *κοιμάομαι* indica um antigo tema \**κοιμη ου \*κοιμο* da raiz *κει*. Em *πλόκ(α)μος* de *πλεκ*, *ούλ(α)μός* de *φελ* há sem dúvida o mesmo sufixo. – Algumas exceções como *τειμή* (inscrição), *δειμός*, *άγερμός*, apresentam o na raiz: essas são formações novas que seguiram a analogia dos neutros em *-μα*. Sobre *κευθμός* o mesmo que se disse de *πέφευγα*.

A raiz do lat. *forma* será sem dúvida *fer* (ant. *dha<sub>1</sub>r*), com *e*; o *o* é então *a<sub>2</sub>*.

Os temas germânicos *flauma-* "onda" (Fick III<sup>3</sup> 194), *strauma-* "rio" (F. 349), seriam em grego «*πλουμο, ρουμο*». Da raiz *ber* vem *barma-* "colo" (F. 203), que em gótico tornou-se um tema em *-i*. O gót. *haims* "vila" só é um tema em *-i* no singular: o antigo *haima* reaparece no plural (fem.) *haimos*; o grau *a<sub>1</sub>* se encontra em *heiva-* "casa".

Ao germ. *haima-* corresponde em prussiano *kaima*, cf. lit. *kaimý-nas* e *kémas* (p. 65). De *vez* (vehere) o lituano forma *vazmà* "o ofício de carroceiro" (Schleicher, *Lit. Gr.* 129), de *lenk* "curvar", com um *s* inserido, *lànksmas* "curvatura".

Os temas em *-ma* do veda encontram-se reunidos no livro de B. Lindner, *Altindische Nominalbildung*, p. 90. Citamos de uma vez por todas esse livro indispensável, que consultamos constantemente, e utilizamos para tudo que concerne a formação de palavras.

<sup>125</sup>V. o dicionário de Passow s. *v. έγμός*. <sup>126</sup>É duvidoso que a palavra venha de *φέρω*, mas o grau *φερ* existe em todo caso em *φερνίον, φέρμιον* "cesta".

A sílaba radical desses temas indianos não se encontra nunca na posição que dá evidência de  $a_2$ , pois o sufixo, começando [p. 76] por uma consoante, cria disso uma sílaba fechada. Não se pode **provar**  $a_2$  em *sár-ma é-ma* etc., como por outro lado não se poderia provar que seu *a* é  $a_1$ . Uma série de temas indianos em *-ma* apresentam então a forma forte da raiz: uma segunda série, é verdade, rejeita o *a* radical, mas esta, como constataremos, se acha também nas línguas congêneres. A primeira classe, que nos interessa aqui, acentua como em grego às vezes a raiz, às vezes o sufixo. Ex. *hó-ma*, *dhár-ma*, e *nar-má*, *ghar-má*.

Essa formação criava nomes abstratos masculinos (pois os femininos como o gr. οἴμη ou o lat. *forma* são estranhos ao sânscrito), mas ela não parece ter produzido adjetivos. O caso do lat. *formus*, gr. φερμός, é isolado e em sânscrito *gharmá* é substantivo. Quanto a θερμός, seu *e* é posterior pois, além de *formus*, o *gh* de *gharmá* indica  $a_2$  (v. cap. IV). Esse *e*, é verdade, deve ter sido introduzido antes que o processo do dentalismo<sup>(42)</sup> se consumasse; de outro modo o não se explicaria.

TEMAS EM -TA. Começamos, como sempre, pelo grego:

<sup>(42)</sup> Aqui, a passagem da consoante labiovelar (ie. velar e labializada) aspirada para a dental, do PIE *\*g<sup>wh</sup>ermós* para o grego *t<sup>h</sup>ermós*. Em sânscrito a mesma labiovelar ter-se-ia tornado palatal se precedesse *e*, o que sugere, segundo Saussure, que o *e* da forma grega seja posterior.



εί	οἶτο
κει	κοῖτο <sup>127</sup>
κεν <sup>128</sup>	κόντο
νες	νόστο
φερ	φόρτο
χερ <sup>129</sup>	χόρτο
άφερ	άορτή
βρεμ	βροντή
μερ	μορτή

πλούτος é uma formação obscura demais para estar nesta lista. A admissão de έορτή e do siciliano μοίτος depende também da etimologia que se fizer de λοιτός por outro lado teria todo o direito de estar aqui.<sup>130</sup> (v. p. 75).

O latim tem *hortus* = χόρτος. Fick compara *Morta*, nome de uma Parca, a μορτή "quinhão", mas será latino esse nome? Pusemos *porta* entre os casos de líquida soante, p. 16.

O gótico tem *daupa-* "morte" de *divan* (germ. *dauda-*, Verner [p. 77], *K. Z.* XXIII 123). No entanto, normalmente só nos temas em *-ta* a sílaba radical é enfraquecida, não naqueles em que ela está no grau  $a_2$ , que servem para formar participios. A raiz germânica *bren* "queimar" dá *branpa-* "incêndio" (Fick III<sup>3</sup> 205); *breu* "fermentar" dá *brauda-* neut. "pão" (F. 218). Quanto ao gót. *gards*, deve-se separá-lo do gr. χόρτος; v. J. Schmidt *Voc.* II 128. O *e* das palavras *βiupa-* neut. "bem" e *βiuda* fem.

<sup>127</sup>E o fem. κοίτη.

<sup>128</sup>κεν é a verdadeira forma da raiz; daí κέν-τωρ, κέν-τρον, κεν-τέω. Pouca probabilidade de aproximar com o sânsc. *kunta*.

<sup>129</sup>Em ε-χερ-ής.

<sup>130</sup>Não se sabe onde colocar os nomes de agente em -τη-ς, cujo parentesco com as palavras em -τηρ (Brugmann, *Stud.* IX 404) é bem duvidosa, visto o α do dórico. Alguns têm ο: άγυρτής (?), άορτής (mas também άορτήρ), Άργει-φόντης, fem. κυνο-φόντις; Μούσα, \*Μόντυα fem. de \*Μόντης. φροντίς é de derivação secundária.

"povo" é surpreendente; aqui naturalmente o itálico *touto* assim como o lit. *tauta* não têm valor (p. 63 seq.).

Schleicher dá um certo número desses casos na página 115 de sua gramática lituana: *tvártas* "curral" de *tvérti*, *ráŕstas* "cepo" de *rent* "cortar", *spqstai* masc. plur. "armadilha" de *spend* "pôr armadilhas", *naštà* fém. "fardo" de *neš*, *slaptà* fem. "segredo" de *slep* "esconder" etc. — Em antigo eslavo: *vrata* neut. pl. = \**vorta* "porta"; é o lit. *vàrtai*; *vérti* mostra-nos o *e*. De *pen* vem *pq-to* "interferência".

Em sânscrito esses temas teriam, imagino, a aspirada *th*, mas não encontro nenhum exemplo bem transparente. O avéstico tem *gaēθa* fem. "mundo" de *gaē* (ie. *gi*) "viver", *dvaēθa* "medo" da raiz que é em grego *θφει* (Curtius, *Stud.* VIII 466). O *θ* equivale a um antigo *th*. Algumas outras formas constam em Justi p. 372. — Os neutros *θraota* e *çraota* são provavelmente os equivalentes do sânsc. *srótas* e *śrótas*, que passaram para outra declinação<sup>131</sup>.

#### TEMAS EM -NA.

έφερ ὄρφνη θερ θρόνο<sup>132</sup> πει ποινή

É impossível saber se a raiz de *θεινή* é, com . É difícil também ter qualquer certeza sobre *οἶνος*, *ὑπνος* e *ὄκνος*. *τέχνη*, *ἔδνον*, *φερνή* (eól. *φέρενα*) mostram um irregular. Quanto ao *e* de *τέκνον*, tenhamos cuidado pois aqui o *e* não podia cair — o que não é o caso de *φερνή* —, que por conseguinte nada impede *τεκ* de representar o grau onde a raiz expulsa o *e*. E existe uma segunda série de temas em *-na* que de fato [p. 78] enfraquece a raiz: é a esta classe certamente que *τέκνον* pertence, e seu equivalente germânico *þegná-* (oxítone, v. Verner l. c. 98). *πόρνη* faz parte deles; seu *o* não é *a*<sub>2</sub>.

<sup>131</sup>É verdade que *çraota* coincide com o gót. *hliup*, mas o *e* dessa forma faz suspeitar que ela seja recente. Quanto ao lit. *sriautas*, pode-se identificar a *srótas* bem como a *θraota*.

<sup>132</sup>*θρόνος* é a metátese de \**θόρνος* confirmada por *θόρναξ· ὑποπόδιον*. Κύπριοι Hes. Sobre

Quanto a ὠνος, ὠνή (sâns. *vasná*), o lat. *vēnum dare* e o eslavo *věno* apresentam um *e* muito extraordinário. Deve-se dizer que a etimologia dessa palavra ainda não está esclarecida e que nos parece inteiramente isolada. É possível, de fato, relacioná-la ao sâns. *vásu*.

A raiz germânica *veg* dá *vagna*- "carroça"; *ber* dá *barna*- neut. "criança" (mas em lit. *bėrnas*); de *leih(v)* vem *laihna*- neut. "empréstimo" (F. III<sup>2</sup> 269), de *leug laugna* fem. "ação de esconder" (F. 276). Seria errado pôr aqui *launa*- "salário": o grego λαυ nos ensina que seu *a* é *A*.

Encontro no lituano *varsnà* fem. <sup>(43)</sup> (de *vėrsti*?) e *kálnas* "montanha" de *kel*. Compara-se a este último o lat. *collis*: talvez haja mesmo uma identidade completa, pois a passagem de um tema em *-o* como *\*colno* à declinação em *-i* se encontra em muitos casos. Sobre *maínas* "troca" = sl. *měna* (F. II<sup>2</sup> 633), a vogal radical é incerta. O eslavo *strana* "região" no lugar de *\*storna*; *cěna* "honra" idêntica ao gr. ποινή, ao avés. *kaēna* fem.; o *a<sub>1</sub>* radical é evidente no dór. ἀποτεισεῖ e em outras formas. Temos menor familiaridade com a raiz do avés. *daēna* fem. "lei" que J. Schmidt (*Verwandtsch.* 46) compara ao lit. *dainà* (cf. cret. ἔν-θινος = ἔννομος?). Avés. *vaçna* "desejo".

Em sânscrito há, entre outras, as oxítonas *praśná*, (*vasná*), *syoná* adj. "suave" donde *syoná-m* "assento" (= gr. *euné* no lugar de *\*ouné*?), as paroxítonas *várna*, *svápna*, *phéna*. A esta última corresponde o lit. *pėnas* que pareceria provar *a<sub>1</sub>*; mas, como em *kėmas*, pode-se suspeitar do *ě*, especialmente pois o gr. φοινός "sanguinolento" (primit. "espumante"?) bem poderia atestar afirmativamente o *a<sub>2</sub>*.

#### TEMAS GREGOS EM -σo.

a raiz θερ v. Curtius, *Grdz.* 257.

<sup>(43)</sup>Medida de quanto um par de bois podia arar em linha reta antes de fazer meia volta.

(τεκ τόξο<sup>133</sup>) κερ κορσό<sup>134</sup> λεκ λοξό

O latim compartilha com o grego o tema *lokso* (*luxus*) e tem também *noxa*, cf. *necare*. [p. 79]

TEMAS GREGOS EM -ανο, -ανη. Encontram-se reunidos em G. Meyer, *Nasalstämme* 61 seq. Deixando de lado os adjetivos em , sobram principalmente nomes de instrumento proparoxítonos, dentre que alguns mostram o *e*, ainda que a maioria tome *o*<sub>2</sub>. Assim δρέπανο, στέφανο junto de ξόανο, ὄργανο, ὄχανο, πόπανο, χόανο, χόδανο. Ao lado de ὀρχάνη (Ésquilo) econtra-se bem mais tarde ἐρκάνη. Em suma, parece que o *o* seja a regra. Cf. lit. *darg-anà* "tempos chuvosos" de *derg*, *rág-ana* "bruxa" de *reg-ver*".

O *o* do grego parece à primeira vista concordar perfeitamente com o *ā* longo das palavras indianas tais como o adj. *násana* "perditor" de *násati* "perire" ou o neut. *váhana* "veículo", um paralelo exato de ὄχανον. Mas essas palavras têm uma relação tão estreita com os verbos da 1ª classe, que é difícil não ver no sufixo delas uma mutilação de *-ayana*<sup>135</sup>. Ainda assim, a formação existe também em avéstico: *dārana* "proteção" = sânsc. *dhāraṇa*. Deixaremos a questão em aberto.

TEMAS GREGOS EM -ευ. Eles tomam constantemente *o*<sub>2</sub> se a raiz tem *e*. Assim γεν γονεύ, φεχ ὄχεύ, νεμ νομεύ, πεμπ πομπεύ, τεκ τοκεύ, τρεφ τροφεύ, χευ χοεύ, e centenas de outros. Mas essas palavras são provavelmente de derivação secundária<sup>(44)</sup> (Pott *K. Z.* IX 171); elas teriam por base os temas que seguem.

TEMAS EM -Α. Pode-se dividir da maneira seguinte aqueles (contendo *a*<sub>2</sub>) que

<sup>133</sup>O *s* pertence talvez à raiz como é o caso de *παλίν-ορσο*, *ἄψ-ορρο*.

<sup>134</sup>*κορσόν· κορμόν* Hes. — Só menciona νόσος νοῦσος e μόρσιμος. É possível acrescentar *δόξα* de *δεκ* se ele assimilou seu *α* ao de *τόλμα*.

<sup>135</sup>Isto é evidente em *astamana* e *antarana*, v. B[öhntlingk e] R[oth].

<sup>(44)</sup>Sufixos primários, na gramática sânscrita, crescem-se na raiz, enquanto os secundários se crescem no tema que já tenha recebido um sufixo primário.

a língua helênica fornece:

Adjetivos (relativamente pouco numerosos): δεχ δοχό<sup>(45)</sup>, τεμ τομό, έλκ όλκό, σμει σμοιό, θευ θοό, λειπ λοιπό etc.

Nomes de agente: κλεπ κλοπό, τρεφ τροφό, πεμπ πομπό, άφειδ άοιδό etc.

Nomes de objeto e nomes abstratos: πεκ πόκο, τεκ τόκο, ζεφ ζόφο, νεμ νόμο, πλευ πλόο, στειχ στοίχο, έρ[πεντηκόντ-]ορο etc. — Oxítonos: λεπ λοπό, νεμ νομό, λευγ λοιγό etc.

Femininos: δεχ δοχή, στελ στολή, φερβ φορβή, σπενδ σπονδή, λειβ λοιβή, σπευδ σπουδή etc.

O latim, mais parco com seus *a*<sub>2</sub>, coloca-o talvez onde não devesse. Há os neutros *pondes-* de *pend foedes-* de *feid*, enquanto que a regra constante dos temas em *-as* é de manter o *a*<sub>1</sub> na [p. 80] raiz<sup>136</sup>. Provavelmente essas palavras foram primeiro neutros em *-a*. O ablativo *pondō* não se explica de outra maneira; *\*foido-* só deixou traços, mas o neutro *\*feidos* se conserva em *fidus-ta*, que seria então mais antigo que o *foideterai* do senatus-consulta sobre as Bacanais. A opinião de Corsen, que considera *fidusta* um superlativo, foi rejeitada por outras autoridades. — Além dessas duas palavras a reconstruir, encontramos *dolus* = δόλος — o grau *del* não existe em lugar algum, mas o *o* dessa palavra dá bem a impressão de ser *o*<sub>2</sub> —; *modus* de *med* (gr. μέδ-ιμνος, gót. *mit-an*); *procus* de *prec* (cf. *procax*); *rogus* de *reg*(?); latim ant. *tonum* de (s)*ten* ( etc.); o fem. *toga* de *teg*. Pode-se mencionar aqui *pōdex* de *pēd* = *perd*. — Espanta o osco *feihoss* em comparação com o τοίχος grego.

Em gótico: *saggva-* (*siggvān*), *vraka-* (*vrīkan*) *dragka-*, neut. (*drigkan*), *laiba*

<sup>136</sup>*holus* ao lado do latim ant. *helusa* deve seu *o* à vizinhança de *l*.

<sup>(45)</sup>Saussure adota aqui a convenção, no sânscrito, de citar os substantivos e adjetivos omitindo a marca do nominativo singular, que é a forma sob que se encontram as entradas nos dicionários. Assim as entradas são , *tomós*, *olkós* etc.

fem. (-*leiban*), *staiga* fem. (*steigan*), *hnaiva* adj. (*hneivan*) etc.

Em lituano: *dagà* "tempo da colheita" (gót. *daga-*) de *deg* "queimar"<sup>137</sup>; *váda-s* de *ved*; *táka-s*, eslavo *tokŭ* de *tek*; *bradà* fem., esl. *brodŭ* de *bred*. Em eslavo *plotŭ* de *plet*, *lqkŭ* de *lqk*, *trqsŭ* de *trqs* etc.

As línguas arianas mostram na sílaba aberta a vogal longa regular. Nomes de objeto e nomes abstratos: sânsc. *tāna* = gr. *τόνο-ς*, *srāva* = gr. *ρόο-ς*, *pākā* "cozimento" de *pac*; avés. *vāḍa* "assassinato" de *vad* (*vadh*). Adjetivos, nomes de agente: sânsc. *tāpā* "quente" (também "calor") de *tap*, *vyādhā* "caçador" de *vyadh*.

Evidentemente, a lei primitiva era que o  $a_1$  radical cedesse lugar ao  $a_2$  nos temas em *-a*. Todas as infrações a ela de que são culpadas as diferentes línguas não chegaram a obscurecer essa característica de sua estrutura gramatical comum. É nas línguas arianas que a inovação tomou proporções maiores: ela toma todas as palavras como *yāma* de *yam*, *stāva* de *sto* etc. A analogia das raízes terminadas por duas consoantes deve ter aqui uma grande parte da influência: desde que os sons de  $a_1$  e  $a_2$  se confundiram, uma palavra como *várdha*, primitivamente *va<sub>2</sub>rdha*, se associou na mente daquele que falava ao presente *várdhati*, [p. 81] primitivamente *vá<sub>1</sub>rdhati*, e é bem natural que ele tenha, em seguida, formado com esse modelo *yāma* de *yámati*, ou *hāsa* de *hásati* ao lado de *hāsa*. – Na Europa, onde a distinção dos dois *a* ( $a_1$ ,  $a_2$ ) subsistiu, não constatamos um esquecimento menos frequente da tradição: ainda assim, o grego mostra uma soma ainda tão pequena de formações desse tipo que só se pode tirar a conclusão de sua ausência, talvez completa, originalmente. Esses são os neutros ἔργ-ο<sup>138</sup> e τέλσ-ο, os adjetivos πελ-ό, χέρσ-ο. ῥέμβ-ο e πέρκ-ο (normalmente περκ-νό), além de ἔλεγο e ἔλεγχο. No caso de λευκ-ό o

<sup>137</sup>Ao lado de *dagà* e *dágas* encontra-se a formação nova *degas* "incêndio".

<sup>138</sup>Ao contrário o armênio tem regularmente *gorts* (ἔργον), com  $a_2$

ditongo *ou* esteve em jogo; κέλευθ-ο ainda mostra sua formação antiga em ἀ-λόυθο. Ao lado de Δελφοί tem-se δολφό. Creio que é isso, com as palavras seguintes, quase tudo que o grego tem de formações desse tipo.<sup>139</sup>

Há exemplos que possuem seu análogo nos idiomas congêneres, e que merecem certamente toda a atenção: ζεά junto do ind. *yáva*<sup>140</sup>; ἴμερο no lugar ἐ-σμερο<sup>141</sup> comparável ao sânsc. *smārá*; θεό que coincide com o gót. *diuza-* neut.<sup>142</sup>. O gr. στένιον (também στήνιον) junto do sânsc. *stána* permite concluir um indo-eur. *sta<sub>1</sub>na*. V. sobre essas palavras Joh. Schmidt, *Verwandtschaftsverh.* 64.

Em germânico, estes são principalmente os adjetivos (reunidos em Zimmer, *Nominalsuffixe a und ā* 85-115) que aceitaram o *e* [p. 82] na raiz. Assim *reuda-* "vermelho" ao lado de *rauda-*, *gelba-* "amarelo", *hreuba-* "áspero", *hvīta-* ie. *hveita-* "branco", aparentado mas não idêntico ao sânsc. *śvetá*, *leuba-* "caro", *þverha-* "transversal", *seuka-* "doente", *skelha-* "oblíquo" etc.

Em dois adjetivos que têm quase o caracter de pronomes, e de que ao menos uma não vem certamente de uma raiz verbal, o *a<sub>1</sub>* data da língua mãe: *na<sub>1</sub>wa* (gr. νέος, gót. *niujis*, sânsc. *náva*) derivado de *nu* ( ) e *sa<sub>1</sub>na* (gr. ένος, lat. *senex*, gót. *sinista*, irl. *sen*, lit. *sėnas*, sânsc. *sána*).

Na maior parte das línguas europeias os femininos em *-ā* foram postos em pé

<sup>139</sup>Aqui algumas de menor importância: κέπφο, κελεφό, κέρκο, πέλεθο, σέρφο; o voc. ὦ μέλε é obscuro. ἔρο e γέλο são anormais já também em outros sentidos. πέδο é de formação secundária. — ζένο no lugar de ζένφο e todos os casos análogos não entram, naturalmente, em consideração. στένο parece ter a mesma natureza, por causa da forma στεῖνο.

<sup>140</sup>A história desse tema é muito complicada: ζεά só é uma forma mais recente de ζειά (= sânsc. *yávasa*) e não pode então se comparar diretamente a *yáva*. Mas essa palavra grega nos ensina, ao menos, que o *a* radical de *yáva* é do tipo *a<sub>1</sub> - a<sub>2</sub>*, não do tipo *A*. A breve de *yáva* decide por outro lado por *a<sub>1</sub>*, e o isolamento da palavra garante suficientemente sua origem proétnica. Obtemos então o indo-eur. *ya<sub>1</sub>wa*. — Baseado nisso admitimos no *a* do lit. *javaí* uma alteração secundária do *e*, p. 65.

<sup>141</sup>Cf. χίλιοι no lugar de \*χεςλιοι, ἱμάτιον no lugar de \*έσματιον etc. — A glosa ἡμερτόν-έπέραστον estremece a etimologia usual.

<sup>142</sup>O primeiro sentido seria *anima*. Cf. p. 79 i. n. — O lit. *dvėsti* e *dvásė* "espírito" pode-

de perfeita igualdade com os masculinos ou os neutros em *-a*: ambos servem à derivação produtiva e variam assim os recursos da língua. O sânscrito apresenta um estado de coisas bem diferente. Encontra-se, ao combinar as listas de Grassmann e as de Lindner (p. 150), que os femininos védicos em *-ā* formam, comparando-os com os masculinos, uma pequena minoria, e que a maior parte deles são apelativos, tais como *kásā* "chicote", *vasā* "vaca", e que os pares como *πλόκος πλοκή*, tão frequentes na Europa, só estão representados aqui em alguns exemplos (assim *rása rasā, vārṣa* (neut.) *varṣā*). E mal um ou dois desses femininos parecem conter *a*<sub>2</sub>: o maior número, como *druhā, vṛtā*, pertence à classe privada de *a* radical, de que trataremos noutro lugar. Tendo em vista esses fatos, não temos o direito de estender aos femininos proétnicos em *ā* todas as conclusões a que se terá chegado quanto aos temas em *-a*, e torna-se provável que os femininos europeus formados com *a*<sub>2</sub> sejam uma categoria gramatical histerógena<sup>(46)</sup>.

Quanto à ACENTUAÇÃO de temas em *-a*, há, de tudo que precede, uma triagem a ser feita nos materiais que o Veda oferece. É possível que a regra de Lindner (loc. cit. 29) se verifique nas formações novas de que dissemos. Mas se nos limitamos a tomar os temas (védicos) que alongam o *a* radical, onde por conseguinte temos certeza da presença do *a*<sub>2</sub>, eis como se classificam.

**Paroxítonos.** *a.* nomes abstratos etc.: (*pása, bhāga*) *vāga, vāra, śāka, jāna* neut. [p. 83] *b.* adjetivos, apelativos: *jāra*.<sup>143</sup> — **Oxítonos.** *a.* (*dāvā*) *nādā, nāvā, vāsā, sāvā, sādā.* *b.* *grābhā, nāyā, ghāsā, tārā, vākā, vāhā, śrāyā, sāhā, svānā, hvārā.* — Para ser consistente, colocamos entre colchetes como não tendo valor aqui as

riam também sugerir um \**θφεσο* primitivo.

<sup>143</sup>As palavras como *bādha* de *bādh* cuja raiz já tem o *ā* longo, além das palavras de origem obscura como *gāla* "rede", *çāpa* "madeira flutuante" não são citadas, *kāma* é um tema em *-ma*.

<sup>(46)</sup>'Surgida posteriormente'.



palavras cuja raiz contém A no testemunho das línguas da Europa; ex.: *bhága*, gr. φαγ.

Não podendo o *a*<sub>2</sub> manifestar-se em palavras vindas de raízes *fechadas* como *manth* ou *ves*, o resultado é que encontrar a origem das formações novas e as formações primitivas, que são as que nos interessam, é impossível nessas palavras. Mas as línguas congêneres garantem até um certo ponto a antiguidade de algumas delas. Vejamos a acentuação que lhes dá o sânscrito. **Paroxítonas:** gr. δολφός, germ. *kalba*-, sânsc. *gárbha*; gr. λοιγός, sânsc. *róga* [gr. ὀρός, sânsc. *sára*<sup>144</sup>]; germ. *haus*a-<sup>145</sup> "crânio", sânsc. *kóṣa* (Fick); germ. *drauga*-, sânsc. *drógha*; germ. *rauta*-, sânsc. *róda* (P.); germ. *svaita*-, sânsc. *svéda* (F.). **Oxítonas:** esl. *mqtŭ*, sânsc. *manthá*; esl. *mrakŭ* = *\*morkŭ*, sânsc. *marká* (Böhtlingk e Roth) [esl. *chromŭ* (adj.), sânsc. *srāmá*]; gr. οἶκο, sânsc. *vesá* gr. κόγχη<sup>145</sup>. sânsc. *śaṅkhá*, germ. *ḡauta*-, sânsc. *todá* (F.); germ. *mais*a-<sup>145</sup> sânsc. *meṣá* (Bugge); germ. *rauda*- (adj.), sânsc. *lohá*. Quanto ao acento das palavras comparadas, vê-se que não está sempre de acordo com o do sânscrito.

São oxítonas em grego: os adjetivos, os nomes de agente, parte dos nomes abstratos masculinos, os nomes abstratos femininos.

Em germânico, até onde pude perceber, os substantivos (masculinos e femininos) são oxítonas: o gót. *snaivs* (νείφει dá o *e*) prova pela perda do *g* a acentuação *snai(g)vá*- (Sievers). No artigo citado de Verner mencionam-se os [p. 84] temas germânicos *haugá*- (raiz *heuh*, no gót. *hiuhma*), *laidá* (fem.) de *leip*, *sagá* (fem.) de *seh* (lat. *secare*). As duas palavras seguintes são análogas, mas vêm de raízes que

<sup>144</sup>*sara* parece ser somente uma variante de *çara* ou *çáras*. O sentido de *sára* (creme, quintessência etc.) e do gr. ὀρός parte aquosa do leite) se reconciliam facilmente, ainda que eles sejam aparentemente opostos. O lat. *sérum* é o mesmo tema, ou só aparentado? Curtius, *Grdz.* 350.

<sup>145</sup>O *a* de *haus*a- e de *mais*a-, o *o* de κόγχη representam talvez *a*<sub>2</sub>, mas não se pode dizer

têm *A*: *hōbá* (fem.) de *haf*, *fangá* (fem.) de *fanh*. Por outro lado há paroxítonas em *faiha-* (gót. *filufaihs*), *maisa-*, cf. acima, — Os adjetivos são frequentemente paroxítonos, como *lausa-* de *leus*<sup>146</sup>, *hauha-* "alto" junto de *hauga-* "eminência", mas vimos que a maior parte tem *e* na raiz, o que os deixa em um lugar à parte.

Em suma, e até onde se pode julgar com esses dados bem pouco completos, concluir-se-á: 1º que um grande número de temas em *a* com *a*<sub>2</sub> na raiz, tinham, na língua mãe, o acento no sufixo; 2º que não se pode dizer com certeza se alguns desses temas, qualquer que fosse o sentido, além disso, tinham ao contrário o acento na sílaba radical.

Nos temas em *-a* que formam o segundo membro de um composto cujo primeiro será um substantivo regido — só falamos de casos onde *a* ação verbal ainda é sentida, não de *tatpuruṣas* em geral —, ou mesmo de uma preposição, a presença de *a*<sub>2</sub> também está assegurada.<sup>147</sup> Podemos distinguir quanto ao sentido quatro categorias representadas pelos exemplos seguintes: *a. pari-vādá* "reprimenda" de *vad*, *b. ut-tāná* "que se estende" de *tan*, *c. sūkta-vāká* "recitação de um sūkta" de *vac*, *d. uda-hārā* "portador de água" de *har*. O Avéstico mostra o mesmo alongament do *a*.

Exemplos gregos: *a.* σύλ-λογος e συλ-λογία de λεγ; [*b*]. ἐξ-ημοιβός de ἀμειβ, πρό-χοος de χευ; *c.* —; *d.* ὑ-φορβός de φερβ, πυρ-φόρος de φερ. A classe *c* existe em alguns femininos como μισθο-φορά, mas essas palavras são exceções.

com certeza.

<sup>146</sup>Mesma acentuação na palavra grega correspondente λούσον· κόλουρον, κολοβόν, τεθραυσμένον (parente de ἀλεύομαι = gót. *liusan*; cf. ἀλυσκάζω ee em Hesíquio λυσκάζει). Quanto à perda necessária do *s* grego posto entre vogais, as afirmações peremptórias parecem ainda prematuras face a certos casos tais como σαυσαρός (lit. *saiṣas*), ἐν-θουσιασμός (cf. esl. *duchü*, *dusa*). Resta encontrar a regra. — A raiz *fraþ* (com *A*) dá o adj. oxítono *frōdá-*.

<sup>147</sup>É impressionante que os compostos indianos de caracter moderno, onde o primeiro membro está declinado (*puṣṭimbará* etc.) nunca apresentam *a* longo.

Exemplos lituanos: *pá-šaras* "comida" de *šer*, *at-laidà* [p. 85] "perdão" de *leid*, *iš-takas* "fluxo" de *tek*. Antigo eslavo: *vodo-nosŭ* de *nes*, *sqlogŭ* de *leg* (talvez um *bahuvrīhi*), *pro-vodŭ* "companheiro" de *ved*, *po-tokŭ* "rio" de *tek*, *prorokŭ* "profeta" de *rek*, *vodo-tokŭ* "canal" de *tek*. Em *dobro-rekŭ* (*Osthoff, Beitr. de P. et B.* III 87) o *e* se infiltrou.

Em latim, o vocalismo do segundo membro de compostos, sujeitos a influências de diversos agentes destruidores, é absolutamente irreconhecível. O osco *lou-fri-konoss* é um *bahuvrīhi*.

Na origem, não se pode duvidar, esses compostos foram geralmente oxítonos. Eles o são nos textos védicos, e são em parte em grego. Na classe *d.* o grego só retraiu o acento sobre a penúltima se ela fosse breve<sup>148</sup> (*Bopp, Accentuationssystem* 280, 128; *Schröder, K. Z.* XXIV 122). V. a exceção que talvez o sânscrito apresente, em *Garbe, K. Z.* XXIII 481; ela lembra a distinção do grego *πατρόκτονος* e *πατροκτόνος*.

TEMAS EM -I. Eis os que o grego forma: *τρέχ*, *τρόχι* "corredor" (Ésquilo), *στρεφ* *στροφή* "homem esperto" (Aristófanes), *χρεμ* *χρόμι*, nome de um peixe; *μεμφ* *μόμφι* fem. = *μομφή*. Adjetivos: *τρεφ* *τρόφι* (Homero), *δρεπ* *δρόπις*· *τρυγητός* (Hes.). Cf. *μολπίς*, *φρόνις*, *φόρμιγξ*.

Cf. gót. *balgi-* "odre" de *belg* "inflar"; sânsc. *rācī*, *ghāsī*; *dhrāgi*, *grāhi*. Lindner, p. 56.

TEMAS EM -U. A raiz do gót. *hinpan* "pegar" dá *handú-* fem. "mão" (Verner *l. c.*). O *a* do germ. *haidú-* = sânsc. *ketú* é certamente *a*<sub>2</sub> (e não *A*), pois o *c* alternando com *k* do sânsc. *cétati*, parente dessas palavras, é um sinal de *a*<sub>1</sub> (cap. IV). Com-

<sup>148</sup>Os exemplos onde a regra não é nem um pouco observada (ex.: em *πολίπορθος*, *παλίντονος*) apresentam normalmente essa singularidade, que o primeiro membro tem *i* na última sílaba.

parando *skadu-* "sombra" ao sânsc. *cátati*, teríamos um tema em *-u* bem parecido com os precedentes; mas aqui estamos menos certos de que a vogal radical seja  $a_1$ . Voltaremos a esta comparação no capítulo IV.

O lit. *dangùs* "céu" vem de *deng* "cobrir". Quanto aos numerosos adjetivos em *-u-s*, coligidos por J. Schmidt, *Beiträge de Kuhn e Schleicher* IV 257 seq., e que tomam  $a_2$  regularmente — [p. 86] ex.: *sargùs* de *serg* —, não é, na verdade a um tema em *-u*, limitado a alguns casos do masculino, mas a um tema em *-ya* que aparece noutros lugares que se deve, parece, atribuir a prioridade: é verdade que o sânscrito tem alguns adjetivos como *dārú* de *dar*, mas a regra dominante dos antigos adjetivos em *-u* é de rejeitar o *a* radical (p. 16, 24).

Encontra-se um tema  $da_2mu$  no lat. *domus*, *-ūs*, igual ao ant. eslavo *domŭ*<sup>149</sup>. Esta última palavra, de acordo com os eslavistas, é bem um tema verdadeiro em *-u* e não mostra a indiferença que outras têm de se declinar como *vlŭkŭ* ou como *synŭ*. É a mesma formação que pertence ao gr. κόρθυς fem. se se adota a aproximação de Fick com o gót. *hairda*, que atestaria o *e* radical e a não-sufixalidade de ; então κροκŭς, -ŭδος fem. de κρέκω "tecer".

Dois neutros paroxítonos de grande importância: gr. δόρυ, irl. *daru-* (*Grdz.* 238), sânsc. *dāru*; gr. γόνυ, sânsc. *jānu*. O ind. *sānu*, por essa analogia, deve conter  $a_2$ . φόρβυ· τὰ οŭλα· Ἡελειον parece vir de φερβ e ter  $a_2$ .

Muito extensa é a família de temas em *-ya*. Mesmo as formações secundárias se entremeiam tão intimamente com as palavras tiradas diretamente da raiz que

<sup>149</sup>O ind. *dāmūnas* "familiaris", um dos nomes de Agni, decompõe-se talvez em *damu* + *nas* (vir). Falta explicar a breve de *dāmu*: pode-se pensar logo de início em um deslocamento da quantidade e reconstruir *\*dāmūnas*. Mas o alongamento do *i* ou do *u* diante de uma nasal é algo tão comum que tal hipótese seria muito arriscada. Não é inconcebível que, tendo o *u* sido alongado, o  $a_2$  que precedia tenha sido forçado por isso a permanecer breve. V. p. 84. Mesmo assim a forma *damūnas* que aparece mais tarde torna essa combinação muito problemática.

nos abstemos, por medo de erros numerosos demais, de submeter esses temas ao mesmo exame dos precedentes.

### 3.1.2 2. Sílabas sufixais.

As línguas europeias mostram claramente que a vogal adicionada à raiz nos temas verbais em *-a* é um  $a_1$  que alterna com  $a_2$ . Há concordância entre todos os principais idiomas da família quanto ao lugar onde  $a_2$  aparece (1ª pess. dos três números, 3ª pess. do pl.) [p. 87]

Grego	Latim	Gótico	Antigo Eslovo	Sânscrito
(ἔχω <sup>150</sup> )	<i>vehō</i>	<i>viga</i>	<i>vezā</i>	<i>vāhāmi</i>
ἔχομεν	<i>vehimus</i> <sup>151</sup>	<i>vigam</i>	<i>vezomǔ</i> <sup>152</sup>	<i>vāhāmas</i>
–	–	<i>vigos</i>	<i>vezovē</i> <sup>153</sup>	<i>vāhāvas</i>
ἔχοντι	<i>vehunt</i> <sup>154</sup>	<i>vigand</i>	<i>vezatī</i>	<i>vāhanti</i>
Cf. ἔχετε	<i>vehite</i>	<i>vigip</i>	<i>vezete</i>	<i>vāhatha</i>

As formas do médio reproduzem o mesmo esquema: entre elas distinguem-se as 1ªs pessoas do grego: φέρομαι, ἐφερόμην que, ainda que vindo de formas antigas, apresentam, conforme a regra, um *o* diante de (v. abaixo).

A forma primitiva exata da 1ª pessoa do singular do ativo é um enigma que não tentamos solucionar. Com a desinência dita secundária, ela não oferece nenhuma dificuldade: gr. ἔφερον, esl. *vezǔ* (regular no lugar de \**vezon* sânsc. *á-bharam* (*a*

<sup>150</sup>A raiz aqui pouco importa.

<sup>151</sup>Antigamente \**vehumus*, \**vehomus*.

<sup>152</sup>*rezomǔ* e *vezovē* são as formas do aoristo (se ele existe nesse verbo); o *e* do presente *vezemǔ*, *vezevē*, é devido à analogia com outras pessoas.

<sup>153</sup>*rezomǔ* e *vezovē* são as formas do aoristo (se ele existe nesse verbo); o *e* do presente *vezemǔ*, *vezevē*, é devido à analogia com outras pessoas.

<sup>154</sup>Latim antigo *tremonti*. — O avéstico concorda com o sânscrito. O lituano apresenta as 1ªs pessoas do plur. e do dual *sùkame*, *sùkava*. O *a* do gót. *vigats* (2ª pess. do dual) só pode ter vindo de *vigam*, *vigand* etc. Explica-se igualmente o ant. alto alemão *wegat* com relação ao *vigip* gótico (2ª pess. plur.), e o lit. *sùkate*, *sùkata*.

breve, visto a sílaba ser fechada).

No mais, o paradigma se repete onde quer que haja uma conjugação do tipo que se chama temático. Nesse paradigma, o aparecimento de  $a_2$  é evidentemente ligado, de uma maneira ou de outra, com a natureza da consoante que segue. V. Paul em seus *Beiträge* 401. Não se pode, visto a 3ª pess. do plural, – ao menos que se admita que a desinência dessa pessoa foi originalmente *mti* – buscar no som labial a causa da transformação. Será preciso atribuir às soantes, ou com mais abrangência, talvez, às sonoras. Este é o único caso onde a substituição do fonema  $a_2$  no lugar de  $a_1$  se explica com a ação mecânica de sons vizinhos.

No ditongo do optativo é  $a_2$  que aparece: o grego e o germânico são os únicos idiomas que dão sobre isto um testemunho positivo, mas ele é suficiente: gr. ἔχοις, ἔχοι, ἔχοιμεν etc.; gót. *vigais, vigai, vigaima* etc.

Diante do sufixo do particípio em *-mana* ou *-ma* as línguas [p. 88] europeias têm  $a_2$ : gr. ἔχο-μενο-ς<sup>155</sup>, esl. *vezo-mŭ*, lit. *vėza-ma*; o lat. *vehimini* não adianta em nada. A partir do grego se esperaria em sânscrito "*vāhāmana*": encontramos *vāhamāna*. Já tentei explicar alhures essa formação por meio de um deslocamento da quantidade (cf. *pavākā* no lugar de *pāvakā*, *śvāpāda* no lugar de *śvāpada*. Grassmann s. v.). Mas essa hipótese, pouco sólida por si mesma, conflita com formas como *sasṛmāṇā*. Nós nos limitaremos a estas observações: 1º Quanto ao sufixo: ele não é idêntico ao *-μενο* do grego. Com toda a probabilidade ele vem de um *ma<sub>2</sub>na* e se põe ao lado do prussiano. *po-klau-sīmanas*<sup>156</sup> (Bopp, *Gramm. Comp. Trad.* IV 25); o avéstico *-mana* e o grego *-μενο* representam *-ma<sub>1</sub>na*; o avéstico *-mna* nos dá uma terceira forma, fraca. É difícil, além disso, imaginar como esses três su-

<sup>155</sup>O panfiliano βολέμενυς (βουλόμενος) pertence a um dialeto onde πορτί tornou-se περτ-. As formas nominais βέλεμνον, τέρεμνον etc. podem-se interpretar de várias maneiras.

<sup>156</sup>O gr. *-μονη* em *χαρμονή* etc. só é uma continuação relativamente moderna do sufixo

fixos tenham podido alternar no indo-europeu, e é estranho que de dois idiomas tão vizinhos como o avéstico e o sânscrito, o primeiro ignore *-ma<sub>1</sub>na* completamente, enquanto que, inversamente, o outro perdeu qualquer traço de *-ma<sub>1</sub>na*<sup>157</sup>.

2º Quanto à vogal temática: ainda que ela seja breve, ela podia ser *a<sub>2</sub>*, conforme exigem tanto o fonema que segue como o testemunho das línguas europeias.

Por causa disso é preciso admitir que em uma sílaba aberta *seguida de uma longa* as línguas arianas não alongaram<sup>158</sup> o *a<sub>2</sub>*. Os exemplos onde isso pode-se verificar são raros, infelizmente, e em parte dignos de precaução: o primeiro é o avés. *katāra* de que [p. 89] se trata abaixo; a segunda é *damūnas*, v. pág. 81; enfim tem-se os aoristos em *-iṣam*, pág. 69. Mas a breve do *vazyāmana* avéstico permanece incompreensível.

Diante do sufixo *-nt* do part. pres. at. a vogal temática é *a<sub>2</sub>* quando ela não é rejeitada, o que acontece em certos casos da flexão. Grego ἔχοντ-, gót. *vigand-*, esl. (*vezy*), gén. *vezqsta*, lit. *vežant-*. O *a* breve do sânsc. *vāhant-* é regular, a sílaba sendo fechada. Quanto ao *e* do lat. *vehent-*, Brugmann admite que ele venha dos casos fracos, da nasal soante. – O participio do futuro é parecido.

Deixando a vogal temática verbal, procuraremos os casos onde um *a<sub>2</sub>* aparece no sufixo de temas nominais. Mesmo assim deixaremos de lado, provisoriamente, os sufixos terminados por uma consoante.

Já tratamos do suf. *-ma<sub>2</sub>na*; um outro sufixo participial é *a<sub>2</sub>na*: sânsc. *bibhid-āná*, gót. *bit-an(a)-s*. — O sufixo secundário *-tara* sofreu variações bem surpre-

---

-μον, estranho aos participios.

<sup>157</sup>Os infinitivos indianos em *-mane* vêm de temas em *-man*.

<sup>158</sup>A longa, no caso de *vāhamāna*, descende de um antigo *a<sub>2</sub>* (*vaha<sub>2</sub>ma<sub>2</sub>na*): mas é fácil entender que no conflito de dois *a<sub>2</sub>* tendendo ambos a se tornar uma vogal longa, o segundo, que não tinha resistência na sílaba breve depois dele, devia ganhar vantagem. – Essa sílaba breve de que falamos é substituída em certas formas por uma longa, como no plural *vāhamānās*; e para sustentar toda essa teoria em que, no mais, não nos apoiamos

endentes. Ele toma, em avéstico, a forma *-tāra* quando se combina com pronomes: *katāra, yatāra, atāra* (cf. *fra-tāra*), ainda que o sânscrito apresente sempre o *a* breve: *katará, yatará* etc. É o mesmo fenômeno que há no suf. *-māna*, com a diferença que aqui é o iraniano que mostra *a<sub>2</sub>*, e que a forma que contém *a<sub>1</sub>* subsiste ao lado da outra. Além disso, o avéstico não está isolado como o sânscrito estava antes: ao lado de *katāra* põe-se o esl. *kotoryjĭ* e *vŭtorŭ*, o gót. *hvaþara* e *anþara*<sup>159</sup> (avés. *añtara*). Por outro lado o *ā* do sânscrito se apoia no gr. πότερος e, no eslavo mesmo, em *jeterŭ*. O lat. *uter*, que passou por uma forma *\*utrs*, não conta. O osco *pūtirus-pid* (cf. *pūterei*) sofreu uma assimilação secundária. Curtius, *Grdz.* 718. Não encontramos solução senão admitir um sufixo primitivo duplo. Talvez um, *-ta<sub>2</sub>ra*, se adicionasse a pronomes, enquanto o outro era reservado às preposições, como acontece em avéstico, e que mais tarde as diferentes línguas confundiram em parte os dois empregos. É preciso ainda dizer que o avéstico abrevia o *ā* de *katāra* toda vez que, pela adição da partícula *ciṭ*, a sílaba que segue esse *ā* torna-se longa: *katāraściṭ, katāremciṭ* (Hübschmann, *Casus-lehre* [p. 90] 284). Isto quer dizer que o alongamento em *katāra* tem outra causa que não a presença de *a<sub>2</sub>*? Como dissemos (p. 83 seq.), essa conclusão não parece necessária.

VOGAL SUFIXAL DE TEMAS EM -A (*Temas em -a propriamente ditos, temas em -ta, -na, -ma, -ra etc.*). Brugmann menciona brevemente que essa vogal é *a<sub>2</sub>* (*Stud. IX* 371), e essa opinião foi adotada por todos que adotaram a hipótese do *a<sub>2</sub>* em geral<sup>160</sup>. Aqui, como em outros lugares, o *a<sub>2</sub>* alterna com *a<sub>1</sub>*. Eis, tomando como

---

particularmente, seria naturalmente uma obrigação dizer que em *vāhamāna* assim como em *pākā, vyādhā* etc. o alongamento só pertence propriamente aos casos da declinação onde a terminação é breve.

<sup>159</sup>Digo que este *a* gótico pode-se explicar diferentemente se se comparar *fadar* = πατέρρα a *ufar* = ὑπέρ.

<sup>160</sup>No artigo citado das *Mémoires de la Société de Linguistique*, eu cria ter razão para dizer que o *o* em ἵππος, *equos*, era *o* — apesar do vocativo em *e* — e não *o<sub>2</sub>*. Depois reconheci



exemplo o tema masculino ind.-eur. *akwa*, os casos da declinação em que o acordo das línguas europeias atesta claramente a presença de  $a_2$ : nom sg. *akwa\_2-s*, ac. sg. *akwa\_2-m*<sup>161</sup>, ac. pl. *akwa\_2-ns*. Igualmente no nom.-ac. neut.: *dāna\_2-m*. O grau  $a_1$  está assegurado no vocativo *akwa\_1*. Todo o resto é mais ou menos obscuro. Deve-se, no *genitivo singular*, aceitar  $a_1$  ou  $a_2$ ? O gót. *vulfi-s* corrobora a primeira alternativa<sup>162</sup>, o gr. ἵππο-ιο a segunda. Essas duas formas não podem ambas refletir diretamente a forma original. Uma delas sofreu necessariamente alguma analogia: resta saber qual delas. A forma sânscrita é, por muitas razões, imprópria para decidir, aqui. Mas há uma forma pronominal eslava que parece provar  $a_1$ : *česo* ou *čiso*, gen. de *čī(-to)*. Leskien (*Decl.* 109) aprova os que vêem aí uma forma em *-sya*, e por que ela não seria imediatamente o avés. *čahyā* (sânc. *kásya*, genitivo do tema *ka*) que ele mesmo sugere  $a_1$  com sua palatal? Como ele não tem, além disso, razão para crer que o genitivo de um pronome em  $-a_2$  difira em nada da forma correspondente de temas [p. 91] *nominais* em  $a_2$ , concluímos *akwa\_1-sya* para o indo-eur. e tomamos o *o* de ἵππο-ιο como vindo de outros casos. O locativo devia ter  $a_1$ : *akwa\_1-i*. É o que indicam os locativos oscos como *terei*, *akenei*, e os locativos dóricos como *τουτεί*, *τείδε*; cf. *πανδημεί*, *ἀμαχεί* etc., e enfim o antigo locativo lituano *namiẽ* (Leskien *l. c.* 47). Brugmann, que é a favor da hipótese de *akwa\_1-i*, mostrou-me que os locativos gregos em (οἴκοι) só são um caso bem normal de contaminação, enquanto que partindo de um *akwa\_2-i* original tem-se grande trabalho para explicar a forma em *-ei*. — Diante das desinências do plural que começam por *bh* e por *s* o tema

---

cada vez mais que tal proposição era insustentável, e faço menção aqui para prevenir a censura de mudar de opinião a todo momento ao dizer que este artigo foi escrito há quase um ano, e em um momento quando eu tinha acabado de me dar conta da natureza dupla do *o* greco-italico.

<sup>161</sup>O *a* breve do sânc. *áčvās*, *áčvām* é regular, a sílaba sendo fechada.

<sup>162</sup>Sobre o *a* secundário do saxão antigo *-as*, v. Leskien, *Declination*, p. 30. O prussiano *stesse* também corrobora o  $a_1$ , ainda que frequentemente o *e* do Báltico inspire bem pouca

se acresce de um *i*, mas a vogal é  $a_2$  a julgar pelo grego ἵπποι-σι, o osco *zicolois* e o germ. *pai-m* (declinação pronominal). O lituano tem *tie-mùs*; mas o verdadeiro valor do *e* é obscuro.

Quando a desinência começa por uma vogal, em todas as línguas da família, ela se encontra unida à vogal final do tema. Segundo os princípios gerais da comparação linguística essa contração será posta, então, no período proétnico. Ainda que o fenômeno tenha algo de particular, ele pode ser reconciliado com as tendências fonéticas mais diversas e, por outro lado, pode acontecer em pouco tempo, afinal o hiato poderia igualmente resistir até o fim desse período, o que não quer dizer que ele não se tenha perpetuado por muito tempo, até o período pré-histórico das diferentes línguas.<sup>163</sup> Esta questão está ligada a certas outras tratadas em §11. — No nominativo plural, sânsc. *ácṅvās*, gót. *vulfos*, osco *Abellanos*, umbro *screihtor*, a vogal da desinência<sup>164</sup> é  $a_1$ . É necessário então, principalmente por causa do *o* das formas itálicas, que o tema tenha  $a_2$ : obtemos assim  $akwa_2 + a_1s$ . Pronunciada com hiato, a forma seria  $akwa_2a_1s$  (quase *ekwoes*); com contração,  $akwā_2s$  (*ekwōs*). Registramos o fonema novo<sup>165</sup>  $\bar{a}_2$  criado aqui quase [p. 92] por acidente, mas que achará mais tarde seu papel morfológico. Qualquer que seja a data, ademais, da contração, é essencial notar que o *o* de *vulfōs* (=  $\bar{a}_2$  longo) tem origem diferente do *o* de *broþar* (= *A*). No norte da Europa de fato as longas de  $a_2$  e *A* confundem-se tanto como as vogais mesmas. — Para o *ablativo singular*, a vogal desinencial é

confiança (ex.: lit. *kvep* "exalar", gót. *hvap*, grego e lat. *kvap*).

<sup>163</sup>Não ousamos invocar a favor do hiato as formas védicas (reconstruídas) como *deváas*, *çám̐saas*, *devánaam* etc., nem as do avéstico como *daēvāat*, sobre cujo significado as opiniões variam muito.

<sup>164</sup>Seu valor é dado pelo grego e o eslavo: μητέρα-ες, *mater-e*.

<sup>165</sup>Admitindo a possibilidade de um  $\bar{a}_2$  longo, diferente do  $a_2$  breve, decidimos implicitamente a questão de saber se na língua mãe  $a_2$  era breve, assim como é em todas as línguas europeias. As formas em questão poderiam, como foi visto, servir para demonstrar essa quantidade breve.

desconhecida: se damos o valor  $a_1$  a ela, o caso é o mesmo do nominativo plural. O genitivo leto-eslavo *vlūka*, *vilko* vem do antigo ablativo (Leskien). Essa forma dá espaço para o mesmo que se disse de *vulfos*: o *a* eslavo (= *o* lituano) é nela  $\bar{a}_2$ , e não  $\bar{A}$  como em *mati* (lit. *motė́*). — O único dado que temos sobre a natureza do *a* na desinência do *dativo singular* é incerta: são os infinitivos gregos em  $\mu\epsilon\nu\text{-}\alpha\iota$  = sânsc. *man-e* que o fornecem<sup>166</sup>. Se confiamos nele, há no  $\bar{o}$  de  $\epsilon\pi\pi\omega$ , *equō*, e no  $\bar{a}$  do sânsc. *ác̣vāya* os elementos  $a_2 + A$ . Não faremos a difícil análise do instrumental singular e plural (sânsc. *aṣvais*, lit. *vilkais*), do genitivo plural, nem do nom.-ac. dual. O nom.-ac. pl. dos neutros é o único de sua espécie: seu  $\bar{a}$  longo tem o valor de  $\bar{A}$ , é o greco-italico que nos ensina.<sup>167</sup> A menos que se o identifique, como alguns fizeram, com o nom. sg. do feminino, será necessário supor uma forma original  $dāna_2 + \bar{A}$  ou, se o *A* desinencial for breve,  $dāna_1 + A$ ; não se se pode admitir  $dāna_2 + A$ , pois no dativo singular  $a_2 + A$  deu o  $\bar{o}$  greco-italico.

Na declinação pronominal, encontramos  $a_2$  diante do *d* do nom.-ac. sg. neutro:  $\tau\acute{o}$ , lat. *-tud*; gót. *þata*, esl. *to*, [p. 93] lit. *ta-i* (sânsc. *tad*). Então no nom. plur.: gr.  $\tau\acute{o}\iota$ , latim ant. *poploe* (originalmente na declinação pronominal), gót. *þai*<sup>168</sup> (sânsc. *té*). — É evidentemente  $a_2$  o que o pronome *sa* (nom. sg.) contém: gr.  $\acute{o}$ , gót. *sa*. A forma indiana correspondente *sa* é o único exemplo onde se tem certeza de que se pode observar como o sânscrito trata esse fonema quando está no fim da palavra.

<sup>166</sup>Schleicher duvida que  $\mu\epsilon\nu\text{-}\alpha\iota$  possa ser o dativo de um tema consonântico. *Comp.*<sup>4</sup> 401. — A duração longa frequente em Homero do  $\iota$  do dativo grego (Hartel, *Hom. Stud.* I<sup>2</sup>56) não é razão suficiente para crer que essa forma represente algo diferente do antigo locativo.  $\Delta\iota\tau\epsilon\iota\text{-}$  em  $\Delta\iota\tau\epsilon\iota\theta\epsilon\mu\iota\varsigma$  etc. não parece ser um dativo. As formas itálicas e lituanas são dúbias.

<sup>167</sup>Só ele pode nos ensinar; pois é supérfluo repetir que as línguas do norte confundem  $\bar{a}_2$  e  $\bar{A}$ . Em eslavo por exemplo o *a* de *děla* (pl. neut.; cf. lat. *dōna*) não se diferencia do *a* de *vlūka* (gen. ou abl. sing.; cf. lat. *equo*).

<sup>168</sup>O esl. *ti* é surpreendente porque encontramos  $\acute{e}$  no loc. *vlūcě*, onde concluímos que há o ditongo  $a_1i$ . Cf. acima p. 65.

Constatamos que ele não causa o seu alongamento.<sup>169</sup> Notemos ainda o pronome da primeira pessoa gr. ἐγώ, lat. *ego* esl. *azŭ*<sup>170</sup> = \**azom* ou \**azon* (sâns. *ahám*); o *ō* longo de ἐγώ é de novo inexplicado, mas é certamente do tipo *a*<sub>2</sub>.

Brugmann (*l. c.* 371) mostrou o paralelismo que existe entre o *e* (*a*<sub>1</sub>) do vocativo de temas em *a*<sub>2</sub> e o *a* breve do vocativo dos femininos em *ā*: gr. *ῥῶμφᾶ, δέσποτᾶ*, de temas *ῥῶμφᾶ-, δέσποτᾶ-*; véd. *amba*, voc. de *ambā*; esl. *ženo*, voc. de *žena*. A última forma pertence ao paradigma corrente. O locativo grego *χαμαί* do tema \**χαμαᾶ-* = sâns. *kṣmā* oferece exatamente o mesmo fenômeno e se põe ao lado do locativo de masculinos em *-ei*. Pode-se acrescentar o loc. osco *viai* de *viā+i*, o loc. esl. *ženě* de *ženā+i*. A forma das línguas arianas deve ser histerógena. Mas talvez o loc. avés. *zemē* ofereça um vestígio antigo: é natural ligá-lo ao tema feminino sâns. *kṣamā* e ao gr. *χαμαί*, ao invés de derivá-lo de um masculino que se deveria procurar até a Itália (lat. *humus*). — Pode-se extrair pouco do genitivo. Concluimos: onde os masculinos têm *a*<sub>2</sub>, os femininos têm *ā*; onde eles têm *a*<sub>1</sub>, os femininos têm *A*. Essa regra é singular, pois em todos os outros lugares a relação *A:ā* difere absolutamente da relação *a*<sub>1</sub>:*a*<sub>2</sub>.

Como primeiro membro de um composto, o tema dos masculinos apresenta *a*<sub>2</sub>: gr. *ἰππό-δαμος*, gót. *goda-kunds*, esl. *novo-gradŭ*, [p. 94] lit. *kaklá-ryšis*. Por sua vez o tema feminino mostra *ā*<sup>171</sup> sâns. *senā-pati*, avés. *upaçtā-hara*, gr. *νιχᾶ-φόρος*, lit. *vasaró-laukis* de *vasarā* (Schleicher, *Lit. Gr.* 135).

<sup>169</sup>O texto do R̥gveda tem *uma vez* a forma *sā* no lugar de *sa* (I 145, 1). Tem-se também em avéstico a forma *hā* que Justi propõe corrigir como *hāu* ou *hō*. Mesmo que se tivesse certeza, a duração de um *a* final em avéstico nunca é uma base sólida.

<sup>170</sup>O *a* inicial dessa palavra que corresponde ao lit. *àš* (e não «*ósz*») é bem enigmático. Cf. lit. *ašva* = *equa*, *apiē* comparado a *ἐπί*.

<sup>171</sup>Quanto à formação eslava *vodo-nosŭ* de *voda*, ela é imitação do masculino; o grego tem igualmente o tipo *λογχο-φόρος* de *λόγχη*. Considerado sozinho, *vodo-* poderia, dado o vocalismo do eslavo, reduzir-se a *vada-*: tal forma seria muito curiosa, mas o *ā* dos idiomas congêneres nos impede de admiti-lo. — G. Meyer (*Stud.* VI 388 seq.) busca definir que a

Ao considerar os *derivados* dos temas em  $a_2$  nas línguas arianas é espantoso ver essa vogal permanecer breve diante de consoantes simples<sup>172</sup>; assim *ghorátā* de *ghorá*. Deve-se dizer logo que em vários casos  $a_2$  é substituído, aqui de novo, por  $a_1$ : *ghorátā* por exemplo é o gót. *gauriþa*. Cf. o latim ant. *aecetia*. Logo a breve é justificada. — Mas esta explicação, é bom dizer, falha em outras formas. Em *tá-ti* e *ká-ti*,  $a_2$  é atestado pelo lat. *tot et quot*. Ao lado do gr. *πότερος*, do umbro *podruhpei*, do gót. *hvaþara*<sup>173</sup>, do esl. *kotoryjǐ*, do lit. *katràs*, encontramos em sânscrito *kā-tará*. As formas *ubhá-ya* junto do gót. *bajops* e *dva-yá*, cf. gr. *δοιοί* são menos desconcertantes, pois só é preciso invocar o lit. *abeji* et *dveji*. Mas é inútil, creio, recorrer a essas pequenas explicações: é bem aparente que o *a* que termina o tema não se alongará nunca. Eis aí, não se pode negar, uma fraqueza da hipótese do  $a_2$ : pode-se dizer que, diante dos sufixos *secundários*, reinam às vezes as mesmas tendências fonéticas que no fim da palavra; pode-se comparar *ka-* em *ká-ti* ao pronome  $sa_2$  que se tornou *sa*[p. 95]. Mas não queremos nos arriscar, por causa desses poucos exemplos, a sustentar em todas as suas consequências uma tese que nos levaria muito longe.

Talvez seja a mesma razão que faz com que o sânsc. *samá* matenha o *a* breve, ainda que corresponda ao gr. *ὁμός*, ao gót. *sama(n-)*: Benfey vê aí de fato um derivado (superlativo) do pronome *sa*. O avéstico *hāma* não serve de nada, e eis a

---

formação própria das línguas europeias é abreviar o  $\bar{a}$  final; mas para isso ele devia tirar *λογχο-* (em *λογχο-φόρο*) diretamente do tema feminino, o que ninguém, creio, estaria disposto a admitir. Os três compostos indianos onde este estudioso encontra a vogal breve, *kaśa-plaká*, *ukha-chíd*, *kṣa-pāvant* poderiam-se explicar se necessário pela analogia dos temas em *-a* que constatamos na Europa, mas o primeiro provavelmente não tem nada a ver com *kásā*; os dois outros são formados por *ukhá* e *kṣam*. [fn:29]

<sup>172</sup>A regra sobre  $a_2$  diante de uma sílaba longa encontraria, talvez, às vezes sua aplicação, aqui; assim o suf. *-vant*, sendo longo, podia bloquear o alongamento do  $a_2$  que precedesse; — em *áçvāvant* etc. a longa só se deve à influência especial do *v*.

<sup>173</sup>As formas de outros dialetos germânicos remontam, é verdade, a um *hveþara* primitivo, que é surpreendente.

razão. A mesma língua tem também *hama* e por outro lado o eslavo tem a forma *samŭ* a que Fick adiciona o anglo-saxão *ge-sōm* "concors": *hāma* é então garantido por essas duas últimas palavras, e o *ā* longo delas não pode mais representar  $a_2$ . Se *o*, em ὄμός, representasse  $\varrho$ , as dificuldades seriam removidas, mas não sei se isto é realmente admissível. Cf. sânsc. *simá*, *sumát*, *smát*.

Reservei até agora um caso que apresenta certas analogias com o de *samá*: é a palavra *damá* em sua relação com o gr. δόμος, com o lat. *domo-*, o irl. *-dam*. Mas, aqui, não há chance nenhuma de dividir: *da-ma*. Se se considera o parentesco possível de *samá* com o tema *sam-* "um", ou a partícula *sam*, encontra-se as duas séries paralelas: 1º *sam*, *samá* com breve irregular, ὄμός, *sāmŭ*. 2º *dam* (δῶ?), *damá* com breve irregular, δόμος; δᾶμος. Ignoro aqui se essas duas séries são unidas por uma conexão interior.<sup>174</sup>

Brugmann atribui a  $a_2$  uma quantidade intermediária entre a breve e a longa, e harmoniza assim a breve de todas as línguas europeias com a longa das línguas asiáticas. Mas dado que também estas têm um *a* breve diante de grupos de mais de uma consoante, pode-se deixar esse acordo e admitir que a diferença entre  $a_1$  e  $a_2$  só era qualitativa. Cf. p. 91 i. n.

Veremos, quanto à flexão, outros exemplos, e mais convincentes, do  $a_2$  indo-europeu.[p. 96]

### 3.2 Segundo *o* greco-italíco (§8)

Eis as razões que nos forçam a admitir uma segunda espécie de *o* greco-italíco:

<sup>174</sup>É inútil assinalar que o verbo grego δέμω, sem correspondente asiático – e de que Böhtlingk-Roth querem separar δόμος caso em que o identificariam com *damá* – traz novas complicações. Tomada por si só, *damá* poderia, visto sua acentuação, ser o equivalente de «*dmá*»: ele seria então um tema diferente de δόμος e que em grego daria «*δαμος*». É assim,

1. Há alguns *o* aos que o sânscrito corresponde com um *a breve* em sílaba aberta: como o *o* de  $\pi\acute{o}\sigma\iota\varsigma$  — *potis* = sânsc. *páti* deve ser diferente do de  $\delta\acute{o}\rho\upsilon$  = sânsc. *dáru*.
2. Razão morfológica: como vimos em §7, o fonema  $a_2$  está ligado e limitado a certos temas determinados. Nunca, por exemplo, nenhuma forma do presente de um verbo primário, ie. não derivado, apresenta um *o* (ou em germânico um *a*) **que a coexistência de um e provará ser um  $a_2$**  Não é verossimilhante, então, que o *o* de um presente como  $\delta\acute{\zeta}\omega$ , em outros termos o *o* que se mantém em todas as formas de uma raiz, possa representar  $a_2$ .

O vocalismo do armênio tem certa importância aqui. Os artigos de Hübschmann, *Über die Stellung des armenischen im Kreise der indogerm. Sprachen* e *Armenica*, K. Z. XXIII 5 seq., 400 seq. oferecem materiais cuidadosamente organizados, infelizmente menos abundantes do que se poderia desejar, dado o estado imperfeito da etimologia armênia. Esta é a fonte de que bebemos. O autor mostra que a distinção entre *a* e *e* existe em armênio assim como nas línguas da Europa, e que esse idioma, por conseguinte, não pertence à família ariana: baseado, além disso, nos fonemas relativos às guturais, ele o coloca entre o leto-eslávico e o irani-ano. Sem querer questionar este último resultado, cremos dever assinalar que pelo seu vocalismo o armênio somente não se limita a afirmar uma relação geral com a Europa, mas que estabelece laços mais estreitos com uma certa porção desse domínio, que não é, como se esperaria, o eslavo-germânico, mas o greco-italico. O armênio possui na verdade a distinção entre os fonemas  $a_2$  e *A*.

A torna-se *a*: *astem* =  $\acute{\alpha}\gamma\omega$  (Hübschmann 33); *baž* "parte", *bažanel* "repartir", gr.

---

sem ir muito longe, que existe uma segunda palavra indiana *sama* significando *quem quer que*, que torna-se em grego  $\acute{\alpha}\mu\acute{o}\varsigma$  [fn:32] (gót. *sums*), v. o índice.

φαγειν (22); *kapel*, lat. *capio* (19); *hair* pater; *ail* = ἄλλος (33); *andzuk* "estreito", gr. ἄγχω (24). — *ā* encontra-se em *mair* mater; *ełbair* frater; *bazuk*, gr. πᾶχυς (talvez emprestado do iraniano, 402). [p. 97]

*a*<sub>2</sub> torna-se *o* (quanto ao *e v. l. c.* 33 seq.): junto de *hetkh* "rastros" (lat. *peda*), *otn* "pé", cf. gr. ποδ- (Brugmann, *Stud.* IX 369); *gochél* "gritar", cf. gr. ἔπος, ὄψ (33); *gorts* "obra", cf. gr. ἔοργα (32); *ozni* ἐχίνος (25) não tem análogo direto nas línguas congêneres, mas como elas tem um *e* nesse nome do ouriço, o *o* de *ozni* deve ser *a*<sub>2</sub>. Em composição: *lus-a-vor* que Hübschmann interpreta como λευκοφόρος e que vem de *berem* "eu carrego" (405); *age-vor* (400). Por fim, no sufixo: *mardo-* (dat. *mardoy*) = gr. βροτό. Mas há um ponto, e é este que tínhamos mais particularmente em vista, onde o armênio deixa de refletir o *o* greco-italico e onde ele o opõe a um *a*: *akn* "olho", gr. ὄσσε, lat. *oculus* (33); *anwan* "nome", gr. ὄνομα, lat. *nōmen* (10), *magil* "garra", gr. ὄνυξ, lat. *unguis* (35); *amp, amb* "nuvem", gr. ὄμβρος (19); *vard* "rosa", gr. φρόδον, lat. *rosa* (35); *tal* "dar", gr.-lat *dō* (33).

O armênio como tal tem o nome de *Hay*; Fr. Müller o associa ao sânsc. *pāti*, ou ao greco-ital. *poti-* (*Beitr. zur Lautlehre d. arm. Spr., Wiener Sitzungsber.* 1863, p. 9). Em todos esses exemplos, o *o* greco-italico era suspeito além disso de ter um valor diferente de *a*<sub>2</sub>, por exemplo em *poti-* que acabamos de ver (pág. 90), em ὄσσε, *oculus*, onde a raiz conserva constantemente o *o*. Assim, o armênio bem parece trazer uma confirmação para a hipótese dos dois *o*. É preciso dizer todavia que ao greco-ital. *od* (ὄζω) corresponde, seguindo a conjectura de Hübschmann, *hot* "cheiro" (405): seria de esperar um *a* como em *akn*.

Estabelecido este ponto, de que há alguns *o* greco-italicos diferentes de *o*<sub>2</sub> = indo-eur. *a*<sub>2</sub>, falta examinar se o vestígio que se obtém constitui uma unidade orgânica e distinta desde a origem, ou se ele foi formado acidentalmente, se, por



exemplo, certos *a* não se transformariam em *o* em uma época relativamente moderna. Chega-se à conclusão de que ambos fatos são verdadeiros. É constante que em muitos casos o *o* seja só a fase mais recente de um *a*. Mas por outro lado a concordância do grego e do latim em uma palavra como *πόσις* – *potis* garante a grande antiguidade do *o* que ela contém e que, acabamos de reconhecer, não remonta a um *a*<sub>2</sub>.

Podemos em suma distinguir quatro espécies de *o* cuja importância e idade não são as mesmas. [p. 98]

1º *o* = *a*<sub>2</sub> comum ao grego e ao itálico (§ 7).

2º *o* de *πόσις* — *potis* comum ao grego e ao itálico. Adotaremos para esse fonema a designação *o*.

3º *o* vindo de um *a* em uma época posterior (no grego e no itálico separadamente).

4º Existem alguns *o* anaptíticos desenvolvidos nas líquidas soantes e em outros fonemas análicos, v. cap. VI. Uma parte deles, como em *vorare*, gr. βορ, aparece em ambas línguas, outros só em uma das duas. É essencial nunca perder de vista a existência dessas vogais que explicam muitas anomalias aparentes, mas também não se pode confundi-las com as vogais *o* verdadeiras.

Poderíamos passar imediatamente para o catálogo dos *o* greco-italicos, que além disso caberia facilmente em duas ou três linhas. Mas antes convém nos orientarmos, e desemaranhar, tanto quanto possamos, o novelo de perturbações secundárias onde o *o* se encontra misturado e procurar as relações possíveis dessa vogal com o *a*.

### 3.2.1 Obscurecimento da vogal *o* em *u*.

Antes de tratar da substituição de *υ* a *ο* própria do dialeto eólico, Ahrens adiciona (184): in plurimis [exemplis, *ο*] integrum manet, ut ubicunque ex *e* natum est, δόμος, λόγος (nam ἄγυρις ab ἄγερ, ξύανον a ξέω, cf. ξύω, diversam rationem habent)<sup>(47)</sup> etc. A designação *ο ex e natum* corresponde muito bem à que chamamos de *ϑ*, e seria curioso que o eólico fizesse uma diferença entre *ο<sub>2</sub>* e *ϑ*. Mas vendo mais de perto, a esperança de encontrar aí um critério precioso é frustrada: sem falar de ξύανον onde é inverossímil ver uma palavra diferente de ξόανον, o *ο* (= *ο<sub>2</sub>*) dos sufixos sofreu a transformação por ex. em τύτε, em ἄλλυ (arcádio), em τέκτυνες, no ἐπασσύτεροι homérico. Assim que se considera que o *υ* em questão pressupõe um antigo *u*, pode-se reconhecer com Curtius (*Grdz.* 704), que o obscurecimento eólico do *ο* tem exatamente o mesmo caráter que em itálico, com quem esse dialeto grego compartilha, além disso, os principais aspectos fonéticos. Assim como o eólico, o latim mantém na maior parte das vezes *ο<sub>2</sub>*, quando essa vogal se encontra na sílaba radical: *toga*, [p. 99] *domus* etc., e no entanto não se pode propor como uma regra absoluta.<sup>175</sup>

Ao contrário o *υ* pan-helênico, em palavras como λύκος ou πύλη é se não estamos enganados, uma ocorrência de outra ordem. Primeiramente os grupos *υρ*, *υλ*, não parecem nunca vir de grupos mais antigos *ορ*, *ολ*, com vogal plena: eles são comparáveis em tudo aos enfraquecimentos indianos *ur*, *ul*; não temos então nada a considerar sobre eles aqui. Nos outros casos, o *υ* (*u*) vem de uma consoante de

<sup>175</sup>Como no latim *-tūrus* = *\*-tōrus*, o *ω* pode se tornar *ū*. Hesíquio dá as formas ῥώτυνες = ῥώθωνες e θύραξ = θώραξ, sem indicar, é verdade, a proveniência.

<sup>(47)</sup>Em muitos [exemplos, *ο ο*] permanece intacto, como onde quer que tenha nascido de um *ο*, *dómos* [de *démō*], *lógos* [de *légō*] (pois *ágyris* de *ager*, *xúanon* de *xéō*, cf. *xúō* têm uma razão diferente).

órgão labial que influenciou *uma vogal irracional* ou *uma líquida nasal ou soante*. Assim em *ἀνώνυμος*, não houve transformação do *o* de *ὄνομα* em *u*: o fenômeno remonta a uma época onde, no lugar desse *o*, só existia um fonema indeterminado. É este último que *m* pôde colorir em *u*. Igualmente *γυνή* vem de *γϜηνή*, não de *γϜανή*. Comparando *μάσταξ* e *ματύαι* · *γνάθοι* (cf. *μάθυαι*) ao gót. *munþa-*, ao lat. *mentum*, explicamos o dór. *μύσταξ* pela forma antiga *μησταξ*. Por um tipo de epêntese, as guturais velares imprimiram talvez seus efeitos na sílaba que as precede<sup>176</sup> daí *λύκος* no lugar de *\*Ϝλυκος*, *\*Ϝλκφος* = sânsc. *vṛka*, gót. *vulfs*. Em *ὄν-υ-ξ* (lat. *unguis*), o *u* é igualmente uma excreção da gutural.

Deve-se convir que ainda em alguns casos seja uma vogal plena que mudou dessa maneira, mas sempre sob a influência das consoantes vizinhas: *κύλιξ*, lat. *calix*, sânsc. *kalása*; *núx*, lat. *nox*, sânsc. *nákti*; *κύκλος*, germ. *hvehvla-*, sânsc. *ákra*. Este último exemplo é notável: o germânico, como também a palatal do sânscrito, mostra-nos sem [p. 100] dúvida que seu *υ* se desenvolveu sobre um *ε* primitivo. Assim, e por várias razões, não temos o direito de tratar o *υ* grego em questão como sendo em todos os casos<sup>177</sup> o equivalente de um *o*. Isto no mais não tem grande consequência prática, visto que *νύξ* (que vem certamente de *\*νόξ*) é quase o único exemplo que entra em consideração sobre a questão do fonema *ρ*.

Em latim a vogal obscurecida em *u* poderá geralmente ser considerada um *o*. Às vezes a alteração foi para *i* como em *cinis* = *κόνις*, *similis* = *όμαλός*; nesse caso

<sup>176</sup>Admitimos uma epêntese provável em *λαυκανίη* e *λαυκάνη* (p. 17 e 125 i. n.), em que o *u* não era, como aqui, um som parasítico. É difícil defender a idéia de que *δάφνη* e sua forma tessália *δαύχνα* vêm ambas de *\*δαχϜᾶ* (cf. *δαυχμόν*· *εύκαυστον ξύλον δάφνης*), e encontram-se pares análogos em *ρύγχος* e *ράμφος*, em *αυχήν*, dial. *ἀμφήν*, eól. *αϜφην* (*Grdz.* 580). — Será que em *αίγυπιός*, *αίγλη*, *αίχλον*, o *ι* seria devido à gutural palatal que segue? Eu admitia que isso fosse provável ao escrever a nota 2 da página 8; mas reconheço que isso era uma conjectura sem fundamento.

<sup>177</sup>Muito frequente, mas pouco estudada, é a mudança de *α* e de *υ*, como em *γνάθος* : *γυθός*, *μάχλος* : *μυκλός* (*Stud.* III 322); é na presença deste fato que é de se perguntar se

não há prova da existência do *o*, pois o *i* pode, em si mesmo, representar também um *e*.

### 3.2.2 Mudança de vogais *a* e *o*

1. Antes de tudo, deve-se descartar a permutação *a:ō* que se observa particularmente em grego e que é um fenômeno de *ablaut* regular estudado no capítulo V: assim βα-τήρ : βω-μός.
2. *a* alterado para *o*. O fenômeno, como se sabe, é frequente nos dialetos gregos. Ele acontece em lésvio na vizinhança de líquidas e de nasais: ὄνω, δόμορτις, στρότος, θροσέως etc. (Ahrens I 76), O dórico tem, entre outras, γρόφω, κοθαρός (Heracleia), ἀβλοπές (Creta). Hesíquio dá κόρζα · καρδία. Πάφιοι, στροπά · ἀστραπή Πάφιοι.<sup>178</sup> Jônio ἐωυτόν, θωύμα no lugar de θᾶύμα. Essas transformações dialetais que no mais atacam frequentemente os α anaptíticos só nos interessam indiretamente, ajudando-nos a tornar evidente um α tornando-se o no solo grego.<sup>179</sup> [p. 101]

Fora dos dialetos, é particularmente diante de υ, ϕ, que se nota uma oscilação entre α e ο<sup>180</sup> κλοιός "grilhão", coleira» parente de κλᾶ(ϕ)ίς, ποῦς e πά(ϕ)ίς, οὔρος e αὔρα, οὐτάω e γατάλη, α(ϕ)ιέτος e ὀ(ϕ)ιωνός(?). É difícil de acreditar no parentesco

é verdade que o υ tinha nada menos que o valor de ômicron [ō]. Desses exemplos deve-se sem dúvida extrair βυθός que pode, tanto como κεύθω, reivindicar o parentesco com o sânsc. *gúhati* (quanto ao labialismo diante de υ cf. τρέσβυς); βυσσοδομεύω lembra muito o sânsc. *gúhya*. Sobre o z do avéstico *gaoz* v. Hübschmann, *K. Z.* XXIII 393. κέκευται (Hes.) fala na mesma direção.

<sup>178</sup>Ademais στροφαί· ἀστραπαί; στροπάν· τήν ἀστραπήν. O ρα da palavra ἀστραπή vem provavelmente de *r* (cf. véd. *srká?*); στεροπή é obscuro.

<sup>179</sup>Em algumas palavras cuja proveniência é desconhecida o o deve ser devido igualmente ao dialeto, assim ἀποφείν· ἀπατήσαι, κρόμβος· ὁ καυρός, βρόταχος = πόλυντρα· ἄλιφα, κόλυβος = καλύβη, πόρδαλις etc.

<sup>180</sup>Encontrar-se-ão nos itens seguintes outros exemplos desse fato.

entre οἶστρος e αἶθω (Ascoli, *K. Z.* XII 435 seq.).

Frequentemente a mudança de *α* e de *ο* só é aparente, para escolher um exemplo onde é impossível hesitar, em δραμεῖν : δρόμος. A raiz é δρεμ, evidentemente: pereceram as palavras que podiam conter essa forma, δραμεῖν deve seu *α* à líquida soante, δρόμος tomou regularmente *a*<sub>2</sub>, e agora parece que δρομ alterna com δραμ. No caso de ῥαπίς : ῥόπαλον, o verbo (Ϝ)ρέπω conservou-nos o *ε*. Explica-se provavelmente χαμαί : χθών, παρθένος : πτόρθος, σκαληνός: σκολιός cujo *ε* radical aparece no lat. *scelus* (cf. sânsc. *chala* "fraude"), et também, penso, γαμφή : γόμφος.<sup>181</sup>

Para dar conta exatamente da relação entre Κρόνος e κραίνω, de κρουνός e \*κρᾶννα, σκιοός, σκόπος e σκᾶνά, πτόα, πτοία e πτᾶ (καταπτήτην), seria necessário estar mais atento à formação e à etimologia dessas palavras. Não há grande razão para colocar Νότος, νοτίζω em relação com νᾶρός, νᾶσος, de *snā*: [p. 96] o sânscrito *nīrá* "água" permite associá-las a outra raiz. Vimos na p. 73 que θρόνος no lugar de \*θορονος pertence à raiz θερ, não a θρᾶ (θρᾶνος).

Como vogais protéticas *α* e *ο* alternam frequentemente, como em ἄσταφίς: ὄσταφίς, ἀμίξιαι : ὀμιχεῖν, ἀδαχέω: ὀδάξω. Não se trata aqui de uma mudança de *α* em *ο*: somente no primeiro caso é *α*, no segundo é *ο* o que se desenvolve sobre a consoante inicial.

É mais que provável que o das desinências do médio, *-tai*, *-ntai* e o *ο* das desinências, *-to*, *-nto*, sejam na origem a mesma vogal. A forma *-toi* do dialeto de [p. 102] Tegeia só está garantida até certo ponto, pois o arcádio não parece ter a disposição particular de mudar *α* em *ο*, a menos que se veja a prova em κατύ no

<sup>181</sup>A mesma mudança pode-se interpretar de formas diferentes nos casos seguintes: ἄολλής e φάλις, κόχλος e κάχληξ, κόναβος e κανάζω, κροτώνη, "nó de madeira" parente de κάρταλος e do lat. *cartilago* (p. 55), μόσχος "broto jovem" et μασχάλη "axila, broto jovem", πεπορασμένος φανερός Hes. informado pelo editor, Mor. Schmidt, de πεπαρεῖν (v. p. 57), στρογγύος e στραγγός.

lugar de *κατά*. Os exemplos que se dão são *ἐφθορκώς*, *δεκόταν*, *έκοτόμβοια* (Schrader, *Stud.* X 275). Schrader considera que o *o* de *ἐφθορκώς* é de fato a vogal do perfeito, que se conservou às vezes na formação em *-ka*. Quanto ao aparecimento de um *o* nos nomes de número citados, este é igualmente um fato que pode ser independente dos idiotismos locais: todos os Gregos hesitam aqui entre *α* e *ο* (*δέκα*, *εἴκοσι*, *έκατόν*, *διακόσιοι*) ainda que os grupos *κα κο* contidos nessas formas venham indistintamente do elemento *κη*.

Tendo-se admitido a passagem : para as sílabas finais, pode-se encarar o lémbio *hupá* como a forma antiga de *hupó*. Cf. *hupáí*.

O latim apresenta, no ditongo, *roudus*, outra forma de *raudus* conservado em Festus, *lucrum* da raiz *lau*, e *focus* ao lado de *fax*, e alguns outros casos menos seguros (v. Corssen II<sup>2</sup>). O umbro *hostatu*, segundo Bréal (*Mém. Soc. Ling.* III 272), é parente não de *hasta*, mas de *hostis*; no entanto essa etimologia depende da interpretação de *nerf*. Em *sordes* em relação a *suāsum* (Curtius, *Stud.* V 243 seq.) a causa do *o* está no *v* que desapareceu<sup>182</sup>; *adolesco* (cf. *alo*), *cohors* (cf. *hara*), *incolumis* (cf. *calamitas*) devem provavelmente seu valor ao enfraquecimento regular na composição. – No fim da palavra o osco apresenta em seus femininos *-o* no lugar de *-ǎ*, *-ā*, um exemplo bem claro dessa modificação.

3. Uma questão digna, em todo caso, de atenção é esta: o *ablaut*  $a_1 : a_2$  ou  $e : o$  (estudado em §7) se reproduz na esfera de A? Deve-se crer por exemplo que a existência do grego *ὄγμος* ao lado de *ἄγω* é devida a um fenômeno de mesma natureza que *φλογμός* ao lado de *φλέγω*?

O greco-italico sozinho pode dar a resposta. De fato não é das línguas do norte,

<sup>182</sup>Não se vê bem qual vogal é original no caso de *favissa*: *fovea* (comparada ao gr. *χειή* que também não é uma formação transparente) e de *vacuus* : *vocivus*. *Quattuor* e *canis* (v. p. 50 e 99) mostram que *vo* (*wo*) pode se tornar *va*.

que confundiram *A* com *a*<sub>2</sub>, que [p. 103] se poderia esperar a conservação desse substituto de *a* de que falamos, e as línguas árias nos informam ainda menos. E no greco-italíco mesmo os dados são de uma pobreza que contrasta com a importância que devia ser dada a este ponto. Aqui se apresentam na linha de frente os perfeitos *κέκονα* de *καίνω* e *λέλογγα* de *λαγχάνω* com os substantivos *κονή* e *λόγγη* (Hes.). Essas formas não decidem nada, pois a raiz contém uma nasal. É isto que nos faz tocar em um terceiro exemplo: *βολή* ao lado de *βάλλω*. A raiz de *βάλλω* é *βελ*: isto é provado por *βέλος*, *βέλεμνον*, *βελόνη*, *βελτός*, *έκατη-βελέτης*. Assim o *α* de *βάλλω* deve-se a uma líquida sonante e não tem absolutamente a qualidade de vogal radical. E o que nos diz que as raízes de *κέκονα*, *λέλογγα*, não são *κεν* e *λεγγ*? Se por acaso as duas ou três formas onde sobrevive a raiz *βελ* não nos chegassem, a palavra *βολή* pareceria vir de uma raiz *βαλ*, e no entanto sabemos que não vem.<sup>183</sup> É a mesma troca aparente que a que encontramos mais acima, só que esta imita o *ablaut* com certa verossimilhança. Encontra-se ainda nos pares *σπαργάω*: *σποργαί* (Hes.), *άσχαλάω*: *σχολή*, *πταίρω* : *πτόρμος* et *πτόρος* (de resto palavras são eólicas), *ἄρχω* : *ἄρχαμος*, *ράπτω*, *ρόμφεύς*.

Aqui estão, no entanto, alguns casos mais graves pois, na raiz de onde se considera que venham, a presença real de *A* não é duvidosa: *ἄγμος* "cova, sulco" que se liga a *ἄγω*; *κόπρος* "esterco", mas também "lama", que seria parente de *καπύω* (*Grdz.* 141); *σοφός* ao lado de *σαφής*; *ἄζος* "Άρης", *ἄζος*, que lembram *ἄζομαι*; *ἄλβος*, raiz *ἄλφ*(?); *ποθή*, *πόθος* "luto, lamento, desejo" ligados talvez a *παθεῖν* (v. p. 58; quanto ao sentido, cf. *πένθος*); *νόα*· *πηγή*. *Λάκωνες* (Hes.) ao lado de *ναύω*; *ἄχθέω* "indignar-se, irromper" ligado talvez a *ἄχθομαι*; *ἄρουρα* se se lembra de *ἄρορ-φα*. [p. 104]

<sup>183</sup>O *πέποσχα* de Siracusa (Curtius *l. c.*) não prova mais o *ablaut* em questão: 1º porque essa formação é inteira secundária, 2º porque o *o* pode ser só uma variante dialetal do *α*. — Um presente *καίνω*, de *κνίω*, vindo de *κεν* é uma forma clara; quanto a *λαγχάνω*, sua

Então o lat. *doceo* posto ao lado de διδάξει(v. p. 101), e o greco-italico *onkos* (ὄγκος, *uncus*) da raiz *ank* (ἀγκών, *ancus*).

Eis as partes do julgamento, e os únicos dados em verdade que nos restam para elucidar esta questão fundamental: haveria um *ablaut* de A comparável ao *ablaut* de  $a_1 : a_2$ ? — Um exame, mesmo pouco atento, dos casos enumerados convencerá a todos, creio, de que esses elementos são insuficientes para se poder admitir tal *ablaut* que concordaria mal com os fatos expostos em §11. Há especialmente três coisas a considerar: 1º a maior parte das etimologias em questão estão sujeitas a precaução; 2º o *o* pode ser somente uma alteração mecânica do *a*; 3º não é inconcebível que sobre o modelo do antigo *ablaut e : o*, o grego, posteriormente, admitiu talvez o *o* mesmo que a vogal radical fosse *a*.

4. *o (= o) alterado para a*. Esta é uma alteração pouco comum em grego, mesmo nos dialetos. Conhece-se a glosa ἀμέσω· ὠμοπλάται, singular variante do tema greco-italico *omso-*. Sobre παράα ao lado de οὔς v. a pág. 107. Os Cretenses dizem ἄναρ no lugar de ὄναρ, Heródoto ἀρωδεῖν no lugar de ὄρωδεῖν. Encontra-se em Hesíquio: ἄφελμα· τὸ κάλλυντρον (= ὄφελμα), καγκύλας· κηκίδας. Αἰολεῖς = κογγύλαι· κηκίδες. Cf. Ahrens II 119 seq.

Um exemplo bem mais importante, dado que se refere a todos os dialetos, seria a palavra αἰπόλος, se se concorda com G. Meyer, que identifica, a sílaba αἰ com o tema ὄφι, lat. *ovi* (*Stud.* VIII 120 seq.)<sup>184</sup>. Essa conjectura, que tem contornos sedutores, deixa no entanto muitas dúvidas.

A mesma palavra *ovis* está acompanhada em latim por *avilla*, conservada em

---

primeira nasal não é, como a de λέλογχα, a nasal radical de λεγχ: de λεγχ forma-se regularmente \*ληχνω, que se torna primeiro \*λαχνω, depois por *epéntese* \*λαγχνω, λαγχάνω. V. a palavra no índice.

<sup>184</sup>Meyer propõe uma etimologia similar para αἰγυπιός (cf. p. 82). Já antes, Pictet explicou ambas por meio de *avi* "ovelha". *Origines Indo-européennes* I<sup>1</sup> 460 seq.



Festus. Fröhde crê que essa forma está relacionada a *agnus*: mas nos trabalhos de Ascoli, a redução de *gv* a *v* em latim, no interior da palavra, é quase inadmissível. No mais, o *Prodromus C. Gl. Lat.* de Löwe revelou uma palavra *aububulcus* (ovium pastor) — ou *aubulcus* seguindo a correção de Bährens, Jen. *Literaturz.* 1877, p. 156 — que definitivamente atesta a *a*. Isto não corrobora a opinião de G. Meyer quanto a αἰπόλος, pois o *o* latino diante de *v* tem uma forte tendência para tornar-se *a*, [p. 105] particular dessa língua. Fora do grupo *ov*, pode-se dizer que *a* vindo de *o* é em latim algo menos insólito que em grego, e ainda assim extremamente raro. O exemplo mais seguro é *ignārus, nārrare* (ao lado de *nōsco, ignōrare*, gr. γνω) onde o *o* transformado é uma vogal longa. *Ratumena porta*, seguindo Curtius, é parente de *rota*. Quanto a *Cardea*, comparado a *cor* (Curtius, *Grdz.* 143), deve-se lembrar que o *o* desta última palavra é anaptítico. O caso do umbro *kumaltu* (lat. *molo*) não é muito diferente. É uma questão difícil de saber se em *datu, catu, nates*, ao lado de *dōnum, cōs, vōton*, o *a* é antigo ou vindo secundariamente de *o*. Mas este ponto encontrará no capítulo V um lugar mais apropriado.

5. Se, no grego, não há razão positiva para crer que o fonema *o<sub>2</sub>* jamais tenha-se tornado *a* por alguma transformação secundária<sup>185</sup>, é quase indubitável ao contrário que certos *a* itálicos tenham essa origem<sup>186</sup>. O *a* de *canis* em particular só pode representar um *a<sub>2</sub>*; de fato, dizer que o *o* de κύων é um *o* seria muito improvável; este fonema parece ser estranho a esses sufixos. Pode-se citar em seguida o osco *tangi-nom*, parente do lat. *tongeo*. A este último corresponde o verbo fraco gót. *pagkjan*. Se tivéssemos ao mesmo tempo um verbo forte *"pigkan"*, todas as dúvidas seriam dirimidas: o *a* de *pagkjan* seria necessariamente *a<sub>2</sub>*, o *o* de *tongeo* seria então tam-

<sup>185</sup>Mor. Schmidt põe em dúvida a glosa de Hesíquio ἐασφόρος· ἑωσφόρος, que seria de outro modo um exemplo muito notável.

<sup>186</sup>Era de se esperar, porque por muito tempo sem dúvida o som dos dois *o* foi confun-

bém  $a_2$ , e seria provado que o *a* de *tanginom* vem de um *o* que era  $a_2$ . Este verbo "*bigkan*" não existe, mas o *un* do verbo parente *bugkjan* permite afirmar com uma certeza mínima que a raiz de fato é *teng*. Talvez o *a* de *caveo* está no lugar, igualmente, de  $o = a_2$ ; a questão tendo em vista ἔκομεν, é difícil. Em *Parca* há o mesmo fenômeno, se se traça essa palavra à raiz de *plecto* e do gr. πόρκος (gaiola de pesca). Compara-se *palleo* ao gr. πολίός: ora, o *o* dessa última palavra é  $o_2$ , tendo em vista πελιός. Cf. *pullus*. — Nesses exemplos, o *a*, repetimos, não é a continuação direta de  $a_2$ , mas uma alteração histerógena do *o*.

Até aqui a questão foram as vogais *o* e *a* alternando na [p. 106] mesma língua. Resta ver como elas se correspondem, quando se compara o grego e o itálico. Para isso é bom se precaver, mais ainda que alhures, contra as armadilhas já muitas vezes mencionadas, que atingem certos fenômenos ligados às líquidas e, em menor medida, às nasais. Eliminamos completamente o que concerne as líquidas soantes do §1 – como καρδία: *cor*, sânsc. *hṛd* — ; mas há uma segunda série de exemplos – como ὀρθός: *arduus*, sânsc. *ūrdhvá* (v. chap. VI) — que não ousamos passar em silêncio e que nos limitamos a pôr entre parênteses. Estes exemplos devem ser considerados nulos, e o que resta é tão pouco, que a não-concordância de duas línguas irmãs quanto à vogal *o* toma indubitavelmente o caráter de um fato anormal. – Para as coleções de exemplos abaixo, a gramática de Léo Meyer oferece os materiais mais importantes.

6. *Coexistência de o e de a em uma das duas línguas ou nas duas línguas ao mesmo tempo.* Quando uma das duas formas é muito mais comum como no caso de *ovis* : *avilla* (p. 98), não pomos o exemplo nesta lista.

ὄβριον, κόλ-αβρος	<i>aper</i> (?) <sup>187</sup> .
καύαξ <sup>188</sup> , κόβᾶλος	<i>cavilla</i> .
σᾶος <sup>189</sup> , σῶω, σόος	<i>sānus</i> .
[τράπης, τρόπις	<i>trabs</i> .]
[φάλκης, φολκός	<i>falx</i> . C.]
λογγάζω, λαγγάζω	<i>longus</i> . C.
μονιός, μάννος	<i>monile</i> .
ὄμπνη, ἄφενος	<i>opes</i> (?)
---	---
πά(φ)ις, πο(φ)ία	<i>parāver, pōmum, pover</i> (inscr.)
κόοι	<i>cous</i> cavidade no jugo, <i>cavus</i>

7. a grego e o itálico.

a. A raiz não contém nem líquida nem nasal não-inicial.

<sup>187</sup>Curtius, *Stud.* Ia. 260, *Grdz.* 373. <sup>188</sup>καύαξ· πανούργος (Suidas).

<sup>189</sup>A raiz, ainda que o beót. Σαυκράτειος não decida nada, parece ser sabida. O latim mostraria *o* em *sōspes*, se o parentesco da palavra com a nossa raiz fosse mais comprovado, mas ela bem parece ser um composto contendo a partícula *se-*, cf. *seispes*; por uma grande sorte existe uma palavra védica *viṣpitá* "perigo". — Sobre *ank- onk-* e outros casos, v. p. 107.

δακ, δι-δάσκω, ἐ-δί-δακ-σα, δι-δαχ-ή *doc, doc-eo, doc-tus.*<sup>190</sup>

λακ, ἔ-λακ-ον, λάσκω, λέ-λακ-α *loqu, loqu-or, locutus.*

(ἀπαφός (ἔποψ) *urupa.*)<sup>191</sup>

δᾶρός *dūrus(?).*<sup>192</sup>

b. *A raiz contém uma líquida ou uma nasal não inicial.* Não se poderia, creio, demonstrar por nenhum exemplo desse tipo que a vogal variável (*a o*) foi sempre uma vogal plena: todas essas palavras, ao contrário, parecem ligadas aos fenômenos especiais a que aludimos acima. Elas são principalmente βάλλω: *volare*; δάλλω, δᾶλέομαι: *doleo*; δαμάζω: *domare*; δαρθάνω: *dormio*; ταλ: *tollo*; φάρώ: *forare*. Puis κάλαμος: *culmus*; κράνος "cornizo" (também κύρνος) e *cornus*; ταρβέω: *torvus(?)*; παρά: *por-* (p. 105). Fick associa γύαλον a *vola*. *prānḥs* e *prānós* (Hes.) diferem talvez do latim *prōnus*, e, na hipótese contrária, as contrações que puderam acontecer, se por exemplo o tema é o mesmo que no sânsc. *pravaṇā*, terão confundido a verdadeira relação das vogais.

c. *Os fonemas são postos no fim da raiz.* Nesta posição não se encontra um *o*

<sup>190</sup>Não há outra razão para associar διδάσκω, διδάξει, a uma raiz δακ além da existência do lat. *doceo*. De outra forma seria possível associá-los sem hesitação alguma à raiz que se encontra em δέ-δα(σ)-ε δα(ο)-ήμων. Mas nada impede, pode-se dizer, de reunir ainda assim δασ e *doc*, como tendo ambos por base a raiz *dā* «savoir». A isso deve-se responder que δασ só parece ser uma raiz: é δενσ que é a forma plena, como indica o indiano *dams* e o gr. δῆνος de \*δένσος (= sânsc. *dāṃsas*). δέδ(α)σε (aoristo), δεδα(σφ)ώς, ἐδά(σ)ην, têm, regularmente, a nasal soante (páginas 21 onde δέδαε foi esquecida, 22 e 44); em διδάσκω, se a unimos a esta raiz, ela não seria menos regular (v. p. 23). Deve-se responder em segundo lugar que a raiz *dā* que se acreditava encontrar no avéstico não tem, seguindo o prof. Hübschmann, nenhum fundamento real. Esta questão difícil se complica com o latim *disco*, do sânscrito *dīkṣ* e do avéstico *daysh*.

<sup>191</sup>ἔποψ nasceria por uma etimologia popular: ἔποψ ἐπόπτῃς τῶν αὐτοῦ κακῶν, diz Ésquilo. Assim se explica o seu ε. Por outro lado Curtius, partindo do tema *epop*, explica o primeiro *o* (u) de *urupa* por assimilação. Por isso o exemplo foi posto entre colchetes.

<sup>192</sup>δᾶρός (*diuturnus*) vem de \*δαφρός = sânsc. *dū-rá* "distante". A glosa δάον· πολυχρόνιον Hes. (δάον?) é bem provavelmente um comparativo neutro vindo de \*δάφρον, sânsc. *dānīyas*. δῆν e δοάν são algo diferente. Se *dūrus* é igual ao grego δᾶρός, ele vem de \**dourus*, mas esta última aproximação é precária: pode-se dizer somente que *durare* (*edurare, perdurare*) significa talvez *durar* — cf. δᾶρός — e que ela lembra *dūrā* em expressões como *durant colles* "as colinas se estendem" Tácito, Germ. 30.

latino oposto a um *α* grego.

8. *o* grego e *a* itálico.

a. *A raiz não contém nem líquida nem nasal não-inicial.*

ὄβολος	<i>agolum</i> . F. (?).
ὄϊστός	<i>arista</i> . F. (?).
ὄλοφύρομαι	<i>lāmentum</i> (?). <sup>193</sup>
ὄξύς	<i>acci-piter</i> (?). <sup>194</sup>
ὄνος	<i>asinus</i> (?).
κόσμος	<i>castus</i> (§11 fim).
κύλιξ	<i>calix</i> .
μοχλός	<i>mālus</i> .
τόξον	<i>taxus</i> (?). <sup>195</sup>
πρώγκη	<i>trāgula</i> (?). J. Schmidt.

Diante de *v*:

κο(Ϝ)έω	<i>caveo</i> . C.
κό(Ϝ)οι	<i>cavus</i> . C. cf. p. 100
λούω	<i>lavo</i> .
νό(Ϝ)ος	<i>navare</i> .
ἀ-γνο(Ϝ)ια	<i>gnāvus</i> .
ὄγδοος	<i>octāvus</i> (?).
πτοέω	<i>paveo</i> (?).
χλόη	<i>flāvus</i> (?).
ψώϊδος	<i>paedor</i> de <i>*pav-id</i> . Fick

<sup>193</sup>Cf. p. 57.

<sup>194</sup>Se se pode duvidar da identidade de *acci-* com *ὄξυ-*, será por outro lado bem mais incerto compará-lo diretamente a *ὠκυ-*, que já está bem atrelado a *ōcior. aqui-* em *aquifolius* não está muito distante de *ὄξύς*.

<sup>195</sup>Pictet compara essas duas palavras por causa do grande emprego do teixo par a con-

No ditongo:

οἶδμα *aemidus*.

οἰκτρός *aeger*.

οὔατα *auris*.

οὐ, οὐδέ *h-au-d* (?).

b. *A raiz contém uma líquida ou nasal não-inicial.*

κόλλοψ *callus*.

[κολοκάνος *cracentes*.]

κόνις *canicae*. (?) <sup>196</sup>

κροκάλη *calculus*.

λόγχη *lancea*.

όλοός *salvus*. C.

[όρθός *arduus*.]

[πορεῖν *parentes*.]

ῥωδιός *ardea*.

[χολάς *haru-spex*.]

φορί *far*, gen. *farris* (?).

c. *Os fonemas estão no final da raiz.* Aqui se alinhariam *datu*s, *dare* (cf. *dōnum*) ao lado do gr. δω δο, *catus* (cf. *cōs*) ao lado de κῶνος, *nates* ao lado de νῶτον. Sobre essas palavras v. a seguir p. 105. O caso de *strāvi*, *strātus*, a que o grego ορθε στρω entra na classe de *arduus*: ὀρθός (p. 99).

Eis agora a correspondência regular que exige o *o* nas duas línguas. Esta tabela, repetimos, não é só um catálogo dos *o* greco-italicos; ela deve servir sobretudo para

fecção de arcos (Origines I<sup>1</sup> 229). Mas τόξον peut vir, e com mais verossimilhança, quer da raiz τεκ ou da raiz τεξ; seu *o* é então *a*<sub>2</sub>.

<sup>196</sup>*Canicae* furfures de farre a cibo canum vocatae. Paul. Ep. 46 M. Se a palavra for parente de κόνις, ela também é de *cinis* (p. 94).

orientar, para avaliar aproximadamente a extensão do *o* diferente de  $o_2$  em greco-italíco; também ainda há muito a organizar, fora dos exemplos marcados como suspeitos. Com o sinal † nós nos perguntamos se o *o* não é  $a_2$

a. *A raiz não contém nem líquida nem nasal não-inicial.*

<i>od</i> :	ὄζω, ὄδωδ-α	<i>ol-eo, od-or.</i>
<i>ok<sub>2</sub></i> :	ὄπωπ-α, ὄσσε, ὄκ-τ-αλλος	<i>oc-ulus.</i>
(?) <i>bhodh</i> <sup>197</sup>	βόθ-ρος, βόθ-υνος	<i>fod-io, fossa.</i>

---

<sup>197</sup>V. Curtius, *Grdz.* 467.

ὄκρις	<i>ocris</i> , úmbrio <i>okar</i> .
†ὀκτώ	<i>octo</i> .
ὀξίνα	<i>occa</i> .
ὀστέον	<i>os</i> , <i>osseus</i> .
ὄ(φ)ις	<i>ovis</i> .
ὄπι(-θεν)	<i>ob(?)</i> . <sup>198</sup>
†ὀπός	<i>sūcus</i> .
κόκκυξ	<i>coxa</i> .
κόκκυξ	<i>cucūlus</i> .
κυκεών	<i>cocetum</i> .
μόκρων	<i>mucro</i> . <sup>199</sup>
νύξ	<i>nox</i> .
πόσις, πότνια	<i>potis</i> , <i>potiri</i> etc.
πρό	<i>prō-</i> .
ὀπάων	<i>socius</i> . <sup>200</sup>

Há ainda *bos* : βοῦς e *bovare*: βοάω onde o valor do *o* latino é anulado pelo *ν* que segue (quanto a *ovis* o caso é um pouco diferente); πόσθη que foi identificada com *pūbes*; πῦματος que se comparou ao osco *posmos* assim como πυνός· ὁ πρωκτός ao

<sup>198</sup> Quanto ao sentido, *ob* vai bem com ἐπί, mas como conciliar suas vogais? Se ὀπι- é mesmo uma partícula e não só um desdobramento da raiz ἐπ "seguir", é difícil duvidar de sua identidade com *ob*. O *p* foi conservado em *op-ācus*; *-ācus* é parente de *aquilus*, gr. ἀχλύς etc.

<sup>199</sup> μόκρων· τὸν ὀξύν. Ἐρυθραῖοι. Hes. V. Fick II<sup>3</sup> 198.

<sup>200</sup> *socius* e ὀπάων estão do lado do indiano *sákhi* (v. Fick II<sup>3</sup> 259). O *a* breve da palavra indiana mostra que o *o* não é *o*<sub>2</sub>, que por conseguinte deve-se separar essas palavras de *sek*<sub>2</sub> "seguir". É possível compará-las a ὄπις "ajuda, justiça, vingança dos deuses" e a ἀοσητήρ, ὀσητήρ (Hes.) "defensor". Esta última lembra o sânsc. *śak* (*śagdhi*, *śaktám* etc.) "ajudar" que Böhtlingk-Roth separam de *śaknóti* "ser capaz". O *ś* vem de *s*, como em *śákr̥t*; e talvez o avéstico *haχma* "amigo" seja idêntico ao sânsc. *śagmá* (= \**śakmá*) "prestativo". Haveria então a identidade entre *śáci* "ajuda divina" e ὄπις. O itálico reflete, parece, a mesma raiz em *sancio*, *sanctus*, *Sancus*, *Sanqualis porta*, *sacer* (cf. *śakrá*).



lado de *pōne*. Além disso é preciso mencionar a opinião que reúne *fōveo* a  $\phi\acute{\omega}\gamma\omega$  (Corssen II<sup>2</sup> 1004), se bem que ela suponha a redução de *gv* a  $v^{201}$ .

No ditongo:

†οἰνή *oinvorsei*.

κλό(Ϝ)νις *clūnis*.

b. *A raiz contém uma líquida ou uma nasal não-inicial.*

[*ol*: ὄλωλ-α, ὀλ-έσθαι *ab-ol-eo*.]

[*or*: ὄρωρ-α, ὄρσο *or-ior, or-tus*.]

[*g<sub>2</sub>or*: ἔ-βρω-ν [βόρ-μος, βορ-ά] *vor-are, -vor-us, vorri edaces*.]<sup>202</sup>

[*mor*: μορ-τός, βορ-τός *mor-ior, mor-tuus, mors*.]

[*mol*: μύλ-λω, μύλ-η *mol-o, mol-a*. cf. umbr. *kumaltu*.]

[*stor*: στόρ-νυμι, στρῶ-μα *stor-ea, tor-us*<sup>203</sup> (*sterno*).]

<sup>201</sup>O sâns. *dáhati* "queimar" vem de uma raiz *dha<sub>1</sub>gh<sub>2</sub>* (Hübschmann, *K. Z.* XXIII 391) que dá também o lit. *degù* e o gót. *dags* "dia". É talvez a essa raiz que *fōveo* pertence. Dever-se-ia então reconstruí-la de *\*fohveo* ou *\*fehveo*; cf. *nivem* = *\*nihvem*. Mas o sentido de *fōveo* permite algumas dúvidas, que serão tiradas, é verdade, por *fōmes* "madeira seca, material inflamável" se o parentesco dessa palavra com a primeira fosse certo. É singular no entanto que *defomitatus* signifique *podado* (Paul. Diac. 75 M. Cf. germ. *bauma*- "árvore"?). A raiz *dha<sub>1</sub>gh<sub>2</sub>* se encontra em grego em τέφ-ρα "cinzas" e na palavra *tuf, tofus* (frequentemente formado por matéria vulcânica) cujo τοφῖών das tábuas de Heracleia torna provável a origem grega. τόφος é idêntica ao gót. *dag(a)s*, ao sâns. *-dāgha*.

<sup>202</sup>βορά e βόρμος ("aveia", Hes.) têm aqui pouco ou nenhum valor, pois seus temas são dos que exigem *o<sub>2</sub>* (p. 70 e 78 seq.). Em princípio seria preciso tomar as mesmas preocupações que quanto às palavras latinas; mas *o<sub>2</sub>* não é tão frequente em itálico que não se possa considerar o *a* de *vorare* como o equivalente do *o* de βρῶναι, βρῶμα (sobre *vorri* v. Corssen, *Betr. z. it. Spr.* 237). Fazemos a mesma observação quanto a *storea, torus* ao lado do στορ helênico.

<sup>203</sup>O sâns. *dáhati* "queimar" vem de uma raiz *dha<sub>1</sub>gh<sub>2</sub>* (Hübschmann, *K. Z.* XXIII 391) que dá também o lit. *degù* e o gót. *dags* "dia". É talvez a essa raiz que *fōveo* pertence. Dever-se-ia então reconstruí-la de *\*fohveo* ou *\*fehveo*; cf. *nivem* = *\*nihvem*. Mas o sentido de *fōveo* permite algumas dúvidas, que serão tiradas, é verdade, por *fōmes* "madeira seca, material inflamável" se o parentesco dessa palavra com a primeira fosse certo. É singular no entanto que *defomitatus* signifique *podado* (Paul. Diac. 75 M. Cf. germ. *bauma*- "árvore"?). A raiz *dha<sub>1</sub>gh<sub>2</sub>* se encontra em grego em τέφ-ρα "cinzas" e na palavra *tuf, tofus* (frequentemente formado por matéria vulcânica) cujo τοφῖών das tábuas de Heracleia torna provável a origem grega. τόφος é idêntica ao gót. *dag(a)s*, ao sâns. *-dāgha*.

†ὀγκάομαι	<i>uncare</i> (esl. <i>jenčq</i> ).
ὄγκος "garra"	<i>uncus</i> , v. p. 98, 107.
ὤμος (*ὄμσος)	<i>umerus</i> .
ὀμφαλός	<i>umbilicus</i> .
ὄνομα	<i>nōmen</i> .
ὄνοτος	<i>nota</i> .
ὄνυξ	<i>unguis</i> .
†ὀρφανός	<i>orbis</i> . (armên. <i>orb</i> )
βολβός	<i>bulbus</i> (empréstimo?).
γρομφάς	<i>scrōfa</i> .
δόναξ	<i>juncus</i> .
(Ϝ)ρόδον	(ν) <i>rosa</i> .
†κόγχη	<i>congius</i> .
κόμη	<i>coma</i> (empréstimo?).
κορωνός	<i>corona</i> .
κόραξ e κορώνη	<i>corvus e cornix</i> .
μόλις	<i>molestus, mōles</i> .
μόρμος	<i>formido</i> .
μορμύρω	<i>murmur</i> .
μύρμηξ	<i>formica</i> .

ὄλος	<i>sollus.</i>
πόλτος	<i>puls.</i>
ξύν	<i>com-.</i>
†πόρκος	<i>porcus.</i>
[πόρσω	<i>porro.]</i> <sup>204</sup>
σφόργγος	<i>fungus.</i>
[φύλλον	<i>folium.]</i>
[χόριον	<i>corium.]</i>

Não foram mencionados: βούλομαι — *volo* cujo parentesco é duvidoso (v. cap. VI), e πορτί a que Corssen compara o lat. *por-* em *por-rigo*, *por-tendo* etc. A posição da líquida desaconselha essa etimologia, apesar do πορτί cretense, e nada impede de pôr *por-* ao lado do gót. *faur*, grego, παρά.

Palavras que se relacionam às tabelas a e b, mas que contêm um *ō* longo:

†ώκύς	<i>ōcior.</i>
†ώόν	<i>ōnum.</i>
[ώλένη	<i>ulna.]</i>
[βλωμός	<i>glōmus.]</i> <sup>205</sup>

<sup>204</sup>M. Fick (II<sup>2</sup> 145) põe *porro* e πόρσω em um *porsōt* primitivo (melhor: *porsōd*), e separa πρόσσω (= \*προτυω) de πόρσω, πόρρω. Ainda que a distinção que Passow quer estabelecer entre o uso das duas formas não pareça justificada, pode-se dizer em favor dessa combinação: 1º que a metátese de um πρόσσω para πόρσω seria um tipo muito raro; 2º que em πόρρω de πόρσω haveria a assimilação de um σ vindo de τυ, o que não é o normal, ainda que se trate de σ et non de σσ, e que se possa citar, mesmo para o último caso, certas formas dialetais como o lacedemônio καρρων; 3º que *porsōd* mesmo se explica melhor como a extensão do advérbio sânsc. *purás*, gr. πάρος, πόρσω (*porro*): *purás* πάρος = κόρη: *σίρας* καρή.

<sup>205</sup>βλωμός· ψωμός Hes. A palavra é encontrada em um fragmento de Calímaco. *glomus* in sacris crustulum, cymbi figura, ex oleo coctum appellatur. Paul. Diac. 98 M. Se se levam em conta *glomerare* e *globus*, seremos levados a comparar o sânsc. *gúlma* "grupo de árvores; tropa de soldados; tumor". – Mencionamos também a desinência do imperativo, lat. *legi-tō*, gr. λεγέ-τω).

κλώζω	<i>glōcio.</i>
κρόζω	<i>crōcio, crōcito.</i>
μῶρος	<i>mōrosus.</i>
μῶρον, μόρον	<i>mōrum.</i>
†νῶϊ	<i>nōs.</i>

c. *o* termina a raiz.

<i>kō</i> :	κῶ-νος	<i>cō-(t)s, cŭ-neus, (cf. cǎ-tus).</i>
<i>gnō</i> :	ἔ-γνω-ν, γι-γνώ-σκω, γνώ-ριμος	<i>gnō-sko, gnō-tus, i-gnō-ro</i> (cf. <i>gnā-rus, nārrare</i> ).
<i>dō</i> :	ἔ-δω-κα, δῶ-ρον, ἔ-δό-μην, δο-τός	<i>dō-num, dō-(t)s</i> (cf. <i>dǎ-tus, dā-re</i> ).
<i>pō</i> :	εὐλ. πῶ-νω, ἄμ-πω-τις, πο-τός, πό-μα	<i>pōtus, pō-culum, pō-sca.</i>
(?) <i>rō</i> :	ῥῶ-ννυμι, ἔ-ρρω-σα	<i>rō-bur.</i>

Os exemplos onde pode-se admitir com mais confiança que *o* é *o* são:

Em greco-italíco: as raízes *o**d* "ter cheiro", *o**k* "ser afiado", *o**k*<sub>2</sub> "ver"; *dō* «donner», *pō* "beber", *gnō* "conhecer". Nessas raízes de fato a vogal *o* reina em todas as formas. – Dentre os temas soltos: *o**k**r**i* "colina" et *o**k*<sub>2</sub>*i* "olho" que pertencem às raízes mencionadas, então *o**w**i* "ovelha", por causa do *a* breve do sânsc. *āvi*; *po**t**i* "senhor", sânsc. *pāti*; *mo**ni* "joia", sânsc. *māṇi*; *so**k*<sub>2</sub>*i* "companheiro", sânsc. *sākhi*. De acordo com essa analogia, deve-se acrescentar: *o**s**t**i* "osso", *klō**uni* "nádega" (?), *ko**ni* "pó", *no**kti* "noite". Mais incertas são *omso* "ombro", *okto*, o nome do número [oito], e *g<sub>2</sub>ou* "boi".

O latim traz as raízes de *fodio*, *rōdo*, *onus*, *opus* etc., os temas *hosti*, *rota* (sânsc. *rātha*).

Entre outros exemplos limitados ao grego, devem-se citar as raízes de verbos

ῥομαι, δίομαι, κλώθω, φώγω, κόπτω, ὠθέω, ζώννυμι, ῥμνυμι, ὀνίγημι. Encontramos *o* no fim da raiz em βω "alimentar", φθω "definhar" (φθόσις, φθόη). Em um grande número de casos é difícil determinar se não se está lidando com uma raiz terminada por υ (Ϝ) ou ι (Ϛ). Assim ἔκομεν, κέκοκε bem parecem pertencer a κοϜ<sup>206</sup>, e não a \*κω; σκοιός, comparado a σκό-το, contém *o*<sub>2</sub> e pertence a uma raiz σκω (cf. também p. 113), mas ligada a σκει (cf. σκῖρον) ela contém *o*<sub>2</sub> e pode então se identificar ao sânsc. *chāyá*. É inútil multiplicar esses exemplos duvidosos. — A palavra κοίης· ἱερεὺς Καβείρων, ὁ καθαίρων φονέα (οἱ δὲ κόης); (cf. κοιᾶται· ἱερᾶται) pode ser comparada ao sânsc. *kāví*, a menos que ela seja considerada como não-herdada: πρῶτι = *prāti*, ποτί = avéstico *pāiti*.

Qual a idade e a origem do fonema *o*? Nós nos convencemos anteriormente que o segundo *o* greco-italico (*a*<sub>2</sub>), que *e* (*a*<sub>1</sub>), que *a* (*A*), têm sua existência distinta desde os períodos mais recuados. Mas quais dados temos sobre a história do fonema *o*? Pode-se dizer que não existe dado algum. O que permite afirmar que o *o*<sub>2</sub> do sul tem seu equivalente do norte, é que o seu *a* correspondente em eslavo-germânico tem funções especiais e relações regulares com *e* que o separam claramente de *A*. Ao contrário, o papel gramatical de *o* não difere essencialmente do de *A*. E se, em tais condições, concluimos que as línguas do norte têm correspondência de *o* exatamente como fazem do *A*, somos naturalmente privados de todo meio de controle quanto à antiguidade do fonema em questão. Se se admite que o *o* é antigo, o *a* das línguas do norte contém, não mais duas vogais somente (*a*<sub>2</sub> + *A*) mas três: *a*<sub>2</sub> + *A* + *o*. Se ao contrário se quiser que seja um produto secundário do greco-italico, o único fonema donde ele pode ter surgido é *A*. — Hesitei por muito tempo, admito, entre as duas possibilidades; é por isso que no começo

<sup>206</sup>Veja-se Curtius, *Stud.* VII 392 seq. O que levanta dúvidas é o perfeito *νένεται* que He-

desta memória (p. 6) *o* não está enumerado entre os *a* primitivos. O fato que me parece militar a favor da segunda hipótese é que o armênio, que distingue de *A* o fonema *a*<sub>2</sub>, não parece distinguir o fonema *o* (p. 91). Mas nós não sabemos se ele sempre foi assim, e por outro lado a suposição de uma divisão é sempre cercada de grandes dificuldades. O que parece decisivo é o fato surpreendente de que quase todos os temas nominais separados que contêm a vogal *o* são palavras muito antigas, conhecidas nas línguas mais diversas, e ainda mais são temas em *-i*, e mesmo temas em *-i* com flexão bem particular. Essa coincidência não pode ser por acaso; ela nos indica que o fonema *o* foi estabelecido desde longa data, e dessa forma será difícil negar a ele sua carta de nobreza indo-europeia.

Os casos que poderiam servir de base à hipótese onde *o* seria uma simples alteração greco-italica de *A*, são *onko* vindo de *ank*, já mencionado na p. 98, *oi-no* "um" ao lado de *ai-ko* *aequus*, a raiz *ok*, donde vem o tema *okri*, ao lado de *ak*, *socius* — ὀπάων comparado a *sak* em *sacer*, et o lat. *scobs* de *scabo*. Seria possível dar certa importância ao fato de que *okri* e *soki* (*socius*), ao lado de *ak* e *sak*, calham de ser dois temas em *-i* (v. acima). Mas isto é muito problemático, e a etimologia dada de *soki* só é uma conjectura. Quanto a πρόβατον de βω v. o índice.

Muito mais notável é o caso de οῖς «orelha». O homérico παρήϊον nos ensina que, fora de todas as questões de dialeto que se poderiam levantar quanto ao eól. παράυα ou de ἄανθα· εἶδος ἐνωπίου, o *o* de οῖς tem como equivalente, em certas formas, um *α*. O que dá a isto certo peso é que οῖς pertence a esta categoria de temas de flexão singular e que é a sede mais comum do fonema *o* e sobre que falaremos novamente. Ter-se-ia então um *o*, assegurado como tal, acompanhado por *A*. Infelizmente o lat. *auris* é constrangedor: seu *au* pode a rigor vir de *ou*, mas ele rodiano reporta, pertencente νοέω cujo *f* é assegurado por uma inscrição (*Grdz.* 178).

também poderia ser o ditongo primordial.

Os exemplos reunidos acima permitem constatar já de relance que os fonemas com que as línguas do norte representam *o* são exatamente os mesmos para *A* (p. 59) e para *a*<sub>2</sub> (p. 67). Nos três casos encontramos aquilo que designamos, para abreviar, por *a do norte* (p. 48).

Latim e	Grego	Lituano	Eslavo Antigo	Germânico
<i>oculus</i> ,	ὄσσε:	<i>akis</i>	<i>oko</i>	germ. <i>augen-</i> = * <i>agven-</i>
(?) <i>octo</i> ,	ὀκτώ:	<i>aštuoni</i>	<i>osmĭ</i>	gót. <i>ahtau</i>
<i>ovis</i> ,	ὄϊς:	<i>avis</i>	<i>ovica</i>	ant. alto-al. <i>awi</i>
<i>hostis</i> ,	—:	—	<i>gostĭ</i>	gót. <i>gasti-</i>
<i>nox</i> ,	(νόξ):	<i>naktis</i>	<i>noštĭ</i>	gót. <i>naht-</i>
<i>potis</i> ,	πόσις:	<i>vieš pati-</i>	—	gót. <i>-fadi-</i>
—,	πρωτί:	—	<i>proti</i>	—
<i>monile</i> ,	μόννος:	—	? <i>monisto</i> <sup>207</sup>	germ. <i>manja-</i>
<i>rota</i>	—:	<i>rátas</i>	—	ant. alto-al. <i>rad.</i>

Raízes: gr. ὄκ, ὀπ, lit. (at-)a-n-kù;, gr. φωγ, anglo-saxão *bacan*, *bōc*, lat. *fod*, esl. *bodq* (o lituano tem a forma incompreensível *bedù*).

Nas palavras que seguem, pode-se duvidar se o *o* greco-italíco não é *o*<sub>2</sub>, ou mesmo, em um ou dois casos, uma vogal anaptítica: ὄζος, gót. *asts*; ὄρρος, ant. alt.-al. *ars* (*Grdz.* 350); ὀπός, ant. alt.-al. *saf*, esl. *sokŭ*; ὄρνις, ant. alt.-al. *arni-*, esl. *orilŭ*; greco-it. *orphos*, got. *arbi*; greco-it. *omsos*, gót. *amsa*; *collum*, gót. *hals*; *coxa*, ant. alt.-al. *hahsa*; κόραξ, lit. *šárka* "pega" (?); γόμφος, esl. *zqbŭ*; greco-it. *porkos*, ant. alt.-al. *farah*, esl. *prasę* de \**porse*, lit. *pàršas*; osco *posmos*, lat. *post*, lit. *páskui*; *longus*, gót. *laggs*. L' *o* de χολή (ant. alt.-al. *gallā*) deve ser *o*<sub>2</sub>, por causa do *e* do lat.

<sup>207</sup>Miklosich (*Vergl. Gramm.* II 161) considera que essa palavra é de origem estrangeira.

*fel.* — Em ditongo: greco-it. *oinos*, germ. et prussiano *aina-*; greco-it. *klouni*, nórd. *hlaun* (lit. *šlaunìs*).

Mais acima fiz a observação de que os idiomas do norte, opondo ao fonema *o* as mesmas vogais que ao fonema *A*, negam-nos a prova positiva de que esse último fonema é tão antigo quanto as outras espécies de *a*. Existem ainda assim duas séries de fatos que mudariam contudo o *status* do nosso conhecimento neste ponto, dependendo de atribuirmos ou não a ele uma conexão com o aparecimento de *o* no greco-italico.

1. Três das raízes mais importantes que contêm *o* em grego: *ὀδ* ou *ὠδ* "olere"<sup>(48)</sup>, *ζωσ* "cingir", *δω* "dar", apresentam em lituano a vogal *uo*: *uodžù, júosmi, dúomi*. Ademais, o lat. *jocus*, cujo *o* poderia bem ser *o*, é em lituano *júokas*; *úoga* corresponde ao lat. *ūva, núogas* a *nudus*<sup>208</sup> (= *noguidus?*). Ao grego *βωϜ, βοϜ*, cujo *o* conforme dizemos é *o*, corresponde o letão *gúws*. Por outro lado *kúolas*, por exemplo, é em grego *κᾶλον* (madeira). O eslavo não possui nada que corresponda a (*jas-*, *da-* = lit. *juos-*, *duo-*); ainda mais, o prussiano mesmo não conhece essa vogal (*datwei* = ), e a passagem de *ō* a *uo* é uma modificação familiar nos dialetos lituanos. Deve-se então convir que se realmente o fonema *o* se esconde no *uo* lituano-letão, é por um acidente quase inacreditável.

2. Só falei ocasionalmente do vocalismo céltico, e só o faço aqui novamente por necessidade, sendo meus conhecimentos neste terreno muito insuficientes. O vocalismo irlandês concorda com o do eslavo-germânico no tratamento de *A* e *a*<sub>2</sub>; os dois fonemas se confundiram. Exemplo de *A*: *ato-m-aig* da raiz *ag* agere; *agathar*, cf. ἄχεται; *asil*, cf. *axilla*; *athir*, cf. *pater*; *altram*, *no-t-ail*, cf. *alo*; *aile*, cf. *alius*. Ver

<sup>208</sup>Deve-se também ter em conta *λυμνός· γυμνός* (Hes.). Esta forma parece vir de *\*νυβνός* por dissimilação. *\*νυμνός* vem de *\*νυβνός*, *\*νογϜνός* = sânsc. *nagná*.

<sup>(48)</sup>O autor costuma traduzir palavras pelos seus cognatos, se possível; aqui: 'ter odor'.



Windisch nos *Grundzüge* de Curtius nos números correspondentes. Por outro lado  $a_2$  também se torna *a*. Nós o constatamos acima (p. 68 e 82) nas formas do perfeito singular e na palavra *daur* = δόρυ. Além disso, no vocalismo das sílabas radicais, a vogal sufixal desaparecida, que correspondia ao  $o_2$  greco-italíco, era *a*. Mas em *nocht* "noite", *roth* "roda", *ói*<sup>209</sup> "ovelha", *ocht* "oito", *orc* "porco", *ro* = gr. πρό etc., é *o* e não mais *a* que corresponde ao *o* das línguas do sul. Precisamente nessas palavras, a presença de *o* é segura, ou provável. — Commo é que no gaulês antigo o  $a_2$  sufixal seja *o*: *tarvos trigaranos*, νεμητων etc.?

---

<sup>209</sup>O *o* foi alongado pelo *w* que seguia.



## Capítulo 4

# Sinais da pluralidade dos *a* na língua mãe indo-europeia (§9)

No sistema de Amelung, os *o* e os *a* greco-itálicos (nosso *A*) remontam a uma mesma vogal primordial; ambas são a gradação de *e*. Se fosse constatado que nas línguas arianas a vogal que corresponde ao *a* greco-itálico em sílaba aberta é um *ā* longo, como é como *o*, essa opinião teria encontrado um ponto de apoio muito sólido. Na verdade, o número de exemplos que se prestam a este teste é extraordinariamente pequeno. Só encontro, entre as palavras soltas, ἀπό — *ab*, sânscr. *āpa*, ἄκων<sup>210</sup> sânscr. *āsan* (nos casos fracos, como *ásnā*, sílaba fechada); αξίξ, sânscr. *ājá*; ἀθήρ, véd. *ātharí*(?). Mas ao menos os temas verbais de *āja-ti*, europ. *Ag*; *bhāja-ti*, europ. *bhAg*; *māda-ti*, greco-it. *mAd*; *yāja-ti*, gr. ἄγ, *vāta-ti*, europ. *wAt* (irland. *fáith*, lat. [p. 117] *vātes*) dão-nos segurança suficiente. Se se buscam ao contrário os casos possíveis de um *ā* ariano correspondendo, em sílaba aberta, a um *a* (*A*) greco-itálico, será encontrado um exemplo, de fato muito importante: sânscr. *āgas*, ao lado

---

<sup>210</sup>O τ foi adicionado depois; cf. λεοντ, fem. λέαινα.

do gr. ἄγος que se concorda em separar de ἄγος, ἄγιος etc<sup>211</sup>. O caso é inteiramente isolado, e em nosso próprio sistema ele não é inexplicável (v. o índice). Fazer deste caso único a pedra angular de uma teoria sobre o conjunto do vocalismo seria desvencilhar-se de qualquer espécie de método<sup>212</sup>.

Pode-se então, sem medo, estabelecer a regra de que, quando as línguas europeias têm *A*, tanto em sílaba aberta quanto em sílaba fechada o ariano mostra *a breve*. Mas isto quer dizer simplesmente que o *a* não é um *a* longo: às vezes de fato em certas posições, por exemplo no fim de raízes, não é um *a*, mas um *i* ou *ī*, ao menos em sânscrito, que se encontra posto ao lado do fonema *a* das línguas da Europa. Ver acima.

Como o ariano se comporta em relação ao *e* europeu? Ele opõe também o *a breve*. Este fato é tão conhecido que é inútil apoiá-lo com uma lista de exemplos. O único ponto a enfatizar, aquele que foi levantado por Amelung, aquele sobre que o Sr. Brugmann apoiou em grande parte a hipótese do *a*<sub>2</sub>, é o dado negativo de que, quando há *e* na Europa, o ariano nunca apresenta *ā* longo.

Se agora se colocasse a seguinte questão: há em indo-iraniano o indício certo de uma espécie de *a que não possa ser nem a<sub>1</sub> nem a<sub>2</sub>*? Responderíamos: Sim, tal indício existe. O *i* ou *ī* de *a* só aparece num tipo de raízes sânscritas bem particulares, e não pode ter nem o valor de *a*<sub>1</sub> nem de *a*<sub>2</sub> (§11 fim). [p. 118]

Mas se, esclarecendo ainda mais a questão, se perguntasse se há no ariano traços incontestáveis *do dualismo a<sub>1</sub>*: *A tal como existe na Europa*, a resposta, creio,

<sup>211</sup>Por razões expostas mais abaixo, seremos levados à conclusão de que, se uma raiz contém *A*, o presente tem normalmente *ā* longo e os temas como *āga-*, *bhāga-* etc. só puderam pertencer originalmente ao aoristo. Mas como, ao mesmo tempo, é precisamente o aoristo, como propomos que permite surgir *A* no estado puro, não seria inconsistente argumentar a partir desses temas.

<sup>212</sup>O *vyāla* (também *vyāḍa*) "serpente" é bem provavelmente um parente próximo do gr. ὑάλη·σκόληξ, mas seria ilusório buscar estabelecer entre as duas palavras uma identidade

só poderia ser negativa. O papel do *ĩ* nesse problema é muito complicado, e não poderemos abordar a questão antes do capítulo V.

Dois outros pontos merecem particularmente ser examinados neste ponto de vista:

1º Os *ā* longos como os de *svādāte* = gr. ἄδεται. Veja o §11.

2º O tratamento de *k*<sub>2</sub>, *g*<sub>2</sub> e *gh*<sub>2</sub> nas línguas arianas. No artigo citado nos *Mémoires de la Société de Linguistique*, busquei estabelecer que a palatalização das guturais velares é devida à influência de um *a*<sub>1</sub> vindo depois da gutural. Confrontei a série indiana *vākā*, {*vācas*}, {*vōca-t*} com a série grega γονο-, γενεσ-, γενέ-(σθαι) e concluí que a diversidade de consoantes na primeira tinha a mais íntima relação com a diversidade de vogais sufixais observável na segunda. Creio ainda agora que isto é certo. Somente era falso, como notei mais acima (p. 90), dar ao *o* do sufixo, em γόνο, o valor de *o* ou *A* (*o* sendo considerado como uma variedade de *A*): esse *o*, nós vimos, é *a*<sub>2</sub>. Eis então que a significância do fato muda notavelmente. Ele prova ainda que o indo-iraniano distingue entre *a*<sub>1</sub> e *A*, mas não mais, como eu pensava, que ele distingue entre *a*<sub>1</sub> e *A*. A tese, concebida desta forma, devendo ser apoiada pelo que aprendemos, por uma pena mais autorizada que a nossa, deixaremos este assunto intocado: ainda assim a existência do *a*<sub>2</sub> ariano já está suficientemente provada pelo alongamento regular constatado em §7<sup>213</sup>.

absoluta: cf. εὐλή, ἴουλος.

<sup>213</sup>Para definir bem o que quisemos dizer na página 85, devem-se dizer algumas palavras sobre as formas avésticas *cahyā* e *cahmāi*. Justi as afilia a um *pronome indefinido ca*, enquanto Spiegel associa *cahmāi* diretamente a *ka* (*Gramm.* 193). Em todo caso o fato que, de um modo ou outro, essas formas pertencem ao pronome *ka* não pode ser negado. A palatal do genitivo se explica pelo *a*<sub>1</sub> que supomos. Quanto ao dativo, não é impossível que o análogo grego tenha-nos sido conservado. Hesíquio tem uma glosa τέμμαι· τείνει. O Sr. Mor. Schmidt corrige τείνει para τίνει. Mas o que é, então, τέμμαι? Se lermos τίνι, temos em τέμμαι a contrapartida de *cahmāi* (cf. cret. τείος no lugar de ποίος)- No entanto as duas formas não são idênticas; a forma grega provém de um tema consonântico *kasm-* (cf. sânscr. *kasm-in*), *ai* sendo a desinência (v. p. 87); ao contrário *cahmāi* vem de *kasma*.

[p. 119] O tratamento de guturais velares *no começo de palavra* traz uma evidência muito clara da permuta  $a_1 : a_2$  na sílaba radical. Mas permitiria ela perceber uma diferença entre  $a_1$  e  $A$ ? Esse é o fato que seria importante para nós. Seria difícil responder com sim ou não. Considerando tudo, os fenômenos não excluem essa possibilidade, e parecem sobretudo dizer em seu favor. Mas nada de claro e evidente; nenhum resultado que se imponha e em que se possa fiar definitivamente. Suprimimos então como inútil o dossiê volumoso desse debate, que gira a maior parte do tempo ao redor de exemplos de ordem bem subalterna, e resumimos:

Quando o europeu tem  $k_2e, g_2e, g_2he$ , o ariano mostra quase regularmente *ca*, *ga*, *gha*. Exemplos: gr. τέσσαρες, sânscr. *catvāras*; lit. *gèsti*, sânscr. *gásati*; gr. θέρος, sânscr. *hāras*. Isto entra no que dissemos anteriormente. A regra tem exceções: assim, *kalayati* ao lado de κέλης, *celer* (Curtius, *Grdz.* 146), *gāmati* ao lado do gót. *qiman*<sup>214</sup>. Ao grupo europeu  $k_2A$  o ariano corresponde bem tipicamente com *ka*. Somente, bem frequentemente, pergunta-se se o *a* europeu que segue gutural é realmente  $A$ , ou um fonema histerógeno. Outras vezes a aproximação é duvidosa. Exemplos: gr. καλός, sânscr. *kalya*; lat. *cacumen*, sânscr. *kakúbh*; lat. *calix*, sânscr. *kaláça*; lat. *cadaver*, sânscr. *kalevara*? (Bopp); κάνδαλοι·κοιλώματα, βάρρα, sânscr. *kandarā*; gr. καμάρα, zd. *kamara*; gr. κάμπη, sânscr. *kampanā*; gr. καινός, sânscr. *kanyā* (Fick); dans la diphtongue, lat. *caesaries*, sânscr. *késara*; lat. *caelebs*, sânscr. *kévala*; gr. Καιάδας, καιάτα·ὀρύγματα, sânscr. *kévaṭa* etc. [103-1]. Para *g* [p. 120] e *gh*, os casos são raros. Encontramos a palatal em *cándrá*, *-çcándra* (grupo primitivo  $sk_2$ ) ao lado do lat. *candeo*. Na página 81 comparamos o gót. *skadus* ao sânscr. *cat* “esconder-se”. Ora, o irlandês *scáth* prova que a raiz é *skAt*, não *sket*[103-2], e

<sup>214</sup>Pode ser que o *g* do último exemplo tenha sido restituído posteriormente no lugar de *g*, no modelo de formas como *ga-gmús* onde a gutural não tinha sido atacada. O antigo estado de coisas seria então o que apresenta o avéstico, onde encontramos ao lado de .

assim teríamos um exemplo bem claro de *cá* correspondendo *akA*; é verdade que a gutural faz parte do grupo primitivo *sk*. Um caso semelhante, onde é a sonora que está em jogo, é o avés. *gád* “pedir”, irl. *gad* gr. βάζω (além de βάξω); aqui o sânscrito tem *g*: *gádati*.

Em suma, não há nada de decisivo a ser concluído desse tipo de fenômeno, e deveremos, para definir a primordialidade do dualismo  $a_1 : A$ , recorrer a uma demonstração *a priori*, baseada essencialmente na certeza que temos da primordialidade de  $a_2$ . Em linguística, este tipo de demonstração é sempre um último recurso, mas seria errado querer excluí-lo completamente.

1. Para simplificar, tiraremos da discussão o fonema  $\varnothing$ ; seu carácter quase excepcional, seu papel bem similar ao de *A*, põe-no numa espécie de posição neutra e permite que o ignoremos sem medo de errar. Além disso, o  $\bar{e}$  longo das línguas da Europa, fonema que reencontraremos mais abaixo e que só pode ser uma variedade de  $\bar{a}$ , também pode ficar fora da discussão. V. sobre o  $\bar{e}$  o §11.

2. Definimos como um ponto demonstrado nos capítulos precedentes, e como a base donde se deve partir, o fato de que o vocalismo dos *a* de todas as línguas europeias e do armênio se baseia nos quatro *a* seguintes:  $a_1$  ou *e*;  $a_2$  ou *o*; *A* ou *a*;  $\bar{A}$  ou  $\bar{a}$ . Além disso foi estabelecido que *o* alterna regularmente com *e*, e nunca com *a*; e aparentemente  $\bar{a}$  alterna exclusivamente com *e*, nunca com *a*; este último ponto não pode ser ainda melhor esclarecido, mas no capítulo V nós o constataremos de maneira positiva.

3. O aparecimento regular, em certas condições, de um  $\bar{a}$  longo [p. 121] ariano ao lado de um *o* europeu (§7), fenômeno que nunca se apresenta quando a vogal é, na Europa, *e* ou *a*, opõe-se completamente ao que faz vir de um mesmo fonema na língua mãe o *e* (ou *a*) e o *o* europeus.

4. Por outro lado é impossível fazer com que o *o* europeu venha do mesmo fonema primordial que nos deu  $\bar{a}$ . De fato, as línguas arianas não abreviam  $\bar{a}$  antes de grupos de duas consoantes (*çásmi* etc.). Não se compreenderia então como o *o* europeu seguido de duas consoantes está representado em ariano por *a* breve ( $\acute{\omicron}\rho\text{-}\acute{\mu}\eta = \textit{sarma}$ , não «*sārma*», ( $\phi\acute{\epsilon}\rho\omicron\nu\tau\iota = \textit{bharanti}$ , não «*bharānti*»).

5. Quanto a *o* e  $\bar{a}$ , há três pontos:  $\alpha$ ) O que é *o* na Europa não pode ter sido na língua mãe o mesmo fonema que o que é na Europa *e* ou *a* (v. acima, nº 3).  $\beta$ ) Aquilo que é *o* na Europa *o* não pode ter sido na língua mãe o mesmo fonema que é na Europa  $\bar{a}$  (v. acima, nº 4).  $\gamma$ ) Sempre foi reconhecido que o que na Europa é  $\bar{a}$  não pode ter sido na língua mãe o mesmo fonema que é *e* ou *a* na Europa. Isto estabelece que o *o* e o  $\bar{a}$  europeus forem, na língua mãe, distintos entre si e distintos de todos os outros fonemas. – O que sabemos sobre a porção do vocalismo da língua mãe que corresponde à soma *e* + *a* nas línguas do Ocidente? Duas coisas: esta porção do vocalismo diferia de *o* e de  $\bar{a}$ ; e em segundo lugar, ela não continha nenhuma vogal longa. Reduzidos a uma forma esquemática, nossos dados são os seguintes:

indo-europeu	europeu
o	o e
<i>x</i> , breve	
$\bar{a}$	$\bar{a}$ a

Tentemos agora dar ao *x* o valor de um só *a*. Eis as hipóteses que resultam necessariamente dessa primeira suposição: 1º a divisão de *a* em *e-a*, em sua entrada na Europa. A possibilidade desse tipo de divisão é uma questão à parte que, decidida pela negativa, tornaria supérflua a presente discussão. Nós não baseamos, então, nenhuma objeção neste ponto. 2º A maravilhosa distribuição de riquezas



vocálicas obtidas pela divisão. Nenhuma desordem no meio dessa multiplicação dos *a*. Ocorre que *e* é [p. 122] sempre com *o*, e *a* sempre com *a*. Um fato assim é inimaginável. 3º As três espécies de *a* reconstruídas para a língua mãe (*a o ā*) não careciam, evidentemente, de uma certa relação entre elas: mas essa relação não pode ter nada em comum com a que vemos que têm na Europa, já que na língua mãe *e* e *a*, hipoteticamente, eram ainda um só fonema. Assim, as línguas europeias não se teriam contentado em criar um *ablaut* próprio; elas teriam também abolido um mais antigo. E para organizar o *ablaut* novo, era preciso deslocar os elementos do precedente, desarranjar as funções respectivas de diferentes fonemas. Cremos que este andaime fantástico tem o valor de uma demonstração *ad absurdum*. *A quantidade desconhecida, designada por x, não pode ter sido uma e homogênea.*

Descartada esta possibilidade, só há uma solução plausível para o problema: *transportar tal como na língua mãe o esquema obtido para o europeu*, salvo, claro, aquilo que é da determinação exata do som que deviam ter os diferentes fonemas.

---

Quando se considera o processo de redução dos *a* repetido duas vezes no domínio indo-europeu: no celto-eslavo-germânico em menor grau, depois em uma escala<sup>215</sup> maior nas línguas arianas, e isso tendo em conta a posição geográfica dos povos, parece à primeira vista bem natural crer que este é um só grande movimento que teria passado de Oeste a Leste, alcançando nas línguas orientas sua maior intensidade. Essa suposição seria errônea: os dois eventos, é fácil reconhecer, não poderiam ser ligados historicamente. O vocalismo dos *a*, como nos mostra o eslavo-germânico, não pode de modo algum formar o substrato dos fenômenos

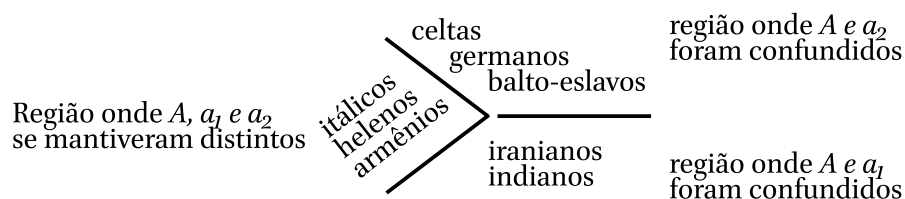
---

<sup>215</sup>Em uma escala maior, em sentido diferente da confusão entre *a<sub>1</sub>* e *A*, também houve

arianos. O ariano distingue  $a_2$  de  $A$  e confunde  $A$  com  $a_1$ . A Europa setentrional confunde  $a_2$  com  $A$ .

Não há dúvidas sobre onde o  $a_2$  ariano foi confundido, também ele, com  $A$ . (e  $a_1$ ): é quando ele se encontra em sílaba fechada. [p. 123] Mas, na época em que, em outras condições, produziu-se o alongamento de  $a_2$ , dificilmente será duvidoso que, antes de duas consoantes, este fonema conservava como em outros lugares sua individualidade. Pode-se dizer então que o ariano posterior confunde  $a_1$ ,  $A$  e  $a_2$  em sílaba fechada, mas que o ariano mais antigo que podemos alcançar confunde somente  $a_1$  e  $A$ .

A figura seguinte representa a divisão do território indo-europeu que se obtém, tendo como base o tratamento dos três  $a$  breves de que falamos. É bem possível que ela traduza fielmente o agrupamento verdadeiro das diferentes línguas; mas, por agora, não queremos dar a essa repartição outro valor além do que ela pode ter na questão do  $a$ . Os Celtas, por exemplo, se pertencem ao grupo do norte quanto ao tratamento das vogais (p. 109), estão unidos por outros vínculos com seus vizinhos do sul.



mais tarde a coloração de  $*a_2$  para  $*a^*$ . Ver o que segue.

# Capítulo 5

## Papel gramatical das diferentes espécies de $a$ .

### 5.1 A raiz no estado normal (§10)

Se o assunto deste opúsculo pudesse ter-se circunscrito ao tema do presente capítulo, o plano geral ter-se-ia beneficiado, sem dúvida. Mas precisávamos nos assegurar da existência de vários fonemas antes de definir seu papel no organismo gramatical, e nessas condições era bem difícil não sacrificar um pouco a organização racional do material. É assim que o capítulo sobre as líquidas e nasais soantes deveria ser mais ou menos um estudo da raiz no estado reduzido, e nós nos referiremos ao parágrafo 7 quanto ao que concerne a este outro estado da raiz onde  $a_1$  muda para  $a_2$ . [p. 124]

As raízes se apresentam para nós em duas formas principais: a forma plena e a forma enfraquecida. Por sua vez a forma plena comporta dois estados diferentes, o em que o  $a$  radical é  $a_2$  e o em que ele é  $a_1$ . É este último estado da raiz que nos

falta considerar; é ele que se pode chamar, pelas razões expostas a seguir, de estado normal da raiz.

Eis, primeiro, os motivos que nos fizeram dizer, no começo deste trabalho, que uma raiz contendo *i* o *u* só tem a sua forma plena e inalterada quando mostra o ditongo. Esta ideia foi proposta já muitas vezes<sup>216</sup>. Aqueles que a expuseram parecem dizer, às vezes, que da forma forte ou da forma fraca é, no fim das contas, uma questão de convenção. Reconhecer-se-á, creio, a inexatidão dessa opinião ao se pesarem os três fatos seguintes.

1. Assim que se admite a existência das líquidas e nasais soantes indo-europeias, vê-se também o paralelismo de *i u*, com *r, n m*. Mas isto, pode-se dizer, não prova nada; posso admitir com os gramáticos hindus que *ar* é o *guṇa* de *r*, e similarmemente *an am*, *guṇa* de *ṅ ṁ*. De fato; também não é nisto que nos apoiamos, mas sobre as raízes terminadas por uma consoante (em oposição à uma soante). Para poder dizer de uma raiz *bhudh* será preciso dizer também que há uma raiz *pt*. Pois onde quer que *bhudh* apareça, também será observado que *pt* aparece, dependendo somente de a forma poder ser pronunciada *bu-budh-ús pa-pt-ús*; ἐ-πυθ-όμην, ἐ-πτ-όμην. Tão logo se encontra *bhaudh*, encontra-se também *pat bódhati*, πεύθεται, *pátati*, πέτεται. Dir-se-á que *at* é o *guṇa* de *t*? [p. 125]

2. Se, para produzir o ditongo, fosse preciso uma operação anterior de reforço,

<sup>216</sup>Sem propor como regra absoluta. Léo Meyer em sua *Grammaire Comparée* (I 341, 343) faz suas reservas expressamente em relação à forma verdadeira das raízes que terminam por *i u*, dizendo que é mais racional definir *sruv* como raiz que *sru*. Num artigo do *Journal de Kuhn* citado anteriormente (XXI 343) ele se expressa na mesma direção. Sabe-se que Ascoli admite uma série dupla, uma ascendente (*i ai, u au*), a outra descendente (*ai i, au u*); isto é em relação às outras teorias do autor. Paul, em uma nota do seu trabalho sobre as vogais de sílabas flexionais (*Beitr.* IV 439), diz, tendo mais particularmente em vista os fenômenos do sânscrito: “quando encontra-se paralelamente *i u* (*y v*) *ē ō* (*āi ay āy āu, av āv*), a vogal simples pode frequentemente, ou talvez sempre, ser considerada como um enfraquecimento com tanta razão quanto se considerou até aqui o ditongo como um reforço.”

seria difícil conceber como *a*<sub>1</sub> do “guṇa” torna-s *a*<sub>2</sub><sup>217</sup> exatamente como todos os outros *a*<sub>1</sub>. No parágrafo 7 partimos sempre do grau com ditongo, e não aconteceu uma só vez que, assim fazendo, se enfrentasse qualquer dificuldade.

3. A ausência de raízes em *in un im um ir ur* (as últimas, quando existem, são sempre de raízes antigas e *ar* fáceis de reconhecer) é um fato tão impressionante que antes de reconhecer a nasal soante de Brugmann, parecia-nos já que ele teria criado entre os papéis de *i u*, e de *n m r*, uma semelhança notável. De fato isto bastaria para estabelecer que a função de *a* e a função de *i* o *u* são totalmente diferentes. Se *i u* fossem, da mesma forma que *a*, vogais fundamentais de suas raízes, não seria possível compreender por quê elas não terminam nunca como fonemas que, assim como *a*, são bem comuns. Em nossa opinião, isto se explica simplesmente pelo fato de que *a* só toma um coeficiente sonântico depois de si.

Em virtude do mesmo princípio, não existe nenhuma raiz contendo o grupo *i u nasal (ou líquida) consoante*. Quando se fala por exemplo da raiz sânscrito *sinc*, fala-se com imprecisão: é fácil garantir, ao formar o perfeito ou o futuro, que a nasal não é radical. Ao contrário, em *bandh* a nasal é radical, e persistirá no perfeito.

Na alternância entre ditongo e vogal, não há necessidade de buscar, com Schleicher, um reforço dinâmico; ou com Benfey e Grein, de reforço mecânico; ela é só um enfraquecimento, e é quando o ditongo deixa de existir que um fenômeno acontece.

Quanto à *vṛddhi* que, conforme o que dissemos, não pode ser posta, mesmo de longe, em paralelo com o “guṇa”, nós não encontramos nenhuma explicação satisfatória. Ele tem claramente duas espécies: a que serve à derivação secundária, – *vṛddhi* dinâmico ou psicológico, se se quiser dar este [p. 126] nome – e a que

---

<sup>217</sup>Não queremos dizer com isso que *a*<sub>2</sub> seja uma gradação.

se encontra em algumas formas primárias como *yaú-mi*, *á-gai-šam* onde não se pode supor uma causa mecânica para ela (v. abaixo). A *vṛddhi* da primeira espécie é indo-iraniana; foram relatados traços duvidosos no indo-europeu. A *vṛddhi* da segunda espécie parece ter surgido mais tarde.

Em todos os lugares onde haja permuta entre *ai au*, *i u*, o *a* do ditongo é um *e* (**a<sub>1</sub>**) nas línguas europeias, ou seu substituto *o* (**a<sub>2</sub>**), mas nunca *A*. Veremos no §11 que as combinações *Ai Au* são de um tipo diferente e não podem perder *A*. Este fato deve ser guardado entre as provas da primordialidade do vocalismo europeu.

Revisemos agora as formações onde a raiz apresenta *a<sub>1</sub>*, quer seja esse fonema faça parte de um ditongo, onde a raiz apresenta *a<sub>1</sub>*, quer seja ele se encontre numa posição diferente. A categoria de raízes que consideramos abarca todas as que não contenha *A* o *ø*, com exceção de raízes terminadas por *a<sub>1</sub>*, e de quaisquer outras que sejam similares a estas. *A questão se circunscreve sempre entre estes limites: é a<sub>2</sub>, a ausência de a, ou a<sub>1</sub> que aparece?*

### 5.1.1 a. Formações Verbais

PRESENTES TEMÁTICOS DA 1ª CLASSE VERBAL. Eles têm *a<sub>1</sub>* invariavelmente.

Grego: λέγω; τείω, ῥέ(φ)ω, μένω, φέρω; στείχω, φεύγω, σπένδω, ἔρω etc. Curtius *Verb.* 1<sup>2</sup> 210 seq., 223 seq.

Latim: *lego tero tremo fido* de *\*feido*<sup>218</sup>, (*dūco* de *deuco*) *-fendo serpo* etc.

Gótico: *giba sniva nima baira steiga biuda binda filha* etc.

Antigo eslávico: *nesq ženq berq męta vlěkq* de *\*velkq* etc. O *e* se enfraquece frequentemente e *ǐ*, sob influências especiais do eslavo. As formas com *živq* são os equivalentes de formas gregas como ῥέφω. Quanto ao ditongo *eu* em leto-eslavo, cf.

<sup>218</sup>*mějo* talvez venha de *\*meiho*.

p. 63 seq.

Lituano: *degù vejù genù lëkù senkù kertù* etc. [p. 127]

O irlandês mostra *e* regularmente.

Línguas arianas. O *a*, salvo alguns casos especiais, é breve; por conseguinte  $a_1$  e não  $a_2$  que ocupa a sílaba radical. Sânscrito *váhati gáyati srávati stánati bhárati cétati, róhati vándate sárpati* etc.

SUBJUNTIVO DO PRESENTE ATEMÁTICO E DO PERFEITO. Para formar o subjuntivo, os presentes da 2ª e da 3ª classes acrescentam um  $a_1$  temático à raiz não enfraquecida, isto é, tal como ela se encontra no singular do ativo. Se o verbo não é redobrado, obtém-se assim um tema absolutamente similar aos presentes da 1ª classe. Sânscrito *hāna-t āya-t yuyāva-t*, de *hán-ti é-ti, yuyó-ti*. Ele foi conservado em grego: εἶω subjuntivo de εἶμι (Ahrens II 340). O plural teria sido sem dúvida \*εἶομεν (cf. Hom. ἴομεν<sup>219</sup>.)

É extremamente curioso que o perfeito, que toma  $a_2$  nas formas não enfraquecidas, salvo talvez na primeira pessoa (p. 69), restitui  $a_1$  no subjuntivo. Vejam-se os exemplos em Delbrück *Altind. Verb.* 194. De *gabhār-a gabhāra-t*; de *tatān-a tatāna-t* etc. Aqui o grego oferece um paralelo magnífico em εἶδομεν, εἶδε-τε, subjuntivo corrente em Homero do perf. οἶδα. Uma outra forma, πεποιθομεν, foi sujeita à analogia do indicativo.

PRESENTES ATEMÁTICOS (2ª e 3ª classes verbais). Queremos saber aqui se  $a_1$  o  $a_2$  que aparece nas três pessoas do indicativo singular (presente e imperfeito). Nas outras pessoas, o *a* radical é expulso.

A sílaba sendo sempre fechada, só podemos investigar junto às línguas do Ocidente. O exemplo mais importante é o de  $a_1$ s “ser”. Nas três pessoas em questão,

<sup>219</sup>Quis-se ver antigos subjuntivos nos futuros βείομαι, ἔδομαι, κείω etc. Os dois últimos,

as línguas europeias têm unanimemente *e*. Então vem a raiz  $a_1i$  “ir”: grego εἶμι, lit. *eimi*. Se *στυ* é o sânscr. *sto* “laudare”, é provável que *στυται* pertença à 2ª classe, como *staúti* (cf. Curtius, *Verb.* I<sup>2</sup> 154). Naturalmente, ele deveria ser regularmente \**στυται*; o ditongo é um empréstimo do ativo que desapareceu<sup>220</sup>. [p. 128]

Esses exemplos mostram  $a_1$ , e o  $a_1$  que encontramos nos aoristos como ἔχουα, ἔσσευα que nada mais são, em última análise, que imperfeitos da 2ª classe. V. acima p. 21.

O ditongo *au* do sânscr. *staúti*, *yaúti* etc., é muito enigmático. Nada, em todo caso, impede de ver nele um indício da presença de  $a_2$ . Os ditongos de  $a_2$ , seguidos de uma consoante, não se comportam diferente dos ditongos de  $a_1$ . Parece, pelo contrário, que sejam de preferência  $a_1i$ ,  $a_1u$  que sofram perturbações desse tipo em sânscrito. O aoristo sigmático nos oferecerá agora um exemplo novo.

O presente da 3ª classe ainda resiste à investigação. Identificou-se, não sem verossimilhança, o lat. *fert* com o sânscr. *bibhárti*. O grego não tem outros presentes redobrados além daqueles em que o tema termina em *η* ou *ᾱ*. Sem dúvida é possível se perguntar se *πίμπλημι* não é a metátese de *πιμπελμι* (v. p. 14 e o cap. VI). Ainda assim a certeza que temos de que a vogal é  $a_1$  não depende, felizmente, dessa hipótese. Mesmo se *πίμπλημι* vier de uma raiz *πλη*, este *η*, assim como os de *τίθημι*, *ἴημι* etc., prova que a formação não toma  $a_2$ ; do contrário teríamos «τίθωμι, ἴωμι». É isto que descobriremos em §11.

AORISTO SIGMÁTICO ATEMÁTICO. A identidade do aoristo grego em *-σα* com o aoristo sigmático *atemático* conhecido no sânscrito e no eslavo é um fato que Brugmann contribuiu, definitivamente, à ciência (v. *Stud.* IX 313). A raiz está

pertencendo a verbos da 2ª classe, prestam-se muito bem a isso.

<sup>220</sup>: Muito obscuro é *σοῦται*, ao lado de *σεῦται*. V. Curtius l. c.



no grau  $a_1$  tanto no médio quanto no ativo. Exemplos: ἔστρεψα, ἔπεμψα, ἔδεισα, ἔπλευσα, ἔτευξα etc. O eslavo tem *e* igualmente: *pechŭ nĕsŭ* etc.<sup>221</sup>

Em sânscrito esse aoristo alonga o *a* radical nas formas do ativo, mas vimos acima que esse tipo de fenômeno, em sílaba fechada, não pode ser trazido de volta, até agora, a partir de nenhum princípio antigo, e que é impossível de levá-lo em conta. O alongamento desaparece no médio. O vocalismo desse tempo levanta, no entanto, problemas diferentes que tocaremos no §12. – Sobre certos traços de  $a_2$  no aoristo, v. p. 69.

O subjuntivo *párša-t géša-t* etc. se reflete em grego nas [p. 129] formas homéricas como παρα-λέξο-μαι, ἀμείψε-ται etc. V. Curtius *Verb.* II 259 seq. O *a* radical é  $a_1$  assim como no indicativo.

FUTURO EM -SYA. Pela adição de  $-ya_1$  ao tema do aoristo se forma o tema do futuro. O vocalismo não sofre nenhuma mudança.

Exemplos gregos: στρέψω, εἴσομαι, πλευσούμαι, ἐλεύσομαι. A necessidade de *e* se percebe por meio da forma κλευσόμεθα, futuro de κλύω relatado por Hesíquio.

O futuro lituano não contradiz a regra.

O futuro indiano tem, também ele, a forma plena da raiz: *vakšyá-ti, gésyá-ti bhotsyá-ti*.

### 5.1.2 b. FORMAÇÕES NOMINAIS.

TEMAS EM -AS. Neutros gregos: βέλος, βένθος<sup>222</sup>, βλέπος, βρέφος, γένος, ἔγχος, εἶρος, ἔλεγχος, ἔλκος, ἔλος, ἔπος, ἔρεβος, ἔρκος, ἔτος, θέρος, κέρδος, λέχος, μέλος, μένος, μέρος, νέμος, νέφος, τέκος, πένθος<sup>222</sup>, πέος, ῥεθος, σθένος, σκέλος, στέφος, τέγος, τέκος, τέλος,

<sup>221</sup>: Bem diferente é o vocalismo do aoristo em *-sa* (*á-dikša-t*).

<sup>222</sup> βάθος e πάθος são formas posteriores feitas a partir de βαθύς (p. 24) e de παθεῖν (p. 20).

φέγγος; — δέγος, εἶδος, τεῖχος, γλεύκος, ἔρευθος, ζεύγος, κεῦθος, κλέ(φ)ος, ῥέ(φ)ος, σκεῦος, τεύχος, ψεύδος etc. Ainda outras em Ludwig *Entstehung der a-Decl.* 10.

Frequentemente o tema em -εσ não é preservado num composto: ἀμφι-ρρεπής, cf. ῥοπή; ἰο-δνεφής, cf. δνόφο-ς; ἀ-μερφές· αἰσχρόν Hes. cf. μορφή. Ἄλι-θέρησ<sup>223</sup> em Homero não é eólico: θέρσος, de fato conservado pelos Eólios, é o tema em -εσ regular da raiz θερσ, e θάρσος, θράσος, foram formados depois, a partir de θρασύς, θαρσύς (em θαρσύνω).

Quanto aos adjetivos (oxítonos) em -εσ, sobre a sua antiguidade, opiniões diferentes são possíveis, ψευδής atesta o mesmo grau *a<sub>1</sub>*.

O o do ὄχος neutro é devido a ἔχω “veho”, em grego, ter abdicado em favor de ὀχέω. No mais Hesíquio dá ἔχεσφιν· ἄρμασιν. σκότ-ος vem de uma raiz *skot* e não *sket*. Se Homero disse δυσπονής (δυσπονέος, no gen.), é porque πόνος, em seu significado, havia-se emancipado da raiz πεν.

Exemplos latinos: *decus, genus, nemus, pectus, scelus, tempus*, [p. 130] *Venus, vetus* (sobre estas duas palavras v. Brugmann *K. Z.* XXIV 38, 43). O neutro *vīrus* (gen. *vīri*) indica um *wa<sub>1</sub>is-as* primitivo. Sobre *foedus pondus, holus*, v. p. 76. Em composto: *de-gener*.

O gótico dá *riqiz-a-* = ἔρεβος *rimis-a-* *sigisa-* *peihs-a-*, *veihs-a-* (v. Paul. *Beitr.* IV 413 seq.), *ga-digis* viola a regra. O Paleoeslavo *nebo, slovo* no lugar de *\*slevo* (v. p. 64) *tego* “cinto”, cf. *vŭs-taga*; lituano *debes-ì-s*, *degēs-ì-s*<sup>224</sup>; irlandês *nem* “céu”, *tech* τέγος; armênio *erek* ἔρεβος (*K. Z.* XXIII 22).

As línguas árias estão em harmonia com as da Europa, pois elas têm: 1º a raiz plena; 2º a *breve* em sílaba aberta, isto é, *a<sub>1</sub>*. Sânscri. *vácas, rájas, mánas, jráyas*,

<sup>223</sup>: Esse nome passou para a declinação de temas em -ᾱ.

<sup>224</sup>O masc. *véidas* pode mais provavelmente continuar um neutro antigo em -es (εἶδος).

*śrávas, vārcas, téjas róhas.*

Os adjetivos se comportam da mesma forma: *yaśás, tavás, tośás*<sup>225</sup>.

TEMAS EM -YAS. Ao adicionar *-yas* (em certos casos *ias*) à raiz normal, obtém-se o comparativo dessa raiz funcionando como adjetivo. O tema do superlativo é derivado deste por meio de um sufixo *ta*, cuja adição exigia o enfraquecimento do sufixo precedente, mas não da raiz. Convém então reunir as duas classes de temas.

Sânscrito, *sáhiṣṭha, kṣépīyas, kṣépiṣṭha*, cf. *kṣiprá, rájīyas, rájiṣṭha*, cf. *ṛjú*. Avéstico *darezista*, cf. *dērēzra*.

Os casos onde o grego conservou essa forma antiga, independente do adjetivo, são preciosos para determinar a qualidade do *a*. A raiz *φερ* dá *φέριστος, κερδ κέρδιστος; μι-νύ-ς* tem como comparativo *μεί-(γ)ων, κρατύς (= \*κῆτυς) κρείστων*<sup>226</sup>. O antigo comparativo ático de *ὀλίγος* é *ὀλείζων*, v. Cauer *Stud.* VIII 254. Logo o *a* é *a<sub>1</sub>*.

Se se adota a etimologia de Benfey, o lat. *pējor* está para o sânscr. *pīyú* como *μείων* está para *μινύς*. — Em gótico deve-se observar o *e* de *vairsiza*.

TEMAS EM -MAN. α) Os neutros:

Exemplos gregos: *βλέμμα, θρέμμα, πείσμα* de *\*πένθμα*, [p. 131] *σέλμα, σπέρμα, τέλμα, φθέγμα; δείμα, χείμα; ρεύμα, ζευγμα*. Compare estas duas séries: *κέρμα, πλέγμα, τέρμα, φλέγμα, στέλμα* (Hes.); — *κορμός, πλοχμός, τórμος, φλογμός, στολμός* (p. 71), além de *ἔρμα* “brincos” e *ὄρμος* “colar”, *ἔρμα* “apoio para vasos” de *ὄρμος* “ancoradouro”, *ἔρμ’ ὀδυνάων* de *ὄρμη*; *φέρμιον*, diminutivo de *\*φέρμα*, de *φορμός, χεῦμα* de *χῦμός* de *\*χουμός* (cf. *ζύμη* de *\*ζουμη*, lacôn. *ζωμός*).

O homérico *οἶμα* de *εἰ “ir”* deve ter sido formado pela analogia com *οἶμος*. O *o* de

<sup>225</sup>: O nom. *uśás* enfraqueceu a raiz, mas o sufixo é diferente; *úras* “peito”, *śíras* “cabeça” agora devem ser comparados diretamente a palavras como *vácas*.

<sup>226</sup>: O superlativo, cedendo à analogia de *κρατύς* etc. faz *κράτιστος*.

δόγμα parece ser um  $\rho$ . Quanto a δῶμα isto não é claro; em todo caso nada impede um δόμμα primitivo. ὄχμα (= ἔχμα), que Hesíquio dá, só pode ser moderno.

Em latim: *germen, segmen, tegmen, termen* (Varrão). O *u* de *culmen* deve-se à consoante que segue.

Paleoeslavo *brěmę* “fardo” de *\*bermę, slěmę* “culmen tecti”: de *\*selmę, vrěmę* “tempo” de *\*vermę*. Miklosich *Vergl. Gramm.* II 236.

Sânscrito *dhárman, vártman, éman, hóman, véśman* etc. (Lindner 91 seq.). Avéstico *zaēman, fraoθman*, etc.; mas também *pishman*.

β) Os masculinos e os adjetivos:

Grego *κευθμών -ῶνος, λειμών -ῶνος, τελαμών -ῶνος, χειμών -ῶνος; πλεύμων -ονος, τέρμων -ονος*; o adjetivo *τεράμων -ονος*. Derivados: *στελμονίαι, φλεγμονή, βέλεμν-ο-ν*. Palavras em *-μήν*: *ἀϋτμήν, λιμήν, πυθμήν* e *ύμήν*<sup>227</sup>. Este último, de acordo com uma etimologia recentemente descoberta, — escapou ao autor que ela tinha sido feita por Pott, *Wurzelwörterb.* I 612 — concide com o sânsc. *syúman* (neut.); há lá um *ū* longo que nos incita a suspender nosso julgamento. Mas em *ἀϋτμήν, λιμήν* e *πυθμήν* o enfraquecimento da raiz é óbvio<sup>228</sup>. Nestas três palavras precisamente o sufixo não permite ser *a*<sub>2</sub>. Entre os masculinos só há, então, temas em *-ma<sub>2</sub>n* que oferecem a raiz no grau 1; cf. §13. [p. 132] — Os infinitivos em *-μεν, -μεναι* não oferecem as garantias necessárias quanto ao vocalismo da sílaba radical.

O latim tem *sermo, termo* (Ênio), *tēmo* = *\*tecmo*.

O gótico tem *hliuma -ins, hiuhma -ins, milhma -ins, skeima -ins*. Anglo-saxão *filmen* = gr. *τέλμα* (Fick III<sup>3</sup> 181).

<sup>227</sup> *ποιμήν*, que parece conter  $\bar{\theta}$ , não nos interessa aqui.

<sup>228</sup> A raiz de *ἀϋτ-μήν* acha-se em sua forma plena em *ἄ(F)ετ-μα*. Apoiando-se nas formas célticas, Fick estabelece que o *τ* dessas palavras não é sufixal (*Beitr. de Bezzenb.* I 66). — Não há motivo para colocar *ύσμίνη* entre os temas em *-man*. A palavra pode vir de um antigo fem. *ύσμί*, mais ou menos como *δωτίνη* de *δῶτις*.

Algumas palavras lituanas serão decerto antigos neutros mas isso é indiferente. Schleicher dá *želmuō* “verdura”, “mamilo”, *šèrmens* (plurale tantum) “refeição fúnebre”, da raiz que se encontra em latim em *sili-cernium*<sup>(49)</sup>.

Sânscrito *varśmán, hemán, darmán, somán* etc.<sup>229</sup>; Lindner p. 93. Paroxítonas: *jéman, klóman* “pulmão direito” (v. Böhtlingk-Roth). Esta última palavra é o gr. πλεύμων<sup>230</sup>. — O avéstico tem *raçman maēθman*, mas também *uruθman*.

TEMAS EM -TAR. Consideraremos aqui apenas a classe de nomes de agente.

Grego ἔστωρ, κέντωρ; Ἐκτωρ, Μέντωρ, Νέστωρ, Στέντωρ; — ῥεκτήρ (Hes.), πειστήρ “cabo” (Teócrito) e πειστήρ δεπειθω (Suidas), νευτήρ· κολυμβητής (Hes.), ζευκτήρ, τευκτήρ (id.). Há muitos derivados como ἀλειπτήριον, θρεπτήριος, πευστήριος, θερτήρια· έορτή ?? τις. Constatamos em ἀορτήριον o irregular, emprestado sem dúvidas de ἀορτή. Cf. p. 76 i. n.

Latim *emptor, rector, vector, textor* etc. [p. 133]

Paleoeslavo *bljusteljǫ, žeteljǫ*.

Sânscrito *vaktár, yantár, cetár, sotár, bhettár, goštar; bhártar, hétar* etc. — Avéstico *gañtar, mañtar, çraotar* etc. Algumas exceções como *bērētar* ao lado de *frabaratar*. Cf. §13.

<sup>229</sup>Só um exemplo védico quebrou a regra: *vidmán* “saber, habilidade”. Note-se que o grego tem, por sua vez, o adj. ἴδμων. Esse adjetivo não aparece antes dos alexandrinos. Ele pode ser mais antigo, por quê, em todo caso, não fez “εἰδμων”? Está muito claro: porque é quase sempre ἴδ e οἴδ, e quase nunca εἶδ, que contém a ideia de *saber* (εἰδώς = FεFιδώς). A mesma explicação para a palavra ἴστωρ que deveria fazer normalmente “εἶστωρ”. Poder-se-ia, sobre esta analogia, considerar tirar da forma *vidmán* uma prova do *a*<sub>2</sub> ário em sílaba fechada. O ário, de fato, não deveria possuir *wa<sub>1</sub>id* além do subjuntivo e do perfeito. O Ṛgveda só tem *ávedam* onde se possa supor *a*<sub>1</sub> (pois *védas* parece pertencer sempre a *ved* “obter”); mas *ávedam* não é necessariamente antigo. Por isso concebemos que à época onde o *a*<sub>2</sub> de *wa<sub>2</sub>ida* subsistia como tal, *wa<sub>1</sub>idman* pudesse ter parecido estranho e impróprio para dar a ideia de *saber*. A escolha estava entre *wa<sub>2</sub>idman* e *widman*; o último venceu.

<sup>230</sup>Por causa de etimologia popular: πνεύμων. O lat. *pulmo* é empréstimo do grego. πλεύρα parece ser o antigo saxão *hlior* “bochecha” (primit. “lado?”).

<sup>(49)</sup>“Refeição fúnebre.”

O sufixo *-tr-a* também exige uma raiz não-enfraquecida. Ela tem em geral  $a_1$ , como no gr. δέρτρον, κέντρον, φέρτρον, mas pode-se citar  $a_2$ : ρόκτρον de ῥεπ e o norr. *lattra-* = \**lahtra-* “cama”, gr. λέκτρον.

TEMAS EM -AU. A flexão dos seguintes temas deveria ser distinta das dos outros temas que terminam em *u*. A maioria são femininos. Gr. νέκυς masc., avéstico *naçu* fem. Gr. γένυς, gót. *kinnus*, sânscr. *hānu*, todos os três femininos. gót. *hairus* masc., sânscr. *çáru* fem. Sânscr. *dhānu* fem., gr. \*θένυς masc. (genitivo θινός no lugar de \*θενφος ; cf. θεινῶν· αἰγιαλῶν Hes.). Aqui ainda se colocam sânscr. *pársu* fem., gr. χέλυς (russ. *želvi* vindo de \**žilivī*. J. Schmidt Voc. II 23), gót. *qiþus*, germ. *lemu-* “galho” (Fick III:3 267), lat. *penus*. Então, com acentuação diferente, gr. δελφύς, sânscr. *paraśú* = gr. πέλεκυς. — Cf. §12.

Neutros: indo-europeu *má<sub>1</sub>dhu* e *pá<sub>1</sub>kui*.

Das três formas que cada raiz (voy. p. 135) é susceptível de tomar, vimos que a desprovida d'*a* não pode não reivindicar a prioridade. A disputa é apenas entre as duas formas caracterizadas pelas duas variedades de *a*,  $a_1$  e  $a_2$ . O que nos parece decidir sem dúvida a favor de  $a_1$ , é a frequência deste fonema, e isso nos paradigmas mais importantes. Por exemplo, em toda a flexão verbal,  $a_2$  aparece apenas a duas ou três pessoas do perfeito. Que razão temos para acreditar que os depósitos todos de  $a_1$ , tal como os vemos nos diferentes presentes, só possam ter nascido pela alteração do fonema  $a_2$ ? Pelo contrário, num caso, ao menos, aceitamos o fato desenvolvimento de  $a_2$ : é quando ele vem do  $a_1$  temático diante das consoantes sonoras das desinências verbais (p. 87). Se em qualquer outro lugar sua gênese ainda se esquivava aos nossos olhos, entrevemos, no entanto, a possibilidade de uma explicação; o fonema com efeito, só aparece em certos lugares muito determinados. [p. 134]

Um fenômeno digno de nota, mas que, nesta questão, pode interpretar-se de duas maneiras opostas, é o aparecimento de  $a_1$ , com a exclusão de  $a_2$ , nos casos onde a perda do *a* é prescrita, mas ao mesmo tempo impedida por uma causa externa (p. 48). Assim, enquanto que o plural de  $\delta\acute{\epsilon}\delta\omicron\rho\kappa\alpha$  fazia  $\delta\epsilon\delta\omicron\kappa(\alpha)\mu\epsilon\nu$ , o plural de  $\tau\acute{\epsilon}\tau\omicron\kappa\alpha$ , nós concluímos p. 71 i. n., fazia  $\tau\epsilon\tau\epsilon\kappa(\alpha)\mu\epsilon\nu$ . Brugmann mostra como o tema *pad*, acusativo  $pa_2dm$  ( $\pi\acute{o}\delta\alpha$ ), impedido como é de fazer no genitivo: *pdás*, termina ficando na forma  $pa_1das$  (*pedis*). Eis, por assim dizer, o que prova que  $a_1$  é uma gradação  $a_2$ . Mas quem partir de um tema  $pa_1d$  terá uma resposta igualmente plausível:  $pa_2d$  é uma alteração extraordinária, que não há razão para se esperar nas formas expostas a enfraquecimentos; se o enfraquecimento for interrompido, tem de ser um tema puro  $pa_1d$  o que aparece.

Segunda pergunta. Sem querer pronunciar-se sobre a prioridade de um ou do outro fonema, Brugmann defende que  $a_2$ , em relação a  $a_1$ , é um reforço; que  $a_1$ , em relação a  $a_2$ , é um enfraquecimento (Stud. 371, 384). Nós mesmos, na página 5, chamamos *a* de uma vogal reforçada. Estas designações tomam corpo se se admitir que a troca de  $a_1$  e  $a_2$  está relacionada com as mudanças da posição do acento; esta é a opinião de Brugmann. Se pensamos, e este é o nosso caso, que a troca dos dois fonemas é independente do sotaque, é melhor abster-se de atribuir a um uma superioridade que não se justifica.

Se  $a_2$  é uma transformação mecânica de  $a_1$ , esta transformação era sempre consumada no final do período proétnico, e as línguas descendentes já não têm o poder de produzi-la. É bem possível, por exemplo, que  $\pi\lambda\omicron\chi\mu\acute{o}\varsigma$  só tenha sido tirado de  $\pi\lambda\acute{\epsilon}\kappa\omega$  numa época a que podemos chamar moderna. Mas é desnecessário dizer que o *o* de  $\pi\lambda\omicron\chi\mu\acute{o}\varsigma$  não vem do  $\epsilon$  de  $\pi\lambda\acute{\epsilon}\kappa\omega$ . A língua moldou simplesmente esta forma a partir dos substantivos em  $-\mu\omicron-\varsigma$  que ela já possuía antes.

## 5.2 Papel gramatical dos fonemas A e Q (§11)

Sistema completo de vogais primordiais.

Quando se considera os seguintes casos de permutação  $a, a_2$ : gót. *hlifa hlaf*, gr. κλέπτω κέκλοφα, gr. ἵππος ἵππε, e comparar os casos com eles seguintes da permutação  $A \bar{A}$ : gót. *saka sōk*, [p. 135] gr. λάσχω λέλακα, gr. νύμφᾱ νύμφᾶ, a tentação é grande, certamente, de propor a proporção  $\bar{A} : A = a_2 : a_1$ . Mas seria enveredar por um caminho sem saída e desconhecer o verdadeiro caráter dos fenômenos. Vamos, para maior clareza, construir imediatamente o sistema de vogais tal como nós o compreendemos. Por enquanto estamos tratando apenas de sílabas radicais.

O fonema  $a_1$  é a vogal radical de todas as raízes. Pode estar sozinho para formar o vocalismo da raiz, ou ser seguido de uma segunda soante, que chamamos de coeficiente soante (p. 8).

Sob certas condições que não são conhecidas,  $a_1$  é substituído por  $a_2$ ; noutros, mais conhecidos, ele é expulso.

O  $a_1$  sendo expulso, a raiz permanecerá sem vogal no caso de não conter um coeficiente soante. No caso contrário, o coeficiente sonântico mostra-se nu, ou no estado autongo (p. 8), e fornece uma vogal à raiz.

Os fonemas A e Q são coeficientes sonânticos. Só poderão aparecer nus no estado reduzido da raiz. No estado normal da raiz, eles devem ser precedidos de  $a_1$ , e é das combinações  $a_1 + A, a_1 + Q$ , que nascem as longas  $\bar{A}, \bar{Q}$ . A permutação  $a_1 : a_2$  é efetuada diante de A e Q, como alhures.

Vocalismo de raízes no indo-europeu



raiz plena	$a_1$	$a_1i$	$a_1u$	$a_1n$	$a_1m$	$a_1r$	$a_1A$	$a_1\mathcal{O}$
	$a_2$	$a_2i$	$a_2u$	$a_2n$	$a_2m$	$a_2r$	$a_2A$	$a_2\mathcal{O}$
raiz reduzida	-	-i	-u	- $\eta$	- $\mu$	- $\rho$	-A	- $\mathcal{O}$

## Designações úteis

Para  $a_1A$  e  $a_1\mathcal{O}$  depois da contração:  $\bar{A}_1$  e  $\bar{\mathcal{O}}_1$ .

Para  $a_2\mathcal{O}A$  e  $a_2\mathcal{O}$  depois da contração:  $\bar{A}_2$  e  $\bar{\mathcal{O}}_2$ .

A teoria resumida nesta tabela foi aplicada acima para todas as espécies de raízes, exceto aquelas que contêm *A* e  $\mathcal{O}$ . São elas que vamos estudar agora.

Para distinguir entre si as duas formas que podem tomar a raiz plena, conforme o *a* radical seja  $a_1$  ou  $a_2$ , não há inconveniente em chamar a primeira de *grau 1* (estado [p. 136] normal), a segunda de *grau 2*. Não queremos dizer que uma das duas formas seja o reforço da outra (v. p. 134).

I. Raízes que terminam em  $\check{a}$ .

## a. Raiz plena no grau 1.

O que fala alto para que  $\bar{A}$  e  $\bar{\mathcal{O}}$  sejam outra coisa além de vogais simples é que em qualquer lugar onde outras raízes estão no grau 1, as raízes *têm uma longa*. Por que, como ele termina a raiz, o *a* se alongaria? Se ao contrário  $\bar{A}$  é comparável a um ditongo,  $\sigma\acute{\alpha}\mu\omega\nu$  ao lado de  $\sigma\acute{\alpha}\tau\acute{o}\varsigma$  explica-se exatamente da mesma forma o indiano *jéman* ( $\bar{e} = a_1i$  monotonguizado) ao lado de *jítá*<sup>231</sup>. Qualquer raiz em *A* é idêntica em seu organismo às raízes como *kai*, *nau*<sup>232</sup>, e também *tan*, *bhar* (tipo *A*,

<sup>231</sup>Para o grego, a fusão do aumento com um *A* ou um  $\bar{\mathcal{O}}$  inicial, fusão que se cumpriu numa época pré-histórica, é um paralelo muito notável para as contrações radicais que supomos. Em  $\acute{\alpha}\gamma\omicron\nu$ ,  $\acute{\omega}\phi\epsilon\lambda\omicron\nu$ , o  $\bar{a}$  vem de  $a_1 + A$  e o  $\bar{o}$  de  $a_1 + \bar{\mathcal{O}}$  absolutamente como em  $\sigma\acute{\alpha}$ -e  $\delta\omega$ -. Sabe-se que Curtius (Verb. I<sup>2</sup> 130 seq.) se serve, para explicar a fusão em questão, partindo da hipótese da unidade originária do *a*. Portanto, não podemos concordar nem discordar da sua teoria.

<sup>232</sup>Esta concepção não difere essencialmente do que ficou bastante em voga desde Schleicher. Assim como *kai* ao lado de *ki* é para nós não uma gradação, mas a forma normal, devemos também partir do grau *stā* e não de *sta*. Eis, além dessa diferença de princípio,

p. 8).

Temos que fazer uma revisão das principais formações do grau 1 enumeradas em §10. É preciso, para que a teoria se confirme, que encontram-se nestas formações  $\bar{A}_I$  e  $\bar{\theta}_I$ . O número os exemplos é limitado. Eles só têm valor *se a mudança entre a raiz plena e a raiz fraca persiste* <sup>232</sup>. [p. 137]

Sobre OS PRESENTES DA 2<sup>a</sup> E DA 3<sup>a</sup> CLASSE, v. p. 146. A raiz, em formas completas, é do grau 1.

AORISTO SIGMÁTICO (v. p. 128). O grego faz ἔ-στᾶ-σα, ἔ-βᾶ-σα, ὤνᾶ-σα. Uma forma como ἔ-στᾶ-σα, ou seja *e-stea-sa* de *stea* ( $sta_I A$ ) é o paralelo perfeito de ἔ-δει-σα. Sânscrito *á-hā-sam*, *á-dā-sam*; avés. *çtāo-nh-a-ṭ* (subj.).

FUTURO (v. p. 129). Grego βᾶ-σομαι, στᾶ-σω, φᾶ-σω, φθᾶ-σομαι, δῶ-σω; cf. πλεῦ-σοῦμαι etc. Sânscrito *dā-syāti*, *gā-syāti*.

TEMAS NEUTROS EM -MAN (v. p. 131). Cf. Lobeck *Paralipomena* 425 seq. Grego βᾶ-μα, σᾶ-μα, σύ-στᾶ-μα, φᾶ-μα. Os presentes δράω e πάομαι diminuem o valor de δρά-μα e πᾶ-μα. Em πό-μα, assistimos a uma invasão da forma fraca, mas ao mesmo tempo πῶ-μα subsiste.

Latim *grā-men* (alto-alemão médio *grüe-jen* “virescere”), *stā-men*, *effā-men*, *lā-min-a*.

Sânscrito *dā-man*, *sā-man*, *sthā-man*.

TEMAS MASCULINOS EM -MAN (v. p. 131). Gr. στᾶ-μων, [τλάμων]. gót. *sto-ma-ins*, *blo-ma-ins*. Sânscr. *dā-mán*.

TEMAS EM -TAR (v. p. 132). Sânscr. *dā-tár*, *pā-tar* “bebedor”, *pā-tár* “protetor”, *sthā-tar* etc. A língua helênica não soube manter esta formação em toda a sua

---

o que é alterado: 1<sup>o</sup> Alteração ligada, por um lado, à pluralidade dos *a*, constituindo, por outro lado, uma hipótese à parte: diferentes *a* podem formar o segundo termo da combinação *a + a*, mas o primeiro *a* é sempre *a<sub>I</sub>*. 2<sup>o</sup> Modificação decorrente da decisão anterior

pureza. A perturbação foi causada por adjetivos verbais em -τό que cada vez mais comunicam a forma fraca aos nomes dos agentes. Homero ainda usa em paralelo δο-τήρ, δώ-τωρ e δω-τήρ ; βο-τήρ, βώ-τωρ e συ-βώ-της (em Sófocles βω-τήρ). Ao lado de βα-τήρ pode-se citar ἐμπυρι-βή-της, pois é bem provável que a formação em -τᾱ dirigiu-se aos temas antigos em -tar. Para explicar a palavra obscura ἀφήτωρ (Iliade IX 404), o escoliasta se serve de πολυ-φή-τωρ. Tem-se também ὀνά-τωρ, mas o adjetivo verbal faz ele mesmo ὀνάτος. Em στα-τήρ e πο-τήριον a forma fraca se instalou. Hesíquio tem μα-τήρ· ἐρευνητής, ματηρεύειν· μαστεύειν, de μαίομαι.

Latim *mā-ter-ies* (cf. sânscr. *mā-trā*) e *mā-turus* a que se compara o esl. *ma-torŭ* “senex”, *pō-tor*, *pō-culum* = sânscr. *pā-tram* (é preciso dizer que *pō-* não existe). Não faltam formações irregulares, assim *dā-tor*, *Stā-tor*. [p. 138]

O sânscrito, cujo testemunho é o primeiro em importância, conhece apenas a forma plena; o grego tem, de um modo mais geral, a forma reduzida, mas também a forma plena; o latim não decide nada. Pode-se, portanto, afirmar sem temeridade que a formação regular requer os longos  $A \bar{a}$ , ou seja, o som duplo  $a_1A$ ,  $a_1\bar{a}$ , ou o estado normal, como para todas as raízes. Cf. além disso o §13.

#### b. Raiz plena no grau 2.

Eis onde a realidade da reconstrução *ea* se manifesta como primeira forma de  $\bar{a}$ . Nas formações onde o *e* radical é substituído por *o* ( $a_2$ ), o grego deixa aparecer em vez do  $\alpha$  longo final, um  $\omega$ <sup>233</sup>. Esses casos, vamos logo dizer, não são muito numerosos; mas eles se repetem nas raízes onde o *a* está no meio (F $\bar{\alpha}$ γ : κυματ-

---

conectada à teoria de  $a_2$ : acontece, no meio da combinação, um *ablaut* ( $a_1 : a_2$ ). Por isso mesmo a reconstrução  $a + a$  deixa de ser pura teoria. — A diferença de princípio mencionada, conjugada com a alteração 1, mostra-se a mais clara neste ponto, que o  $\bar{a}$  longo *coloca-se ao mesmo nível do a breve* (quando esse  $\bar{a}$  é  $a_1$ ), assim μήχος = *meakos* deixa de ser considerado reforçado em comparação com τέχος.

<sup>233</sup>Cf. o dativo. ἵππῳ = ἵππο-αι (p. 92).

-ωγή), e acreditamos que não somos muito ousados em colocar o *au* sânscritos perfeitos como *dadhaú* diretamente relacionados com esses. Para evitar separar as diferentes formas do perfeito, faremos a justificativa deste último ponto na letra C.

Raiz βᾱ : βᾱ-μα mas βω-μός; cf. κέρμα, κορ-μός (p. 131 e 74).

Raiz ψᾱ (ψάω, ψη-ρός) : ψω-μός. ψώω é um verbo forjado.

A palavra στῶ-μιξ “viga” permite restabelecer \*στω-μο (στᾱ).

Raiz φᾱ : fut. φᾶ-σω mas φω-νή<sup>234</sup>; cf. τεί-σω, ποι-νή (p. 129 e 77). No entanto, temos φᾶ-μᾱ e não \*φώ-μᾱ.

A raiz γᾱ “roer” dá γῶ-νη “excavação”. Aqui ainda: σμῶ-νη “tumor”, se a palavra vem de σμάω; cf. σμῶδιξ.

Diante do sufixo *-ra*, χᾱ faz χω : χῶ-ρα. Como exemplo, servindo para decidir que essa formação toma *a*<sub>2</sub>, Não tenho outra palavra a citar além σφοδ-ρό-ς ao lado de σφεδ-ανός. Do mesmo modo ψάω faz ψῶ-ρα<sup>235</sup>.

Se ᾱ, ω, não forem combinações do *e*, estes fatos parecem-nos um enigma. O *ablaut* que acontece no meio [p. 139] do *o* é pela sua própria essência ligado à existência de um *e*<sup>236</sup>. Sem *a*<sub>1</sub>, nada de *a*<sub>2</sub>. De onde um ᾱ teria recebido o poder de permutar com o som *ō*? Parece-me que, pelo contrário, tudo se esclarece se ᾱ, estando no lugar de *ea* e comparável ao ditongo *ei*, levamos *ō* para *oa* igualando-o a *oi*.

É necessário supor, da mesma forma, a existência de uma combinação antiga

<sup>234</sup>O dórico πολύφᾶνος é muito duvidoso. Ahrens II 182.

<sup>235</sup>Eis alguns casos mais problemáticos. Ao lado de σπατίλη e de οἰ-σπάτη ; οἰ-σπωτή. O homérico μεταμώνιος talvez venha de μαίωμα, mas o presente μῶται, ele mesmo muito obscuro, compromete o valor do ω. O ω de ὠτειλή e de βωτάζειν· βᾶλλειν está oposto ao α em γατάλαι, mas οὐτάω embaralha tudo.

<sup>236</sup>Sobre os casos como ἄγω ὄγμος v. página 102.

*o<sub>2</sub>o*; mas ela não é mais observável por nós. Por exemplo, em δῶ-ρον, se julgarmos de acordo com χῶ-ρα de χᾶ, a sílaba *dō* se decompõe em *do<sub>2</sub>o*, enquanto o *dō* de δί-δω-μι representa *deo*. — Essas diferentes combinações são incorporadas no esquema dado acima. Veja também a página 145.

É apenas o maior dos acasos que nos permite alcançar ainda os vestígios tão significativos da alternância *ā* : *ō*. A língua dos helenos é, a este respeito, quase a única luz que nos guia. E mesmo para ela, esses preciosos monumentos pertencem ao passado. A alternância viva entre as duas vogais obviamente cessou há muito tempo.

O latim não tem nenhum exemplo seguro do *ablaut* *Ā<sub>1</sub>* : *Ā<sub>2</sub>*. Não é preciso se admirar: é só que esta língua guardou alguns fragmentos da grande alternância *a<sub>1</sub>* : *a<sub>2</sub>*. Mas podemos dizer sem medo de errar que *Ā<sub>2</sub>* na Itália seria distinto de *Ā<sub>1</sub>* bem como na Grécia.

Em germânico, pelo contrário, a diferença já não é possível: *Ā<sub>1</sub>* como sabemos, torna-se *ō*; *Ā<sub>2</sub>* do mesmo modo. O anglo-saxão *grōve*, perf. *greón*, seria, restituído em uma forma mais antiga, *grō-ja*, *ge-grō*. Dos dois *ō* desse verbo, o primeiro corresponde ao *ā* do lat. *grā-men* (*Ā<sub>1</sub>*), o outro é da mesma natureza que o *ω* de βω-μός (*Ā<sub>2</sub>*). Tudo o que é verdade sobre o *ō* é também verdade do *a* eslavo e do *o* lituano. Esses fonemas — que podem ser reunidos sob o nome d'*ā* do norte, em oposição ao *ē* da mesma região — contém ainda *ō<sub>1</sub>*, et *ō<sub>2</sub>*, que, confundidos mesmo em grego, não se distinguem um do outro. Exemplo : esl. *da-ja*, *da-rŭ*, cf. gr. δί-δω-μι, δῶ-ρον (*ō<sub>1</sub>* e *ō<sub>2</sub>*, veja abaixo).

Antes de passar ao grau enfraquecido das raízes em *a*, abrimos um parêntesis, a fim de encarar sem mais delongas a questão das raízes que na Europa acabam em *e*. Essas raízes, [p. 140] em grego, alternam alternam a breve e a longa exatamente

como as raízes em *a* e em *o* ( $\bar{o}$ ). Deixando de lado previamente o problema da origem e composição do  $\bar{e}$  longo, citamos alguns exemplos de formações do grau 1. Singular ativo do presente da 3ª classe (v. p. 147) : τί-θη-μι, ἴ-η-μι, δί-δη-μι. Para o singular do aoristo ativo, a formação em -κα de ἔθηκα, ἔηκα, nos subtrai exemplos; há ἔσβη-ν se a raiz for σβη. Aoristo em -σα: ἔδησα, ἔνησα (?). Futuro :θή-σω, ἦ-σω, δή-σω. Palavras em -μα : ἀνάθημα, ἦμα, διάδημα, νήμα, σχήμα (raiz σχη). Palavras em -μων: θημών, ἦμων. As palavras em -τήρ, vimos, seguiram a analogia dos adjetivos verbais em -τό.

Nas formações do grau 2, encontra-se ω.

O verdadeiro perfeito de ἴημι é ἔωχα; ἀφ-έωκα é relatado por Herodiano e outros gramáticos. Houve adição de -κα sem modificação da sílaba radical, v. p. 149. As tábuas de Heracleia<sup>(50)</sup> têm ἀνέωσθαι<sup>237</sup>. O verbo πί-πτω forma seu perfeito de uma raiz aparentada πτη cuja formação não devemos procurar aqui; πτη dá regularmente πέ-πτωκα<sup>238</sup>. O particípio πε-πτη-(F)ώς não tem e não deve ter ω. O presente διώκω permite concluir quase com certeza a um antigo perfeito \*δε-δίωκα de διη (δίε-μαι) do qual ele nasceu ele mesmo como ἀνώγω de ἄνωγα. O parf. δεδίωκα (Curtius Verb. II 191) foi reformado a partir de διώκω.

A raiz θη faz θη-μών, mas θω-μός; cf. τέρμων, τόρμος. ἄω-τον vem provavelmente de ἄη-μι; cf. νόστος de νεσ (p. 76).

A concordância das linguas europeias sobre o  $\bar{e}$  longo é um fato conhecido<sup>239</sup>.

<sup>237</sup>No médio o ω não é primitivo. Só existia no singular do ativo. Mas o valor dessa forma como testemunha do ω não é diminuído por isso.

<sup>238</sup>Sobre o πτω assim obtido se desenvolvem formas incorretas, gramaticalmente falando, como πτωμα e πτωσις

<sup>239</sup>Durante a impressão desta memória, Fick publicou nos *Beiträge de Bezzenger* (II 204 seq.) importantes coleções de exemplos relacionados ao  $\bar{e}$  europeu. É um ponto sobre que poucos linguistas, sem dúvida, estarão dispostos a seguir o autor: é que quando ele

<sup>(50)</sup>Duas tábuas de bronze, inscritas uma em latim e outra grego antigo, esta datando de cerca do séc. III a.C. Veja-se WEISS 2016.

Nos idiomas germânicos, com exceção do gótico, [p. 141] esse fonema toma a forma de *ā*, mas a anterioridade do *ē* tem sido cada vez mais reconhecida desde Jacobi (Beitr. zur deutschen Gramm.). No fim das raízes, *ē* se mostra principalmente em *ghīē* “ir”, *dhē* “amamentar”, *nē* “costurar”, *mē* “medir”, *wē* ἀήναι “soprar”, *sē* “lançar, semear”. Exemplos do grau normal: gr. κί-χη-μι, antigo alto-alemão *gā-m* (cf. sânscr. *gīhīte*, lat. *fīo* por *\*fīho*); gr. ἦ-μα, lat. *sē-men*, ant. alto-alemão *sā-mo*, sl. *ś-mę*, lit. *ś-men-s*.

Ao *ablaut* grego η : ω (ἦμι : ἔωκα) responde exatamente o *ablaut* do norte *ē* : *ā* (germ. lit. *ō*). É o que se observa nos pretéritos góticos *sai-so*, *vai-vo*, *lai-lo*, proveniente de raízes *sē*, *vē*, *lē*. O germ. *dō-ma-*, empregado como sufixo, não difere do gr. θω-μός; *ē* aparece em *dē-di-* “ação”. Em lituano tem-se *pa-dó-na-s* “servo”, que vem bem provavelmente da mesma raiz *dhē*.

O latim aqui não fica absolutamente mudo: da raiz *nē-dh* (νή-θ-ω), amplificação de *nē*, ele forma *nōdus*.

O *ē* longo, em nossa teoria, não deve ser um fonema simples. Tem de ser dividido em duas partes. Quais? O primeiro só pode ser *a<sub>1</sub>* (*e*). O segundo, o coeficiente sonântico, deve aparecer nu na forma reduzida (p. 135). A forma reduzida de θη é θε. Como resultado, diremos que *ē* é feito de *e + e*. O *ō* de θωμός então representaria *o<sub>2</sub> + e*.

Esta combinação *o<sub>2</sub>e* nós conhecemos há muito tempo. Era ela que estava no nominativo plural gót. *vulfos*, osco *Abellanōs*, e a quem demos o nome de *ā<sub>2</sub>* (p. 91).

No entanto — e aqui abordamos a parte mais difícil, talvez mais obscura do nosso assunto — se olharmos mais de perto, vemos que o testemunho do grego é

---

põe o *ē* do pretérito plural germânico *gēbum* (no lugar de *gegbum*) com o mesmo *status* ao *e* como o *ō* de *for* em relação a *a*. — O erudito que primeiro prestou atenção ao *ē* foi, se não nos enganamos, J. Schmidt *Vocalismus* I 14.

questionável e que a origem do  $\bar{e}$  longo é um problema extraordinariamente complexo.

1º. Uma combinação  $a_1a_1$  paralela às combinações  $a_1A$ ,  $a_1i$ ,  $a_1n$  etc. é como um contra-senso. Se houver uma razão para que  $a_1$ , com seu substituto  $a_2$ , tenha atribuições que nenhuma outra soante possui, de modo que todas aparecem apenas como os satélites deste fonema, como admitir que esse mesmo  $a_1$  pode, por sua vez, transformar-se num coeficiente? [p. 142]

2º O grego parece ser o único idioma onde as formas fracas das raízes em  $\bar{e}$  apresentam *e*. Os principais casos são:  $\theta\epsilon\text{-}\tau\acute{o}\varsigma$ ,  $\tau\acute{\iota}\theta\epsilon\text{-}\mu\epsilon\nu$ ;  $\acute{\epsilon}\text{-}\tau\acute{o}\varsigma$ ,  $\acute{\iota}\epsilon\text{-}\mu\epsilon\nu$ ;  $\delta\epsilon\text{-}\tau\acute{o}\varsigma$ ;  $\delta\acute{\iota}\epsilon\text{-}\mu\alpha\iota$ ;  $\mu\acute{\epsilon}\text{-}\tau\rho\nu$ ;  $\acute{\epsilon}\text{-}\rho\rho\acute{\epsilon}\text{-}\theta\eta\nu$ ,  $\acute{\alpha}\text{-}\sigma\chi\epsilon\tau\omicron\varsigma$ ,  $\acute{\alpha}\text{-}\pi\lambda\epsilon\text{-}\tau\omicron\varsigma$ . O que se encontra na Itália? A raiz europeia se transforma no participio  $s\check{a}\text{-}tus$ . Ao lado de  $r\bar{e}\text{-}ri$  tem-se  $r\check{a}\text{-}tus$ , ao lado de  $f\bar{e}\text{-}lix$  e  $f\bar{e}\text{-}tus$ ,  $af\text{-}f\check{a}\text{-}tim$ , segundo a etimologia de Fick. Da raiz  $dh\bar{e}$  “fazer” vem  $f\check{a}\text{-}c\text{-}io$  <sup>240</sup> (Curtius), da raiz  $w\bar{e}$  (em  $v\bar{e}\text{-}lum$ ,  $e\text{-}v\bar{e}\text{-}lare$ ),  $va\text{-}nnus$ .

As línguas do norte, na maioria das vezes, renunciaram às formas fracas das raízes em  $\bar{a}$  e em  $\bar{e}$ . Portanto, há pouca informação a esperar desse lado, mas o que resta confirma o testemunho do latim. Fick traz com efeito de  $bl\bar{e}$  “soprar” (anglo-saxão  $bl\bar{a}van$ ) o germ.  $bl\check{a}\text{-}da$  “folha” e de  $m\bar{e}$  «metere» (anglo-saxão  $m\bar{a}van$ )  $m\check{a}\text{-}ba$  “verme”. Seguindo alguns o gót.  $gatvo$  “rua” pertence a  $g\bar{e}$  “ir”. Em lituano  $m\bar{e}$  dá  $mat\acute{u}ti$  “medir”. Talvez seja permitido também mencionar o esl.  $dojq$  = gót.  $da\check{d}\check{d}ja$  de  $dh\bar{e}$  “amamentar”. Quanto ao gót.  $vinds$ , lat.  $ventus$ , é uma forma que pode ser interpretada de várias maneiras e que não estabelece que  $w\bar{e}$  faça, no grau reduzido,  $w\bar{e}$ .

No próprio grego podemos citar, a rigor,  $\kappa\tau\acute{\alpha}\omicron\mu\alpha\iota$  et  $\chi\rho\acute{\alpha}\omicron\mu\alpha\iota$  de  $\kappa\tau\eta$  e  $\chi\rho\eta$  (Ahrens II 131),  $\tau\iota\text{-}\theta\acute{\alpha}\text{-}\sigma\acute{o}\varsigma$  de  $\theta\eta$  (Grdz. 253),  $\mu\alpha\tau\acute{\iota}\omicron\nu$  que teria significado *medida pequena* (v.

<sup>240</sup> *Con-di-tus* da mesma raiz pode se referir a *\*con-da-tus*.



o *Thésaurus d'Etienne*<sup>(51)</sup> e que, neste caso, só pode vir de *mē* “medir”, *σπά-νις* ao lado do lat. *pē-nuria*.

Pode-se invocar, para estabelecer que as formas fracas tiveram *e* desde a origem, as raízes secundárias, ou que passem por tais, como *med* de *mē*. Mas seria então necessário demonstrar em cada caso que a raiz é realmente secundária. Se remontar à língua-mãe, consideramos o tipo *me-d* e o tipo *mē* (= *me + a*) como dois rebentos também antigos do tronco *\*me-*. A raiz germânica *stel* “roubar” crê-se que venha de *stā* (p. 65). Mas esta última raiz não aparece em nenhum lugar na forma *stē*. Vemos, assim, que base podemos fazer sobre essas raízes secundárias, para determinar o vocalismo de nossas raízes em *ē*.

Resulta, do que precede, que a vogal das formas reduzidas [p. 143] de nossas raízes, em qualquer caso, difere do que é chamado de *e* europeu. Por outro lado, não gostaríamos de identificar o *a* de *satus* diretamente com o fonema *a*. Não é, acreditamos, mais que uma alteração dele (v. p. 178 seq.).

3º Observa-se entre o *ē* e o *ā* longos das línguas da Europa variações surpreendentes, desconhecidas nas vogais breves correspondentes.

*ā* em grego e em germânico: *ē* em latim e em leto-eslavo. Gr. *ἐ-φθᾶ-ν*, *φθᾶ-σομαι*; ant. alto-alemão *spuon*: lat. *spēs*, esl. *spě-jq*.

*ā* em greco-italico e em leto-eslavo: *ē* em germânico. Lat. *stā-men*; gr. *ἴ-στᾶ-μι*; esl. *sta-ti*: ant. alto-alemão *stē-m*, *stā-m* (mas também *sto-ma*, *-ins*, em gótico). Lat. *tā-b-es*; esl. *ta-jq*: anglo-saxão *þā-nan* (= *\*þē-jan*). No interior da palavra: gr. *μάκων*, esl. *makŭ*: ant. alto-alemão *māgo*.

*ē* em grego e em leto-eslavo: *ā* em germânico, etc.

<sup>(51)</sup>PLANCHE 1817.

Gr. τί-θη-μί, esl. *děti*: ant. alto-alemão *tuo-m* (mas também *tā-t*).

Gr. μή-τις: gót. *mo-da-*.

Lat. *cēra*; gr. κηρός: lit. *kóris* (F. I3 523).

Há que mencionar ainda o ant. alto-alemão *int-chnāan* ao lado do greco-italico *gnō* e do esl. *zna-* (conhecer).

Entre grego e latim a mesma instabilidade do *ā* longo se observa em vários casos:

Gr. θρά-νος, lat. *frē-tus, frē-num*. Gr. βᾶ-μεν, lat. *bē-t-ere*. No interior da raiz: gr. ἡμί, lat. *ājo*; gr. ἦμαι, lat. *ānus* (Grdz. 381). Ao η pan-helênico de nomes de número πεντήκοντα, ἑξήκοντα (Schrader Stud. X 292), opõe-se em latim um *a*: *quinquāginta, sexāginta*.

Os casos que acabamos de ver levam a esta conclusão, que é quase impossível estabelecer um limite fixo entre o *ā* e o *ē* europeus. A partir de uma época recuada a distribuição das duas vogais foi realizada certamente para um determinado número de casos, e estes são os casos que temos em vista quando falamos do *ē*, do *ā* europeu. Mas, repito, *não há nada que indique entre ē e ā uma diferença inata e primordial*. — Que os fatos relativos à forma reduzida das raízes em *ē* sejam lembrados agora, o [p. 144] participio latino *sa-tus* de *sē* etc.; que se ponderem também as considerações teóricas desenvolvidas no início, e talvez não estejamos longe de admitir a seguinte suposição: *os elementos do ē seriam os mesmos que os do ā, sua fórmula comum sendo a<sub>1</sub>+ A*.

Não estamos em condições de dar as regras segundo as quais a união dos dois fonemas gerou tanto *ē* como *ā*. Fazemos apenas notar que tal hipótese não lesa o princípio fonético em virtude do qual o mesmo som, colocado nas mesmas condições, não pode dar num mesmo dialeto dois resultados diferentes. Na verdade,

são vogais consecutivas ( $a_1 + a$ ) que sofreram uma contração. Quem negaria que muitos fatores dos quais nada sabemos, uma tal nuance de acento, a mais imperceptível entre elas, era bastou para modificar o fenômeno<sup>241</sup>, poderia estar em jogo nessa contração?

Decorre da hipótese de que o  $\omega$  de  $\beta\omega\mu\acute{o}\varsigma$  e o  $\omega$  de  $\theta\omega\mu\acute{o}\varsigma$  são idênticos.

Quanto à ÉPOCA DA CONTRAÇÃO, essa é uma pergunta que já encontramos quanto ao nominativo plural *vulfos* e outros casos deste tipo, p. 91. Sempre que observamos uma variação entre o  $\bar{e}$  e o  $\bar{a}$  como para o esl. *spě-* ao lado do germ. *spō-*, será para nós o indício de que a contração é relativamente recente<sup>242</sup>. Mas a história do fenômeno se decompõe muito provavelmente [p. 145] numa série de épocas sucessivas cuja perspectiva nos escapa. Nada impediria admitir, por exemplo, que a raiz *wē* “soprar” ou a palavra *bhráter* “irmão” tenham contraído antes do final do período proétnico.

No que diz respeito o  $\epsilon$  das formas gregas como  $\theta\epsilon\text{-}\tau\acute{o}\varsigma$ , será mais fácil formar uma opinião sobre ele, quando chegarmos ao  $\check{i}$  indiano como representando um *a*

<sup>241</sup>A pronúncia dos ditongos lituanos *ai* e *au* difere completamente, com base na descrição que Schleicher faz, conforme o primeiro elemento for acentuado ou não. E, no entanto, *ái* e *ai*, *áu* e *au*, são inteiramente idênticos pela etimologia.

<sup>242</sup>A mudança bem frequente de  $\bar{a}$  e de  $\bar{e}$  na mesma língua explica-se se se admitir que os dois produtos divergem da contração *ea* continuaram a viver lado a lado. Assim o ant. alto-alemão *tāt* ao lado da *tuo-m*, o grego  $\chi\acute{\iota}\text{-}\chi\eta\mu\acute{\iota}$  e  $\chi\acute{\iota}\text{-}\chi\bar{\alpha}\text{-}\nu\omega$ ,  $\pi\eta\text{-}\mu\alpha$  e  $\pi\bar{\alpha}\text{-}\theta$  (p. 152),  $\rho\eta\text{-}\tau\omega\rho$  e  $\epsilon\acute{\iota}\rho\acute{\alpha}\text{-}\nu\alpha$ ; o lat. *mē-t-ior* e *mā-teries*. — Um fenômeno mais inesperado é o da variação  $\bar{e}\text{-}\bar{a}$  na mesma palavra entre dialetos vizinhos. Nem é preciso dizer que este fato não pode ter qualquer relação direta com a existência do grupo originário *ea*. Assim as palavras  $\eta\beta\alpha$ ,  $\eta\mu\acute{\iota}\text{-}$ ,  $\eta\sigma\upsilon\chi\omicron\varsigma$ ,  $\eta\mu\epsilon\rho\omicron\varsigma$ , tomam  $\bar{a}$  em certos dialectos eólicos e dóricos,  $\eta$  em outros. V. Schrader Stud. X 313 seq. A raiz  $\beta\bar{\alpha}$  dá em pleno dialeto da Heracleia  $\beta\omicron\upsilon\text{-}\beta\eta\tau\acute{\iota}\varsigma$ . Na Itália, temos a incompreensível divergência do optativo úmbrio *porta-ia* com *s-iē-m* (= gr.  $\epsilon\acute{\iota}\eta\nu$ ). O paleo-eslavo tem *rěpa* junto do lit. *ropė*, que concorda com o lat. *rāpa* etc. Fick compara a esse caso o do esl. *rěka* “rio” oposto ao lit *rokė* “chuva fina” (II<sup>3</sup> 640). Aqui a hipótese de uma metáfora produzida pelo *i* do sufixo que se encontra no *ė* lituano teria um certo grau de verossimilhança. — Finalmente, um terceiro tipo de fenômeno, o da coloração germânica e da Élide de  $\bar{e}$  em  $\bar{a}$ , que é uma lembrança do antigo grupo *ea*, no sentido em que indica que o  $\bar{e}$  europeu era em verdade  $\bar{a}$  bem pouco diferente de  $\bar{a}$ . Em latim mesmo vimos no *ae* de *saeclum*, *Saeturnus* (cf. *Sāturnus*) a tentativa ortográfica de exprimir  $\bar{e}$  bem aberto.

breve. Para o seguinte, basta notar que o *ĩ* é a vogal esperada em sânscrito em qualquer forma reduzida de uma raiz em *ā*. Vamos entrar agora, colocando as formas das raízes em *ē*, no estudo do grau reduzido.<sup>243</sup>

### 5.2.1 c. Estado reduzido.

Nas duas primeiras formações verbais que teremos que considerar há alternância da raiz reduzida e a [p. 146] raiz plena. A forma plena (que aparece apenas no singular do ativo) está no grau 1 para o presente (2ª e 3ª classe), no grau 2 para o perfeito.

PRESENTE DA 2ª CLASSE. Compare

sânscr.	ás-mi	εĩ-μι	φᾶ-μί = phea-mi
	ás-(s)i	εĩ-ς	φᾶ-ς = phea-si
	ás-ti	εĩ-σι	φᾶ-τί = phea-ti
	s-más	ἴ-μες	φᾶ-μές = pha-mes

<sup>243</sup>Talvez seja bom resumir em uma tabela as diferentes espécies de *a* breves e de *a* longos (isto é *duplos*) que reconhecemos. Eis os *a* do greco-italico e do germânico agrupados, em primeiro lugar, unicamente segundo caracteres exteriores:

greco-italico			germânico	
e	a	o	e	a
ē	ā	ō	ē	ō

Marcando a relação dos diferentes *a* entre eles, obtém-se:  
estado primordial

	a	o
e	ea ( $\bar{A}_1$ )	eō ( $\bar{O}_1$ )
o <sub>2</sub>	o <sub>2</sub> a ( $\bar{A}_2$ )	o <sub>2</sub> ō ( $\bar{O}_2$ )
	greco-italico	

	a	o
e	ē ā	ō
o	o	

Vemos que a raiz *phea* ou *pha<sub>1</sub>A* comporta-se da mesma forma que a raiz *a<sub>1</sub>i*, a raiz *a<sub>1</sub>s*, ou qualquer outra raiz. ἐπί-στα-μαι, verbo depoente, apresenta *α* breve regular. Curtius Verb. I<sup>2</sup> 148.

O sânscrito perdeu quase completamente a forma fraca; ver mais abaixo.

Para o aoristo atemático, que é um imperfeito da 2<sup>a</sup> classe, J. Schmidt (K. Z. XXIII 282) parece ter provado isto sobremaneira: todas as formas gregas que não pertençam ao singular do ativo e que tenham uma longa, como ἔ-στᾶ-μεν, são formas secundárias feitas segundo o modelo deste singular, a menos que seja um tipo especial de raiz, as raízes *com metátase* como πλῆ. O *a* breve está conservado, entre outras, em βᾶ-την de ἔ-βᾶ-ν, φθᾶ-μενος de ἔ-φθᾶ-ν, em ἔ-δο-μεν, ἔ-θε-μεν, εἶ-μεν<sup>244</sup>. Ao mesmo tempo Schmidt afirma o paralelismo tão importante *do ā longo do singular com a “gradação”* tal como se encontra em εἶμι ao lado de ἴμεν. No aoristo mesmo, conhecemos agora as formas gregas de gradação; são as que foram descobertas por Brugmann (v. *Beiträge de Bezzenberger* II 245 seq. e acima p. 21), como ἔ-χευ-α ao lado de ἔ-χυσ-το.

Schleicher, em seu *Compendium*, reconhece a quantidade variável de *a*. Curtius, admitindo-o para o presente e imperfeito, é da opinião de que o aoristo conhecia originalmente apenas a vogal longa. Mas podemos questionar a identidade formal do aoristo com o imperfeito? No que diz respeito ao *ā* longo persistente das formas árias, o aor. *á-pātām* não é, [p. 147] naturalmente, um argumento a invocar contra a primazia de βᾶ-την desde que se olhe também para o presente φᾶμί φᾶμέν

---

germânico

	a
e	ē ō
a	ō

Cf. a tabela da página 135.

<sup>244</sup>Parece, se ἔστατο em Hesíoco não for corrupção textual de ἔστατο, que ἔστᾶν tenha

como uma inovação em relação a *pāmi pāmás*. Há também em sânscrito restos da forma fraca contida, é verdade, no médio: de *dhā a-dhī-mahi* e talvez *dhī-mahi* (Delbrück p. 30), de *sā (sā-t, sā-hi) sī-mahi*, de *mā*, no presente, *mī-mahe* (v. Böhtl.-Roth). Então as formas incorporadas no paradigma do aoristo em *s*, como *ásthita* e *ádhitā* que Curtius cita <sup>245</sup>.

PRESENTE DA 3ª CLASSE CLASSE. A flexão grega de ἴ-στᾶ-μι, ἴ-σᾶ-μι, (cf. σᾶ-μα), δί-δω-μι, τί-θη-μι, ἴ-η-μί, é igual à de φᾶ-μί. O lat. *dā-mus, dā-te* etc. reflete a forma fraca. A 2ª pessoa *dās* parece ter seguido a 1ª conjugação. O equivalente de δίδως seria *\*dōs*.

Aqui o paradigma indiano não perdeu as formas reduzidas: *gá-hā-mi, gá-hā-si, gá-hā-ti*; plural *ga-hī-más* etc.; dual *ga-hī-vás*. No médio tem-se, da outra raiz *hā* (ir embora), *gí-hī-še, gí-hī-te, gí-hī-mahe* etc. E assim ainda se refletem *mā* “medir” e, no Veda, as raízes *çā* “afiar”, *çā* “dar”, *rā* (*rirīhi*) id. A raiz *gā* “ir” mantém a forma plena em todo o paradigma, uniformidade que, de tudo o que podemos observar, deve ser histerógena. É assim que no dialeto védico *hā* “abandonar” perdeu ele mesmo a forma fraca. — Sobre *dadmás* e *dadhmás*, v. p. 179.

PERFEITO. O *au* do sânscrito *dadhaú* (3ª pess. sing.) parece fornecer um novo indício da variedade primitiva de *a* ários. Se se compararem *dadhaú* e ἔω-[χε], *áçvau* e ἴππω (*dvaú* e δύω, *nau* e νό), *ašṭaú* e ὀκτώ, convencer-nos-emos de que existe uma espécie de *ā* que em sânscrito se transforma em *au* no fim da palavra, e que esta espécie de *ā* resulta de uma combinação em que se encontrava *a*<sub>2</sub>. As formas védicas que são escritas com *ā*, como *paprā́, áçvā́*, indicam simplesmente

---

tido um médio εστάμην.

<sup>245</sup>Para afastar as dúvidas que possam ainda surgir relativamente à extensão da forma forte como deve ser assumido aqui para o sânscrito, é preciso mencionar que no optativo em *-yā*, o plural e o dual do ativo (*dvišyāma, dvišyāva* etc.) foram claramente criados posteriormente segundo o modelo do singular. V. §12.

uma pronúncia menos marcada no sentido de *au* (talvez  $\bar{a}^{\circ}$ ). Exceto no final da palavra, a vogal em questão se tornou  $\bar{a}$ : *dvádaça* ao lado de *dvaú*, *dadhátha* ao lado de *dadhaú*. Dans *ukṣá*, *hótā*, *sákhā* (v. §12) o [p. 148] não surgimento de *au* pode ser explicado 1<sup>o</sup> pelo fato de que *n*, *r*, *i*, persistiram, muito provavelmente, depois de  $\bar{a}$  até uma época relativamente pouco recuada — até foi dito que havia vestígios de *n* e de *r* no Veda —, 2<sup>o</sup> pela consideração de que o  $\bar{a}$  dessas formas é um *a*<sub>2</sub> alongado e não uma combinação de *a*<sub>2</sub>. — Para as primeiras pessoas do subjuntivo tais como *áy-ā* (= gr. εἶ-ω, v. p. 127), a segunda das duas razões acima referidas seria talvez válida. Além disso, essas formas só são conhecidas em um pequeno número de exemplos védicos e pode ser que o  $\bar{a}$  fosse da mesma natureza que *paprā*, *áčvā*.

Determinar formas primitivas é uma tarefa difícil. A suposição de que a desinência da primeira pessoa do perfeito ativo é *-m* (v. p. 72, 42) depende de uma inverossimilhança: é preciso admitir, como vimos, que duas pessoas distintas pela sua forma, o germ. *\*vaitun* e *vait*, reuniram-se por analogia numa única. Por mais incompreensível que seja esse fenômeno, a nasal é indispensável para explicar as formas *vaivo*, *saiso*, de que nos ocupamos. Sem ela o gótico faria *\*vaiva*, *\*saisa*, e essas são as formas que precisam ser restauradas para a 3<sup>a</sup> pessoa. A identidade do 1<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> pess. consagrada nos outros pretéritos trouxe uma reação que desta vez fez triunfar a primeira.

Em sânscrito *\*dadhām* cedeu, ao contrário, a *dadhaú*: *dadhaú* mesmo remonta a *dhadhá<sub>2</sub>Aa<sub>1</sub>*. — Os gregos disseram primeiro *\*ἔων* e *\*ἔω*. Suspeitamos em πέφη·έφάνη (Hes.), da raiz φᾶ que se encontra em πεφήσεται, ἀμφᾶδόν, um último remanescente destas formas antigas<sup>246</sup>. É visível que o sing. *\*βέβην* (*\*βέβηθα*) *\*βέβη*,

<sup>246</sup>Os exemplos de perfeitos glosados em Hesíquio por aoristos não são raros, como o fez

\*ἔων (\*ἔωθα) \*ἔω, deve a sua perda à grande semelhança da sua flexão com as dos aoristos e dos imperfeitos, e foi também isso que produziu o primeiro germe das inúmeras formações em -κα. Até o tempo de Homero (Curtius Verb. II 203, 210) pode-se dizer que as formas em -κα não têm outro emprego a não ser evitar a flexão \*βέβηγν / βέβηθα \*βέβη: elas só aparecem se a raiz for vocálica, e, no verbo finito, quase exclusivamente [p. 149] no singular. Em nenhum momento o médio as admite. — Nas 3<sup>as</sup> pessoas como βέβᾶ-κε, ἔω-κε obtém-se subtraindo o apêndice -κε o tipo puro de grego muito antigo. — Para as conjecturas que se podem fazer sobre a substituição de η e de ᾱ por ω em τέθηκα, βέβᾶκα etc. podemos remeter para à página 154.

O médio grego ἔ-σταῖ-ται, δέ-δο-ται, πέ-πο-ται etc. conserva a forma fraca pura. No ativo (plural, dual, participio) temos uma série de formas como ἔ-στά-μεν etc., βε-βᾶ-μεν (inf.), τέ-τλᾶ-μεν. Curtius Verb. II 169 seq. Compare δει-δί-μεν δει-δοι-κα e ἔ-στά-μεν ἔ-στη-κα (no lugar de \*ἔ-στω-κα).

As formas fracas do sânscrito apresentam um estado de coisas singular. O *i* que precede as desinências, e que aparece também diante do *ν* do sufixo participial (*tasthimá*, *dadhisé*, *yayiván*) é sempre um *i* breve. Tem-se por exemplo *papimá*, *papiván* ao lado de *pī-ta*, *pī-tí*, *pipī-śati*<sup>247</sup>. O *ī* seria a mesma vogal de ligação que em *pa-pt-imá* etc. e o *a* radical teria sido elidido diante dela? Enquanto não se conhecer a causa de que depende a quantidade do *ī* final das raízes, será difícil resolver esta questão.

PRESENTE EM -SKA (v. p. 22). Grego βό-σκω, φᾶ-σκω.

ver Curtius Stud. IX 465. — É preciso considerar, antes de tudo, que o grego só conhece o aoristo atemático dobrado em algumas formas do imperativo (*κέκλυτε* etc.).

<sup>247</sup>Temos, é verdade, o optativo do perfeito védico *papīyāt*, mas, além de que esta forma não é conclusiva para a flexão do tema do indicativo, o *ī* pode resultar aí de um alongamento produzido por *y*. Cf. *śakṣīyāt*.



TEMAS NOMINAIS EM -TA (cf. p. 14, 23). Formas indianas que oferecem um *i* breve: *chi-tá* “fendido” (também *chātá*), *di-tá* “ligado” do *dā* em *dāman* etc., *di-tá* “cortado” de *dā dāti* (há também *dinā*, *dāta* e em compostos *-tta*), *mi-tá* “medido” de *mā māti*, *çi-tá* (também *çāta*) “afiado” de *çā çīçāti* (forma fraca *çīçī*), *sthi-tá* de *sthā* “ficar em pé”. O particípio *si-tá* “ligado” vem de *se* (daí, entre outros *sišet*) ao invés de *sā* (dans *sāhi*). — Formas que oferecem um *ī* longo : *gī-tá* “cantado” de *gā gāyati*, *dhī-tá* de *dhā dhāyati* (inf. *dhā-tave*), *pī-tá* “bebido” de *pā pāti*, *sphī-tá* de *sphā sphāyate* «crescido». A formação em *-tvá* sendo paralela aos temas em *-tá*, mencionamos *hī-tvā* (também *hi-tvā*) de *hā gāhāti* “abandonar” cujo particípio faz *hī-ná*; cf. *gāhita* e *ugghita*. — O *ā* é introduzido em alguns exemplos como *rā-tá* de *rā rāti*, apesar de *rīrīhi* e outras formas contendo o *i*. Sur *dhmātá*, *trātá* etc., v. o capítulo VI.

Formas gregas: *σᾶ-τός*, *φᾶ-τός*, *εὔ-βο-τος*, *δο-τός*, *πο-τός*, *σύν-δε-τος*, *συν-ε-τός*, *θε-τός*. J. Schmidt loc. cit. 280.[p. 150]

Formas latinas: *cā-tus* sânschr. *çitá*, *stā-tus*, *dā-tus*, *rā-tus*, *sātus*. Cf. *fāteor* de *\*fā-to-*, *nātare* de *\*na-to*.

Em gótico *sta-da-* “lugar”.

TEMAS NOMINAIS EM -TI (cf. p. 15, 23). Sânscrito *sthī-ti*, *pī-ti* “ação de beber”; *pī-ti* “proteção” em *nṛ-pīti*, *sphī-ti* ao lado da *sphā-ti*, etc. — Grego *σᾶ-σις*, *φᾶ-τις*, *χᾶ-τις* (Hes.) de onde *χᾶτίζω*, *βό-σις*, *δό-σις*, *πό-σις*, mas também *δῶ-τις* (inscr.) e *ᾗμ-πω-τις*, *δέ-σις*, *ᾗφ-εσις*, *θέ-σις*. — Latim *stā-tio*, *rā-tio*, *af-fā-tim* (p. 142).

TEMAS NOMINAIS EM -RA (cf. p. 157). Sânscrito *sthi-rá* (compar. *sthéyas*) de *sthā*, *sphi-rá* de *sphā*, *nī-rá* “água”, v. p. 101.

O *ī* é, como se vê, o único representante indiano de a breve no fim de uma raiz, salvo, ao que parece, diante das semivogais *y* e *v*, onde o *a* pode persistir como em

*dáyate* que se compara a *δαίομαι*, em *gá-v-ām* = βο-F-ῶν (v. §12). O *a* de *dádamāna* não é o continuador de um *a* indo-europeu: ele indica somente que a forma passou para a flexão temática. Sobre o *a* de *madhu-pá-s* v. p. 177. — O Avéstico favoreceu também as formas fortes das raízes em *ā* (ex. : *dāta*, *-çtāiti*, ao lado do sânscr. *hitá*, *sthíti*) que dificilmente se pode ainda constatar que o *i* de que estamos falando é indo-iraniano. No entanto tem-se *vī-mita*, *zaçtō-miti* de *mā* “medir” e *pitar* “pai”<sup>248</sup>. O *i* existe também no antigo persa *pitā*. Acredita-se que as formas como *fraorenata* e *pairibarenānuha* que Justi põe na 9ª classe verbal sejam em verdade temáticas. Seu *a* não corresponde, portanto, ao o *ī* sânscrito.

### 5.2.2 II. Raízes contendo um *ā* medial.

Os fonemas *a* e *o*, seguidos de uma consoante, não se comportam de outra forma quando terminam a raiz. A conexão de *λᾱθ* a *στᾱ* é, a este respeito, a de *πευθ* a *πλευ*, ou de *δερχ* a *φερ*.

Foi portanto uma inconseqüência da nossa parte dizer, no cap. IV : *as raízes dhAbh, kaP, dizendo: a raiz stĀ ; [p. 151]* é *dhĀbh, kĀp* (= *dha<sub>1</sub>Abh, ka<sub>1</sub>Ap*) que são as verdadeiras raízes. Mas essa notação, antes de ser fundamentada, só poderia prejudicar a clareza.

É em grego que o vocalismo das raízes contendo um *A* medial se manteve mais fielmente. As raízes que terminam com uma soante, assim *θᾱλ*, *δᾱυ*, não serão incluídas no estudo que segue. Eles encontrarão uma menção no final do parágrafo. — Primeiro de tudo, teremos que determinar a forma exata das principais raízes a serem consideradas. É comum que fenômenos secundários as tornem quase irreconhecíveis.

<sup>248</sup>*Patar* é, parece, uma leitura errônea. V. Hübschmann no dicionário de Fick II<sup>2</sup> 799.

Em princípio, estabelecemos que em qualquer presente do tipo *μανθάνω* tem-se o direito de considerar a nasal da sílaba radical como um elemento estranho à raiz, provavelmente introduzido por acidente. Embora isso não seja contestado, é de notar que os presentes como *λίμπάνω*, *πυνθάνομαι*, em que a nasal, segundo se diz na p. 125, *não pode ser radical*, tornam impossível a dúvida.

I. 1. Raiz. *σFαδ*. A nasal só aparece em *άνδάνω* no lugar de \**άδνω*. Portanto, não há questão de uma raiz *σFανδ*. 2. Raiz *λᾱθ*, pres. *λανθάνω*. Mesmo comentário. Cf. p. 61. 3. Raiz *λᾱφ*. O pres. *λαμβάνω* se parece com \**λαφνω*<sup>249</sup>. A tese de J. Schmidt (Voc. I 118) é: 1° que a nasal de *λαμβάνω* é radical; 2° que *λήψομαι*, *ληπτός*, saíram das formas nasais que o dialeto iónico possui: *λάμψομαι*, *λαμπτός* etc. Poder-se-ia perguntar, em relação ao segundo ponto, por que razão a mesma transformação não se realizou em *λάμψω* (de *λάμπω*), em *κάμψω*, *γμαπτός*, *κλάγξω*, *πλαγκτός* etc. Mas, a propósito de um caso particular, talvez isso seria decidir uma questão extremamente vasta. Temos, pois, de nos contentar em propor que todas as formas do verbo em questão podem se referir a *λᾱφ*, que várias, por outro lado, não podem ser tiradas de *λαμφ*. Do parecer de Curtius, as formas jónicas tiram as suas nasais do presente, por analogia. 4. Raiz *θᾱφ*. De alguma forma temos que explicar *θάμβος* (= \**θαφνος* ?), o aor. *ἔτᾱφον* e o perf. *τέθᾱπα* indicam que a nasal não é radical. A aproximação do sânscr. *stambh* é duvidosa, tendo em conta os fenômenos de aspiração das palavras gregas.

II. *Raízes que é necessário descartar*. 1. Na página 103 aproximamos *λαγχάνω* a uma raiz *λεγχ*. Explica-se facilmente a formação de *εἴληχα* ao lado do antigo *λέλογχα* pelo paralelismo de *λαγχάνω*, *ἔλαχον* (= *ληχνω*, *έληχον*) com *λαμβάνω*, *ἔλαβον* (= *λαβνω*, *έλαβον*). 2. *χανδάνω* no lugar de *χαδνω* (= *χηδνω*) vem de *χενδ*, como o

<sup>249</sup>Diante de *n*, *ph* se torna *f*, *v*, *b*; depois *ἔλαβον* toma *b* por analogia. Cf. *θιγγάνω*, *ἔθιγον*

prova o fut. χείσομαι. [p. 152] O perfeito não é tão bem preservado como para λεγχ: dirigiu-se ao presente e fez κέχωνδα no lugar de \*κέχονδα. — As formas gregas que se relacionam a δάκνω levariam a uma raiz δᾶκ; mas as formas indianas são têm nasal. Mas não podemos admitir uma raiz *dAnk* (v. p. 182). Portanto, é necessário assumir que a raiz seja *da<sub>1</sub>nk*. Então δάκνω, ἔδακον, estão no lugar de δηκνω, ἐδηκον, e todas as outras formas gregas, como δήξομαι, δήγμα, são geradas por analogia verdadeira. Mas por isso mesmo é permitido usá-la, fazendo-as derivar de uma raiz fictícia δᾶκ. O *a* do ant. alto-alemão *zanga*, de acordo com o exposto, é um *a<sub>2</sub>*, não um *A*.

III. Existem algumas raízes em que uma tem *n* ou *m*, a outra *A* como coeficiente soante, ex.: *g<sub>2</sub>a<sub>1</sub>m* e *g<sub>2</sub>a<sub>1</sub>A* “ir”. As únicas que nos interessam aqui são as do tipo B (p. 8). 1. O grego possui ao mesmo tempo μενθ, provada por μενθήραι, e μᾶθ, provada ἐπι-μᾶθής. As formas fracas como μαθεῖν, μανθάνω (\*μαθνω) podem, tendo em conta o vocalismo grego, relacionar-se a duas raízes. 2. βενθ (βένθος) e βᾶθ (βήσσα); βαθύς pode pertencer a βενθ assim como a βᾶθ (v. p. 24). 3. πενθ e πᾶθ (cf. p. 61). Embora as formas πήσομαι = πείσομαι e πήσας = παθών baseiam-se apenas em falsas lições, a existência de πᾶθ é provável por duas razões: 1° πεν-θ segundo a opinião muito provável de Curtius, é uma amplificação de πεν. Ora, ao lado de πεν temos πη ou πᾶ em πῆ-μα<sup>25°</sup>. 2° Se os α de πᾶσχω, παθεῖν etc. podem explicar-se por uma raiz πεν-θ, em contrapartida o *a* do lat. *pa-t-ior* supõe necessariamente uma base *pā* e

---

ao lado de τεῖχος.

<sup>25°</sup>Para o fato da amplificação cf. μεν-θ e μᾶ-θ que vêm de *men* e *mā* (μήτις), βενθ e βᾶθ que vem de *g<sub>2</sub>em* e *g<sub>2</sub>ā* etc. Curtius Grdz. 66 seq. Em vários casos, a adição do determinativo data da língua-mãe; assim βεν-θ, βᾶ-θ, βᾶ-φ (βάπτω), têm correlativos no sânscr. *gam-bh*, *gā-dh*, *gā-h*. Outras vezes, como é óbvio, só aconteceu muito tarde como o gr. δαρ-θ “dormir” ou em πεν-θ. Estes últimos casos, considerados do ponto de vista da história da língua, não deixam de ser embaraçosos. Não se sabe por onde começou a adição do novo elemento.

não *pen*<sup>251</sup>.

IV. Entre as raízes pouco determinadas de que falávamos na pág. 69, como a de πήγνυμι pode não ser um caso sem esperança. Não é muito ousado se livrar da nasal do perfeito gótico \**fefanh* (*faiḥ*) e relacioná-la como a do lat. *panxi* (cf. *pepigi*) à formação do presente que o grego apresenta em πήγνυμι. Então nós propomos a raiz *pāg* (ou *pāk*). Além disso, no que diz respeito ao grego, nós dizemos que não houve infecção da raiz pelo sufixo nasal, que πήξαι por exemplo, não está no lugar de “παγξαι”. Isto equivale a contestar que πήγνυμι esteja no lugar de [p. 153] \*παγνυμι, / παγγνυμι, como quer J. Schmidt (Voc. I 145). Eis as razões para o reivindicar: 1º Embora a regra deva realmente esperar \*πάγνυμι, os casos como δείκνυμι, ξεύγνυμι, mostram da forma mais evidente que diante de -νυ a introdução secundária da forma forte. Schmidt, é verdade, sustenta que ει, ευ, estão no lugar de ιν, υν, mas neste ponto a adesão da maioria dos linguistas sempre lhe faltou. 2º De acordo com a mesma teoria, ῥήγνυμι seria no lugar de \*ῥάγνυμι (cf. ἐρράγην). Então os dórios deviam dizer ῥάγνυμι, mas dizem, *no presente* (Ahrens II 132), ῥήγνυμι. Isso estabelece a introdução pura e simples da forma forte.

A lei que preside ao aparecimento de *ā* longo não se verificará para todas as raízes. Alguns verbos, como θάπτω ou λάπτω, renunciaram completamente ao *ā* longo. Voltaremos a estes casos anormais (v. p. 157 seq.).

Passamos ao exame das principais formações verbais. Exceto por uma ligeira desigualdade no ativo perfeito, o verbo λάθω mantém o paradigma na sua regularidade ideal. Compare

<sup>251</sup>Mantemos a antiga etimologia de παθεῖν. Em todos os casos a de Grassmann e de J. Schmidt só nos parece admissível na condição de identificar *bād*h não a πενθ, mas a πᾶθ.

φεύγω ἔφυγα πέφευγα πεφευγμένος φεύξομαι φυκτός  
 λάθω<sup>252</sup> ἔλαθον λέλαθα λελασμένος λάσομαι -λάστος  
 (leathō elathon leleatha lelasmenos lea(th)somai lastos)

PRESENTE DA 1ª CLASSE (cf. p. 126). Além de λά-θ-ω, tem-se θάγω, κάδω, τάκω, ἄδομαι, depois σήπω e τμήγω cujo η, tendo visto ἐσάπην e τμάγεν, representa  $\bar{a}$ , e sem dúvida também δήω. Avec ρ: κλώθω, τρώγω, φώγω; além disso ρώσομαι, χώσομαι (p. 173). Curtius Verb. I<sup>2</sup> 228 seq. Sobre o presente δήκω, v. ibid.

AORISTO TEMÁTICO (cf. p. 9, 20). Em relação aos presentes λάθω, ἄδομαί, / τμάγω (τμήγω) tem-se: ἔ-λαθο-ν, ε-ὔαδο-ν, δι-έ-τμάγο-ν. É permitido reconstruir para πτάκων um presente \*πτάκω. A longa de πτήσσω é incompatível, em princípio, com a formação em -γω. A origem recente deste presente é, portanto, tão transparente como para φώζω ao lado de φώγω. A longa dos presentes falta para ἔ-λάβο-ν, ἔ-λάκο-ν, simplesmente porque estes presentes não seguem a 1ª classe; no perfeito o  $\bar{a}$  longo [p. 154] reaparecerá. De ζωσ vem ξούσθω no lugar de ζοσέ-σθω (Grdz. 611). Sobre os aoristos isolados, tais como ἔφαγον, v. p. 161.

AORISTO TEMÁTICO REDOBRADO (cf. p. 10, 20) tem o mesmo vocalismo radical que o aoristo simples: λέ-λάθο-ν, λε-λάβέ-σθαι, λε-λάκο-ντο, πε-πάγο-ίην (Curtius Verb. II 29). Pelo contrário ἐ-μέ-μηκο-ν é um mais-que-perfeito (ibid. 23).

<sup>252</sup>A raiz  $\lambda\bar{a}\theta$  vem de  $\bar{l}\bar{a}$  (p. 61) como  $\pi\lambda\eta-\theta$  de  $\pi\lambda\eta$ , mas o o paradigma que lhe foi imposto era antigo. Escusado será dizer que *leathō* é uma transcrição esquemática, destinada apenas a evidenciar a composição do  $\bar{a}$  longo; na época em que os elementos deste  $\bar{a}$  ainda eram distintos, a aspirada teria sido ser provavelmente *dh*.

Mesmo enfraquecimento para o AORISTO DO PASSIVO EM -η (cf. p. 46 i. n.) : de  $\sigma\bar{\alpha}\pi$ , ἐ-σᾶπῆ-ν; de  $\tau\bar{\alpha}\kappa$ , ἐ-τᾶκῆ-ν; de  $\tau\bar{\mu}\bar{\alpha}\gamma$ , τμᾶγε-ν. De  $F\bar{\alpha}\gamma$ , Homero emprega ao mesmo tempo ᾶγη e ἐ-ᾶγη.

Para o AORISTO ATEMÁTICO (cf. p. 21, 146), ᾶσ-μενος é para  $\sigma F\bar{\alpha}\delta$  o mesmo que χύ-μενος é para  $\chi\epsilon\upsilon$ .

PERFEITO. Aos principais presentes com vogais longas citados acima correspondem os perfeitos  $\lambda\acute{\epsilon}$ - $\lambda\bar{\alpha}\theta$ -α,  $\kappa\acute{\epsilon}$ - $\kappa\bar{\alpha}\delta$ -α,  $\tau\acute{\epsilon}$ - $\tau\bar{\alpha}\kappa$ -α,  $\xi\bar{\epsilon}$ - $\bar{\alpha}\delta$ -α (ligado pelo significado a ἀνδάνω),  $\sigma\acute{\epsilon}$ -σηπ-α, seja \* $\sigma\acute{\epsilon}$ -σᾶπ-α. — Correspondendo a presentes de várias formações que contêm uma vogal longa:  $\mu\epsilon$ -μηκ-ώς (μηκάομαι),  $\xi\bar{\epsilon}$ -πτυχ-α (πτυσσω),  $\xi\bar{\epsilon}$ -ᾶγ-α (ᾶγνυμι),  $\pi\acute{\epsilon}$ -πηγ-α (πήγνυμι) etc. — Correspondendo a presentes de várias formações que contêm uma vogal breve:  $\lambda\acute{\epsilon}$ -ληκ-α (λάσκω), εἴ-ληφ-α (λαμβάνω),  $\kappa\acute{\epsilon}\kappa\eta\phi\epsilon$  Hes. (κάπυω) e outros, como  $\pi\acute{\epsilon}\phi\eta\nu\alpha$ , que pertençam ao tipo de raízes que excluimos provisoriamente (v. p. 151). O perfeito  $\tau\acute{\epsilon}$ -θηπ-α não tem presente propriamente dito.

Quer seja no aoristo ou alhures, as raízes de todos os perfeitos acima mencionados acima têm um  $\alpha$  breve. A longa no perfeito singular é normal, dado que esta formação requer a raiz plena. Mas temos  $\bar{A}_1$ , e a regra exige  $\bar{A}_2$ : devíamos encontrar “ $\lambda\acute{\epsilon}\lambda\omega\theta\alpha$ ” etc. tal como para as raízes que terminam em  $\bar{A}$  seria de esperar “ $\beta\acute{\epsilon}\beta\omega\kappa\alpha$ ,  $\xi\sigma\tau\omega\kappa\alpha$ ” etc. (p. 149). Este é um dos casos bastante frequentes em que o fonema  $\bar{A}_2$  falta à chamada e onde é difícil decidir como exatamente ele teve que desaparecer. Será que, antes da contração, *ea* foi substituído por *oa*? Nós também vemos o ditongo *ou*, prestes a perecer, ser substituído por *eu*. Pelo contrário, houve uma reação

do presente no perfeito depois da contração? Poderia recorrer-se a uma terceira conjectura: a presença de *a*<sub>2</sub> na primeira pessoa não estando garantida por nada decisivo (p. 72), a flexão primitiva pode ter sido: 1ª p. λέλᾱθα, 3ª p. \*λέλωθε; depois o *ā* se generalizaria. De qualquer forma, nós ainda temos [p. 155] vestígios do *ω* do perfeito que não parecem duvidosos: estas são as formas dóricas τεθωγμένοι· μεμεθυσμένοι, τέθωκται· τεθύμωται (Hes.) de θάγω<sup>253</sup>. O *ω* se comunicou ao aoristo em θῶξαι, e θωχθείς (Ahrens II 182). De resto, mesmo no τέθ-ωκται e τεθωγμένοι, só pode ser emprestado do singular do activo que, por acaso, não nos é preservado. Além disso, ao lado de Φάναξ, tem-se o perfeito ἄνωγα. Esta forma, sem dúvida, poderia ser mais conclusiva se conhecêssemos melhor a sua raiz.

No plural, dual, participio, e em todo o médio o *ā* longo não pode ser antigo. A flexão primitiva era: τέθāγα ou τέθωγα, τέθωγας, τέθωγε, \*τέθāγμεν, \*τεθāγώς; médio \*τεθāγμαί. As testemunhas da forma fraca são os participios femininos homéricos λελᾱκυία, μεμᾱκυίαι; podemos citar também τεθᾱλυία, σεσᾱρυία e ἀρᾱρυία (Curtius Verb. II 193). O masculino sempre tem *η*, talvez devido aos requisitos do metro. Em qualquer caso, esta diferença não é originária. — Ao lado de κέκηφε, temos κεκᾱφηώς, e o médio de λέληθε é em Homero λέλᾱσται, part. λελᾱσμένος.

AORISTO SIGMÁTICO E FUTURO (cf. p. 128 seq.). As formas são regulares: λάσομαι de λάθω; τάξω de τάκω; ἦσατο (Hom.) de ἄδομαι; πάξω, ἔπᾱξα de πάγνυμι; ἔπᾱξα de πτάσσω; — δάξομαι, ἐδηξάμην (em Hipócrates, segundo Veitch) de δάκνω; λάψομαι de λαμβάνω.

<sup>253</sup>Para o significado, v. Ahrens II 343.



Entre as FORMAÇÕES NOMINAIS, consideramos, em primeiro lugar, aquelas onde se mostra  $\bar{A}_2$ . Cf. p. 181.

Temas em *-o* e em *-η*. De  $F\bar{\alpha}\gamma$  “quebrar”, *κυματ-ωγή*. Infelizmente, poder-se-ia supor uma contração de *κυματο(F)αγη*; mas a mesma raiz ainda dá *ἰωγή* (Grdz. 531). A raiz que está no lat. *capio* forma *κώπη*. *Λώβη* ao lado de *lābes* (as duas palavras dificilmente podem ser idênticas). De  $\mu\bar{\alpha}k$ , em  $\mu\bar{\alpha}ko\acute{\alpha}\omega$  (e não *μακκοάω*, v. Pauli K. Z. XVIII 14, 24), vem *μῶκος*; de  $\pi\bar{t}\bar{a}k$ , *πτωχός*. De *θαάσσω*, *θόωκος*. Em relação ao vocalismo radical, o gr. *ὠμός* é do latim *āmarus* o que *-λοιχός* por exemplo é de *λιχανός*. A *ψήχω* pertence *ψώχος·γη ψαμμώδης*; o *α* se encontra em *ψᾶκτήρ* etc.<sup>254</sup> Se se [p. 156] relaciona *ὠχως* à raiz  $\acute{\alpha}k$ , temos  $\bar{A}_2$ . O *ω* de *ἀγωγός* e *ἀκωκή* teria um valor maior sem o redobro.

Temas sem sufixo. Assim como *φλεγ* dá *φλόξ*, igualmente  $\pi\bar{t}\bar{a}k$  dá *πτῶξ*. De  $\theta\bar{\alpha}\pi$  ou  $\theta\bar{\alpha}\phi$  “admirar” vem *θῶψ* “lisonjeador” como resulta de *θήπων·ἐξαπατῶν, κολακεύων, θαυμάζων* e, por outro lado, desta definição de *θῶψ*: *ὁ μετὰ θαυμασμοῦ ἐγκωμιαστής* (Hes.). O verbo *θῶπτω* só pode ser um derivado de *θῶψ* como *πτῶσσω* é de *πτῶξ*.

Temas de diversas formações. Ao lado de *ἀχλύς*: *ὠχρός*; cf. *χώρα* (p. 138). Ao lado de *λάγνος*: *λωγάς·πόρνη*; cf. *ὀλκάς, νομάς, σποράς, τοκάς* etc. Bugge (Stud. IV 337) associa *νώγαλον* “confeito” a um verbo que deve ter sido em germânico *\*snaka, \*snōk*. Juntou-se *κνώδαλον* (e *κνώδων*) a *κναδάλλεται·κνήθεται*; no entanto *κνώψ, κνωπέυς*, são bastante parecidos. Πρωτεύς talvez venha da raiz *prāt* que é o gót. *frapjan*.

<sup>254</sup>É verdade que há também um verbo *ψήχω* cuja relação com *ψήχω* não é bem clara.

Os exemplos de  $\bar{a}$  no lugar de  $\omega$  não faltam:  $\theta\bar{a}\gamma$  dá  $\theta\eta\gamma\acute{o}\varsigma$ ,  $\theta\bar{a}\pi$   $\theta\eta\pi\acute{o}\nu$ - $\theta\alpha\upsilon\mu\alpha\sigma\tau\acute{o}\nu$ ;  $\tau\bar{a}\gamma$   $\tau\bar{a}\gamma\acute{o}\varsigma$  (cf.  $\acute{\epsilon}\tau\acute{\alpha}\gamma\eta\nu$ ),  $F\bar{a}\gamma$  forma, ao mesmo tempo que  $\kappa\upsilon\mu\alpha\tau$ - $\omega\gamma\acute{\eta}$ ,  $\nu\alpha\upsilon$ - $\bar{a}\gamma\acute{o}\varsigma$  e  $\eta\gamma\acute{o}\nu$ - $\kappa\alpha\tau\epsilon\alpha\gamma\acute{o}\varsigma$ .

Do mesmo modo,  $\phi\epsilon\rho$  dando  $\phi\omicron\rho\acute{\epsilon}\omega$ ,  $\lambda\bar{a}\kappa$  deveria dar “ $\lambda\omega\kappa\acute{\epsilon}\omega$ ”. A forma real é ( $\acute{\epsilon}\pi\iota$ ) $\lambda\eta\kappa\acute{\epsilon}\omega$ : é regular quanto à quantidade da vogal, irregular por sua qualidade. Mesma observação para  $\acute{\alpha}\gamma\acute{\epsilon}\omicron\mu\alpha\iota$ ,  $\theta\bar{a}\lambda\acute{\epsilon}\omega$  etc.

AS FORMAÇÕES DO GRAU 1 terão, nas nossas raízes,  $\bar{A}_1$ .

Temas em *-man* (cf. p. 130):  $\acute{\epsilon}\pi\iota$ - $\lambda\acute{\alpha}\sigma\mu\omega\nu$ ;  $\lambda\eta\mu\mu\alpha$ ,  $\delta\eta\gamma\mu\alpha$ ,  $\pi\eta\gamma\mu\alpha$  (Ésquilo).

Temas em *-as* (cf. p. 129):  $\acute{\alpha}\delta\omicron\varsigma$ ,  $\kappa\acute{\alpha}\delta\omicron\varsigma$ ,  $\mu\acute{\alpha}\kappa\omicron\varsigma$ ,  $\acute{\alpha}$ - $\lambda\bar{a}\theta\acute{\eta}\varsigma$ ,  $\epsilon\upsilon$ -(F) $\bar{a}\chi\acute{\eta}\varsigma$  (cf.  $\iota\acute{\alpha}\chi\eta$ ).

Os seguintes, mais isolados, não são acompanhados de formas com  $\alpha$  breve:  $\mu\acute{\alpha}\chi\omicron\varsigma$ ,  $\acute{\alpha}\pi\omicron\varsigma$  (fadiga, em Eurípedes);  $\acute{\alpha}$ - $\xi\eta\chi\acute{\eta}\varsigma$ ,  $\acute{\alpha}$ - $\sigma\kappa\eta\theta\acute{\eta}\varsigma$ ,  $\kappa\acute{\eta}\tau\omicron\varsigma$ ,  $\tau\acute{\eta}\theta\omicron\varsigma$ . Exemplo contendo  $\varrho$ :  $\nu\omega\theta\acute{\eta}\varsigma$  ao lado de  $\nu\acute{o}\theta\omicron\varsigma$ .

A melhor prova da posteridade de formações como  $\theta\acute{\alpha}\lambda\omicron\varsigma$ ,  $\mu\acute{\alpha}\theta\omicron\varsigma$  (Ésquilo) são os compostos  $\nu\epsilon\omicron\theta\eta\lambda\acute{\eta}\varsigma$ ,  $\acute{\epsilon}\pi\iota\mu\eta\theta\acute{\eta}\varsigma$ , onde a longa subsiste. Ainda é assim que o homérico  $\epsilon\upsilon\pi\eta\gamma\acute{\eta}\varsigma$  é substituído mais tarde por  $\epsilon\upsilon\pi\acute{\alpha}\gamma\acute{\eta}\varsigma$ . Talvez a breve de  $\acute{\alpha}\gamma\omicron\varsigma$  = sânscr.  $\acute{a}gas$  (p. 117) contém uma explicação análoga, apesar do isolamento desta palavra.

Temas em *-yas* (cf. p. 130). Temos o superlativo  $\mu\acute{\alpha}\kappa\iota\sigma\tau\omicron\varsigma$  que é de  $\mu\alpha\kappa\rho\acute{o}\varsigma$ , o que o sânscrito  $k\check{s}epi\check{s}t^ha$  é de  $k\check{s}ipr\acute{a}$ . Quanto ao  $\bar{a}$  longo [p. 157] que se manifesta na acentuação dos comparativos neutros  $\mu\acute{\alpha}\sigma\sigma\omicron\nu$ ,  $\theta\acute{\alpha}\sigma\sigma\omicron\nu$ ,  $\mu\acute{\alpha}\lambda\lambda\omicron\nu$ , é prudente não decidir nada a seu respeito, tanto mais que o dialeto homérico não admite  $\eta$  nessas formas. Ascoli, de acordo com outros eruditos, explica-as pela mesma infecção observada em  $\mu\epsilon\acute{\iota}\zeta\omega\nu$  (Kritische Studien

p. 129). Harder (*De alpha vocali apud Hom. producta*, p. 104) cita testemunhos para a acentuação μάσσον e μάλλον.

OS TEMAS QUE REJEITAM  $a_1$  tendo *a* autongo:

Temas em *-ra*. Alguns deles, como σφοδρός, ώχρός (p. 156) têm  $a_2$ . Uma segunda série enfraquece a raiz, por exemplo λιβρός, πικρός, στιφρός, de λειβ, πεικ, στειφ; λυγρός, φυδρός, de λευγ, ψευδ; έλαφρός de \*λεγχ; sânscrito *kṣiprá*, *c<sup>h</sup>idrá* de *kṣep*, *c<sup>h</sup>ed*; *çukrá*, *çubhrá* de *çoc*, *çobh*; *gr̥dhrá*, *sr̥prá* de *gardh*, *sarp*; germânico *digra* “grosso” de *deig*; indo-europeu *rudhrá* “vermelho” de *ra<sub>1</sub>udh*. Do mesmo modo, σᾶπ, seja *sa<sub>1</sub>ap*, faz σᾶπρός; μακ faz μακρός  $\lambda\bar{a}\theta$  dá λάθρα. Podemos colocar aqui τᾶκερός de τᾶκ e πᾶγερός de πᾶγ, se o ε é anaptítico; ᾶκρος de ᾶκ é regular também, exceto pela acentuação.

Tema em *-u* (cf. p. 15, 23): ταχύς.

Temas em *-ta* (cf. p. 14, 23, 149). A forma fraca tornou-se muito rara, mas ᾶ-λαστος de  $\lambda\bar{a}\theta$  e o verbo πακτώ ao lado de πᾶκτός são testemunhas seguras disso. Não são de admirar formas como τᾶκτός,  $\lambda\bar{a}\pi\tau\acute{o}\varsigma$ , πᾶκτός, mais do que daquelas como φευκτός que, elas também, substituem gradualmente o tipo φυκτός.

Voltando às formações verbais, examinamos o vocalismo das raízes das quais o presente é feito em *-γω* ou em *-τω*.

Em sânscrito a 4ª classe verbal enfraquece a raiz. Em grego as formas como νίζω, στίζω, κλύζω, βállω de βελ, καίνω de κεν (p. 103) e muitas outras atestam a mesma regra.<sup>255</sup> Portanto, nada é mais normal do que o ᾶ breve

<sup>255</sup>É natural que esta formação, uma vez que ela tomou a extensão imensa que sabemos,

de ἄζομαι, βάζω, σάπτω, σφάζω, χάζω etc. As formas como πτήσσω, φώζω (cf. [p. 158] φώγω) são tão pouco primitivas como τείρω (v. p. 157 i. n.). πήττω parece ter-se formado apenas em plena época histórica (Curtius Verb. I<sup>2</sup> 166).

Os presentes em -τω são análogos: ἄπτω, βάπτω, δάπτω, θάπτω, λάπτω, σκάπτω etc. mostram o α breve. Só σκήπτω desafia a regra, pois no lugar de θώπτω (p. 156) e σκώπτω, pode-se sem medo ver neles denominativos; cf. παίζω, παίγμα, παίγνιον vindo de παίς.

Em tempos além do presente, os verbos em -γω e em -τω geralmente permanecem sem gradação (adotamos por um momento esta designação das formas plenas da raiz). É a concordância que existe entre as diferentes formas do verbo, a este respeito, que ressalta Uhle no seu trabalho sobre o grego perfeito (*Sprachwissenschaftl. Abhandlungen hervorgegg. aus G. Curtius' Gramm. Ges.* p. 61 seq.). Mas, em vez de atribuir a algumas raízes e recusar a outras uma *capacidade inderente de gradação*, como o faz o autor, há que dizer, pelo contrário, que quando falta a gradação é porque ela se perdeu. O que causou sua perda? Isso é precisamente, se não estivermos errados, a *existência de um presente sem gradação*, como os em -γω e em -τω.

Assim, a analogia de σφάζω, βάπτω, θάπτω, λάπτω, σκάπτω etc. gradualmente abafou formas fortes como \*λᾶπ ou \*σκᾶπ. Os perfeitos fazem

---

não se tenha mantido em todo o seu rigor. Obviamente, um grande número de verbos da 1ª classe, sem alterar o seu vocalismo, passaram para a 4ª classe. Assim τείρω, cf. lat. *tero*, δείρω ao lado da δέρω (alguns manuscritos de Aristófanes têm δαίρω, que seria o regular), φθείρω (dor. φθαίρω) etc.

λέλᾱφα, ἔσκαᾱφα, os futuros λάψω, σκάψω etc. Os verbos que contêm *ι* e *υ*, como στίζω, πτίσσω, νίπτω, κύπτω, τύπτω, se comportam da mesma forma, isto é, eles não admitem o ditongo em lugar algum<sup>256</sup>. Estas anomalias não destroem a teoria do fonema *a*. Além disso, há exceções: κάπτω (Hes.) : κέκηφα ; τάσσω (τέτᾱχα) : τᾱγός ; ᾱπτω : ἠπάομαι (Curtius), καχλάζω : κέχλᾱδα.

Os presentes com nasal como λαμβάνω, ἀνδάνω, δάκνω, não exercem a mesma influência destrutiva sobre o vocalismo de suas raízes. Isso se deve ao paralelismo quase constante dessas formações com os presentes em “gradação” (λιμπάνω, λείπω ; λανθάνω, λήθω), através do qual se estabelece uma espécie de equivalência [p. 159] entre as duas formas. Da mesma forma o pres. λάσκω deixa subsistir o perfeito λέληκα.

Passamos ao exame das principais formações verbais nas línguas europeias que não o grego.

PERFEITO. O germânico nos apresenta *ō* : gót. *sok, hof*. O *ō* deve ser do grau 2 e corresponder ao *ω* regular de τε-θωγ-, não ao *ā* histerógeno de τέ-τᾱχ-ε. Pela mesma unificação que vimos em grego, o *ō* do singular se espalhou no plural e no dual, e temos *sokum, soku*, em vez de *\*sakum, saku*. Da mesma forma o optativo deve fazer *\*sakjau*. O particípio passivo, cujo vocalismo é em geral o do perfeito plural, faz de novo *sakans*. Há uma proporção rigorosa entre *sok : sakans* e *bait : bitans*. Outro remanescente da

<sup>256</sup>É verdade que no perfeito o *ι* e o *υ* normalmente sofrem um alongamento (κέκῶφα), mas isso é muito diferente da ditongação, e o *ā* longo só pode ser comparado com a ditongação.

forma fraca é *magum* de que falamos na página 64.

O latim tem *scābi, ōdi, fōdi*; o irlandês *ro-gád* (pres. *guidiu*).

PRESENTE DA 1ª CLASSE (v. p. 153). Latim *lābor* (cf. *lābare*), *rādo, vādo* (cf. *vādum*), *rōdo* <sup>257</sup>.

Gót. *blota* e *hvopa*. Aqui o *ō* é do grau 1. — O perf. *hvai-hvop* (\**baiblot* não nos foi preservado) manteve a gradação, a fim de se distinguir do presente. Se o germânico ainda distinguisse entre  $\bar{A}_2$  e  $\bar{A}_1$  isso não teria sido necessário.

Paleoeslavo *padq, pasq*. — Lituano *móku, szóku*, e assim provavelmente vários verbos que agora seguem outras formações, como *kósiu* “tossir” (cf. sânscr. *kāsate*), *osziù, kósziu, dróziu, glóbiu, vókiu; bóstu, stokstù*. Schleicher Lit. Gr. 235 seq.

PRESENTE EM -YA. Gót. *frapja, hafja, hlahja, skapja* etc. ; lat. *capio, facio, gradior, jacio, lacio, quatio, patior, rapio, sapio, fodio*. Estas formas são regulares (v. p. 157).

Deve ser mencionado em lituano *vagiù* “roubar” e *smagiù* «atirar», cujos infinitivos são *vógti, smógti*.

PRESENTES DO TIPO ᾶγω. Acima nós nos omitimos intencionalmente de falar sobre esta classe de presentes gregos, porque deve ser tratada em conjunto com as línguas congêneres.

Em germânico é a formação mais comum: gót. [p. 160] *draga, hlapa, skaba, pvaha* etc. — O latim prefere a vogais longas no presentes, como *vādo*, mas a emprega menos do que a forma em *-io*. Temos *ago, cado, scabo*,

<sup>257</sup>*Trāho* parece ser apenas um composto de *veho*.

*loquor*; depois, exemplos em que a consoante final é uma soante, *alo, cano*; finalmente os presentes raros como *tago, pago ; olo, scato* (Neue Formenl. IIz 423). Os dois últimos, embora pertençam à língua arcaica, são provavelmente secundários<sup>258</sup>. — O grego só tem ἄγω, γλάφω, γράφω, μάχομαι, ὄθομαι, e as formas muito raras ἄχομαι, βλάβομαι <sup>259</sup>. — Podem ser encontrados nos verbos lituanos listados na gramática de Schleicher: *badù, kasù, lakù* <sup>260</sup>, *plakù*. Por fim o paleoeslavo, se não estivermos errados, tem somente *bodq* e *mogq*.

Não hesitamos em dizer que esses presentes sofreram um enfraquecimento em suas raízes.

Não há motivo para se assustar com essa consequência suscitada pelas observações anteriores. É indubitável que κλύω, λίτομαι, e outros presentes gregos são formas fracas. Aliás, se em vez de admitir esse enfraquecimento, renunciava-se ao paralelismo de λήθω com πέτομαι, λείπω, seria possível, contra toda a probabilidade, fazer ou de λήθω ou de μάχομαι *um tipo à parte que não se enquadra em nenhuma categoria conhecida*.

A isto acrescentam-se as seguintes considerações:

O indo-europeu teve obviamente duas espécies de temas verbais em *-a*: os primeiros com raiz plena e paroxítonos, os segundos que reduzem a raiz e são oxítonos. Não há como supor que um dos dois caracteres possa existir em um tema sem o outro.

Em sânscrito e em avéstico, os oxítonos da língua mãe dão aoristos e pre-

<sup>258</sup>Não se conhece o presente de *rabere*; o de *apere* parece ter sido *apio*.

<sup>259</sup>É duvidoso que γράω e λάω estejam no lugar de γρασ-ω e λασ-ω.

<sup>260</sup>Em seu glossário, Schleicher dá *lakù*.

sentes (6ª classe). Em grego não há presentes oxítonos, e um tema só pode ser oxítono se for aoristo. Portanto, devemos esperar, sem decidir se a 6ª classe é primitiva ou não, que os temas fracos, mesmo que não estivessem ligados a um segundo tema que serve de presente, tenham uma certa tendência a se conjugar no aoristo. E os temas do tipo λιπε-, onde podemos decidir [p. 161] sobre o enfraquecimento da raiz, verificam inteiramente esta previsão. Ao lado de presentes γλύφειν, κλύειν, λίτεσθαι, στίχειν <sup>261</sup>, τύκειν (Hes.), dão os aoristos δίκειν, ἔλυθειν, μυκεῖν, στυγείν, βραχεῖν (= βῆχρειν).

Do exposto resulta que os vários presentes gregos, para serem vistos sob sua verdadeira luz, devem ser avaliados conjuntamente com os *aoristos isolados* da mesma forma radical, quando esses aoristos existem.

Para o tipo μαχε eles existem. Ao lado dos presentes ἄγειν, ἄχεσθαι, βλάβεσθαι, γλάφειν, γράφειν, μάχεσθαι, ὄθεσθαι, temos os *aoristos isolados* μακεῖν, ταφεῖν (ser surpreendido), φαγεῖν, φλαδεῖν (rasgar). E se essa propensão para se flexionar o aoristo era no tipo λιπε um sinal de enfraquecimento radical, não temos o direito de tirar a mesma conclusão para o tipo μαχε?<sup>262</sup> [p. 162]

<sup>261</sup> στίχουσι dado por Hesíquio foi reconstruído no texto de Sófocles, Antígona v. 1129. — O número de presentes dessa espécie é difícil de determinar, alguns deles sendo muito raros, como λίβει, λίβων no lugar de λείβει, outros, como γλίχομαι, que vários associam a \*γλισκομαι, tendo estrutura pouco clara, outros ainda como λύω devem ser descartados por causa do *ū* longo do sânscrito.

<sup>262</sup> Para compreender em seu princípio o fato usado aqui como um argumento, em verdade é necessária uma análise um pouco mais minuciosa.

Primeiro, parece que temos de fazer uma contra-prova, ver se os temas que contêm ε não se encontram no mesmo caso que os que contem α. Esta contraprova é impossível *a priori*, tendo em conta que um tema contendo ε é forte, e que um aoristo forte só pode ser heterógeno. O aoristo regular das raízes contendo ε sempre tem a forma πτ-ε.

Em contrapartida, a suspeita de uma origem recente não pode atingir os aoristos como

<sup>44</sup> Sem dúvida há também *ē* longos, mas em um número extremamente limitado de raízes e que seria injustificável confundir com o tipo *bher*. Nós abordamos essas raízes na página 166.



φαγεῖν, tendo em conta a sua semelhança com o tipo λαθεῖν de λήθω. O fato, portanto, se resume a isso: no tempo em que o aoristo era puro de formas fortes, onde continha apenas formas fracas ou formas das quais nada se sabe, as diferentes espécies de temas de que tratamos repartiam-se da seguinte forma entre o aoristo e o presente:

presente	πετέ	λίτε	μάχε
aoristo	—	δικέ	φαγέ

Para que os temas do tipo *μαχε-* pudessem como os do tipo *λιτε-*, e ao encontro daqueles de tipo *πετε-* flexionar como oxítonos (como o aoristo), devem ter sido temas fracos.

De resto, não pediríamos mais que o direito de citar brevemente os aoristos isolados contendo *ε*, e fazer um ensaio da contra-prova. Só se encontraria um: *έλεῖν* (*εύρεῖν* = *Fe-υρ-εῖν*), em contraste, o presente é literalmente cheio dessas formas. Mas este confronto, que parece muito conclusivo, só teria, do nosso ponto de vista, um valor relativo.

Então tudo sugere que *μάχομαι* seja um presente exatamente comparável a *λίτομαι*. Desde quando estes temas fracos se encontram no presente? Esta é, em última análise, uma questão secundária. Se se admitir na língua mãe uma sexta classe dos presentes, *λίτομαι*, *μάχομαι*, podem ter sido muito antigos, e apenas abandonaram a sua acentuação inicial. Acreditamos, no entanto, como mencionado acima, na primeira fase do grego, todos os antigos oxítonos, *independentemente do estado de coisas primitivo*, tiveram que passar primeiro pelo aoristo que, portanto, os presentes do tipo *λίτομαι* são, em qualquer caso, de segunda geração. Casos como o de *έλυθεῖν* Quem preferiu ficar desprovido de presente a mudar a acentuação recomenda esta maneira de ver. Mas, ao mesmo tempo, é provável que a partir de uma época mais antiga do que a língua grega alguns temas do tipo *μαχε-* (*age-* por exemplo), deixando de ser oxítonos, tinham aderido aos presentes como *bhére-*.

Passemos aos verbos latinos. Para dois dentre esses, *tago* e *pago*, Curtius estabeleceu com sucesso que eles não são nada além de antigos aoristos. Veja-se especialmente Stud. V page 434. É verdade que estes são os únicos exemplos que são acompanhados por uma segunda formação (*tango*, *pango*). Mas sobre este precedente podemos com alguma segurança julgar *cado*, *scato*, *cano*, *loquor*; este último subsiste em grego como grego *λακεῖν*, não "λάκειν". Resta apenas *ago*, *scabo* e *alo* que, tendo o seu equivalente nos idiomas congêneres, parecem pertencer ao presente há mais tempo.

Ao abordar o germânico, a questão de saber se o indo-europeu teve *presentes* da 6ª formação toma maior importância que para o grego e o latim. Se a resposta for afirmativa, não há necessidade de comentários longos: *saka* é um presente da sexta classe, e a única coisa a admitir é que o acento, cedendo à atração dos outros presentes, precocemente caiu na raiz (*hlápa*, *skápa* etc.). Em todos os casos o germânico recebeu de períodos anteriores alguns presentes [p. 163] dessa espécie, tal como o fazem concluir o gót. *skaba* = lat. *scabo*, *graba* = gr. *γράφω*, norr. *aka* = gréco-it. *agō*. Mas não é menos provável que a maioria tenha saído do aoristo. Esta é mesmo a única hipótese possível para o gót. *þvaha*, cf. *τάκω* (p. 63); norr. *vada*, cf. lat. *vādo*; anglo-saxão *bace*, cf. *φώγω*. As formas como *þvaha*, por conseguinte, remetem-nos para uma época em que o aoristo germânico ainda existia, e não é difícil entender por que, enquanto o tema *beuge-* (*biuga*) se conservava, com excluindo *buge-*, o inverso ocorria para *þvahe-*. Desde a confusão dos fonemas *Ā<sub>1</sub>* e *Ā<sub>2</sub>*, o *ō* do pres. \**þvōha* (*τάκω*) não diferia mais do *ō* do perf. *þvōh* (ou *þveþvōh*). Ao contrário, o tema *þvahe-* ofereceu um excelente *ablaut*, que deveria estabelecer-se tanto mais facilmente quanto os verbos em *-ya* como *haffa hōf* disso já havia dado exemplo.

Não creio que as formas, de resto poucas, do leto-eslavo constituam qualquer dificuldade séria.

Tudo isso pode parecer sugerido pelas necessidades do sistema. Que necessidade há,

A nossa hipótese sobre esta capacidade de alongar a vogal é conhecida pelo que precede. Será permitido remeter o leitor que queira apreciar até que ponto a propriedade de alongamento [p. 164] é inerente às raízes que contêm *A* ou *o* ao trabalho já citado de Fick que trata do  $\bar{a}$  longo europeu (Beitr. de Bezzenb. II 193 seq.). De resto, não nos sentimos em condições de dizer em cada caso por que razão se encontra uma breve ou uma longa, como acreditamos, com efeito, poder fazer para as formações relativamente muito transparentes que foram analisadas anteriormente. As observações que ainda temos de fazer não se referem, portanto, a pormenores.

Os materiais relativos à permutação  $\bar{a} : a$  e  $\bar{o} : o$  no latim encontram-se reunidos em Corssen Ausspr. I<sup>2</sup> 391 seq. Aqui estão alguns exemplos: *com-pāges : pago ; ācer : acies ; ind-āgare : ago ; sāgio : sagax ; con-tāgio : tagax ; lābor : labare*. O *o* de *prae-co*, vindo de *cano*, seria um exemplo de  $\bar{A}_2$ ?

Em grego pode ser adicionado à lista de Fick e aos exemplos dados acima:  $\acute{\alpha}\chi\omicron\varsigma : \acute{\epsilon}\acute{\alpha}\chi\eta\acute{\iota}$ ;  $\acute{\omega}\theta\acute{\epsilon}\omega : \acute{\epsilon}\iota\nu\text{-}\omicron\sigma\acute{\iota}\text{-}\phi\upsilon\lambda\lambda\omicron\varsigma : \kappa\omega\phi\acute{\omicron}\varsigma : \kappa\acute{\omicron}\pi\tau\omega$ ;  $\rho\omicron\theta\omicron\varsigma : \rho\acute{\omicron}\theta\omicron\varsigma ; \phi\acute{\omega}\gamma\omega : \phi\omicron\zeta\acute{\omicron}\varsigma$  (Curtius).

Para os idiomas do norte a troca  $\bar{a} : a$  tornou-se uma espécie de *ablaut quantitativo* que sucedeu ao *ablaut qualitativo*  $\bar{A}_1 : \bar{A}_2$ . O *ablaut* qualitativo

---

afinal de contas, de defender que *saka*,  $\acute{\alpha}\gamma\omega$ , devem pertencer a uma formação diferente do  $\phi\acute{\epsilon}\rho\omega$ ? É esta necessidade, urgente para nós, que gostaríamos de acentuar de forma muito precisa. O presente é apenas um caso especial. Considere-se o conjunto de formações, e surgirá uma característica das raízes que contém *a*, traço desconhecido para a grande classe de raízes cuja vogal é *e*: a *capacidade de alongar a vogal*<sup>1</sup>. Podemos ter de *saka* e  $\acute{\alpha}\gamma\omega$  a opinião que se quiser. Somente quando suas raízes fazem *sōk* e  $\acute{\alpha}\gamma\acute{\epsilon}\omicron\mu\alpha\iota$  ao mesmo tempo que *bher* faz *bār* e  $\phi\omicron\phi\acute{\epsilon}\omega$ , trata-se de um fenômeno de tal forma extraordinário que precisamos antes de tudo e a todo o custo de nos apercebermos disso. Ora, a hipótese proposta para *saka* é apenas a explicação indireta de *sōk*. A tentativa pode não ser bem-sucedida; em qualquer caso, é motivada.

foi destruído pela confusão fônica dos dois  $\bar{A}$  (p. 139) como também pela perda parcial das formações que contêm  $\bar{A}_1$ , de que a mais importante é o presente da 1ª classe. Em germânico em particular, a eliminação deste último em favor de formas como *saka* fez nascer entre a série *a* :  $\bar{o}$  e a série *e* : *a* ( $a_2$ ) um paralelismo absolutamente heterógeno. A língua sente a mesma relação entre *sole*, *sofojan*; *groba*, e os presentes correspondentes *saka*; *graba*, que entre *vrak*, *vrakjan*, *vraka* e *vrikan*. Mas a associação verdadeira seria feita exatamente pela seguinte ficção: imaginar as raízes como *beug* tendo perdido o grau de *e* e só possuindo as formas *bug* e *baug*<sup>263</sup>. — Como o presente não era o único tema do grau 1, no entanto, esperar-se-ia encontrar a vogal longa noutra lugar que não nas formações que exigem  $a_2$ , por exemplo, em neutros em *-as* e os comparativos em *-yas*. Não é assim: *hatis*, [p. 165] *skapis*, *batiza*, mostram o *a* breve. Estas formas parecem ter-se dirigido ao novo presente. Só pudemos descobrir um exemplo que, neste ponto, responde à teoria: é o feminino gót. *sokni-*. Os temas em *-ni* exigem, com efeito, o grau 1; como o prova *siuni-* de a raiz *sehv* (cf. sânscr. *hā-ni*, *jyā-ni*, ao lado de *hīnā jī-nā*). Então “*sakni-*” teria sido irregular na mesma medida que *hatis*. O norr. *dægr* no lugar de *\*dōgis* seria um segundo caso deste tipo se o *e* do lit. *degù* não tornasse tudo muito incerto. Cf. a nota.

A permutação em questão é muito comum em leto-eslavo. Lituano *pra-n-tù* : *prótas*, *žadù* : *zodis* etc. — Em eslávico tem-se verbos como *po-ma-*

<sup>263</sup>Na página 122 fomos incrédulos com as transformações de *ablaut* de uma certa espécie de *ablaut*, e com razão, acreditamos. Mas e aqui, o que é isto? Simplesmente a supressão de um dos três termos do *ablaut*, supressão causada principalmente pela perda do presente.

*gajq, badajq*, ao lado de *mogq, bodq* etc. Tal como em germânico, o *ā*, nos casos em que o *ǎ* breve é mantido paralelamente, torna-se para a língua uma espécie de gradação.

Aqui devemos mencionar uma inovação muito ampla que dá ao vocabulismo leto-eslavo uma fisionomia à parte. Enquanto em germânico a confusão de *a* com *a<sub>2</sub>* não trouxe quase nenhuma desordem no sistema de vogais, o leto-eslavo, pelo contrário, misturou duas séries vocálicas, e vemos o *a* (ou *ǎ*, p. 68) vindo de *a<sub>2</sub>* permutar com *ā* (*ǎ̄*) como se fosse *A*. Daí a gradação eslava *e : o : a* nos muitos exemplos como *tekq, točiti, takati*, a gradação lituana *e : a : o*, como em *želiù, žálias, žolé*<sup>264</sup>. V. Schleicher Lit. Gr. 35 seq. — Há que admitir que outros alongamentos deste tipo permanecem inexplicáveis – quero dizer, particularmente o *ē* dos frequentativos eslavos como *plětajq* de *pletq*. Seria de se desejar também que soubéssemos o que esperar quanto ao *ē* longo germânico de formas como *nēmja-* (raiz *nem*). Amelung, observando que o *ē* é seguido mais frequentemente por uma sílaba [p. 166] contendo *i* ou *y*, supunha uma epêntese e relacionava *nēmja-* a *\*namja-*, *\*naimja-*.

Resta considerar as raízes que têm um *ē* medial, tipo absolutamente paralelo a *λᾱθ, λειπ, δερκ*. Temos a proporção: *Φρηγ : θη = λᾱθ : στᾱ*.

<sup>264</sup>O germânico não deixa de oferecer um ou dois exemplos análogos. Assim o gót. *dags* (cuja raiz é *deg* se se pode fiar no lit. ) é acompanhado de *fidur-dogs, ahtau-dogs*. Sem *dægr* (cf. acima), poder-se-ia pensar em ver *-dogs* o mesmo alongamento singular que apresenta o segundo termo dos compostos indianos *śatá-śārada, pṛt<sup>hu</sup>-jāg<sup>hanā</sup>, dvi-jāni* e que, em grego, pode refletir-se em compostos como *εὐ-ήνωρ, φιλ-ήρετος*, onde o alongamento não era comandado por uma sucessão de sílabas breves. — O alongamento do lat. *sēdare* (v. p. 168) e do gr. *τρωπάω* (v. essa palavra no índice) não tem nada em comum, cremos nós, com os fenômenos eslavos de que falamos.

Para não dispersar esta família de raízes, citaremos também exemplos como *krēm* onde o *ē* é seguido de uma soante, embora esta característica constitua um caso especial tratado no final do parágrafo.

O grau 2 aparecerá naturalmente na mesma forma que para as raízes que terminam com *ē*: ele terá *ō* no greco-italico <sup>265</sup>, *ā* (germ. lit. *ō*) nas línguas do norte. V. p. 140 seq.

Será interessante observar o vocalismo do grau reduzido, porque poderá trazer novos dados à questão da composição do *ē* que nos ocupou mais acima p. 141 seq.

*Primeira série: o grau reduzido presente a.*

1. Raiz *kēd*. Em lat. *cēdo* muitas vezes se juntou, e com razão, parecem-nos, às formas homéricas *κεκαδών*, *κεκαδήσει*. Temos a proporção: *κεκαδών* : *cēdo* = *satus* : *sēmen*.
2. Raiz *rēg* “tingir”. Gr. *ρήγος*; os quatro sinônimos *ρήγεύς*, *ρεγεύς*, *ρογεύς*, *ράγεύς*, são irregulares: seria necessário “*ρωγεύς*”. No entanto o *α* contido em *ράγεύς*, bem como em *χρυσοραγές* (Curt. Grdz. 185), é para nós muito notável. Aqui de fato *ρα* não pode representar a líquida soante: o *ρ* sendo inicial, só poderia ter dado *αρ*. Então, a menos que essa raiz tenha seguido a analogia de alguma outra, o *α* de *ράγ* deve ser comparado ao *a* de *satus*. Dans *ρέζω* contudo a forma fraca tem *ε*.
3. Raiz *rēm*. Gr. *ῥημος*, lit. *romùs*. Formas fracas: gr. *ῥρέμα*, lit. *rimti*,

<sup>265</sup>Brugmann Stud. IX 386 disse algumas palavras sobre *ρήγνυμι* : *ῥρωγα*: Ele considere o *ω* de *ῥρωγα* como uma imitação posterior do vocalismo de *κέκλοφα*.

mas também gr. ἀραμέν· μένειν, ἡσυχάζειν (infinitivo dórico em -εν).

— Esta raiz não é a mesma que *rem*, donde ἔραμαι (p. 22).

4. Raiz ληγ (o η é pan-helênico, Schrader Stud. X 316). Curtius indica que λαγάσσαι· ἀφείναι pode dar forma à vogal breve. Verb. I<sup>2</sup> 229. [p. 167]
5. Raiz *lēd*. Ao gót. *leta*, *lailot* <sup>266</sup>, juntamos *lats* e o lat. *lassus*. O lituano tem (=).
6. Raiz *bhrēg*. Gr. ῥήγνμι, ῥήξω etc. Grau 2 : ῥωχμός, ἀπο-ρρώξ, ἔρρωγα <sup>267</sup>. O perfeito médio ἔρρηγμαῖ e o partic. ἐρρηγείας das tábuas de Heracléia são regulares no sentido de que não têm ω, mas nós esperaríamos -ραγ- em vez de -ρηγ-. É isso que apresenta o aor. pass. ἐρράγην, onde o grupo ρα representa ρ + *a*, não *r*. Fραγ : Fρηγ = *sǎ* : *sē*. Em latim o grau reduzido se espalhou: *fractus*, *frango* no lugar de \**frag-no*. O gót. *brikan* é um verbo da espécie normal. Sobre a associação de -*ru*- em *brukans* ao -*ra*- greco-italico v. p. 180. O eslavo tem *brěgŭ* “margem”.

<sup>266</sup>Não podemos aceitar a teoria que associa o *ē* dos verbos góticos desta classe a *a* + *nasal*, teoria defendida em particular por J. Schmidt Voc. I 44 seq. J. Schmidt concede que para *leta* e *greta* faltam argumentos, e que em *blesa* não há nada que sugira uma nasal. Além disso, o autor parte do ponto de vista de que o *ā* germânico é anterior ao *ē*. Assim que deixamos de pensar em *ē* como uma alteração de o *ā*, *a* + *nasal* deve fazer esperar apenas *ā* como em *hāhan*. O *ō* do perfeito, na mesma hipótese, explica-se muito menos: cf. *haihāh*. Finalmente, quem sustenta que *redan* está no lugar de \**randan* não deve esquecer que, com isso, se compromete a aprovar toda a teoria dos *ā* longos sânscritos vindos de *an*, visto que a *reda* corresponde *rādhati*.

<sup>267</sup>Em ῥωγαλέος o ω é irregular, se se compara com λευγαλέος, εἰδάλιμος, πευκάλιμος; mas Hesíquio tem ὑρειγαλέον, v. Curtius Grdz. 551.

7. Raiz *sēk*. Paleoeslavo *sèkq* “caedere”, lit. *sýkis* “uma vez”, lat. *sīca* no lugar de *\*sēca*. Grau 2: ant. alto-alemão *suoha* “grade”. Grau reduzido: lat. *saxum* = germ. *sahsa* - “ponta, faca etc.” (Fick III<sup>3</sup> 314); mas também *secare* <sup>268</sup>.

*Segunda série*: o grau reduzido é desconhecido.

1. Gr. ἀρήγω, ἀρηγών. Grau 2: ἀρωγός, ἀρωγή.
2. Raiz *dhrēn*. Gr. θρήνο-ς, ἀν-θρήνη (= \*ἀνθο-θρήνη) τεν-θρήνη; θρώναξ· κηφήν. Λάκωνες (quanto à formação cf. ὄρπηξ de έρπ, πόρπαξ de *perk*<sub>2</sub>, κρώμαξ de κρημ, σκώληξ de σκᾶλ, lat. *procax* de *prec*, *pōdex* de *perd*).
3. Raiz *rēp*. Lat. *rēpo*, lit. *rėplóti*.

*Terceira série*: grau reduzido presente *e*.

1. Raiz *ēd*. Lit. *ėdu*, *ėsti*; esl. *ěmĭ* ou *\*jamĭ* = *\*j-ěmĭ* (Leskien, [p. 168] *Handb. d. altb. Spr.* §26), 3<sup>a</sup> pessoa *ěstĭ* ou *jastĭ*; *medv-ėdĭ*. Lat. *ēsurio*, *ēsus* (?). Em grego, a longa de *ėdĭdoxa*, *ėdĭdōs*, *kátĭda*· *καταβεβρωμένα*, *ėdĭdōn*· *φαγėδαινα*, não prova grande coisa; mas a de *ōm-ĭstĭs*, e *ān-ĭstĭs* parece garantir o *ĭ* radical. Encontra-se o grau 2 em *ėdōdĭ*, infelizmente este *ō* é ambíguo como o *ĭ* de *ėdĭdoxa*. Este não seria o caso para o *ō* de *ōdĭs*, se, baseando-se no eólio *ėdŷnĭ* = *ōdŷnĭ*, querêssemos ligá-lo à nossa raiz. Talvez não seja insignificante encontrar em gótico

<sup>268</sup>Na página 84, o germ. *saga* é classificado entre as formações que têm *a*<sub>2</sub>. Isso é admissível se tivermos o cuidado de declarar *saga* como histerógeno. Mas talvez o *a* dessa palavra responda ao *a* de *saxum*.

- uz-eta* (creche). — O grau reduzido gerou o gr. ἔδμεναι, ἔδω, ἔσθιω, o lat. *edo, edax*, o gót. *ita*.
2. Raiz *krēm*. Ela dá em grego κρημνός, κρήμνημι, ee, no grau 2, κρώμαξ (também κλώμαξ). O gót. *hramjan* para o qual seria de esperar *\*hromjan* dirigiu-se às raízes com *e* breve. O gr. κρέμαμαι dá a forma fraca.
3. Raiz *tēm*. Lat. *tēmētum, tēmulentus*. Miklosich (Lexicon palaeosl.) compara a essas palavras o esl. *timica* “lama” cujo primeiro *i* representa, portanto, um *ē* longo. A forma fraca encontra-se em *tenebrae* e o esl. *tīma*. A comparação de palavras sânscritas (p. 172) mostra que a raiz *tēm* ou *stēm* reunia em si as ideias de *umidade*, de *escuridão*, de *silêncio*, de *imobilidade*. Figurativamente, ela significa dá também o sentido de *tristeza*.
4. Raiz *dhēn*. Lat. *fēnus* ; gr. εὐ-θηνία ao lado de εὐ-θενία (sânscr. *dhána*).
5. Raiz *sēd*. Lat. *sēdes* (antigo neutro em *-as*), *sēdulus, sēdare*. Lit. *sédžu sėdėti*. Não sei como se explica o presente eslavo *sedą* ; o infinitivo faz *sěsti*. No grau 2 *sėd* dá *sóstas* “sede” e não “*sastas*”. Aparentemente temos em eslavo *saditi* “plantar” e não “*soditi*”. O grego e o germânico têm sempre o *e* breve. Ele só pode pertencer primitivamente à forma fraca. Gót. *sitan*, gr. ἔζομαι, ἔδρα, ἔδος (cf. *sēdes*). Sobre o ι de ἰδρύω qui est important cf. p. 180.
6. Raiz *stēg*. Lat. *tēgula*. Lit. *stėgiu* e *stógas*, não “*stagas*”. É preciso que στέγω, , τέγος etc., tenham vindo secundariamente, embora numa



época muito remota, da forma fraca. Do mesmo modo *tōga* é necessariamente histerógeno.

7. Raiz *swēdh*. Gr. ἦθος, perf. εἴωθα<sup>269</sup>. Em latim, talvez [p. 169] *suēscō* e provavelmente *sōdes* (no lugar de *\*svēdes*) que estão ligados a ἦθειος (*\*ἦθεσ-ιο*). A forma fraca se encontra no gót. *sidus*, o lat. *sōdalis* (*\*sve-dalis*), o gr. εὐέθωκα. ἔθων, ἔθεται (Hes.) devem vir do aoristo, e ἔθος é feito de ἔθω.

O perfeito grego μέμηλε indica uma raiz *mēl* cuja forma fraca deu μέλω etc. Se o μεμᾶλότας de Píndaro for autêntico, o *ā* desta forma se põe ao lado de casos como ἦβα ἄβα de que falamos p. 144 i. n.

Por vezes, verifica-se uma variação da qualidade do *ā* tal como aparecia no ant. alto-alemão *stēm*, *tuom*, ao lado do gr. ἴστᾱμι, τιθημί (p. 143). Gr. ῥώομαι “dançar” comparável au norr. *rās* “dança etc.”, gr. κέχλαδα (εκαχλάζω) ao lado do gót. *greta* (v. Fritzsche *Sprachw. Abh.* 51). Podemos citar também o lat. *rōbur* se, adotando a aproximação de Kuhn com o sânscr. *rādhas*, simultaneamente, mantém-se a aproximação de *rādhati* com o gót.

<sup>269</sup>Reconstruímos “εἴωθα” supondo uma ação progressiva do digama sobre o *o* (Brugmann Stud. IV 170). O único bom exemplo que poderíamos citar para uma modificação deste tipo, seriam os participios como τεθνηῶτα. Este exemplo cai, se se admitir que o *ω* foi emprestado do nominativo τεθνηῶς, o que é agora a opinião de Brugmann (K. Z. XXIV 80). A este respeito, não podemos deixar de manifestar algum ceticismo em relação aos inúmeros alongamentos tanto regressivos como progressivos que se atribuem ao digama. Talvez não se encontre nem um caso em dez que resista ao escrutínio. Aqui a vogal é longa desde o início, por exemplo, em κλαῖς, νῆος, ἦος, ἔκηα, θηέομαι, φάεα etc.; trata-se do alongamento dos compostos como em μετήορος; Além disso, é um ditongo que se resolve como em ἦώς no lugar de *\*ausōs*, *\*aiōs*, *\*aiwōs*, *\*āwōs* (cf. dor. ἔξωβάδια, πλήων venant de *\*ἐξουάδια*, πλείων). E como se explica que as palavras como γλυκύς, exceto εὖς ἐῆος, só fazem γλυκέος quando τοκεύς faz τοκῆος? — Reconhecemos que algumas formas, p. ex. ἦειρε de εἶρω, só aceitam, até o presente, a explicação por meio do digama.

*reda, rairop*. Essa mesma raiz dá, no grau 2, o esl. *radŭ* “cuidado”, no grau fraco o gr. ἐπί-ροθος. Ao lado do greco-italico *plāg* o gótico tem *fleka*. No entanto, Bezzenberger afirma que o presente *fleka* não seja conservado em nenhum lugar e que nada impeça a reconstrução *floka* (A-Reihe, p. 56 i. n.).

A terceira série e vários exemplos da primeira mostram-nos o *e* difundido na forma fraca mesmo em outras línguas além do grego. Este é, como lembramos, um fato que parece nunca se apresentar no final das raízes (p. 142), e um fato que, aparentemente pouco importante, coloca, na realidade, [p. 170] algum trabalho na reconstrução do vocalismo dos *ā*. Deixa pairar alguma dúvida sobre a unidade de composição dos diferentes *ā* longos europeus, e somos obrigados a entrar na terra desconhecida das línguas árias sem que o terreno europeu, de que tiramos as nossas luzes, tenha confirmado inteiramente a hipótese de que precisamos. Não fosse por as raízes como *sēd sed*, todo *ā* longo sânscrito correspondente a um *ā* longo europeu seria uma prova direta do fonema *A*. Voltaremos a este ponto mais adiante, na pág. 175.

### 5.2.3 Línguas árias

#### I. Existência, no interior de certas raízes, da degradação *ā* a constatada acima nas línguas da Europa

Por muito tempo, quase todas as raízes árias pareciam ter a gradação *ā* *a*. Graças ao trabalho de Brugmann a completa disparidade entre o *ā* de *tāna* (= gr. τόνος) com o *ā* europeu agora foi posta em evidência. Como

podemos garantir que o *ā* dos exemplos relativos à nossa questão seja *ā* longo e não *a*<sub>2</sub>? Em alguns casos, deve-se reconhecer, faltam os critérios, pura e simplesmente. Quem decidirá, por exemplo, sobre o valor do *ā* de *śāli* ou de *rāhú*? Outras vezes, e particularmente nos três casos seguintes, pode-se provar que o que a longa é original.

1. O *ā* se encontra diante de um grupo de duas consoantes como em *śāsmi* que faria “*çāsmi*”, se o *a* fosse *a*<sub>2</sub>.

2. O *ā* está em uma formação onde o testemunho das línguas europeias, junto de uma grande maioria de *a* breves ários, proíbe a admissão de *a*<sub>2</sub>. Ex.: *kásate* no presente da 1ª classe; *rādhas*, tema em *-as* (pág. 126 e 129).

1. Há a identidade com uma forma Europeu onde o *ā* longo aparece. Ex.: sânscrito *nāsā* = lat. *nāsus*.

A julgar por esses indícios, encontramos, no mais, em acordo com os gramáticos hindus, que colocam as raízes *çās*, *kāç*, *rādh*, e não *cas*, *kaç*, *radh*.

α) O grau reduzido apresenta<sup>27º</sup> *a*. [p. 171]

*āmá* (= gr. *ωμός*): *āmla*.

*açú* : *áčri* ; cf. gr. *ώκός*, *όκρις*.

*krāmāti* “andar”: *krāmāti* é aparentemente o antigo aoristo. No mais *krāmaṇa* etc. mostra que a forma fraca se generalizou.

<sup>27º</sup> Não contamos formas duplicadas como *čākaçīti* de *kāç*, *asīšadhat* de *sādh*, *badbadhāna* de *bādh*. Os *a* breves deste tipo são devidos à busca por ritmo mais que qualquer

*gáhate* “mergulhar” : *gáhvará* “profundo”.

*nāsā* “nariz” paralelamente a *nās, nāsta* (id.).

*páǵas* não significa apenas *luz*, mas também *força, impetuosidade* (B. R.), é provável que a palavra seja idêntica, apesar de tudo, com o gr. \*παγος em εὐ-πηγής: *pájrá* que se traduz *dru, compacto*, oferece a forma fraca da raiz.

*mádyati* “embriagar-se”; *mádati*, como acima *krámati*, enuncia-se como um antigo aoristo. O *ā* de *mádyati* não concorda com o presente em *-ya* e parece ser emprestado de uma forma perdida \**mádati*.

*váčati* “mugir” : *váčá* “vaca” . Em *vāvaçre, vāvaçānā* o *a* breve não tem valor, cf. a nota da página 170.

*svádate* “gostar”, *svádman, svāttá* no lugar de \**svatta* : *svádati* apresenta o antigo aoristo.

*hrádate* “ressoar” : *hrádá* “lago” (cf. gr. καλλάζω que se diz do som das ondas).

β) O grau reduzido presente ĩ.

*plā-çí* nome de uma víscera : *plĩ-h-án* “fígado” . Para *k* e *gh* alternando desta forma no fim de um raiz cf. *mak* e *magh* p. 64.

*çās* “governar”. O vocalismo desta raiz está quase intacto. Iremos confrontar *çās* com *dveš*, como acima *lā-θ* com *φευγ*:

çásti    çišmás    çišát    çaçása    çistá    çāštár    ā-çís

dvéšti    dvišmás    dvišát    didvéša    dvištá    dvéštár    pati-dviš

No entanto, a analogia já começou a trabalhar: o plural do perfeito faz *çaçāsus* em vez de \**çaçišus* e o passivo *çasyáte* no lugar de \**çišyáte*. Böh-

---

outra coisa.

tlingk-Roth citam o particípio épico *çāsta*, e temos no Ṛgveda formas como *çāste*, *çāsmāhe*.

*sādh* “ter sucesso”. As formas *sídhyati*, *siddhá*, *sidhmá*, *sidhrá*, *niḥ-śídḥ*, deve ter sido primitivamente *sádhati*, *sádhiṣṭha* etc. o que *çiṣ* é para *çās*. Por analogia, cria-se *sedhati*, *siśédha*, que levou a uma divisão entre as duas metades da raiz.[p. 172]

γ) O grau reduzido tem tanto *a* quanto *ĩ*.

*tāmyati* “estar aflito” (cf. *mādyati* p. 171), *tāmrá* “de cor escura”: *timirá* “escuro”, *tĩmyati* “estar úmido, silenciosa, imóvel”. A forma *stimyati* implica que a raiz é na verdade *stām*. Encontramos o *ã* por exemplo em *tāmisrā*.

*vāsas* “roupa”: *vāste* “vestir” — não “*uṣṭe*” como faríamos se a raiz fosse *vas* —, mas também *á-viṣṭita* “vestido” R.V. X 51, 1; *veṣa* e *veṣṭayati* em sânscrito clássico parece ter nascido, como *sedhati*, de algum fenômeno de analogia.

*çāktá* “mestre”, *çákman* “força” ἄπαξ εἰρημένον Védico: *çāknóti* “poder”, mas ao mesmo tempo *çikvá*, *çikvan*, *çíkvas* “hábil”.

*sādana* sinônimo de *sádana* “morada”<sup>271</sup>, *sādád-yoni* (Ved.): *sídáti* (também *sídáti*) “sentar” não está no lugar de “*sizdati*” como dissemos erroneamente na p. 11, e isso 1º pois neste caso levaria “*sīdati*”, 2º por razão peremptório que o avéstico tem *hiḍaiti* e não “*hízhdaiti*”. As outras formas, fortes e fracas, não têm nem *sād* nem *sīd*, mas *sād*.

## II. A distribuição das raízes onde a gradação *ā a* é a mesma línguas

<sup>271</sup>Nem é preciso dizer que *sādana* no sentido de *ato de sentar* (*sādayati*) não pode ser citado.

**arianas e na Europa?**

Como todo  $\bar{a}$  e  $\varrho$  europeu supõe, de acordo com o que vimos, um  $\bar{a}$  e um  $\varrho$ , a quantidade desses fonemas é irrelevante para a pesquisa a seguir.

Entre os exemplos arianos, não pensamos que devemos omitir raízes como  $\bar{a}p$ , que suprimiram a gradação ao generalizar a forma forte.

1. O Europeu apresenta  $\bar{a}$  (em grau reduzido, *a*).

Sânscr.  $\bar{a}p$ , *apnoti*, *aptá*: lat. *apiscor*, *aptus*. — Sânscr.  $\bar{a}má$  ao lado de *amla*: gr.  $\acute{\omega}\mu\acute{o}\varsigma$ , lat. *amarus*. — Sânscr.  $\bar{a}\acute{c}ú$  ao lado de *ácri*: gr.  $\omega\kappa\acute{\upsilon}\varsigma$ ,  $\delta\acute{\omicron}\kappa\rho\iota\varsigma$ . — Sânscr. *kásate* “tossir”: lit. *kósu*, ant. alto-alemão *huosto*. — Sânscr. *gáhate* (cf. p. 171): gr.  $\beta\eta\sigma\sigma\alpha$ . — Sânscr. *págas*: gr.  $\epsilon\upsilon\text{-}\pi\eta\gamma\eta\acute{\gamma}\eta\varsigma$ . pág. 171. — Sânscr. *násā* ao lado de *nás*: lat. *nāsus*, lit. *nosis*, sl. *nosŭ*. — Sânscr. *mádyati*: lat. *madeo*, gr.  $\mu\alpha\delta\acute{\alpha}\omega$ . — Avéstico *yācti*: gr.  $\zeta\omega\sigma$ ,  $\zeta\omicron\sigma$  (p. 154), esl. *jas*, lit. *juos*. — Sânscr. *vácati*: lat. *vacca*. — Sânscr. [p. 173] *çásti*: lat. *castus*, *castigar*<sup>272</sup>, *Casmenae*; gr.  $\kappa\acute{o}\sigma\mu\omicron\varsigma$ ; gót. *hazjan*. — Sânscr. *svádate*: gr.  $\sigma\text{F}\acute{\alpha}\delta$ . — sânscrito *hásate* “competir em corrida” (B. R.): gr.  $\chi\acute{\omega}\omicron\mu\alpha\iota$  (?).

2. O europeu apresenta  $\bar{e}$ .

Sânscrito *krāmati*: gr.  $\kappa\rho\eta\mu$  (pág. 168). — Sânscr. *tāmyati*, *tāmrá*: europ. *tēm* (pág. 168). — Sânscr. *dásati* “perseguir”: gr.  $\delta\acute{\eta}\omega$ . — Sânscr. *rádhati* “ter sucesso”, *rádhas* “riqueza”: gót. *redan* “deliberaro”, talvez também lat. *rōbur* (cf. p. 169). — Sânscr. *rāg rágati* «brilhar»: Grego  $\rho\eta\gamma$  “tingir” (p. 166). — Avéstico *rām* em *rāmōiđwem* “vós repousais” europ. *rēm* (pág. 166). — Sânscrito *vásas* (p. 172): a ausência bastante singular do grau

<sup>272</sup>Fröhde K. Z. XXIII 310. Adicione *pro-ceres* para *\*pro-cases* = sânscr. *pra-çísas* “as ordens”, assim como em Creta  $\kappa\acute{o}\sigma\mu\omicron\iota$  significa *os magistrados*.

Foσ nas formas gregas faz suspeitar que a raiz seja Fησ. — Sânschr. *sádana* etc. (pág. 172) : europ. *sēd* (pág. 168). — Sânschr. *hrádate* : europ. *ghrēd*, *ghrād* (pág. 169).

A esta lista deve ser adicionado o sânschr. *bāhú* = gr. *παχυς*, sânschr. *sāmi* = europ. *sēmi*, sânschr. *rā́g* = lat. *rēx*, gót. *reiks*, irl. *rí*. Isoladas e sem formas fracas, essas palavras são difíceis de classificar.

O valor das coincidências enumeradas é reforçado pelo fato de que a gradação indiana *ā a*, ou mais geralmente o *ā* longo, nunca se apresenta, que saibamos, quando o europeu oferece um tipo como *pet*<sup>273</sup>.

O inverso, como veremos, seria menos verdadeiro. Lembramos que qualquer raiz europeia em algum lugar mostrando *a* deve ser considerada como tendo a gradação *ā a*. *ágati* cf. gr. *ἄγω*, *ἄγέομαι*; *gádati* cf. gr. *βάζω*, irl. *guidiu ro-gád*; *bhágati* cf. gr. *φαγεῖν*; *yágati* cf. gr. *ἄζομαι*; *rádati* cf. lat. *rādo*; *lābhati* cf. gr. *λάφ λαβεῖν*; *vétati* cf. lat. *vātes*; *sthatati* cf. [p. 174] o europeu *stēg* (p. 168). Nada, nem na formação de tempos nem na de palavras, revela alguma diferença entre esses verbos e exemplos como *pátati* = lat. *pet*.

Este fato, se não é justamente um dos mais favoráveis à hipótese do fonema A, está longe de ameaçá-la seriamente. Vejamos o presente *svádate* mencionado anteriormente. Esse presente é acompanhado por uma se-

<sup>273</sup>A aproximação do gót. *niPan* com Skr. *nāthitá* "inops" não é nada menos que satisfatória. Quanto a *bhrá́gati* ao lado de gr. *φλέγω*, o lat. *flagrare* adverte por seu *a* que a raiz é *bhlēg* e que o *ε* de *φλέγω* é da mesma natureza que em *ἔξομαι* de *sēd*. Para o lat. *decus* comparado ao sânschr. *dáçati*, o *o* das palavras gregas *δόγμα*, *δέδοκται* (cf. p. 131) faz o mesmo serviço. A raiz é *deok*: *δέδοκται* está em *\*dēcus* (convertido em *decus*) o que *ἐπί-ρροθος* é para o gót. *reda* (p. 169). — Encontramos no R̥gveda uma palavra *bhárman* da raiz que é *bher* na Europa. O alongamento terá sido provocado pelo encontro consonantal que segue, como se deve admitir, penso, para *hárđi* "coração", *páršņi* cf. *πτέρνα*, *māmsá* = gót. *mimza*.

gunda forma, *svádati*. Se se comparará-lo ao grego ἄδομαι, aoristo ε-ῴδο-  
-ν, concordaremos que há nove em dez chances de que *svádati* representa,  
se não o aoristo antigo, pelo menos um presente originalmente oxítono  
*swadá-ti*. O acento, em sânscrito, foi posto na raiz pelo *a* que estava lá, fenô-  
meno que veremos ainda mais uma vez. *Nenhum presente indiano em a tem*  
*o acento no sufixo quando existe um a na raiz*. V. Delbrück *Altind. Verb.* 138  
e 145 seq. Apoiar-se aqui na acentuação seria, portanto, recusar todos os  
outros argumentos de antemão e suprimir a discussão<sup>274</sup>.

Imaginemos o presente *svádate* caído em desuso, *svádati* sobrevivendo  
sozinho, e teremos aproximadamente o estado de coisas que atualmente  
oferecem *ágati, gádati* etc. As formas como *svádmān* não teriam demorado  
muito para seguir o presente em sua ruína.

Esta explicação é a mesma que tentamos (p. 160 seq.) para os presentes  
como gót. *saka*, gr. μάχομαι. Só o ariano, não sendo mais como as línguas  
europeias, retido e guiado pela diferença entre os sons *e* e *a*, cresce mais  
que elas a assimilação de nossos verbos àqueles do tipo *pa<sub>1</sub>t*. No perfeito,  
por exemplo, a 1ª pess. *babhága* (ao lado de *babhága*) e o 2º *babháktha*  
(ao lado de *bhejitha*) poderia ser reduzido a *bhāg*. Essas formas sofreram  
metaplasmo. A 3ª pess. *babhága* pode passar por originária, e se comparar  
diretamente com o grego τέθωγε, com o gót. *sok*.

As coincidências que vimos entre os *ā* longos arianos e europeus nos  
permitiriam tirar quaisquer conclusões que afetem o *a* pró-étnico? Se as

<sup>274</sup>Os Presentes onde reconstruímos *A* não são os únicos onde o acento deve ter sofrido  
esse deslocamento: *dáçati* da raiz. *damç* está necessariamente no lugar de *\*dáçati, \*dñçati*  
(cf. δακεῖν).



mal-fadadas raízes europeias como *sēd sed* não viessem contra, nós [p. 175] teríamos em casos como *svádate* — ἄδομαι, em comparação com *pátati* = *peto* a prova pura e simples de que a gradação indo-européia  $\bar{a} a$  está relacionada ao fonema A, e que este fonema sempre diferiu de  $a_1$ . No estado real das coisas, temos que desistir este argumento.

No entanto, este é o lugar para apontar que a coincidência tem lugar por toda a classe de raízes que terminam em  $\check{a}$ . *A necessidade de  $\bar{a}$  longo nas formas não enfraquecidas* dessas raízes (das quais falamos p. 136 seq.) *é a mesmo para ariano e para o europeu*. Não há raiz em  $\check{a}$ . Essa verdade, se compararmos com tudo o que sabemos do organismo de raízes, demonstra que o  $\bar{a}$  indo-europeu é uma combinação de  $a_1$  com um segundo fonema. No entanto, não contém provas que este segundo fonema era tal e tal vogal (A, O).

### III. O vocalismo das formas fracas, nos exemplos de gradação $\bar{a} a$ , e os dados que fornece sobre o *a* indo-europeu.

Brugmann dedicou algumas linhas, às quais nos referimos na pág. 5, à questão do *a* proétnico além  $a_1$  e  $a_2$ . Ele cita como exemplo de um desses *a* a vogal radical de *pitár* — πατήρ — *pater* e *sthitá* — στατός — *status*. Caso contrário, diz ele, essas formas comparadas a *padás* — \*πεδός — *pedis* seriam absolutamente incompreensíveis. Nem é preciso dizer, de tudo que precede, que aderimos sem reservas, pela substância do questão, a esta opinião do erudito linguista. Somente não compreendemos muito bem o papel que o *i* indiano de *pitár*, *sthitá* desempenha em seu raciocínio. Não foi

possível entrar no pensamento do autor de dizer que, porque o *i* indiano de *pitár*, *sthitá*, difere do *a* indiano de *padás*, esses fonemas devem ser sempre diferentes. O que está implícito é, portanto, que o *i* em questão sempre responde a um *a* europeu. Nós teríamos esperado por uma explicação, ainda que curta e de qualquer natureza quanto a casos como θετός — *hitá* <sup>275</sup>.

O verdadeiro significado do *ĩ* ariano em questão só revela, acreditamos, nas formas enumeradas acima (p. 171 sq.) onde o *ĩ* está *dentro da raiz*. Pode-se juntar [p. 176] aos exemplos dados *çíkate* “pingar”, cuja forma forte está no grego κηκίω, e *khidáti* “espremer”, *khidrá*, *khidvas*, que, como Grassmann reconheceu, estão relacionados com o gr. κᾶδω. O *e* de *khédā* “martelo” e de *çikhéda* não é original, pois temos ao mesmo tempo *çakháda*, perfeito védico dado por Pāṇini.

Todos esses exemplos do *ĩ* têm isso em comum e característico, que correspondem a um *ā* longo das formas fortes. Raízes sem *gradação*, como *tap* *tápati* ou *pac* *pácati*, colocadas sob as mesmas condições de acento, nunca converterá seu *a* em *i* <sup>276</sup>, Se elas não podem expulsá-lo, elas o manterão sempre como está: *taptá*, *paktí* etc.

Se considerarmos ainda que qualquer *ĩ* colocado no final de uma raiz é acompanhado por um *ā* na forma forte, como é o caso do mesmo modo, além da raiz, nas formas da 9ª classe verbal como *pr̥ñīmás* ao lado de *pr̥ñāti*, chegaremos a essa ideia, de que O *Ĩ* ARIANO NO LUGAR DE A PRESSUPÕE UM *Ā*

<sup>275</sup>Brugmann talvez o dê indiretamente ao emitir a presunção que os fonemas *a*<sub>1</sub> e *a*<sub>2</sub> nunca terminam o radical.

<sup>276</sup>Nem aoristas como *āgígat* nem desiderativos como *pits* de *pat* não pode invalidar esta regra. O valor do *i* dos aoristos é vazio, pois até aparece no lugar de um *u* (*aubgígat*), e os desiderativos talvez os devam a uma velha repetição.

LONGO NAS FORMAS NÃO-ENFRAQUECIDAS, TÃO NECESSARIAMENTE QUANTO O VERDADEIRO *I* PRESSUPONHA *AI*, OU QUE *Ṛ* PRESSUPONHA *AR*.

Já a redução do *ā* longo, para assim designar o fenômeno desconsiderando qualquer reconstrução teórica, este fato que é a própria condição do *ī* ariano, pertence à história da língua mãe, não à história do período indo-iraniano; a comparação das línguas do Ocidente estabeleceu isso suficientemente. É claro, portanto, que o germe do *ī* é indo-europeu. *O vocalismo ariano mostra uma diferença de qualidade entre os a proétnicos vindos de ā, ou pelo menos alguns deles, e os a pró-étnicos que não vêm de ā.*

Esta definição *a saiu de um ā longo* combina admiravelmente com os fonemas *A* e *Q* das línguas europeias. O *ī* ariano seria, portanto, pura e simplesmente o representante desses fonemas? De jeito nenhum. Esta tese seria insustentável. Na maioria dos casos o *a* e o *Q* tornam-se *a*, como nós vimos no capítulo IV, e agora mesmo onde discutíamos as formas [p. 177] *bhájati, rádati* etc. opostas a *φαγείν, rādo* etc. Entre os próprios casos em que o sânscrito retém a gradação, são muitos, como vimos, inclusive a vogal *a* em formas fracas, p. ex. *svádate, svádati*. Não é que não se deva presumir que o mesmo fonema de onde, com a combinação de certos fatores, resulta em um *ī* não poderia obter, sob outras influências, um percurso divergente. Nem duvidamos que nas formas em que este fonema foi colocado desde o início sob a tônica ele não tenha produzido *a* em vez de *ī*. Aqui estão os exemplos que parece prová-lo. Ao lado de casos oblíquos como *niçás* “noctis” existe uma forma védica *nák* (= \**náks*, ver *drakṣyáti* de *darś* etc.) que,

como apontado por Brugmann (Stud. IX 395), é o nominativo próprio de *niçás*. O fonema destinado a se tornar *i* na sílaba átona deu *a* com acento<sup>277</sup>. — Tudo indica que o segundo membro de *śatásras* é idêntico a *tisrás*, avés. *tisarō*<sup>278</sup>. O protótipo do *i* de *tisrás* foi assim expandido para *a* com o acento. — Talvez por fim o *a* de *madhu-pá* (o tipo *soma-pá* é o mais comum, é verdade, na língua védica) não se deve nem à analogia da declinação temática nem a um sufixo *-a*, mas que é o simples equivalente acentuado do *ī* de *pī-tá*. A formação não-védica *gala-pī*, fazendo o instrumental *gala-py-ā*, é em qualquer caso histerógena.

A influência do acento que se nota nos casos citados não deve no entanto, gerar esperanças de resolver o problema dizendo que o radical *a* de *svádati* resulta da inovação que trouxe o tônica na raiz (p. 174) e que, se não, teríamos “*svidati*”<sup>279</sup> como temos *khidáti*, *śiśát*. Só entendemos essa [p. 178] retração do acento se admitimos que a raiz tinha já um *a* bem caracterizado. Mas se quiséssemos mesmo recorrer a uma hipótese desse tipo, faltaria explicar uma infinidade de formas acentuadas no sufixo. Ao explicar *bhāgati*, *mādati*, *āgati*, ainda não teríamos explicado *bhaktá*, *madirá*, *ajā*, nem outras formas mais isoladas também mostrando *a* nos idiomas da

<sup>277</sup>Brugmann cita *nák niçás* para apoiar sua opinião sobre o declinação de *īc*, *pīc* etc. onde ele pensa que uma vez havia formas forte. Mas enquanto não tivermos o índice positivo, vamos nos permitir ao contrário dos nominativos *īk*, *pīk* etc. para dizer que *nák* é forma fraca igual a *nīś-ás*. A forma não enfraquecida deste tema não poderia ser aquele *nás*.

<sup>278</sup>Os antigos nominativos eram *\*tisáras* (avés. *tisarō*) e *\*śatásaras* (forma que Grassmann acredita poder restaurar em uma passagem do Rig-Veda), mas isso não muda a ênfase. — Para a identidade do final de *\*śatásaras* com *tisáras* pode-se notar que o primeiro elemento de *\*śatásaras* é encontrado por sua vez na 2ª metade de *pāñca*.

<sup>279</sup>Esta forma é duas vezes fictícia, pois o som que deu *ī* mistura-se com as soantes que precedem, tornando-se uma vogal longa (v. cap. VI). Deveríamos escrever, então, para ser

Europa, como *pajrá*, *bhadrá* (cf. gót. *batists*, *botjan* etc.), *śaphá* (cf. norr. *hōfr*), *maghá* (v. p. 64), *śāsadmahe* = *κεκάσμεθα* etc.

Somos, portanto, levados a concluir que há diversidade, se não totalmente originária, ao menos proétnica, do fonema *a* e da vogal que deu *ĩ* em indo-iraniano. Acreditamos que esta vogal era uma espécie de *e mudo*, proveniente da alteração dos fonemas *A* e *o*. A alteração, a julgar pelo sânscrito (p. 150), foi geral no final das raízes, e parcial nas raízes que terminam por uma consoante. Isso pode ser devido à forma como as sílabas foram separadas na pronúncia.

Que esta vogal indeterminada é uma degenerescência de vogais *A* e *o* — adicionamos por suposição: somente dessas vogais — e não, como se poderia acreditar, um fonema distinto de qualquer outra desde o início, é o que emerge das seguintes considerações.

1º Se houver qualquer razão para admitir dentro das raízes um fonema *A* paralelo a *i*, *u*, *r*, etc., seria implausível e absolutamente arbitrário afirmar que o mesmo fonema nunca poderia terminar a raiz. Mas o sânscrito mostra que a vogal degradada existia em todas as formas fracas de raízes em *ā*. Torna-se assim evidente que em alguns casos, se não em todos, é a transformação secundária de um *A* (ou de um *o*).

2º Dizer que a vogal proétnica fraca da qual deriva o *i* de *sthitá*, *çistá*, não foi primeiro uma vogal plena seria desistir de explicar o *ā* de *stháman*, *çásti*, de que ela forma a segunda parte.

Esta vogal, dizemos, deve ter sido muito fraca. Seria difícil, caso exato, “*sūdāti*”.

trário, entender como em vários idiomas [p. 179] diferentes ela tende a ser suprimida. Temos em sânscrito as formas como *da-d-más*, *da-dh-más*, *á-tta*, *vásu-tti*, *ava-tta* (de *dā* compartilhar). O paleoeslavo *damŭ*, *da-s-te* etc. é explicado igualmente (para o redobro, ver §13 no fim). O plural e o dual pretérito gótico fraco *-de-d-um* etc., onde a raiz *dhē* é flexionada, acreditamos, no imperfeito, dá o mesmo testemunho. Em latim *pestis* está, segundo Corsen, no lugar de *\*per-d-tis*. Lembramos também do úmbrio. *teđtu*. Tudo ainda indica que o *i* de *sthitá*, *pitár*, é idêntico ao *i* de *duhitár* e outras formas do mesmo tipo (cf. cap. VI). Ora, em eslavo e em germânico *dŭšti*, *dauhtar*, mostram que a vogal em questão desapareceu, absolutamente como em *da-s-te*, *de-d-um*. — Finalmente, a pronúncia indeterminada desta vogal ainda é manifestada pelo fato de que seja absorvida nas soantes que a precedem. Nós teremos a oportunidade de regressar a esta particularidade. O particípio de *çrā* por exemplo, dá, em vez de “*çritá*” (cf. *sthitá* de *sthā*), *çirtá* = *\*çrtá*.

Designaremos a vogal indeterminada por um <sup>A</sup> sobrescrito.

Na Europa, esta vogal incolor, quando não desapareceu, frequentemente se confundiu com os fonemas A e O de onde ela saiu. Somos forçados a tomar vários dos nossos exemplos nos casos mencionados acima onde uma vogal aparece seguindo a raiz, como em *duhitár*. O valor desta vogal não difere daquela que está em *sthitá*.

A continuação latina é em geral: *a* na primeira sílaba das palavras, *e* ou *i* na segunda. Exemplos: *castus* (= descr. *çistá*), *pater*, *status*, *satus*, *catus*,

*datus*<sup>28o</sup>; — *genitor, genetrix, janitricēs, umbilicus*. A palavra *lien* = sanscr. *plīhān* oferece *i* na 1ª sílaba. Em contrapartida, *anāt-* “pato” mostra *a* no segundo.

Em germânico encontramos *a* (às vezes *u*) na 1ª sílaba, e apagamento da vogal na 2ª sílaba. Exemplos: *fadar, dauhtar*. O ant. alto-alemão *anud* “pato” mantém a vogal na 2ª sílaba e dá a ela a cor *u*. [p. 180]

O leto-eslavo oferece um *e* no paleoesl. *slezena* = sanscr. *plīhān*, e o mesmo *e* é encontrado na terminação do genitivo: *matere*, gr. μητρός. Ver abaixo quanto a *pátyus*. Na segunda sílaba encontramos a vogal suprimida: esl. *dŭšti*, lit. *dukté*; esl. *q̄ty*, lit. *antīs*, cf. lat. *anat-*; lit. *arklas* “arado” comparado com ἄροτρον, *irklas* “remo”, cf. sanscr. *aritra*.

Formas em grego como ἔρε-τμόν, κέρα-μος, ἄρο-τρον, ἀρι-θμός indicam que a vogal muda pode assumir quatro cores diferentes, sem que ninguém veja o que determina uma delas e não a outra.

Assim, torna-se possível identificar o *ε* de ἔτός com o *a* de Lat. *satus*. Em ἔτός de ἦ, δοτός de δω e στατός de στᾶ admitiríamos que a lembrança das formas fortes impôs, em cada caso, a direção que deveria tomar a vogal indeterminada. Assim, o *α* e o *ο* do fim das raízes não seriam como em outro lugar os representantes direto de *ā* e *ο*. Eles viriam do som <sup>A</sup>, enfraquecimento pró-étnico desses fonemas. Livre de qualquer influência, a vogal <sup>A</sup> parece ter se inclinado para o *α*. É isso que é indicado por πατήρ, θυγάτηρ,

<sup>28o</sup>Parece-nos, de tudo o que foi dito acima, que precisamos explicar *datus, catus* junto de *dōs, cōs* (como *satus* próximo a *sēmen*) por meio da vogal indeterminada. A palavra *nates* carrega a mesma suposição, se alguém julgar o *ο* de νόσφι da mesma forma que o *ο* de δοτός (v. mais baixo).

ὄμφαλός = *nābhilā*, σπλάγχν-ο-ν cf. *plīhán*, κίρναμεν próximo a *prñimás*, e então algumas formas isoladas como πρόβατον, πρόβασις, βασιλεύς paralelo a βόσκω, βοτήρ no lugar de βω. O *i* está em πί-νω, πιπί-σκω.

Vários exemplos, dentro das raízes, lembram os pares de formas fracas indianas como *çik* e *çak* de *çāk*, *viš* e *vas* de *vās*. Em grego temos do κωπ (κωφός) κάπων e κόπτω. O α de κάπων parece representar a vogal fraca; o ο de κόπτω é ο. Em gótico temos de *slāk* (perf. *sloh*) o part. *slauhans* e o presente *slaha*.

Podemos citar também como exemplos d vogal fraca medial grega ἔτραγον de τρωγ, gótico *brukans* onde o grupo *ru* responde ao *ra* de *fractus* e ῥαγήναι (raiz *bhrēg*). Veja a pág. 167. O *i* representa a mesma vogal em ἰδρύω (cf. sânscr. *sīd*), em κίχυς “força” que Fick aproxima ao sânscr. *çāk*, *çik*.

Em apenas dois exemplos o indiano *i* parece ser representado diretamente pelo grego *o*: δοχμός que corresponde a *gihmā* e κόσμος contra o sânscr. *çiś*. É permitido comparar *kitavā* “jogador” a κότταβος? Cf. jônio ὄτταβος. Seria também possível que a vogal de νυκτ-, *noct-* corresponde exatamente a de *niç*-. [p. 181]

Em alguns casos, o sânscrito oferece um *u* em vez do *i*; *gūdā* “intestino”, cf. γόδα· ἔντερα. Μακεδόνες; *udāra* “barriga”, cf. ὄδερος· γαστήρ; *su-tūka* “rápido” de *tak* (cf. ταχύς) *vāru-ṇa*, cf. οὐρα· νός. O caso mais importante é o da desinência do genitivo. Acreditamos que *pátyus* é idêntico a πόσιος; V. página 196.

Antes de terminar, não queremos deixar de mencionar diferentes for-



mas *indo-europeias* que discordam da teoria proposta. Talvez sejam frutos da analogia proétnica. Indo-eur. *swādú* ao lado de *pr̥thú* etc. (pág. 15, 23). Indo-eur. *āstai* (sânschr. *āste*, gr. ἦσται) em vez de *Āstai*. Indo-eur. *Ak<sub>1</sub>man* “pedra” no lugar de *Ākman*, *Ayas* “aes”<sup>(52)</sup> e não *Āyas* (pág. 156). Também é muito singular encontrar a raiz *sād* sânschr. *sādas* = gr. ἔδος, da raiz *tām* sânschr. *tamas* = lat. *\*temus* em *temere*, da raiz *dāk<sub>1</sub>*, lat. *decus* = sânschr. *\*dācas* em *daçasyāti*, todas as formações que nos parece impossível considerar legítimas. Eis um caso bem impressionante: ao lado do ant. alto-alemão *uoba* temos, muito regularmente, em sânscrito *āpas* “ato religioso”, em avéstico *hv-āpañh* (Fick I<sup>3</sup> 16), mas ao mesmo tempo sânschr. *āpas*, lat. *opus*, ambos inexplicáveis.

Para que o fonema *a* cumpra perfeitamente um papel morfológico idêntico ao de *i* ou *u*, seria necessário, em virtude do mesmo princípio que não permite raízes terminando com *in*, *ir* etc. (p. 125), que nenhuma raiz apresente *A seguido por uma soante*. Mas aqui parece cessar o paralelismo entre *a* e os demais coeficientes sonânticos, paralelismo que, além disso, considerado ponto de vista fisiológico, é bastante enigmático.

Aqui estão algumas das raízes onde temos que admitir, temporariamente, pelo menos, o grupo *A + soante*. Raiz *Ār* (i.e. *a<sub>1</sub>Ar*) “arar”, *Ār* ἀραρίσχω, *Āl* “alimentar” (gót. *ala ol*), *Ān* “soprar” (gót. *ana on*), *Lāu* “vencer” (ἀπο-λαύω, ληΐς, esl. *lovŭ*). O grego oferece entre outros: θᾶλ θάλλω, τέθᾶλα, θᾶλέω; — ξᾶν ξάινω, ἐπί-ξηνον; — πᾶρ πᾶύρος, πᾶρος, πηρός e com *Ā<sub>2</sub>* (ταλαί-πωρος), ver pág. 60; — σᾶρ σᾶίρω, σέσᾶρα, σεσᾶρυῖα e σωρός; — σκᾶλ σκᾶλλω, σκᾶληξ;

<sup>(52)</sup>Lat. “cobre”.

— γᾱυ γᾶ(F)ίω, γᾶυρος, γέγη(υ)θα; — δᾱυ δα(F)ίω, δέδη(F)α, δεδᾶυία (em Nonnus de acordo com Veitch); [p. 182] — καυ κα(F)ίω, ἔκη(F)α<sup>281</sup>; — κλᾱυ κλᾶίς e com  $\bar{A}_2$  κλωβός (Grdz. 572); — φᾱυ (raiz secundária) πιφᾶύσκω, φᾶ(F)εα; — χρᾱυ χρᾶύω, ζα-χρηής. Na pág 57 estão reunidos vários exemplos greco-italicos deste gênero. Uma parte destas raízes são indubitavelmente histerógenas. Assim μαίνομαι vem presumivelmente de μεν como καίνω de κεν (p. 103); depois o α deu origem a um mal-entendido, e uma forma μέμηνα, μῆνις, μάντις. O o de Lat. *doleo* também indica que α de δάλλει κακουργεί não é original (cf. p. 107), e ainda assim temos δᾶλέομαι.

A esta família de raízes juntam-se exemplos como *krēm*, *mēl* (p. 166 seq.).

É uma consequência direta da teoria e uma consequência totalmente confirmada pela observação que o *a* (*A*) dos ditongos *Ai* e *Au* não podia ser expulso. Pode-se objetar com o lat. *miser* ao lado de *maereo*, mas *maereo* é aparentemente para *moereo* assim como *paenitet* (Corssen I<sup>2</sup>327) é para *poenitet*.

As raízes que são extraídas de formas como lat. *sarpo* ou *taedet* são incompatíveis com nossa teoria. A vogal das raízes sendo sempre *e*, nunca *a*, seria necessário propor como raízes *searp teaid*, ou seja, *sārp tāid*. Mas não encontramos  $\bar{a}$  longo em grupos radicais desse tipo.

Mas que garantias temos da antiguidade desses radicais? As raízes como *derk* ou *weid* podem mais frequentemente ser acompanhadas até o período

<sup>281</sup>Já na p. 169 tivemos oportunidade de contestar que o η de ἔκηα viria de um digama: ἔ-κηF-α está para *keau* o que ἔ-σσευ-α está para *seu*. Lá a inflexão ideal seria ἔκηα, \*ἔκᾶυμεν, \*ἔκᾶυτο, cf. ἔσσευα, \*ἔσσυμεν, ἔσσυτο (pg. 21, 146).

indo-europeu. Quando se trata de os tipos *sarp* e *taid*, dificilmente se coletamos uma ou duas coincidências entre grego e latim, entre eslavo e o germânico. Dos 22 verbos góticos que seguem o *ablaut falpa faifalþ*, ou *haita haihait*, e cuja parte radical termina em consoante, 6 se encontram em uma das línguas congêneres, mas neste número *salta* = lat. *sallo* é notoriamente histerógena; *fāha* comparado a *pango* só deve sua nasal ao sufixo; *hāha* da mesma forma; é comparada na pág. 59 com o lat. *cancelli* e o sânscr. *kañcate*, mas *κάκαλον* e o sânscr. *kācana* “nó” não conhecem [p. 183] nasal alguma; *auka* finalmente entra em um caso particular que será discutido a seguir. Na realidade só existem então dois casos, *valda* = esl. *vladaq, skaida* = lat. *caedo*. Notamos que a coincidência, nestes dois casos, não vai além dos idiomas mais próximos<sup>282</sup>. Essas falsas raízes podiam surgir de maneiras muito diferentes: 1. Adicionando determinativos à forma fraca de raízes como *āl* e *gāu*. Assim o gót. *alþa* é uma continuação de *ala*, o lat. *gaudeo* é, todos concordam, um transplante tardio de *gau*. 2° Por infecção nasal proveniente do sufixo do presente. 3° Por propagação da forma fraca nas raízes contendo *r, l, n, m*. Assim nasce o grego *θαρσ* (p. 129), daí o greco-italico *phark* (*farcio* — *φράσσω*, cf. *frequens*), porque, mesmo em Latim, *ar* é em muitos casos um enfraquecimento, v. o cap. VI. 4° Pela combinação dos processos 1 e 3; ex. : *spar-g-o* por *sper* (*σπείρω*). 5° Pela propagação de

<sup>282</sup>Encontramos apenas 3 exemplos que podem reivindicar uma idade mais respeitável: 1° Lat. *laedo*, cf. sânscr. *śrédhati*. Como todas as formas relacionadas mostram *e* (v. p. 75), esta conexão não pode ser mantida apenas sob a condição de admitir uma perturbação do vocalismo na forma latina. 2° Gr. *σαυσαρός*, cf. sânscr. *śúśyati*. Não disputamos esse paralelo; nem nos comprometemos a explicar o *α* do grego, mas devemos levar em conta o *e* do ant. alto alemão *siurra* “sarna”, v. Fick III<sup>8</sup> 327. O *a* do lit. *sáusas* (cf. p. 69) pode ser reduzido como se quisesse *e, a<sub>2</sub>* ou *A*. 3° Lat. *candeo*, gr. *κάνδαρος*, cf. sânscr. *cándrá*. Este

formas contendo  $a_2$ . Se for verdade, por exemplo, que o gót. *blanda* seja parente de *blinda*- “cego”, deve ter havido alguma confusão, causada na época em que a reduplicação persistia em todos os lugares, pelo perf. *bebland* do presente perdido *\*blinda*. esta forma se associando a *fefalþ* etc., foi capaz de produzir *blanda*.

As observações acima não se aplicam a raízes onde o *a* é inicial como *aidh*, *aug*, *angh*, *arg*, de que não podemos contestar a grande antiguidade. Mas essas raízes também não deixam de ser devidas a alterações secundárias. Como tentamos estabelecer no cap. VI, elas vêm de raízes contendo o *e*. Por exemplo o tema *aus-os* “aurora” e toda a raiz *aus* deriva do radical *wes*, *angh* deriva do *negh* etc. [p. 184]

Não encontramos nenhuma *raiz terminada vocalicamente e cujo vocalismo consistiria apenas em  $a_1$* , como “*sta<sub>1</sub>*” ou “*pa<sub>1</sub>*”. Estritamente os presentes sânscritos como *tí-ṣṭha-ti*, *píba-ti* poderiam parecer conter tais raízes. Seria necessário atribuir a essas formas uma enorme antiguidade, pois seria ver aí a base, incapturável em qualquer outro lugar, de raízes como *sta<sub>1</sub>-A*, *pa<sub>1</sub>-ϑ* (gr.  $\sigma\tau\bar{\alpha}$ ,  $\pi\omega$ ; sânscr. *sthā-tár*, *pā-tár*). Mas é muito mais aceitável dizer simplesmente que essas formas se devem à analogia dos verbos temáticos, e que ἵ- $\sigma\tau\bar{\alpha}$ -τι é mais antigo que *tí-ṣṭha-ti*.

Chamemos *Z* qualquer fonema diferente de  $a_1$  e  $a_2$ . Nós podemos propor esta lei<sup>283</sup>: cada raiz contém o grupo  $a_1 + Z$ .

último caso é um pouco mais duvidoso do que os dois primeiros. No entanto, o grupo *an* pode, aqui novamente, vir de um enfraquecimento como aqueles de que falaremos no cap. VI.

<sup>283</sup>O leitor deve perceber que estamos restaurando  $a_1$  por hipótese em algumas raízes como *pū* “apodrecer” que não o mostram mais em nenhuma parte, e que consideramos

Segunda lei: exceto em casos isolados, se  $a_l$  for seguido de dois elementos, o primeiro é sempre uma *soante*, o segundo sempre uma *consoante*.

Exceção. As soantes *a* e *o* podem ser seguidas de uma segunda soante.

Para dar fórmulas aos diferentes tipos de raízes que essas duas leis permitem, vamos chamar S de *soante* i, u, n, m, r (l), A, O, e denote por C as *consoantes* por oposto às *soantes*. Como o que vem depois de  $a_l$  forma a parte mais característica da raiz, é permitido negligenciar as diferentes combinações às quais os fonemas que precedem  $a_l$  resultariam. Assim  $a_l i$ ,  $ka_l i$ ,  $ska_l i$ , entrarão para nós no mesmo tipo, e bastará indicar por x Z colocado entre colchetes que pode haver diferentes elementos antes  $a_l$ . Essas fórmulas incluem apenas o primeiro ramo principal de raízes, mas conservam sua razão de ser na segunda, da qual falaremos em §14.

1º tipo:  $[x Z +] a_l + Z$ .

2º tipo:  $[x Z +] a_l + S + C$ .

Tipo resultante da exceção à segunda lei:

$[x Z +] a_l + A (O) + S$ . [p. 185]

## 5.3 Visão geral sinóptica das variações do vocalismo provocadas pela flexão (§12)

### 5.3.1 Observações preliminares.

#### 5.3.2 1. Forma de sufixos.

Consideramos apenas sufixos primários.

A lei fundamental das raízes era conter o grupo  $a_1 + Z$ . Uma lei análoga, mas mais ampla, rege as sílabas do sufixo: *todo sufixo contém  $a_1$* .

Exceção. O sufixo do participio presente ativo *-nt* não possui  $a_1$ . As formas cuja análise é duvidosa escondem talvez outras exceções, que não se pode levar em conta.

Os sufixos são divididos em duas grandes classes, dependendo se  $a_1$  é seguido ou não por um fonema.

No primeiro caso, a fórmula coincide com a fórmula das sílabas radicais. Os principais sufixos desta classe são *-a<sub>1</sub>n*, *-ma<sub>1</sub>n*, *-wa<sub>1</sub>n*, *-a<sub>1</sub>m*, *-a<sub>1</sub>r*, *-ta<sub>1</sub>r*, *-a<sub>1</sub>s*, *-ya<sub>1</sub>s*, *-wa<sub>1</sub>s*, *-a<sub>1</sub>i*, *-ta<sub>1</sub>i*, *-na<sub>1</sub>i*, *-a<sub>1</sub>u*, *-ta<sub>1</sub>u*, *-na<sub>1</sub>u*, *-ya<sub>1</sub>A* etc. Um tema como *sa<sub>1</sub>r-ma<sub>1</sub>n* ou *ma<sub>1</sub>Ata<sub>1</sub>r* é uma combinação de duas células perfeitamente semelhantes uma à outra. — No entanto, o paralelismo desses sufixos com o raiz não é absoluto. É restrito por uma lei que exclui dos sufixos quase qualquer fonema diferente de *t*, *s*, e as soantes.

A segunda classe de sufixos é aquela que termina com  $a_1$  (que alterna como em outro lugar com  $a_2$ ). Estes são entre outros sufixos *-a<sub>1</sub>*, *-ta<sub>1</sub>*, *-na<sub>1</sub>*,

*-ma<sub>1</sub>, -ya<sub>1</sub>, -wa<sub>1</sub>, -ra<sub>1</sub>.*

### 5.3.3 2. O que pode ser chamado de variações vocálicas trazidas pela flexão?

As duas únicas mudanças que podem sofrer a raiz, a expulsão do *a<sub>1</sub>* e a sua alteração para *a<sub>2</sub>*, também são *as duas únicas modificações* a que os sufixos são susceptíveis.

As variações pró-étnicas de vocalismo, se somarmos tudo, são compostas, portanto: 1º casos de expulsão e transformação do *a<sub>1</sub>* radical; 2º casos de expulsão e transformação do sufixo *a<sub>1</sub>*.

Mas para apreender os fenômenos em sua ligação interna, a classificação de sílabas entre sílabas radicais e sílabas sufixais não é adequada. É preciso substituir a divisão para *sílabas ou células pré-sufixais e predesinenciais*. [p. 186]

As sílabas pré-sufixais são aquelas que precedem imediatamente um sufixo. É fácil de entender que, numa palavra primária, a sílaba só pode ser uma raiz.

As sílabas predesinenciais incluem: 1º raízes sem sufixo; 2º os sufixos.

Se o termo de *sílaba* não estivesse mais ou menos consagrado pelo uso, preferiríamos termo *célula* ou *unidade morfológica*, porque um grande número de raízes e sufixos — p. ex. *sta<sub>1</sub>A-*, *pa<sub>1</sub>rA-* (§14), *-ya<sub>1</sub>A*, talvez também *ka<sub>1</sub>i-*, *-na<sub>1</sub>u* etc. — são dissílabos. Definamos bem, então, o que entendemos por “sílaba” ou célula: *grupo de fonemas tendo, no estado não enfraquecido,*

*o mesmo  $a_1$  como centro natural.*

Propomos estudar o variações vocálicas da palavra primária (expulsões e transformações do *a*) que estão relacionados com a flexão. Esse assunto não toca, salvo uma exceção duvidosa (p. 221), qualquer uma dos mudanças de sílaba pré-sufixais; ele abarca por outro lado *quase todas as que ocorrem em sílabas predesinenciais.*

Não dizemos *a totalidade*, porque apenas em alguns temas radicais, como sânscr. *mýdh* ou (*açva-*)*γύγ* vemos um enfraquecimento persistindo em todos os casos da declinação. Aparentemente esse enfraquecimento não depende da flexão.

Sendo o princípio de mudar o  $a_1$  para  $a_2$  quase tão desconhecido para as sílabas predesinenciais como para as outras, não se pode dizer que essa mudança depende da flexão com uma segurança tão grande quanto para o segundo tipo de modificações, a expulsão de o *a*. No entanto, a alternância que se observa entre os dois *a*, alternância que é direcionada para as terminações, determinou que afastássemos o surgimento do  $a_2$  predesinencial dos fenômenos de flexão.

#### 5.3.4 Flexão verbal.

##### 1. Expulsão de *a*.

Da configuração das raízes e sufixos (veja acima) resulta, seja para substantivos ou para verbos, dois tipos principais de temas. No primeiro tipo,  $a_1$  finaliza o tema, no segundo  $a_1$  é seguido por um ou dois fonemas. [p. 187]



Temas verbais do primeiro tipo: *rá<sub>1</sub>ika<sub>1</sub>-* (λείπε-), *riká<sub>1</sub>* (λιπέ-), *ra<sub>1</sub>hsya<sub>1</sub>* (λειψε), *spakya<sub>1</sub>-* (παζα-), *gṃska<sub>1</sub>-* (βασκε-).

Temas verbais do segundo tipo:

a. Raiz simples ou redobrada. Ex.: *á<sub>1</sub>s-* (έσ-), *á<sub>1</sub>i-* (ει-) *bhá<sub>1</sub>A-* (φᾱ-), *rá<sub>1</sub>igh-* (*leh-*), *ká<sub>1</sub>As-* (çās-), *bhá<sub>1</sub>bhá<sub>1</sub>r-* (*bihár-*).

b. Raiz + sufixo. Nós pensamos que as marcas características *-na<sub>1</sub>u* e *-na<sub>1</sub>A* das classes 5 e 9 são tanto sufixos propriamente ditos como o *-na<sub>1</sub>g* em *yunágmi* (ver cap. VI). Mas isso é indiferente para flexão, e podemos reunir todas essas formas aqui: *stṛná<sub>1</sub>u*<sup>-284</sup> (*stṛṇó-*), *pṛná<sub>1</sub>A-* (*pṛṇᾱ-*), *yunág*, (*yunág-*), *rihyá<sub>1</sub>A-* (*lihyᾶ-*, optativo).

As expulsões de *a*, nas sílabas predesinenciais, são reduzidas a dois princípios muito diferentes: a *qualidade do fonema inicial das terminações* e a *acentuação*. Dependendo se um ou o outro dos dois princípios reina, nascem dois modos de flexão a que poderemos aplicar os nomes de *flexão fraca* e *flexão forte* indo-europeia. Na flexão forte, o só que o verbo admite, a expulsão de *a* é direcionado pelo acento.

Todos reconhecem hoje, depois da bela descoberta de Verner, que o acento indiano pode ser entendido, e isso principalmente nas formas verbais, como uma imagem quase absolutamente fiel do acento pró-étnico. A contradição de onde estava o acento verbal grego, o do sânscrito, e o do

<sup>284</sup>É muito mais admissível tirar o *ū* do grego δείκνῦμι de um ditongo *ευ* que supor que o *o* do sânscrito *stṛnomi* venha de *ū*. O *ū* das formas iranianas não tem nada a ver com o *ū* grego; é um alongamento do *u* das formas fracas. Talvez a supressão do ditongo sufixal, em grego, foi ocasionada pela introdução secundária do ditongo radical, as formas como \*ζευγνευμι, \*δεικνευμι, sendo de difícil pronúncia. Se o verbo κινέω, ao lado κίνυται, está no lugar de \*κινέφω, teríamos aí um último resquício do *e*.

germânico foi resolvida pela teoria de Wackernagel que, de fato, como sabemos, é um caso especial do *enclisis*. De acordo com o que é esperado por esta teoria, infinitivos e participios gregos fogem à regra do verbo finito, e concordam em sua acentuação com as formas sânscritas.

Que o acento, por sua vez, seja a principal força em jogo nas [p. 188] gradações da flexão, é um fato proclamado pela primeira vez por Benfey, divulgado nos últimos tempos pelo trabalho de Osthoff e Brugmann, e com que a maioria dos linguistas agora concorda.

Tentaremos reduzir a princípios tão simples quanto possível: 1º os resultados das mudanças de acento, 2º os próprios deslocamentos do acento.

Não há temas verbais paroxítonos além dos que se formam como *rá<sub>1</sub>ika<sub>1</sub>*. A combinação dessas desinências com os temas *rá<sub>1</sub>ik-*, *pṛná<sub>1</sub>-*, *riká<sub>1</sub>* — esses exemplos serão suficientes — resultarão, de acordo com o que foi estipulado acima: [p. 189]

	Ativo	Médio	Ativo	Médio
[1ª pess. sing.]	rá <sub>1</sub> ik-m <sup>285</sup>	rik-mÁ	pṛn <sub>1</sub> A-m	pṛn <sup>A</sup> -mÁ
[2ª]	rá <sub>1</sub> ik-s	rik-sÁ	pṛn <sub>1</sub> A-s	pṛn <sup>A</sup> -sÁ
[3ª]	rá <sub>1</sub> ik-t	rik-tÁ	pṛn <sub>1</sub> A-t	pṛn <sup>A</sup> -tÁ
[1ª pess. plur.]	rik-má <sub>1</sub>	rik-má <sub>1</sub> dha <sup>286</sup>	pṛn <sup>A</sup> -má <sub>1</sub> <sup>287</sup>	pṛn <sup>A</sup> -má <sub>1</sub> dha
[2ª]	rik-tá <sub>1</sub>	rik-dhwá <sub>1</sub>	pṛn <sup>A</sup> -tá <sub>1</sub>	pṛn <sup>A</sup> -dhwá <sub>1</sub>
[3ª]	rik-ṅt	rik-ṅtÁ	pṛn-ṅt	pṛn-ṅtÁ
[1ª pess. dual]	rik-wá	rik-wádha <sup>286</sup>	pṛn <sup>A</sup> -wá	pṛn <sup>A</sup> -wadha
[2ª]	rik-tám	—	pṛn <sup>A</sup> -tám	—
[3ª]	rik-táam	—	pṛn <sup>A</sup> -táam	—

<sup>285</sup>Como dissemos na p. 40 seg. supomos que *raikm* na frente da vogal inicial de uma palavra que vem depois dela, na frase teria versão monossílaba; que em geral o *m* da 1ª pessoa não forma uma sílaba, apenas em casos de absoluta necessidade.

<sup>286</sup>Ou *rikma<sub>1</sub>dhá*, *rikwadhá*?

<sup>287</sup>Por alteração secundária *-nA* tornou-se *-n<sup>A</sup>*, cf. pág. 178 seq.

	Ativo	Médio
[1ª pess. sing.]	riká <sub>1</sub> -m	riká <sub>1</sub> -mā
[2ª]	riká <sub>1</sub> -s	riká <sub>1</sub> -sā
[3ª]	riká <sub>1</sub> -t	riká <sub>1</sub> -tā
[1ª pess. plur.]	riká <sub>1</sub> -mā <sub>1</sub>	riká <sub>1</sub> -mā <sub>1</sub> dha
[2ª]	riká <sub>1</sub> -tā <sub>1</sub>	riká <sub>1</sub> -dhwa
[3ª]	riká <sub>1</sub> -nt	riká <sub>1</sub> -ntā
[1ª pess. dual]	riká <sub>1</sub> -wa	riká <sub>1</sub> -wadha
[2ª]	riká <sub>1</sub> -tām	—
[3ª]	riká <sub>1</sub> -tāam	—

No imperativo, a 2ª e 3ª pess. sing. média (sânschr. *dvikṣvā*, *prṇīṣvā*; *dviṣṭām*, *prṇītām* etc.) respeitam a regra. A 3ª pess. do ativo, forma forte (sânschr. *dvéṣṭu*, *prṇātu*) parece estar em contradição com o princípio da “desinências que formam uma sílaba”. Mas aqui tocamos na questão de desinências “primárias”.

A maioria das formas “primárias” pode ser derivada de formas “secundárias” por meio do elemento *i* que o Fr. Müller supõe: *-m-i-mā-i(?)*, *-s-i-sā-i*, *-t-i-tā-i*, *-nt-i-ntā-i*, *-mas-i-madhā-i*, *-was-i-wadhā-i* (talvez o *s* de *-mas-i* e *-was-i* venha do antigo *dh* transformado em *-s* no final da palavra, conservado no meio pelo *a* que se seguiu?). Bergaigne aponta (Mém. Soc. Ling. III 105) dois pares de desinências sânscritas do médio, *-dhvam* *-dhve* e *-ram* *-re* apresentam uma conexão diferente, e ele supõe que a nasal de *-dhvam* e *-ram* foi adicionada depois. Como o grego *-σθε* indica por sua vez uma

forma *-dhwa*, esta hipótese é extremamente provável. A série se aumenta, ainda, com mais dois casos. Nós não temos como saber se o *-tu* de *dvéṣtu*, *prṇātu*, não foi formado pela adição de um *-u*, como o *-ti* foi adicionando-se um *-i*.

Agora, o *i* ou o *u* uma vez adicionados em *ráikm-i* e formas do mesmo tipo, por que não passou o acento de acordo com a regra sobre a desinência? Para isso pode-se encontrar duas respostas principais. Quando o *i* (*u*) foi adicionado, a atração que o final exercia sobre o acento pode ter cessado. Em segundo [p. 190] lugar, muito digno de nota que a vogal desinencial seja nas quatro formas em questão (*dvéšmi*, *dvékši*, *dveṣti*, *dvéṣtu*) um *i* ou um *u*, que não é seguido por nenhum outro fonema. Algumas pistas sugerem que *i* e o *u*, nestas condições, teve um pronúncia muito fraca que os tornava incapaz de carregar o acento<sup>288</sup>. É o que se verifica na flexão nominal para locativo *ukśáni*, *dātári* etc., possivelmente também para nominativos neutros como *páçu* (gen. *paçvás*), v. pag. 222. Aqui se fará notar que uma outra forma do imperativo, a 2ª pessoa *dviḍḍhí*, *prṇihí* etc., se opõe a tal hipótese. Para isso podemos responder, primeiro, que o tema forte aparece frequentemente nestes imperativos. Temos em sânscrito *śādhi*, *śaśādhi*, *bodhí* (de

<sup>288</sup>Se aceitarmos esta explicação, a hipótese da prioridade das desinências secundárias não é mais absolutamente necessária. Além disso, alguns fatos não estariam longe de nos fazer acreditar que as soantes *i*, *u*, *ṛ*, *ṝ*, seguidas ou não de fonema, incapazes de receber o acento e que a desinência, para atrair o acento, tinha de conter um *a* (*a*<sub>1</sub>, *a*<sub>2</sub>, *A*). É a 3ª pessoa do plural que está em questão. Em sânscrito, o presente da raiz *çās* feito seguindo Pāṇini *çásmi*, *çássi*, *çásti*, *çišvás*, *çišmás*, *çásati* (cf. *mārganti*). Os presentes redobrados, sem mostrar, é verdade, a raiz plena, evitam, porém, acentuar *-ṇti* e retiram o acento da duplicação: *píparmi*, *pip̄más*, *píprati*. Finalmente, antes da desinência *-us* ou *-ur*, embora nada tenha em comum com o primeiro (J. Darmesteter Mém. Soc. Ling. III 95 seq.), na verdade encontramos a raiz plena, *vīvaçus*, *avīvaçus* ao lado de *viviktás*, *viveçus*, *águhavyus*, *aççrayus* etc. V. Delbrück *Altind. Verb.* 65.

*bodh*), *jahāhi* que Benfey cita *Or. u. Occ. I 303, grbhñāhi, prīñāhi* (Ludwig Wiener Sitzungsber. LV 149); em grego βῆθι, τλήθι, σύμ-πωθι, δίδωθι, ἴληθι (Curt. Verb. II 35). Em segundo lugar, quando consideramos o caráter quase [p. 191] opcional da desinência *-dhí*, temos que perguntar se ela não era originalmente uma partícula livre, aglutinada posteriormente ao tema.

Resta considerar diferentes paradigmas que oferecem anomalia aparente ou real.

1. As formas fortes da 3ª classe tinham, acreditamos, dois acentos na língua materna, um marcando a raiz e a outra o redobro (ver §13 final). O salto do acento em sânscr. *pip̄rmás* ao lado de *píparti* é, portanto, só aparente.

2. Aoristos sigmáticos como *ágaišam* tem um vocalismo bastante conturbado. Raízes terminadas em consoante se enfraquecem para médio<sup>289</sup>; ex. *ávikšmahi*, ao lado de *ácešmahi*. Isso nos dá o direito de supor que este tempo possuía primitivamente, em toda a sua extensão, a alternância de formas fortes e fracas que a estrutura do tema deve fazê-lo esperar. O plural e o dual do ativo, assim como o do médio para algumas raízes, sofreram um metaplasmo. A acentuação não está menos corrompida que o vocalismo (Benfey Vollst. Gramm. p. 389). Em grego prevaleceram as formas fortes

---

Tudo isso parece testemunhar uma época em que a 3ª pessoa do plural para o *ativo* era uma forma forte. E, no entanto, outras pistas o contradizem. Não encontramos nas mais diversas línguas o gancho do sânscr. *s-ánti* "eles são" onde o radical *a<sub>1</sub>* está perdido? Sim, mas aqui se apresenta uma nova complicação. Nem o gr. *ἐντί* nem o lat. *sunt* nem o esl. *sqtǐ*, nem o gót. *sind* concorda com um *snti* primitivo com nasal soante, e pergunta-se se o indiscutível enfraquecimento radical para esta forma não dependeria precisamente da natureza particular do final. Não queremos nos perder neste problema tão complicado, já tocado na pág. 39 i. n. Parece-nos que, em suma, a primeira teoria, baseada em finais secundários, satisfaz mais do que esta.

<sup>289</sup>Bopp *Kr. Gramm. der Sanskr.-Spr.* §349. Delbrück *Altind. Verb.* pag. 178 seq.

como em sânscrito (pág. 128).

3. A 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pess. sing. do perfeito parecem prestar-se mal à nossa teoria, já que *-ta* (sânscr. *-tha*) e *-a* poderiam receber o acento. Mas também o radical *a* não é *a*<sub>1</sub>, é *a*<sub>2</sub>. Esta é, creio eu, uma circunstância importante, embora seja difícil determinar exatamente o escopo. O fato é que as regras, que se podem estabelecer para os deslocamentos do acento e para a queda do *a*, são frequentemente evitadas quando este *a* aparece como *a*<sub>2</sub>. Ver §13 final.

4. Optativo em *-yá<sub>1</sub>A*. Flexionado como *pṛná<sub>1</sub>A*- esse tempo deve ter feito no plural (*\*rikyA-má*) *riky<sup>A</sup>-má*, no médio (*\*rikyÀ-tÁ*), *riky<sup>A</sup>-tÁ*. Mas o grupo *y<sup>A</sup>* não pôde subsistir. Muda para *ī* desde o período pró-étnico, assim como *r<sup>A</sup>* muda para *r̄* (ver p. 179 e cap. VI). Todas as formas que não pertencem ao ativo singular, portanto, tinham *ī* na língua mãe. Para o médio, Benfey estabeleceu esse fato em seu texto *Ueber die Entstehung etc. des indog. Optat.*<sup>290</sup> (Mémoires de l'Acad. de Goettingue [p. 192] XVI 135 seq.). No plural e no dual do ativo o mesmo *ī* aparece em todas as línguas europeias: lat. *s-ī-mus*

<sup>290</sup>Bopp considera que a acentuação de διδοίτο, διδοίσθε, deveria fazer admitir que a contração foi realizada no grego mesmo. Mas quem sabe se essa acentuação existiu em outro lugar que não na escrita, onde a teoria gramatical não poderia deixar de trazê-la. É assim que τῖθεισι só é properispômeno graças às falsas conclusões tiradas de τίθέασι, v. Brugmann Stud. IX 296. Sabemos que Benfey postula *īā* como marca característica. Os argumentos objetivos para o *ī* longo são limitados a isso: 1<sup>o</sup> Encontramos uma vez no Mahābhārata *bhuhīgyām*; 2<sup>o</sup> Ṛgveda X 148.2, o metro, diz o autor, pede *sahīās* (dāsīr víçāḥ sūriṇa sahiās). Seria bom se nos intrometêssemos e atacássemos Benfey em detalhes de métrica védica. Apenas confessamos, como uma impressão bastante pessoal, estarmos insatisfeitos com tal cadência de triṣṭubh e preferirmos sūriṇa sahyās (— ∪ —), embora se deva fazer duas sílabas do *ā* de *dāsīr*, porque pelo menos assim a 8<sup>a</sup> sílaba do *pada* é longa, como de costume. Quanto a *duhīyat*, Benfey vê uma forma temática nela. Temos, portanto, o direito de supor o tema fraco *duhī-*. — Entre os optativos dados por Delbrück (l. c. 196) encontramos *ḡakṣīyāt*. Além disso, no texto esta forma é colocada perto de *papīyāt*, o *ī* pode ser explicado como uma vogal de conexão (alongado pelo efeito do *y*).

(sing. *s-iē-m*), gr. ε-ἴ-μεν (sing. ε-ἴ-η-ν), esl. *jad-i-mŭ* (sing. *jaždŭ* = \**jadji*), gót. *ber-ei-ma* (o sing. *beretP* se dirigiu ao plural). Referimo-nos ao trabalho já citado por Paul *Beitr. IV 381 seq.*, sem poder, no entanto, associarmo-nos à concepção do autor, que vê no  $\bar{i}$  “um contração de  $-y\bar{a}$ ”. Em sânscrito encontramos no plural e no dual do ativo *lihyáma*, *lihyáva* etc. Estas formas são devidas à extensão analógica do singular. Vamos considerar: 1º que as línguas da Europa são unânimes no  $\bar{i}$ , 2º que a teoria geral da flexão exige  $\bar{i}$ , não  $y\bar{a}$ ; 3º que o caso como *pāmi pāmás* oposto do gr. φᾶμί φᾶμέν estabelecem um precedente para a propagação do  $\bar{a}$  longo (pág. 147); 4º que em sânscrito mesmo o médio oferece o  $\bar{i}$  e que qualquer discrepância entre o médio e o plural-dual do ativo tem caráter anormal; 5º finalmente, que o avéstico mostra o  $\bar{i}$  em algumas formas ativas: Justi dá *daiḍitem* (3ª pess. du.), então *çāhīt*, *fra-zāhīt*, *daiḍīt*, formas singulares que receberam o  $\bar{i}$  por analogia<sup>291</sup>.

O precativo védico (Delbr. l. c. 196) segue exatamente em sua flexão o exemplo do optativo. Ativo: *bhū-yās-am*, *kri-yās-ma*; médio: *muć-iš-ṭa* etc.  
[p. 193]

5. Optativo da conjugação temática. A marca característica, como Benfey admite, é um  $-\bar{i}$  longo<sup>292</sup> acreditamos ter vindo de  $-ya_1A$ , um pouco como nas formas fracas de que acabamos de discutir. Mas é bem difícil dizer segundo qual princípio a redução de  $-ya_1A$  para  $-\bar{i} = y^A$  poderia ser feita, a

<sup>291</sup> Em sânscrito, o optativo da 3ª classe acentua por meio da sílaba de reduplicação. Nada indica que essa peculiaridade seja primitiva.

<sup>292</sup> Sabemos que o *oi* da 3ª pess. sing. do optativo grego (παιδέυοι) nunca conta como breve e, portanto, o acento permanece na penúltima. Talvez haja, como supomos, um indício do longo  $\bar{i}$ .



tônica precedendo a marca característica. A flexão é a única de seu tipo. Espera-se que o tema sânscr. *tudé* (= \**tudá-ī*) fizesse no plural “*tudīmá*”, já que o *a* é *seguido de um fonema*. Mas notamos que esse *a* é *a*<sub>2</sub> (p. 87) que, já vimos, muda muito a questão. O *a* se mantém, portanto, e assim resulta em um fenômeno desconhecido noutra parte, de uma flexão sem gradação, sendo feita em um tema que não termina com *a*<sub>1</sub>. — Por uma coincidência curiosa, mas fortuita, sem duvidar da alternância dos antigos ditongos eslavos *ě* e *i* no imper. *nesi, nesi, nesěmŭ, nesěte, nesěvě, nesěta* parece refletir-se no avéstico *barōis, barōiŭ, baraēma, baraētem* (médio *baraēsa, baraēta*; no plural *ōi* reaparece). Nós procuramos em vão por algo que poderia justificar uma diferença originada entre o ditongo do singular e a do plural ou do médio<sup>293</sup>.

Subjuntivo de verbos temáticos. Não conseguimos chegar a uma opinião sobre a forma primitiva de um subjuntivo como gr. *φέρω φέρης* etc. O *ā* do lat. *ferāt* consistiria em *a*<sub>1</sub>+ *a*<sub>1</sub>, *e* + *e*? não seria em vez disso *feram feres* o subjuntivo real? E temos o direito de separar *moneat, audiat*, do optativo da úmbrio *portaia*?

### 5.3.5 2. Aparecimento do fonema *a*<sub>2</sub>.

A flexão verbal só conhece a transformação de *a*<sub>1</sub> em *a*<sub>2</sub> em dois casos:

<sup>293</sup>Pode-se supor que o acento originalmente passou nas desinências *e*, ao mesmo tempo, o singular *a*<sub>2</sub> foi substituído por *a*<sub>1</sub>: 3º seg. *tudá<sub>2</sub>iŭt* plural. *tudá<sub>1</sub>imá*. Isso permitiria que se estabelecesse de verdade, entre *nesi* e *nesěmŭ*, a mesma proporção que há entre *vlŭci* (λύχοι) e *vlŭcě* (\*λυκει, v. pág. 91). Mas, além do fato de que, em geral, o *ōi* e o *aē* do avéstico parecem variar sem uma regra fixa, não se vê sob que lei o *a*, em vez de cair no plural, teria se contentado em se tornar *a*<sub>1</sub>.

[p. 194] 1º Na conjugação temática, onde o fenômeno parece ser explicado pela natureza da consoante que segue o *a*. Veja a pág. 87.

2º No singular do perfeito, onde o *a* transformado é um *a* radical. A 1º pessoa talvez tenha conservado o *a*<sub>1</sub>. Veja a pág. 71 seq.

### 5.3.6 Flexão nominal.

#### 5.3.7 1. Expulsão do *a*.

A. A expulsão ocorre sob o leis de flexão forte.

##### 1. Temas oxítonos.

Os temas que terminam com *a*<sub>1</sub> comportam-se como na flexão verbal. O acento não passa para as desinências, e o *a* persiste por conseguinte em todas as formas<sup>294</sup>.

A primeira observação a ser feita a respeito a temas onde o *a*<sub>1</sub> é seguido por um ou mais dois fonemas, é *que só pertencem à flexão forte no singular*. O plural e o dual devem, portanto, ser tratados sob a letra B.

Sabemos que a antiguidade da acentuação sânscrita é provado aqui por sua concordância com a dos monossílabos gregos.

Os casos fracos, ou seja, acentuados no final e sem *a* na sílaba prede-

<sup>294</sup>A acentuação do pronome sânscr. *a* em formas como *asyá* (ao lado de *ásya*) surgirá secundariamente, quando a necessidade de distinguir nuances ter-se-ão feito sentir (ver o dicionário de Grassmann, col. 207). O gótico *þize*, *þizos* parece ser simplesmente proclítico: o sânscrito tem *tásya*, *tésām*, *tásyās*.

sinencial, são: o instrumental, o dativo, o genitivo. As desinências são *-ā*, *-Ai* (pág. 92), *-As*.

Os casos fortes ou com *a* são: o nominativo, acusativo, locativo, vocativo. As desinências são *-s*, *-m*, *-i*, e *zero*.

Como podemos ver, o princípio estabelecido acima é verificado. Isso significa que há casos fortes, é apenas a incapacidade de certas desinências para receber o acento<sup>295</sup>. No vocativo, alhures o acento foge para o início da palavra. [p. 195]

Acabamos de classificar o locativo entre os casos fortes. Com efeito, sabemos que em sânscrito a forma forte é permitida lá, se não obrigatória, como em *pitári*, *dātári*<sup>296</sup>. Dois exemplos particularmente interessantes são *dyávi* (cf. *divé* etc.) e *kśámi*, aparentemente junto do instr. *kśamá*. Sobre a aversão do acento ao final *i* v. pág. 190.

Os fenômenos especiais do nominativo, que às vezes formava sem *s*, exigem que sejam tratados junto com a questão do *a*<sub>2</sub>. Portanto, devemos referir o leitor à página 213.

Na aplicação da teoria que vem a ser formulada, limitar-nos-emos, o assunto sendo imenso, a levantar os pontos principais da variação de

---

<sup>295</sup>Devemos nos contentar em citar a teoria diferente e muito completa que Bergaigne apresentou sobre este assunto Mém. Soc. Ling. II 371 seq. Como esta teoria está intimamente ligada à questão da origem das desinências e à flexão em geral, a discussão que exigiria nos levaria para muito longe.

<sup>296</sup>Os temas que não terminam com uma soante são exceção; O locativo foi misturado com casos fracos: *tudatí*, *vidúši* etc. - qualquer que seja a maneira como se devem explicar os locativos védicos sem *i*, como *mūrdhan*, eles não podem invalidar a teoria de forma alguma.

cada tipo de tema. Adotamos completamente os principais resultados do estudo de Brugmann sobre os temas em líquida (Stud. IX 363 seq.). Este trabalho havia sido precedido pela teoria de Osthoff sobre a declinação de temas em nasal (Beitr. de P. et B. III 1 seq.), que chegou muito perto do fundo da concepção dele, mas sem proclamar de novo a expulsão total dos *a* nos casos fracos, e sem operar com o fonema *a*<sub>2</sub>. Osthoff admitiu uma gradação de *a* de diferentes intensidades. — Faremos novamente uso do artigo de Brugmann nos sufixos *-as*, *-yas*, *-was* (K.Z. XXIV 1 seq.). Os restos da gradação dos sufixos em leto-eslavo foram coletados por Leskien *Archiv für slv. Philol.* III 108 seq.

Como tipo da forma fraca, nós escolheremos o dativo.

Temas em *-wás*. O acento, em sânscrito, recuou nos casos fracos para o sufixo: *vidúše*, *gagr̥bhúše* no lugar de *\*vidušé*, *gagr̥bhushé*. A forma pró-étnica *-us-* dos casos fracos, como conforme admitido por Brugmann K. Z. XXIV 97, é fornecida indiretamente pelo grego *-υα*, e *ἰδῦοι* (ibid. 81), pelo gót. *berusjos* e o esl. *-ŭs-i-*.

Temas em líquida. A expulsão pró-étnica do *a* para os casos fracos foi esclarecida totalmente por Brugmann. O fenômeno mais singular é o do genitivo indiano em *-ur*. Nós tentamos explicar da seguinte forma.

[p. 196]

A desinência do genitivo é *-<sup>A</sup>s* e não *-as*. Acentuado, como em *padás*, deve ter-se desenvolvido em sânscrito em *-ás* (pág. 177). Sem acento,

nós vemos dar *-us* em *pátyus*, *sákhyus*, *gányus* (portanto, deve-se sugerir *-us*, não *-ur*). Aos poucos, porém, a forma *-as* consegue eliminar seu rival.

A hipótese desta desinência *-As* é confirmada: 1<sup>o</sup> pelo vocalismo do grego *-ος* e do eslavo *-e*; 2<sup>o</sup> pelo genitivos como *yuktés*, *mṛdós*, que discutiremos abaixo. Finalmente ela esclarece, até certo ponto, o genitivo sânscrito *mātúr*.

O protótipo de *mātúr* é *mātr<sup>A</sup>s*. O grupo *<sup>A</sup>r* deve dar *r̄*, então *ūr* (§14). A qualidade da vogal é, portanto, explicada, mas não a sua quantidade. Em avéstico temos os genitivos *nars*, *çāçtars*, que vêm de *\*n̄rs*, *\*çāçt̄rs*, a vogal *r* tendo se expandido para *ar* na frente de *š*, como em *e* outros casos. Em *ukš̄nás* o som *<sup>A</sup>* não se fundiu com a nasal anterior, o que está muito bem explicado, acreditamos, por razões fisiológicas. Voltaremos a esse ponto no Cap. VI.

Normalmente, a contração de *r<sup>A</sup>* para *r̄* é proétnica. No caso que nos ocupa, o gr. *πατρός*<sup>297</sup>, o gót. *fadrs*, parecem indicar que ela é apenas indo-iraniana. As condições, também, são bastante particulares, o acento estando no fonema *<sup>A</sup>*, o que em outro lugar não é o caso.

O paradigma do tema indiano em *-an* é perfeitamente regular. As línguas europeias apenas mantiveram os destroços. Temos em latim *caro carnis*, em grego *κύων κυνός*<sup>298</sup>, bem como *ἀρνός*. Osthoff (l. c.

<sup>297</sup>Será que *νύκτωρ* está no lugar de *\*νυκτορς*, *νυκτῆς*? Cf. *ἡμέρας τε καὶ νύκτωρ = ἡμέρας τε καὶ νυκτός*.

<sup>298</sup>O acento em *κύων* recuou; cf. sânscr. *śvā*.

76 seq.) defende como tema desta última palavra *varan-* (*waran*). Parece-nos que o sânscr. *úraṇa* só concorda com *wr-án*. Isto dá a flexão grega muito antiga: \*Fr-ήν, gen. \*Fr-νός. O nominativo subsiste em πολύ-ρρηγ; o genitivo tornou-se regularmente \*Fαρνός, ἄρνός<sup>299</sup>. [p. 197]

O armênio *gar<sup>c</sup>n* de que fala Osthoff pode ser resumidos à forma fraca *wr-n-*.

A declinação φρήν φρενός, ποιμήν ποιμένος, vem da generalização do acusativo e também do locativo, porque φρένι, ποιμένι, sempre foram formas fortes.

A explicação do gót. *auhsin* resulta do fato ao qual acabamos de aludir: *auhsin* é idêntico a sânscr. *ukśáni*. No genitivo esperaríamos \**auhsns*. Parece óbvio que *auhsins* é uma imitação do dativo *auhsin*.

Já citei o artigo de Leskien, onde é mostrado, entre outras coisas, que o esl. *dīne* “diei”<sup>(53)</sup> vem de um tema *diwan-* ou *dian-*.

Para as formas indianas como *brahmáne* será difícil decidir se o *a* foi mantido desde o início para evitar conflito consonantal ou se *brahmáne* representa um primitivo \**brahmṇné*. A posição do acento talvez aconselhe a primeira solução.

<sup>299</sup>Hesíquio dá :ῥάνα· ἄρνα. Ῥωμαῖοι δὲ βάτραχον.. Mor. Schmidt escreve ῥάνα, o que é necessário para a segunda parte da glosa, mas pouco provavelmente para a primeira parte. Só se poderia esperar ῥήνα. Pensamos que as glosas ῥάνα e ῥάνα confundiram-se e que ῥάν e ἄρν- remontam ambas a Fr̄n, como δρατός e δαρτός a δρατός e δαρτός.

<sup>(53)</sup>“Para o dia,” dat. sing. masc. do lat. ‘dies’.

O tema em *-am ghi-ám* declina-se como os anteriores. V. Brugmann Stud. IX 307 seq. O avéstico tem no nominativo *zy-āo*, no gen. *zi-m-ō*.

O sufixo participial *-nt*, desprovido de *a*, pode pegar emprestado essa vogal do tema, quando este termina em *a*. Tudo acontece então como se o sufixo fosse *-ant*. O acento, que permaneceu imóvel desde que *a<sub>1</sub>* (*a<sub>2</sub>*) o receba, passa para as desinências assim que este *a<sub>1</sub>* for revestido do grupo *-nt* (leis I e II, p. 188). A flexão é, portanto, em sânscrito *tudán, tudaté* (= *tudṅté*) etc. V. Brugmann Stud. IX 329 seq.

O grego λαβών λαβόντος generalizou a forma forte. Em latim, ao contrário, *-ent* continua a forma nasal fraca com nasal soante, que Sievers reconheceu em alemão em *hulundi, pusundi* e outros femininos.

Apenas uma pequena minoria entre temas que terminam com *i* e *u* pertencem à flexão forte. O exemplo o mais importante é *di-á<sub>1</sub>u*-<sup>300</sup> “céu”. [p. 198]

nom.	di-á <sub>1</sub> u-s	Cf. (mā-tá <sub>1</sub> r)	(uks-á <sub>1</sub> n)
voc.	di-a <sub>1</sub> u	mā-ta <sub>1</sub> r	uks-a <sub>1</sub> n
ac.	di-á <sub>1</sub> u-m	mā-tá <sub>1</sub> r-m	uks-á <sub>1</sub> n-m
loc.	di-á <sub>1</sub> w-i	mā-tá <sub>1</sub> r-i	uks-á <sub>1</sub> n-i
dat.	di-w-Ái	mā-tr-Ái	uks-n-Ái

Nominativo: ao invés de ver no sânscr. *dyaus* o alongamento do nominativo, é necessário, creio eu, por causa do gr. Ζεύς, comparar o *au* desta forma ao de *yaúmi* etc. (pág. 128). — Vocativo: gr. Ζεῦ. — Acu-

<sup>300</sup>L. Havet (Mém. Soc. Ling. II 177) mostrou que esse tema vem de uma raiz *di* (*dai*) e não de *diw* (*dyaui*).

sativo: *diá<sub>1</sub>um* é<sup>(54)</sup> a forma mais antiga, mas a coincidência de gr. Ζῆν com o sânscr. *dyám* parece estabelecer que, desde um período muito remoto, o ditongo havia deixado de existir. Cf. pág. 41. O  $\bar{a}$  da forma  $\delta\acute{\alpha}\nu$  que relata um gramático é certamente singular, mas a forma eolo-dórica comum mostra  $\eta$ , c. Schrader Stud. X 319. — Locativo: védico *dyavi*.

Vamos estudar algumas outras palavras do tipo *di-au*. Para não dispersá-los em vários lugares, citaremos tanto paroxítonas como oxítonas; também teremos que fazer a distinção de  $a_1$  e  $a_2$  em formas fortes. Entre os temas de *-i*, reconhecemos ter pertencido a à declinação de *di-au*: <sup>A</sup>*u-á<sub>1</sub>i* “pássaro” que no Veda faz *vés* no nominativo. O restante da flexão degenerou-se e, mesmo no nominativo, *ví-s* começa a tomar conta.

Em latim ainda temos palavras como *vatēs*, ac. *vatēm*.

É uma amostra análoga que está escondida no sânscr. *kaví*, porque em avéstico esta palavra tem o ac. *kavaēm*. Só encontramos no nominativo *kava* = *\*kavā*. Dado *pitā(r)* de *pitár-*, o nom. *\*kavā(i)* de *kavai-* não é nada surpreendente. Mas devemos nos resignar temporariamente a ignorar a razão dos temas em *-u* nunca terem nominativo sem *s* e por que os temas em *i* têm a formação dupla, *ves* e *\*kavā*. Cf. pág. 213.

Flexão de *gāu* “boi”. Qual é a forma exata desse tema? Ela é, acreditamos, *ga-a<sub>1</sub>u* e não *ga<sub>1</sub>u*: 1<sup>o</sup> porque na hipótese de *ga<sub>1</sub>u* deve ser

<sup>(54)</sup>“et la forme” no original.



encontrada em casos fracos *gu-*; 2<sup>o</sup> porque o ant. alto-alemão *chuo* supõe um *ā* longo<sup>301</sup>. Compostos indianos como *su-gú* certamente devem-se apenas a uma mudança de declinação. A língua, a partir de formas como o gen. *sugós* ou o dat. *sugáve*, e sendo guiada pelo adjetivos em *-ú* (*prthú* etc.), deve chegar a *sugús*. No mais, *ga-a<sub>1</sub>u* é [p. 199] regularmente declinado em sânscrito e em avéstico. Veja sânsc. *gaus* (*ga-a<sub>1</sub>u-s*) e *dy-au-s*, *gá-v-e* e *dí-v-é*. Em casos fracos, o acento fixou-se no *a* de *ga-v-*. Este *a* obviamente não tinha direito a isso, mas em sânscrito a atração exercida sobre o acento pelos radicais, com *a* qualquer proveniência, parece ter sido quase irresistível. O locativo *gavi* em vez de *\*gāvi* é como *divi* ao lado de *dyavi*. Gr. βο-F-, βου = sânscr. *ga-v-*, *go-* indica que o radical *a* é um ϝ. A forma forte se perdeu: βοῦς substituiu *\*βωυς*. Homero tem novamente o ac. βῶν<sup>302</sup> = ariano *gām* (avés. ), que nos conduzem sem hesitação a *gϝ-á<sub>1</sub>u-m*, mas em si esta forma poderia ter saído de *gaŭm* como Ζῆν saiu de *dyāum*. O latim não nos ensina nada em particular.

Temas em *u* que levam *a<sub>2</sub>*. O avéstico tem as seguintes formas: ac. (cadáver) = (nom. pl. ), ac. *pěřčāum* (lado), *garemāum* (calor). A flexão é completa para o persa antigo *dahyāu-s*, ac. *dahyāu-m* (nom. e ac. pl. *dahyāv-a*, gen. pl. *dahyunām*, loc. *dahyusuvā*). A mesma

<sup>301</sup>Poder-se-ia dizer que há aqui o mesmo alongamento do nominativo que para *fōt-* (p. 213). Mas *Zeus* (v. acima) mostra que um tema como *ga<sub>1</sub>u* não podia alongar o nominativo. — Chamou a minha atenção para a forma *chuo* o D<sup>r</sup> Kögel, que no mais a explica de outra forma.

<sup>302</sup>O dórico βῶς, βῶν, só é transformação de βοῦς, βούν.

palavra em avéstico dá o ac. *dañhaom* — esperaríamos *dañhāum* — (e nom. pl. *dañhāvō*). Além disso temos o nom. sing. *bāzāus* (braço) cujo *ā* é explicado, quanto ao persa *dahyāus*, por influência do acusativo<sup>303</sup> (*\*bāzāum*) que não chegou até nós. Reina, no mais, como mostrado por *dahyaom* ao lado de *dahyāvō*, uma certa confusão entre os temas que aceitam *a*<sub>2</sub> e os que não aceitam. Exatamente ao lado de *\*bāzāum* o Veda nos oferece *bāhāvā*, dual do mesmo tema<sup>304</sup>. Essa flexão é ainda menos suspeita ter origem recente pois aparece preferencialmente dentro de uma pequena família de temas em *u* que conhecemos pág. 133: estes são femininos<sup>305</sup>, que têm *a*<sub>1</sub> na raiz. É possível, como conjecturou G. Meyer (Stambildung p. 74), que os substantivos gregos em -ευ-ς têm algo a ver com essa declinação, mas aproximar o ariano *ā* do η de τoκῆος é, acreditamos, inadmissível. Não devemos esquecer a ausência do ευ em νέκυς, πῆχυς, onde teríamos o melhor direito de esperá-lo. — Meyer relembra o nominativos góticos como *sunaus*. Pode-se pensar que esta é uma última lembrança da primitiva dupla flexão dos temas em *u*. [p. 200]

Temas em *i* que levam *a*<sub>2</sub>. O mais importante é o tema sânscr. *sákhe-*, ac. *sákhāy-am* (aves. ), voc. *sákhe*, dat. *sákhya-e* (nom. pl. *sákhāyas*). O *ā* longo do o nominativo *sákhā* é bem diferente do *ā* (= *a*<sub>2</sub>) de *sákhāyam*: lembre-se apenas de *\*kavā* próximo a *\*kavāyam* (*kavāem*). Tal-

<sup>303</sup>A menos que se admita um alongamento do nominativo coexistente coexistindo com o s.

<sup>304</sup>É inútil cunhar uma palavra *bāhava* de propósito para explicar essa forma.

<sup>305</sup>No masculino é oposto em sânscrito ao feminino *pārçu*.

vez seja aqui que se coloque o nom. pl. avéstico *çtaomāyō* (Spiegel Gramm. 133).

Desde o trabalho de Ahrens sobre femininos gregos em  $\omega$  K. Z. III 81 seq. é consenso que o tema dessas palavras terminam em *i*. Suspeitamos que sejam os correspondentes do tipo sânscr. *sakhe*. Se tivermos o direito de comparar

*dātā dātāram dātar dātrā*  
e δῶτωρ δῶτωρα δῶτορ [δῶτορος  
no lugar de δωτρος]

podemos comparar também

*sakhā sakhāyam sakhe sakhyā*  
e Ληθῶ Ληθῶ (\*Ληθόα) Ληθοῖ [\*Ληθόος  
no lugar de \*Ληθίος]

No acusativo escrevemos Λητῶ: é a acentuação que prescreveu Dionísio o Trácio (Ahrens l. c. 93). Além disso, não haveria nenhuma evidência em favor do circunflexo, que não deveria impedir, dados os procedimentos dos gramáticos, de ver em  $\hat{\omega}$  a contração de  $\alpha\alpha$ <sup>306</sup>, cf. Brugmann Stud. IV 163. Sem dúvida existem os acusativos jônios como Ἰοῦν, e sabemos que Curtius inferiu que o tema terminou com

<sup>306</sup>Entre as muitas formas citadas por Ahrens, não há nenhum acusativo que tenha o *i* subscrito ou adscrito, prova de que o  $\omega$  não é primitivo como no nominativo, e que saiu de  $-(y)\alpha$ . A desinência  $-(y)\alpha$  por sua vez não pode ser muito antiga. A forma pura seria  $\alpha\alpha$ . Acreditava-se de fato ter preservado acusativos como Λατοῖν, mas O Ahrens mostra que eles vêm de uma falsa lição textual. Então eles pereceram antes dos tempos históricos. Podemos comparar mais ou menos \*Λη-τογᾶ no lugar de \*Λητοῖν a ἡδέφα no lugar de ἡδύν.

-oFi. Mas as observações feitas sobre este assunto por Windisch Stud. II 229 mostram claramente que esta explicação não satisfaz a todos. De \*IoFiv para 'Ioûv o caminho não é fácil. De qualquer forma, esta forma em -ouv é enigmática e parece um empréstimo de outras variações, talvez βοûς. A hipótese dos temas em -oFi não permite, além disso, como Curtius reconhece<sup>307</sup>, explicar o ω do nom. Λητώ. — Podemos nos surpreender [p. 201] que temas gregos em -a<sub>2</sub>i sejam usados tão exclusivamente para formar femininos. No entanto, existem vestígios do masculino em nomes próprios Πατρώ, Μητρώ, Ἡρώ (Curt. Erl. 54).

É provável que muitas palavras análogas sejam para sempre escondidas de nós porque eles assumiram a flexão atual dos temas terminados em *i* e *u*. Vendo por exemplo que no Ṛgveda *ávi* “ovelha” faz no gen. *ávyas* e nunca *áves*, exatamente como temos em grego οἰός (no lugar de \*ὄFιος) e não “ὄεως”, é natural acreditar que a flexão primeiro foi: nom. *awa<sub>1</sub>i-s* ou *awā<sub>1</sub>i*, dat. *awy-Ai*, ac. *awa<sub>1</sub>i-m* etc. Talvez o gen. gót. *balgis* de masculinos em *i*, em vez de ser como o dat. *balga* emprestado dos radicais em -*a*, ofereça um vestígio da flexão de que estamos falando: *balgis* seria para *balgi<sup>A</sup>s*.

A imobilidade do acento no paradigma sânscrito *apás apáse, uśás uśáse*, não importa muito. É possível, é até altamente provável, que o acento originalmente tenha sofrido as mesmas mudanças que em qualquer

<sup>307</sup>O erudito professor apenas conjectura que a analogia das formas como δαίμων iria, dentro de certos limites, agir sobre palavras em -φ. V. Erläuterungen<sup>2</sup> 55 i. n.

outro lugar. É a persistência anormal do sufixo *a* que é notável. Até agora as sílabas predesinenciais não nos ofereceram nada disso.

Brugmann (K. Z. XXIV 14 seq.) dá muito boas razões: o desejo de evitar formas muito díspares na mesma declinação, então a influência analógica dos casos fracos do plural onde o *a*<sub>1</sub> não poderia cair (assim *apa*<sub>1</sub>*s-bhis*).

No entanto, a que classe de oxítonas em *-as* se reduz, afinal? Ao nome da aurora, sânscr. *uśás*, às palavras indianas *bhiy-ás* “medo”, *pú-mas* no lugar de *\*pumás* (p. 219) e palavras como *tavás*, *yajás*, ψευδής. Mas esses últimos, Brugmann estabeleceu, são apenas neutros vestidos com a declinação do masculino. Seria até possível que tivessem nascido separados nas diferentes línguas que as possuem, tendo a flexão sido dirigida para a dos compostos (paroxítonos) como *su-mánas*. A forma plena de sua sílaba raiz é muito suspeita para para oxítonas. Quanto a *bhiy-ás* e *pu-más*, eles regularmente fazem *bhī-ṣ-á* (instrumental védico), *pu-ṃs-é*. O único exemplo de que podemos comentar sobre a declinação, então, é o indo-europeu <sup>A</sup>*usás*, e pode-se acreditar de fato [p. 202] que as formas fracas como <sup>A</sup>*ussÁi* pareceram ininteligíveis<sup>308</sup>. O *a* foi, portanto, mantido: <sup>A</sup>*usasÁi*, sânscr. *uśáse*. Para o *a*<sub>1</sub> de *uśáse* ao lado do *a*<sub>2</sub> de *uśásam* v. pág. 215.

Os temas radicais, simples ou que formam o segundo membro de um

<sup>308</sup>O Ṛgveda tem um genitivo sing. (e acusativo pl.) *uśás*. Nós derivamos, com razão provavelmente, de um tema *uś*. Assumindo a continuação de a forma fraca *us-s-* seria implausível por causa do duplo *s* que estaria representado por *ś*.

composto, vêm em duas formas completamente diferentes.

No primeiro caso, a raiz é privada de seu *a*<sub>1</sub> por uma causa desconhecida, mas obviamente independente da flexão. Esses temas, a que aludimos na página 186, portanto não cabem no assunto deste parágrafo. Tendo perdido seu *a*<sub>1</sub> antes da flexão, eles agora são imunes a qualquer modificação<sup>309</sup>. Quando terminam em *i*, *u*, *ṛ*, *ṝ*, *ṝ̄*, eles adicionam um *t*, mas se terminam nas longas *ī*, *ū*, *ṝ̄*, *ṝ̄̄*, *ṝ̄̄̄* (cap. VI), eles o dispensam. Exemplos: sânscr. *dvīṣ*, *mṝdh*, *nīś* (pág. 177), *aśva-yúj*, *mí-t*, *hrú-t*, *sukṝ-t*, *aranyaga-t* (= *-gṝ-t*); *bhī*, *bhū*, *gír* (= *gṝ*), *-já* (= *jṝ*); avéstico *druǵ*; gr. ἀλκ-ί, Ἄ-(Ϝ)ιδ, σύ-ζυγ-, ἀντ-ηρίδ-, ἔπ-ηλυς, -υδος (metaplasmo para -υθος); lat. *ju-dic-*, etc.<sup>310</sup>

No segundo grupo de temas radicais, os resultados do enfraquecimento *de flexão* só abrange, assim, casos fracos. Os nomes em questão são contrapartes de verbos da 2ª classe. Nem todas as raízes gostam desse tipo de declinação. Com dificuldade é que as que terminam em *r* fornecem um ou dois exemplos indianos como *abhi-ṣvár*.

O vocalismo das diferentes formas fortes não pode ser tratado aqui, onde só se trata da expulsão do *a*; ver pág. 217 seq.

Entre os compostos sânscritos notamos os de *han*: [p. 203] ac. *vṛtra-*

<sup>309</sup>Mudanças de acento naturalmente permanecem as mesmas, ao menos na palavra simples. Na composição, onde elas devem ocorrer também (Benf. Gramm. p. 319) o uso védico contradiz a regra. No entanto *vi-mṝdh-ás* R.V. X 152, 2, testemunha bem que a regra não está errada.

<sup>310</sup>Todo reforço nasal e perda de nasal são coisas estrangeiras ao indo-europeu, é óbvio que a flexão do sânscr. *yuj* que faz *yúñj* nos casos fortes não pode ser antigo. Além disso, no Ṛgveda, a forma *yúñj* é extremamente rara.

*-hāṇ-am*, dat. *ṽṛtra-ghn-é*. De *vah* forma-se *anaḍváh*, ac. *anaḍ-váh-am*, data. *anaḍ-úh-e*.

Ainda vislumbramos a primitiva declinação grega de Βελλερο-φῶν (cujo acento é incompreensível): o nome Περσέ-φαττα, onde -φαττα responde a *-ghnī* sânscrito, indica que o genitivo teria feito \*Βελλερο-φατος (cf. p. 27 seq.).

Em avéstico o tema “voz” feito no ac. *vācim*, *vācem* (= gr. φόπα), no dat. *vācē*, instr. *vāca* etc. Essa flexão não pode ser primitiva. Nenhuma lei conhecida por nós permitiria em casos fracos qualquer forma diferente de \**uc-* (a menos que o *ā* de *vācem* fosse realmente um *ā* longo indo-europeu, o que não é).<sup>(55)</sup> A forma *vāc-* é deve-se obviamente a influências de analogia. Em sânscrito *vāc-* invadiu, como sabemos, toda a declinação.

Propondo como tema *ṛbhu-kšé-*, trazemos de volta o nom. sânscr. *ṛbhu-kšá-s* no lugar de \**ṛbhu-kšāi-s* (cf. *rās* = \**rāis*). O alongamento do *ā* é como em *dyaus*. O instrumental pl. *ṛbhu-kšī-bhis* é autoexplicativo. Quanto ao ac. *ṛbhu-kšāṇ-am* (em vez de \**ṛbhu-kšāy-am*), é devido a algum fenômeno de analogia. Cf. *divá-kšā-s* que faz para o ac. *divá-kšas-am*. Temos no Ṛgveda, mas apenas no plural, *uru-ḡráy-as*, *pári-ḡray-as*, de *ḡre*. O nom. sing. teria sido, penso, *-ḡrás*. Vamos citar novamente *dhī-ḡáv-as* R.V. IX 86, 1.

Quando a raiz termina em *ā*, o <sup>A</sup> dos casos fracos se elide diante da

<sup>(55)</sup>Cognatos como o grego *óps* ‘voz’ mostram que a longa vem de um *o* breve.

desinência: *soma-pá*, ac. *soma-pá-m* (*-pá<sub>1A</sub>-m*), dat. *soma-p-é* (*-p<sup>A</sup>-é*).

É assim que temos, no verbo, *gá-h-ati* = \**gá-h-ṛti* vindo de *gah<sup>A</sup> + ṛti*.

V.p. 36 e §14.

Sobre o significado atribuído à alternância de *a<sub>1</sub>* e *a<sub>2</sub>* em palavras como *pad* onde o *a* não pode cair, v. pág. 215.

### 5.3.8 Temas paroxítonos.

Os temas raízes paroxítonos do sânscrito retêm, como sabemos, o acento na sílaba radical em todos os casos da flexão<sup>311</sup>.

Devemos aceitar o que Osthoff (l. c. 46 i. n.) indica como um resultado provável de pesquisas não-divulgadas, que o indo-europeu não conhecia essa lei da acentuação indiana e que o comparativo *wásyas* por exemplo fez no dativo *wasyasÁi*<sup>312</sup>? [p. 204] Pelo contrário, dizemos que a lei das paroxítonas sempre existiu:

1º Resulta de tudo o que precede que o acento, nos casos “fortes”, não tende menos ganhar a desinência que no dativo ou em outros casos “fracos”. O que significariam então as mudanças de acento como de *wásyas* *wasyasÁi*?

2º Tal mobilidade de acento é difícil de conciliar com a qualidade fixa do vocalismo radical, que é muito grande para as paroxítonas.

3º Há um contraste marcante entre os “casos fracos” das oxítonas em

<sup>311</sup>Existem raras exceções que são apenas aparentes. Assim *púmān* (dat. *pumśé*) terá sido primeiro oxítono, como o vocalismo da raiz. O mesmo pode ser dito de *svār* (*súar*) que dá um dat. védico *sūrē*. Sobre *sānu*, gen. *snós*, v pág. 221 seq.

<sup>312</sup>Esta parece ser a opinião de Brugmann (Stud. IX 383).



-*was* e os das paroxítonas em -*yas*. Todas as condições sendo iguais, encontramos, aí *vidúše* (= \**vidušé*), aqui *vásyase*. A não expulsão também se verifica nos infinitivos em -*man-e*, -*μεν-αι*, de temas paroxítonos.

Portanto, em paroxítonas normais *todos os casos serão fortes*.

Outra coisa é saber se a gradação do sufixo não penetrou de alguma forma, desde a época proétnica, certos em certos grupos de paroxítonas.

O que o faz supor antes de tudo é que a maioria dos paradigmas do sânscrito não distingue, a este respeito, entre oxítonas e paroxítonas: *bhrátre*, *rājñe*, *bhárate*, mostram o mesmo enfraquecimento do que *mātré*, *ukṣñé*, *tudaté*.

Não se podem esperar dados decisivos das línguas europeias para esta pergunta. Aqui, no entanto, há um caso notável que confirmaria o testemunho do sânscrito: o *t* de germ. *svester* “irmã” só poderia ser gerado em uma forma fraca *svesr-* de onde então ganhou os casos fortes (Brugmann Stud. IX 394); prova de que a gradação, nesta palavra, é de fato bem antiga. Ora, trata-se de uma paroxítona: sânscr. *svásar*.

Por outro lado, o feminino *bhárantī* (cf. *tudatī*) dos participios indianos paroxítonos parecem indicar positivamente que a flexão grega φέρων φέροντος é mais primitiva que o sânscr. *bháran bháratas*. Esta é a opinião de Brugmann l. c. 329<sup>313</sup>. [p. 205]

<sup>313</sup>A língua védica parece fazer alguma diferença entre os temas em -*man* dependendo se são oxítonos ou paroxítonos. Destes nós temos por exemplo *gémanā*, *bhúmanā*, *bhúmanas*, *yámanas*. Pelo contrário *premán*, *prathimán*, *mahimán*, dão os instrumentais *preñá*), *prathiná*, *mahiná*, onde a rejeição do *m* atesta a grande pressão que o sufixo sofreu. Mas *bhúmanas*, *yámanas*, pode ser uma imitação de *kármanas*, *vártmanas*, e por outro lado a paroxítona *áčman* feita em avéstico *ashnō* no caso genitivo (Spiegel Gramm. 156). — Os temas fracos *yūn-* e *maghon-* de *yúvan* e *maghávan* não provam muito a favor da gradação

O escopo da questão diminui consideravelmente, se pensarmos que no plural e no dual, onde reina a flexão fraca, oxítonas e paroxítonas estavam sujeitas à mesma lei.

### 5.3.9 B. A expulsão ocorre sob as leis da flexão fraca.

Paul dedicou parte do trabalho citado acima a um estudo na declinação primitiva de radicais em *i* e em *u*, ou mais exatamente nas espécies mais comuns desta declinação. O autor mostra que a gradação do sufixo, em todos os números, depende do fonema inicial da desinência: dependendo se este fonema é uma vogal ou uma consoante, o sufixo *a* aparece ou desaparece<sup>314</sup>. No vocativo, onde a desinência é nula, o ariano, o leto-eslavo, germânico e celta provam que o *a* existiu (Beitr. IV 436).

Isso é o que chamamos acima de *flexão fraca* (pág. 187). O princípio da expulsão se resume para ela nesta única lei: A ADIÇÃO DE UMA DESINÊNCIA COMEÇANDO COM UMA CONSOANTE RESULTA NA PERDA DO *a*<sub>1</sub> PREDESINENCIAL.

### 5.3.10 Temas que terminam por *i* e *u*.

Nos casos em que o sufixo tem sua forma completa, o acento, em sânscrito e em grego, está no *a*. Há todas as razões para acreditar que está aí a acentu-

---

de paroxítonas; Temos bem poucas garantias sobre a antiguidade de sua acentuação. A mesma observação se aplica a palavras como *sákhai- sákhī-*. Cf. *sakhíbyas*, Benfey Vollst. Gramm. pág. 320.

<sup>314</sup>É surpreendente que na mesma obra o autor se esforce para traçar um paralelo entre os temas de que falamos e os temas em líquida e nasal, paralelo que a própria afirmação de sua regra torna-a quimérica, parece-nos.

ação primitiva. Quanto aos casos fracos do plural, isto será tratado abaixo, pág. 209.

Podemos falar desde já sobre a qualidade do *a*. Os temas em *i* e *u* de declinação fraca parecem admitir apenas o *a*<sub>1</sub>. Grego apresenta ε, sânscrito um *a* breve. O *o* do esl. *synove*, o *a* da lit. *sunaus* são modificações secundárias do *e* (p. 67). [p. 206] Em gótico *a* de *anstais*, *anstai*; *sunaus*, *sunau*, ainda é inexplicável, não parece ser encontrado nos outros dialetos germânicos — ao contrário em ant. alto-alemão ainda há *suniu* — e além disso o plur. *sunjus* oferece o *e*.

Os temas *yuktá<sub>1</sub>i* e *mrdá<sub>1</sub>u* darão, de acordo com a lei colocada acima<sup>315</sup>.

	Singular	Plural	Singular	Plural
Nom.	yuktí-s	yuktá <sub>1</sub> y-a <sub>1</sub> s	mṛdú-s	mṛdá <sub>1</sub> w-a <sub>1</sub> s
Voc.	yúkta <sub>1</sub> i	yúkta <sub>1</sub> y-a <sub>1</sub> s	mṛda <sub>1</sub> u	mṛda <sub>1</sub> w-a <sub>1</sub> s
Ac.	yuktí-m	yuktí-ns	mṛdú-m	mṛdú-ns
Dat.	yuktá <sub>1</sub> y-Ai	yuktí-bhyas	mṛdá <sub>1</sub> w-Ai	mṛdú-bhyas
Loc.	yuktá <sub>1</sub> y-i	yuktí-swa	mṛdá <sub>1</sub> w-i	mṛdú-swa

Diferentes formas dão lugar a observações particulares.

1. Genitivo singular. A forma indo-europeia parece ter sido *yuktá<sub>1</sub>ī̄s*, *mṛdá<sub>1</sub>ūs*, dado o acordo do esl. *kosti*, *synu*, com o sânscr. *yuktés*, *mṛdós* (Leskien Decl. 27). O *i* e o *u* tinham que ser longos, pois vieram da contração

<sup>315</sup>Em um artigo sobre gradação vocálica (Académie de Vienne LXVI 217) Fr. Müller chamou a atenção para a antítese das declinações de *yuktí*, *mṛdú* e raízes consonantais. Ele apontou que o primeiro tipo de radical enfraquece o sufixo justamente nas formas que para o segundo são fortes. Mas - além do fato de que a "declinação consonantal" também contém, como vimos, temas em *i* e em *u* — a antítese é, por assim dizer, fortuita: só existe dentro do limite dado pelo princípio das duas flexões e a natureza das desinências. No locativo e no vocativo os paradigmas necessariamente se encontram: *mṛdo* cf. Ζεῦ, *dátar*; *sūnavi* (Ved.) cf. *dyávi*, *dátári*.

de  $y^A$  e  $w^A$ , sendo a desinência  $-As$  (pág. 196). Esta contração do resto não é absolutamente regular: geralmente ocorre, pelo menos para o *u*, apenas se a semivogal é precedida por uma consoante como em *dhūtá* =  $*dhw^Atá$  (§14).

2. Os ablativos do avéstico como *garōiṭ*, *tanaoṭ*, não invalidam a regra: provavelmente são de criação recente (Leskien Decl. 35 seq.) e além disso o final é *-ad*, não *-d*. Se *garōiṭ* fosse antigo, então estaria no lugar de “*garayad*”.

3. O instrumental singular e o genitivo plural infelizmente são difíceis de estudar, devido à nova formação *yuktīnām*, [p. 207] *mṛdūnām*. Restam no entanto instrumentais védicos como *pavyá*, *ūrmιά* e em avéstico os genitivos plurais. , , (Spiegel Gramm. p. 142). As línguas congêneres não concordam entre si.

Os tipos *pavyá*, *vanhvām*, estão obviamente em contradição completo com a flexão fraca; temos que aceitá-los como são, como um ensaio de declinação forte. A anomalia parece ser a natureza das desinências.

4. Dual. O dat.-abl. sânscr. *yuktībhyām*, *mṛdúbhyām*, esl. *kostīma*, *synūma*, não apresentam nada de particular. Para o genitivo-locativo, consulte a página 209. A forma do nom.-ac. *yuktí*, *mṛdú*, esl. *kosti*, *syny*, ainda não está bem esclarecida, e não sabemos o que pensar.

Os temas em *i* e *u* sofrem na derivação o mesmo tratamento que na flexão. Eles mantêm seu *a* desde que o elemento adicionado não comece com uma consoante; *y* conta como vogal. Assim, temos em sânscrito *vāstavya* de *vāstu*, em grego ἄστειος de ἄστυ <sup>316</sup>, δέν-δρεον de δρυ, em gótico *triva-*, *kniva-*

<sup>316</sup>Devíamos dizer *vāsto*, ἄστευ etc. Infelizmente, ao nomear temas desta forma, estamos expostos a mais de um mal-entendido.

de *\*tru*, *\*knu*. Que adjetivos verbais gregos em -τέο estão relacionados a formas indianas em *-tava*, isso é o que as observações de Curtius (Verb. II 355 seq.) tornam duvidoso. Se eles derivam como os adjetivos indianos de temas em *-tu*, é uma opinião comum de que não precisamos, acreditamos nós, desistir. A palavra έτεός cujo digama aparece em Έτεφάνδρω (inscrição cipriota, Revue archéologique 1877 p. 4) ainda é acompanhada por έτυ-μος. Antes das consoantes encontramos *i*, *u*: sânscr. *çucítvá*, *bandhutá*, gr. ταχυτής etc. — No feminino, o gr. πλατεία é provavelmente mais primitivo que o sânscr. *prthvī*; ver no entanto *örγυια*, *Άρπυια* etc.

A flexão fraca parece ter sido usada, no singular, apenas para temas terminados em *i* e *u*. No entanto, podemos desconfiar da sua presença em palavras como sânscr. *yantúr*, *aptúr*, *vandhúr*. Um tema em líquida teria feito o nom. *yamtṛ-s*, no dat. *yamta<sub>1</sub>r-Ai* no ac. *yamtṛ-m*. Mas *yamtṛs* poderia ter dado, a rigor, em sânscrito *yantúr* e por extensão *yantúram* etc. em grego *μάρτυρ* seria para *\*μάρτυς*.

### 5.3.11 Temas plurais e duais de flexão forte.

Melhor do que qualquer outra forma, o acusativo do plural mostra como o princípio que rege a declinação dos temas [p. 208] no singular como *pitár*, *ukśán* etc., não verifica mais para outros números.

O lugar do acento para este caso é dado, como vimos (p. 39 seq.), pela desinência ariana *-as* no lugar de *-ns* que se tornaria *-ans*, *-ān*, se tivesse levado o acento. O acento primitivo foi preservado em grego (πόδας, cf. ποσι)

e, no próprio indiano, para temas sem gradação que, nos Vedas, raramente acentuam o final *-as* <sup>317</sup>.

Tendo reconhecido que o acento caía originalmente no tema, Brugmann pensou ser forçado a ir mais longe e admitir — por pura hipótese, porque o testemunho do avéstico e do europeu é aqui bastante ambíguo — que o acusativo plural era antigamente um caso forte. Na página 40, adotamos essa visão, porque ainda não entendíamos que o plural dos temas em questão deve ser julgado diferente do singular. Mas a que improbabilidades isso não conduz? Como esse enfraquecimento sistemático de todos os tipos de temas sânscritos no acusativo plural poderia ser por causa de uma reorganização secundária? Como, em particular, explicar a forma de temas em líquida, *pitṛn*? Esta forma inverte toda a hipótese: não apenas projeta desde o indo-europeu *p<sup>A</sup>tṛ<sup>-</sup>ns* (cf. gót. *fadruns*). Na suposição de Brugmann não se pode esperar em sânscrito que “*pitrás*” (no lugar de “*\*pitáras*”, “*\*pitárṇs*”). Então as duas coisas coexistiam. A sílaba predesinencial foi *enfraquecida apesar do acento*. Mas esta é a negação de qualquer flexão forte.

Por outro lado, o simples confronto de *\*pitṛ<sup>-</sup>ns*, *\*sákhi<sup>-</sup>ns*, *\*dyú<sup>-</sup>ns* com *\*mṛdú<sup>-</sup>ns* nos ensina que essas formas entram sem a menor dificuldade no cânon de declinação fraca.

A nasal da desinência *-ns* tinha o efeito de uma consoante: daí *mṛdú<sup>-</sup>ns* e *p<sup>A</sup>tṛ<sup>-</sup>ns*, não *mṛdaw<sup>-</sup>ṇs*, *p<sup>A</sup>tár<sup>-</sup>ṇs*. Não devemos, portanto, surpreender-nos ao encontrar também *bhárṇt<sup>-</sup>ṇs*, *tudṇt<sup>-</sup>ṇs*, *widús<sup>-</sup>ṇs*, *Áp<sup>-</sup>ṇs* (*bháratas*,

<sup>317</sup>Exemplos: *īśas*, *kśápas*, *gíras*, *túgas*, *díças*, *drúhas*, *dvíśas*, *dhíyas*, *dhúras*, *púras*, *pṛkśas*, *psúras*, *bhúdas*, *bhúgas*, *bhúvas*, *míhas*, *mṛdhas*, *yúdhas*, *rípas*, *vípas*, *viças*, *vṛtas*, *vriças*, *çríyas*, *stúbhas*, *spáças*, *spṛdhas*, *srágas*, *sridhas*, *srúcas*, *hrútas*. Dicionário de V Grassmann.

*tudatás, vidúšas, apás*).

Os temas em nasal devem ter sido *uksṇs* ou *uksṇnṇs*. [p. 209] Poderíamos, sem muita improbabilidade, encontrar essa última forma no véd. *ukšāṇas, vṛśāṇas*. De qualquer forma *ukšṇás* não é um tipo puro.

No nominativo, o paralelismo de *pitáras, ukšāṇas, sákhāyas, dyávas*, com *yuktáyas, mṛdávas*, salta aos olhos.

Chegamos aos casos cujo final começa com *bh* e *s*, por ex. o instrumental <sup>A</sup>*tr̥-bhis, uksṇ-bhis, saki-bhis, dyu-bhis*. Como em *yukti-bhis, mṛdu-bhis*, o enfraquecimento é causado pela consoante inicial da desinência e não pela acentuação. No entanto, vamos estudar essa acentuação ainda assim. Nem em sânscrito nem em grego a desinência tem o acento (*pitṛ́bhis, πατράσι* etc). Osthoff (Beitr. de P. et B. III 49) reconstrói *\*pitṛ́bhis, πατρασί*. Assim que a flexão fraca é admitida, esta correção é inútil<sup>318</sup>.

Mas há palavras radicais. Aqui o acento cai nas desinências *-bhis, -bhyas, -swa*: gr. *ποσσί*, sânscr. *adbhís, adbhyás, apsu*. Devemos acreditar que isso é uma imitação, pró-étnica mas histerógena, da acentuação do singular. Em todo caso, mesmo que esta suposição seja falsa, e que as desinências em questão tenham tido em todos os lugares o acento, como Osthoff pensa, o fato de que o enfraquecimento se deve apenas ao contato com a consoante desinencial não nos pareceria menos certo.

Entretanto, na presença da concordância de forma forte (*mṛdáve, pitáras*) com formas como *pitṛ́bhis* por um lado e o plural acusativo de todos

<sup>318</sup>A favor do acento *pitṛ́bhis*, podemos notar que é regra para monossílabos compostos por *root + sufixo*, como *ví-bhis, dyú-bhis, snú-bhis, stṛ́bhis*. Se *-bhis* originalmente possuía sempre o acento, certamente esperaríamos *\*cibhís, dyubhís* etc. ”.

os radicais do outro (v. acima), parece-nos que temos o direito de propor *a não atração do acento pelas desinências* como uma das características distintas da flexão fraca.

O genitivo plural sânscr. *uksṇām* (gót. *auhsne*), ter. (gr. *πατρῶν*) etc. fica ao lado de *yukty-ām*, *mṛdw-ām* (avés. *vañhvām*), cf. pág. 207.

Dual. O nom.-ac. *pitárau*, *ukšāṇau*, *sákhāyau*, *bāhāvā*, está em conformidade com as regras de declinação fraca, mais conformes até que as estranhas formas *yuhṭī* e *mṛdū*, de temas que são tão fiel a esta flexão (p. 207). Para o gen.-loc. *yukṭī* e *mṛdú* fazem em sânscrito *yuktyós*, *mṛdvós*. Seria necessário *\*yuktáyos*, *mṛdávos*, [p. 210] e similarmemente *pitáros* etc. Mas esta última forma precisamente, de acordo com as pesquisas de Grassmann, é exigida pela métrica nas 20 passagens do R̥gveda onde o texto traz *pitrós*<sup>319</sup>; *mātaros* aparece em três das quatro passagens. Nós não sabemos se há um grande número de casos análogos. Já esses parecem-nos muito significativos. Em avéstico temos gen. dual *çpeñtōχratavāo*. Em eslavo *kostiju*, *synovu*, sem qualidade para confirmar muito a nossa conjectura, não a negam. Formas como *yuktyós*, *pitrós*, ter-se-ão formado em analogia com os genitivos do plural.

A gradação dos temas *paroxítonos* no plural e dual (*bhárantas*, *bháradbhis* etc., *bháradbhyām*) deve ser antiga, já que aqui não se trata mais de uma questão de acento. Os temas em *-yas* têm a anomalia de manter seu *a*, possivelmente sob a influência do singular, do qual falamos p. 203 seq.

<sup>319</sup>Observe que o instr. sing. *pitrá*, o dat. *pitré*, não dá origem a sem tal observação. — *Pitaros* certamente tinha o acento na 2ª sílaba.



**O nome do número quatro.**

O gót. *fidvor* mostra que o  $\bar{a}$  do sânscr. *catvāras* não é  $a_2$ , mas um verdadeiro  $\bar{a}$  (=  $a + a$ ). Deve-se dividir ou  $k_2a_1twA-\acute{a}_2r-a_1s$ , ou:  $ka_1tw\acute{a}_2Ar-a_1s$ . A primeira hipótese é a mais natural, pois onde encontramos temas em  $-aAr$ ? Em ambos os casos, as formas fracas como o instrumental deviam fazer  $*k_2a_1twAr-$ , daí o gr.  $*\tau\epsilon\tau\phi\acute{\alpha}\rho-$ . o esl. *četyr-ije*, o gót. *fidūr-dogs* assume outra forma fraca  $k_2a_1tw^Ar-$ ,  $k_2a_1tūr-$  que concorda perfeitamente com os dados do gótico *fidvor*. Em sânscrito, esperaríamos  $*\acute{c}atūr-$  e não *catūr-*. É notável porém que o acusativo faça *catúras*, não “*catv̄r̄n*”.

**nominativo-acusativo sing. de neutro.**

Todos os temas que terminam com  $a_1$  + *soante* tomam pelo menos no nom.-ac. sing. neutro sua forma reduzida, seja qual for a sua flexão. Para temas nasais<sup>320</sup> v. pág. 26 seq. Os temas em líquida têm *r* em sânscrito: *dātṛ*<sup>321</sup>; ver gr.  $\nu\acute{\epsilon}\kappa\tau\alpha\rho$  [p. 211] (tema  $*\nu\epsilon\kappa\tau\epsilon\rho-$ ). Então nós temos *çući*, *mṛdú*, e temas de flexão forte como *dyu*, *su-dyu*.

É impossível que esse fenômeno dependa da acentuação: ela varia de fato, e além disso as expulsões do *a* só são provocadas pelo acento quando ele vem *depois* da sílaba inicial.

O enfraquecimento é, portanto, devido a uma causa puramente *dinâmica* ou a uma influência semelhante àquela que cria a flexão fraca, o conflito com fonemas resistentes. Preferimos a última explicação.

Supondo ser o tema nu ser a forma primária do nom.-ac. neutro, ele

<sup>320</sup>Formas gregas como  $\tau\acute{\epsilon}\rho\epsilon\nu$ ,  $\epsilon\ddot{\upsilon}\delta\alpha\iota\mu\omega\nu$  etc. são heterogênicos.

<sup>321</sup>Existe um *sthātūr* neutro (o oposto de *gagat*) que não consigo explicar não a sílaba final.

originalmente se confundiu com o vocativo do masculino. Então *mṛda<sub>1</sub>u*, desempenhou duas funções. Mas, enquanto o vocativo, como uma interjeição, foi colocado fora da frase, o nom.-ac. neutro sofreu um atrito que teve o efeito de uma desinência começando com uma consoante. Ele rejeitou seu *a<sub>1</sub>*.

Parece certo que o mesmo fenômeno ocorreu na partícula *nu*, no lugar \**na<sub>1</sub>u* preservado em *ná<sub>1</sub>w-a*<sup>(56)</sup> (p. 82).

Diversos neutros, como *kard* (p. 224), e neutros em *-as*, *-yas*, *-was* (*má-nas*, *vásyas*, *εἰδός*) não sofrem essa redução. Citemos como exceção dentro da regra precedendo o sânscr. *áyus* ao lado do grego (masc.) αἴψοσ- que deu o ac. αἰῶ; mas *yós* = lat. *jus*.

A forma *sthá*, neutro védico de *sthá-s*, deve ser contada entre as anomalias.

## 2. Aparecimento do fonema *a<sub>2</sub>*.

Estudaremos primeiro a distribuição de *a<sub>1</sub>* e *a<sub>2</sub>* nos sufixos como *-an*, *-ar*, *-tar*, *-was* etc., que podem expulsar o *a* assim que for solicitado a cair, e que não apresentam outro *a* diferente do *a* legítimo de casos fortes.

Deve-se notar primeiro que o mesmo sufixo pode tomar ou não o *a<sub>2</sub>*. O suf. *-tar* de nomes de agentes toma *a<sub>2</sub>*; o suf. *-tar* dos nomes de parentesco mantém *a<sub>1</sub>* em todos os lugares. Apenas o primeiro caso nos interessa aqui; a história do segundo caso está toda no capítulo da expulsão do *a*.

As formas em que notamos pela primeira vez que um sufixo leva *a<sub>2</sub>* são

<sup>(56)</sup>Em sânscrito, por exemplo, a relação entre *nū* 'agora' (cf. o gr. *nūn*) e *náva-* 'novo' (cf. o gr. *né(w)os*) ainda é clara, e o autor busca explicar o "grau enfraquecido" desse advérbio.

o ac. singular e o nominativo plural e dual. [p. 212] Quando uma dessas formas apresenta o fonema  $a_2$ , é certo que também existe nos outros dois<sup>322</sup>.

Resta saber, e esta é a questão que examinaremos, se o aparecimento de  $a_2$  nas formas mencionadas também leva à sua presença nos outros três casos fortes, o nominativo, o locativo e o vocativo singular.

1. Nominativo. Em relação à *quantidade* do *a*, v. abaixo pág. 213. Consideremos primeiro a sua qualidade. Brugmann estabeleceu que o sânscr. *dātāram* é traduzido em grego por δώτορα, não por δωτήρα. Depois disso, não há razão para acreditar que o equivalente grego de sânscr. *dātā* seja δωτήρ em vez de δώτωρ. O lat. *dator* até nos parece decidir a pergunta. Embora Brugmann não diga nada explícito sobre isso, este estudioso está longe de questionar a primordialidade de *dator*, dado que ele a usa para explicar a longa do ac. *datōrem* (primit. *\*datōrem*). Sendo assim, a flexão de δωτήρ agora aparece apenas como uma variedade da flexão de γαστήρ e πατήρ, variedade onde se comunica o η do nominativo a vários outros casos<sup>323</sup>. Devemos admitir uma classe de substantivos de agente sem  $a_2$  que em sânscrito só existe em *śámstar* (ac. *śámstāram*). — Nos temas em nasal encontramos, ao lado do gr. χι-ών, o lat. *hi-em-s*. Não seria o indício de uma flexão que, traduzida em grego, daria no nom. “χιήν”, no ac. χιόννα? É improvável. Quem sabe se o *e* de *hiems* não venha de uma assimilação semelhante à o que observamos em *bene* de *bonus*? ela poderia produzir, por exemplo,

<sup>322</sup>O plural indiano *dyāvas* próximo a Ζήν = \*Ζευν certamente deve é longo  $\bar{a}$  perto de *dyaus* e *dyām* (sobre o qual ver p. 197) ou a analogia de *gāvas*.

<sup>323</sup>O antigo acusativo em *-τερα* deixou um traço no feminino em *-τειρα*. Estes de fato só poderiam ser criados neste modelo, o tipo *-τρια* sendo o único que responde a sânscr. *-trī*.

no ac. \**hiomem*, no plur. \**hiomes*. Esta é também a razão para o *e* de *juvenis*, cf. sânscr. *yúvānam*. Ao lado de *flamen*, *flamōnium*<sup>324</sup> poderia fazer concluir no ac. \**flamōnem*, \**flamōnem*; mas esta forma é suficientemente explicada pela analogia de *matrimonium* etc.<sup>325</sup> — Para os temas em *-was*, Brugmann admite, com motivo, [p. 213] que o gr. εἰδώς (ac. antigo \*εἰδόσα) é o continuador direto da forma primitiva.

Assim, nada pode fazer admitir que a cor da vogal do nominativo nunca diferiu da do acusativo.

Quanto à *quantidade* da *a* do nominativo, prevalece hoje a opinião de que para temas em líquida, nasal e sibilante, ela era longa no período pré-étnico. O sistema vocálico é, portanto, acrescido de dois fonemas: o  $\bar{a}_1$  e o  $\bar{a}_2$  longos, fonemas bastante esporádicos e restritos, tanto que podemos julgar, por esta forma de flexão, os outros  $\bar{a}$  longos como sendo combinações de dois *a* breves.

A questão de saber se, após a sílaba com vogal longa, vem ainda *s* do nominativo tem sido muito debatida. Primeiro, Scherer havia posto isso em dúvida, e viu no alongamento uma maneira especial de marcar o nominativo. Por sua vez, aqueles que admitem o *s* e que atribuem o alongamento ao efeito mecânico da sibilante discordam sobre quando ela teve que desaparecer.<sup>(57)</sup>

Com relação a este último ponto, nós nos permitiremos apenas chamar a aten-

<sup>324</sup>Usener, *Fleckeisen's Jahrb.* 1878 p. 51.

<sup>325</sup>Nada é mais incerto do que as etimologias que derivam do lat. *mulier* e gr. ὑγής dos temas do comparativo em *-ya<sub>2</sub>s*.

<sup>(57)</sup>Sobre isso veja-se a lei de Szemerényi (TRASK 2004, p. 64), que descreve como temas terminando em vogal seguida de líquida ou laringal, ao receber o \*-s do nominativo singular, perdem essa desinência, com alongamento compensatório da vogal: \**ph<sub>2</sub>tér-s* → \**ph<sub>2</sub>tér*, onde nosso autor reconstrói *A* no lugar de *h<sub>2</sub>*.

ção para o paralelo *sákhā(i)* — Λητώ posto na página 200, e que nos faz, com os demais argumentos bem conhecidos, admitir *a ausência de sibilante depois de ān, ām, ār e āi no indo-europeu tardio*.

Adotamos a teoria onde o alongamento vem de uma causa (desconhecida) além da ação do *s*, sem no entanto acreditar que as duas características tenham sempre sido mutuamente exclusivas. Como nós conceberíamos sânscr. *vés*, lat. *vates*, gr. Ζεύς (junto do avéstico *kava*, sânscr. *sákhā*, cf. pág. 198), se o *s* determinou alongamento? Também há casos em que a vogal longa é encontrada diante de uma explosiva. Então o nom. sânscrito de *pa<sub>2</sub>d* “pé” é *pad*, por ex. em *a-pád*. Se esta forma for antiga, assume uma *ā* longa pró-étnica. Mas sem dúvida podemos alegar a analogia de formas como *pádām* (= πόδα). Citamos logo o germ. *fōt-*<sup>326</sup> incluindo o *ō*, se não admitirmos em algum lugar um *ā* longo na flexão primitiva da palavra, a forma é pura e simplesmente inexplicável. Agora, onde poderia existir o *ā* longo se este está no nominativo singular? O dór. πώς confirma o que precede; -πος em τρίπος etc., é reformado em casos oblíquos, cf. Πόλυ-βος por βούς. Quanto a πούς, é uma forma obscura, de qualquer maneira, e que não consideramos como a base de πώς. — Se admitirmos que o *ā* do sânscr. *nápātām* seja *a<sub>2</sub>* (p. 227), o *ā* do nom. *nápāt* = avés. *napāo* (no lugar de *\*napā[t]s*), como o *ō* do lat. *nepot-*, também provam o alongamento. — O lat. *vōx* [p. 214] permite a mesma conclusão: cf. gr. ὄψ e *vōcare*, aparentemente o denominativo de *\*vōc-*. — Finalmente todas as palavras como lat. *fūr*, gr. φώρ, κλώψ, ῥώψ, σκώψ, παρα-βλώψ que vêm de raízes contendo *e*, só podem ser explicadas usando o alongamento do nominativo. Mais tarde a longa penetrou em todas as flexões e até mesmo em denominativos

<sup>326</sup>O norr. *fōt-* ainda é consonantal. O gót. *fōtu-* originado de *fot-* como *tunþu-* de *tunþ-*. A língua foi induzida ao erro pelo dat. pl. *fotum* e o ac. sing. *fotu*, que veio do radical consonantal.

como *fūrari*, ψωράω, κλωπάω, que se espalharam por sua vez (cf. βρωμάω, δρωμάω, δωμάω, νωμάω, πωτάομαι, τρωπάω, τρωχάω, στρωφάω). — Ao lado de de οἶνοψ encontramos οἰνώψ, ao lado de ἔποψ ἔπωπα (Hes.). Essa variação na quantidade parece remontar à mesma fonte.

2. Locativo. Aqui a permutação é manifesta.

Em sânscrito temos *dātāram* e *dātāri*, *uksāṇam* e *uksāṇi*, *kṣāmi* e *kṣāmas* (= gr. χθόνες). A mesma mudança é traduzida em gótico por *auhsin* = *uksāṇi* (p. 197) ao lado de *auhsan* e *auhsans* = *uksāṇam*, *uksāṇas*. J. Schmidt comparou este paradigma germânico ao lat. *homo hominis hominem* (lat. antigo), paralelo que tem-se confirmado cada vez mais no que diz respeito ao nominativo e acusativo. Em casos oblíquos é difícil admitir que o *i* (= *e*) de *homin-* corresponde ao *i* (= *e*) de *auhsin*. A vogal latina parece ser puramente anaptíctica, *hominis* sendo reduzido a *\*homnis* (cf. p. 47 no fim, e o úmbrio *nomne* etc.). Em grego αἰφεῖ talvez pertença ao tema αἰφοσ- (ac. αἰώ) em vez de *\*αἰφο* = lat. *aevum*.

3. Vocativo. Brugmann Stud. IX 370 propõe *dāta<sub>1</sub>r* como protótipo do sânscr. *dātar*. Mas esta forma pode muito bem sair de *dāta<sub>2</sub>r*, e uma vez que em grego o nom. δωτήρ é separado de δώτορα (p. 212), o voc. σῶτερ que Brugmann argumenta não ter mais nada em comum com as palavras em -τωρ. Brugmann mesmo admitiu mais tarde (K. Z. XXIV 92) que a qualidade do *a* não é determinável — δῶτορ pode ser histerógeno para *\*δῶτερ* — e, portanto, ele escreve para temas em *-was*: *wídwa<sub>2</sub>s* ou *wídwa<sub>1</sub>s*. A incerteza é a mesma seja para os temas em nasal seja para os temas em *i* e *u* de flexão forte (*sákhe*, Λητοῖ, p. 200). Falaremos mais tarde (p. 216) da circunstância que inclina as probabilidades para *a<sub>1</sub>*. Não é menos verdadeiro que o aparecimento de *a<sub>1</sub>* nos temas de que estamos falando só é demonstrável para uma única forma, o locativo.

Para a permutação  $a_2 : a_1$  em sílabas predesinenciais que mantêm o *a* apenas em casos fortes. Mas compreende-se [p. 215] que aquelas de sílabas onde a queda do *a* é impossível ainda apresentam uma permutação de um caráter totalmente diferente, a permutação *forçada*, se se pode chamá-la assim. A declinação do nome da aurora em um grego muito primitivo seria (cf. Brugmann K. Z. XXIV 21 seq.): nom. \* $\alpha\upsilon\sigma\acute{\omega}\varsigma$  (sânscri. *uṣās*), ac. \* $\alpha\upsilon\sigma\acute{o}\sigma\alpha$  (sânscri. *uśāsam*), voc. \* $\alpha\upsilon\sigma\omicron\varsigma$  ou \* $\alpha\upsilon\sigma\epsilon\varsigma$  (sânscri. *úṣas*), loc. \* $\alpha\upsilon\sigma\acute{\epsilon}\sigma\iota$  (sânscri. *uśāsi*); gen. \* $\alpha\upsilon\sigma\epsilon\sigma\acute{o}\varsigma$  (sânscri. *uśāsas* no lugar de \**uśasás*), cf. pág. 201 seq. Neste paradigma o aparecimento do *e* no locativo — e no vocativo se \* $\alpha\upsilon\sigma\epsilon\varsigma$  for verdadeiro — resulta da permutação *livre* estudada acima. Pelo contrário, o *e* de \* $\alpha\upsilon\sigma\epsilon\sigma\acute{o}\varsigma$  = sânscri. *uśāsas* existe absolutamente apenas porque uma causa externa impede a expulsão do sufixo *a* e, neste caso, vimos que é sempre  $a_1$  que aparece (p. 134).

Em temas radicais, a permutação forçada é frequente. Então o  $a_1$  de Lat. *pedis*, gr.  $\pi\epsilon\delta\acute{o}\varsigma$ , sânscri. *pādás* ao lado de *compodem*,  $\pi\acute{o}\delta\alpha$ , *pádam* (Brugmann Stud. IX 369) é bastante comparável ao  $a_1$  de \* $\alpha\upsilon\sigma\epsilon\sigma\acute{o}\varsigma$ . O locativo em em contrapartida foi definitivamente *pádi*, com permutação *livre*.

Agora consideremos a permutação  $a_2 : a$ , em temas onde *todos os casos são fortes*, ou seja, os paroxítonos (p. 204). Os comparativos em *-yas*, que têm  $a_2$  no nominativo (lat. *suavior*) e acusativo (sânscri. *váśyāmsam* refletindo um antigo \**váśyāsam*, gr.  $\eta\delta\acute{\iota}\omega$  = \* $\eta\delta\acute{\iota}\omicron\alpha$ ), apresentam um *a* breve, ou  $a_1$  nos casos oblíquos do sânscrito: *váśyase*, *váśyajas*, *váśyajā*. É óbvio que aqui não pode ser uma questão de permutação forçada, e assim aprendemos que o genitivo, o dativo e o instrumental, quando o acento permite que

sejam fortes, têm o vocalismo do locativo<sup>327</sup>.

Isso ajuda a entender a flexão de paroxítonos neutros em *-as*, que têm  $a_2$  no nominativo-acusativo,  $a_1$  nos demais casos (Brugmann l. v. 16 seq.). Se convertêssemos o neutro em masculino,  $mána_2s$ , dat.  $mána_1sai$ , obteríamos no nom.  $mánā_2s$ , em ac. [p. 216]  $mána_2sm$ , no dat.  $mána_1sai$ , ou seja, a mesma flexão dos comparativos. O dativo estaria, portanto, completamente explicado. O  $a_2$  do nom.-ac. justifica-se diretamente pelo fato que o neutro de  $wásyā_2s$  é  $wásyā_2s$  (lat. *suavius*), e o neutro de  $widwā_2s$ ,  $widwā_2s$  (gr. εἰδός). Esses três tipos são exceções à regra que prevê a expulsão do *a* no nom.-ac. neutro (pág. 211).

No plural e no dual (flexão fraca) os temas, oxítonas e paroxítonas, que não podem rejeitar o *a* antes de consoantes iniciais das desinências levaram, de acordo com a regra,  $a_1$ : as formas gregas μένεσ-σι, ὄρεσ-φι também testemunham isso, assim como os acusativos índicos  $pādás$ ,  $uṣāsas$  (=  $padṅs$ ,  $uṣaṅs$ ), cf.  $pādás$ ,  $uṣāsas$ .

Antecipando o que é dito abaixo sobre o vocativo, o resultado do estudo anterior pode ser formulado da seguinte forma: *Na flexão nominal as sílabas predesinenciais onde  $a_1$  é seguido de um fonema e que admite modificação para  $a_2$ , ainda apresenta esta modificação: 1° no nominativo dos três números, 2° no acusativo do singular, 3° no nom.-ac. sing. do neutro quando retém o *a*. Em qualquer outro lugar o *a*, se não for expulso, só pode ter o valor  $a_1$ .*

<sup>327</sup>A conjectura de Brugmann (l. c. 98 seq.) começa do ponto de vista de que a presença de *a* nos casos fracos de substantivos em *-yas* é irregular, algo com que não podemos concordar (p. 203 seq.). — O que precede mostra que  $padás$ ,  $*uṣásás$  teria  $a_1$  mesmo que a permutação não fosse forçada. No entanto, acreditávamos que era mais justo apresentar o assunto do modo que acabamos de ler.



A mudança dos dois *a* em temas terminando com *a* é tratada acima p. 90 seq. Nos casos em que, para os temas como *uksán*, são os casos fortes onde observamos um paralelismo marcante entre as duas classes de sufixos:

Sing.	nom.	<i>uks-á<sub>2</sub>n</i>	Cf.	<i>yuk-tá<sub>2</sub>-s</i>
	ac.	<i>uks-á<sub>2</sub>n-m</i>		<i>yuk-tá<sub>2</sub>-m</i>
	loc.	<i>uks-á<sub>1</sub>n-i</i>		<i>yuk-tá<sub>1</sub>-i</i>
Plur.	nom	<i>uks-á<sub>2</sub>n-a<sub>1</sub>s</i>		<i>yuk-tá<sub>2</sub>-a<sub>1</sub>s</i>

Resta o vocativo singular. Vimos que a vogal deste caso não se pode determinar diretamente para os temas como *uksan* (pág. 214). Apenas Brugmann tira do voc. *yúkta<sub>1</sub>* a conjectura em favor da hipótese *dá<sub>1</sub>r* (*úksa<sub>1</sub>n*), e nós adotamos sua opinião, mas não pelas razões que ele apresenta e sobre o qual falaremos em breve, mas apenas porque o locativo atesta a simetria dos dois paradigmas.

Brugmann está convencido de que a troca de *a<sub>1</sub>* e *a<sub>2</sub>* é explicada pela acentuação, e em particular que o *a<sub>1</sub>* do voc. *yúkta<sub>1</sub>*, que ele considera um enfraquecimento, é devido ao recuo do acento [p. 217] neste caso. No entanto, o locativo que não tenha esta particularidade de acento mostra exatamente o mesmo vocalismo. Então onde se prova que o acento em questão tem alguma influência sobre o *a<sub>2</sub>*? Existem tantos *a<sub>2</sub>* após o acento quanto acentuados, e além disso, os dois *a* são colocados cem vezes na mesma condição de acento, mostrando assim que são independentes desse fator, até onde sabemos. Isso é o que aparece claramente, quando examinamos, por exemplo, a lista de sufixos fornecida abaixo, podendo o mesmo sufixo com a mesma acentuação tomar *a<sub>2</sub>* em algumas palavras e manter *a<sub>1</sub>* em outras.

— Então como dissemos na pág. 133 seq., consideramos  $a_1$  como uma vogal primitiva e não enfraquecida, e  $a_2$  como uma modificação desta vogal. Por mais que seja verdade que encontramos em toda parte os três termos  $a_2$ ,  $a_1$ , *a-zero*, tanto quanto, em nossa opinião, seria errado acreditar que eles formam uma *gradação* de três degraus e que  $a_1$  é um passo entre  $a_2$  e *zero*.

Brugmann diz (Stud. IX 371): “Qualquer dúvida que possa surgir em relação ao direito que temos de manter o *e* do vocativo como um *enfraquecimento* são levados por temas em  $-\bar{a}$ ”, e depois cita o vocativo  $\nu\acute{\mu}\phi\check{\alpha}$ , *ženo*, *ambă*. Este é o paralelismo incompreensível dos temas em  $-\bar{a}$  com os temas em  $-a_1$  ( $a_2$ ) que ainda se verifica no locativo e de que já falamos na p. 93. Não podemos nos apegar muito a isso, até que o enigma seja resolvido.

Vimos como, dado que um tema leva  $a_2$ , este fonema irá alternar com  $a_1$  nos diferentes casos da declinação. Resta estabelecer, ou melhor, registrar, porque não se vê nenhuma lei nesta distribuição, quais são esses temas, que são, ao contrário, aqueles que mantêm  $a_1$  em todos os lugares.

Para abreviar escrevemos, por exemplo, *sufixo*  $-a_2n$ , o que significa: variedade do sufixo  $-a_1n$  que admite  $a_2$ .

I. A sílaba predesinencial leva  $a_2$ :

**Temas radicais.** Os mais importantes são  $pa_2d$  “pé”: sânscr. *pádam*, gr.  $\pi\acute{o}\delta\alpha$  (Brugmann Stud. IX 368);  $wa_2k$  “voz”: sânscr. *vácam* (cf. p. 203), gr.  $\nu\acute{o}\rho\alpha$ . No lat. *vōcem* v. pág. 214. em grego  $\chi\acute{o}\upsilon\varsigma$  (gen.  $\chi\acute{o}\acute{o}\varsigma$ ),  $\delta\acute{o}\rho\acute{\xi}$ ,  $\phi\lambda\acute{o}\acute{\xi}$  (esta palavra é histerógena, a raiz [p. 218] sendo  $\phi\lambda\eta\gamma$ , v. pág. 173 i. n.),  $\pi\tau\acute{\omega}\acute{\xi}$ ,  $\theta\acute{\omega}\psi$ . Pode-se duvidar se o  $\bar{a}$  do sânscr. *āp* “água” representa  $a_1A$  ou  $a_2$ . De-

cidimos pelo primeiro por 3 razões: 1º se o *ā* de *áp-am* fosse *a*<sub>2</sub> deveríamos, rigorosamente, ter no dativo *p-é*, 2º o parentesco com o gr. ἄπι- (p. 56) é provável, 3º em compostos como *dvīpá*, *anūpá*, o *a* inicial de *ap* mesclado com *i* e *u* acima, o que *a*<sub>1</sub> não teria feito. — Na composição temos por ex. gr. Βελλεροφῶν, Ἴο-φῶν, cujo acusativo deve ter feito -φονα primitivamente. Parte dos compostos indianos de *vah*, *sah* etc. tem no ac. -*vāh-am*, -*sāh-am*. A forma fraca existe por ex. em *anaḍ-vāh-am* que faz *anaḍ-uh-* (p. 202; sobre o nominativo v. pág. 43 i. n.). Para *sāh-* (= *sa*<sub>2</sub>*h*) a forma fraca deve ter sido \**sāh-*, o grupo *sg**h* não sendo admissível. Agora, no Ṛgveda, quase nunca encontramos casos fortes, exceto para *anaḍvah*. A alternância de -*vāh-* e -*uh-*, de -*sāh-* e -*sah-* foi, portanto, perdida, sem que se ousasse, no entanto, transportar para os casos fracos a forma vocálica longa. Existem apenas um ou dois exemplos, como *satrā-sāh-e*. — Nominativos têm o *ā* longo (*havya-vāṭ* etc). Como a sílaba é fechada, a longa é devido ou a uma extensão analógica ou extensão do nominativo (p. 213).

#### Sufixos.

1. -*a*<sub>2</sub>*n*. Este sufixo abunda em todas as línguas da família.
2. -*a*<sub>2</sub>*m*. Nós encontramos o suf. -*a*<sub>2</sub>*m* em *ghi-ám*, gr. χί-ών (avés. *zyāo*, lat. *hiems*, cf. pág. 197) e *ghs-ám*: gr. χθ-ών, sânscr. nom. pl. *kṣām-as*. Brugmann Stud. IX 308.
3. -*a*<sub>2</sub>*r*. Sânscrito *dv-ār-as*<sup>328</sup> (nom. pl.). A forma forte reaparece no esl.

<sup>328</sup>A aspirada *dh* sobreviveu, pensamos, nesta palavra até o dia onde nasceu a forma *dhúr* “lança, eixo de apoio” vindo de *dhṛ*. A ambiguidade que se estabeleceu entre *dhúr* e os

*dvorŭ*, no lit. *dváras*, no lat. *fores*. Brugmann l. c. 395. — Podemos colocar aqui *swasa<sub>2</sub>r*, sânscr. ac. *svásāram*, lat. *soror*, lit. *sesuó*, iri. *siur* (cf. *athir*), gr. ἑορ-εῖς<sup>329</sup>. [p. 219]

4. *-ma<sub>2</sub>n*. Sufixo conhecido em grego, em latim, germânico e ariano. Seria interessante saber por qual motivo, em grego, o antigo acusativo em *-μονα* e o acusativo histerógeno em *-μῶνα* são distribuídos exatamente entre paroxítonas e oxítonas.
5. *-wa<sub>2</sub>n*. Este sufixo, frequente em sânscrito, encontra-se com mais ou menos certeza no gr. *πίων*, *πέπων*, *ἀμφικτίονες* e *ἰθυπτίων* embora não possamos ser capazes de identificar pura e simplesmente *-πτίων* com o sânscr. *patvan* assim como o Fick.
6. *-ta<sub>2</sub>r*. Nomes de agentes.
7. *-a<sub>2</sub>s*. sânscr. nom. pl. *uśás-as*, avés. *ushāoñh-em*, gr. *ἠώς*, lat. *aurora*; gr. *αἰδώς*. — Depois todos neutros em *-as*. Consulte a pág. 215 seq.
8. *-ma<sub>2</sub>s*, parece existir no indiano *púmas*, o ac. *púmāmsam* no lugar de *\*pumásam*. Cf. pág. 43 i. n. 203 i. n. 201.
9. *-ya<sub>2</sub>s*, sufixo do comparativo. Brugmann K. Z. XXIV 54 seq. e 98.
10. *-wa<sub>2</sub>s*, suf. do particípio passado. Brugmann l. c. 69 seq.

casos fracos de *\*dhvar* (como *dhurám*) levou a diferenciar essas formas.

<sup>329</sup>Leo Meyer viu em ἑορ o representante grego de *swa<sub>2</sub>sar*, opinião a que ninguém aderiu. Por outro lado, não há dificuldade fônica para se identificar com o sânscr. *svásāras* ἑορες προσήκοντες, συγγενεῖς; ver ἑορ θυγάτηρ, ἀνεψιός (provavelmente um vocativo),

A esta primeira série pertencem, como vimos, os sufixos terminados em *a* (*-a*, *-ta*, *-ma* etc.), que todos eles levam  $a_2$ .

II. A sílaba predesinencial não admite  $a_2$ :

**Temas radicais.** κτείς κτενός (originalmente o gen. deveria ser \*κτηνός, κτανός), νέκες· νεκροί, κτέρες (id.), lat. *próximo* etc. Em compostos: sânscr. *vr̥tra-hān(-am)*, *ṛtī-ṣāh(-am)* ao lado de *ṛtī-ṣāh(am)*.

Quando um tema radical acontece ao mesmo tempo, de não tomar  $a_2$  e também ser incapaz de rejeitar o *a* — ex. : sânscr. *spás*, *spásam*, *spásé*, gr. ἐπί-τεξ — é naturalmente impossível dizer com certeza se não pertence ao tipo *dv̥is* (p. 202).

Sufixos.

1.  $-a_2$ . Vários temas sânscritos como *vṛṣan*, ac. *vṛṣāṇam*. em grego temos ἄρσεν- (possivelmente idêntico a *vṛṣan*), τέρεν-, ἀρχέν-, φρέν-. Às vezes essas palavras generalizam o η do nominativo, assim λειχὴν -ἦνος πευθὴν, -ἦνος. O sufixo  $-a_1n$  sem  $a_2$  falta ao germânico.
2.  $-a_2r$ . sânscrito *n-âr*, ac. *nāram* = gr. ἀνέρα. Cf. o sabino *nero*. [p. 220]  
Além de αἰθ-έρ-, ἄψ-έρ-, σπινθ-έρ-, σφοδρῶς Hes..
3.  $-ma_1n$ . Gr. ποιμέν-, πυθμέν-, λιμέν- etc. O leto-eslavo (*kamen-*, *akmen-*) perdeu  $-ma_2n$  e não conhece mais que  $-ma_2$ . É o inverso que aconteceu para o germânico ou para sânscrito<sup>33º</sup>.

εὐρέσφι γυναιξίν. Um grande número de outras formas semelhantes, embora bastante heterogêneas, foi coletado por Ahrens *Philologus* XXVII 264. O desvio de sentido não foi maior do que para φράτηρ.

<sup>33º</sup>A quantidade do *a* varia em avéstico, como em tantos outros casos. Não saberíamos

4. *-ta*. Nomes de parentesco<sup>331</sup> e nomes de agente (v. p. 212).
5. *-wa<sub>1</sub>r*. É o sufixo que é necessário admitir em *devár*, ac. *devǎram*. Na verdade o gr. δαέρ- mostra *A* na raiz; ou este não pode ser *dAiw* (v. p. 182). Sobre esta palavra cf. Brugmann Stud. IX 391.
6. *-a<sub>1</sub>s*. Vimos pág. 201 sânscr. *bhiy-ās(-am)*. Os radicais em *-a<sub>2</sub>s* formando o segundo membro de um composto renunciam o *a<sub>2</sub>*: sânscr. *su-mánās-am*, gr. εὐ-μενής, ἀν-αιδής, lat. *degener*. os adjetivos como gr. ψευδής, sânscr. *tavás* se comportam de forma semelhante.

O sânscrito não tem nada equivalente à regra grega que estabelece que πατέρ-, ἀνέρ-, γαστέρ- etc., dêem em composição εὐ-πάτορ-, ἀν-ήγορ-, κοιλο-γάστορ-, fenômeno que é o oposto do que acabamos de ver para temas em *-as*. A regra dos neutros em *-μα*, análoga em aparência, talvez tenha um significado bem diferente. É óbvio em primeiro lugar que πῆμα só poderia produzir ἄ-πημον- numa época em que o *n* da primeira palavra ainda existia, se não no nominativo-acusativo, pelo menos nos casos oblíquos<sup>332</sup>. Mas a associação dessas duas formas pode até ser bastante primitiva. Se admitirmos que os neutros em questão são temas em *-ma<sub>2</sub>n*, não em *-ma<sub>1</sub>n* — pergunta que dificilmente pode ser resolvida —, *-πημον-* representa para nós o masculino próprio de πῆμα. O sânscrito apoia esta hipótese: *dvi-gánmān-am* :

---

dar muita importância a isso. Em sânscrito *aryamán* faz *aryamānam*, mas é um composto da raiz *man*.

<sup>331</sup>Sobre a anomalia desses substantivos em gótico onde eles apresentam *a* no sufixo (*fa-dar* etc.), uma anomalia não compartilhada por outros dialetos germânicos, v. Paul Beitr. IV 418 seg.

<sup>332</sup>Depois que o *n* sumiu, compostos foram formados como ἄστομος em vez de \*ἀστόμων.

*gánma* = ἄ-πήμων-α: πήμα<sup>333</sup>. [p. 221]

Desnecessário apontar a contundente confirmação da teoria do fonema *a*<sub>2</sub> que Brugmann foi capaz de extrair desses diferentes sufixos. Entre os temas indianos em *-ar*, aquelas que alongam os *ā* são 1<sup>o</sup> nomes de agente, 2<sup>o</sup> as palavras *dvár* e *svásar*: em greco-italico os temas em *-ar* que levam *o* são: 1<sup>o</sup> nomes de agentes, 2<sup>o</sup> temas correspondentes a *dvár* e *svasar*. O ariano oferece *ušásam* ao lado de *sumánāsam*: nós encontramos em greco-italico *ausos-* e *εὐμενέσ-*, *degener-*.

---

Abster-nos-emos de qualquer hipótese relativa ao feminino em *-ā*, a natureza de seu sufixo e sua flexão<sup>334</sup>.

Finalmente, consideramos dois tipos de declinação onde, contra a regra comum, os fenômenos de flexão se cruzam com os da formação de palavras.

### 5.3.12 1. Declinação de alguns temas em *u*.

Em sânscrito *jñu* (que só existe em composição) e o neutro *dru* estão obviamente com *jānu* e *dāru* na mesma relação que *snu* com *sānu*. O *ā* das formas fortes é *a*<sub>2</sub>, v. pág. 86. De fato, encontramos formas fracas em grego γνύξ, πρό-χνυ, ἰγνύς, δρυ-; em gótico *knussjan*, *kn-iv-a-*, *tr-iv-a-*.

Agora, a regra da gramática hindu em relação a *snu* é que esta forma

---

<sup>333</sup>A relação de κέρας e χρυσό-κερωσ obviamente não tem nada em comum com a de πήμα e ἀπήμων, -κερωσ sendo uma simples contração de -κεραος. Ao contrário, a relação de πείραρ (-ατός) e ἄ-πείρων seria interessante estudar.

<sup>334</sup>Veja p. 93, 217.

substitui *sánu* — que também pode ser declinada por completo — nos casos oblíquos dos três números (mais o ac. plural). Benfey Vollst. Gramm. pág. 315.

A declinação primitiva, de acordo com este indício, poderia ter sido: nom.-ac. *dá<sub>2</sub>r-u*, dat. *dr-á<sub>1</sub>w-Ai* etc. Não é muito mais que uma possibilidade, mas, supondo que o fato fosse confirmado, introduziria na flexão indo-europeia um paradigma tão extraordinário que é necessário examinar o caso e ver se é explicável.

Dada a declinação *dá<sub>2</sub>r-u*, *dr-á<sub>1</sub>w-Ai*, não poderíamos plausivelmente supor dois temas *de base diferente*, hipótese que resolveria a questão da maneira mais [p. 222] simples, mas não explicaria a alternância fixa das duas formas.

Trata-se de encontrar uma maneira de reunir *da<sub>2</sub>ru-* e *dra<sub>1</sub>u-* em um único tipo primitivo sem recorrer a modificações que não sejam resultantes da flexão da palavra. A partir de um tema paroxítono *dára<sub>1</sub>u* isso é impossível: o acento que cai na raiz não passa nunca para o sufixo (p. 204). Suponhamos, ao contrário, um tema original *\*dar-á<sub>1</sub>u* : *dr-á<sub>1</sub>w-Ai* no lugar de *\*dar-á<sub>1</sub>w-Ai* (ver p. 236). No nom.-ac. *dá<sub>2</sub>r-u* constatamos que o acento recuou para a raiz, onde protegeu o *a*. Toda a questão é saber se podemos explicar esse movimento retrógrado de acento. Parece-nos que sim. Pela regra vimos na pág. 210, o nom.-ac. neutro *\*dar-áu* deve fazer: *\*dar-ú*. Mas o *i* e o *u* no final de uma palavra rejeitam carregar o acento (v. p. 190). O acento foi, portanto, forçado a cair na sílaba radical.



Se aceitarmos a declinação indo-europeia *dá<sub>2</sub>ru drá<sub>1</sub>wai* e a explicação de *dá<sub>2</sub>ru* acima, segue uma retificação afetando a forma neutra primitiva de um adjetivo como *mṛdú-s* que deve ter sido *mṛádu*. Esta forma foi muito exposta aos efeitos de analogia para poder resistir.

Na mesma hipótese proporemos para a declinação do neutro. *pa<sub>1</sub>k<sub>1</sub>u* (*pecus*): nom.-ac. *pá<sub>1</sub>k<sub>1</sub>-u*, dat. *pa<sub>1</sub>k<sub>1</sub>-w-ái*. Nós propomos *pakwái* e não *pa-káwai*, porque existem pistas de que esta palavra seguiu a declinação forte. Ao lado do adj. sânscr. *dráv-ya* temos *paśv-yà*, e o genitivo védico do masc. *paśú-s* é invariavelmente *paśvás* (cf. *drós*, *snós*). Além disso, flexão forte não muda o foco da questão. Aqui estão as razões que poderiam fazer admitir a mesma variação de acento como para os três neutros anteriores. O ac. neutro sânscr. *paśu* aparece duas vezes nos textos (v. Böhtlingk-Roth): a primeira vez é paroxítona, de acordo com o gót. *faihu*, o segundo oxítone. Então vem um fato levantado por Brugmann Stud. IX 383: o paralelismo do oxítone masculino *paśú-s* com *drú-s*, *δρῦ-ς* e masc. avés. *zhnu*. Essa circunstância fortalece vínculo do neutro *páçu* com a família *dáru*, *gánujānu*, *sānu*. — O nom.-ac. *pá<sub>1</sub>k<sub>1</sub>u* é paroxítona pelo mesmo motivo de *dá<sub>2</sub>ru* <sup>335</sup>. No dat. *pa<sub>1</sub>kwái* e o masc. *pa<sub>1</sub>kú-s* o radical [p. 223] apenas subsiste, como diz Brugmann, porque *pkú-* teria sido impronunciável<sup>(58)</sup> (o avés. *fšū* resulta de acidentes secundários), cf. pág. 48.

<sup>335</sup>A coloração divergente de *a* em *pá<sub>1</sub>ku* e *dá<sub>2</sub>ru*, *gá<sub>2</sub>nu*, *sá<sub>2</sub>nu*, depende de fatores que desconhecemos. Supor a mesma influência das soantes que acima p. 87 seria um palpite bastante frágil. Possivelmente o masculino *pa<sub>1</sub>kú* e os casos oxítonos oblíquos onde o *a<sub>1</sub>* foi forçado influenciaram o nom. *\*pá<sub>2</sub>ku* por analogia.. - Não sei como explicar o dativo

<sup>(58)</sup>Ao contrário, hoje se admite que *\*pkú-*, o grau-zero de *\*peku-*, foi preservado no sânscr. *kṣu-*. Cf. BENVENISTE 2016, p. 30.

O gerundivo do sânscrito. *gatvá*, *śrutvá*, próximo do infinitivo *gántum*, *śrótum* cai, à primeira vista, na categoria que acabamos de ver. Na realidade não é nada disso. A explicação oferecida para *dáru*, com base no *u* final desta forma, não se aplicaria mais a *gántum*. Além disso, os infinitivos védicos em *-tave* tinham a raiz reduzida e o acento no sufixo, mas sabemos que ocorre o inverso (*gántave*). Devemos nos ater à conclusão de Barth (Mem. Soc. Ling. II 238) de que o gerúndio em *-tvā* não vem de um tema de infinitivo. Encontraríamos até uma maneira de combinar essas duas formas, que restaria explicar os gerúndios védicos como *kṛtvī*.

### 5.3.13 2. Palavras heteroclíticas.

#### 5.3.14 os neutros

Scherer há muito supôs que o paradigma indiano de neutros como *ákṣi*, onde os sufixos *-i* e *-an* se alternam, deve ter datado da língua materna. Em idiomas congêneres, de fato encontramos essas palavras às vezes como temas em *-i* às vezes como temas em *-an*. Osthoff (l. c. 7) juntou-se à opinião de Scherer. Mas as palavras em *-i*, *-an*, são apenas um ramo de um família maior, cuja estreita união é evidente.

A declinação do que pode ser chamado de neutros heteróclitos é feita com dois temas diferentes<sup>336</sup>. O primeiro é formado usando o sufixo *-an*; ele é oxítono; a raiz ali está enfraquecida.

védico (masculino) *páçve* senão pela atração exercida pelo *a* radical (p. 174). — Brugmann (l. c.) mostra que existia uma forma *ga<sub>1</sub>nu* ao lado de *gnu* e *ga<sub>2</sub>nu*; também o irl. *derucc* “bolota” unida ao lit. *dervà*, ao esl. *drěvo* (J. Schmidt Voc. II. 75) remonta a *da<sub>1</sub>ru*. Em todo o caso, parece inadmissível que esta terceira forma tenha alternado na declinação com os dois primeiros. No lat. *genu* e Ved *sanubhis* cf. pág. 47, 46.

<sup>336</sup>Os nominativo-acusativos do plural e do dual devem permanecer fora de nossa pes-

Este primeiro tema dá todos os casos cujo final começa com um vogal. Ele Segue a flexão forte.[p. 224]

O segundo tema tem o acento na raiz, que oferece sua forma plena. Normalmente este tema parece desprovido de sufixo. Quando ele tem um, é *i* ou um elemento contendo *r*, *nunca u nem ṛ*. Este sufixo no mais provavelmente não é um só; é permitido ver nele uma adição eufônica originalmente necessária pela reunião de várias consoantes nos casos plurais (*asth-i-bhis*, etc.).

Os casos fornecidos por este segundo tema são aqueles cujo final começa com uma consoante, mais o nom.-ac. sing. que é assimilável a eles (pág. 210). Em outras palavras, esses são os casos médios da gramática sânscrita ou mesmo casos fracos de flexão fraca.

As variações do vocalismo radical que acabamos de discutir vêm no capítulo de formação de palavras, uma vez que correspondem à alternância de dois sufixos. Como tal, a declinação heteroclítica poderia ter sido colocada em §13. Uma vez que a alternância dos sufixos é ligada, por sua vez, à dos casos, pareceu-nos natural acrescentar esta variação aos fatos relativos à flexão.

Quase todos os neutros se referem a partes do corpo.

1ª série: o tema do nom.-ac. não tem sufixo.

1. Gr. οὔς = lat. *aus* em *aus-culto*. O tema do caso oblíquo é οὐατ-, ou seja \*οὐσ-v- (pág. 28). Ele deu o gót. *auso ausins*. O acento duplo primitivo explica o

---

quiza, dada a incerteza que reina sobre sua forma primitiva.

tratamento divergente do *s* em *auso* e do ant. alto-alemão *ōrā*. — O nom.-ac. parece hesitar entre duas formações, porque, ao lado *ous*, o lat. *auris*, a lit. *ausis* e o dual esl. *uši* fazem com que se suponha um *ousi*. Por outro lado o esl. *ucho* viria de *ousas*.

2. Lat. *ōs* = sânscr. *ās* (e *āsyà*), dat. *ās-n-é* (possivelmente primit. *āsné?*).
  3. O sânscr. *śīrṣṇé* se resume a *\*kr<sup>A</sup>s-n-Ái*, que assume um nom.ac. *krá<sub>1</sub>As* que o grego conserva possivelmente em *κατάκρᾱς* e sem dúvida em *κρᾱ́(σ)-ατ-(ος)*: a sílaba *κρᾱσ-* é emprestada do nom.-ac., o correspondente exato de *śīrṣṇás* dificilmente pode ser diferente de *\*κορσατος*.
  4. A palavra para coração deve ter sido *ká<sub>1</sub>rd*, dat. *kṛd-n-Ái*, que representa gr. *κῆρ*, ou melhor, *κῆρ*, v. Brugmann Stud. IX 296, o gót. *hairto hairtins*, o lat. *cor* etc. Cf. o sânscr. *hṛdí* e *hārdi*.
  5. Sânscrito. *dós*, dat. *doṣṇé* “braço”.
  6. Lat. *jūs* “suco, caldo”. O sânscrito oferece o tema *yūs-an*, usado apenas em casos oblíquos.
  7. Sânscrito. *vár* “água” ao lado de *vári*; o tema em *-an* parece ter sido perdido.
- [p. 225]

2ª série: o nom.-ac. é formado usando um elemento contendo *r*. Quando o *r* está no estado de vogal, é seguido por *g<sub>2</sub>* ou mais geralmente de uma dental que parece ser *t* (ver pág. 28). Estas adições são provavelmente as mesmas que em *-kṣi-t*, *-kṛ-t* (p. 202) e *-dhṛ-k* (no nominativo de compostos de *dhar*). As derivadas *asra* (sânscr.) e *udra* (Indo-Eur.) indicam que o que

segue o *r* não é essencial.

1. Sânsr. *ás-ṛ-g*, dat. *as-n-é*. Gr. ἄρ, εἶαρ (Grdz. 400). O *a* do lat. *s-angu-i-s*, *lat-ies* (cf. p. 28) parece ser anaptíctico (cf. cap. VI). Devemos propor para o indo-europeu o nom.-ac. *ás-ṛ-g<sub>2</sub>*, dat. *s-n-Ái*. Em sânscrito o *a* dos casos oblíquos foram restaurados por analogia com o nom.-ac. O *a* do letão *assins* é indubitavelmente histerógena, cf. pág. 93 i. n. — Do exposto, olhamos para o lat. *assir*, *assaratum*, como estranhos a esta família de palavras. Ofr. Muller (ad. Fest. s. v. *assaratum*) também acredita que sejam de origem fenícia.
2. Veja *áh-ar*, dat. *áh-n-e* (no lugar de *\*ahné* provavelmente).
3. Veja *údh-ar* (mais tarde *údhas*), dat. *údh-n-e* (primit. *ūdhné* ?); gr. οὔθ-αρ, οὔθ-ατ-ος; lat. *ūb-er* e *Oufens*; v. ht-all. *ūt-er* (neut.).
4. Lat. *fem-ur fem-in-is*. Vaniček em seu dicionário etimológico grego-latino cita esta passagem importante de Prisciano (VI 52): *dicitur tamen et hoc fem-en feminis, cujus nominativus raro in usu est*<sup>(59)</sup>. — Talvez tenha a mesma raiz do sânsr. *bhám̐sas*, *bhasád*.
5. Gr. ἦπ-αρ ἦπ-ατ-ος; avés. *yākare* (gloss. avés.-pahlavi); sânsr. *yák-ṛ-t yak-n-é*; lat. *jec-ur jec-in-or-is, jecinoris*; lit. *jekna*. Podemos conjecturar que as formas primitivas são: *ya<sub>1</sub>Ak-ṛ-t*, dat. *yAk-n-Ái*, que representa o *ā* longo do avéstico e do grego. Mas é verdade que o *e* do lituano e do latim presta-se mal: esperaríamos *a*.
6. Gr. ὕδ-ωρ ὕδ-ατ-ος (ῥ) ; ant. saxão *watar*, gót. *vato vatins*; lat. *u-n-da*; lit.

<sup>(59)</sup>“Mas também se diz *femen* (nom. sg.) *feminis*, cujo nominativo é raro de se usar.”

*va-n-dúo*; esl. *voda*; sânscr. *udán* usado apenas em casos oblíquos (nom.ac. *údaka*). Conclusão: Indo-eur. *wá<sub>2</sub>d-r(-t)*, dat. *ud-n-Ái*. A nasal do latim e do lituano é obviamente epentética.

7. Gr. *σκ-ώρ σκ-ᾶτ-ός* ; sânscr. *śák-r-t çak-n-é* (lat. *stercus*). Essas formas só podem ser explicadas pela flexão primitiva: *sák-r-t*, dat. *sk-n-Ái*.

3ª série: o tema do nom.-ac. é formado por meio de um *i* final. — De acordo com o que vimos acima (p. 112, 113 embaixo, 114) o *o* das palavras ὄσσε, ὀστέον, οὖς, deve ser *ϝ*. Do ponto de vista da gradação do vocalismo radical, esses exemplos não são os mais satisfatórios. A raiz aparece invariável.

1. Sânscr. *ákṣi*, dat. *akṣñé*<sup>337</sup>. O tema nu aparece em *an-ákṣ* “cego”, [p. 226] nom. *anak*. A forma em *-i* dá o gr. ὄσσε, o lit. *akis* e o dual esl. *oči*, outro o gót. *augo augíns* onde a acentuação do tema em *-án* ainda é visível.
2. Sânscrito. *ástḥ-i*, dat. *astḥ-n-é*<sup>338</sup>. Gr. ὄστι-νος, ὀστ-έγο-ν (cf. *hýd-aya*), lat. *osis* (ant. lat. *ossu*). Formas como ὄστρεον (*ostra*) tomam um *r* final ao lado do *-i* final. V. Curtius Grdz. 209.
3. Sânscrito. *dádḥ-i*, dat. *dadh-n-e*. O prussiano *dadān* tem pouco valor aqui: é um neutro em *-a* (Leskien Decl. 64).
4. Sânscrito. *sákṥh-i*, dat. *sakṥh-n-é*. Galeno relata uma palavra ἰκταρ (τὸ τῆς γυναικὸς αἰδοῖον) empregado, diz ele, por Hipócrates, mas que crítica textual parece ter tido motivos para erradicar (“jam diu evanuit” Lobeck *Pa-*

<sup>337</sup>Por uma extensão do tema nasal, o dialeto védico forma *akṣábhis*. O dual *akṣíbhyām* é ainda mais singular.

<sup>338</sup>O genitivo consonantal avéstico *açtaçáca* poderia sugerir que o nominativo-acusativo era originalmente *ast*, e que *asti-* era reservado para os casos do plural. Veja os 3 temas

*ralip.* 206). Esta forma, no entanto, concordaria bem com *sákth-i*. Devemos comparar ἰξύς, ἰσχίον, ἴσχι (Hes.)?

5. Benfey (Sanskrit-English Dictionary) compara o sânscr. *añji* e lat. *inguen*. Mas a palavra latina, além do outras explicações propostas (ver J. Schmidt Voc. I 81), aproxima-se também do sânscr. *jaghána*.

### 5.3.15 b. Masculino e feminino.

Encontramos aqui o *tema em -an* e o *tema sem sufixo*. O último pode receber o *i* final. Só que é o tema em *-an* que é paroxítone, e que mostra a raiz completa, e é o tema curto que é enfraquecido. Esses dois temas são divididos de modo que os casos “fortes” do masculino correspondam aos casos “muito fracos” (mais o locativo sing.) do neutro, e que os casos “médio” e “muito fracos” do masculino formam uma contrapartida aos casos “médios” do neutro. Declinado no neutro, *pánthan*, *pathí*, seria certamente: nom. *pánthi*, dat. *pathné* (instr. pl. *pánthibhis*). — Além disso, as formas equivalentes *path* e *path + i*, ao contrário do que acontece com os neutros, geralmente coexistem na mesma palavra, sendo a primeira usada antes das vogais, a segunda antes das consoantes.

O paradigma está completo para o sânscr. *pánthan*: *pánthān-as*, *path-é*, *path-í-bhis*. A forma *pathin* é uma ficção dos gramáticos<sup>339</sup>, ver Böhtl.-Roth; *path*, *pathí* estão no lugar de *pṛth*, *pṛthí*, cf. pág. 24. O lat. *ponti-*, o esl. *paťi*, reproduzem no meio da forma em *i* o vocalismo do tema em *-an*, e nos

masculinos abaixo.

<sup>339</sup>*parīpanthīn* contém o sufixo secundário *-in*.

mostram que *a* radical de [p. 227] *pánthan* é  $a_2$ . A mesma raiz dá o gót. *finþa, fanþ*. Como *pánthan* declina-se *manthan*.

Os casos “muito fracos” do sânscr. *pūṣ-án* (aqui o radical em *-an* é oxítona) pode ser formado de um tema *pūṣ*. Vopadeva só admite a forma *pūṣ* para o locativo sing. Benfey Vollst. Gramm. pág. 316.

Os outros exemplos só podem ser adivinhados. Há entre outros o Gr. ἄξ-ων que se opõe a lat. *ax-i-s*, no esl. *osĩ*; o sânscr. *naktán* e *nákti* (pelo contrário, esperaríamos *\*náktan* e *\*naktí*, cf. lit. *naktis*) com o gr. νυκτ- e o gót. *naht-*. A forma tríplice se manifesta também em gr. χερ-, χειρ- (no lugar de *\*χερι-*) e *\*χερον* (em *δυσχεραίνω* de *\*δυσχέρων*). Em avéstico *χshapan* “noite” dá no nom. *χshapa*, ac. *χshapan-em*, mas no gen. *χshap-ō* (Spiegel Gramm. 155); O sânscrito eliminou *\*kšapan* generalizando *kšapksap*.

Talvez *pati* “senhor” não seja estranho a esta família de palavras; o que explicaria *patní, πότνια*. O lit. *pats* oferece uma forma sem *i*, e a discordância que existe entre o acento do sânscrito *páti* e o de gót. *-fadí-* também está escondendo algo suspeito. A declinação desta palavra está cheia de coisas singulares. Em avéstico há um nom. . Veja também Ποσειδάων.

É apenas por conjectura que atribuiremos o nascimento do tema indiano *náptar* (que no R̥gveda não aparece nos casos fortes) à inserção de um *-r-*, semelhante ao de *yák-r-t* etc., em casos plurais fracos de *nápat*<sup>340</sup>, assim

<sup>340</sup>O fem. *naptí* prova que o *ā* de *nápātam* é  $a_2$ , de outro modo deveria restar uma vogal entre *p* e *t*. O lat. *nepōtem* levou, assim como *datōrem*, o seu *ō* para o nominativo (v. p. 213). O irl. *niae*, gen. *niath*, não decide nada sobre a quantidade do *a* (cf *bethād* = βιότητος, Windisch Beitr. de P. et B. IV 218), mas concorda bem com  $a_2$ . Cf. por fim *νέποδες*(?). – A substituição de *nápt-r-bhis* por “*naptbhis*” teria uma certa analogia com uma particularidade da declinação védica de *kṣip* e *kṣap*: essas palavras fazem no instrumental plural *kṣíp-ā-bhis*, *kṣap-ā-bhis*.



*nápt-ṛ-bhis* em vez de *naptbhis*.

Devemos ter cuidado diante desse grande emaranhado de sufixos. Estamos no terreno preferido de uma escola que se exercitou fazendo com que eles se encaixassem um no outro. Nós no entanto, acreditamos que a escolha de exemplos que é dada [p. 228] acima não deixa dúvidas de que uma ordem perfeitamente fixa presidiu o intercâmbio dos diferentes temas e sobre a equivalência de alguns deles como p. ex. *akṣ* e *akṣ + i*, em oposto a *akṣ + an*.

## 5.4 Visão geral sinóptica das variações de vocalismo trazidas pelo formação de palavras (§13)

Em §12 reunimos o estado das modificações que são observadas em sílabas predesinenciais. O que segue teria que dar o complemento natural, a história das modificações que atingem as sílabas pre-sufixais. Devemos dizer logo que esta visão geral será necessariamente muito mais incompleta que a anterior. Nem os fenômenos de vocalismo, nem os de acentuação foram estudados seriamente no que diz respeito à formação de palavras. Além desta infeliz circunstância, é provável que nunca se chegará sobre este assunto a resultados tão precisos quanto para a flexão. Exceções a regras reconhecidas são abundantes demais.

Começamos com uma breve revisão das principais formações. Em cada sufixo mencionado, registramos qual acentuação e que vocalismo radical

ele admite.

### 5.4.1 I. Temas nominais.

Temas terminados em  $a_1-a_2$ .

Temas em  $-a_2$ . — 1ª série: Oxítonas (tanto quanto se pode saber, v. p. 82 seq.); raiz no grau 2; v. pág. 79 seq. 155. — 2ª série: Oxítonas; raiz fraca<sup>341</sup>.

Temas em  $-ta_2$ . — 1ª série: Paroxítonas (?); raiz no grau 2; v. pág. 76. — 2ª série: Oxítonas; raiz fraca (particípio); Cf. pág. 14, 23, 149, 157. [p. 229]

Temas em  $-na_2$ . — 1ª série: Paroxítonas (?); raiz no grau 2; v. pág. 77 seg. — 2ª série: Oxítonas; raiz fraca<sup>342</sup> (particípios). Alguns vestígios de grau 1; v. pág. 77.

Temas em  $-ma_2$ . — 1ª série: Acentuação duvidosa; raiz no grau 2; v. pág. 74 seq. adicionando βωμός, θωμός, ρωχμός (pp. 138, 140, 167). — 2ª série: Oxítonas; raiz fraca<sup>343</sup>.

Temas em  $-ra_2$ . — 1ª série (poucas): Raiz no grau 2; v. pág. 138, 156. — 2ª série: Oxítonas; raiz fraca; v. Lindner pág. 100 e acima, pág. 157.

É difícil ver a regra dos temas em  $-ya_2$  e  $-wa_2$ . O exemplo  $a_1kwa_2$  (cavalo) sozinho não permite que se diga que os temas em  $wa_2$  têm  $a_1$  na raiz; pode

<sup>341</sup>Aqui estão alguns exemplos: indo-Eur. *yugá*, sânscr. *uśá*, *kṛśá*, *piśá*, *bhṛṣa*, *vṛdhá*, *vrá*, etc., avés. *gěřěda* "gritando" de *gared*, *běřěga* 'desejo' de *bareg*; Gr ἀγός, ὄφλοι· ὀφειλέται, στραβός de στρεφ, ταρσός de τερσ, e com deslocamento do acento, ὄτλος, στίβος, στίχος, τύκος; germ. *tuga-* "golpe" (F. III<sup>3</sup> 123), *fluga-* "vôo" (F. 195), *buda* "comando" (F. 214), gót. *drusa*, *quma* "chegada". Em compostos, esses temas não são raros: sânscr. *tuví-grá*, *á-kra*; gr. νεο-γνό-ς, ἄ-τραπό-ς, ζα-βρό-ν πολύφαγον, ἔλα-θρά· ἐν ἔλαιῳ ἐφθά, δί-φρο-ς, ἐπι-πλα, \*γλυ-πτό, em γλυπτεῖν (Hes.); lat. *privi-gnu-s*, *prō-bru-m* (o que quer que diga Corssen Sprachk. 145).

<sup>342</sup>Gót. *fulls* = \**fulnás*, gr. λύχνος, σπαρνός, ταρνόν, κολοβόν e todos participios indianos em *-ná*.

<sup>343</sup>Sânscr. *tigmá*, *yugmá*, *yudhmá*, *rukma*, *sidhmá* (p. 171) etc. ; gr. ἀκμή, ἐρυγμός, πυγμή, στιγμή.

ser uma formação secundária, como é por exemplo o sânscr. *him-á*, gr. -χιμ-ο-ς, que parece conter o sufixo *-ma*, mas que deriva do tema *ghi-am*.

Parece que podemos concluir o seguinte: os diferentes sufixos terminando em  $a_2$  também admitem a raiz reduzida e a raiz no grau 2, mas não admitem a raiz no grau 1. Quanto ao acento, ele sempre recai sobre o sufixo quando a raiz é reduzida. A maior parte da série que está no grau 2 parece ter sido composta também por temas oxítonos; no entanto a regra não aparece claramente.

Temas terminados em  $a_1$  + *soante* ou *s*.

I. O sufixo não permite  $a_2$ .

Temas em  $-a_1n$ . Oxítonos; raiz reduzida: gr. φρ-ήν \*Fρ-ήν (p. 195); sânscr. *ukṣán* (ac. *ukṣānam* e *ukṣānam*), *plīhán*<sup>(60)</sup> (línguas europeias fazem supor que o suf. é  $a_1n$ ). No sânscrito. *vṛṣan* (ac. *vṛṣanam*) e o gr. ἄρσην é preciso admitir que o acento é histerógeno. Alguns exemplos têm a raiz no grau 1: gr. τέρην, λειχίν -ήνος, πευθίν -ήνος.

Temas em  $-ma_1n$ . Oxítonos; raiz fraca. Gr. ἀϋτμήν, λιμήν, πυθμήν. V. p. 131.

Se abrangermos aqui os temas neutros em *-man*, obtemos uma segunda série composta por paroxítonos [p. 230] em que a tônica está no grau 1. O acento é assegurado pela concordância entre o grego e o sânscrito, grau 1, pelos exemplos reunidos p. 130 seq., cf. pág. 137 e 156.

Temas em  $-a_1r$ . Oxítonos; raiz fraca. Sânscr. *n-ár*, *us-ár*.

Temas em  $-ta_1r$ . 1ª série: Oxítonos; raiz fraca. Gr. (ἄ)στηρ, avéstico *ç-tār-*

<sup>(60)</sup>“plihán” no original.

-ō, lat. *s-tella* (Brugmann Stud. 388 seq.). Nomes de parentesco como *duhitár*, *pitár*<sup>344</sup>, *yātár* (*γῆτάρ*). — 2ª série: Paroxítonos; raiz no grau 1. Sânschr. *bhrātár*, gr. φράτηρ; sânschr. *śámstar*. A palavra *mātár* e os nomes gregos dos agentes em -τήρ levantam uma difícil questão, que examinaremos a seguir em conexão com o sufixo *-ta<sub>2</sub>r*.

Para temas em *-a<sub>1</sub>i*, seria importante saber se a flexão primitiva de cada exemplo era forte ou fraca, o que muitas vezes ignoramos. O que podemos dizer é que existem radicais em *-a<sub>1</sub>i* que levam *a<sub>2</sub>* na raiz (v. p. 85), que outros, como o indo-eur. *ḡsá<sub>1</sub>i* (p. 24) e infinitivos védicos como *drśáyē*, *yudháye*, enfraquecem a raiz. Em todas as línguas essa classe de palavras é fortemente misturada de formas que lhe eram originalmente estranhas.

Temas em *-ta<sub>1</sub>i* (flexão fraca). A raiz é reduzida, v. pág. 15, 23, 150; Linder pág. 76 seq., Amelung *Ztschr. f. deutsches Alterth.* XVIII 206. Portanto, esperamos que o sufixo tenha o acento, mas os fatos que o provam não são abundantes. Em grego o acento fica, pelo contrário, na raiz (*πίστις*, *φύξις* etc.). Em germânico, como em sânscrito, oxítonas e paroxítonas são mais ou menos equilibradas. Temos em gótico *ga-taurþi-*, *ga-kunþi-* etc., ao lado de *ga-mundi-*, *ga-hundi-*, *dēdi-* etc. Lindner tem 34 paroxítonas védicas contra 41 oxítonas (masculinos e femininos). As probabilidades, no entanto, são de que o acento atinja o sufixo. Podemos traçar historicamente a retirada do acento para *matí*, *kīrtí* (Ved.) que mais tarde se tornou *máti*, *kír̥ti*. No mais *gáti*, *yáti*, *ráti* de *gam*, *yam*, *ram* e *sthíti*, *díti* de *sthā*, *dā*, devem ter sido originalmente oxítonas, caso contrário, a nasal soante das 3 primeiras

<sup>344</sup>A raiz de *pitár* pode ser *a<sub>1</sub>pA* ou *pa<sub>1</sub>A*; em ambos os casos há o enfraquecimento.

teria produzido *-an*<sup>345</sup> (p. 36) e o *i* dos segundos apareceria como um *a* (pág. 177). — Note em sânscrito *s-tí* de *as*. [p. 231]

Raízes em **-a<sub>1</sub>u** de flexão fraca. — 1ª série (muito numerosa): Oxítonos (Bezzenberger *Beiträge* II 123 seq. 1284); raiz fraca; v. pág. 15, 23, 157; Linder pág. 61. — 2ª série: Oxítonas; raiz no grau 2, como sânscr. *śankú*, esl. *śakŭ*; v. pág. 85 seq.

Raízes em **-a<sub>1</sub>u** de flexão forte. Oxítonas; raiz fraca. Ex.: *di-á<sub>1</sub>u*, *gḡ-á<sub>1</sub>u* (p. 198).

Temas em **-ta<sub>1</sub>u**. — 1ª série: Oxítonos; raiz fraco. sânscr. *ṛtú*, *aktú* (= gót. *uhtvo* p. 24); avés. *pěřetu* = lat. *porta*; gót. *kustus*. — 2ª série: Paroxítonos; raiz no grau 2. Germ. *daupus* (Verner K. Z. XXIII 123), gr. οἰ-σῦ-α da raiz *wa<sub>1</sub>i* (v. Fick II 3 782), sânscr. *tántu*, *mántu*, *sótu* etc. Provavelmente é a essa formação que pertencem os infinitivos em *-tu-m* (cf. p. 223).

Temas em *-a<sub>1</sub>s*. Oxítonos; raiz fraca. Sânscrito *bhiy-ás* (ver p. 219). Sobre palavras como ψευδής v. pág. 201.

## II. O sufixo admite *a<sub>2</sub>*.

Temas em **-a<sub>2</sub>n**. Oxítonos; raiz fraca. Sânscrito *çv-án* “cachorro” (ac. *çv-ánam*). Gr. *κύων* removeu o acento da raiz, enquanto nos casos oblíquos temos inversamente: gr. *κυνός*, sânscr. *çúnas*. A lei geral do germânico dos temas em *-a<sub>2</sub>n* é enfraquecer a raiz, v. Amelung loc. cit. 208; sobre a acentuação desses temas que originalmente eram todos oxítonos, Osthoff *Beitr. de*

<sup>345</sup>Este fato proíbe a reconstrução de uma paroxítona primitiva *gṃti* tal como Brugmann parece disposto a admitir pelo testemunho do gót. *ga-qunþi-*, do sânscr. *gáti* e gr. βάσις (Stud. IX 326). Além disso, é justo dizer que há formas índicas como *tánti*, *hanti*.

*P. et B.* III 15. — Alguns temas do grau 1: gr. εἰκών, ἀηδών, ἀρηγγών; μάκων, σκάπων; sânscr. *snehan* (gramm.), *rāgan* e vários neutros como *gámbhan*, *maṃhán*.

Temas em *-ma<sub>2</sub>n*. A raiz está sempre no grau 1, v. pág. 131, 137, 140, 156. Encontramos paroxítonas em grego como τέρμων; O sânscrito tem um pequeno número deles, como *géman*, *bhásman*, *klóman*. O germ. *hiuhma*, *milhma*, acusa o mesmo acento. Mas os dois primeiros idiomas também oferecem temas em *-ma<sub>2</sub>n* oxítonos onde a raiz não é enfraquecida, assim χειμών, *premán*, *varšmán*, *hemán* etc. [p. 232]

Temas em *-a<sub>2</sub>m*. Oxítonos; raiz fraca (pág. 217).

Temas em *-a<sub>2</sub>r*. — 1ª série: Oxítonos; raiz fraca (*dhu-ár*). — 2ª série: paroxítonos; raiz no grau 1 (*swá<sub>1</sub>s-ar*). V. p. 218.

Temas em *-ta<sub>2</sub>r*. A acentuação e a configuração primitiva dos temas em *-tar* são difíceis de determinar. Na pág. 212 nós chegamos à conclusão de que os nomes de agente gregos em *-τήρ* e *-τωρ* formavam originalmente duas categorias distintas. A flexão dos primeiros teve que se fundir originalmente com a dos nomes de parentesco. Mas os nomes de agentes em *-τήρ* são oxítonos. Esperamos assim, de acordo com as regras gerais e de acordo com a analogia dos nomes de parentesco (v. p. 230), que a sílaba raiz esteja enfraquecida aí. Está em palavras como *δοτήρ*, *στατήρ* etc. A antiguidade dessas formas até parece óbvia quando comparamos *δοτήρ δώτωρ*, *βοτήρ βώτωρ*, com *πυθμήν πλεύμων*. Mas agora o enfraquecimento em questão não se estende além das raízes em *-ā*, porque temos *πειστήρ*, *άλειπήριον*

etc. (pág. 132). Ademais, o sânscrito não tem nenhum nome de agente cuja raiz é enfraquecida. Dir-se-á que os nomes de agentes indianos têm o sufixo *-ta<sub>2</sub>r*, não *-ta<sub>1</sub>r*. Mas existe um dessa última espécie: *śámstar* (ac. *śámstāram*), e esta única amostra não só não enfraquece a raiz, mas também lhe dá o acento. Além disso, mesmo admitindo que os dois tipos *δοτήρ δώτωρ* representam para nós o estado primitivo de coisas, não se entende como um grande número de nomes de agentes indianos — que, tendo todos *a<sub>2</sub>*, só podem corresponder ao tipo *δώτωρ* — colocam o acento em *-tar*. Duas circunstâncias complicam ainda mais esta questão, que renunciamos completamente de resolver: o acento variável de nomes de agentes sânscritos de acordo com sua função sintática (*dātā maghānam*, *dātā maghāni*), e a antiga palavra *mātár* “mãe” que tem uma raiz forte apesar do acento. — Deve-se acrescentar que o avéstico fornece alguns nomes de agente radicais reduzidos: *kěřetar*, *děřetar*, *běřetar* etc.

Temas em *-a<sub>2</sub>s*. — 1ª série: Paroxítonos; raiz no grau 1. Estes são os neutros como *μένος*, v. pág. 129. — 2ª série: Oxítonos; raiz fraca. Sânscrito *uśás*. Palavras como *tośás* (dual *toçásā*) são provavelmente histerógenos, cf. pág. 201.

Temas em *-ya<sub>2</sub>s*. Paroxítonos (Verner K. Z. XXIII 126 seq.); raiz no grau 1; v. pág. 130, 156 seq. [p. 233]

Temas em *-wa<sub>2</sub>s*. Oxítonos; raiz fraca (redobrada). Consulte a pág. 35, 71 i. n., 155. Sânscr. *jagr̥bhvān*, gr. *ἰδύια*, gót. *berusjos* (= bebr-usjos).

Os participios de 2ª classe em *-nt* formam uma categoria particular, dada

a ausência de qualquer *a* sufixal (p. 185). Eles têm o acento no sufixo e a raiz reduzida. O exemplo típico é o indo-eur. *s-nt* por *a<sub>1</sub>s* (Osthoff K. Z. XXIII 579 seq.). Em sânscrito: *uśánt-*, *dviśánt-* etc. Consulte a pág. 38 e §15.

Também é necessário nomear as formas como *m̐dh* e (*açva-*)*yúḡ* de que falamos na pág. 202, e onde o enfraquecimento, embora em uma sílaba pre-desinencial, não é causado pelas desinências. Notamos, sem poder explicar, um fenômeno curioso que se relaciona com esses temas. Depois de *i*, *u*, *y*, *ṛ*, *ṛ*, *ṛ*, um *t* é inserido. Mas as raízes em *ā*, não sabemos porque, não conhecem esta formação: “*pari-ṣṭhí-t*” de *sthā* seria impossível; só *pari-ṣṭhā́* existe<sup>346</sup>. Assim, *pari-ṣṭhā́*, tipo coordenado com *vṛtra-han*, acha-se pelo uso em um grupo de formas com as quais nada tem em comum: *pari-ṣṭhā́*, *go-ḡí-t*, *su-kṝ-t* etc. são colocados em pé de igualdade. Até agora nada de muito surpreendente: mas como é que este paralelismo artificial reaparece antes dos sufixos que começam por *y* e *w* que exigem a inserção do *t*? Ao lado *ā-ḡí-t-ya*, *ā-kṝ-t-ya* temos *ā-sthā́-ya*; ao lado *ḡí-t-van*, *kṝ-t-van*, encontramos *rā́-van*. As mesmas formações ainda são enigmáticas na medida em que a raiz é acentuada apesar de seu enfraquecimento.

Temas femininos em *ā* (cf. p. 82). 1ª série: Oxítonos; raiz fraca. Sânscrito *druhā́*, *mudā́*, *ruḡā́* etc. ; gr. βαφή, γραφή, κοπή, ραφή, ταφή, τρυφή, φυγή, ὄμο-κλή, ἐπι-βλαί<sup>347</sup>. 2ª série: Paroxítonos; raiz no grau 1. gót. *gairda*, *giba*, *hairda*, ant. alto-alemão *speha*; gr. εἶλη, εἶρη, ἔρση, ἐρείκη, λεύκη, μέθη, πέδη,

<sup>346</sup>Digamos, entretanto, que o tipo *madhu-pá* (v. p. 177) talvez seja o que corresponde a *go-ḡí-t*, *su-kṝ-t*. Mas a que podemos atribuir a ausência do *t*?

<sup>347</sup>O acento foi movido em βλάβη, δίκη, λύπη, μάχη, νάπη, ὄθη, σάγη, μεσό-δυη. – Em certos casos impediu-se a expulsão do *a*: indo-europeu *sa<sub>1</sub>bhā́* no lugar de *sbhā́* (sânscr. *sabhā́*, gót. *sibja*, grego ἐφ-έται).



πεύκη, σκέπη, στέγη, χλεύη. Em sânscrito *varṣá*, idêntico a ἔρση, é anormal em sua acentuação. [p. 234]

### 5.4.2 II. Temas verbais.

Vários foram *derivados* de outras raízes verbais. Essas formações não entram no assunto que estamos considerando, e será suficiente indicá-los brevemente: 1º Aoristo em *-sa<sub>1</sub>* (sânscr. *dik-śá-t*, gr. ἴξον) derivado do aoristo em *-s* (*da<sub>1</sub>ik-s-*). 2º Temas oxítonos em *-a* como *limpá-*, *muñcá-*, *kṛntá-*, derivados, como Bopp admite, de temas da 7ª classe: exemplo *tr̥mhá[ti]* = *tr̥nah-* (em *tr̥nédhi*) + *á*. 3º O futuro em *-s-yá* é provavelmente uma continuação de aor. em *-s*. 4º Os subjuntivos (pág. 127). — Optativos como *syā-* (v. abaixo) são realmente derivados, assim como *bharāi-* (p. 193) e as formas que acabamos de citar.

Temas em *-a<sub>1</sub>*. — 1ª série: Paroxítonos; raiz no grau 1; v. pág. 126, 153, 159. — 2ª série: Oxítonos; raiz (simples ou redobrada) fraca; v. pág. 9 seq., 20, 153 seq., 160 seq.

Temas em *-ya<sub>1</sub>*. Raiz fraca, seja em sânscrito ou nas línguas congêneres (p. 157, 159). Contra a opinião comum que vê o acento indiano da 4ª classe como histerógeno, Verner (l. c. 120) conta com esse acento para explicar o tratamento da aspirante em germ. *hlahjan* etc. Nesse caso o vocalismo dos temas em *-ya* dificilmente pode ser concebido a menos que eles sejam transformados em denominativos: assim *yúdh-ya-ti* seria apropriadamente uma derivada de *yúdh* “luta”, *pás-ya-ti* seria reduzido a *spás* (σκοπός). A língua se acostumaria mais tarde a formar esses presentes sem o intermediário

de temas nominais<sup>348</sup>.

Temas em  $-ska_1$ . Oxítonos; raiz fraca; v. pág. 13, 22, 149. No sânscr. *gáččhati, yáččhati*, o *a* radical (vindo de *ṃ*) tomou o acento (cf. p. 174).

[Temas em  $-na_1-u$  e  $-na_1-A$ . Oxítonos; raiz fraca; v. pág. 22 e 187.]

Temas em  $-ya_1A$ . Oxítonos; raiz (simples ou dupla) fraca. Indo-eur.  $s-yá_1A-$ , optativo de  $a_1s$ . Sânscrito *dvišyá-* de *dveš*, [p. 235] *vavṛtyá-* de *vart*, *čacčhadyá-* de *čhand*; gót. *berjau* (= *be-br-jau*), *bitjau* (= *\*bibitjau*). A formação é secundária (ver acima).

Mencionemos o tema do aoristo sigmático como *dá<sub>1</sub>ik-s* (p. 128, 191) que não cabe nem na fórmula *raiz simples* nem na a fórmula *raiz + sufixo*.

Vamos resumir brevemente o que emerge dessa enumeração.

1. Os fenômenos observados na formação de palavras só podem estar relacionados ao acento. Não se observam efeitos comparáveis àqueles que se produzem nas declinações fracas (perda do  $a_1$  do primeiro elemento causado por uma consoante inicial no segundo).
2. O que determina o lugar do acento? Este é o ponto que nos escapa completamente. O acento escolhe entre o sufixo e a raiz, e devemos nos limitar a observar, para cada formação, a escolha que ele fez<sup>349</sup>.

<sup>348</sup>A acentuação primitiva da marca característica não é, apesar de tudo, muito improvável, pois, além da passiva em *-yá*, temos as formas como *d-yá-ti, s-yá-ti* etc., que parecem vir de *ad, as* etc. Além disso *sídhyati, tîmyati* (p. 171 seq.) não seriam mais compreensíveis que *sthîti* (p. 230) se o acento não tivesse caído originalmente no sufixo. Deve-se acrescentar que mesmo na hipótese de que *yúdhya<sub>1</sub>ti* ser denominativo, esperaríamos a acentuação *\*yudhyá<sub>1</sub>ti*: cf. *devayá<sub>1</sub>ti*. — Realmente encontramos o acento em *-ya* no véd. *raṇyá<sub>1</sub>ti* (Delbr. 163). Para *haryánt* cf. Grassman s. v. *hary*.

<sup>349</sup>Sem esta alternativa, o *princípio do último determinante* de Benfey e Benlœw quase poderia passar por lei geral do acento indo-europeu. — Lindner (Nominalbild. 17 seq.)

Como o mesmo sufixo pode levar e não levar acento (*riká<sub>1</sub>-*, *rá<sub>1</sub>ika<sub>1</sub>-*), prevemos que a regra seja extraordinariamente difícil de encontrar.

### 3. Relação do vocalismo com o acento.

O acento cai na sílaba radical, e ele aparece em sua forma plena, grau 1 ou grau 2.

Procuramos remover as exceções, a mais significativa das quais é o caso de temas verbais em *-ya*. — O enfraquecimento de palavras sem um sufixo como *mṝdh* (veja acima p. 233) é de um caráter bastante singular: não sabemos a que atribuí-lo.

O acento ficando no sufixo, a raiz está no grau reduzido ou (mais raramente) no grau 2, nunca no grau 1.

Principais exceções. Alguns temas *-man* como *χειμών*, *varšmán* (veja acima), e provavelmente uma parte dos temas em *-tar*, depois exemplos isolados muito numerosos. Como [p. 236] dissemos, as oxítonas em *as* tais como *ψευδής* não constituem uma exceção formal.

As oxítonas de grau 2 referidas na regra aqui são quase exclusivamente temas que terminam com *a* (veja acima pág. 229) ou temas em *u* de flexão fraca (p. 231), também *λοιπός*, *πλοχμός*, *ketú*. É curioso ver os dois *a* se comportarem de maneira diferente em relação ao acento. Isso sugeriria que o nascimento do fonema *a*<sub>2</sub> é anterior ao período de sua expulsão. De

---

propõe a radicais nominais do sânscrito as duas leis seguintes (a segunda pode cancelar o efeito da primeira): 1. O acento cai na raiz no substantivo abstrato (Verbalabstractum) e no sufixo no nome de agente. 2. O acento do substantivo corresponde ao do verbo no presente. A flexibilidade que permitem essas duas leis é singularmente grande.

fato, nas sílabas predesinenciais, nunca é necessário supor a expulsão de um  $a_2$  (pelo acento), pois, conforme vimos pág. 215, casos fracos de oxítonas mostram  $a_1$  nas paroxítonas, e que esses últimos representam, para nós, o estado de coisas que precedeu o fenômeno de expulsão.

---

Desde que admitamos a imobilidade do acento nos temas paroxítonos (pág. 203 seq.), os fenômenos de acentuação e expulsão podem, sem inconvenientes práticos, ser estudados separadamente nas duas esferas de flexão e formação de palavras. É assim que procedemos.

Só o que temos diante de nós são palavras e não temas. Quando dizemos que o enfraquecimento da raiz, no tema *uks-án*, é devido à acentuação do sufixo, resta procurar o que esta frase representa na realidade, e se realmente os fatos deste gênero nos introduzem na época paleontológica anterior à flexão, como Curtius a reconstruiu com a mente em sua *Chronologie des langues indo-européenes*. Devemos pensar, ao contrário, que todos os fenômenos são realizados na palavra flexionada<sup>35º</sup>? Não sabemos, e nós vamos continuar a abordar este problema. Gostaríamos apenas, combinando a lei de expulsões predesinenciais com a de expulsões pré-sufixais, de expressar tão simplesmente quanto possível a soma dos enfraquecimentos devidos ao acento, tal como nos parece em seu resultado final: 1º TODOS OS  $a_1$  COLOCADOS NA PARTE DA PALAVRA QUE PRECEDE A SÍLABA TÔNICA CAEM,

---

<sup>35º</sup>Os casos de que falamos, onde se vislumbra um encontro de fenômenos de flexão com os de formação (*dar-u, dr-aw<sup>A</sup>i*, p. 221 seq.), seriam um argumento apoiando esta segunda hipótese.

[p. 237] a menos que haja impossibilidade material (p. 48); 2º NENHUMA OUTRA EXPULSÃO DO  $a_1$  É CAUSADA PELO ACENTO.

tá<sub>1</sub>ig + ya<sub>1</sub>s + Ai     produz     tá<sub>1</sub>igia<sub>1</sub>sai (sânschr. *téjīyasé*).  
ya<sub>1</sub>ug + tá<sub>1</sub>i + a<sub>1</sub>s     ”     yuktá<sub>1</sub>ya<sub>1</sub>s (sânschr. *yuktáyas*).  
wa<sub>1</sub>id + wa<sub>1</sub>s + Ái     ”     widusÁi (sânschr. *vidúše*).

Faltaria obter uma única regra da qual resultaria o lugar do acento em cada forma. Quando a questão fica entre a sílaba predesinencial e a desinência, não há problemas, desde que se conheça o tipo de flexão (forte ou fraca). Por outro lado, vimos que a parte que recebe o acento, diante da bifurcação entre raiz e sufixo, pode ser encontrada para grupos consideráveis de temas, mas não pode ser prevista. Contentamo-nos, portanto, com a elaboração de um quadro condensado. Este quadro terá de justificar os  $a_1$  que existem e que faltam, em qualquer forma primária que satisfaça as condições normais.

I. Raiz + sufixo*		II. Raiz sem sufixo	
1º caso. <i>O acento cai na raiz</i>	2º caso. <i>O acento deixa a raiz</i>		
Nenhuma expulsão é possível por causa do acento. Cf. acima.	a. <i>O acento não passa para as desinências (flexão fraca)</i>	b. <i>O acento é atraído para as desinências (flexão forte)**</i>	
	A expulsão por causa do acento atingirá todos os $a_1$ pré-sufixais e nenhum outro. Cf. acima.	Haverá expulsão aqui: 1º de todo $a_1$ pré-sufixal, 2º se o $a_1$ não está no fim do tema, de todo $a_1$ pré-desinencial posto diante de desinência susceptível de ter o acento.	
Na flexão fraca as desinências que começam por uma consoante produzem a expulsão do $a_1$ pré-desinencial			

\* Seria necessário, rigorosamente, adicionar um terceiro caso: *raiz + infixo*, por causa do tipo *yu-na-g* da 7ª classe (§14). Ao fazer de *-nag* um sufixo fictício, os fenômenos são aqueles da *raiz + sufixo*.

\*\* Consideramos a flexão temática um caso especial da flexão forte (p. 188).

Não nos preocupamos até agora com as sílabas do redobro. O pouco que sabemos de sua forma primitiva configuração torna sua análise inteiramente conjectural. Seria preciso, [p. 238] antes tudo, determinar se o redobro deve ser considerado como uma espécie de onomatopeia, ou se constitui uma *unidade morfológica* regular, sendo o caráter da unidade morfológica conter, no estado normal,  $a_1$ .

No perfeito, nada nos impede de admitir esta última hipótese. Como o acento fica no singular do ativo na raiz<sup>351</sup> e em todos os outros lugares nas desinências, o redobro inevitavelmente perde seu  $a_1$ , mas ele não o possui menos virtualmente. Então temos: indo-eur. *uwá<sub>2</sub>ka*, *ūkmá* (sâns. *uváca*, *ūcimá*) no lugar de *\*wa<sub>1</sub>wá<sub>2</sub>ka*, *\*wa<sub>1</sub>wa<sub>1</sub>kmá*. Em formas como *papáta*, o *a* é forçado a ficar. Quando o  $a_1$  radical é seguido por uma vogal, temos de observar que isso se reflete no redobro: *bhibhá<sub>2</sub>ida* no lugar de *\*bha<sub>1</sub>ibhá<sub>2</sub>ida*, etc.<sup>352</sup>

Para o aoristo em *-a*, é preciso para explicar tanto o enfraquecimento radical como o estado normal do redobro em *vócat*, supor um acento duplo

<sup>351</sup>O gót. *saizlep* permite controlar o acento indiano.

<sup>352</sup>O védico *vavāca* é com certeza uma inovação pois, supondo que fosse primitivo, não se poderia mais explicar *uvāca*. Em grego *δείδοικα* e *είοικνίαι* são, por consequência, histérogénos.

primitivo (*wá<sub>1</sub>-uk-á<sub>1</sub>-t*), como têm os infinitivos em *-tavai* e outras formas índicas (Böhtlingk *Accent im Sanskrit* p. 3). Ele reconcilia, além disso, a acentuação do gr. εἰπεῖν com o de *vócat*. Os aoristos sânscritos como *atitvišanta* modificaram<sup>(61)</sup> seu redobro: seria necessário ser *\*atetvišanta*.

No momento, reina a maior incerteza. O *i* de ἴστημι e *píparti* apresenta um enigma que não abordamos. No entanto, a variabilidade de acento no sânscrito da 3ª classe parece indicar um acento duplo nas formas fortes, que permitiria compreender *nenehti*, *vevékti*, *veveṣṭi* (que podem passar, é verdade, como intensivos), avés. *zaozomī*, *daēdōist*, e em grego δεῖδω. No plural o acento, passando para a desinência, tornou-se um novamente, e conseqüentemente, o redobro perdeu seu *a*. Daí os presentes como *didéṣṭi*. A flexão original seria: *didéṣṭi*, *didiśmās*<sup>353</sup>. [p. 239]

<sup>353</sup>Nesta hipótese, o redobro *dā-* do eslavo *damī*, *damŭ*, vem do singular, e o *dǎ-* do sânscr. *dādāmi*, do plural. Primeiras formas: *dá<sub>1</sub>o-dáj<sub>o</sub>-mi*, plural *d<sub>o</sub>-d<sub>o</sub>-mās*.

<sup>(61)</sup>“ou modifié” no original.





## Capítulo 6

# Sobre diferentes fenômenos relativos às soantes *i, u, r, n, m*.

### 6.1 Líquidas e nasais soantes longas (§14)

No volume 21 do *Jornal de Kuhn*, talvez pela primeira vez talvez desde a fundação da gramática comparada, uma voz de autoridade defendeu a primordialidade dos presentes sânscritos da 7ª classe. Tudo foi imaginado, como sabemos, sob a influência da ideia teórica de que o indo-europeu abomina o infixo, para explicar como esse grupo de presentes conseguiu sair da 5ª e da 9ª classes. Windisch declara que nenhuma hipótese o satisfaz, observa que nenhuma delas realmente leva em conta o delicado organismo das formas alternadas *yunag-yung*, e acha que estes presentes, pelo contrário, oferecem todas as características de uma formação primitiva. A 9ª classe, de cuja origem pro-étnica ninguém duvida, pereceu em todas as línguas europeias,

exceto no grego. O que é de se admirar se o sétima, flexão bizarra e insólita, sobreviveu apenas em sânscrito e avéstico?

Além disso, o espectro do infixo é afastado, se se admite, com o mesmo estudioso, que a 7ª classe é uma manifestação do trabalho de extensão<sup>(62)</sup> da raiz: em *yunag-* por exemplo, a raiz seria apropriadamente *yu* (*yau*) e *g* representaria apenas um determinante. No entanto, embora rejeitemos esta teoria, pois não há nenhum argumento realmente decisivo a seu favor, declaramo-nos prontos a aceitar o infixo. Windisch, especialmente, acompanha sua suposição com um corolário de que não saberíamos nos aproveitar. Ele conjectura na 7ª classe uma espécie de continuação da 9ª, enquanto nós seremos levados a ver na 9ª um caso particular da 7ª.

Formulemos a regra pela qual passamos de raiz, como aparece nos tempos gerais, para o tema 7ª classe:

*o a<sub>1</sub> radical cai, e a sílaba -ná<sub>1</sub>- é inserida entre os dois últimos elementos da raiz reduzida.*

bha<sub>1</sub>id: *bhi-ná<sub>1</sub>-d*      ya<sub>1</sub>ug: *yu-ná<sub>1</sub>-g*      wa<sub>1</sub>d: *u-ná<sub>1</sub>-d*  
 ta<sub>1</sub>rgh: *tṛ-ná<sub>1</sub>-gh*      bha<sub>1</sub>ng: *bhṇ-ná<sub>1</sub>-g*

[p. 240] A flexão é dada pelas leis da página 188. Ela trará as formas fracas *bhi-n-d*, *yu-n-g*, *tṛ-n-gh*, *bhṇ-n-g*<sup>354</sup>, *u-n-d*.

<sup>354</sup>O sânscr. *bhanágmī* sai regularmente de *bhṇnágmi*, mas nas formas fracas como *bhanágmás* a nasal parece ter sido restituída por analogia: *bhṇng* deveria de fato dar *bhṇg*, que em sânscrito teria feito *bhāg-*.

<sup>(62)</sup>*élargissement*. Sobre os afixos que se adicionam às raízes, ou suas “extensões”, ver BENVENISTE 1935.

Agora coloquemos ao lado desta formação o presente da 9ª classe analisada de acordo com nossa teoria do  $\bar{a}$  longo:  $pu-ná_1-Aa$ , forma fraca  $pu-n-A$ .

Uma relação difícil de ignorar se manifesta, e propomos:

$bhina_1d$ :  $bha_1id$

=  $puna_1A$  :  $x$

=  $pṛna_1A$  :  $x$

=  $gṛbhna_1A$  :  $x$

Os valores de  $x$ , ou seja, as verdadeiras raízes dos nossos presentes em  $-nā$ , obviamente serão:  $pa_1WA$ ,  $pa_1RA$ ,  $ga_1rbhA$  (ou  $gra_1bhA$ ).

É a exatidão rigorosa desta regra de três que tentaremos demonstrar.

Com pequenas exceções, todas as raízes sânscritas não terminadas em  $-ī$  que pertencem à 9ª classe recebem, no infinitivo em  $-tum$ , nos temas em  $-tava$  e em  $-tar$ , e no tempo futuro em  $-sya$ , o  $i$  (breve ou longo) dito *de ligação*. Além disso eles admitem, no aoristo sigmático, apenas a formação em  $-i-ṣam$ .

$punáti$ :  $pavi-tár$ ,  $paví-tra$ <sup>355</sup>,  $pavi-śyáti$ ,  $á-pāvi-ṣus$ .

$lunáti$ :  $lávi-tum$ ,  $lavi-śyáti$ ,  $á-lāvi-ṣam$ .

$gṛṇáti$ :  $gari-tár$ <sup>356</sup>.

$gṛṇáti$  “devorar” (v. B. R.):  $gáři-tum$ ,  $gari-śyáti$ ,  $á-gāri-ṣam$

$pṛṇáti$ :  $pári-tum$ ,  $páriśyáti$  (cf.  $pári-man$ ,  $pári-ṇas$ ).

$mṛṇáti$ :  $ā-marī-tár$ .

<sup>355</sup>O dialeto védico também oferece *potár* e *pótra*.

<sup>356</sup>Este é o estado original de coisas; depois se forma o futuro *garitā*.

çṛṇāti. çārī-tos, çārī-syāti (*cf.* çārī-ra, á-çārī-ka).

stṛṇāti: stārī-tum, stārī-šyāti (*cf.* stārī-man).

gr. δάμνημι: dami-tár.

çamnāti<sup>357</sup>: çami-tár.

grathnāti: gránthi-tum, granthi-šyāti.

mathnāti: mánthi-tum, mánthi-šyāti.

çrathnāti: á-çṛthi-ta<sup>358</sup>. [p. 241]

mṛdnāti: márdi-tum, mardī-šyāti.

gṛbhñāti: grábhī-tar, grábhī-tum, a-grabhī-šma, etc.

skabhnāti: skámbhi-tum, skabhi-tá.

stabhnāti: stámbhi-tum, stabhi-tá, a-stambhi-šam.

açṇāti: pra-açi-tár.

iṣṇāti: éši-tum, eši-šyāti.

kuṣṇāti: kóši-tum, koši-syāti.

muṣṇāti: móši-tum, moši-šyāti (*cf.* muši-ván).

As exceções são, tanto quanto eu poderia dizer: *badhnāti* que oferece apenas o *i* para o futuro *bandhišyāti*; *puṣṇāti* que faz *póṣṭum* ou *póšitum*, mas *puṣṭa*, nunca *\*pušitá*; e *kliçṇāti* onde o *i* é opcional em todos os lugares. De qualquer maneira, temos que explicar esses três casos; eles são bastante indefesos em comparação aos vinte e um anteriores, e é legítimo concluir: se alguém sustenta que a raiz de *pinásṭi* é *peš*, a de *gṛbhñāti* não deve ser nomeada de forma diferente de *grabhī* (ou seja, *grā<sub>1</sub>bhā*). O *ī* de *gṛbh-ṇ-ī-**más* tem uma relação igualmente íntima com o *ī* de *grábhī-tar* de que o *š*

<sup>357</sup>Ver Delbrück *Altind. Verb.* pág. 216.

<sup>358</sup>Ver Grassmann s. v. O *r* deste participio indica que as formas com nasal *çránthi-tum*,

de *pi-m-š-mās* com o *š* de *pés-ṭar*.

Para julgar plenamente o papel e o valor do *ĩ* de que falamos, será preciso observar três pontos principais:

1. Logo que admitimos o elo que une o presente em *-nā* com o *ĩ* final, reconhecemos que este *ĩ*, longe de ser uma inserção mecânica sem sentido, é parte da raiz<sup>359</sup>.
2. Quanto à sua natureza: não há razão para não identificá-lo com o *ĩ* de *sthitá*, *pītá*. Reconhecemos neste último o descendente de uma vogal fraca pró-étnica designada por <sup>A</sup> (p. 178 seq.), vogal que é apenas uma modificação das espécies de *a*, ou espécies de *a* que não sejam *a<sub>1</sub>* e *a<sub>2</sub>* (*A*, *o*). — mais acima o *ā* longo de *sthā-*, *pā-*, metade de que é formada pela vogal exposta em *sthi-*, *pī-*, provou-nos que tinha sido uma vogal completa no início do período pró-étnico. Aqui o *ā* de *punā-*, *grbhñā-*, dá a mesma indicação quanto ao *ĩ* de *pavi-*, *grabhī-*. [p. 242]
3. Por outro lado, existe entre o *ĩ* ou <sup>A</sup> de *sthitá*, *pītá*, e o *ĩ* ou <sup>A</sup> de *pavi-*, *grabhī-*, esta importante diferença morfológica, que o primeiro resulta da redução de um *ā* (*a<sub>1A</sub>*), enquanto o segundo parece existir desde a fundação até o estado autongo. Se ele combina com *a<sub>1</sub>* no presente em *-nā*, não havia nenhum antes, exceto neste presente.

Em resumo, temos diante de nós como tipos radicais: *pa<sub>1</sub>w<sup>A</sup>*, *pa<sub>1</sub>r<sup>A</sup>*, *gra<sub>1</sub>bh<sup>A</sup>*

*çranthi-šyāti*, não são primitivos. O presente mesmo deve fazer *\*çrthnāti*.

<sup>359</sup>Julgando mesmo em seu valor intrínseco, a ideia que temos por hábito do *ĩ* de *pavitár* e *grābhītar* não é menos arbitrária do que se considerássemos como quantidades despre-

etc. Em sua forma inalterada — que é a base do presente em *-na<sub>1</sub>A* —, esses tipos são *pa<sub>1</sub>wa*, *pa<sub>1</sub>ra*, *gra<sub>1</sub>bha*.

Por um lado, como acabamos de ver, o papel do fonema *a* na *pav-i punā-* é absolutamente paralelo ao cumprido por *d* ou *s* em *bhe-d- bhinad-*, *pe-š- pinaš-*. Por outro lado, se tomarmos as raízes *grabhī*, *mardi*, *moši*, torna-se óbvio que nosso fonema tem no entanto, propriedades morfológicas bem especiais: sem soante, exceto talvez *u* (v. p. 244), e nenhuma consoante pode ser colocada no lugar do *ĩ* nos três exemplos citados.

Se, portanto, nos limitarmos apenas à base da classificação, mais ou menos exterior, que adotamos na página 184, duas categorias principais de raízes devem ser estabelecidas. Em primeiro lugar, os diferentes tipos distinguidos na página citada. Em segundo lugar, os mesmos tipos para cada um dos quais teriam sido adicionados *a*. Somos levados de volta, em síntese, exceto no que diz respeito à concepção de o *ĩ*, à divisão que a gramática hindu estabelece entre as raízes *udāttās*<sup>(63)</sup>, ou que exigem o *i* de “ligação”, e as raízes *anudāttās*, quem não a têm.

Voltemos para a 9<sup>a</sup> classe por um momento para considerar um ponto deixado de lado até agora.

Aos presentes *kṣiṇāti*, *lināti*, respondem os infinitivos *kṣétum*, *létum*. Esperávamos “*ksáyitum*, *láyitum*” etc. Deve-se supor que o grupo *-ay<sup>A</sup>-* seja

---

zíveis o *i* de *sthitá* ou o *ī* de *pītá*.

---

<sup>(63)</sup>O termo *udātta* é usado na gramática de Pāṇini para as raízes que aceitam essa vogal *ĩ* de ligação, chamada tecnicamente de *iṭ*, e o termo contrário, *anudatta*, para as que não a aceitam. De fato *udātta* é o nome do acento tônico em sânscrito védico, que foi usado no *Dhātupāṭha*, a lista de raízes dessa gramática, como marca oral metalinguística para denotar essa particularidade da vogal de ligação.

tratado de forma diferente de  $-aw^A-$ ,  $-ar^A-$ , etc. Como o optativo indo-eur. *bharāit* =  $*bharay^A t$  (pág. 193) fornece um paralelo a esta contração, há razão para acreditar que é pró-étnico<sup>360</sup>. Que o fonema  $^A$ , em todo caso, existe realmente nas [p. 243] raízes supracitadas, é certo que os  $\bar{i}$  longos de participios *kṣī-ṇá*, *lī-ṇá* (veja abaixo), não deixam nenhuma dúvida. vamos adicionar a estes dois exemplos *riṇāti* : *rī-tí*. — No presente *krīṇāti*, *prīṇāti*, *bhrīṇāti*, *ṣrīṇāti*, o  $\bar{i}$  longo certamente só penetrou sob a influência analógica de formas como *krīta*, *prīta*. É assim o védico *mināti* posteriormente mudou para *mīnāti*. Infinitivos *krétum*, *pretum*, *ṣrétum*, são todos iguais a *kśétum*, *letum*.

Pode-se certamente estimar o número de *udāttās* como cerca de metade do número total de raízes. Abaixo vamos acrescentar alguns exemplos à lista começada na pág. 240. Mas antes notaremos que a teoria da 9ª classe torna possível prever, pelo menos para um grupo considerável de raízes, a propriedade de ser *anudāttās*. Este grupo é o das raízes da 7ª classe. Caso contrário, de acordo com a lei (“a inserção de *-na-* se faz entre os dois últimos elementos da raiz”), elas teriam obviamente dado presentes em  $-nā$ <sup>361</sup>.

<sup>360</sup>Os exemplos *ṣáyitum*, *ṣváyitum* seriam então formações de analogia. Não sabemos como resolver o problema que apresentam as formas como *lāsyāti* de *lināti* (paralelamente a *lešyāti*), *māsyāti* de *mināti* etc. Curtius (Grdz. 337) considera *mā* como a raiz deste último verbo. Neste caso, o *i* de *mināti* só poderia ser uma vogal de apoio: *m-i-nāti* no lugar de *mñāti* seria para  $ma_1A$  o que *unāti* é para  $wa_1d$ .

<sup>361</sup>A raiz *vabh*, contra todas as regras, segue tanto a 7ª quanto a 9ª classe: véd. *unap* e *ubhnās*. Há cá e lá um feito de analogia, a menos que ao lado *vabh* não existisse uma raiz *vabhi*.

riṇákti: réktum, rekšyáti	chinátti: chéttum, chetsyáti
bhanákti: bhánktum, bhañkšyáti	bhinátti: bhéttum, betsyáti
bhunákti: bhóktum, bhokšyáti	ruṇáddhi: róddhum, rotsyáti
yunákti: yóktum, yókšyáti	pináštī: péštum, pekšyáti
vinácmi: véktum, vekšyáti	çináštī: çéštum, çekšyáti

*avéstico* cinaçti: *véd.* céttar

Para *anákti*, *tanákti* e *tṛṇédhi*, o *i* “de ligação” é opcional. Verbos *tṛṇátti* e *çhṛṇátti* formam o futuro *com ou sem i*, o infinitivo *com i*. Os outros verbos contendo o grupo *ar + consoante* (*ardh*, *paré*, *varǵ*, *kart*), assim como *vinágmī*, tem sempre o *i* nas formas indicadas.<sup>362</sup> Em todos estes exemplos, a vogal de ligação, quando ocorre, foi introduzida por analogia. Na maioria das vezes era necessária para evitar o grupo inconveniente *ar + consoante dupla* (cf. *drakšyáti*<sup>(64)</sup>, de *darç* etc.). O que prova a origem posterior são as formas fracas em *-ta* e em *-na*: *aktá*, *takta*, *tṛḍha*, *tṛṇṇa*, *çhṛṇṇa*, *ṛddhá*, *pṛktá*, *vṛktá*, *vigna*. Compare [p. 244] os participios dos verbos da 9ª classe *açita* (*açnáti*), *išitá* (*išṇáti*), *kusita* (*kušnáti*), *grhitá* (*grhṇáti*), *mušitá* (*mušnáti*), *mṛditá* (*mrdnáti*), *skabhitá* (*skabhnáti*), *stabhitá*<sup>363</sup> (*stabhnáti*). Não citamos *grathitá*, *mathitá*, *á-çṛthita* (de *grathnáti*, *mathnáti*, *çrathnáti*); a aspirada *th* talvez tenha tornado necessário o *i*. No exemplo *kliçita* ou *klišṭa* de *kliçnáti*, a forma que contém *i* tende a ser substituída, mas ela existe afinal, o que nunca é o caso das raízes da 7ª classe.

<sup>362</sup>Veja. Benfey Vollst. Gramm. §156.

<sup>363</sup>As formas *skabdha* e *stabdha* não são védicas. - Como *pušṇáti* e *badhnáti* são geralmente distinguidos pela ausência de o *i* (p. 241), os participios *pušṭá*, *baddhá*, não entram em jogo.

<sup>(64)</sup>Forma que substitui <sup>+</sup>*dark-šyáti* para evitar as quatro consoantes juntas: *-rkšy-*.



O princípio de formação em  $-na_1u$  (5ª classe) não pode ser considerado tão diferente dos outros presentes em nasal. Formas em  $-na_1u-ti$ , portanto, originalmente supunham raízes terminando em  $u$ . Em vários casos isso se verifica: *vanó-ti*, *sanó-ti* (=  $w\eta-ná_1u-ti$ ,  $s\eta-na_1u-ti$ ) são acompanhados por *vanutar*, *sánutar* (=  $wa_1nu-tar$ ,  $sa_1nu-tar$ <sup>364</sup>); *vṛṇó-ti*, além de *varūtár*, *várūtha*, tem como parentes o gr. εἰλύ-ω, lat. *volv-o*, gót. *valv-jan*; *kṛṇó-ti* é baseado em uma raiz *karu*, portanto *karóti*<sup>365</sup>. Mesmo tipo de radical em *taru-te* (pres.) *taru-tár*, *taru-tra*, *tárū-šas*, *táru-šanta*, desacompanhado porém de um presente *\*tṛṇóti* (cf. τρωννύω). O lugar do  $a_1$  na raiz não muda as condições do nosso presente:  $\zeta ra_1u$  “ouvir” pode, portanto, formar  $\zeta r-ná_1u-ti$ ,  $\zeta r\eta_1óti$ <sup>366</sup>.

Mas do período pró-étnico, não se pode negar, a sílaba  $-na_1u$  foi usada como um recurso verbal simples: assim  $k_2i-ná_1uti$  (sânscri. *ćinoti*, gr. τίνυται),  $t\eta-ná_1uti$  (sânscri. *tanóti*, gr. τανύω), não seriam explicáveis como formações orgânicas. — Toda essa questão exigiria, além disso, um exame mais delicado: há razão de se perguntar se o  $u$  de exemplos como *tarutár*, *sanutár* (e como *sanóti*, portanto) é de fato um  $u$  indo-europeu comum. Sua contração com  $r$  em formas como *tūrti* e *ćūrṇa* de *ćarvati* (equivalente a *taruti* menos  $a$ , *ćaruna* menos  $a$ ) torna este ponto mais que duvidoso. Cf. também, em grego, a relação de ὁμό-σσαι ὄμνυ-μι. [p. 245]

Às raízes *udāttās* listadas acima, vamos adicionar alguns novos exem-

<sup>364</sup>Ver gr. ἀνύω e Ἐνυάλιος.

<sup>365</sup>Por mais difícil que seja a análise das diferentes formas deste verbo, a existência do grupo radical *karu*, próximo a *kar*, parece absolutamente certa. — O presente *karóti* foi fortemente retrabalhado por analogia. Um grupo como *karó-* não pode ser morfológicamente puro porque, se alguém quiser fazer dele uma raiz, o duplo  $a$  não se pode conceber, e se for um tema de duas células, a primeira ainda tinha de perder seu  $a$ . Portanto, chegamos a assumir *\*káru-mi*, *\*káru-ši* etc., ou seja, um presente de 2ª classe igual a *taru-te* e *ródi-mi*. A influência de *kṛṇómi* então trouxe o ditongo e provavelmente reagiu também no plural e no dual, sobre que não poderemos decidir nada mais preciso.

<sup>366</sup>Em avéstico,  $\bar{r}$  tendo absorvido o seguinte  $u$ , encontramos *\zeta urunu-* no em vez de *\*\zeta ěrēnu-*.

plos que não têm presente da 9ª classe. Temos principalmente em mente os casos em que *A* é precedido de uma soante<sup>367</sup>.

*avi* “ajudar”: *avi-tá* (2ª pl.), *ávi-tave*, *avi-tár*, *ávi-sam*.

*dhavi* “agitar”: *dhávi-tum*, *dhavi-šyáti*, *á-dhāvi-šam*.

*savi* “pôr em movimento”: *savi-tár*, *sāvī-man*, *á-sāvi-šam*.

*havī* “invocar”: *hāvī-tave*, *hāvī-man* (mas também *hótrā*).

*karī* “verter (líquido)”: *karī-tum*, *á-kāri-sam*.<sup>(65)</sup>

*kari* “louvar”: *á-kāri-šam*.

*ćari* “ir”: *ćari-tum*, *ćari-tra*, *á-ćāri-šam*.

*gārī* “envelhecer”: *gārī-tum*, *gārī-šyáti*, *á-gāri-šam*.

*taī* “atravessar”: *tāri-tum*, *tari-tra*, *pra-tāri-tár*, *á-tāri-šam*, *tāri-ša*.

*khani* “cavar”, *khāni-tum*, *khanī-tra*, *á-khāni-šam*.

*gāni* “gerar”: *gāni-šva* (imper.), *gāni-tár*, *gāni-tra*, *gāni-man* (também *gānman*), *gāni-tva*, *gāni-syáte*, *á-gāni-šṭa*.

*vani* “gostar”: *vāni-tar*, *vani-tá* (forma forte introduzida por analogia com os temas em -ta), *vani-šīṣṭa*. O aoristo *vāṃsat*, sem *i*, é difícil de explicar.

*sani* “conquistar”: *sāni-tár*, *sāni-tra*, *sāni-tva*, *sāni-šyáti*, *á-sāni-šam*.

*amī* “prejudicar”: *amī-ši* (2ª sing.), *ami-ná*, *ámī-vā* (amíttra?).

*bhrami* “viajar”: *bhrāmi-tum*, *bhrami-šyáti*.

*vamī* “vomitar”: *vami ti*, *a-vamī-t* (Delbr. 187).

*çami* “esforçar-se”: *çamī-šva*, *çamī-dhvam* (Delbr. l. c.), *çami-tár*.

*çrami* “cansar-se”: *çrámi-tum*, *çrami-šyáti*.

Como vemos, os diferentes sufixos que começam com *t* e *s* são favorá-

<sup>367</sup>Encontramos parte das formas védicas reunidas por Delbrück *Altind. Verb.* 186 seq.

<sup>(65)</sup>Da raiz  $\sqrt{k\bar{r}}$  da 6ª classe, pres. *kiráti*.

veis à conservação do *ĩ*. Nem sempre é assim quando é um *m* que segue este fonema. Antes do sufixo *ma* o *ĩ* nunca aparece. Entre as formações em *-man*, *gániman*, *dárīman*, *párīman*, *sávīman*, *stárīman*, *hávīman*, são regulares, mas ao mesmo tempo temos *gánman*, *darmán*, *hóman* e outras formas como esta<sup>368</sup>. É permitido supor que o *m* exerceu na vogal fraca uma absorção muito semelhante àquela que deu *ćinmás*, *guhmás*, no lugar de *ćinumás*, *guhumas*.

Outro grupo de formas onde a extirpação do *ĩ* pode ser [p. 246] vista claramente são os presentes da 2ª e 3ª da classe. Alguns verbos mantiveram plenamente o paradigma: a raiz *rodi* (*ródi-tum*, *rodi-šyáti*, *rudi-tvā*, *á-rodi-šam*) ainda tem o presente *ródi-ti*, plur. *rudi-más*. Conhecemos os outros exemplos: *áni-ti*, cf. *áni-la*, *ani-šyáti*; *čvási-ti*, cf. *čvási-tum*, *čvasi-šyáti*; *vámi-ti* (Pāṇini), cf. *vámi-tum*, *vami-šyáti*. Como duvidar depois disso, quando encontramos por um lado *gani-tár*, *gáni-trī*, *gáni-man*, *ganitvī* etc., por outro lado o imperativo *gáni-šva* e a 2ª pessoa *ga-gáni-ši* (Bopp Kr. Gramm. §337) — Westergaard adiciona para o dialeto védico *ganidhve*, *ganidhvam*, *ganiše* —, como duvidar que *ga-gam-si*, *ga-gan-ti*, são histerógenos? Sempre que um *ĩ* aparece em alguns escombros do presente, como *amī-ši*, *čamī-šva*, vemos que a raiz mostra *ĩ* no infinitivo e no futuro.<sup>369</sup> Também não hesitamos nem por um momento em dizer que em *píparti* de *parĩ*, em *čakarti* de *kariĩ*, o *ĩ* final da raiz já existiu, e que sua ausência se deve apenas a uma perturbação que ainda não podemos explicar. Talvez a semelhança de

<sup>368</sup>Por outro lado, uma minoria de radicais em *-ī-man* são tirados, analogicamente, de raízes *anudāttās*. Estes são, nos Saṃhitās, *dhārīman*, *bhārīman*, *sārīman*.

<sup>369</sup>Há uma exceção, que é *svápiti sváptum*.

\**piparīti*, \**ćakarīti*, com os intensivos seja o que determinou a modificação.

Outro fato que não deve induzir a erro é o aparecimento frequente do *ī* fora de seu domínio primitivo. O número considerável de raízes *udāttās*, esquecimento do significado do *ī*, explica amplamente essa extensão histérogena. Além do mais, na maioria das vezes isso é inteiramente esporádico. a propagações sistemática do *i* só é observada, entre as formações importantes, para o futuro em *-sya*, que estendeu esta vogal para todos os radicais em *-ar*, e além das raízes *han* e *gam*. Diante dos sufixos *-tar*, *-tu* e *-tava*, — as três formações obedecem, quanto a isso, as mesmas regras (Benfey Vollst. Gramm. §917) — O *ī*, exceto em casos isolados, é geralmente primitivo.<sup>370</sup> O uso do aoristo em *i-śam*, apesar de consideráveis invasões parciais, coincide em linhas gerais com a do infinitivo em *i-tum* (Benfey §855 seq.). Entre os exemplos védicos [p. 247] (Delbrück 179 seq.) encontramos poucos que não vêm de uma raiz em *i*<sup>371</sup>.

Uma estatística especial que não nos sentimos capazes de empreender poderia por si determinar exatamente, em que medida a teoria proposta requer que se admita a extensão e também o desaparecimento do *ī*.

A preservação do *i* nas palavras radicais merece ser observada: *váni* e *sáni* produzem os compostos *vṛṣṭi-váni-s*, *upamāti-váni-s*, *vasu-vani-s*; *ūrḡa-*

<sup>370</sup>Entre os casos irregulares estão as formas védicas *srávitave*, *srávitavaí*, *yámitavaí*. Por outro lado, *tarī-tum* é acompanhado por *tar-tum pavitár* de *potár*. A lista dessas variações nunca seria concluída.

<sup>371</sup>A forma *agrabhīśma* é de particular interesse. Em seu *ī* longo, obviamente o mesmo de *grābhī-tar*, *gṛbhī-tá*, está escrita toda a história do chamado aoristo em *-iśam*. A existência distinta deste aoristo ao lado do aoristo em *-s* depende principalmente da inovação que fez divergir os dois paradigmas, transformando a 2ª e 3ª pessoa do por último, *ágais*, (véd.) em *ágaiśis* e *ágaiśīt*. Acrescentemos que esta inovação, como Brugmann Stud IX 312 supõe, veio ela mesma por analogia, do aoristo em *-iśam*, onde *-is* e *-īt* nasceram de *-īś-s* e *-īś-t*.

*-sani-s, go-ṣaṇi-s, pitu-ṣaṇi-s, vāḡa-sáni-s, hṛdam-sáni-s*. Estas formas obviamente muito comuns *-vani-* e *-sani-* não são radicais verdadeiros em *-i*: o acento, as raízes de que derivam, e finalmente, o fato de que se evita visivelmente formar casos com ditongo — o Ṛgveda, exceto *ūrgasane* (voc.), não oferece apenas o nominativo e o acusativo sing. —, tudo ali faz reconhecer o tipo *vṛtra-hán*. O genitivo de *-sani* só poderia ser no princípio *-san-as = -ṣṇ-as* (cf. abaixo).

Diante de sufixos que começam por vogal, o que observamos? As raízes *mardi, pavi, tari, ḡani*, dão *mṛd'ú, páv'ate, tár'ati, ḡán'as*. Poderia-se prever: o caso é o mesmo de *somap'é = somap<sup>A</sup>-é*, dativo de *soma-pá* (p. 203), e a vogal elidida em *páv'a-* é a mesma que teve que sofrer o mesmo destino na 3ª pess. pl. *pun'ate = pun'-ṇté* (pág. 36).

Se agora tomarmos como objeto especial de nosso estudo o grupo *soante +<sup>A</sup>*, resulta primeiro do que precede esta regra:

*O grupo soante +<sup>A</sup>, precedido por uma vogal rejeita, o<sup>A</sup> se for seguido por uma segunda vogal, e permanece inalterado antes das consoantes.*

Passamos à prova da regra complementar, que constitui o verdadeiro assunto deste parágrafo: [p. 248]

*O grupo soante +<sup>A</sup>, precedido de consoante ou colocado em início da palavra, muda para uma soante longa, qualquer que seja o fonema que segue.*

Aqui, mais do que em qualquer outro lugar, é essencial não perder de vista o princípio que nos esforçamos para ilustrar nos capítulos anteriores. Salvo alguns casos especiais, aliás duvidosos, qualquer enfraquecimento

pró-étnico, qualquer gradação, qualquer alternância de formas fortes e fracas consiste, invariavelmente, seja qual for a aparência que tome, na expulsão de  $a_1$ . É esse princípio que exigia que tomássemos como *unidade morfológica* não a sílaba, mas o grupo dependente ou célula do mesmo  $a_1$  (p. 186). Quando há mudança de acento, o tom não passa de uma sílaba para outra, mas de uma célula para outra, mais exatamente de um  $a_1$  para outro. O  $a_1$  é o promotor e moderador de toda a circunscrição de qual forma o centro. Isso aparece como o quadro imutável dos fenômenos; esses fenômenos só têm poder sobre o  $a_1$ .

De acordo com a definição, o que é *célula predesinencial* em uma forma como o indiano *róditi* é *rodi*; em *bódhati*, pelo contrário, ela seria *a*. Então o plural de *ródi-ti* é necessariamente *rudi-más*, porque *rodi-* se enquadra nas Leis II e III (pág. 188). É o mesmo na formação de palavras. Então *grábhī-tar*, *skámbhi-tum*, *móši-tum*, temas de raiz normal, são acompanhado por *grbhī-tá*, *skabhi-tá* (= \**skṃbhitá*), *muši-tá*. Que som foi sacrificado no tipo reduzido? A vogal fraca <sup>A</sup>, que precede imediatamente a sílaba tônica? De jeito nenhum é necessariamente o *a* completo, colocado duas sílabas antes do tom.

Isso posto, quando ao lado de *pavi-tár* encontramos *pū-tá*, o fenômeno não pode ser concebido de duas maneiras diferentes: *pū-* não será “uma contração”, “uma forma condensada” de *pavi-*. Não: *pū-tá* será igual a *pavitá* menos *a*; o *ū* de *pūtá* contém o *-vi-* de *pavi-*, nada menos, nada mais.

### 6.1.1 Temas em *-ta, -ti, etc.*

1. Série de *ū*. **avi-tár** : (*indra-ūtá*), *ū-tí*; **dhávi-tum** : *dhū-tá, dhū-ti*; **pávi-tum** : *pū-tá*; **savi-tár** : *sū-tá*; **hávī-tave** : *hū-tá, devá-hū-ti*.

Compare: **cyó-tum** : *cyu-tá, -cyu-ti*; **pló-tum** : *plu-tá, plu-ti* ; [p. 249]  
**çró-tum** : *çru-tá, çrú-ti* ; **so-tum** (espremer): *su-tá, soma-su-ti*; **srótum**  
 : *sru-tá, sru-tí* ; **hó-tum** ; *hu-tá, á-hu-ti*<sup>372</sup>.

2. Série do *r*. **ári-tum** : *ár-tvā*<sup>373</sup>, *ár-ti*; **gári-tár** : *gūr-tá, gūr-tí*; **tári-tum** : *tūr-thá, a-tūr-ta, su-prá-tūr-ti*; **pári-tum** : *pūr-tá, pūr-tí*; **çári-tos** : *çūr-tá* (Grassmann s. v. *çūr*).

Compare: **dhár-tum** : *dhṛ-tá, dhṛ-ti*; **bhár-tum** : *bhṛ-tá, bhṛ-tí*; **sár-tum** : *sṛ-tá, sṛ-tí*; **smár-tum**: *smṛ-tá, smṛ-tí*; **hár-tum** : *hṛ-tá, etc.*

3. Série de *n*. **kháni-tum**: *khā-tá, khā-ti*; **gáni-tum**: *gā-tá, gā-tí*; **váni-tar**: *vā-tá* ; **sáni-tum** : *sā-tá, sā-tí*<sup>374</sup>.

Compare: **tan-tum** : *ta-tá* ; **man-tum** : *ma-tá* ; **hán-tum**: *ha-tá, -ha-ti*.

4. Série de *m*. **dami-tár**: *dān-tá*; **bhrámi-tum** : *bhrān-tá, bhrān-ti*; **vámi-tum**: *vān-tá*; **çámi-tum**: *çān-tá, çān-ti*; **çrámi-tum**: *çrān-tá, etc.*

Compare: **gán-tum**: *ga-tá, gá-ti*; **nán-tum**: *na-tá, á-na-ti*; **yán-tum**: *ya-tá, ya-ti*; **rán-tum** : *ra-tá, rá-ti*.

<sup>372</sup>1. As raízes dos participios *ruta* e *stutá* têm formas muito entrelaçadas, muitos dos quais levam o *ī*, provavelmente por contágio analógico. Em *yuta* v. mais baixo.

<sup>373</sup>Esta forma ocorre no Mahābharata XIII 495, de acordo com a indicação de J. Schmidt (Voc. II 214).

<sup>374</sup>A forma *sániti* é obviamente uma nova criação imitada das formas fortes; *san* também admitiria, ao que parece, *sati* para *sāti*; inversamente indicamos *tāti* de *tan*, Benfey Vollst.

Antes de passar para outras formações, vamos parar para fixar os dados que podem ser coletados acima.

1. Série de *u*. As modificações secundárias sendo nulas, esta série deve servir como ponto de partida e padrão para o estudo da série seguinte. Descobrimos que *\*pw<sup>A</sup>ta*, ou *\*pu<sup>A</sup>ta*, que está para *pa<sub>1</sub>w<sup>A</sup>* o que *pluta* está para *pla<sub>1</sub>u*, transformado em *pūta*.
2. Série de *r*. Fica óbvio que *ī* e *ūr* são apenas a expressão indiana de uma antiga vogal *r* longa<sup>375</sup>. Nos casos [p. 250] onde ainda existe, como *pit̄r̄n* e *m̄ṛd̄āti* no lugar de *\*mṛžd̄āti*<sup>376</sup>, este fonema só foi formado muito tarde pelo chamado processo de *alongamento compensatório*. — Imediatamente adicionamos *que īr e ūr não são extensões secundárias de ir e ur*. Em todos os lugares onde havia um verdadeiro *ṛ* (ou seja, antes das consoantes), naturalmente encontramos *īr, ūr*, e é apenas quando *ṛ* se divide em *ṛr* (ou seja, na frente de vogais), que vemos *īr, ūr* aparecer:

$$\bar{i}r, \bar{u}r : \check{i}r, \check{u}r = \bar{u} : uv.$$

Isso explica o fem. *ūr̄vī* de *urú* (raiz *war*) ao lado *pūr̄vī* — *\*p̄ṛwī* de

Gramm. pág. 161 seq.

<sup>375</sup>Aqui, portanto, a fórmula da gramática hindu se revela justa, deixando de lado o erro fundamental que consiste em começar das formas fracas das raízes como o seu estado normal. É também tão verdade como errado postular *gṛ-* como a raiz de *gūr-tá* quanto dizer que *pū* é a raiz de *pū-tá*. A ligação necessária de formas fortes em *i* com fonemas *ū* e *ī*, *ūr*, é encontrada nesta regra: “as raízes em *ū* e em *ī* recebem um *i* de ligação”.

<sup>376</sup>Benfey mostrou que o verbo *mṛlāti*, nos Vedas, tem um *ṛ* longo, e Hübschmann o explicou comparando com o avés. *marezhd*.



*purú*<sup>377</sup>.

A razão que, em cada caso, determina a cor de *i* ou de *u* está quase sempre oculta. V. sobre este tópico Joh. Schmidt Voc. II 233 seq.

Às vezes, o grupo *ūr* esconde um *w* que se fundiu no *u*: assim *ūrṇā* para *\*wūrṇā* — esl. *vlŭna*. A existência do *ṛ* longo não é menos reconhecível: *ṛ* breve teria dado “*vṛṇā*”, ou pelo menos “*ūrṇā*”. Seria necessário examinar por que em certos exemplos como *hotṛ-vúrya*, *v* persiste antes de *ūr*.

Talvez o grupo *ül* + *consoante* às vezes seja o equivalente, em sua série, aos grupos *īr* e *ūr* + *consoante*; *ul* poderia também ser uma modificação do *l* breve determinado, em *phullá* por exemplo, por um durativa que segue a líquida.

1. Séries de *n* e de *m*. Todo o paralelismo do *ā* do *gātá*

com *ī*, *ū* e *īr* = *ṛ*, fala alto o suficiente para que se possa dar com probabilidade a este *ā* o valor pré-histórico de uma nasal soante longa. E ainda a mutação de *n*<sup>A</sup> para *ṇ* talvez não deixe de oferecer alguma dificuldade. Eu entendo a mutação de *r*<sup>A</sup> para *ṛ*: é, originalmente, uma extensão do *r* durante a emissão do <sup>A</sup>. Tal fenômeno parece impossível quando é uma nasal que precede o <sup>A</sup>, a oclusão da cavidade oral, e por conseguinte a nasal, cessando necessariamente [p. 251] quando o som <sup>A</sup> começar. Na verdade, vimos ao lado do gen. *mātúr* = *\*mātr*<sup>A</sup>*s*, o grupo *n*<sup>A</sup> subsistir em *ukṣṇás*. O testemunho de línguas congêneres não é decisivo, pois a vogal que segue

<sup>377</sup> Admitimos que em *saḡūrbhis* de *saḡus*, *āḡīr-dā* de *āḡis*, a longa se deve a um efeito de analogia cujo ponto de partida foi dado pelos nominativos do singular *saḡūh*, *aḡīh*, cf. *pūh*, *gīh*, de *pur*, *gīr*.

o *n* em lat. *anāt-*, v. ht-all. *anud* = sânscr. *ātí*, bem como em *janitrices*, sânscr. *yātár* (sobre estas palavras, cf. abaixo), poderia vir de uma nasal soante longa, e não ter nada em comum com o pró-étnico<sup>A</sup> que determina o último. Também é concebível, e esta é a solução que nos parece mais plausível, que *n*<sup>A</sup> tenha mudado para *ṅ*<sup>A</sup>: seria, portanto, exatamente, uma nasal soante longa *seguida por uma vogal muito fraca*.

Não fazemos suposições sobre a sequência de eventos que transformou tal grupo em *ā* longo. A ideia de que uma vogal *nasal* teria formado a transição é a que mais me parece natural, mas não sei se a série *m*, onde está obviamente *ām* (*dāntá* = *\*dāmtá*), paralela ao *ā*, tem natureza que confirme tal suposição.

Nota relativa a certas formas da 9ª classe.

O fato de que o grupo *n* + <sup>A</sup> deve, em determinados casos, aparecer em sânscrito na forma de um *ā* longo diz respeito diretamente à flexão da 9ª classe, onde este grupo reina por todas as formas fracas. Em *punīthá*, *prṇīthá*, nada além do regular: assim como em *janítár*, *n*<sup>A</sup> se encontra precedido por uma vogal. Ao contrário, *grbhṇīthá*, *muṣṇīthá*, ofereciam o grupo nas condições necessárias para produzir *ā*. Na verdade, estamos convencidos de que, sem o poderoso freio da analogia, teríamos conseguido combinar *grbhṇáti*, *\*grbhāthá*. Não sei se é permitido invocar o avés. *friyānmahi* = *prīṇīmási*; em qualquer caso, o próprio sânscrito fornece argumentos aqui. O verbo *hṇī-té* (iratum esse<sup>(66)</sup>) tem um tema derivado *hṇī-yá-* no part. *hṇī-yá-māna*. Tentemos construir a mesma formação em um

<sup>(66)</sup>“Estar irado.”

presente do tipo *gr̥bhñā-*; obtemos, observando a lei fonética, *gr̥bhā-yá-*. Todos sabem que *gr̥bhāyāti* não só existe, mas ainda que todos os verbos em *-āyá* que não são denominativos, mostram a relação mais próxima com a 9ª classe<sup>378</sup>. Delbrück procurou explicar esse parentesco conjecturando formas primárias como [p. 252] *\*gr̥bhanyá-*, mas *an* nunca muda para *ā*, e o tema de *gr̥bhñāti* não é *gr̥bhan*<sup>379</sup>.

Conforme supomos acima, *-āyá-* deve sempre ser precedido por um *consoante* e nunca por um *soante*, mas *m* é uma exceção, temos por ex. *damāyāti*. Aparentemente, isso se deve à natureza do grupo *-ṃn-*, que na verdade soa como *-ṃmn-*. Consequentemente *\*dṃ(m)n<sup>A</sup>yá-* tornou-se *damāyá-* e não "damnīyá-".

### 6.1.2 Temas em *-na*.

Série do *u*. *dhavi*: *dhū-ná*; *lavi*: *lū-ná*.

Série do *r*. *kari*: *kīr-ṇá*; *gari*: *gīr-ṇá*; *ćari*: *ćīr-ṇá*; *gari*: *gīr-ṇá*; *tari*: *tīr-ṇá*; *pari*: *pūr-ṇá*; *marī*: *mūr-ṇá*; *ćari*: *ćīr-ṇá*.

### 6.1.3 Temas verbais em *-ya*.

Podemos combinar a 4ª classe e o passivo. Essas formações diferem em acentuação, mas não em vocalismo.

<sup>378</sup>Supondo a existência de um *y* de ligação, verbos como *h̥r̥ñī-y-á-te* e *gr̥bhā-y-á-ti* podem ser comparados diretamente com derivados da 7ª classe, como *t̥r̥mhá-ti* (p. 234):

<i>h̥r̥ñī-y-á</i>	<i>h̥r̥ñá<sub>1</sub>A-</i>	<i>t̥r̥mh-á</i>	<i>t̥r̥ñá<sub>1</sub>h</i>
	raiz <i>ha<sub>1</sub>RA</i>	raiz <i>ta<sub>1</sub>rh</i>	

<sup>379</sup>Kuhn comparou com verbos em *-āyāti* o presente *stabhūyāti* que acompanha *stabhnóti* de forma semelhante, aparentemente, a forma que *stabhāyāti* acompanha *stabhnāti*. Esta observação é certamente digna de atenção; no entanto, pensamos que devíamos ignorá-la, dada a impossibilidade absoluta que haveria de explicar *stabhāyá-* por *stabh̥ + yá*.

As séries do *i* e do *u* não oferecem nada de interessante, pois encontra-se um alongamento geral dessas vogais antes de *y*. Então *ge*, *çro*, dá *ǵiyáte*, *çrūyáte* no lugar de *\*ǵiyáte*, *\*çruyáte*.

Série do *r*: **ǵari**: *ǵír-yati*; **kari** (verter [líquido]): *kír-yáte*; **gari** (devorar): *gir-yáte*; **pari**: *púr-yate*; **çari**: *çír-yáte*, etc.

Compare: **kar**: *kr-iyáte*; **dhar**: *dhr-iyáte*; **bhar**: *bhr-iyáte*; **mar**: *mr-iyáte*<sup>38o</sup>.

Mesma divergência de raízes em *-ari* e de raízes em *-ar* antes do optativo e do precativo *-yā*: *kír-yāt*, *tír-yāt*, *pupūr-yās* etc., cf. *kr-iyāma*, *sr-iyāt*, *hr-iyāt* etc.

[p. 253] Série do *n*. Uma confusão parcial se insinuou entre as raízes em *-an* e raízes em *-ani*: **khani**, **sani**, dão *khā-yáte* ou *khan-yáte*, *sā-yáte* ou *san-yáte*; por sua vez **tan** faz *tan-yáte* e *tā-yáte*. Não pode haver dúvida sobre o que é primitivo em cada caso, uma vez que consideramos que **ǵani** forma invariavelmente *ǵá-yate* e **man**, **han**, só admitem *mán-yate*, *hanyáte*. O grupo *an*, em *hanyáte* etc., é o representante regular de *ṇ* antes de *y* (pág. 35). — No optativo, **ǵani** faz *ǵaǵā-yāt* ou *ǵaǵan-yāt* (Benfey Vollst. Gr. § 801).

Série *m*: **dami**: *dām-yati*; **bhrami**: *bhrām-yati*; **çami**: *çām-yati*; **çrami**: *çrām-yati* etc.

Compare: **nam**: *nam-yáte*; **ram**: *ram-yáte*.

#### 1. Formas fracas de presentes da 2ª e da 3ª classe

Série *u*: **hāvī**: *hū-máhe*, *ǵu-hū-mási*; **bravī**: *brū-más*, *brū-té* (3ª sing. at. *brāvī-*

<sup>38o</sup>Aparentemente *kriyáte* é equivalente a *kṛ-yáte*: *ṛ* e *i* trocaram seus papéis. J. Schmidt, que discute essas formas Vocal. II 244 seq. reconstrói *kriyate* de *\*kiryate* (no lugar de *\*kryate*) e não reconhece nenhuma diferença fundamental entre este tipo e *çiryáte*. Tudo o que acreditamos poder estabelecer mais acima nos proíbe de aceitar esta opinião. Nas formas iranianas que cita o autor, *kiryētē* e *mīryētē* (= *kriyáte*, *mriyáte*), *īr* provavelmente é um *ērē* (= *r*) colorido por *y*. O que corresponde em avéstico ao grupo indiano *īr* geralmente é *are*. Lamentamos não poder apreciar os argumentos que Schmidt extrai dos dialetos populares da Índia.

-ti).

Série *r*: **gari** “louvar”: *gūr-ta* (3ª sing.); **parī** : *pipūrmás, pipūr-thá* etc. ; ved. *pūr-dhí*. A forma védica *pipr-tám* poderia, visto o gr.  $\pi\mu\pi\lambda\acute{\alpha}$ -, ter saído de uma raiz menor, que explicaria ao mesmo tempo o tema forte *pipar*.<sup>381</sup>

Série do *n*: **gani**: *gágā-thá, gágā-tás*. Não é fácil, por falta de exemplos decisivos, dizer se o *ṅ*, colocado antes de *w* e *m* se torna *ā* como antes de consoantes ou *an* como antes de vogais. O tratamento que ele recebe antes de *y* favoreceria a primeira alternativa, e neste caso *gágānvás, gágānmás* terá que passar por metaplasmos.

Chegamos a esta proporção:

*gágā-thás* : *gágāni-ši*

*brū-thás* : *brāvī-ši*

= *rudi-thás* : *ródi-ši*.

## 2. Formas fracas do aoristo sigmático.

O Ṛgveda oferece o aor. do médio *a-dhūš-ata* (3ª pess. pl.), da raiz *dhavi*. Esta forma passa por um “aoristo em -s-am”; em [p. 254] contrapartida *a-dhāviš-am* está classificado entre os “aoristos em -iš-am”. Vimos que essas duas formações constituem apenas uma em princípio, e que em geral a aparente diferença reside apenas no fonema final das raízes (p. 246 seq. 247 i. n.).

<sup>381</sup>A hipótese de Kuhn de que *írte* é o médio de *íyarti* parece tão provável que dificilmente nos atrevemos a questioná-lo. E no entanto, se compararmos *irmá* ‘rápido’, *írya* ‘violento’ e o gr. ὄρ- (ὄρσο: *íršva* = κόρση: *cīrśá*) este presente tem o efeito total de ser para *ari* o que *pūrdhí* é para *pari*. O acento teria sofrido uma retração.

Aqui ela tem outra causa: é de fato da mesma raiz que dá *dhāviṣ-* e *dhūṣ-*, apenas *dhūṣ-* contém o *i* de *dhāviṣ-* no estado latente; uma é a forma fraca da outra.

Isso explica uma regra registrada no §355 da Gramática sânscrita de Bopp: em *parasmaipadam*<sup>(67)</sup>, as raízes em  $\bar{r}$  seguem a formação em *-iṣ-am*; no *ātmanepadam* elas admitem também a formação em *-sam* e mudam então  $\bar{r}$  para *īr, ūr*. O fato é transparente: primeiro conjugamos *á-stāriṣ-am, á-stīrṣ-i*, como *á-kṣaiṣ-am, á-kṣiṣ-i* (cf. p. 191); o médio *á-stariṣ-i* só é uma imitação analógica do ativo.

### 3. Raízes nominais do tipo *dviṣ*.

Estamos considerando aqui apenas as formas em que a desinência começa com uma consoante, representadas pelo nominativo singular.

Série do *u*: **pavi**: *ghṛta-pú-s*; **havi**: *deva-hú-s*.

Série do *r*: **gari** "alugar": *gír(-s)*; **gari** "envelhecer": *ama-gúr(-s)*; **tari**: *pra-tūr(-s)*; **pari**: *púr(-s)*; **marī**: *ā-múr(-s)*; **stari**: *upa-stūr(-s)*. — No primeiro membro de um composto: *pūr-bhíd* etc.

Série do *n*: **khani**: *bisa-khá-s*; **gani**: *rte-ḡá-s*; **sani**: *go-śá-s*.

Série do *m*: **çami**: *pra-çán(-s)*, instr. pl. *pra-çám-bhis*.

## 6.1.4 Nota sobre alguns desiderativos.

Não se deve surpreender ao encontrar *gihīrṣati* de *har*, *bubhūrṣati* de *bhar* etc., já que também temos *gigīṣati*, *çuçrūṣati* etc. de raízes *anudāttās* como *ḡe* e *çrō*.

<sup>(67)</sup>ie. na voz ativa; opõe-se a *ātmanepadam*, voz média.

Antes de iniciar a segunda parte deste assunto, é bom estar alerta contra uma ideia muito natural e mais provável, aparentemente, do que a teoria proposta acima. Seria dizer: em vez de admitir que  $\bar{u}$ ,  $\bar{r}$  etc., em *lūna*, *\*pṛta* etc., são modificações de  $u + ^A$ ,  $r + ^A$ , porque não criar raízes como *la<sub>1</sub>ū*, *pa<sub>1</sub>ṛ*? As formas fortes sânscr. *lavi-*, *parī*, pode muito bem derivar delas, e a explicação de [p. 255] formas fracas seriam simplificadas. A isso nós opomos seguintes observações:

1. A hipótese a que aludimos é inadmissível:

a) Suponhamos por um momento que as raízes de *lavitár lūná* e de *parītár pūrtá* são realmente *laū*, *paṛ*. Que vantagem resulta disso? Nenhuma, porque não saberíamos, sem forçar a improbabilidade no último grau, como afirmar que o  $\bar{i}$  de *grábhitar* e de *móṣitum* não existiram depois das soantes como em outros lugares pelo menos em um número limitado de casos. Mas todas as raízes terminadas em soante +  $\bar{i}$  dão soante longa nas formas fracas. Nós voltaríamos portanto, a reconhecer para um grande ou pequeno número de exemplos a regra que gostaríamos de excluir e, em vez de simplificar, teríamos complicado as coisas.

b) Partindo das raízes *laū*, *paṛ* etc., desistimos de explicar a 9ª classe como caso especial da sétima. Então não entendemos a predileção das raízes "em soante longa", nem a aversão de raízes "soantes curtas" para o presente em *-nā*.

c) Concordamos, se for preciso, que não existe ligação necessária entre a soante longa e o presente em *-nā*; comparamos a sílaba *-nā* a sufixos como *-ya* ou *-ska*. Como vamos explicar por meio de raízes *laū*, *paṛ*, os presentes *lūnāti* e *pṛṇāti*? Como, como regra geral, é concebível que *laū* possa dar *lū* e que *paṛ* pode dar *pṛ*? — Este ponto não apenas refuta a hipótese de raízes em soante longa, mas é ao mesmo tempo aquela em que acreditamos poder ancorar com confiança a teoria da 9ª classe e, portanto, a teoria das raízes como *law<sup>a</sup>*, *par<sup>a</sup>*. Pois isso é óbvio a

*priori*: qualquer teoria baseada na ideia de que *-nā* é um sufixo simples se verá impossibilitada de explicar a diferença típica e radical do vocalismo da formação *lunāti*, *pṛṇāti*, e da formação *lūná*, *pūrṇá*.

2. A outra hipótese, longe de oferecer dificuldades, é ditada pela observação de casos análogos:

Nas raízes que apresentam sucessivamente *soante + a<sub>1</sub> + A*, por exemplo *gyā*, *vā*, *çrā*, temos certeza de que *A* faz parte da raiz. Se nossa hipótese estiver correta [p. 256] e se *kṣī-ná*, *lū-ná*, *pūr-ṇá* etc. vêm de raízes comparáveis a *gya<sub>1A</sub>*, onde só há a mudança de lugar do *a<sub>1</sub>*, será necessário que os dois tipos radicais se encontrem nas formas onde *a<sub>1</sub>* cair. Isto é o que acontece.

Série do *i* :

*gyā* (*g<sub>2</sub>ya<sub>1A</sub>*) "envelhecer": *gyā-syāti*, *gī-ná*.

*gyā* (*g<sub>1</sub>ya<sub>1A</sub>*<sup>382</sup>) "superar": *gyā-yas*, *gī-tá*.

*pyā* "engordar": *pyā-yati*, *pī-ná*.

*çyā* "congelar": *çyā-yati*, *çī-ná* e *çī-tá*.

A série do *u* oferece *ũ-ti* "tecido" de *vā*, *vāsyati*.

Série do *r*:

*krā* "machucar, matar" em *krā-tha*, daí *krāthayati*<sup>383</sup>; forma fraca: *kīr-ṇá*.

*çrā* "cozinhar, misturar": pres. *çrā-ti*, *çrā-tum*, *cīr-tá*, *ā-çīr*<sup>384</sup>.

A série do *n* oferece *gānāti* de *gñā*: esta é uma formação que restaura *\*gātá* = *\*zñtá* (cf. *gātávedas* ?) como particípio perdido de *gñā*. O presente *gānāti*

<sup>382</sup>1. Esta última raiz, como Hübschmann mostrou, é encontrada no avés. *zināt* e o ant. persa *adinā* (sâns. *āgināt*): portanto, tem *g<sub>1</sub>* e não está relacionada com o gr. βίαι nem com o sâns. *gāyati*, *gīgāya*.

<sup>383</sup>*krathana* é aparentemente uma formação erudita extraída da assim chamada raiz *krath*.

<sup>384</sup>Cf. também *pūr-va* oposto a *prā-tár*.



não pode ser absolutamente primitivo. A forma orgânica seria *gānāti* no lugar de *zṅnāti*: cf. *gināti* de *gyā*. A introdução secundária do *ṅ* longo é comparável à do *ī* longo em *prīnāti* (p. 243).

Esses exemplos formam a minoria: a maioria das raízes sânscritas que terminam em *-rā*, *-lā*, *-nā*, *-mā*, aparecem sem forma fraca<sup>385</sup>: *trātá*, *prāṇá*, *glānā*, *mlātá*, *gñātá*, *mnātá*, *snātá*, *dmātá*, etc. [p. 257] O motivo não é difícil de encontrar. Entre *trātum* e *\*tīrtá*, entre *gñātum* e *\*gñātá*, *dhmātum* e *\*dhāntá*, a disparidade era excessiva, e a unificação inevitável. Acaso não vemos o mesmo fenômeno acontecendo nas raízes em *-yā*, onde *çīna*, *cīta*, *pīna*, são acompanhados de *çyāna*, *çyāta*, *pyāna*, e onde *\*khīta* de *khyā* já deu lugar a *khyāta*?

A esses exemplos emprestados de sílabas radicais adiciona-se o caso notavelmente claro do *ī* do optativo, formado também de *i + <sup>A</sup>* (p. 191 seq.).

O que termina de marcar a identidade de composição das raízes que produziu *pūtá*, *pūrṇá* etc., com tipos *gya<sub>1A</sub>*, *kra<sub>1A</sub>*, são os presentes *gināti*, avés. *zināṭ* de *g<sub>1</sub>yā*; *gināti* avés. *gināiti* (gloss.) de *g<sub>2</sub>yā*; *kṛṇāti* de *krā* "machucar"; *\*gānāti* (v. acima) de *gnā*. Encontramos aqui esses presentes da 9ª classe, que constituem um caráter tão marcante do nosso grupo de raízes. Não há necessidade de fazer a dissecção novamente:

Tipo A: raiz *gya<sub>1A</sub>*: *gi-ná<sub>1A</sub>-ti*; *\*gi-<sup>A</sup>-tá* (*gī-tá*)

Tipo B: raiz *pa<sub>1w-A</sub>*: *pu-ná<sub>1A</sub>-ti*; *\*pu-<sup>A</sup>-tá* (*pū-tá*)

(Tipo A: raiz *çra<sub>1u</sub>*: *çṛ-ná<sub>1u</sub>-ti*; *çṛ-u-tá*.)

(Tipo B: raiz *pa<sub>1r-k</sub>*: *pṛ-ná<sub>1k</sub>-ti*; *pṛ-k-tá*.)

<sup>385</sup>J. Schmidt que, em um artigo no Journal de Kuhn, deu atenção a esta particularidade, apresenta uma explicação disso puramente fonética, baseada essencialmente na hipótese de uma metátese. Mas nosso próprio princípio nos impede de discutir sua engenhosa teoria, porque, em última análise, ela responde à seguinte pergunta: *por que é que em sânscrito*

Vimos (p. 247) a regra em virtude da qual a raiz  $ta_1r^A$  elidirá o fonema final em um radical como *tar'ati*. As condições são bem diferentes se for uma forma como a da 6ª classe: aqui cai o  $a_1$  radical, e obtém-se o primitivo  $tr^A + \acute{a}ti$ . Sendo apoiado por uma consoante, o  $r$  não deixa escapar o som <sup>A</sup>: segundo a regra ele se assimila. Ele resulta em  $t\bar{r} + \acute{a}ti$  e, finalmente, pelo desdobramento de  $\bar{r}$ ,  $t\bar{r}r-\acute{a}ti$ . Se a raiz era *tar*, a mesma operação teria produzido *tr-áti* (cf. gr.  $\pi\lambda\text{-}\acute{\epsilon}\sigma\theta\alpha\iota$  etc., p. 9).

Este processo dá origem, nas diferentes séries, aos grupos *-iy-*, *-uw-*, *-ṇn-*, *-ṇm-*, *-ṛr-*. O sânscrito mantém os dois primeiros intactos, e altera os outros três para *-an-*, *-am-*, *-ir*<sup>386</sup> (*-ūr-*). [p. 258]

### 6.1.5 Raízes verbais em -á.

Série do *u*. **dhavi**: *dhuvá-áti*; **savi** (excitar): *suvá-áti*.

Série *r*. **kari** (verter [líquido]): *kir-áti*; **gari** (devorar): *gir-áti*, *gil-áti*; **gari** (aprovar): *ā-gur-áti*; **tari**: *tir-áti*, *tur-áti*; **sphari** (aor. ved. *spharīs*): *sphur-áti*.

Série do *n*. **vani**: véd. *van-ema*, *van-áti*; **sani**: véd. *san-éyam*, *san-éma*.

A posição do acento não deixa dúvidas sobre o valor do grupo *-an* que está

*dhmā não faz \*dhmitá quando sthā faz sthitá?* Se admitimos o que acreditamos poder ter decidido acima, esta questão *deixa de o ser*, e só podemos perguntar isto: *por que dhmā não faz dhantá quando sthā faz sthitá?* — Além disso, a hipótese *\*dhamtá*, *\*dhamatá* (como primitivo de *dhmātá*) é incompatível com a lei de expulsão pró-étnica do *a*. Metátese, se existir em sânscrito, parece admissível apenas para um número insignificante de exemplos.

<sup>386</sup>A teoria de J. Schmidt (Voc. II 217) tende tornar *ir*, *ur*, as modificações de *ar*. O autor diz, sem dúvida com razão, que *kiráti* não pode ser equivalente a  $k\bar{r} + \acute{a}ti$ : isso daria “*kráti*”.

no lugar de *-ṇn*. É uma acentuação muito notável, porque geralmente os *a* radicais histerógenos apressaram-se a tomar o acento e a se fundir com os antigos. Em nossos próprios verbos, é provável que *vánati*, *sánati* sejam da 1ª classe apenas na aparência: são iguais a *vanáti*, *sanáti*, depois que o acento retrocedeu.

Série do *m*. Não se pode decidir se um presente como *bhrá-mati* vem de *\*bhrá<sub>1</sub>mati* ou *\*bhrṃmáti*<sup>387</sup>.

### 6.1.6 Perfeito.

Encontramos, em conformidade com *dudhuvús*, *dudhuvé* de **dhavi**, formas como *taturúšas*, *titirús* de **tari**, *tistire*, *tistirāṇá* de **stari** (Delbrück p. 125), *gúgurušas* de **gari**<sup>388</sup>.

Além desses casos, sabemos que as raízes “em *ṛ*” não são tratadas, nas formas fracas do perfeito, da mesma forma do que as raízes “em *r*”. Manter o *a* é opcional lá, e para certos verbos, é obrigatório: assim *stari* faz *tastariva* (Benfey p. 375). A razão dessa peculiaridade nos escapa: seria de esperar “*tastīrva*”.

A série nasal oferece muitas modificações analógicas. Formas como *gáganus* (véd) no lugar de *\*gágṇnus* de **gani**, *vavamus* = *\*vavṃmus* de **vami**

Mas a fórmula *kar + áti* em que Schmidt tropeça, ele se depara com o princípio da expulsão dos *a*, princípio que não nos permite admitir que o indiano tenha possuído presentes como “*\*karáti*”.

<sup>387</sup>Pode-se crer que *bhrámati* seguiu a analogia de *bhrámyati*, porque não se conceberia que o grupo *-ṇm-* produziu *-ām-*.

<sup>388</sup>A breve de *gúgūrván* parece ser devida à reação do tema fraco *gúguruš-*. Deveria ser *\*gúgūrván*. O radical *tari*, além de *titīrván*, oferece o optativo *turyā-* no lugar de *\*tūryā-*: o *u* breve pode ter sido comunicado pelo tema do médio *turī-*.

são os únicos regulares. Eles são acompanhados por *gágñus*, *vemus*<sup>389</sup> etc.  
[p. 259]

### 6.1.7 Raízes nominais do tipo *dviš*.

Temos, perante as terminações iniciadas por vogal:

De *mano-ǵú-*: *mano-ǵúv-*.

De *ǵír-* (*\*ǵr̄-*): *ǵir-* (*\*ǵrr-*).

De *go-šǎ* (*\*go-šǎ-*): *go-šán-as* (*\*go-šǎn-as*). R. V. IV 32, 22.

Normalmente o tipo *go-šǎ* cedeu à atração da declinação de *soma-pá*.

Na série do *m*, *pra-çām-*, sem dúvida graças a uma unificação posterior, retém o *ā* longo antes de vogais.

As raízes em *-a<sub>1</sub>A* apresentam exemplos notáveis: *prā* (comparativo *prá-yas*, avés. *frā-yanh*) dá *pur-ú* ou seja, *\*prr-ú* (fem. *pūrví* ou seja, *\*pṛ-ví*); *çrā* dá *ā-çír-as*. Na série nasal, é bem possível que *mánati* e *dhámati* realmente venham de *mnā* e *dhmā*, conforme ensinado na gramática hindu. Essas formas se viriam então de *\*mṇnāti*, *\*dhṇmāti*.

Para encerrar, vamos mencionar dois fatos que somos obrigados a considerar como perturbações da ordem primitiva:

1. Certas formas nominais com raiz fraca mostram a soante breve. 1º Antes das vogais: *tuvi-grá* (ao lado de *saṃ-girá* que é normal) de *garĩ*; *pápri* (ao lado de *pápuri*) de *parĩ*; *sásni*, *sišṇu* de *sani*. 2º Antes de consoantes: *čarkṛtí* de *kari* "alugar"; *satván*, *satvaná* de *sani*, etc.

<sup>389</sup>Note-se, no entanto, esta observação de um gramático citado por Westergaard: *vemuḥ, tadbhāšyādiṣu čirantanagrantheṣu kutrapi na dṛṣṭam*.

2. O *ā* resultante da nasal sonora longa dá origem a mal-entendidos: assim *sā*, forma fraca de *sani*, é tratada como raiz, de onde se deriva por ex. *çata-séya*. Por outro lado, as raízes *anudāttās han* e *man* apresentam *ghāta* e *mátavaí*. A criação dessas formas só parece explicável ao se admitir uma ideia confusa da língua, da legitimidade da troca *-an-* : *-ā-* extraída dos pares *sánitum* : *sātá*, e às vezes aplicada errado.

Um pequeno número de exemplos oferece *ū* e *ṛ* no *interior* de uma raiz terminada em consoante. Infelizmente é raro que a forma forte seja preservada para nós: assim *mūrdhán*, *sphūrḡati*, *kūrdati*, e muitos outros são privadas disso. Nós acreditamos encontrar a forma forte de *çīrśán* no gr. *κρᾶσ-* (p. 224). O exemplo principal é: *dīrghá* "longo" em comparação com *drághīyas*, *drāghmán*, avés. *drāganh*.

*dīrghá* (= *dṛghá*, \**dr<sup>A</sup>ghá*) : *drághīyas* = *pr̥thú* : *práthīyas*  
*çīr-tá* : *çrᾶ-ti*  
*pur-tá* = *parī-tár*, etc.

[p. 260] Várias raízes parecem ser *udāttās* e *anudāttās*. Na série do *u*, encontramos, ao lado do participio *yu-tá*, as palavras *yū-tí* e *yū-thá* cujo *ū* longo combina bem com o fut. *yavi-tá*, o aor. *a-yāvi-šam*, e o pres. *yunāti* (gram.). Pudemos seguir distintamente as duas raízes **var** e **varī**, significando ambas *escolher*: a primeira dá *váratī*, *vavrus*, *vriyāt* (precativo), *ávṛta*, *vṛtá*; a segunda *vṛñité*, *vavarus*, *vūryāt*, *vurīta* (optativo), *vūrṇá*, *hotṛvūrya*, *varītum*. Ao lado de **dari** (*dṛñāti*, *dari-tum*, *dīryáte*, *dīrṇá*, o gr. *δέρα-ς*), uma forma **dar** ocorre em *dṛti*, avés. *dērēta*, gr. *δρατός*. Ao duplo infinitivo *stártum* e *stáritum* corresponde o duplo participio *strtá* e *stīrṇá*, e o grego continua esse dualismo em *στράτος*: *στρωτός* (= \**στṛτος*, \**στṛτός*).

Nós poderíamos facilmente aumentar o número desses exemplos.

De um modo geral, a raiz *udāttā* pode ser apenas uma extensão dentre muitas outras da raiz *anudāttā*. Observemos, por exemplo, todas as combinações radicais que giram em torno das bases *-u-* "tecer", *k<sub>1</sub>-u-* "aumentar", *gh<sub>1</sub>-u-* "chamar".

- |    |                                      |                             |                      |
|----|--------------------------------------|-----------------------------|----------------------|
| 1. | <i>-a<sub>1</sub>u</i>               | ó-tum, vy-òman (Grassmann); | vy-ùta, u-ma         |
|    |                                      |                             | á-çv-a-t             |
|    |                                      | hó-trā, hó-man;             | á-hv-a-t             |
| 2. | <i>-a<sub>1</sub>w<sup>A</sup></i> . |                             |                      |
|    | ( <i>udāttā</i> )                    | çávī-ra                     |                      |
|    |                                      | hávī-tave, hávī-man         | ū-ti, ūvus           |
| 3. | <i>-wa<sub>1</sub>A</i>              | vá-tum, va-vaú-,            | gr. ἦ-τριον çú-ra.   |
|    |                                      | cvā-trá (?)                 | hū-tá etc., huv-á-te |
|    |                                      | hvá-tum etc.                | avés.                |
| 4. | <i>-wa<sub>1</sub>i</i>              | váy-ati, uváya.             |                      |
|    |                                      | çváy-ati, çváyitum.         |                      |
|    |                                      | hváy-ati.                   |                      |

As raízes geralmente citadas como *bhū* e *sū* (gignere<sup>(68)</sup>) oferecem duas características singulares: 1º Em formas fortes, aparição anormal de *-ǔv-* e *-ū-* em vez de *-av'* e *-avĩ-*, que no entanto, são mantidos em alguns casos; então a primeira das raízes mencionadas dá *babhúva*, *bhúvana*, *ábhūt* (1ª pess. *ábhūvam*), *bhúman*, e ao mesmo tempo *bhávati*, *bhavítva*, *bhávītva*, *bhávīyas*<sup>39º</sup>; a segunda faz *sašúva* (véd.),

<sup>39º</sup>*bhūyas* é provavelmente feito em imitação do positivo *bhūri*. O avés. *baēvare* parece ser baseado no comparativo que está no sânscrito *bhávīyas*.

<sup>(68)</sup>gignere. "Produzir, dar a luz."

*su-śúma*, e ao [p. 261] mesmo tempo *sávati*. 2º Várias formas fracas têm *u* breve: *çam-bhú*, *mayo-bhú*, *ád-bhuta*; *su-tá*.

Essas anomalias são reproduzidas mais ou menos fielmente em grego, para φῦ = *bhū* e para δῦ. Sabemos que nestas raízes a quantidade do *υ* não varia de outra forma além do *a* em βᾶ ou στᾶ, que pode ser expresso dizendo que o *υ* longo está no lugar do ditongo *ευ*. A obscuridade dos fenômenos indianos em si nos priva de dados que poderiam elucidar essa singularidade. Classificaremos entre essas raízes *pū* “apodrecer” que não tem *a* em nenhum idioma e que, por outro lado, oferece um *u* breve no lat. *pŭ-tris*. Seria muito incerto propor, a partir de tais indícios, uma série *ū* : *u*, paralela por exemplo a *a<sub>1</sub>u* : *u*. Não se perca de vista o *a* do sânscr. *bhávati*, *bhávīva*.

---

Não é nossa intenção continuar em grego ou em outras línguas europeias a história muito vasta e muitas vezes extremamente perturbada das raízes *udāttās*. Nós limitaremos nossa tarefa a demonstrar, se possível, que os fenômenos fônicos estudados acima em sânscrito, e de que resultaram as longas *ī*, *ū*, *ῑ*, *ῒ*, *ΐ*, *῔*, *῕*, devem ter ocorrido já no período indo-europeu.

Para a série do *i*, essa certeza resulta do *ī* pan-europeu das formas fracas do optativo (p. 191 seq.).

Na série *u*, podemos citar o indo-eur. *dhū-má* da raiz que é em sânscrito *dhavi*, o esl. *ty-ti* “engordar” ao lado de do sânscr. *tāvī-ti*, *tavi-śá*, *tuv-i*, *tú-ya*; o lat. *pū-rus* oposto de *pavi-tár*, *pū-tá*. O que há a observar nos verbos gregos θύω e λύω (sânscr. *dhavi dhū*, *lavi lū*<sup>391</sup>), não é tanto talvez a frequência do *υ* longo, mas a ausência do

---

<sup>391</sup>κομβο-λύτης·βαλαντιο-τόμος Hes. é interessante do ponto de vista da etimologia de λύω.

grau com ditongo. Compare κλευ κλυ = sânscr. *çro crũ*, πλευ πλυ = sânscr. *plo plũ*, ρευ ρυ = sânscr. *sro srũ*, χευ χυ = sânscr. *ho hũ*<sup>392</sup>. Essa perda marca claramente a divergência que existia entre as organizações dos dois conjuntos de raízes.

Passemos à série das líquidas.[p. 262]

### 6.1.8 A. Antes de consoantes.

Qualquer pessoa que aceite para o sânscrito a identidade *pūrṇá* = *\*pr<sup>A</sup>ná* necessariamente deve, tendo em conta a posição da líquida no lituano, colocar também a época da mutação no período pró-étnico. E quanto resultado exato dessa mutação, vimos que, sem sair do sânscrito, somos levados a ver nele uma vogal *r* (longa), não, por exemplo, um grupo como *ar* ou *<sup>A</sup>r*. Entre os idiomas europeus, o germânico fornece confirmação positiva desse resultado: o som que, com ele, surge diante da líquida geralmente é *u* como para o a vogal *r* breve.

EM LITUANO, *r̄* é traduzido como *ir*, *il*, mais raramente como *ar*, *al*.

*girtas* “laudatus” = *gūrtá*; *žirnis*, cf. *gīrṇá*; *tiltas* = *tīrthá*; *ūlgas* = *dīrgha*(?); *pilnas* = *pūrṇá*; *vilna* = *ūrṇā*; — *žarnà* “tripa”, cf. abaixo gr. χορδή; *száltas* = avés. *çareta* o que certamente seria em sânscrito *\*çīrta*, visto a palavra aparentada *çiçirá*; *spragū* = *sphūrḡati*.

O PALEOESLAVO apresenta *rĭ*, *rŭ*, *lŭ*.

*krŭnŭ* = *kīrṇá* “mutilado”; *zrĭno* = *gīrṇá*; *privŭ* = *pūrva*; *dlŭgŭ* = *dīrghá*; *plŭnŭ* = *pūrṇá*; *vlŭna* = *ūrṇā*. Encontramos *lo* em *slota* = lit. *száltas*.

Exceção: lit. *berzas*, esl. *brěza* “bétula” = sânscr. *bhūrḡa*.

O GERMÂNICO hesita entre *ur*, *ul* e *ar*, *al*.

<sup>392</sup>Em latim, onde *rūtus* e *inclūtus* são os únicos participios passivos em *-ŭto*, a longa não prova muito. Ela se mostra mesmo em *secūtus* e *locūtus*. Os exemplos que de outra forma nos interessariam são *so-lūtus* e talvez *argūtus*, se dividirmos *arguo* em *ar* + *guo* = *huvāti*.



Gótico *kaur̥n* = *ǵīr̥nā*; *fulls* = *pūr̥nā* ; *vulla* = *úr̥nā* ; — *arms* = *īrmā* ; (*untila*)-*malsks* = *mūr̥khā* ; *hals* = *ǵīr̥šā* (?), cf. *χόρρη· τράχρηλος* Hesíquio. O *a* segue a líquida em *fraud* = *pūr̥vyā*.

O GREGO responde regularmente com *ορ*, *ολ*[fn:334], *ου ρω*, *λω*. [p. 263]

ὀργή <sup>1)</sup>	ūr̥gā
ὀρθός <sup>2)</sup>	ūrdhvā
κόρρη	ǵīr̥šā
δολ-ι-χός <sup>3)</sup>	longo
πόρτις <sup>4)</sup>	pūrtí
οὔλος <sup>5)</sup>	úr̥nā
πρώϊος	pūr̥vyā
τρώω	túr̥vati (?)
βρωτός	cf. <i>ǵīr̥nā</i>
στρωτός	stīr̥nā

Em vez do *ρω* deveríamos ter *ρο* em βρότος “sangue coagulado”, se Bugge está certo em aproximá-lo ao sânscr. *mūrtā* “coagulado”, KZ. XIX 446. Cf. ἄβρωμος (Hesíquio) = ἄβρωμος.

1. De acordo com a pág. 250, é indiferente se a raiz começa ou não com *w*.
2. A observação anterior se aplica a ὀρθός — *ūrdhvā*; somente o avés *ēr̥ḏwa* mostra que a raiz de *ūrdhvā* não tem *w* inicial. Em caso afirmativo, com base em βρωθία· ὀρθία e contra a opinião de Ahrens (II 48), atribuímos a ὀρθός o digama, o paralelo ὀρθός — *ūrdhvā* cai. —
3. O *i* de δολιχός não é orgânico. Em uma época em que o segundo *ε* da forma

forte \*δέλεχος (ένδελεχής) ainda era a vogal indeterminada <sup>4</sup>, esta vogal poderia ser adotada analogamente por \*δολχός; o tratamento então diverge em ambas as formas. —

4. Cf. pág. 265, nota 4. —

5. οὔλος “crespo” é igual a \*φολνος. Cf. οὔλη λευκή· θριξ λευκή.

EM LATIM *ar, al, e rā, lā*, são equivalentes aos grupos gregos *ορ, ολ, ρω, λω*.

arduus	ūrdhvá
armus	irmá
largus <sup>1)</sup>	dīrghá
pars	pūrtí
cardo cf.	kūrdati
grātus	gūrtá
grānum	gīrḡá
(?) plānus	pūrḡá <sup>2)</sup>
strātus	στροτός

1. No lugar de \**dargus*, apesar do *l* de δόλιχος, sendo a troca entre *l* e *r*

bastante frequente justamente nas raízes de que estamos falando<sup>393</sup>. Poderíamos também, partir de \**dalgus*, e admitir uma assimilação: \**lalgus*, então um dissimi-

<sup>393</sup>Exemplos: χορδή e χολάς (p. 264); δέρας e *dolare*; κολοκάνος e *cracentes*; χάλαζα e *grando*; gr. στορ, esl. *stelja*; gr. χρυσός, gót. *gulþ* (pág. 265); gr. κόρση, gót. *hals*; lat. *marceo*, gót. *-malsks*; lit. *girėti*, esl. *glagolati*, etc.

lação. — 2) Cf. *complanare lacum* “encher um lago”, em Suetônio; *plēnus* é tirado por analogia da forma forte. — Sem *λάχνη*, *lāna* poderia reduzir para *\*vlāna* = *úrḡā*.

O grupo *al* se opõe a *ul* em sânscrito (p. 250), em *calvus* — *kulva* e *alvus* = *úlva*, *úlba*.

Encontramos *-ra-* em *fraxinus*, cf. sânscr. *bhūrḡa*. Por outro lado Buzen, aprovado por J. Schmidt (Voc. I 107), reúne *prōvincia* [p. 264] ao sânscr. *pūrva*. Essa palavra também é encontrada em *prīvi-gnus* que estará no lugar de *\*prōvi-gnus* (cf. *convīcium*)<sup>394</sup>.

Exemplos que ocorrem entre diferentes idiomas europeus:

Lat. *crātes*, gót. *heavy-*. — lat. *ardea*, gr. ῥωδιός (por prótese, ἔρωδιός). — Lat. *cracentes* e *gracilis*, gr. κολ-ο-κάνος, κολ-ε-κάνος, κολ-ο-σσός. — (?) Lat. *radius*, gr. ῥο-ό-δαμνος. — Gr. χορδή, nórd. *garnish*, lit. *žarnà*.

### 6.1.9 B. Antes das vogais.

Acabamos de ver os representantes europeus do *ř* propriamente dito. Resta considerá-lo em sua forma dividida que dá o grupo *řr* (sânscr. *ir*, *ur*), e aqui os fenômenos do grego tomam um significado especial. Parece natural que esta língua, onde *ř* e *ř* se tornam *αρ* e *αλ* também tornaria em *αρ* e *αλ* os grupos *řr* e *řl*. A observação, no entanto, mostra que *ορ* e *ολ* são pelo menos tão frequentes e talvez mais normais que *αρ*, *αλ*, daí então, por exemplo,

<sup>394</sup>Deve-se admitir o lat. *er* = *ř* em *hernia* (cf. *haruspex*) enfrentando de lit. *žarnà* e *verbum* = gót. *vaurd* (lit. *vardas*)? Iremos recordar quanto a isto esta proposição *cerebrum* oposto ao sânscr. *çíras*, *termes* variando com *tarmes* (raiz *udāttā tere*), bem como o *er* de *terra* que é equivalente a *or* em *extorris*.

que πόλις responde ao sânscr. *puri* exatamente como κόρση corresponde a *çīrśá*. Portanto nós devemos inferir que o fonema <sup>A</sup>, misturando-se à líquida, comunica, desde o período pró-étnico, uma cor vocálica particular de que o *r* breve está naturalmente isento.

Βορέας, Ὑπερ-βορειοι	girí
πόλις	purí
πολύς	purú, pulu
(?) πομ-φόλυγ-	bhurágate (John. Schmidt Voc. II 4)
Φορωνεύς	bhuraṇyú (Kuhn)
χολάς, χόλιξ (cf. χορδή)	hirā
χόριον <sup>395</sup>	číra <sup>396</sup>

[p. 265] Ao lado do sânscr. *híraṇya* e *hiri-* temos eólio χροισός (forma antiga de χρῦσός), que parece igual a \*χῖτυό, cf. gót. *gulpa*-<sup>397</sup>.

Formas verbais:

<sup>395</sup>χρῶς é aparentemente um nome como *gīr*, *pūr* em sânscrito, ou seja, que remonta a χῖς. Os genitivos χρῶς e χρῶς são histerógenos no lugar de \*χορός. O verbo χραίνω parece ser uma lembrança do presente \*χρανημι, \*χῖνημι, que é para χρῶς o que *gṛhñāti*, *pṛhñāti* são para *gīr*, *pūr*. — χρῶμα não é absolutamente idêntico a *carman*: o grupo ρω penetrou lá depois como em βρῶμα.

<sup>396</sup>Em um pequeno número de formas indianas, *īr*, *ūr*, por um fenômeno surpreendentemente, aparecem mesmo antes das vogais; em outras palavras, o *r* não se dividiu.

<sup>397</sup>Comparamos ἀγορά e *ajirá* “tribunal” (Savelsberg K. Z. XXI 148). Osthoff (Forsch. I 177) combate essa etimologia com base em: 1º o *o* do grego, 2º a enexão entre ἀγορά e ἀγείρω. Só segunda razão é boa, mas ela basta.

βόλεται	sânschr. -gura-te <sup>398</sup> “aprovar”
τορεῖν	sânschr. tirá-ti, turá-ti
μολεῖν	milá-ti “convir” <sup>399</sup>

A mesma coincidência nas seguintes raízes para as quais o tema em -ά está faltando em uma das duas línguas:

ὄρ-έσθαι [ὄρ-σο]	cf. sânschr. ír-te, ír-šva (p. 253 i. n.)
βορ-ά [βρω-τός]	” gir-áti, gīr-ηά
πορ-εῖν [-πρω-τος]	” purayati etc. <sup>400</sup>
στορ- [στρω-τός]	” stir-ati, stīr-ηά
αίμα-κουρία	” kir-áti

As formas que acabamos de nomear nunca representam mais de um grau vocálico des suas raízes, embora na verdade esse grau tenha quase sempre tomado o maior lugar. A restauração do vocalismo primitivo das diferentes formas pertenceria à história geral de nossa classe de raízes na língua grega, uma história que não fazemos. Aqui estão muito brevemente as diferentes evoluções normais de uma raiz como a que dá στόρνυμι:

1. στερα. 2. στορ, στρω. 3. σταρ-.

1. στερα, ou στερε. É a raiz completa e normal, respondendo a sânschr. *starī*. No caso particular escolhido, o grego conservou apenas uma forma deste [p. 266] grau: τέρα-μνον ou τέρε-μνον [fn:343] no lugar de \*στέρα-μνον (Grdz. 216). Está aqui a continuação de um radical em -man, onde a raiz plena é a regra (p. 131), cf. sânschr. *stārī-man*. — Outros exemplos: πέρᾱ-σαί, περᾱ́-σω;

<sup>398</sup>340    <sup>399</sup>341    <sup>400</sup>342

— τερά-μων, τέρε-τρον, τέρε-σσειν (ἔτρωσεν, Hes.); — τελα-μών, τέλα-σσαι» (Hes.). Como essas poucas formas já mostram, o grau em questão permaneceu confinado regularmente nos temas que querem a raiz não enfraquecida.

2. στωρ, στρω, grau reduzido de que nos ocupamos acima, e que responde ao sânscr. *stīr*. Ao lado de τέρα-μνον temos στρω-τός, junto de πέρα-σαι, πόρ-νη, junto de τερά-μων τωρ-εῖν, τωρ-ός, τί-τωρ-σκω, etc.
3. στᾶρ-, ou στῶρ- = *str*. Esta forma, em princípio, pertence apenas ao presente em -νημι ou em outras formações nasais que o grego frequentemente substituiu. A teoria deste presente foi suficientemente desenvolvida acima, p. 240 seq. — Exemplos: μάρναμαι, corcyr. βάρναμαι[fn:344], = sânscr. *mṛṇāti* da raiz *marī*; τε-τραίνω de τερα.

As três formas mencionadas se misturam continuamente por extensão analógica. A terceira é, portanto, quase completamente eliminada. Exemplos. Junto com μάρναμαι, Hesíquio relata μόρναμαι cujo o provavelmente foi emprestado de uma forma perdida, do mesmo tipo que ἔτορον. Paralelo a πέρνημι — que está no lugar de \*παρνημι, graças a a influência de περάσω —, o mesmo lexicógrafo oferece πορνάμεν (cf. πόρνη). O aoristo ἔθορον faz suspeitar em θόρνημι da substituição de um tempo presente em -νημι, -ναμαι; em todo caso o ο, neste presente nasal, é histerógeno, e de fato Hesíquio dá θάρνυται e θαρνεύω (θάρνυται: ἔθορον = *stṛṇāti* : *stirāti*). O ômicron<sup>(69)</sup> é ilegítimo também em ὄρνημι, στόρνημι, βούλομαι = \*βολνομαι» etc. — O grau que contém ορ, ρω, invade, por outro lado, o grau não enfraquecido: daí p. ex. στρωμνή, βρώμα, ἔβρων <sup>401</sup>. — Por outro lado, podemos acreditar que ἔβαλον

<sup>401</sup>A inflexão pura de um aoristo desse tipo seria: \*ἔ-βερα-ν, plur. ἔ-βρω-μεν.

<sup>(69)</sup>Ie. o o breve.

da raiz βελε não deve seu α apenas ao presente βάλλω = \*βαλνω. Regularmente, ele faria \*ἔβολον.

O o resultante dos grupos fônicos de que falamos tem uma certa propensão para colorir em *u* (cf. p. 99). Então πύλη é igual a *-pura* em sânscr. *gopura* (Benfey), μύλη é parente de *mūrṇā* “esmagado”<sup>402</sup>, φύρω e πορφύρω representam *bhurāti* e *ḡarbhurīti*<sup>403</sup>, μύρκος é o indiano *mūrkhā*. Seria fácil multiplicar [p. 267] exemplos usando a lista fornecida por J. Schmidt Voc. II 333 seq. — O grupo υρ (νλ) até parece sair às vezes do *r* breve.

Aqui estão alguns exemplos onde o grego desenvolveu *a* frente à líquida:

	βαρύς	guru
(?)	γαλέη	giri “rato”
	παρά	purá
(?)	καλίά	kuláya (mais provável ser composto de <i>kula</i> )
	πάρος	purás
	ψάλυγ-ες	sphuliṅga
(?)	φάρυξ	buriḡ (Bugge)

Adicione-se: ἔ-βαλ-ον da raiz βελε (έκατη-βελέ-της, βέλε-μνον), γάρ-ον da mesma estirpe que βορ-ά, φαρ-όω<sup>404</sup> (avés. *bareneñti*, 9ª classe).

Quanto aos casos acima enumerados, importa comentar que entre outras for-

<sup>402</sup>A mesma linhagem produziu μάρναμαι que responde diretamente a *mṛnāti*.

<sup>403</sup>A raiz dessas formas sânscritas é, até onde se pode presumir, \**bhari* ou \**bhrā*. Ela parece ser a mesma que se esconde no presente *bhṛnāti* “fritar”<sup>(70)</sup> (gram.).

<sup>404</sup>A relação de *zíras* com *κάρη* é obscurecida pelo *ē* final da última forma.

<sup>(70)</sup>Sânscr. √bhṛ.

mas mais ou menos certas que levam em grego o fonema  $\bar{r}$ , além de  $\sigma\rho$ ,  $\omicron\lambda$ , às vezes parece ser representado por  $\alpha\lambda\alpha$ ,  $\alpha\rho\alpha$ . Exemplos:  $\tau\alpha\lambda\alpha$ - (forma forte em  $\tau\epsilon\lambda\alpha$ );  $\pi\alpha\lambda\acute{\alpha}\mu\eta$  = germ. *folma*, lat. *palma* (forma forte em  $\pi\epsilon\lambda\epsilon\mu\acute{\iota}\zeta\omega$  ?) ;  $\kappa\acute{\alpha}\lambda\alpha\theta\omicron\varsigma$  que estaria para  $\kappa\lambda\acute{\omega}\theta\omega$  o que *dīrghá* é para *drághīyas* ;  $\sigma\phi\alpha\rho\alpha\gamma\acute{\epsilon}\omega$  — sânscr. *sphūrghāyati* ;  $\beta\acute{\alpha}\rho\alpha\theta\rho\nu$  ao lado de  $\beta\omicron\rho$ -,  $\beta\rho\omega$ -.

O LATIM apresenta ora *ar*, *al*, ora *or*, *ol* :

1. **ar, al** (**ra, la**, quando uma soante vogal que siga é transformada em consoante):

grāvis	gurú
haru-spex	hirā
mare	míra
trans	tirás <sup>405</sup> (?)
parentes	gr. πορόντες (Curtius)
caries	gót.hauri

2. **or, ol**:

orior	gr. ὄρ- (p. 265)
corium	sânscr. círa
vorare	gir-
molo, mola	μύλη (p. 266)
torus, storea	sânscr. stir- (cf. pág. 110 e 111)

<sup>405</sup>A identidade é duvidosa: *trans tirás* ambos seriam reconciliados com um *tīrns* primi-



Quando o grego mostra *a* em vez de *o*, o latim parece evitar os grupos *ar*, *al*, e dá clara preferência a *or*, *ol*; [p. 268] *gravis* = βαρύς abre uma exceção. Os exemplos estão registrados na pág. 107: *volare*, gr. βάλ-[fn:350], *tolerar*<sup>406</sup>, gr. τάλ-; *dolere*, *dolabra*, gr. δάλ-; *por-*, gr. παρά; *forare*, gr. φάρώ.

É duvidoso que o latim possa reduzir o encontro *rr* ou *ll* para um simples *r* ou *l*, embora várias formas dêem a aparência deste fenômeno. Estes são em particular *glos*, (*g*)*lac*, *grando*, *prae*, em comparação com γαλώως, γάλα, χάλαζα, παραιί. Os paralelos indianos, infelizmente, faltam justamente nestes exemplos. Mas para *glos*, o paleoeslavo *zlŭva* confirma o latim e dá ao *a* do grego γαλώως uma data antiga; γαλακτ- é acompanhado por γλακτο-φάγοι, γλάγος etc. Quanto a χάλαζα — *grando*, esta é em todo caso uma palavra difícil, mas em que o grego -άλα-, visto o sânscr. *hrāduni*, deve obviamente contar como um todo indivisível<sup>407</sup>, e se adequa ao lat. *-ra-*. A ligação entre *prae* e παραιί é muito incerta. Permanece *glans* ao lado de paleosl. *želqđĩ* e o gr. βάλανος. Em lituano temos *gilė*, e Fick o compara, não sem probabilidade, com o sânscr. *gula* “glans penis”<sup>408</sup>. Mas este mesmo exemplo prova pouca coisa: o grupo inicial da palavra itálica, eslava e grega

---

tivo, se a palavra sânscrita não tivesse o acento na última sílaba. Portanto *-as* não pode representar facilmente *-ns* lá. Talvez *trans* seja o neutro de um adjetivo que corresponderia a gr. τρᾶνής (que só se relaciona indiretamente com *tirás*, como πρᾶνής com *purás*).

<sup>406</sup>No entanto, o som *a* aparece em *lātus*.

<sup>407</sup>Talvez possa ser reduzido a \*-λᾱ-; ou, se for uma forma fraca relacionada ap sânscr. *hrād*, da mesma forma que *dīrghá* está para *drāgh*, tiraríamos -άλα- de *ř*, cf. pág. 267, l. 13 seq.

<sup>408</sup>tivéssemos apenas as formas do latim e do eslavo, pensaríamos no sânscr. *granthí*.

poderia ter sido  $g\bar{l}$ .

LITUANO. *gìrè* “floresta”, sânscr. *gírí* ; *gilé* “glande”, sânscr. *gula* (v. acima) ; *pilìs*, sânscr. *purì* ; *skurà*, sânscr. *číra* ; — *marés*, sânscr. *míra* ; *malù* = lat. *molo* (v. mais acima).

PALEOESLAVO. *gora*, sânscr. *gírí* (a divergência do vocalismo desta palavra em lituano e em eslavo coincidindo com o grupo *ir* do sânscrito é das mais notáveis) ; *skora*, sânscr. *číra* ; *morje*, sânscr. *míra*.

GÓTICO. *kaur̥s* ou *kaurus*, sânscr. *gurú* ; *faura*, sânscr. *purá* (Kuhn) ; germ. *gora*, sânscr. *hirā* (Fick III<sup>3</sup> 102) ; gót. *Pulan*, gr.  $\tau\alpha\lambda$ - ; ant. alto-alemão *poran*, gr.  $\varphi\alpha\rho\acute{\omega}$  ; — gót. *marei*, sânscr. *míra* ; *mala* = lat. *molo*. [p. 269]

*filu* = sânscr. *purú* é uma exceção extraordinária, reminiscente do nórd. *hjassi* = (*hersan*-) ao lado do sânscr. *çīrśán*.

Abordemos a série das nasais. Ela pede para ser iluminada pela anterior, ao invés dela esclarecer muito sobre si mesma.

### 6.1.10 A. Antes de consoantes.

Os fenômenos gregos parecem ligados à complicada questão de metátese. Isso é o suficiente para dizer nossas hipóteses terão que se mover em terreno escabroso e incerto.

Observações sobre fenômenos gregos geralmente compreendidos sob o nome de *metátese*.

Primeiro descartamos o grupo  $\rho\omega$  ( $\lambda\omega$ ) trocando com  $\sigma\rho$  ( $\sigma\lambda$ ): ambos são apenas produtos de  $\bar{r}$  (p. 263).

I. A transformação de um grupo como  $\pi\epsilon\lambda-$  em  $\pi\lambda\eta-$  é inadmissível, como se convém geralmente.

II. A teoria representada em particular por J. Schmidt supõe que  $\pi\epsilon\lambda-$  tenha mudado por svarabhakti para  $\pi\epsilon\lambda\epsilon-$ ; foi este último que produziu  $\pi\lambda\eta-$ . — Oporemos aqui as três teses seguintes:

1. Via de regra, o grupo  $\pi\epsilon\lambda\epsilon-$  será originário, não sendo necessário reconstruir de  $\pi\epsilon\lambda\epsilon-$  para  $\pi\epsilon\lambda-$ .  $\pi\epsilon\lambda\epsilon$  é uma raiz *udāttā*.
2. Se realmente o  $\pi\epsilon\lambda\epsilon-$  às vezes produziu  $\pi\lambda\eta-$ , com certeza é a menos frequente de todas as causas que poderiam ter levado os grupos radicais da última espécie.
3. Ainda admitindo a transição de  $\pi\epsilon\lambda\epsilon-$  para  $\pi\lambda\eta-$ , devemos colocar o fenômeno em uma época em que o segundo  $e (=^A)$  de  $\pi\epsilon\lambda\epsilon$  era forte, diferente e bem menos pleno que o primeiro, que é  $a_1$ .

III. Antes de tudo, lembremos que cada raiz tem uma forma completa e uma forma sem  $a_1$ . Sempre deve ser especificado com qual das duas se pretende operar. A diferença entre vogais que há, por exemplo entre  $\gamma\epsilon\nu$  (mais exatamente  $\gamma\epsilon\nu\epsilon$ ) e  $\kappa\alpha\mu$  não tem nada de necessário ou característico para ambas as raízes. Pelo contrário, é puramente accidental, tendo a primeira raiz feito prevalecer as formas não enfraquecidas, enquanto a segunda as perdeu. Se ambos graus permanecerem em  $\tau\alpha\mu\epsilon\acute{\iota}\nu$  :  $\tau\acute{\epsilon}\mu\alpha\chi\omicron\varsigma$ ,  $\beta\alpha\lambda\epsilon\acute{\iota}\nu$  :  $\beta\acute{\epsilon}\lambda\omicron\varsigma$ , ainda é, verdade seja dita, um acidente. Então é arbitrário, ao explicar  $\gamma\eta\eta-$ ,  $\kappa\eta\eta-$ ,  $\tau\eta\eta-$ ,  $\beta\lambda\eta-$ , começar aqui de  $\gamma\epsilon\nu$ , lá de  $\kappa\alpha\mu$ , e assim por diante, aleatoriamente na forma mais comum.

Há mais. Quando se adquiriu a convicção de que o tipo “com metátese” baseia-se regularmente na mesma forma radical, a forma fraca por exemplo, ainda será

necessário referir-se à ordem pré-histórica das coisas, onde o *a* de formas como *ταμείν* ainda não existia; então que *τῆματός* pode muito bem — o fato é até provável — nem ter vindo de *ταμτός* nem de *τεμτός* nem de *τεματός*.

[p. 270] IV. O tipo em que a vogal segue a consoante móvel não procede necessariamente do outro o tempo todo. Pelo contrário, é permitido por exemplo, que a raiz de *θανεῖν* (= *θηνεῖν*) seja *θνᾶ*. Nós teríamos então:

$$\begin{aligned} \theta\alpha\nu\epsilon\acute{\iota}\nu : \theta\nu\bar{\alpha} &= \text{sânschr. dhám-ati (*dh̥mm-áti) : dhmā} \\ &= \text{pur-ú : prá-yas, etc.} \end{aligned}$$

Um exemplo muito certo, além do grego, é-nos oferecido no lit. *žin-aú, pa-žin-tis*, gót. *kun-þs* (p. 273 seq.). Esses descendentes de *gnā* “conhecer” têm por base a forma fraca *gn̥-* (antes das vogais: *gn̥n*), que é está no lugar de *gn<sup>A</sup>-*.

No caso de que falamos, o tipo *θανεῖν* é necessariamente fraco, e a vogal é, portanto, sempre anaptíctica.

V. Finalmente, os dois tipos podem ser diferentes na fundação. Haveremos de distinguir dois casos:

a) Raiz *udāttā* e raiz em *-ā* (diferindo apenas na posição do *a*<sub>1</sub>, cf. pág. 260). Em grego talvez possamos citar *τελα* (*τελαμών*) e *τῆλα* (*τῆλών*), *πελε* (*πέλεθρον*) e *πλη* (*πλήρης* etc.), cf. sânschr. *parī* e *prā*.

b) Raiz *anudāttā* e raiz em *-ā*. A segunda é uma extensão (pró-étnica) da primeira. Exemplo: *μεν, μένος, μέμονα, μέμαμεν* e *μν-ᾶ, μνήμη, μιμνήσκω* (sânschr. *man* e *mnā*).

É especificamente a este último esquema que Brugmann, em uma obra recentemente publicada, gostaria de trazer de volta quase todos os casos de “metátese”. Ele admite um elemento *-ā* adicionado à forma mais fraca — diríamos a forma

fraca — das raízes, e que escaparia a toda gradação. O fato da extensão por meio de  $\bar{a}$  ( $-aa$ ) é certamente bem comum; nós o colocamos exatamente na mesma linha que a extensão por  $-a_i$ , ou por  $-a_u$ , que se observa, entre outros, em  $k_1r-a_i$  (sânsr.  $\text{çré}$ ) “inclinar”, cf.  $k_1a_1r$  (sânsr.  $\text{çárman}$ );  $sr-a_u$  (sânsr.  $\text{sro}$ ) “fluir”, cf.  $sa_1r$ . Mas  $\text{çre}$  e  $\text{sro}$  têm suas formas fracas  $\text{çri}$  e  $\text{sru}$ . Também podemos acreditar nesta extraordinária propriedade do elemento  $\bar{a}$ , que Brugmann diz não ter enfraquecimento. Esta suposição ousada repousa, se não nos enganamos, na conjugação de vários fatos acidentais que, na verdade, são uma ilusão, mas, se considerados de perto, são reduzidos a muito pouco.

Primeiro, alguns presentes gregos como  $\text{ᾄημι}$  mantêm em todos os lugares a longa, o que é facilmente explicado pela extensão analógica. Em sânscrito todos os presentes em  $\bar{a}$  da 2ª classe oferecem a mesma anomalia (pág. 146). Portanto, é claro que comparações como  $\text{ᾄημεξ} : \text{vāmás}$  não prova nada.

Em segundo lugar, as raízes sânscritas em  $-r\bar{a}$ ,  $-n\bar{a}$ ,  $-m\bar{a}$ , mantêm o  $\bar{a}$  longo em tempos geralmente fracos. Portanto, temos  $\text{sthítá}$ , mas  $\text{snātá}$ . Nós acreditamos poder dar na pág. 257 a razão desse fato, que é recente.

Restam as formas gregas como  $\text{τηητός}$ ,  $\text{τμητός}$ . Mas aqui a presença do elemento  $\bar{a}$  precisando ela mesma ser demonstrada, nada saberíamos concluir com relação às propriedades deste  $\bar{a}$ .

No que diz respeito mais especificamente ao grego, devemos apresentar as seguintes objeções. [p. 271]

1. As formas helênicas devem ser cuidadosamente distinguidas, em sua análise, de formas indianas como  $\text{trātá}$ ,  $\text{snātá}$ . Para estas a última teoria da metátese pode ser considerada refutada. Elas são geralmente acompanhadas por toda uma família de palavras que destacam a verdadeira forma de sua

raiz: assim *trātá* se junta a *trāti*, *tráyati*, *trātár* etc.; em nenhum lugar vemos *tar*<sup>409</sup>. Pelo contrário, em grego, grupos como τρη-, τμη-, são inseparáveis dos grupos τερ-, τεμ- (τερε-, τεμα-), e é visivelmente nas formas fracas que se substituem.

2. Não atribuiremos ao acaso o fato de grupos como τρη-, τμη-, γνη-, *quando não formam raízes independentes* do gênero de μνη-, vindo regularmente de raízes pertencentes à classe que chamamos de *udāttās*.
  
3. Mesmo ignorando esta coincidência, digo que, dada por exemplo, a raiz *udāttā ga<sub>1</sub>n<sup>A</sup>* e o elemento *ā*, sua soma pode produzir *gnn-ā* (gr. “γνη”), mas nunca *gn-ā* (gr. γνη)<sup>410</sup>. Basta rever pág. 257 seq.

Reconhecemos nos grupos “metatéticos” três características principais:

- 1º Apresentam uma preferência muito marcada por formações que que-rem a raiz fraca.
  
- 2º Só aparecem nas raízes *udāttās*.
  
- 3º A cor de sua vogal é dada pela cor que escolhe o <sup>A</sup> final da raiz *udāttā*:

<sup>409</sup>Sobre *manati* e *dhamati* ao lado de *mnā* e *dhmā* v. pág. 259.

<sup>410</sup>Grassmann comete o mesmo erro, quando vê as raízes *prā* e *çrā* como “amplificações de *pur* e *çir*”. Teríamos então, não *prā*, *çrā*, mas *purā*, *çirā*.

-γνη-τος	γενε-τήρ
-κλητος	καλέ-σω
βλητός	-βελε-της
τρη-τός	τέρε-τρον
σκλη-ρός	σκελε-τός
κμᾱ-τός	κάμα-τος
τμᾱ-τός	τέμα-χος
1 δμᾱ-τός	δαμά-τωρ
2 δμᾱ-τός	δέμα-ς
κρα-τήρ	κέρα-σσαι
πλᾱ-τίον	πέλα-σσαι
πρᾱ-τός	πέρᾱ-σσαι

Na série nasal, esses três fatos se prestam perfeitamente a uma comparação direta com grupos fracos indianos, como *ǵā-* de *ǵani*, *dām-* de *dami*. Na verdade, seus primitivos são, de acordo com o que pensamos ter estabelecido acima (p. 251): *gñ<sup>A</sup>-*, *dñ<sup>A</sup>-*. O som <sup>A</sup> assumindo o mesmo tratamento em ambos graus da raiz, obtemos o seguinte sequência: [p. 272]

[Forma forte: \*γεν<sup>ε</sup>-τήρ, γενετήρ. ]

Forma fraca: \*γῆ<sup>ε</sup>-τός, -γνητος.

[Forma forte: \*τέμ<sup>α</sup>-χος, τέμαχος.]

Forma fraca: \*τιῆ<sup>α</sup>-τος, τμᾱτός.

A variabilidade da vogal sendo assim explicada e a regra de equivalência geral confirmada por exemplo

νήσσα (dor. νᾶσσα) = sânscr. *ātí*<sup>411</sup>,

identificamos -γνητος, κμᾶτός, δμᾶτός, com o sânscr. *gātá, çāntá, dāntá*<sup>412</sup>.

Todos concordam que γνήσιος corresponde ao sânscr. *gātya*.

Não podemos, é verdade, explicar o que acontece na série das líquidas. Lá, qualquer forma fraca primitiva deve ter  $\bar{r}$  puro e simples — não  $\bar{r}^A$  —; este  $\bar{r}$  encontramos de fato nos grupos ορ, ολ e ρω, λω. Onde classificar formas como πρᾶτός, βλητός? Por que fenômeno o grau fraco correspondente a πέρᾶ-σαι oferece-nos ao lado de πόρ-νη, tipo normal, esta formação singular: πρᾶτός? É para isso que não vemos até agora nenhuma solução satisfatória.

#### Observações

I. O grego, se a hipótese proposta estiver correta, necessariamente confunde o grau normal e o grau fraco das raízes em *-nā* e em *-mā*. Tomemos por exemplo a raiz γνω "saber": a forma reduzida é \**gn̄*<sup>o</sup>, que produz γνω. Portanto, é bem possível que a sílaba γνω-, em γνώμων e γνώσις, primeiro ao ant. alto-alemão *chnā-* (sânscr.

<sup>411</sup>Fick põe *kāńćana* junto de *κνητός*, que seria então para \**κμητός*; caso contrário, seria "*kāćana*". A aproximação é mais duvidoso. — Em εἰνάτηρ = *yātar* (tipo primário *γῆ<sup>A</sup>tár*) podemos conjecturar que o *e* grego é protético, e que então o *y* tornando-se *i* toma da nasal a função de consoante: \**eyn<sup>A</sup>tér, ein<sup>A</sup>tér, εἰνάτηρ*. - Nesta hipótese, o  $\bar{n}$  tendo sido evitado, εἰνάτηρ não pode nos fornecer qualquer luz.

<sup>412</sup>É interessante comparar as duas séries:

tatá: τατός; matá: -ματος; hatá: -φατος; gatá: βατός.

gātá: γνητός; çāntá: κμητός; dāntá: δμητός.

Formas como γεγάτην de γενε são imitações da primeira série, e interessante como tal, mas não primitivas como γί-γν-ομαι, ou como o sânscr. *sá-sn-i* (p. 259); γίγνομαι é certamente uma modificação analógica do antigo presente da 3ª classe que vive no sânscr. *gājánti*.



*gñā-*), segundo ao gót. *kun-* (sânschr. *gñā-*), cf. mais baixo. — Uma consequência [p. 273] desta observação é que o *a* breve de τέθνᾶμεν deve ser explicado por analogia: a lei fonética não permite formas radicais fracas em -νᾶ (νε, -νο) ou -μᾶ (-με, -μο). J. Schmidt, partindo de outro ponto vista, chega à mesma proposição.

II. Conhecemos o paralelismo dos grupos -ανᾶ- e -νη-, -αμα- e -μη-, por ex. em ἀθάνατος : θνητός; — ἀδάμας : ἀδμής; — ἀκάματος : κμ-ητός. Duas hipóteses se apresentam: ou -ανᾶ-, -αμα- são variantes de -νη-, -μη-, que têm seu propósito em alguma circunstância oculta; ou eles vêm de -ενα-, -εμα — formas fortes — graças à mesma mistura de vocalismo que produziu τάλασσαι em vez de τέλασσαι [fn:358]. Assim παν-δαμά-τωρ estaria no lugar de \*παν-δεμά-τωρ e teria tomado o α somente sob influência de δάμνημι e ἔδαμον.

Os exemplos LATINOS são:

anta	sânschr.	átā <sup>43</sup>
anāt-		ātí
janitricēs		yātár
gnā-tus, natio		gñā-tá, gñā-tí
cf. geni-tor	=	gñani-tár

Ainda é -an- que apresenta *man-sio*, que está no gr. μένε (μενετός) o que *gnātus* é para *geni-* : então *sta(n)g-num*, contendo a raiz reduzida de τέναγ-ος. É possível que *gnā-* em *gnārus* seja a forma fraca de *gnō-*. Ele então responderia ao segundo dos dois γνω- helênicos sobre que falávamos acima. Quanto a *co-gñitus* ele pede o mesmo julgamento que τέθνᾶμεν.

Assim, -an-, -ani- ou -nā-, são os equivalentes itálicos do fonema nasal que es-

<sup>43</sup>Osthoff K.Z. XXIII 84.

tamos estudando. Que não sejamos surpreendidos pelo  $\bar{a}$  de *gnātus* próximo ao  $\bar{e}$  de  $-\gamma\eta\tau\omicron\varsigma$ . Nada é, ao contrário, é mais normal. Vimos que ao grego  $e$  de <sup>A</sup>, o latim responde regularmente por  $a$ , pelo menos no início das palavras:

*gnātus* (\* $gn^A$ tos):  $\gamma\eta\tau\omicron\varsigma$  (\* $\gamma\eta^e\tau\omicron\varsigma$ ) = *sātus*:  $\acute{\epsilon}\tau\omicron\varsigma$ .

Nos idiomas do norte, geralmente encontramos os mesmos sons apenas para a soante nasal breve. O fonema <sup>A</sup> onde  $\bar{n}$ , em nossa opinião, sendo seguido, não deixou vestígios. Foi deletado pela mesma razão que em *dǔšti*, gót. *dauhtar* =  $\theta\upsilon\gamma\acute{\alpha}\tau\eta\rho$ , etc. (pág. 179 seq.).

LITUANO: *gimtīs*, cf. sânscr. *gātí*; *pa-žin-tis* “conhecimento” de *gnā*. Esta última forma é muito interessante. Ela nós mostra esse grau fraco  $gn^A$  que as línguas arianas apenas preservaram [p. 274] apenas nos presente *gā-nāti*<sup>414</sup>, e que é para *gnā* o que o sânscr. *çīr* é para *çrā*, v. pág. 256 e 259. — Ao sânscr. *ātí* responde *ántis*. — Paleoeslavo: *jętry*, cf. sânscr. *yātár*.

GERMÂNICO: gót. (*qina-*)*kunda-* = sânscr. *gātá*; *kunþja*<sup>415</sup>, cf. lit. *-žintīs* “conhecimento”; anglo-saxão *thunor* “trovão” = sânscr. *tāra* “ressoante” (obviamente de *stani* ou *tani* “ressoar, trovão”); anglo-saxão. *sundea* “pecado”, comparado por Fick ao sânscr. *sātí*; ant. alt-alemão *wunskan*, cf. sânscr. *vāñchati*<sup>416</sup>; — ant. alto-alemão. *anut* = sânscr. *ātí*.

<sup>414</sup>O avéstico tem as formas muito curiosas *paiti-zañta*, *ā-zaiñti*. Parece-nos impossível reconhecer ali as formações orgânicas, pois essas seriam *\*pāiti-zāta*, *\*ā-zāiti*. Mas, antes das vogais, *zan-* (= *zñn-*) é efetivamente o grau fraco regular de *znā*; de modo que *-zañta*, *-zaiñti* poderia ter sido formado na analogia de palavras perdidas, onde a condição indicada se realizou.

<sup>415</sup>Este é outro *un* que está em *kunnum* = sânscr. *gānīmās*, porque vimos que esta última forma é um metaplasmo de *\*gānīmās*, *\*gñnīmās* (pág. 256).

<sup>416</sup>A raiz só pode ser *vami*; ela parece se encontrar em *vām-a*.

### 6.1.11 B. Antes das vogais (grupos *-ḡn-* e *-ḡm-*).

O grego muda, como esperado, *ḡn* e *ḡm* para *αν* e *αμ*.

Os aoristos ἔταμον, ἔδαμον, ἔκαμον, ἔθανον, são a contraparte para as formas sânscritas *vanáti*, *sanáti* para *\*vḡnáti*, *\*sḡnáti* (p. 258), e assumir como eles as raízes *udāttās*. temos de fato

quanto a	ἔταμον:	τέμε-νος, τέμα-χος, τμη-τός.
”	ἔδαμον:	sânschr. dami-tár, παν-δαμά-τωρ, Λαο-δάμα-ς, δμη-τός.
”	ἔκαμον:	cami-tár, κάμα-τος, ἄ-κάμα-ς, κμη-τός.
”	ἔθανον:	θάνα-τος, θνη-τός.

Em ἔκτανον ao lado de κτατός (p. 46) o grupo *αν* só se justifica pela consoante dupla *κτ*.

Como seria muito difícil encontrar as formações deste gênero em línguas ocidentais além do grego, nós nos limitamos a registrar alguns exemplos pan-europeus notáveis cuja análise morfológica é duvidosa. Há [p. 275] até um, *την-ύ*, que certamente vem de uma raiz *anudāttā* (*tan*). A rigor, essa anomalia poderia ser descartada dividindo a palavra da seguinte forma: *τη* + *nú*. No entanto, é mais natural pensar que o sufixo seja *-u*, que a forma orgânica deve de fato produzir *tn-ύ*, só que nasceu o grupo *-ḡn-* do desejo de evitar um grupo inicial tão difícil quanto *tn-*.

Sânschr. *tanú*, gr. τανυ-, lat. *tenuis*, ant. alto-alemão *dunni*.

Sânschr. *sama* “alguém”, gr. ἄμός, gót. *suma-* (cf. p. 95 i. n.).

Gót. *guma*, lat. *homo*, *hemonem* (*hūmanus* é enigmático), lit. *žmuõ*.

Gr. κάμαρος, nórd. *humara-* (Fick).

[É provável que o esl. *žena* = gót. *qino* seja um tema diferente do gr. βανά, γυνή (pág. 99). Este último sendo igual ao sânscr. *gná* (e não "ganá"), parece ter mudado *n* para *ṅn* apenas no período grego — A palavra que significa *terra*: gr. χαμαί, lat. *humus*, sl. *zemja*, lit. *žemė*, sânscr. *kṣamā*, obviamente continha o grupo *ṅm*, mas se tornou necessário pela consoante dupla que precedia.] As sílabas sufixais fornecem: o sânscr. *-tana* (também *-tna*) = gr. *-τανο* em ἐπ-ἡε-τανό-ς, lat. *-tino*; sânscr. *-tama* = gót. *-tuma* em *aftuma* etc., lat. *-tumo*.

Na página 30 falamos sobre adjetivos numerais como sânscr. *daçamá* = lat. *decimus*. Na língua mãe afirmamos com certeza *da<sub>1</sub>k<sub>1</sub>ṅmá*, e não *da<sub>1</sub>k<sub>1</sub>amá*. O gót. *-uma*, a acentuação, a própria formação (*da<sub>1</sub>k<sub>1</sub>ṅn + á*) contribuem para fazê-lo superior. O grego preservou apenas um dos adjetivos em questão: ἑβδομος. Curtius já conjecturou, para explicar a suavização de πτ em βδ, que o *o* que segue este grupo é anapitico. Sem dúvida esperaríamos: "ἑβδαμος", mas a anomalia é a mesma de εἴκοσι, διακοσιοι e outros substantivos de número (§15). De Heracleia temos ἑβδεμος.

## 6.2 Fenômenos especiais §15

### I.

O grupo indiano *ra* como representante de um grupo fraco, cuja composição é difícil de determinar.

1. Na identidade: sânscr. *raḡatá* = lat. *argentum*, duas circunstâncias

sugerem que o grupo original era de natureza [p. 276] particular: a posição divergente nas duas línguas da líquida, e o fato de que a vogal latina é *a* (cf. *largus* — *dīrghá* etc). Essas pistas são confirmadas pelo avéstico, que tem *ērēzata* e não "razata".

1. A relação entre *ěřzata* e *raǵatá* pode ser encontrada em *těřčaiti*

— apoiado pelo ant. ersa *tarčatiy*, não "*θračatiy*" — ao lado do sânscr. *trásati*. Portanto, pode haver pouca dúvida de que a sílaba *tras-* em *trasati* não oferece, apesar das aparências, o grau *fraco* da raiz. Seria natural procurar o grau forte correspondente no véd. *tarás-antī*, se não fosse a mesma troca de *ra* e *ara* que apareceu para nós no exemplo 3, caso em que teríamos algo difícil interpretar assim.

1. O terceiro exemplo é um caso menos claro, porque

da forma excessivamente variável da palavra nos diferentes idiomas. Sânscr. *aratni* e *ratnī*, avés. *ar-e-θnāo* nom. pl. (gloss. avéstico-pahlavi) e *rāθna*; gr. *ώλένη*, *ώλέ-κρᾶνον* e *όλέ-κρᾶνον*, lat. *ulna*; gót. *aleina*. Talvez o lit. *alkínė* esteja no lugar de *\*altnė* e idêntico ao sânscr. *ratnī*. O grupo original é provavelmente o mesmo em uma formação aparentada: gr. *ἄλαξ πήγυς*. *Ἰθαμάωνων*, lat. *lacertus*, lit. *olektis*, esl. *lakūti*. V. Curtius Gradz. 377.

## II.

Em uma série de casos onde elas são colocadas no início da palavra, observamos que as soantes arianas *i*, *u*, *ɣ*, *ŋ*, *ŋ*, são traduzidas em europeu de uma maneira particular e inesperada: uma vogal que geralmente é *a* aparece ao lado da soante que precede. Colocamos entre parênteses as formas cujo testemunho é indeciso.

Série do *i*:

1. Sânscr. *íd-e* no lugar de *\*ižd-e*: got. *aistan* (cf. al. *nest* = sânscr. *nīdá*).
2. Sânscr. *iná* "poderoso": gr. *αίνός*(?).

Série do *u* :

3. Sânscr. *u* e *uta*: gr. *αῦ* e *αῦτε*, gót. *au-k*.

4. Sânschr. *ví*: lat. *avis*, gr. αἰετός.
5. Sânschr. *ukśáti*: gr. αὔξω (*vákśati* sendo ἀέξω).
6. Sânschr. *ušás*: lat. *aurora*, eól. αὖωσ.[p. 277]
7. Sânschr. *usrá*: lit. *aušrà*.
8. Sânschr. *uv-é* “chamar”: gr. αὖω[fn:364] (?).

Série do *r*:

9. Sânschr. *ṛca*: lat. *alces* (gr. ἀλκή, ant. alto-alemão *elaho*).

Série de nasais:

10. Sânschr. *a-* (negat.): osc. umbr. *an-* (lat. *in-*, gr. ἄ-, germ. *un-*).
11. Sânschr. *ágra*: lat. *angulus*, esl. *aglŭ*.
12. Sânschr. *áhi*, avés. *azhi*: lat. *anguis*, lit. *angis*, esl. *qzŭ*, gr. ὄφις<sup>417</sup> (ant. alto-alemão *unc*).
13. Sânschr. *áhati* (no lugar de *\*aháti*): lat. *ango*, gr. ἄγχω (esl. *v-ęzq*).
14. Sânschr. *ahu*, paralelamente a *aṃhú*, em *paro'hvī* (v. Böhtlingk e Roth); gót. *aggvus*, esl. *qzŭkŭ*, cf. gr. ἐγγύς.
15. Sânschr. *abhí*: lat. *amb-*, gr. ἀμφί, esl. *obŭ* (ant. alto-alemão *umbi*).
16. (Sânschr. *ubhaú*: lat. *ambo*, gr. ἄμφω, esl. *oba*, lit. *abù*, gót. *bai*.)

<sup>417</sup>O parentesco de ὄφις com *áhi* foi fortemente defendido por Ascoli (*Vorlesungen* p. 158). O vocalismo é discutido abaixo. Quanto ao grego φ = *gh*<sub>2</sub>, *veífει* é um exemplo perfeitamente seguro, e podemos adicionar τέφρα (raiz *dha<sub>1</sub>gh<sub>2</sub>*, p. 111 i.n.), πεφνεῖν, φατός = sânschr. *hatá*, τρυφή = sânschr. *druhá*, possivelmente também ἀλφή (Hes.) e ἄλφοι, cf. sânschr. *arghá*, *árhati* (Fröde Bezz. Beitr. III 12). Sobre ἔχις v. pág. 279, nota 2.

17. Sâns-cr. *abhrá*: osco *anafriss* (lat. *imber*), gr. ὄμβρος[fn:366].

A última série apresenta uma ampla variedade de tratamentos. Obviamente não há apenas um dos exemplos citados, ao qual se poderá atribuir, ao restabelecer a forma pró-étnica, a nasal sonora breve ou a nasal sonora longa ou o grupo pleno *an*. Mas isso não impede que os diferentes idiomas apaguem às vezes as diferenças. Em germânico, o som que temos diante de nós geralmente se confunde com a soante nasal (*un*); no entanto *aggyvus* mostra *an*. O leto-eslavo às vezes oferece *an*, às vezes *a*, e uma vez, em *v-εzq*, o grupo equivalente ao germânico *un*. Em latim, a mesma incerteza: ao lado de *an* que é a forma normal, encontramos *in*, representante usual de *n̄*, e é curioso acima de tudo notar em dois casos um *in* latino oposto ao *an* do osco ou do úmbrio<sup>418</sup>. O grego quase sempre tem *αν*, [p. 278] *αμ*, apenas uma vez *a*. Em ὄμβρος a vogal ganhou uma cor mais obscura, finalmente ὄφις mudou *om* para *o* através a vogal nasal longa ὄ. Homero, Hipônax e Antímaco usam novamente ὄφις (*ōphis*) como troqueu<sup>(71)</sup>; para referências v. Roscher Stud. Ib 124. Não é absolutamente impossível que uma variante de ὄφι- se esconde em ἀμφίσμαινα e ἀμφίσθμαινα (Etym. Mag.), formação que poderia ser assimilada a σκύδμαινος (Hes.), ἐριδμαιίνω, ἄλυσθμαιίνω. — ἀμφίσβαινα (Ésquilo) teria nascido pela etimologia popular.

Devido às dificuldades morfológicas apresentadas pelo tipo *uśás* — *αῦως*, *abhí* — *ἀμφί*, etc. (v. p. 280 seq.), não é possível determinar a natureza do som que

<sup>418</sup>Este fato ainda ocorre para *inter*, úmbrio *anter*; também é surpreendente que em sâns-crito encontremos *antár* e não “*atár*”. tem-se que observar que o adjetivo *ántara*, cujo parentesco com *antár* é provável, é traduzido em eslavo por *v-ŭtorŭ*. Ora, o nome de número *sŭto* nos mostrará abaixo que a ocorrência do *ŭ* eslavo, nesse caso, é um fato digno de nota.

<sup>(71)</sup>Ie. a palavra é usada com métrica de longa-breve, – ∪, o que exige que a primeira vogal seja longa, ou que esteja em uma sílaba pesada, apesar de ser breve e estar seguida por apenas uma consoante.

poderiam ter, na língua mãe, os fonemas iniciais dessas formas. Podemos supor que a vogal fraca <sup>A</sup> (p. 178 seq.) precedia a soante, e que é necessário reconstruir <sup>A</sup>*usas*, <sup>A</sup>*mbhi*, etc.

Formas como ἀμφί, ὄμβρος e ὄφης levam-nos a casos análogos observados em determinados grupos com nasal *medial*. Em primeiro lugar: gr. εἴκοσι e ἰκάντιν (Hes.) = sânscr. *viṃśáti*. Cf. ὄφης e *anguis* = sânscr. *áhi*. O segundo elemento de εἴκοσι leva a forma -κον- em τριάκοντα[fn:368] (sânscr. *triṃśát*) — cf. ὄμβρος: *abhrá* —; ele mostra em ἑκατόν apenas uma nasal sonora comum, e retoma a cor de o em διακόσιοι. Se por um lado alguns dialetos têm formas como φίκατι, por outro lado δεκόταν e ἑκοτόμβοια (p. 102) reforçam o contingente de o[fn:369]. Finalmente, o eslavo não tem "seto" (cf. lit. *šimtas*), mas *sūto*. — Um segundo caso relativamente seguro é o prefixo ὀ- alternando com ἄ-[fn:370] (cf. ἑκατόν: διακόσιοι), em ὄπατρος, ὄζυξ etc., ao lado de ἀδελφείος etc. Em lituano encontramos *sq-*, em paleoeslavo *sq-* (*sqlogŭ*: ἄλοχος); a equivalência é, portanto, como para ὄφης : *qžl* <sup>419</sup>. [p. 279]

Esses fatos, no mínimo, exigem que julguemos com cautela certos participípios que talvez tenhamos tido muita pressa em classificar entre formas de analogia, em particular οντ-, ἰοντ- e ὀδοντ-. A singularidade dessas formas ainda se reflete em outros idiomas além do grego, como vemos no ant. alto-alemão *zand*, paralelo ao gótico *tunþus*, lat. *euntem* e *sons* ao lado de *-iens* e *-sens*. Esses três exemplos são participípios de raízes consonantais. É fácil recorrer, para explicá-los, à hipótese de reações de analogia. Mas que probabilidade elas têm para uma palavra que significa "dente", e cuja anomalia se manifesta em duas diferentes regiões linguísticas? Elas são ainda menos elegíveis para o lat. *euntem* e *sons*, os participípios temáticos

<sup>419</sup>Outros exemplos possíveis de um *o* desta natureza: βρόχος, cf. gót. *vruggo*; στόχος comparado por Fick ao gót. *staggan*; κοχώνη, cf. sânscr. *gághána* de *gámh* (daí *gánghā* "perna"); πόθος ao lado de παθεῖν (cf. pág. 103); ἄρμόζω de ἄρμα, etc.



(como *ferens*) sendo privados do *o* (p. 197). Notemos além disso que ὄσιος é provavelmente idêntico a sânscr. *satyá* (Kern K.Z. VIII 400).

O grupo grego -εν-, em algumas palavras muito semelhantes também merece séria consideração. Portanto, em ἐντι, ἔντασσι, se essas formas estão no lugar de \*σ-εντι, \*σ-εντασσι. É como grupo inicial, especialmente, que ele pode crescer em importância. Nós já já citamos ἐγγύς, em relação ao gót. *aggvus*<sup>420</sup>, do sânscr. *ahu*. Nós temos então ἔγγελυς[fn:373] = lat. *anguilla* (lit. *ungurys*); finalmente ἐμπίς, o equivalente [p. 280] do latim *apis*<sup>421</sup> cuja forma germânica, ant. alto-alemão *bīa-*, lembra fortemente ἄμφω = gót. *bai*<sup>422</sup> (pág. 277).

Na série de formas listadas na p. 276 seq. o próprio das línguas arianas é de refletir o fonema inicial em questão apenas como uma soante da espécie comum. Mas, o que é estranho é que a mesma família linguística ainda nos mostra este fonema inserido em um sistema morfológico semelhante ao de todas as outras raízes e obedecendo, pelo menos em aparência, ao mecanismo usual.

*primeiro caso.* Na forma forte o *a* precede a soante. — Ao lado de *áhati* (no lugar de \**aháti*) = lat. *ango*, temos o tema em -*as ámhas*, e ao lado de *abhrá*, *ámhas*. A identidade de *ukšáti* e αὔξω sugere que o *u* de *ugrá*, cuja raiz é um pouco diferente, seria *au* nas línguas da Europa, e que devemos compará-lo ao lat. *augeo*, gót. *auka*; mas é acompanhado por formas fortes *ógas*, *ógiyas*. Da mesma forma *ušás* (= αὔω) está relacionado ao verbo *óšati*.

*segundo caso.* Na forma forte o *a* segue a soante. — No presente da 6ª classe, *ukšáti* (= αὔξω) corresponde na 1ª classe *vákšati*. Em sânscr. *ud-* (por exemplo, em

<sup>420</sup>Cf. ἔγγουσα, variante de ἄγγουσα.

<sup>421</sup>Esta forma provavelmente passou pelo grau intermediário *āpis*, o que seria paralelo às evoluções por que ὄφις passou em grego.

<sup>422</sup>Cf. também ἐνθα = sânscr. *ádha*(?).

*uditá* "dito, pronunciado") responde ao gr.  $\alpha\upsilon\delta$ - em  $\alpha\upsilon\delta\eta$ [fn:376]; mas o sânscrito também tem a formação *vádati*, não enfraquecida.

É a questão da representação das duas séries de formas fortes nas línguas europeias o que faz aparecerem as dificuldades.[p. 281]

Voltemos ao *primeiro caso* e consideremos essa troca que ocorre entre *uš-ás* e *óš-ati*, *ug-rá* e *óg-as*, *abh-rá* e *ámbh-as*, *áh-ati* e *ámh-as*. É difícil imaginar que o *a* de formas fortes poderia representar algo diferente de *a<sub>1</sub>*. Mas, sendo assim, devemos encontrar na Europa, ao lado de uma forma fraca como *angh* por exemplo, uma forma forte contendo *e*: *engh*. De fato temos em grego  $\epsilon\upsilon\omega$  (lat. *uro*) = *óšati* ao lado de  $\alpha\upsilon\omega$  "acender",  $\alpha\upsilon\alpha\lambda\acute{\epsilon}\omicron\varsigma$ ,  $\alpha\upsilon\sigma\tau\eta\rho\acute{\omicron}\varsigma$  (palavras onde  $\alpha\upsilon(\sigma)$  é equivalente a sânscr. *uš*, como mostra  $\alpha\upsilon\omega\varsigma$  — *ušás*). Por outro lado, o valor desse índice isolado é diminuído por certos fatos, entre os quais a identidade de sânscr. *ándhas* com gr.  $\acute{\alpha}\nu\theta\omicron\varsigma$  parece particularmente digno de atenção. É notável que o *a* desta forma seja uma inicial *a* seguida de uma soante, exatamente como em *ámbhas*, *ámhas*. A analogia se estende ainda mais, e será aqui a oportunidade de registrar uma interessante particularidade dos tipos radicais de que derivam formas como <sup>A</sup>*usas* derivam. Elas são regularmente *acompanhadas de uma raiz irmã onde o lugar do a é alterado*<sup>423</sup>, e nesta segunda raiz o *a* ainda mostra claramente sua qualidade de *a<sub>1</sub>*.

<sup>423</sup>Estamos, é claro, falando apenas sobre os exemplos que se encaixam no *primeiro caso*. O tipo radical do segundo caso é precisamente (pelo menos menos no que diz respeito ao lugar do *a*) o da raiz irmã em questão.

1ª raiz		2ª raiz
forma fraca	Forma forte, só observável no ariano, e onde a qualidade do <i>a</i> deve-se determinar	(forma forte)
ušás — αὔωσ	óšati	wa <sub>1</sub> s: sânscr. vāsara, vasanta, gr. (Ϝ)έ(σ)αρ
ugrá — augeo	ógas	wa <sub>1</sub> g: lat. vegeo, avés. vazyañt <sup>424</sup>
ahati — ango	ámhas	na <sub>1</sub> gh: lat. necto, νέξας· στρώματα
abhrá — anafriiss	ámhas	na <sub>1</sub> bh: sânscr. nábhas, νέφος, etc.
sânscr. a-, osco an- (de negação)	—	na <sub>1</sub> : sânscr. na, lat. ně

[p. 282] Voltemos à palavra *ándhas*. Para nós não há dúvida de que a nasal encontrada ali era originalmente *m* e que o *a* estirpe desta palavra é a mesma que em *mádhu* "mel". Assim escrevemos:

— *ándhas* ma<sub>1</sub>dh: sânscr. *mádhu*, gr. μέθυ.

Mas como *ándhas* está em grego ἄνθος, segue-se que *ámhas* representa \*ἄμφοσ, não "ἔμφοσ", e que o lat. \*angos em *angustus* deve-se comparar diretamente com *ámhas*. Resumindo, os *a radicais da segunda coluna não*

<sup>424</sup>O avéstico prova que o gutural é *g<sub>1</sub>*, enquanto a primeira raiz mostra *g<sub>2</sub>*. No entanto, acreditamos, dados outros casos semelhantes, que não há razão para abandonar a comparação.

*viriam* a<sub>1</sub>. Este resultado, que parece se impor, nos coloca diante de um enigma morfológico que provavelmente é impossível resolver no presente.

Procedamos ao exame do *segundo caso*. Aqui as línguas ocidentais ainda permitem distinguir a forma forte. Se *ukšáti* é traduzido em grego por αὔξω, *vákšati* está no lugar de ἄ(ϕ)έξω. Outro exemplo análogo: a raiz sânscr. *vas* "permanecer" é encontrada em no gr. ἄ(ϕ)ε(σ)-σα, ἄ(ϕ)εσ-(σ)κοντο, cuja forma fraca (em sânscrito *uś*) aparece em αὐλή, ἰ-αύω [fn:379].

À primeira vista, a chave de todas as perturbações que observamos parece finalmente encontrada na natureza da soante inicial (para os casos acima, *u*, *w*). Teríamos de admitir apenas uma pronúncia mais forte desta soante, apagada secundariamente em ariano, traduzida para o europeu pela prótese de um *a*, e se estendendo tanto para a forma forte quanto para a forma fraca. Nada mais claro por conseguinte, que nosso diagrama: [p. 283]

$$\alpha\text{-}\acute{\upsilon}\xi = ukš \quad \acute{\alpha}\text{-}\phi\epsilon\xi = vakš.$$

Essa esperança de explicação cai diante de uma nova e bem estranha peculiaridade dos mesmos grupos radicais. Observamos paralelamente a tipos como ἄϕεξ ou ἄϕεσ uma espécie de tipo equivalente ϕαξ, ϕασ. Este último aparecerá tanto nas línguas cognatas como no grego mesmo.

ἄϕέξ-ω: got. *vahs-ja* (perf. *vohs*, talvez secundário).

ἄϕέσ-(σ)κοντο: ϕάσ-τυ.

Aqui estão outros exemplos fornecidos por raízes que são encontradas

restritas aos idiomas ocidentais:

ἄφεθ-λον: lat. *vas, vad-is* ; gót. *vad-i*.

Ἄρεπ-υῖαι: lat. *rap-io*.

ἄλεγ-εινός[fn:381] (e ἄλεγ-ω?): λαγ-εινά· δεινά (Hes.).

Essa inconstância da vogal revelaria, em outras circunstâncias, a presença do fonema <sup>A</sup> mas se este for o valor do *e* em ἄφέξω, a relação dessa forma com *vákšati, ukšáti, αῦξω*, bem como a sua estrutura considerada em si, deixa de ser compreensível para nós.[p. 284]



## Capítulo 7

### Acréscimos e correções.

P. 7. A presença da vogal *r* no persa antigo parece se mostrar no seguinte fato: Ao véd *mártia* corresponde *martiya* (ou mais simplesmente talvez *martya*); ao véd. *mṛtyú* é (*uvā-*)*marshiyu*, ou seja, (*uvā-*) *marshyu*. Sem dúvida a diferença no tratamento sofrido pelo *t* refere-se a que o *i*, em *martia*, era vogal e em *mṛtyú* consoante. Mas essa diferença é determinada, por sua vez, apenas pela quantidade da sílaba radical, e é necessário, de acordo com a regra de Sievers, que a sílaba radical de *-marshyu* tenha sido breve, ou seja *qu o r funcionou aí como uma vogal*. Talvez o *r* ainda existisse na época em que a inscrição foi gravada, então deve-se ler *uvāmṛshyu*.

P.9, nota de rodapé. Curtius admite um desvio semelhante de imperfeitos tornando-se aoristos para formas as enumeradas Verb. I<sup>2</sup> 196 seq.

P. 10, linhas 11 seq. Podemos citar em avéstico *çc-a-ñtu* de *çac* e em sânscrito *r-a-nte*, *r-a-nta* de *ar*.

P.11, nota de rodapé. Delete *sídati* (cf. p. 172, linha 14).

P. 15. A hipótese proposta (em nota) para *ιάλλω* é, como entendo, muito antiga. V. Aufrecht K. Z. XIV 273 e contra sua opinião A. Kuhn *ibid.* 319.

P. 16. A etimologia apresentada para o gót. *haurn* é insustentável. A forma rúnica *hornā* (acc.) é suficiente para refutá-la.

P. 20. A *παθειν* de *πενθ* juntam-se *λαχειν* de *λεγχ*, *χαθειν* de *χεν*, *δακειν* de *\*δεγκ*; v. o índice. — Para o aoristo redobrado, cf. pág. 107, l. 13.

P. 21, linhas 11 seq. Desde a impressão destas linhas, Brugmann publicou sua teoria no *Beiträge* de Bezzenberger II 245 seq. Observemos uma forma interessante omitida neste trabalho: *ἀπ-έφατο ἀπέθανεν* (Hes.) de *φεν*. Contra a reconstrução de formas como *\*ἔκυμεν* de *καυ* (Brugmann pág. 253) cf. acima pág. 182 i. n..

P. 30, linha 2. Acrescentar: "quando ele não apaga." Não é preciso lembrar o ac. *pan-a* e formas semelhantes.

P. 32, nota 2. A visão da obra em questão, agora reimpressa no segundo volume dos *Studj Critici*, ter-nos-ia poupado de falar sobre vários pontos (p. 30 seq.) que já foram tratados lá, e magistralmente por Ascoli.

P. 33, linha 12 Verificação feita, deve-se adicionar a *açmāsyā* o composto *ukšāna* de *ukšān* e *anna*.

P. 37. A nota 1 deve ser lida da seguinte forma: O médio *punate* (= *punṅte*), [p. 285] onde a ausência do sufixo *a* é óbvia, não permite hesitar sobre o valor do grupo *an* em *punánti*.

P. 42, linha 1. "O *ε* termina a palavra apenas neste caso." Isso está errado. Deveríamos ter cuidado com *korε* e os pronomes *mε*, *tε*, *sε*, formas onde



ç final é notoriamente retirado de *ē longo* + nasal. No entanto a opinião apresentada em relação a *imç* não nos parece portanto improvável.

P. 42, nota de rodapé. Como, na obra citada, Osthoff se refere a apenas um caso particular da vogal *r*, vale lembrar que a existência desse fonema foi afirmada de forma geral apenas na obra Brugmann sobre as nasais soantes. O que pertence exclusivamente ao primeiro estudioso é ter postulado *or* como o representante latino da vogal *r*. Esta última regra, cujo conhecimento devemos a uma comunicação verbal do prof. Osthoff, havia sido publicada com sua autorização nas Mémoires de la Soc. de Linguistique (III 282), e não se podia ser indiscreto e reproduzi-lo aqui. — Sabemos que a existência da vogal *r* na língua materna sempre foi defendida em princípio ou por Hovelacque ou por Miklosich. Mas esses estudiosos não indicaram quais eram os grupos especiais que correspondiam nas línguas da Europa ao *r* indiano.

P. 44, nota 2. Sânsr. *amá* não pode representar *ṛmá*, porque esta forma teria produzido "*anmá*".

P. 46, linha 10. Uma forma semelhante a *μ-ία* pode estar escondida em *μ-ώνυξ*, se a reduzirmos a *\*σμ-ώνυξ*. Também *μόνος* está no lugar de *\*σμ-όνος* e provavelmente idêntico ao sânsr. *samāná*, equivalente a *eka* (para *\*sm-āná* por svarabhakti). No entanto, a forma *μῶνος* não pode ser explicada.

P. 52. Durante a impressão deste livro foi lançado o primeiro caderno das *Morphologische Untersuchungen* de Osthoff e Brugmann. Em nota à pág. 238 (cf. p. 267), reconhece Osthoff, pelo que vemos, a existência da

vogal que chamamos de A e para a qual ele adota a mesma designação que nós. A ideia de que Osthoff se vale do papel morfológico desta vogal, bem como sua relação com o *ā* longo não é outra senão aquela contra que sentimos que deveríamos advertir o leitor, p. 134 seq. Só podemos nos referir ao §11 para apreciar as razões, aos nossos olhos, determinantes, que militam contra esta visão.

P. 53, linha 12. A etimologia agora proposta por Fick e que reúne κεφαλή ao gót. *gibla* (Beitr. de Bezzenb. II 265) ajudará a separar permanentemente *caput* de κεφαλή. — Linha 14. Em *quattuor* cf. L. Havet, Mem. Soc. Ling. III 370.

P. 56. Podemos adicionar à lista *ptak* (*ptāk*): gr. πτακεῖν, lat. *taceo* (cf. gót. *ḡahan*).

P. 58, linha 2. A palavra ῥομφεύς “sovela” tem o objetivo de inspirar dúvidas sobre a correção da comparação de Bugge. Isso indicaria que a raiz de ῥάπτω seja ρεμφ, e que o *a* representa a soante nasal ali. [p. 286]

P. 60. O nome latino *Stator* é colocado entre as formas da raiz *stā* que têm um *ā* longo. É um erro; o *a* é breve. — O suf. lat. *-tāt* = dór. -τᾶτ (Ahrens II 135) podia ter sido mencionado.

P. 70, linhas 13 seq. Veja a nota abaixo na p. 121.

P. 78, linha 11. Adicione gót. *hlai-na-* “colina”, de *kḷaḷi* “inclinar”.

P. 81, linha 13. Adicione: λέμφο-ς “ranho”, φειδό-ς “parcimonioso”.

P. 84, nota 1. Parece-nos provável admitir para casos esporádicos uma segunda espécie de *s* indo-europeu, com um som mais áspero que esse do

tipo comum. De fato, o aparecimento de *ś* para *s* em sânscrito coincide em vários casos, com exceções às leis fonéticas que atingem esta sibilante em grego, latim ou eslavo. Sânscr. *ṣuṣka*, *ṣuṣyati*: gr. σαυκός, σαυσαρός. Sânscr. *ṣevala* "matéria viscosa": gr. σίαλον "saliva". Sânscr. *kéçara*: lat. *caesaries*. A antiga identificação de ἴσος com sânscr. *vícva*, embora desaprovada por Curtius, parece-nos muito convincente<sup>425</sup>; mas o eslavo tem por sua vez *vīšĭ* (e não *vīšĭ*). O caso de ἡμι-συ não difere em nada, como veremos, do caso de ἴσος. Ascoli reconheceu em -συ o elemento formativo do avés. "terceiro"<sup>426</sup>. Mas não é óbvio que a segunda metade de *wi-s<sub>2</sub>u* (sânscr. *višu*) e de *wi-s<sub>2</sub>wa* (ἴσος) de que é só uma continuação, oferece esta mesma sílaba -*s<sub>2</sub>u* composta com *wi* para *dwi*-<sup>427</sup> "dois"? — Notemos o délf. ἡμισσον = ἡμι-σφο-  
-v.

P. 102, linhas 16 e 17. Adicione *frūstra*, *lūstrum*, ao lado de *fraus*, *lavare*.  
— Linha 20. O que se diz sobre o relato de *incolumis* quanto a *calamitas* é falso, o latim antigo tem uma palavra *columis* sinônima de *incolumis*.

P. 103, linha 10 abaixo. Após a correção feita acima na página 68, o exemplo ῥάπτω — ῥομφεύς deve desaparecer.

P. 108, lista b. Adicionar: [δóλιχος — *largus*], c. pág. 263.

<sup>425</sup>Provavelmente *visu*, base de *vícva*, não tem *ç*. Mas esta é uma oscilação altamente explicável.

<sup>426</sup>Ressaltemos, entretanto, o que poderia perturbar esta análise. Justi propõe ver em *e*, derivados de *ḡris* "ter"<sup>(72)</sup>, *čáḡrus* "quater"<sup>(73)</sup>. Esta opinião ganharia consistência se a existência do elemento -*va*, usado desta forma, também for confirmada. Mas o O sânscrito realmente oferece *čatur-va-ya* (-*ya* como em *dva-yá*, *ubhá-ya*). Por outro lado, Ascoli menciona como inseparáveis de *ḡrishva*: *haptanhu*, *ashtanhu*, o que mudaria a questão. Studj Crit. II 412.

<sup>427</sup>Sabemos que a queda proétnica do *d* se encontra no substantivo do número vinte.

(72) Lat. "três vezes". (73) Lat. "quatro vezes".

P. 119, linha 23. A forma *κάνδαλος* é obviamente apenas uma variante de *σκάνδαλον* e não deve ser comparada a *kandará*.

P. 121, linhas 5 seq. Vale ressaltar que a separação de  $a_2$  e  $a_1$  é consagrada em quase todos os lugares no sistema de Schleicher. Seu erro foi apenas confundir  $a_2$  com  $\bar{a}$ . É difícil conceber agora como os olhos do grande linguista não se abriram sobre tal erro, que em si tem algo de chocante, [p. 287] pois leva à identificação dos gregos *o* e *a*. Os fatos para revelá-lo entretanto, não faltaram. Assim Schleicher afirma muito bem, ao contrário da opinião de outras autoridades, o *a* temático de *φέρομες* — *bhárāmas* difere de *φέρειτε* — *bhárātha*; por outro lado ele confunde imediatamente com a vogal longa de *δάμνᾱμι* — *punāmi*. No entanto, considere o imperfeito, que oferece uma sílaba fechada. o próprio sânscrito tem o cuidado de marcar e sublinhar a divergência, já que no *o* de *ἔφερον* responde ao  $\check{a}$  de *ábhārām*, enquanto *ápunām*, ao lado de *ἔδάμνᾱν*, mantém a duração do  $\bar{a}$ .

P. 124 segs. As opiniões que estávamos expondo sobre o *guṇa* parecem ter surgido simultaneamente nas mentes de vários linguistas. Mais recentemente Fick propôs no *Beiträge de Bezzenger* (IV 167 seq.) a teoria defendida acima.

P. 140, linha 4 abaixo. A palavra *θωή* "punição" parece ir com *θωμός*, raiz *θη*. Cf. *θωήν ἐπι-θήσομεν*, *Odisseia* II 192.

P. 147. Brugmann indica no *Morphologische Untersuchungen* que está publicando em colaboração com Osthoff e em cujo primeiro caderno apareceu, durante a impressão deste livro, outra explicação do *au* de *dadhaú*,

*ácva* etc. Este estudioso acredita ver nele o sinal distintivo do *ā* longas finais do sânscrito que continham *a<sub>1</sub>*, na sua segunda metade (loc. cit. 161). — Na página 226, Osthoff aprova e apresenta além disso sobre o tipo *dadhaú* observações que concordam parcialmente com as nossas.

P. 148. Estamos felizes em ver expressa sobre πέφη por G. Mahlow uma opinião muito semelhante à nossa. V.K.Z. XXIV 295.

P. 150, linhas 12 seq. Deveríamos ter mencionado a exceção que fazem os causativos como *snāpayati* de *snā*, exceção no mais sem importância, dada a natureza moderna dessas formas.

P. 160 seq. A palavra γρομφάς que Curtius (Grdz. 67) não consegue decidir separar de γράφω provaria que a última forma está no lugar de \*γρομφώ (raiz γρεμφ); γράφω portanto não tem nada a ver com a questão do fonema A, e não deve ser identificada com o gót. *graba*.

P. 167. δῶρον "amplitude de uma mão, *palmo*" poderia ser reduzido, junto com δῆρις "divisão, discórdia", a uma raiz *dēr*.

P. 171, linha 6. Adicione *dur-gāha*. — Linha 21. Adicione *hládate : prahlätti* (Benf. Vollst. Gramm. p. 161).

P. 172, linha 10. Adicione *çākvará* "poderoso".

P. 174, linha 13. Citamos em outro lugar (p. 258) duas exceções das mais interessantes, *vanáti* e *sanáti*. Muito isoladas para invalidar a regra, elas vêm no momento certo para testemunhar seu caráter completamente histerógeno no teor absoluto que posteriormente tomou.

P. 179, linha 7 abaixo. Adicionar: *nactus* e *ratis*, das raízes *a<sub>1</sub>n<sup>A</sup>k<sub>1</sub>* e *a<sub>1</sub>r<sup>A</sup>*<sup>428</sup>.

<sup>428</sup>Sânscr. *anaç* em *anaçāmahai*, gr. *ἐνεχ* (no lugar de *en<sup>e</sup>k*, embora mais tarde seja o

De acordo com as leis de §14, o fonema<sup>4</sup> deveria dar, nessas [p. 288] formas, origem origem a soantes longas, e seria de esperar \**anctus* ou \**anactus* e \**artis*. Seria muito longo investigar aqui porque o fenômeno não ocorreu. Vamos mencionar o gót. *-nauhts*, que coincide inteiramente com *natus*.

P. 183, nota de rodapé. Adicione *μάνδρα* "estável" ao lado do sânscr. *mandirá*. Essa comparação é duvidosa.

Pág. 191 seq. No momento em que estávamos corrigindo a prova desta página, o Journal de Kuhn (XXIV 296 seq.) trouxe-nos uma erudita dissertação de Johannes Schmidt lidando com optativos. Há entre os resultados a que chega e os nossos uma lisonjeira conformidade para nós. — O que buscamos em vão no trabalho do eminente linguista, é uma explicação do fato de que as formas fracas converteram *ia* em *ī*.

P. 197, linha 1. A vogal *r*- de fato se torna *ar* em armênio: *artsiv* — sânscr. *rgipyá*; *arg* = sânscr. *řkša*; *gail* = sânscr. *vřka*, etc.

P. 198, linha 4 abaixo. O adjetivo indiano *gau-rá* traz algumas confirmações à hipótese *ga-au*, porque senão o ditongo *āu* não teria nenhuma razão de existir neste derivado.

P. 204, nota de rodapé. Adicionar *dānā* de *dāmán*.

P. 220, linhas 20 seq. Deveríamos ter considerado os compostos de *φρήν*, como *ἄφρων*. Nossas conclusões teriam sido modificadas.

Pág. 259 abaixo. A raiz da palavra *ūrdh-vá* poderia ser *rādh*, *rādhati*. Nesse caso, seria um exemplo para adicionar a *dīrghá*: *draghīyas*.

---

segundo *e* que alterna com *o*<sub>2</sub>: *ἐνήνοχα*); - sânscr. *ari*, gr. *ἔρε*. As formas germânicas *nōh* e *rō* se cumpriram, como outras raízes de esta espécie (assim *knō* = sânscr. *gani*, *hrō* "glorificar" = Sânscr. *kari*) uma evolução metatética.

P. 263, linha 3. Observe a dór. *κάρρα* — *κόρση*. Parece indicar que o som que precedeu ρ só se fixou bem tarde. [p. 289]





# Capítulo 8

## Índices

### 8.1 Grego Antigo

(αἶκ-, 123	(Ϝ)έ(σ)αρ, 419	— νέ, 120
(δυφανοίη), 120	(Ϝ)ᾱχώ, 129	— φάστυ, 120
(ιϜ), 123	(ά)στηρ, 347	-ka, 182
(κέ)κλοφα, 117	(ἀπολαύω), 120	-ntai, 181
(νόος, 120	(έ)γερ, 62	-nto, 181
(πάμ-)φθαρτος, 68	(έπι)ληγκέω, 250	-tai, 181
(σταυρός), 120	(έ)γρ-ε-το, 62	-to, 181
(ταῶς, 129	(έ)ραμαι, 79	-toi, 181
(φαῦος), 120	(έ)τεκον, 116	-γω, 246, 251, 252
(χαῦνος, 120	*Λη-τογα, 307	-έτοσσε, 147
(χᾱ-λά), 136	*φεν, 80	-αλα-, 401
(Ϝ)ι(Ϝ)ᾱχή, 129	*ἴ-σπ-ω, 62	-αμα-, 409

-αν, 100	-λοιχός, 249	-ος, 301
-ανα-, 409	-λάστος, 246	-ουν, 308
-αντι, 99	-μα, 86, 87, 93, 151, 230,	-οFi, 308
-αρ, 74, 86, 87	334	-πημον-, 334
-ας, 100	-ματ, 88	-πος, 325
-ατ, 88	-ματι, 86	-πτων, 332
-αται, 99	-ματος, 408	-ραγ-, 262
-ατι, 99	-με, -μο, 409	-ρηγ-, 262
-ατο, 99	-μεν-αι, 171, 313	-σα, 108, 230
-ατος, 87	-μενο, 166	-σθε, 292
-γνητος, 408, 410	-μη-, 409	-συ, 427
-δαστος, 120	-μο-ς, 223	-τ, 86
-διον, 130	-μον, 167	-τέο, 317
-ει, 169, 172	-μονα, 332	-τήρ, 348, 350
-εμα, 409	-μονη, 166	-τανο, 412
-εν, 262	-μων, 230	-τατο, 91
-εν-, 417	-μᾶ, 409	-τη-ς, 153
-ενα-, 409	-μώνα, 332	-τηρ, 153
-ευ-ς, 306	-νο, 409	-το, 91
-η, 93, 108, 247, 249	-ναμαι, 398	-τω, 251, 252
-θεν, 192	-νη-, 409	-τωρ, 326, 350
-θη, 108	-νημι, 398	-τήρ, 230
-κα, 230, 240	-νυ, 245	-τό, 227, 230
-κε, 240	-νᾶ, 409	-τᾶ, 227
-κον-, 416	-ο(γ)α, 307	-τᾶτ, 426

-υδος, 310	m, 179	Καβείρων, ὁ καθαίρων
-υθος, 310	núx, 179	φονέα (οἱ δὲ
-υια, 104, 300		κόης), 197
-φατος, 408	o, 178, 198	Καιάδας, 206
-φαττα, 311	olkós, 157	Κεφαλή, 118
-φονα, 331	ouné, 155	Κρέας, 118
-χιμ-ο-ς, 347	sá-sn-i, 408	Κρόνος, 181
-ύδος, 164		Κρήτες, 131
-φεις, 95	tomós, 157	Κύπριοι, 154
-φεισα, 96	u, 179	Λατοῖν, 307
-φεντυα, 95		Λάκαινα, 107
-φεσσα, 95	γω, 107	Λάκωνες, 130, 183
-ᾶσι, 99	Αἰολεῖς, 184	Ληθοῖ, 307
-ᾶτι, 99	Βαστάζω, 118	Ληθῶ, 307
-ᾷσι, 99	Βελλερο-φῶν, 311	Ληθῶ, 307
-ῆνος, 333, 347	Βελλεροφῶν, 331	Λητοῖ, 326
-φ, 308	Δελφοί, 159	Λητώ, 307
anér-, 147	Διφείθεμις, 171	Λητώ, 308, 325
anéra, 147	Διφει-, 171	Λώβη, 249
e, 178	Δωριέες, 142	Μεσσάπιοι, 122
euné, 155	Εἶραφ-ιώτης, 94	Μητρῶ, 308
hupaí, 182	Ζευν, 323	Μοῦσα, 153
hupá, 182	Ζεύς, 303, 325	Μέντωρ, 221
hupó, 182	Ζεῦ, 303, 315	Νότος, 181
	Ζῆν, 102, 304, 305, 323	Νέστωρ, 221

Νᾱ-ιάς, 130	250, 252, 256,	αυχήν, 179
Πάφιοι, 180	261, 279, 280,	αί, 184
Πέρραμος, 107	282, 399, 409	αίγίποψ· ἀετός ὑπὸ μακεδόνων, 58
Παρρασία, 94	α(ϝ)ιετός, 180	αίγυπιός, 59, 179, 184
Πατρώ, 308	α-ύξ, 420	αιδώς, 332
Περσέ-φαττα, 311	α-ύλακ, 72	αίετός, 414
Ποσειδάων, 344	αν, 411	αίθ-έρ-, 333
Πρίαμος, 107	ἄβα, 265	αίνός, 413
Πρωτεύς, 249	ἄδομαι, 246, 248	αίπόλος, 184, 185
Πόλυ-βος, 325	ἄδομαί, 246	αιώ, 326
Σαυκράτειος, 187	ἄγέομαι, 250, 258	αίων, 123
Στέντωρ, 221	ἄγη, 247	αίφεί, 326
Τέσσαρες, 118	ἄσ-μενος, 247	αίφοσ-, 322, 326
Φλέγυς, 73	αγω, 258	αίω, 322
ἀ-πήμον-α, 335	αι, 205	αἴγλη, 59, 179
ἐπί-τεξ, 333	αλ, 59, 108, 395	αἴθω, 123, 181
ἐριδμαίνω, ἄλυσθμαίνω, 415	αλα, 400	αἴξ, 203
α, 52, 53, 65, 74, 75, 78, 82, 88, 94, 96, 99, 107, 108, 153, 156, 179–183, 189, 198, 227, 237, 244, 247, 249,	αμ, 411, 415 αν, 107, 411, 415 ανγ, 107 αρ, 58, 59, 61, 108, 261, 395 αρα, 400 ατ, 88 αυθ-έν-της, 79	αἴκλον, 120 αἴσα, 123 αὐ(σ), 418 αὐαλέος, 418 αὐγ-ή, 123 αὐδ-, 418 αὐδή, 418

αύλη, ἰ-αύω, 420	βάσις, 80, 349	βείομαι, 215
αύστηρός, 418	βάτραχος, 131	βελ, 183, 251
αυτόματος, 80	βέλε-μνον, 399	βελε, 399
αύχεν-, 333	βέλεμνον, 166, 183	βελτός, 183
αὔξω, 414, 417, 420, 421	βέλος, 183, 217, 403	βελόνη, 183
αὔρα, 124, 180	βένθ-ος, 81	βεν-θ, 244
αὔφην, 179	βένθος, 217	βενθ, 81, 82, 244
αὔω, 414, 418	βία, 384	βιότητος, 344
αὔως, 123, 414, 415, 417, 418	βα-τήρ, 180	βλάπτω, 126
αὔ, 413	βα-τός, 80	βλέμμα, 219
αὔκ-σις, 123	βα-τήρ, 227	βλέπος, 217
αὔξις, 141	βαθύ-ς, 81	βλη-, 403
αὔτε, 124, 413	βαθύς, 244	βλητός, 408
βιχεῖν, 256	βαλ, 183	βλωμός, 195
βά-σκω, 79	βαλ-, 401	βλάβεσθαι, 256
βάζω, 207, 271	βαλεῖν, 403	βλάβομαι, 255
βάθρα, 206	βανά, 412	βο-τήρ, 227
βάκτρον, 122	βαρύς, 109, 126, 401	βο-F-, 305
βάλανος, 126, 401	βασιλεύς, 280	βο-F-ών, 242
βάλλω, 183, 188, 399	βασκαίνω, 122	βοάω, 192
βάξω, 207	βασκε-, 289	βολέμενυς, 166
βάραθρον, 119, 400	βατός, 80, 408	βολή, 183
βάρβαρος, 126	βαφή, 352	βολβός, 194
βάρναμαι, 398	βδ, 412	βορ, 177
	βε-βά-μεν, 240	βορ-, 400

βορ-ά, 193, 399	βρώμα, 193, 396, 398	βέβᾱκα, 240
βορά, 193	βρώναι, 193	βένθος, 244
βοτήρ, 280, 350	βυθός, 180	βό-σις, 241
βου, 305	βυσσοδομεύω, 180	βό-σκα, 240
βου-βήτις, 235	βω, 197, 198, 280	βώ-τωρ, 227
βουλόμενος, 166	βω-μός, 180	βᾶ-την, 237
βούλομαι, 195, 398	βω-μός, 228, 229	βᾱ, 79, 80, 228, 235
βοϝ, 200	βω-τήρ, 227	βᾱ-θ, 244
βούς, 192, 305, 308, 325	βωμός, 346	βᾱ-φ, 244
βούς, βούν, 305	βωμός, 235	βᾶ-σομαι, 226
βρέφος, 217	βωρθία· ὀρθία, 393	βᾷ, 391
βραδύς, 71	βωτάζειν· βάλλειν, 228	βᾱθ, 82, 244
βραχεῖν, 256	βωϝ, 200	βᾶ-μα, 226, 228
βρεμ, 153	βόθ-ρος, 191	βᾶ-μεν, 234
βρεχ, 150	βόθ-υνος, 191	βῆθι, 294
βρο-τός, 193	βόρ-μος, 193	βῆσσα, 244, 270
βροντή, 153	βόρμος, 193	βῶν, 102, 305
βροτό, 176	βόσκα, 280	βῶς, βῶν, 305
βροτός, 70	βώτωρ, 350	γάλα, 401
βροχμό, 150	βάζω, 252	γάλακτ-, 126
βρω-, 400	βάλλω, 251	γάρ-ον, 399
βρωμάω, 326	βάπτω, 244, 252	γέ-γον-α, 52, 78
βρόταχος, 180	βέβηθα, 240	γέγαα, 78
βρότος, 393	βέβωκα, 247	γέγαμεν, 78
βρόχος, 416	βέβᾱ-κε, 240	γέγενα, 51

γέγη(υ)θα, 282	γείτων, 120	γλίχομαι, 256
γέγηθα, 65	γεγάσι, 78	γλύφειν, 256
γέγονα, 51, 52, 78, 145	γεγάτην, 408	γλώσσα, 83
γέλγισ, 73	γεγήθαμεν, 65	γνάθοι, 179
γέλο, 159	γεγήθασι, 65	γνάθος, 179
γένε-α, 131	γεγράφασι, 99	γνήσιος, 408
γένος, 217	γεκαθά, 100	γναμπτός, 243
γένυς, 118	γεκάσα, 100	γνη, 406
γέργερος, 121	γεν, 51, 78, 145, 156, 403	γνη-, 403, 406
γέφυραι, 73	γενέ-, 205	γνητος, 410
γή-θέω, 123	γενέσθαι, 51	γνητός, 408
γί-γν-ομαι, 408	γενε, 403, 408	γνούς, 100
γίγνομαι, 63, 64, 408	γενεσ-, 205	γνοφ, 120
γαλακτ-, 401	γεύω, 137	γνυθός, 179
γαλώως, 401	γι-γνώ-σκω, 196	γνυπτείν, 346
γαμφή, 181	γλάγος, 401	γνω, 185, 408
γανη, 406	γλακτο-φάγοι, 401	γνω-, 408, 409
γαρύω, 129	γλαμυρός, 126	γνύξ, 335
γαστέρ-, 334	γλαφυρός, 126	γνώ-ριμος, 196
γαστήρ, 323	γλεῦκος, 218	γνώμων, 408
γατάλη, 180	γλισκομαι, 256	γνώσις, 408
γατάλαι, 228	γλυκέος, 265	γον, 51
γαῦ-ρος, 123	γλυκός, 265	γονέσθαι, 51
γε, 118	γλάφειν, 256	γονεύ, 156
γε-γά-την, 78	γλάφω, 255	γονο-, 205

γουνατ, 87	γαῦρος, 282	δέκατος, 91, 92
γράφω, 429	γαῦρύω, 129	δέμω, 174
γρασ-ω, 255	γαῦ, 282	δέν-δρεον, 316
γραφή, 352	γά, 120	δέρα-ς, 389
γρεμφ, 429	γή Ἀπία, 122	δέρας, 394
γρομφάς, 194, 429	δησύς, 81	δέρκομαι, 52, 63
γρόφω, 180	δηκ, 108	δέρξις, 81
γράφειν, 256	δάκρυ, 122, 135	δέρω, 68
γράφω, 255, 257	δάκτυλος, 128	δέσποτᾶ, 172
γράω, 255	δάλλει κακουργεῖ, 282	δήν, 188
γράω-νη, 228	δάλλω, 188	δήω, 270
γραῦ, 228	δάμνημι, 409	δί-πλαξ, 127
γυμός, 200	δάμναμι, 428	δί-φορ-ς, 346
γυνή, 179, 412	δάον, 188	δίδαξαι, 184
γόδα· ἔντερα.	δάπ-τω, 121	δίδωθι, 294
Μακεδόνες,	δάφνη, 179	δα(ιφ)ήρ, 142
280	δάφνης, 179	δα(ο)-ήμων, 188
γόμφος, 181, 199	δέ-δα(σ)-ε, 188	δα(F)ίω, 282
γόνω, 205	δέγος, 218	δαέρ-, 334
γόνου, 87, 164	δέδ(α)σε, 188	δαίμων, 308
γύαλον, 188	δέδαε, 188	δαίω, 120
γϜηνή, 179	δέδη(F)α, 282	δακ, 188
γφανή, 179	δέδοκται, 271	δακεῖν, 272, 424
γένυς, 222	δέδορκα, 52, 145	δαλ-, 401
γά(F)ίω, 282	δέκα, 89, 91, 182	δαμάζω, 188



δαμνος, 129	δεδα, 188	δηράς, 73
δαμος, 174	δεδίωχα, 230	δι-δάσκω, 188
δανο, 122	δεδαύια, 282	δι-δαχ-ή, 188
δαπ-άνη, 121	δεικνύασι, 105	δι-έ-τμᾶγο-ν, 246
δαπάνη, 121	δεικνύς, 105	διακοσιοι, 412
δαρ-θ, 244	δεικνύσι, 105	διακόσιοι, 182, 416
δαρ-τό, 68	δειμός, 151	διαμπέρες, 69
δαρθάνω, 188	δειράς, 73	διδάξαι, 188
δαρτός, 302	δειρή, 73	διδάσκω, 188
δασ, 188	δεκ, 156	διδοίσθε, 295
δασύς, 81, 118	δεκα, 84	διδοίτο, 295
δαυχμόν, 179	δεκόταν, 182, 416	διη, 230
δαόν, 188	δελφύς, 222	δικέ, 257
δαύχνα, 179	δενσ, 188	διά-δη-μα, 230
δαίομαι, 242	δερ, 66	διώκω, 230
δαίρω, 252	δερκ, 71, 108, 145, 242, 260	δημητός, 408
δε, 61	δεσποτᾶ-, 172	δημᾶτός, 408
δε-δαρ-μένος, 66	δεχ, 150, 157	δο, 190
δε-τός, 232	δεί-δοι-κα, 240	δο-τός, 196
δεάμην, 147	δεί-δί-μεν, 240	δο-τήρ, 227
δείδοικα, 358	δείκνυμι, 245	δο-τός, 241
δείδω, 359	δείρω, 252	δοάν, 188
δείκνυμι, 79	δείμα, 219	δοάσσατο, 147
δεγκ, 424	δείπνον, 120	δοίην, 100
δεδγκ(α)μεν, 223		δοιοί, 173

δολιχός, 393	δράω, 226	δάμνημι, 364
δολφό, 159	δρά-μα, 226	δάπτω, 252
δολφός, 161	δρῦ-ς, 337	δέ-δο-ται, 240
δολχός, 394	δυσχεραίνω, 344	δέ-σις, 241
δοτήρ, 350, 351	δω, 190, 200, 279	δέδορκα, 223
δοτός, 279	δω-, 225	δέρτρον, 222
δουρατ, 87	δω-τήρ, 227	δέρω, 252
δοχή, 157	δωμάω, 326	δή-σω, 230
δοχμή, 150	δωτήρ, 323, 326	δήκω, 246
δοχμός, 280	δωτρος, 307	δήξομαι, 244
δοχό, 157	δωτίνη, 220	δήω, 246
δοίεν, 100	δωτήρα, 323	δί-δη-μι, 230
δρέπανο, 156	δόγμα, δέδοκται, 271	δί-δω-μι, 229, 238
δρα-τό, 68	δόλιχος, 394, 427	δίδως, 238
δραμ, 181	δόλος, 157	δίε-μαι, 230, 232
δραμείν, 181	δόμορτις, 180	δίκεϊν, 256
δρατός, 302, 389	δόμος, 174, 178	δίώκω, 230
δρεμ, 181	δόναξ, 194	δό-σις, 241
δρεπ, 163	δόξα, 156	δύω, 238
δρομ, 181	δόρξ, 330	δώ-σω, 226
δρυ, 316	δόρυ, 87, 164, 175, 201	δώ-τις, 241
δρυ-, 335	δώτορα, 323, 326	δώ-τωρ, 227
δρωμάω, 326	δώτωρ, 323, 350, 351	δώτορος, 307
δρόμος, 181	δφει, 154	δώτωρ, 307
δρόπις, 163	δάνκω, 244, 248, 253	δώτωρα, 307

δάξομαι, 248	ε-ύλακα, 72	εἴληχα, 243
δακ, 244	ε-ϋάδο-ν, 246, 272	εἴλοχα, 145
δαλέομαι, 188, 282	ει, 145, 245	εἶρη, 352
δαρός, 188	εστάμην, 238	εἶρω, 147, 265
δαυ, 242, 282	ευ, 245, 247, 306, 391	εἶω, 215
δάμος, 174	εἰ, 150, 153	εἶωθα, 265
δήγμα, 244, 250	εἰ-, 289	εἶφοθα, 265
δήνος, 188	εἶδ, 221	εἶ-μαρ-ται, 66
δήρις, 429	εἶδμων, 221	εἶλη, 352
δϋ, 391	εἶδός, 322, 328	εἶστωρ, 221
δῶ, 174	εἶδώς, 324	εἶ-μεν, 237
δῶ-ρον, 196, 229	εἶδώς, 221	εἶ-μι, 236
δῶρον, 429	εἰκάν, 350	εἶ-ς, 236
δῶρᾶ, 131	εἰλήλουθα, 145	εἶ-σι, 236
δῶτις, 220	εἰλύ-ω, 369	εἶαρ, 341
δῶτορ, 307, 326	εἰνάτηρ, 408	εἶδος, 198, 218
ε, 52, 53, 67, 145, 179, 181, 188, 223, 235, 251, 256, 257, 261, 271, 279, 315, 393	εἰοικνῖαι, 358	εἶκλον, 120
ε-α, 119	εἰπεῖν, 359	εἶμι, 215, 216, 237
ε-χερ-ής, 153	εἰρά-να, 235	εἶρος, 217
ε-ἴη-ν, 296	εἴ-ληφ-α, 247	εἶς, 108
ε-ἴ-μεν, 296	εἴ-ω, 239	εὐ-(F)ᾶχής, 250
	εἴδε-τε, 215	εὐ-θενία, 264
	εἴδομεν, 215	εὐ-θηνία, 264
	εἴην, 235	εὐ-μενής, 334
	εἴκοσι, 182, 412, 416	εὐ-πάτορ-, 334

εὐ-πηγής, 268, 270	ζεφ, 157	θαρνεύω, 398
εὐ-ήνωρ, 260	ζεύγνυμι, 79	θαρσ, 283
εὐλή, 205	ζεύγμα, 219	θαυμάζων, 249
εὐμενέσ-, 335	ζεύγος, 218	θαάσσω, 249
εὐπηγής, 250	ζοσ, 270	θαῦνον, 124
εὐπᾶγής, 250	ζοσέ-σθω, 246	θε, 61, 231
εὐρέσφι γυναιξίν, 333	ζωμός, 219	θε-τός, 235
εὐέθωκα, 265	ζωσ, 200, 246, 270	θε-τός, 232, 241
εὐρεῖν, 257	ζόασον, 147	θεινών· αἰγιαλῶν, 222
εὐ-βο-τος, 241	ζόφο, 157	θερ, 154, 155, 181
εὐδαιμων, 321	ζύγαινα, 107	θερμός, 152
εὐκαυστον, 179	ζώννυμι, 197	θερτήρια· ἑορτή ?? τις, 221
εὐᾶδε, 129	ζύμη, 219	θετός, 274
εὖω, 418	η, 52, 67, 216, 231, 234, 240, 246, 248,	θευ, 157
εἰδάλιμος, 262	250, 262, 263,	θεό, 159
εἰν-οσί-φυλλος, 258	304, 306, 323,	θη, 230–232, 260, 428
ζέλλω, 119	333	θη-μα, 230
ζέρεθρον, 119	θηνεῖν, 404	θη-μών, 230
ζα-βρό-ν πολύφαγον, 346	θάρνυται, 398	θηγός, 250
ζα-χρηής, 282	θάρνυται, 398	θηπόν·θαυμαστόν, 250
ζεά, 140, 159	θέλξις, 81	θηρίον, 124
ζείνυμεν, 147	θέρος, 206, 217	θηέομαι, 265
ζειά, 159	θές, 63	θιγγάνω, 243
ζευκτήρ, 221	θανεῖν, 404	θνητός, 409

θνᾶ, 404	θόρνημαι, 398	θῶξαι, 248
θοΐνη, 154	θύραξ, 178	ι, 171, 179, 197, 253, 264,
θοό, 157	θύω, 391	393
θρέμμα, 219	θώραξ, 178	ιη, 100
θραύω, 124	θώψ, 330	ιν, 245
θρεπτήριος, 221	θάλος, 250	κηγω, 183
θροσέως, 180	θάμβος, 243	κάδος, 122
θρόνο, 154	θάπτω, 245, 252	κάκαλον, 128, 283
θρόνος, 154, 181	θέ-σις, 241	κάλαθος, 400
θρώναξ· κηφήν.	θή-σω, 230	κάλαμος, 188
Λάκωνες, 263	θήπων· ἑξαπατών, 249	κάλλυντρον, 184
θρᾶ, 181	θόωκος, 249	κάλχη, 126
θρᾶ-νος, 234	θώπτω, 249, 252	κάμαρος, 411
θράνος, 181	θώψ, 249	κάμπη, 206
θρήνο-ς, 263	θάλλω, 281	κάνδ-αρος, 125
θυγάτηρ, 279, 410	θάγω, 246, 248	κάνδαλοι, 206
θω-μό, 231	θαγ, 250	κάνδαλος, 428
θω-μός, 230	θαλ, 242, 281	κάνδαρος, 283
θωή, 428	θαλέω, 281	κάπ-ηλος, 123
θωήν ἐπι-θήσομεν, 428	θαλέω, 250	κάπετος, 134
θωμός, 346, 428	θαπ, 249, 250	κάπρος, 122
θωμός, 231, 235	θαφ, 243, 249	κάπων, 280
θωχθείς, 248	θαῦμα, 180	κάρ-σις, 70
θωῦμα, 180	θάσσον, 250	κάρη, 399
θόρναξ, 154	θῖνός, 222	κάρκαρος, 72

κάρρα, 431	καίνω, 183, 282	καυ, 282, 424
κάρταλος, 127, 181	καγκύλας, 184	καυλός, 124, 142
κάρχαρος, 72	καινός, 206	καχλάζω, 253, 265, 268
κάχληξ, 181	κακκάω, 122	καύαξ, 187
κέκευται, 180	καλ-έω, 125	καίνω, 251
κέκλαγγα, 128	καλός, 206	κείω, 215
κέκλοφα, 133	καλύβη, 180	κει, 151, 153
κέκοκε, 197	καμ, 403	κεκάσμεθα, 277
κέκονα, 183	καμάρα, 126, 206	κεκαθήσει, 261
κέλευθ-ο, 159	καν-άζω, 125	κεκαδών, 261
κέλης, 206	κανάζω, 181	κεκλεβώς, 145
κέν-τρον, 153	καπ-νός, 121	κεκληγώς, 128
κέν-τωρ, 153	καπ-ύω, 121	κεκᾶφηώς, 248
κέπφο, 159	καπυρός, 180	κελ, 64
κέρα-μος, 279	καπύω, 183	κελαινός, 72
κέρας, 335	καρή, 195	κελεφό, 159
κέρδος, 217	καρδία, 71, 180, 186	κεν, 153, 183, 251, 282
κέρκο, 159	καρδία), 118	κεν-τέω, 153
κέρμα, 219	καρκίνος, 126	κερ, 68, 70, 150, 156
κέχοδα, 145	καρρων, 195	κεράμβυξ, 72
κήρ, 340	καρτός, 68, 69	κερδ, 71
κίρναμεν, 280	κατά, 182	κευθμός, 151
κα, 182	κατάκρᾱς, 340	κεφαλή, 426
κα(F)ίω, 282	καταπτήτην, 181	κεύθω, 180
καίατα, 206	κατύ, 181	κεύθος, 218

κηκίω, 274	κλύζω, 251	κογχύλαι, 184
κηκίδας, 184	κλύω, 255	κοθαρός, 180
κηκίδες, 184	κλώθω, 246	κοιλο-γάστορ-, 334
κηλίς, 72	κλώμαξ, 264	κοιλώματα, 206
κηρός, 234	κλᾱ, 129	κοιμάομαι, 151
κι-χᾱ-νω, 235	κλᾱ(Ϝ)ίς, 180	κοιάται· ἱεράται, 197
κλάζω, 128	κλᾱῖς, 120, 265, 282	κολ-ε-κάνος, 395
κλέ(Ϝ)ος, 218	κλᾱυ, 282	κολ-ο-κάνος, 395
κλέφος, 139	κλᾱρος, 129	κολ-ο-σός, 395
κλαγγή, 128	κμ-ητός, 409	κολακεύων, 249
κλείς, 120	κμη-, 403	κολοβόν, 162, 346
κλεπ, 157	κμητός, 408	κολοκάνος, 190, 394
κλευ κλυ, 392	κμᾱτός, 408	κονή, 183
κλοιός, 180	κναδάλλεται· κνήθεται,	κοπή, 352
κλοπό, 157	249	κορ-μός, 228
κλωβός, 282	κνηκός, 408	κορμό, 150
κλωπάω, 326	κνω, 244	κορμόν, 156
κλό(Ϝ)νις, 193	κνωπεύς, 249	κορμός, 219
κλόνις, 123	κνώδαλον, 249	κορσό, 156
κλώζω, 196	κνώδων, 249	κορσόν, 156
κλώθω, 197, 400	κνώψ, 249	κορωνός, 194
κλώψ, 325	κο, 182	κορώνη, 194
κλάγξω, 243	κο(Ϝ)έω, 189	κοχώνη, 416
κλέπτω, 224	κοίης, 197	κοϜ, 197
κλύειν, 256	κοίτη, 153	κοίτο, 153

κράδ-η, 125	κτα, 78	κόλουρον, 162
κράμβος, 127	κτανός, 333	κόλυβος, 180
κράνος, 188	κτατός, 411	κόμη, 194
κρέκω, 164	κτείς, 333	κόναβος, 181
κραιίνω, 181	κτεν, 78, 80, 145	κόνις, 179, 190
κραδ-αίνω, 125	κτενός, 333	κόντο, 153
κρημ, 263, 270	κτη, 232	κόοι, 187
κρημνός, 264	κτάομαι, 232	κόπερρα, 107
κροκάλη, 190	κυ-ν-ός, 83	κόπρια, 107
κροκύς, 164	κυ-ον, 83	κόπρος, 183
κροτώνη, 181	κυκεών, 192	κόπτω, 197, 280
κρουνός, 181	κυματ-ωγή, 228, 249,	κόραξ, 194, 199
κρόζω, 196	250	κόρζα, 180
κρόμβος, 180	κυματο(F)αγη, 249	κόρθυς, 164
κρέμαμαι, 264	κυνο-φόντις, 153	κόρση, 195, 381, 394,
κρήμημι, 264	κυνός, 301, 349	396, 431
κρώμαξ, 263, 264	κωπ, 280	κόσμοι, 270
κράδῆ, 71	κωφός, 280	κόσμος, 189, 270, 280
κρά(σ)-ατ-(ος), 340	κωφός, 258	κότταβος, 280
κράσ-, 340, 389	κό(φ)οι, 189	κόχλος, 181
κτ, 411	κόβᾶλος, 187	κύκλος, 179
κτά-μεναι, 78	κόγχη, 161, 194	κύλιξ, 179, 189
κτά-μενος, 78	κόκυξ, 192	κύρνος, 188
κτά-σθαι, 78	κόλ-αβρος, 187	κύων, 185, 301, 349
κτέννω, 107	κόλλοψ, 190	κάμψω, 243



κάπτω, 253	κάπος, 126	λέλογχα, 183, 184
κάπυω, 247	κήρ, 71, 340	λέλᾱκα, 52
κάτηδα·	κήτος, 250	λέμφο-ς, 426
καταβεβρωμένα,	κίκυς, 280	λέχος, 217
263	κῶ-νος, 196	λίμινθες· ἔλμινθες·
κέ-καῶδ-α, 247	κῶνος, 190	Πάφιοι, 73
κέκηφα, 253	λαβνω, 243	λίμν, 93
κέκηφε, 247, 248	ληχνω, 243	λα, 59, 65, 68, 71
κέκλοφα, 224, 261	λάγ-νος, 122	λα-νθ-άνω), 131
κέκλυτε, 240	λάκ-ος, 122	λαβείν, 271
κέκῠφα, 253	λάξ, 127	λαβόντος, 303
κέντρον, 222	λάπ-τω, 122	λαβών, 303
κέντωρ, 221	λάσ-τη, 122	λαγ-εινά· δεινά, 421
κέρμα, 228	λάσκαω, 188	λαγγ-άζω, 122
κέχανδα, 244	λάταξ, 131	λαγγάζω, 187
κέχλαῶδα, 253, 265	λάτρις, 131	λαγχάνω, 183, 184
κί-χη-μι, 231	λάχνη, 122, 395	λαγχάνω, 243
κί-χημι, 235	λάων, 131	λαγάσσαι· ἀφείναι, 262
κόπτω, 258	λέ-λαῶκ-α, 188	λαθεῖν, 257
κύπτω, 253	λέαινα, 203	λαιός, 123, 142
κώπη, 249	λέγω, 214	λακ, 188
κάδω, 246, 274	λέλαγα, 145	λακ-ερός, 122
καῶλις, 72, 129, 136	λέλεγα, 147	λακεῖν, 257
κάδος, 250	λέλειπται, 145	λαμβάνω, 243, 247,
κάλον, 200	λέλογας, 147	248, 253

λαμπτός, 243	λεκ, 156	λιτε-, 257
λαμφ, 243	λελάκυια, 248	λιχανός, 249
λανθάνω, 130, 131	λελάσμενος, 246, 248	λογγάζω, 187
λανθάνω, 243, 253	λεοντ, 203	λογχο-, 173
λασ-ω, 255	λεπ, 157	λογχο-φόρο, 173
λαυ, 155	λευγ, 157, 251	λογχο-φόρος, 172
λαυκάνη, 179	λευγαλέος, 262	λοι-μός, 150
λαυκανίη, 83, 179	λευκ-ό, 158	λοιβή, 157
λαυκάνιη, 72	λευκοφόρος, 176	λοιγό, 157
λαυχάνη, 83	λεχ, 150	λοιγός, 161
λαφ-ύσσω, 122	λεός, 120	λοιμό, 150
λαχεῖν, 424	λεύκη, 352	λοιμός, 150
λαφ, 120	λείβει, 256	λοιπό, 157
λε-λάκω-ντο, 246	λείπω, 253, 255	λοιπός, 355
λε-λάβέ-σθαι, 246	ληῖς, 281	λοιτός, 150, 153
λείπε-, 289	ληγ, 262	λοξό, 156
λεγ, 145, 162	ληπτός, 243	λοπό, 157
λεγέ-τω, 195	λιβρός, 251	λούσον, 162
λεγχ, 183, 184, 243, 244, 424	λιλα(σ)-ίομαι, 122	λούω, 189
λειβ, 157, 251	λιμέν-, 333	λυγρός, 251
λειπ, 157, 260	λιμήν, 93	λυκει, 297
λειπουργός, 120	λιμπάνω, 253	λυμνός, 200
λειχήν, 333, 347	λιπέ-, 289	λυσ, 100
λειψε, 289	λιπε-, 256	λυσκάζει, 162
	λιτε, 256	λω, 402

λωγάς· πόρνη, 249	λέληθε, 248	260
λωκέω, 250	λέληκα, 253	λακ, 250
λόγος, 178	λέλογχα, 243	λαπτός, 251
λόγχη, 172, 183, 190	λέλωθα, 247	λαφ, 243
λόχη, 150	λέλασται, 248	λαός, 120
λύκοι, 297	λέλαφα, 253	λαας, 129
λύκος, 178, 179	λέλαθα, 246, 248	λήμμα, 250
λύσ-αντ, 100	λέλακα, 224	λήρέω, 130
λύσας, 108	λήθω, 253, 255, 257	λήρος, 130
λύσειαν, 100	λήψομαι, 243	λιμήν, 347
λύχνος, 346	λίβει, λίβων, 256	λυμαίνομαι, 150
λύω, 391	λίμπάνω, 243	λυμη, 150
λάγνος, 249	λίτε, 257	μ-ία, 425
λάκειν, 257	λίτεσθαι, 256	μ-ώνυξ, 425
λάμπω, 243	λίτομαι, 255, 257	μησταξ, 179
λάμψομαι, 243	λύω, 256	μάθυιαι, 179
λάμψω, 243	λάθρα, 251	μάκ-αρ, 121
λάπτω, 245, 252	λάψω, 253	μάκαρ, 134
λάσκω, 247, 253	λα-θ, 268	μάλβαξ, 127
λάσχω, 224	λά-θ-ω, 130, 246	μάμμη, 127
λάω, 255	λάθω, 245, 246, 248	μάνδρα, 430
λέ-ληκ-α, 247	λάσομαι, 246, 248	μάννος, 187
λέ-λάθο-ν, 246	λάφ, 271	μάντις, 282
λέ-λαθ-α, 247	λάψομαι, 248	μάρναμαι, 398, 399
λέκτρον, 222	λαθ, 242, 243, 246, 251,	μάρπτω, 59

μάρτυρ, 317	μέτριος, 107	μαχε, 256
μάσσω, 121	μή, 208	μαχε-, 257
μάσταξ, 179	μία, 108	μαίομαι, 227, 228
μάχ-ομαι, 121	μίμνω, 63, 64	με-μηκ-ώς, 247
μάχαιρα, 121	μα-σάομαι, 131	μεμαυία, 78
μάχλος, 179	μα-τος, 80	μεμφ, 163
μάχομαι, 272	μα-τήρ· έρευνητής, 227	μεμᾶκυϊαι, 248
μέ-μα-τον, 78	μαίνομαι, 282	μεμᾶλότας, 265
μέ-μον-α, 78	μαδ-άω, 122	μεν, 78, 282, 404
μέγας, 118, 134	μαδ-αρός, 122	μεν-αι, 171
μέδ-ιμνος, 157	μαδάω, 270	μεν-θ, 244
μέθη, 352	μαθεῖν, 244	μενετός, 409
μέλε, 159	μακ-ρός, 121, 134	μενθ, 244
μέλος, 217	μακεῖν, 256	μενθήραι, 244
μέμαα, 78	μακκοάω, 249	μερ, 66, 145, 153
μέμαμεν, 404	μακρός, 134	μεταμώνιος, 228
μέμβλεται, 64	μακρός, 250	μετήρορ, 265
μέμηνα, 282	μαλάχη, 127	μείζων, 250
μέμονα, 404	μανθάνω, 243, 244	μηκάομαι, 247
μένε, 409	μαπέειν, 59	μητέρ-ες, 170
μένεσ-σι, 328	μασχάλη, 181	μητράσι, 74
μένος, 217, 351, 404	ματηρεύειν· μαστεύειν, 227	μητρός, 279
μένω, 214	ματύαι, 179	μιμνήσκω, 404
μέρος, 217	ματίον, 232	μισθο-φορά, 162
μέτερρος, 107		μν-ᾶ, 404

μνήμη, 404	μύλ-λω, 193	μᾶχανά, 130, 134
μνη-, 406	μύλη, 399	μάκος, 250
μολπίς, 163	μύρκος, 399	μάλλον, 250
μομφή, 163	μύρμηξ, 194	μάλον, 129
μονιός, 187	μύσταξ, 179	μάσσον, 250
μορ-τός, 193	μάθος, 250	μάχος, 250
μορμύρω, 194	μάλλον, 251	μῆ-τις, 234
μορτή, 153	μάσσον, 251	μῆνις, 282
μοχλός, 189	μάχε, 257	μῆτις, 244
μοίτος, 153	μάχεσθαι, 256	μῆχαρ, 130
μούνος, 425	μάχομαι, 255, 257	μῆχος, 130
μυκεῖν, 256	μέ-τρον, 232	μῶκος, 249
μυκλός, 179	μέθυ, 419	μῶρον, 196
μόκρων, 192	μέλω, 265	μῶρος, 196
μόκρωνα, 192	μέμηλε, 265	μῶται, 228
μόλις, 194	μήκος, 227	νάφω, 120
μόμφι, 163	μύλη, 400	νέκες· νεκροί, κτέρες, 333
μόννος, 199	μᾶκρός, 251	νέκταρ, 321
μόνος, 425	μᾶ-θ, 244	νέκυς, 306
μόρμος, 194	μάκιστος, 250	νέμος, 217
μόρναμαι, 398	μάκων, 233, 350	νένοται, 197
μόρον, 196	μᾶθ, 244	νέος, 159
μόρσιμος, 156	μᾶκ, 249, 251	νέποδες, 344
μόσχος, 181	μᾶκοάω, 249	νέφος, 139, 217
μύλ-η, 193	μᾶχ-ανά, 134	

νέφος, 139	νομό, 157	νύμφᾱ, 224
νέφω, 120	νομάς, 249	νώ, 238
νύμφᾱ, 172	νοτίζω, 181	νώγαλον, 249
νύμφᾱ-, 172	νοῦσος, 156	νᾱ-ρός, 130
ναίω, 120	νυκτ-, 280, 344	νᾱρός, 181
ναυ-ᾱγός, 250	νωθής, 250	νᾱύς, 129, 142
ναύω, 183	νωμάω, 326	νᾱ-μα, 130
ναύω), 120	νό(φ)ος, 189	νᾱ-σος, 130
ναφ, 120	νόα, 183	νάσος, 181
ναῦος, 120	νόμο, 157	νάσσα, 127, 408
νε, 409	νόσος, 156	νή-μα, 230
νείφει, 161, 414	νόστο, 153	νήσσα, 408
νεμ, 156, 157	νόσφι, 108, 279	νώτον, 185, 190
νεμητον, 201	νύκτωρ, 301	νώϊ, 196
νεο-γνό-ς, 346	νύμφᾱ, 330	ξένο, 159
νεοθηλής, 250	νύξ, 179, 192, 199	ξένφο, 159
νες, 153	νέκυσ, 222	ξέω, 178
νεσ, 230	νέξας· στρώματα, 419	ξεύγνυμι, 245
νευτήρ· κολυμβητής, 221	νέφος, 419	ξούσθω, 246
νηός, 265	νή-θ-ω, 231	ξόανο, 156
νικᾱ-φόρος, 172	νίζω, 251	ξόανον, 178
νλ, 399	νίπτω, 253	ξύανον, 178
νοέω, 198	νόθος, 250	ξύλον, 179
νομεύ, 156	νόστος, 230	ξύν, 195
	νύμφᾱ, 224	ξύω, 178

ξᾶίνω, 281	οἰνώψ, 326	οὔθ-αρ, 341
ξᾶν, 281	οἰός, 308	οὔθαρ, 74, 87
ο, 52, 53, 153, 154, 165, 178–183, 189, 199, 200, 205, 221, 279, 280, 398, 399, 416, 417	οἴκοι, 169	οὔλα, 164
ὀχέω, 117	οἴμη, 150, 152	οὔλος, 394
οα, 307	οἶδ-α, 103	οὔρος, 180
οι, 296	οἶδα, 145, 215	οὔς, 184, 198, 339, 342
οιν, 307	οἶδμα, 190	οὔσα, 107
ολ, 178, 395, 400, 402	οἶκο, 161	πά(φ)ίς, 180
ομαι, 120	οἶμο, 150	πά(φ)ις, 187
ον, 188	οἶνος, 154	πά-σχω, 131
οντ-, 416	οἶνοψ, 326	πάγη, 128
ορ, 178, 395, 398, 400, 402	οἶστρος, 181	πάλη, 127
ορ, ολ, 393, 408	οἶτο, 153	πάρος, 195
ορο, 157	οὔ, 190	πάτο-ς, 82
ου, 145, 247	οὔδέ, 190	πέ-παθ-τε, 79
οι-σύ-α, 349	οὔλ(α)μός, 151	πέ-πασθε, 79
οἶδ, 221	οὔρα-νός, 280	πέ-φα-ται, 78
οἰκτρός, 190	οὔσία, 107	πέγηγα, 128
οἰνή, 193	οὔτάω, 180	πέγνυμι, 128
	οὔτάω, 228	πέδη, 352
	οὔατ-, 339	πέδο, 159
	οὔατα, 190	πέλεθο, 159
	οὔθ-ατ-ος, 341	πέλεθρον, 71, 404
	οὔλη λευκή· θριξ λευκή, 394	πέμπτος, 91, 92
		πένητες, 118

πένθος, 183, 217	πίμπλημι, 67, 216	παραί, 401
πέντε, 85, 91	πίμπλᾶμι, 67	παραύα, 184, 198
πέος, 217	πίπτω, 64	παρθένος, 181
πέπεισμαι, 145	πίστις, 348	πατάρα, 120
πέποιθα, 65	πα(φ)-ίω, 124	πατέρ-, 334
πέπονθα, 79	πα-τρ-ός, 74	πατέρα, 168
πέποσθε, 79	πα-τρά-σι, 74	πατήρ, 131, 137, 273, 279, 323
πέποσχα, 183	παγγυμι, 245	πατράσι, 319
πέπων, 332	παγξαι, 245	πατρασί, 319
πέρα-σαι, 398	παθειν, 183	πατροκτόνος, 163
πέρδω, 63	παθειν, 244, 245, 416, 424	πατρόκτονος, 163
πέρθω, 63	παθών, 244	πατρός, 301
πέρκ-ο, 158	παιδύοι, 296	πατρών, 320
πέρνημι, 398	πακτώω, 251	παχυλός, 81
πέρᾶ-σαί, περᾶ́-σω, 397	παλάμη, 127, 400	παχύς, 81, 118
πέρᾶ-σαι, 408	παλίν-ορσο, 156	παύω, 123
πέτεται, 212	παλίντονος, 163	παίγνιον, 252
πέτραι, 73	παν-δαμά-τωρ, 409	παίζω, 252
πέφονται, 78	πανδημεί, 169	παίς, 252
πέφευγα, 145, 151	πανούργος, 187	παίγμα, 252
πέφη, 429	παρά, 188, 195, 401	παῦ-ος, 124
πήχες, 139	παρήϊον, 198	παῦρος, 129
πί-νω, 280	παρα-βλώψ, 325	πε-παρ-μένος, 66
πί-πτ-ω, 62	παρα-λέξο-μαι, 217	πε-πιθ-έ-σθαι, 64
πίμ-πλα-μεν, 67		



πε-πτη-(F)ώς, 230	πεντήκοντα, 234	πείθω, 221
πε-πυθ-έ-σθαι, 64	πεπαθυία, 79	πείσομαι, 244
πε-πάγο-ίην, 246	πεπαρεῖν, 129, 181	πείραρ, 335
πε-φν-αται, 78	πεποίθομεν, 215	πείσμα, 219
πείρω, 69	πεπορασμένος, 181	πεύσις, 68
πεδός, 327	περ, 66	πη, 244
πει, 154	περάσω, 398	πηγή, 183
πειθ, 64	περκ-νό, 158	πηκτός, 128
πεικ, 251	περκνός, 73	πηρός, 129, 281
πειστήρ, 350	περτ-, 166	πι-φρα-, 67
πειστήρ, 221	πετ, 62, 110, 150	πικρός, 251
πεκ, 157	πετε-, 257	πιμπλά-, 381
πελ, 62, 67	πετμεῖν, 150	πιπί-σκω, 280
πελ-, 403	πετέ, 257	πιφράναι, 67
πελ-ό, 158	πευθ, 64, 242	πιφάύσκω, 282
πελε, 403, 404	πευθήν, 333, 347	πλ-έσθαι, 386
πελε-, 403	πευκάλιμος, 262	πλάδος, 129
πελεμίζω, 400	πευστήριος, 221	πλάξ, 127
πελιός, 186	πεφήνασι, 99	πλέγμα, 219
πεμπ, 156, 157	πεφευγμένος, 246	πλέθρον, 71
πεν, 244	πεφνεῖν, 414	πλέφω, 139
πεν-θ, 244	πεφήσεται, 239	πλήρης, 404
πενθ, 77, 79, 244, 245, 424	πέυθεται, 212	πλήσσω, 128
πεντηκόντ-, 157	πέυθομαι, 68, 138	πλαγκτός, 243
	πέυκη, 353	πλατεία, 317

πλατύς, 71	πλάγᾱ, 128	πολυ-φή-τωρ, 227
πλεκ, 150, 151	πλάθος, 67	πολυχρόνιον, 188
πλευ, 157, 242	πνεύμων, 221	πολύ-ρρηγ, 302
πλευ πλυ, 392	πο(φ)ία, 187	πολύφᾱνος, 228
πλευ-σοῦμαι, 226	πο-τός, 196	πομπεύ, 156
πλευρά, 221	πο-τήριον, 227	πομπό, 157
πλεύμων, 221, 350	πο-τός, 241	πορεῖν, 190
πλείων, 265	ποιμν-η, 93	πορνάμεν, 398
πλη, 216, 237, 246, 404	ποιμνιον, 107	πορτί, 166, 195
πλη-, 403	ποδ-, 176	πορφύρω, 399
πλη-θ, 246	ποδός, 52	πορόντες, 400
πλοκή, 160	ποθή, 183	ποσσί, 317, 319
πλουμο, 151	ποι-νή, 228	ποτί, 197
πλοχμό, 150	ποιμνω, 107	ποιός, 205
πλοχμός, 219, 355	ποιμέν-, 333	πούς, 180, 325
πλοχμός, 223	ποιμένι, 302	πράσον, 73
πλούτος, 153	ποιμένος, 302	πρακνός, 73
πλόκ(α)μος, 151	ποιμέσι, 83	πραπίδες, 127
πλόκος, 160	ποιμήν, 93, 302	πρειγευτά-νς, 100
πλόο, 157	ποιμαίνω, 107	προσώπατα, 88
πλώω, 139	ποιμενός, 83	προτέω, 148
πλέκω, 223	ποιμν, 107	προτί, 195, 199
πλήων, 265	ποιμήν, 220	προφρον-, 88
πλά, 67	ποινή, 150, 154, 155	πρωκτός, 192
πλάζω, 128	πολιός, 186	πρό, 192, 201

πρό-χνη, 335	πτολίπορθος, 163	πόδ-ας, 100
πρό-χοος, 162	πτωχός, 249	πόδα, 325, 327, 330
πρόβασις, 280	πτόα, 181	πόδας, 317
πρόβατον, 198, 280	πτόρθος, 181	πόθος, 183, 416
πρόσσω, 195	πτόρμος, 183	πόκο, 157
πρόσω, 195	πτόρος, 183	πόλις, 396
πρόσωπο-ν, 88	πτῶξ, 330	πόλτος, 195
πρότι, 197	πτήσσω, 246, 252	πόλυντρα, 180
πρόφρασσα, 88	πίσσω, 253	πόπανο, 156
πρώγκη, 189	πτῶξ, 249	πόρ-νη, 398, 408
πράσιά, 131	πτῶσσω, 249	πόρδαλις, 180
πράνης, 188, 401	πτάκων, 246	πόρκος, 186, 195
πράνός, 188	πτά, 181	πόρνη, 154, 398
πράτός, 408	πτάσσω, 248	πόρρω, 195
πτ, 412	πτάκ, 249	πόρσω, 195
πτ-έσθαι, 110	πτῶσις, 230	πόσθη, 192
πτ-ε, 256	πυγμή, 346	πόσιος, 280
πτέρνα, 271	πυθμέν-, 333	πόσις, 175, 177, 192, 199
πταίρω, 183	πυθμήν, 347, 350	πότερος, 168, 173
πτακεῖν, 426	πυνθάνομαι, 243	πότμο, 150
πτη, 230	πυνός, 192	πότμος, 150
πτησσω, 247	πυρ-φόρος, 162	πότνια, 192, 344
πτῶμα, 230	πω, 284	πύλη, 178, 399
πτοέω, 189	πωτάομαι, 326	πύσ-τι-ς, 68
πτοία, 181	πό-μα, 196	πώ-νω, 196

πάς, 325	παῦρος, 281	262
πάομαι, 226	πᾱ, 244	ρεμφ, 426
πάσχω, 244	πᾱ-θ, 235	ρο, 393
πέ-πηγ-α, 247	πάγνυμι, 248	ροθος, 258
πέ-πο-ται, 240	πάξω, 248	ρω, 393, 396, 398, 402
πέ-πτωκα, 230	πᾱγ, 251	ρω, λω, 393, 408
πέλεκυς, 222	πᾱθ, 244, 245	ρωχμός, 346
πέτομαι, 255	πᾱκτός, 251	ρόδον, 194
πέφευγα, 246	πᾱλός, 129	ρόθος, 258
πέφη· ἐφάνη, 239	πανίον, 127, 135	ρώσομαι, 246
πέφηνα, 247	πᾱρ, 281	σ, 100, 195
πήγνυμι, 245	πᾱχυσ, 176	σμπλοος, 95
πήγνυμι, 245, 247	πᾱ-μα, 226	σάλ-ος, 125
πήξαι, 245	πᾱρος, 281	σάος, 187
πήσας, 244	πᾱχυσ, 136, 271	σάϊοι, 123
πήσομαι, 244	πή-μα, 235, 244	σέλμα, 219
πήττω, 252	πήγμα, 250	σέρφο, 159
πί-πτ-ω, 230	πήμα, 334, 335	σέσᾱρα, 281
πό-μα, 226	πήχυσ, 306	σίαλον, 427
πό-σις, 241	πίων, 332	σαλ-άσσω, 125
πόδα, 223	πῦματος, 192	σαπ-ρός, 122
πόρπαξ, 263	πῶ-μα, 226	σαυκός, σαυσαρός, 427
πᾱ-νία, 130	ρ, 59, 261, 262, 431	σαυσαρός, 142, 162, 283
πᾱ-τ-έομαι, 130	ρέπω, 181	σαυχμός, 124
πᾱγερός, 251	ρα, 59, 108, 180, 261,	σαφ-ής, 122

σαφής, 183	σκεπ, 148	σμ-όνος, 425
σαίιοι, 123	σκεπτός, 110	σμει, 157
σβέσον, 147	σκευός, 218	σμοιό, 157
σβη, 230	σκοιός, 181, 197	σμάω, 228
σεπ, 62, 64, 110	σκολιός, 181	σμή-νη, 228
σερ, 150, 151	σκοπέω, 148	σμήδιξ, 228
σεσάρυια, 248, 281	σκοπός, 353	σοφός, 183
σευ, 66	σκω, 197	σπ-εῖν, 110
σεχ, 62, 110	σκό-το, 197	σπά-ω, 130
σθένος, 217	σκόπος, 181	σπένδω, 214
σθαι, 205	σχύδμαινος, 415	σπέρμα, 219
σι-σαλ-γειν, 70	σκώληξ, 204, 281	σπαρέσθαι, 108
σι-σδ-γω, 107	σκώψ, 325	σπαργάω, 183
σι-σλ-γειν, 70	σκάπτω, 252	σπαρνός, 346
σκ-ώρ, 342	σκήπτω, 252	σπαρτός, 68
σκ-ἄτ-ός, 342	σκώληξ, 263	σπατίλη, 228
σκάλοψ, 127	σκώπτω, 252	σπε, 63
σκάνδαλον, 127, 428	σκάλλω, 281	σπείρω, 283
σκάπ-τω, 134	σκάψω, 253	σπενδ, 157
σκέλος, 217	σκάπων, 350	σπερ, 66, 68
σκέπη, 353	σκᾶλ, 263, 281	σπευδ, 157
σκήπων, 129	σκᾶνά, 181	σπείρα, 68
σκαίός, 123	σκᾶπάνιον, 129	σπινθ-έρ-, 333
σκαληνός, 181	σκίρον, 197	σπλάγγν-ο-ν, 280
σκει, 197	σλει, 150	σπο, 63

σπονδή, 157	στειχ, 63, 157	στρωτός, 389
σποργαί, 183	στελ, 66, 70, 151, 157	στρωφάω, 326
σποράς, 249	στερα, 397	στρότος, 180
σπουδή, 157	στερε, 397	στροφή, 163
σπᾶ, 130	στεροπή, 180	στᾶ-, 398
σπά-νις, 233	στευ, 216	στῶ-μα, 193
σσ, 195	στεῖνο, 159	στυγείν, 256
στάλ-σις, 70	στιγμή, 346	στόρ-νυμι, 193
στέγη, 353	στιφρός, 251	στόρνυμι, 397, 398
στέλμα, 219	στολή, 157	στόχος, 416
στένιον, 159	στολμό, 151	στέγω, 264
στένο, 159	στολμός, 219	στίζω, 251, 253
στέφανο, 156	στορ, 193, 394, 397, 398	στίχειν, 256
στέφος, 217	στορπᾶν, 180	στίχουσι, 256
στήνιον, 159	στοῖχο, 157	στᾶ-τήρ, 130
στίβος, 346	στράτος, 389	στᾶ-τός, 241
στίχος, 346	στραβός, 346	στά-σις, 241
στα-τήρ, 227	στραγγός, 181	στᾶρ-, 398
σταρ, 397	στρεφ, 163, 346	στατός, 225
στατήρ, 350	στρογγύος, 181	στᾶ, 65, 228, 242, 260, 279, 284
στατός, 273, 279	στροπά, 180	στᾶ-, 225
σταυ-ρός, 123	στροφαί, 180	στά-μων, 226
σταφ, 120	στρω, 190, 397, 398	στά-σω, 226
στείχω, 214	στρω-τός, 398	στάμων, 225
στειφ, 251	στρωμνή, 398	

στᾶ, 391	σύ-ζυγ-, 310	τέ-τλᾶ-μεν, 65
στῶ-μιξ, 228	σύλ-λογος, 162	τέγγω, 134
συ-βώ-της, 227	σύμ-πωθι, 294	τέγος, 217
συλ-λογή, 162	σΓαδ, 243	τέθνα-ντι, 99
συν-ε-τός, 241	σΓανδ, 243	τέθναᾶμεν, 409
συν-εοχμό, 151	σΓάδ, 270	τέθραμμαι, 113
συνειλεχώς, 145	σΓᾶδ, 247	τέθωγε, 272
σφάλλω, 124	σάττω, 252	τέθᾶλα, 281
σφαραγέω, 400	σέ-σηπ-α, 247	τέκ-μαρ, 87
σφεδ-ανός, 228	σήπω, 246	τέκ-μωρ, 87
σφοδ-ρό-ς, 228	σύ-στᾶ-μα, 226	τέκνον, 154
σφοδρός, 251	σύν-δε-τος, 241	τέκος, 217
σφοδρώς, 333	σᾶίρω, 281	τέκταινα, 107
σφόργγος, 195	σᾶπρός, 251	τέκτυνες, 178
σφάζω, 252	σᾶπ, 247, 251	τέλα-σσαι, 398
σχ-εῖν, 110	σᾶρ, 281	τέλασσαι, 409
σχ-η, 230	σᾶ-μα, 226, 238	τέλμα, 219, 220
σχές, 62	σῶτερ, 326	τέλος, 217
σχε, 63	τ, 86, 88, 150, 195, 203	τέλσ-ο, 158
σχο, 63	τά-νυ-ται, 79	τέμαχος, 403
σχολή, 183	τάλασσαι, 409	τέμμαι, 205
σχῆ-μα, 230	τάσις, 80	τέναγ-ος, 409
σωρός, 281	τέ-κμ-αρ, 87	τέρα-μνον, 397, 398
σόςος, 187	τέ-κμ-ωρ, 87	τέρε-μνον, 397
σώω, 187	τέ-τα-ται, 78	τέρε-σσεν, 398





τεμ-, 406	τηῦ-σιος, 136	τομό, 157
τεμα-, 406	τι-θα-σός, 232	τουτεΐ, 169
τεματός, 404	τι-τν, 107	τοφιών, 193
τεμτός, 404	τιθέασι, 100	τοίχος, 157
τεν, 78, 79	τιθείσι, 295	τράπελος, 72
τεν-θρήνη, 263	τιθημί, 265	τράπηγ, 187
τεξ, 190	τιταίνω, 107	τράφω, 120
τερ, 150	τλᾱ, 65, 404	τράχω, 120
τερ-, 406	τλάμων, 226, 404	τρέπω, 63, 67, 113, 119
τερά-μων, 398	τλᾱτός, 131	τρέσβυς, 180
τερα, 398	τληθί, 294	τρίπος, 325
τερε-, 406	τμη-, 403, 406	τρίτος, 92
τερπ, 64	τμητός, 405	τρίχα, 142
τερσ, 346	τμάγεν, 246	τρεφ, 113, 156, 157, 163
τεταγών, 128	τμήγω, 246	τρεχ, 163
τετεκ(α)μεν, 223	τμάγε-ν, 247	τρη-, 406
τετκμεν, 145	τμάγω, 246	τρητός, 405
τετμεῖν, 150	τμᾱγ, 247	τρι-χάϊκες, 142
τευκτήρ, 221	τμᾱτός, 404	τριάκοντα, 416
τεί-σω, 228	τόκος, 116	τροφεύ, 156
τείρω, 252	τοί, 171	τροφό, 157
τείος, 205	τοκεύ, 156	τρυγητός, 163
τείσαι, 150	τοκεύς, 265	τρυφή, 352, 414
τείχος, 218, 244	τοκάς, 249	τρωγ, 280
τεύχος, 218	τοκήος, 265, 306	τρωννώ, 369

τρωπάω, 326	τέ-τᾱκ-α, 247	τόρμος, 230
τρωπάω, 260	τέ-τᾱκ-ε, 253	τύκειν, 256
τρωχάω, 326	τέγος, 264	τύπτω, 253
τρόπις, 187	τέθ-ωκται, 248	τᾱκερός, 251
τρόφι, 163	τέθηκα, 240	τάκω, 134, 246, 248,
τρόχι, 163	τέθωγα, 248	257
τρώγω, 246	τέθωγας, 248	τάξω, 248
τρᾱνής, 401	τέθωγε, 248	τᾱγ, 250
τό, 171	τέθωκται· τεθύμωταί,	τᾱγός, 250, 253
τόκο, 157	248	τᾱκ, 247, 251
τόλμα, 156	τέθᾱγα, 248	τᾱκτός, 251
τόλμη, 150	τέθᾱπα, 243	τᾱτάω, 136
τόνο-ς, 158	τέκος, 227	τῆθος, 250
τόνος, 266	τέρμων, 230	υ, 178–180, 197, 253, 391
τόξο, 156	τέτοκα, 223	υλ, 178
τόξον, 189, 190	τέτᾱχα, 253	υν, 245
τόρμο, 150	τῆν, 180	υρ, 178, 399
τόρμος, 150, 219	τί-θη-μι, 230, 238	φ, 414
τόφος, 193	τί-θη-μί, 234	φάλικης, 187
τύκος, 346	τίθε-μεν, 232	φάρω, 120
τύτε, 178	τò, 184	φέγγος, 218
τᾱ, 164	τò πάρος, 129	φέρενα, 154
τάσσω, 253	τò της γυναικὸς αἰδοῖον,	φέρετε, 428
τέ-θηπ-α, 247	342	φέρμιον, 151, 219
τέ-τλᾱ-μεν, 240	τὸν, 192	φέρομαι, 165

φέρομες, 428	φερβ, 157, 162, 164	φληγ, 330
φέροντι, 208	φερμός, 152	φλογμό, 151
φέροντος, 313	φερνή, 154	φλογμός, 182, 219
φέρως, 51	φερνίον, 151	φλόξ, 330
φέρω, 51, 151, 214, 297	φερτός, 68	φλόξ, 249
φέρων, 313	φευγ, 63, 268	φοβέω, 148
φέρης, 297	φευκτός, 251	φοινίκ-ανς, 100
φα(φ)εινός, 124	φεύγω, 214	φοινός, 155
φα-τός, 80	φεύγω, 246	φολκός, 187
φαγ, 161	φεύξομαι, 246	φοξός, 258
φαγείν, 275	φθέγμα, 219	φορ, 51
φαγειν, 176	φθέρρω, 107	φορέω, 148
φαγείν, 256, 257, 271	φθαίρω, 252	φορί, 190
φαγέ, 257	φθερ, 66, 68	φορβή, 157
φανερός, 181	φθείρω, 252	φορμό, 151
φαρ-όω, 399	φθω, 197	φορμός, 219
φαρόω, 188, 401	φθόη, 197	φορέω, 250, 258
φαρόω, 402	φθόσις, 197	φρ-ήν, 347
φατός, 414	φθά-μενος, 237	φρ-εν, 83
φαφ, 120	φθά-σομαι, 226, 233	φρ-ά-σί, 83
φεβ, 148	φιλ-ήρετμος, 260	φράσσω, 125, 283
φειδό-ς, 426	φλέγμα, 219	φράτηρ, 333
φεν, 64, 78, 424	φλέγω, 182, 271	φρέν-, 333
φερ, 51, 67, 148, 151, 153, 162, 242, 250	φλαδεῖν, 256	φρένι, 302
	φλεγ, 151, 249	φρές, 67

φρήν, 302, 430	258	χηδνω, 243
φρακ-τός, 125	φώζω, 246, 252	χῑς, 396
φρενός, 302	φᾶ-μέν, 130	χῑλιοι, 159
φροντίς, 153	φᾶ-μές, 236	χάλαζα, 127, 394, 401
φρόνις, 163	φᾶ-τός, 241	χάν, 135
φρᾱ, 67	φᾶ-σκω, 240	χάος), 120
φράκτηρ, 131, 137, 348	φᾶ-τις, 130, 241	χάσχω, 130
φυγή, 352	φᾶμέν, 296	χέρσ-ο, 158
φυδρός, 251	φᾶμέν, 237	χέρσος, 68
φυκτός, 246, 251	φᾱ, 228, 239	χήμη, 136
φω-νή, 228	φᾱ-, 289	χι-ών, 331
φωγ, 199	φᾱ-μί, 130, 136	χαδεῖν, 424
φόρβυ, 164	φᾱ-μί, 236, 238	χαδνω, 243
φόρμιγξ, 163	φᾱ-τί, 236	χαμαί, 172, 181, 412
φόρος, 51	φᾶ(F)εα, 282	χαμός, 129
φόρτο, 153	φᾶ-μᾱ, 228	χαμαί, 172
φόρω, 51	φᾶ-σω, 226, 228	χανδάνω, 243
φύλλον, 195	φᾶεα, 265	χαράδραι, 73
φύξις, 348	φᾱμί, 296	χαρμονή, 166
φύρω, 399	φᾱμί, 237	χαϜ, 120
φώγω, 193, 197	φᾱυ, 282	χεδ, 145
φώρ, 325	φᾶ-ς, 236	χειή, 182
φέρτρον, 222	φᾶ-μα, 226	χειμών, 350, 355
φέρω, 258	φῦ, 391	χειρ-, 344
φώγω, 246, 252, 257,	χι, 192	χεν, 424

χενδ, 243	χοός, 330	χώομαι, 270
χερ, 153	χούς, 330	χώρᾱ, 131
χερ-, 344	χραίνω, 396	χάζω, 252
χευ, 156, 162, 247	χρεμ, 163	χέλυσ, 222
χευ χυ, 392	χρη, 232	χύ-μενος, 247
χείσομαι, 244	χροισός, 396	χώ-ρα, 228, 229
χείμα, 219	χροός, 396	χώρα, 249
χείρασ, 70	χρούς, 396	χώσομαι, 246
χεύμα, 219	χρυσοραγές, 261	χᾶ-τέω, 130
χηνία), 118	χρυσό-κερωσ, 335	χᾶ-τίζω, 130
χθ-ών, 331	χρυσός, 394	χᾶ-τίς, 130
χθόνες, 326	χρόμι, 163	χᾶ-τις, 241
χθών, 181	χρώς, 396	χᾶτίζω, 241
χι-ών, 323	χράομαι, 232	χᾶ, 228, 229
χήν, 323	χράύω, 282	χᾶ-λά, 130
χιόνα, 323	χράυ, 282	χῦμός, 219
χλεύη, 353	χρῦσός, 396	ψάλτρια, 107
χλιερός, 121	χρώμα, 396	ψαφαρός, 122
χλόη, 189	χω, 228	ψευδ, 251
χλᾶρός, 131	χόανο, 156	ψευδής, 218, 309, 334, 349, 355
χοεύ, 156	χόδανο, 156	ψη-ρός, 228
χολάς, 190, 394	χόριον, 195	ψηλαφάω, 127, 129
χολή, 199	χόρρη· τράχηλος, 393	ψω-μός, 228
χορδή, 394, 395	χόρτο, 153	ψωμός, 195
χορδή, 392	χόρτος, 153	

ψωράω, 326	Φραγ, 262	ά-, 414, 416
ψώιδος, 189	Φρηγ, 260, 262	ά-(σ)λιτ-εῖν, 150
ψάω, 228	Φάναξ, 248	ά-γνο(φ)ια, 189
ψήχω, 249	Φᾶγ, 227, 247, 249, 250	ά-γοστός, 118
ψώ-ρα, 228	φ, 180, 181, 194, 197, 198	ά-λούθο, 159
ψώχος· γη ψαμμώδης, 249	φάλις, 181	ά-λαθής, 250
ψώχω, 249	φάλλος, 127	ά-ξηχής, 250
ψώω, 228	φάσ-τυ, 120	ά-πείρων, 335
ψᾶ, 228	φίκατι, 416	ά-πημον-, 334
ψᾶκτήρ, 249	φαξ, 420	ά-σκηθής, 250
ψάφος, 129	φας, 420	ά-σλίθιος, 150
ω, 52, 53, 178, 195, 227–231, 235, 240, 248–250, 253, 262, 263, 265, 307, 308	φεικ, 145	ά-τραπό-ς, 346
ωκύς, 270	φελ, 150, 151	ά-φεξ, 420
ωμός, 267	φερ, 150	άέλιος, 123
ώλέ-κρᾶνον, 413	φεστάριος, 120	άβλοπές, 180
Φῆν, 302	φεχ, 148, 151, 156	άγ-ός, 121
Φε-υρ-εῖν, 257	φικ-, 142	άγαρρίς· ἄθροισις, 70
ΦεΦιδώς, 221	φολνος, 394	άγείρω, 70, 396
Φησ, 271	φρόδον, 176	άγερ, 178
Φοσ, 271	φόπα, 311, 330	άγερμός, 151
	φάσ-τυ, 420	άγκ-ύλος, 125
	ϕτ, 162	άγκ-ών, 125
	ά(φ)-ίω, 124	άγκών, 184
	ά(φ)έξω, 420	άγορά, 396
	ά(φ)εσ-(σ)κοντο, 420	άγρός, 122, 133, 135

άγωγός, 249	άλειπτήριον, 350	άμειβ, 162
άγός, 346	άλειπτήριον, 221	άμνός, 122
άδάμας, 409	άλειφω, 150	άμφήν, 179
άδαχέω, 181	άλεκτρυών, 125	άμφί, 126, 415, 416
άδελφειός, 416	άλεύομαι, 162	άμφίσβαινα, 415
άδμής, 409	άληθές, 130	άμφίσθμαινα, 415
άεχήνες, 118	άλιτείν, 150	άμφίσμαινα, 415
άηδών, 350	άλκ-ί, 310	άμφικτίονες, 332
άθάνατος, 409	άλκυών, 126	άμφί, 414
άθήρ, 203	άλκή, 414	άμός, 175, 411
άκάματος, 409	άλλανής, 130	άμίξαι, 181
άκαχ-ίζω, 133	άλλος, 126	άν-ήνορ-, 334
άκαχ-μένος, 121	άλλότερρος, 107	άν-αιδής, 334
άκμή, 346	άλλότριος, 107	άν-ηνεχυίαν, 145
άκτίς, 82	άλοιμό, 150	άν-θρήνη, 263
άκχός, 122	άλοιμός, 150	ανά, 135
άκωκή, 249	άλυκτεί, 131	άνέρ-, 334
άλίνειν, 150	άλυσκάζω, 162	άνέρα, 333
άλανές, 130	άλφ, 183	άνδρο-κτασίη, 80
άλγ-έω, 125	άλφάνω, 124	άνδρά-ποδο-ν, 74
άλεί-της, 150	άλφή, 414	άνδράσι, 74
άλείφειν, 150	άλφός, 126	άνδάνω, 253
άλεγ-εινός, 421	άμέσω, 184	άντ-ηρίδ-, 310
άλεγ-ω, 421	άμακεί, 169	άνφόταρος, 120
άλει, 150	άμείψε-ται, 217	άνύω, 369

άνωνυμος, 179	άπό, 122, 203	άστραπαί, 180
άνεύσθαι, 230	άρ-όω, 125	άσφαλής, 130
άνά, 230	άράχνη, 126	άσχαλάω, 183
άνώγω, 230	άραρ-ίσκω, 125	άφ-έωκα, 230
άξινη, 122	άραρίσχω, 281	άφήτωρ, 227
άοιδό, 157	άργ-ός, 125	άχ-λύς, 121
άολλής, 181	άργίπους, 58	άχλός, 192
άορτή, 153	άρηγών, 350	άχλός, 249
άορτής, 153	άρηγών, 263	άϋτ-μήν, 220
άορτή, 221	άρι-θμός, 279	άϋτμήν, 347
άορτήρ, 221	άρκ-έω, 125	άφέξω, 421
άοσητήρ, 192	άρνός, 301, 302	άφέσ-κω, 120
άπ-έ-κτα-το, 78	άρορ-φα, 183	άφέσκω, 120
άπ-έφατο άπέθανεν, 424	άρρεν-ο, 93	άφειδ, 157
άπήμων, 335	άρρωδείν, 184	άφεξ, 420
άπατήσαι, 180	άρωγή, 263	άφερ, 153
άπαφός, 188	άρωγός, 263	άφες, 420
άπο-λαύ-ω, 124	άρήγω, 263	άφέξ-ω, 420
άπο-λαύω, 281	άρᾶρυια, 248	άφέσ-(σ)κοντο, 420
άπο-ρρώξ, 262	άσμε, 82	άέξω, 414
άποτίνοιαν, 100	άσταφίς, 181	άήναι, 231
άποτεισεί, 155	άστείος, 316	ά-νύ-ω, 79
άποφείν, 180	άστράσι, 74	ά-πλόος, 95
άπυδόας, 100	άστραπή, 180	άγ, 203
	άστραπήν, 180	άγυρτής, 153



άμαρτωλός, 150	ἄγχ-ω, 125, 134	ἄλοχος, 416
άνδάνω, 243	ἄγχουσα, 417	ἄλφιστα, 180
άορτήρ, 153	ἄγχω, 176, 414	ἄλφοι, 414
άπλός, 93	ἄγω, 53, 175, 182, 183,	ἄμ-πω-τις, 196, 241
άπό, 135	254, 255, 258,	ἄμμε, 82
άρμόζω, 416	271	ἄμφω, 126, 414, 417
άρμός, 126	ἄγω ὄγμος, 228	ἄν-αλ-τος, 125, 134
άρπ-άζω, 125	ἄεσσα, 120	ἄν-εμος, 134
άρπ-αλέος, 125	ἄη-μι, 230	ἄν-ηστις, 263
ἄ(F)ετ-μα, 220	ἄημες, 405	ἄναρ, 184
ἄ-δερκτος, 68	ἄημι, 405	ἄνεμος, 126
ἄ-λαστος, 251	ἄκ-αρος, 121	ἄνευ, 108
ἄ-νυ-ται, 79	ἄκ-ρος, 121, 133	ἄνθος, 418, 419
ἄ-πα-σ-τος, 130	ἄκμων, 135	ἄντι, 126
ἄ-πλε-τος, 232	ἄκρος, 251	ἄνυται, 79
ἄ-σχετος, 232	ἄκων, 52, 203	ἄνωγα, 230, 248
ἄανθα, 198	ἄλαξ πήχυς.	ἄξ-ων, 344
ἄβιν, 122	Ἄθαμάνων,	ἄξων, 122
ἄβρομος, 393	413	ἄοζος, 183
ἄβρωμος, 393	ἄλγ-ος, 125	ἄρ-θρον, 125
ἄγ-ω, 121, 133	ἄλειφα, 88	ἄργ-υρος, 125
ἄγειν, 256	ἄλειφαρ, 88	ἄρκτος, 71
ἄγνυμι, 247	ἄλκη, 126	ἄρν-, 302
ἄγος, 204, 250	ἄλλος, 135, 176	ἄρξιφος, 58
ἄγυρις, 178	ἄλλυ, 178	ἄρο-τρον, 279

ἄρον, 126	ἄψ-ορρο, 156	Ἄ-χα(φ)ιοί, 142
ἄροτρον, 279	ἄω-τον, 230	Ἄπι-, 331
ἄρουρα, 183	ἄφεθ-λον, 120, 421	Ἄπι-δανός, 122
ἄρσεν-, 333	ἄ-παξ, 95	Ἄπιδανός, 122
ἄρσην, 347	ἄγιος, 107, 204	Ἄργει-φόντης, 153
ἄρχω, 183	ἄγος, 204	Ἄρεπ-υῖαι, 421
ἄστευ, 316	ἄδεται, 205	Ἄρτα-, 58
ἄστομος, 334	ἄζομαι, 107, 183, 252, 271	Ἄχαιοί, 142
ἄστυ, 316	ἄκαρος, 135	Ἄ-(φ)ιδ, 310
ἄτρεγκτος, 134	ἄλ-λομαι, 125	Ἄρηος, 183
ἄττα, 122	ἄλς, 127, 135	Ἄρπυια, 317
ἄτφεγκτος, 134	ἄμ-ᾱ, 108	ἐ, 61
ἄφ-εις, 241	ἄξων, 135	ἐ-γεν-όμην, 52
ἄφελμα, 184	ἄπ-τω, 121	ἐ-δί-δακ-σα, 188
ἄφενος, 187	ἄπαξ, 93	ἐ-δό-μην, 196
ἄφλαστον, 127	ἄπαξ εἰρημένον, 269	ἐ-κέ-κλ-ε-το, 64
ἄφρων, 430	ἄπτω, 252, 253	ἐ-μέ-μηκο-ν, 246
ἄχ-ος, 133	ἄρμα, 416	ἐ-πλ-ό-μην, 61, 62
ἄχεσθαι, 256	ἄρπ-η, 125	ἐ-πτ-ό-μην, 62
ἄχεται, 200	ἄσπω, 119	ἐ-πτ-όμην, 212
ἄχθομαι, 183	ἄττα, 135	ἐ-πυθ-όμην, 212
ἄχθος, 133	ἄγον, ὠφελον, 225	ἐ-ρρέ-θην, 232
ἄχνη, 122	ἄδος, 250	ἐ-σμερο, 159
ἄχομαι, 133, 255	ἄπος, 250	ἐ-σάπη-ν, 247
ἄχος, 133		ἐ-τάκ-ην, 134

έ-τάκη-ν, 247	έλάτην, 122	έντί, 294
έ-φθᾱ-ν, 233	έλα-θρά · έν έλαίω	έντι, έντασσι, 417
έ-άγη, 247	έφθά, 346	ένωτίου, 198
έάλην, 108	έλαφρός, 251	έξ-αυσ-τήρ, 123
έασφόρος, 185	έλαχύς, 81	έξ-ημοιβός, 162
έγγύς, 417	έλευθ, 145	έξεπλάγην, 128
έγγύς, 414	έλλός, 94	έξωβάδια, 265
έγώ, 118, 172	έλν-ό, 94	έπ-ηε-τανό-ς, 412
έδηκον, 244	έλυθειν, 256, 257	έπέπιθμεν, 65
έδα(σ)ην, 188	έλύσαμεν, 108	έπέραστον, 159
έδάμνᾱν, 428	έμπίς, 417	έπί, 172, 192
έδάρην, 108	έμπυρι-βή-της, 227	έπί-ξηνον, 281
έδάσσατο, 120	έν-ήνοχα, 145	έπί-ρροθος, 271
έδηδοκα, 263	έν-ί-σπ-ε, 62	έπασσύτεροι, 178
έδηδών· φαγέδαινα, 263	έν-θουσιασμός, 162	έπηετανός, 123
έδηδώς, 263	ένάσθην, 120	έπι-βλαί, 352
έδηξάμην, 248	ένήνοχα, 430	έπι-μαθής, 244
έδράκην, 108	ένί-σπ-ε, 62	έπλάγχθην, 128
έδωδή, 263	ένίσπε, 62	έπί δ' άσπις έάφθη, 119
έδήδοκα, 263	ένίσπες, 62	έπί-λάσμων, 250
έδύνη, 263	ένδελεχής, 394	έπί-ρροθος, 266
έθώκατι, 99	ένεκ, 429	έπί-στα-μαι, 237
έκλάπην, 108	ένι-αυτός, 124	έπάγη, 128
έλαβον, 243	έννέα, 89, 91	έρ, 157
έληχον, 243	έννεα, 84	έρα-τός, 80

έρε, 430	έχθρό, 107	έπτά, 89, 91, 102
έρε-τμόν, 279	έχοντ-, 167	έπτα-, 84
έρείκη, 352	έχύμεν, 78	έργον, 158
έρεύγω, 138	έχύμην, 77	έρκ, 150
έρράγην, 245, 262	έχίνος, 176	έρκάνη, 156
έρυγμός, 346	έϋς έής, 265	έστία, 120
έρωδιός, 395	έ-σπ-έ-σθαι, 64	έτός, 279, 410
ές Πύλον, 95	έ-τός, 232	έωσφόρος, 185
έσ-, 289	έάφθη, 119	έωυτόν, 180
έσθιω, 264	έγμός, 151	έφος, 140
έσσύανται, 99	έκατη-βελέ-της, 399	έ-βαλ-ον, 399
έσσύμην, 77	έκατη-βελέτης, 183	έ-βρω-μεν, 398
έσάπην, 246	έκατόν, 118, 182, 416	έ-βρω-ν, 193
έτάθην, 108	έκοτόμβοια, 182, 416	έ-βᾶ-ν, 237
έτάρπην, 108	έκούσα, 100	έ-βᾶ-σα, 226
έτάρφθην, 108	έκτός, 110	έ-γνω-ν, 196
έταρπόμην, 108	έλίχη, 119	έ-δει-σα, 226
έτεός, 317	έλείν, 257	έ-δη-σα, 230
έτράφθην, 119	έλικ, 157	έ-δο-μεν, 237
έτάγην, 250	έν, 79	έ-δρακ-ο-ν, 63
έφερ, 154	έν-, 95	έ-δω-κα, 196
έφερόμην, 165	ένος, 159	έ-θε-μεν, 237
έθορκώς, 182	έξα-, 84	έ-κηF-α, 282
έχεύαμεν, 78	έορτή, 153	έ-κτεν(-τ), 78
έχθαίρω, 107	έπ, 192	έ-κτᾶ-μεν, 78

ἔ-λαθο-ν, 246	ἔ-σχ-ο-ν, 61, 62	ἔδομαι, 215
ἔ-λακ-ον, 188	ἔ-σχ-ον, 108	ἔδρακον, 108
ἔ-λάθ-ον, 130	ἔ-τε-τμ-ον, 64	ἔδραμον, 108
ἔ-λάβ-ο-ν, 246	ἔ-τεμο-ν, 63	ἔδω, 52, 264
ἔ-λάκ-ο-ν, 246	ἔ-φθαρ-μαι, 66	ἔεδνον, 154
ἔ-μβρα-ται, 66	ἔ-φθορ-α, 66	ἔθεται, 265
ἔ-μμορ-α, 66	ἔ-φθᾶ-ν, 237	ἔθηκα, 230
ἔ-νη-σα, 230	ἔ-χευ-α, 237	ἔθιγον, 243
ἔ-παθ-ον, 131	ἔ-χυ-μεν, 78	ἔθορον, 398
ἔ-παθ-ον, 77	ἔ-χυ-το, 237	ἔθος, 265
ἔ-παρδ-ο-ν, 63	ἔαντι, 99	ἔθω, 265
ἔ-πε-φν-ον, 64	ἔαρ, 140, 341	ἔθων, 265
ἔ-πετο-ν, 63	ἔασσα, 100	ἔικονα, 145
ἔ-πραθ-ο-ν, 63	ἔβαλον, 398	ἔιοκα, 145
ἔ-πτ-ε-το, 63	ἔβην, 80	ἔκη(F)α, 282
ἔ-ρρω-σα, 196	ἔβρων, 398	ἔκηα, 265, 282
ἔ-σβη-ν, 230	ἔγνον, 100	ἔκλαγον, 128
ἔ-σπ-ο-ν, 62	ἔγγελυς, 417	ἔκομεν, 186, 197
ἔ-σπαρ-ται, 66	ἔγχος, 217	ἔκταν, 78
ἔ-σσευ-α, 282	ἔγχουσα, 417	ἔκτανον, 108, 411
ἔ-σσυ-μαι, 66	ἔδακον, 244	ἔκτᾶ, 78
ἔ-σταλ-μαι, 66	ἔδαμον, 409	ἔλ-αφο-ς, 94
ἔ-στᾶ-μεν, 237	ἔδειξα, 148	ἔλαβον, 243
ἔ-στᾶ-ν, 130, 136	ἔδεισα, 217	ἔλακον, 52
ἔ-στᾶ-σα, 226	ἔδμεναι, 264	ἔλαχον, 243

ἔλεγο, 158	ἔπος, 176, 217	ἔταμον, ἔδαμον,
ἔλεγχο, 158	ἔποψ, 188, 326	ἔκαμον,
ἔλεγχος, 217	ἔποψ ἐπόπτῃς τῶν	ἔθανον, 411
ἔλυσα, 108	αὐτοῦ κακῶν,	ἔτευξα, 217
ἔλυσαν, 100, 108	188	ἔτορον, 398
ἔλαθον, 246	ἔπταξα, 248	ἔτος, 217
ἔμμορα, 145	ἔπωπα, 326	ἔτραγον, 280
ἔμφορ, 419	ἔπαξα, 248	ἔτραπον, 63, 67, 108,
ἐν-θινος, 155	ἔραμαι, 262	113, 119
ἐνασσα, 120	ἔργ-ο, 158	ἔτραφον, 113
ἐνατος, 91, 92	ἔρεβος, 217	ἔτρωσεν, 398
ἐνθα, 417	ἔρευθος, 218	ἔτυ-μος, 317
ἐννομος, 155	ἔρημος, 261	ἔτάφον, 243
ἔοικα, 65	ἔρο, 159	ἔφαγον, 246
ἔορ θυγάτηρ, ἀνεψιός,	ἔρρηγμαί, 262	ἔφερον, 165, 428
332	ἔρωγα, 52, 261, 262	ἔφυγον, 63
ἔορ-ες, 332	ἔρση, 352, 353	ἔφυγω, 246
ἔοργα, 176	ἔρσην, 94, 121	ἔχετε, 165
ἔορες προσήκοντες,	ἔσκάφα, 253	ἔχευη, 77
συγγενεῖς, 332	ἔσσευα, 77, 216	ἔχευα, 77, 78, 216
ἔπ-ηλυσ, 310	ἔστατο, 237	ἔχθαρ, 107
ἔπαθον, 77, 79	ἔστιχον, 63	ἔχισ, 414
ἔπεμψα, 217	ἔστρεψα, 217	ἔχοι, 166
ἔπι-πλα, 346	ἔστᾶν, 237	ἔχοιμεν, 166
ἔπλευσα, 217	ἔτῃπον, 63	ἔχοις, 166

ἔχομεν, 165	ἔξομαι, 271	ἦι-καν-ός, 125
ἔχοντι, 165	ἔπομαι, 119	ἦικανός, 125
ἔχω, 165, 218	ἔρκος, 217	ἦλίθιος, 150
ἔχό-μενο-ς, 166	ἔρμα, 219	ἦλεός, 150
ἔϊκτο, 145	ἔρμ' ὀδυνάων de ὀρμή, 219	ἦμαθέεντα, 95
ἔϊκτον, 65	ἔρπω, 214	ἦμί, 234
ἔᾶσι, 99	ἔς, 63	ἦπάομαι, 253
ἔ-πτυχ-α, 247	ἔστα-ντι, 99	ἦρέμα, 261
ἔ-στη-κα, 240	ἔστατο, 237	ἦώς, 332
ἔ-στά-μεν, 240	ἔστερος, 140	ἦώς, 265
ἔ-στᾶ-ται, 240	ἔστωκα, 247	ἦ, 279
ἔ-ω-χα, 230	ἔστωρ, 221	ἦδίω, 327
ἔ-ᾶγ-α, 247	ἔστᾶμεν, 65	ἦδέφα, 307
ἔ-ᾶδ-α, 247	ἔω-[κε], 238	ἦδύν, 307
ἔβδαμος, 412	ἔω-κε, 240	ἦμέρας τε καὶ νυκτός, 301
ἔβδεμος, 412	ἔωκα, 231	ἦμέρας τε καὶ νύκτωρ, 301
ἔβδομος, 90, 412	ἔωμεν, 137	ἡμερτόν, 159
ἔδος, 264, 281	Ἐνυάλιος, 369	ἡμι-σφο-ν, 427
ἔδρα, 264	Ἐρραφ-εώτης, 94	ἡσυχάζειν, 262
ἔζομαί, 264	Ἐρυθραῖοι, 192	ἦ-τριον, 390
ἔηκα, 230	Ἐτεφάνδρω, 317	ἦειρε, 265
ἔκτος, 92	Ἐκτωρ, 221	ἦκαχον, 133
ἔλκος, 217	ἡγόν· κατεαγός, 250	ἦνυτο, 79
ἔλμις, 73	ἡθείος, 265	
ἔλος, 217		

ἦ-μα, 230	ιάλλειν, 70	ἴμεν, 237
ἦ-μων, 230	ιάλλω, 424	ἴομεν, 215
ἦ-σω, 230	ιάπτω, 122	ἴουλος, 205
ἦαται, 104, 105	ἰγνύς, 335	ἴσχι, 343
ἦβα, 265	ἰδ, 221	ἴ-η-μι, 230
ἦβα, ἦμι-, ἦσυχος, ἦμερος, 235	ἰδυῖα, 351	ἴ-η-μί, 238
ἦμι-συ, 427	ἰδυῖοι, 300	ἴ-στᾶ-μεν, 130
ἦμισσον, 427	ἰθυπτίων, 332	ἴ-στᾶ-μι, 130, 233, 238
ἦπ-ατ-ος, 341	ἰκάντιν, 416	ἴ-στᾶ-τι, 284
ἦπατος, 86, 87	ἰξύς, 343	ἴε-μεν, 232
ἦσατο, 248	ἰοντ-, 416	ἴζω, 107
ἦθος, 265	ἰσχίον, 343	ἴημι, 63, 216, 230, 231
ἦμαι, 234	ἰωγή, 249	ἴληθι, 294
ἦ-μα, 231	ἰᾶχή, 250	ἴμερο, 159
ἦλος, 127	ἰδρύω, 280	ἴπεε, 224
ἦμ-αρ, 87	ἰδρύω, 264	ἴππο-αι, 227
ἦος, 265	ἰερεὺς, 197	ἴππο-ιο, 169
ἦπ-αρ, 341	ἰππό-δαμος, 172	ἴπποι-σι, 170
ἦπαρ, 74, 86	ἴ-μες, 236	ἴππος, 51, 168, 224
ἦπαρ -ατος, 88	ἴ-σχω, 62	ἴππους, 100
ἦσται, 281	ἴ-σᾶ-μι, 238	ἴππω, 238
Ἡελείον, 164	ἴδμαι, 145	ἴππω, 171, 227
Ἡρι-δανό-ς, 122	ἴδμεν, 145	ἴστημι, 359
Ἡρώ, 308	ἴδμων, 221	ἴστωρ, 221
	ἴκταρ, 342	ἴστᾶμι, 265



ἴωμι, 216	ὄμο-σσαι ὄμνυ-μι, 369	ὄστ-έγο-ν, 342
ἴκλον, 179	ὄνινημι, 197	ὄστέον, 192, 342
ἴσος, 427	ὄνομα-κλυτός, 93	ὄσταφίς, 181
ἴξον, 353	ὄνοματ, 87	ὄφι-, 415
Ἰο-φῶν, 331	ὄνοτος, 194	ὄφλοί· ὄφειλέται, 346
Ἰοῦν, 307, 308	ὄνόματος, 84, 86	ὄχέω, 148, 218
ὀ(φ)ιωνός, 180	ὀνά-τωρ, 227	ὄχεύ, 156
ὀ-, 416	ὀνάτός, 227	ὄχθέω, 183
ὀγκάομαι, 194	ὀξίνα, 192	ὀϊομαι, 197
ὀδ, 200	ὀξυ-, 189	ὀϊστός, 189
ὀδάξω, 181	ὀξύν, 192	ὀφι, 184
ὀδοντ-, 416	ὀξύς, 189	ὀ, 171, 180, 192
ὀδύνη, 263	ὀπ, 199	ὀ μετὰ θαυμασμοῦ
ὀεως, 308	ὀπάων, 192, 198	ἐγκωμιαστής,
ὀκ, 199	ὀπι-, 192	249
ὀκτά-πηχυσ, 84	ὀπός, 192, 199	ὀλκό, 157
ὀκτα-κόσιοι, 84	ὀρ-, 400	ὀλκάς, 249
ὀκτε, 85	ὀρ-ό-δαμνος, 395	ὀλοός, 190
ὀκτώ, 192, 199	ὀρθός, 186, 190, 393	ὀμαλός, 179
ὀκτώ, 238	ὀρράτω, 147	ὀμο-κλή, 352
ὀλ-έσθαι, 193	ὀρρωδεῖν, 184	ὀμός, 173, 174
ὀλέ-κράνον, 413	ὀρφανός, 194	ὀμόχωροι, 142
ὀλοφύρομαι, 189	ὀρός, 161	ὀρ-, 208
ὀμιχεῖν, 181	ὀρύγματα, 206	ὀρκάνη, 156
ὀμφαλός, 194, 280	ὀσσητήρ, 192	ὀρμή, 151

ὄ(φ)ις, 192	ὄνουξ, 176, 194	ὄχος, 218
ὄαρ, 332	ὄνω, 180	ὄψ, 176, 325
ὄβολος, 189	ὄπατρος, 416	ὄϊς, 199
ὄβριον, 187	ὄπι, 192	ὄδερως· γαστήρ, 280
ὄγδοος, 189	ὄπις, 192	ὄλμο, 150
ὄγκος, 184, 194	ὄπωπ-α, 191	ὄλος, 195
ὄγμος, 182, 183	ὄργανο, 156	ὄπις, 192
ὄδωδ-α, 191	ὄργυια, 317	ὄρκμο, 150
ὄζος, 183, 199	ὄρεσ-φι, 328	ὄρμο, 150
ὄζυξ, 416	ὄρνις, 199	ὄρμος, 219
ὄζω, 53, 175, 176, 191	ὄρνυμι, 398	ὄρπηξ, 263
ὄθεσθαι, 256	ὄρρος, 199	ὄσιος, 417
ὄθομαι, 197, 255	ὄρσο, 193, 381	ὕρειγαλέον, 262
ὄκ-τ-αλλος, 191	ὄρφνη, 154	ὕ-φορβός, 162
ὄκνος, 154	ὄρχαμος, 183	ὕάλη, 204
ὄκρις, 192, 267, 270	ὄρωρ-α, 193	ὕγιής, 324
ὄλβος, 183	ὄσσε, 176, 191, 199, 342	ὕλάω, 130
ὄλωλ-α, 193	ὄστι-νος, 342	ὕλα-κ-ή, 130
ὄμβρος, 176, 415, 416	ὄστρεον, 342	ὕλακτεί, 131
ὄμνυμι, 197	ὄτλος, 346	ὕλά, 130
ὄμπνη, 187	ὄτταβος, 280	ὕμήν, 94
ὄν-υ-ξ, 179	ὄφελμα, 184	ὕπέρ, 168
ὄναρ, 184	ὄφισ, 414–417	ὕποπόδιον, 154
ὄνομα, 84, 176, 179, 194	ὄχανο, 156	ὕπό-δρα(κ), 71
ὄνος, 189	ὄχανον, 156	ὕσμί, 220

ύσμίνη, 220	άραμέν· μένειν, 262	ράνα· άρνα. Ρομαίοι δὲ
ϋδ-ατ-ος, 341	άχος, 258	βάτραχον.,
ϋδ-ωρ, 341	έξήκοντα, 234	302
ϋμν-ο-ς, 94	έπιμηθής, 250	ράξ, 122
ϋπνος, 154	έρπ, 263	ράπ-τω, 125
ώδ, 200	έρρηγείας, 262	ράπται· φάραγγες, 73
ώδις, 263	έαγή, 258	ράπτω, 183, 426, 427
ώθέω, 197	ώθέω, 258	ράπυς, 129
ώκυ-, 189	ώκός, 267	ρέ(Ϝ)ος, 218
ώκός, 195	ώόν, 195	ρέ(Ϝ)ω, 214
ώλένη, 195, 413	ᾱ, 52, 53, 216, 228, 240,	ρέμβ-ο, 158
ώμ-ηστής, 263	246, 248, 250,	ρέϜω, 214
ώμοπλάται, 184	253, 265, 304	ράγ, 261
ώμός, 270	άκ, 249, 251	ράγεύς, 261
ώμός, 249	ά(Ϝ)ε(σ)-σα, 420	ράγήναι, 280
ώνή, 155	άϜ-έρ-, 333	ράιβός, 127
ώτειλή, 228	άδομαι, 272, 273	ράκτοι, 127
ώχρός, 249, 251	άγέομαι, 271	ράκτοι· φάραγγες, 73
ώχυς, 249	άδύς, 136	ράμφος, 179
ώνᾱ-σα, 226	ᾱλίθιος, 150	ράπης, 181
ώ, 159	ίμάτιον, 159	ράφή, 352
ώμος, 194	ῶ, 391	ρέγεύς, 261
ώνος, 155	ϋ, 341	ρέγκ, 151
άμφάδόν, 239	ρή-μαι, 79	ρέθος, 217
άνδάνω, 247	ράνα, 302	ρέκτήρ, 221

ρέπ, 222	ρή-τωρ, 235	*αύσεσός, 327
ρέυ ρυ, 392	ρήγγνμι, 262	*αύσόσα, 327
ρέϊα, 120	ρήγγνμι, 245, 261	*αύσώς, 327
ρέυμα, 219	ρήξω, 262	*αΰσεσ, 327
ρήγ, 270	ρόκτρον, 222	*αΰσος, 327
ρήγεύς, 261	ρώομαι, 265	*βαλνω, 399
ρογεύς, 261	ράν, 302	*βολνομαι, 398
ρογμό, 151	ράγγνμι, 245	*βράτραχος, 131
ρομφεύς, 183, 426, 427	ράδιος, 120	*βωυς, 305
ρουμο, 151	ράνα, 302	*βέβη, 239, 240
ροφέω, 148	ρήγος, 261	*βέβηθα, 239
ρωγαλέος, 262	ρήνα, 302	*βέβην, 239, 240
ρωγεύς, 261	ώ, 307	*γνυ-πτώ, 346
ρωδιός, 190, 395	*-λᾱ-, 401	*γρηφώ, 429
ρωχμός, 262	*-φασσα, 95, 96	*δάφ, 188
ρόμος· σκώληξ ἐν ξύλοις, 73	*Βελλερο-φατος, 311	*δέλεχος, 394
ρόο-ς, 158	*Ληθιος, 307	*δένσος, 188
ρόπαλον, 181	*Ληθία, 307	*δαπινον, 120
ρύγχος, 179	*Ληθός, 307	*δαχφνᾶ, 179
ρώ-ννυμι, 196	*Λητοῖν, 307	*δαφρός, 188
ρώθωνες, 178	*Μόντγα, 153	*δε-δίω-κα, 230
ρώτυνες, 178	*Μόντης, 153	*δυσχέρων, 344
ρώψ, 325	*Πρjαμος, 107	*δώτερ, 326
ρέζω, 261	*αίφο, 326	*εϊδόσα, 324
	*αύσέσι, 327	*εϊόμεν, 215

*ζουμη, 219	*μάρτις, 317	*πάγνυμι, 245
*θαφνος, 243	*μαθνω, 244	*πάγος, 268
*θενφος, 222	*νασφος, 120	*σ-εντασσι, 417
*θορονος, 181	*νεκτερ-, 321	*σ-εντι, 417
*θόρνος, 154	*νογφνός, 200	*σηπαξ, 95
*θφεσο, 160	*νυβνός, 200	*σεμ-, 95
*θένυς, 222	*νυμνός, 200	*σκάπ, 252
*κ(ε)λασνγο-ς, 72	*νόξ, 179	*σλακφαν-ίη, 72
*κ(ε)ραμβο-, 72	*ούσ-ν-, 339	*σμ-ία, 108
*κμηκός, 408	*πητο-ς, 82	*σμ-α, 108
*κοιμη, 151	*πένθμα, 219	*σμ-ώνυξ, 425
*κοιμο, 151	*πίμπελμι, 67	*σνευ, 108
*κορσατος, 340	*παγνυμι, 245	*σπρέσθαι, 108
*κρᾶννα, 181	*παν-δεμά-τωρ, 409	*στιτος, *στιτός, 389
*κτηνός, 333	*παρνημι, 398	*στέρα-μνον, 397
*κω, 197	*παρτή, 69	*στυται, 216
*κέχονδα, 244	*πεδός, 273	*στω-μο, 228
*λ-αχφαν-η, 83	*ποιμνιον, 107	*σέ-σᾶπ-α, 247
*ληχνω, 184	*ποιμανγω, 107	*τεθᾶγμαί, 248
*λαγχνω, 184	*ποιμν-ός, 83	*τεθᾶγώς, 248
*λαφνω, 243	*ποιμνγον, 107	*τεκν-γα, 107
*λαχνω, 184	*ποιμᾶ-σι, 83	*τετεκαμεν, 145
*λεγχ, 251	*προτ, 195	*τετεκμεν, 145
*λέλωθε, 248	*προφρητυα, 88	*τετφᾶρ-, 321
*λᾶπ, 252	*πτᾶκω, 246	*τιθαντι, 100

\*τιθατι, 100  
\*τιτανγω, 107  
\*τέθᾱγγμεν, 248  
\*φέρμα, 219  
\*φώ-μᾱ, 228  
\*χῖνημι, 396  
\*χῖτγύ, 396  
\*χαμᾱ-, 172  
\*χερι-, 344  
\*χερον, 344  
\*χεσλιοι, 159  
\*χορός, 396  
\*χουμός, 219  
\*χρανημι, 396  
\*Fῖ-ν-ός, 302  
\*Fαρνός, 302  
\*Fρ-ήν, 302, 347

\*Fῖλκφος, 179  
\*Fλικος, 179  
\*άνθο-θρήνη, 263  
\*άποδας, 100  
\*άστόμων, 334  
\*άβνός, 122  
\*άδνω, 243  
\*άγαρσι-ς, 70  
\*άμφος, 419  
\*έ-κτιν-ον, 108  
\*έλυσμεν, 108  
\*έξουάδια, 265  
\*έσματιον, 159  
\*έ-βερα-ν, 398  
\*έ-κτεν-α, 78  
\*έβολον, 399  
\*έκυμεν, 424

\*έχου(τ), 78  
\*έχους, 78  
\*έχυμεν, 78  
\*έ-στω-κα, 240  
\*έω, 239, 240  
\*έωθα, 240  
\*έων, 239, 240  
\*ήθεσ-ιο, 265  
\*ήδίοα, 327  
\*ήομεν, 137  
\*ήπαρτος, 86  
\*’IoFiv, 308  
\*όγδοF-ο-, 85  
\*όγδF-ο-, 85  
\*όμος, 194  
\*όFιος, 308  
\*ράγγυμι, 245

## 8.2 Latim

ac-ies, 133  
acies, 258  
ago, 258  
amnis, 122  
anser, 135

aqua, 122  
assaratum, 341  
assir, 341  
aus, 339  
ax-i-s, 344

bene, 323  
blaterare, 131  
bonus, 323  
cancelli, 128

castigar, 270	extorris, 395	holus, 218
castus, 270	fallo, 124	horreo, 68
cerebrum, 395	falsā, 131	ind-āgare, 258
clango, 128	fem-ur, 341	inguen, 343
clangor, 128	femen, 341	inter, 121
com-pāges, 258	foedus, 218	janitrices, 378
commentus, 80	forma, 151, 152	jec-ur, 341
compodem, 327	fractus, 262	jocus, 200
con-tāgio, 258	frango, 262	juvenis, 324
culmen, 220	frāter, 131	jūs, 340
cēdo, 261	fā-ri, 136	labare, 258
damnosus, 121	fēnus, 264	labor, 124
damnum, 121	fūr, 325	lassus, 262
datōrem, 344	fūrari, 326	latex, 131
decus, 218	garrio, 129	latro, 131
degener-, 335	gener-a, 131	lă-trare, 136
densus, 81	genu, 338	levis, 81
dolare, 394	genus, 218	lābor, 258
domus, 164	germen, 220	lātus, 131
douco, 139	glārea, 129	lă-t-eo, 130
dōnă, 131	haruspex, 395	matrimonium, 324
dūrus, 188	hernia, 395	memordi, 145
ensis, 82	hiare, 130	mixtim, 71
equos, 51	hisco, 130	momordi, 145

---

mordeo, 145	po(r)sco, 67	spondeo, 145
mācero, 121	pondus, 218	spopondi, 145
nemus, 218	porta, 349	stercus, 342
nepōtem, 344	posco, 68	stātus, 136
nudus, 200	prae-co, 258	suavior, 327
nāres, 136	pratun, 131	sāgio, 258
nāsus, 136, 267	procax, 263	sēdare, 260
ob, 192	prōnus, 188	sēdimus, 65
Oufens, 87	pāvo, 129	sēmen, 261
Oufentina, 87	pāx, 128	sīca, 263
pago, 128, 258	pāciscor, 128	tactus, 128
pango, 128	pējor, 219	tagax, 258
panxi, 245	pōdex, 263	tago, 128
pater, 131	pŭ-tris, 391	tango, 128
pectus, 218	quot, 173	tegmen, 220
pecus, 337	rōbur, 265	tego, 116
pedis, 327	s-angu-i-s, 341	tempus, 218
pepigi, 128, 245	sagax, 258	termen, 220
pignus, 128	satus, 261	termes, 395
pinguis, 81	saxum, 263	terra, 395
planctus, 128	scelus, 218	tetigi, 128
plango, 128	segmen, 220	tirās, 400
planxi, 128	sili-cernium, 221	toga, 116
plāga, 128	spepondi, 145	tondeo, 145
		torreo, 68



tot, 173	vatēm, 304	ācer, 258
totondi, 145	vatēs, 304	ēsurio, 263
trans, 400, 401	Venus, 218	ēsus, 263
trāgula, 189	vetus, 218	ōs, 340
tulimus, 65	vomo, 140	ūva, 200
tā-bes, 136	vāgio, 129	*frag-no, 262
u-n-da, 341	vīri, 218	*sēca, 263
uter, 168	vīrus, 218	*vemo, 140

### 8.3 Sânscrito

„ 83, 219	aghá, 133	aṃhú, 133
-dhr̥-k, 340	ajabhartana, 64	
-iṣam, 167	ajirá, 396	babhrāṇá, 111
-kr̥-t, 340	aktú, 349	badbadhāna, 267
-kṣi-t, 340	akṣ, 345	bhar-ā-mi, 51
-tavai, 359	ambă, 330	bhasád, 341
-uyā, 107	arghá, 414	bhed, 71
-viyā, 107	aryamán, 334	bhrátar, 348
hyperpage, 82	asra, 340	bhárantī, 313
	asīśadhat, 267	bhám̐sas, 341
a-dhī-mahi, 238	avasran, 63	bhāra-s, 51
a-vas-ran, 63	añji, 343	bhága, 160, 161
abhi-ṣvár, 310	aśvais, 171	bhāja-ti, 203

bibhṛmās, 67	didismās, 359	gam-bh, 244
bibhēda, 145, 146	didēṣṭi, 359	gatvā, 338
bu-bhuj-imā, 65	doṣṇé, 340	gatā, 80
bubhója, 65	dru, 268	gaus, 305
buddhi, 68	druhā, 160, 414	ghorā, 173
bāṃh-iṣṭha, 81	drógha, 161	ghorātā, 173
bādh, 267	ḍṣāye, 348	ghāsā, 160
ca-kr-, 65	duhitár, 348	gopura, 399
carman, 396	dva-yá, 173	grābhā, 160
chala, 181	dvi-jāni, 260	gṛñāti, 396
cikāya, 145, 146	dviṣánt-, 352	gádati, 207
cátati, 164	dyaus, 303	gántave, 338
cétati, 163	dádih-i, 342	gántum, 338
c <sup>h</sup> ed, 251	dāṃsas, 188	gāti, 348, 349
c <sup>h</sup> idrá, 251	dós, 340	gā, 80
dadárśa, 146	dārú, 164	gā-dh, 244
darh, 64	dātar, 307	gā-h, 244
darmán, 221	dātrā, 307	gīr, 396
darś, 71	dātā, 307	han, 80
dhar, 340	dātāram, 307	hanti, 349
dhána, 264	dāvā, 160	hatá, 414
dhā, 238	dáru, 164, 175, 337	hemán, 221, 350
dhāraṇa, 156	dátar, 315	him-á, 347
dhī-mahi, 238	e, 83	hṛd, 118
		huvāti, 392

hvārā, 160	ketú, 163, 355	kṣépiṣṭha, 219
hásta, 118	khidáti, 274	kṣépīyas, 219
hótā, 239	krath, 384	laghú, 81
há-ni, 259	krámati, 268	madhu-pá, 352
hīná, 259	kránta, 63	maghávan, 106
hṛd-aya, 342	kṛtví, 338	majmán, 134
hṛdí, 340	kṛtá, 58	man, 334
hṛṣyati, 68	kṛṇómi, 369	manth, 161
ja-jān-a, 51	kula, 399	manthan, 344
jagantha, 147	kácate, 128	matí, 348
jaghána, 343	kásya, 169	meṣá, 161
jagr̥bhván, 351	káñcate, 128	mṛdú, 71
jagáma, 146	kásā, 160	mṛdūnām, 316
jagáma, 146	kóṣa, 161	mádhu, 419
jan-ā-mi, 51	kāç, 267	mánas, 218
jitá, 225	kásate, 254	máti, 348
jráyas, 218	kásate, 267	mātár, 348, 351
gyā-ni, 259	kā-tará, 173	mádyati, 268
jána, 160	kīrtí, 348	mṛdh, 352, 355
jánu, 164	kīrti, 348	mūrṇá, 399
jára, 160	kšap, 344	napťí, 344
jéman, 225	kṣep, 251	nṛ-pīti, 241
jī-ná, 259	kṣepiṣṭha, 250	nák, 275
ka, 169	kṣiprá, 219, 250, 251	nákti, 344
	kṣu-, 337	

náptar, 344	praśná, 155	păjrá, 268
nápātam, 344	premán, 350	pītá, 365
náva, 159	ṛcchāmi, 67	pīyú, 219
násati, 156	ṛthú, 71	pūr, 396
nādá, 160	ṛt <sup>h</sup> u-jāg <sup>h</sup> anā, 260	pūr-bhíd, 71
nāvá, 160	ṛñāti, 396	pūṣ, 344
nāyá, 160	purudhá-pratīka, 142	pūṣ-án, 344
námnas, 86	purás, 401	raghú, 81
násā, 267	pád-, 147	rasá, 160
násana, 156	pánthan, 343	rukma, 346
pa-pt-ús, 65	párçu, 306	rájas, 218
paptimá, 65	pársu, 222	rájiṣṭha, 81, 219
papáta, 147	pāti, 175, 344	rájīyas, 219
papáta, 146, 358	pása, 128	rándhra, 130
paraśú, 222	píbdamāna, 64	rása, 160
paripanthín, 343	píparmi, 67	rámhas, 81
paspaśaná, 111	píparti, 359	rámhi, 81
pat, 64, 65	púmān, 312	róhas, 219
pathí, 343	pā-, 365	róhati, 63
patní, 344	pāmás, 238	rāhú, 267
paśu, 337	pád-(a)m, 146	rádhas, 267
pi-ṛ-más, 67	pádam, 147, 327	rádhati, 262
pitár, 348	pámi, 238	rájan, 93
pratyágbhis, 105	pása, 160	rájan-, 147
pravaṇá, 188	pādás, 328	rájñas, 93

rājān-(a)m, 146	sthīti, 354	tavás, 219
rājānam, 147	sthā, 352	tigmá, 346
ṛjipyá, 58	sthā-, 365	tirás, 401
ṛjú, 81, 219	stirāti, 398	tośás, 219, 351
ṛtú, 349	str̥nomi, 289	tr̥śú, 70
s-tí, 349	str̥ṇāti, 398	tudatí, 313
sa-sr-ús, 65	svār, 312	tveṣ, 64
sabhá, 352	svāná, 160	tánti, 349
sac, 64	syoná, 155	téjas, 219
sakhe, 307	sáhiṣṭha, 219	tímyati, 354
sakhyā, 307	sákhe-, 306	tóśate, 134
sakhā, 307	sákhā, 239	tārá, 160
sakhāyam, 307	sákhāy-am, 306	tāyú, 136
sar, 65	sákth-i, 342	tṛṣyati, 68
saṃ-dṛś, 71	sánti, 99	ubhá-ya, 173
sedimá, 65	sáscati, 64	udán, 342
senā-pati, 172	sídhyati, 354	ukṣan, 106
sidhmá, 346	sā, 238	ukṣábhis, 105
snā, 134	sādh, 267	ukṣán, 347
soma-pá, 276	sādá, 160	ukṣá, 239
somán, 221	sāhá, 160	ukṣṇás, 105
sphī-tí, 241	sāvá, 160	uváca, 358
sran, 63	sānu, 312, 337	uśánt-, 352
srótas, 154	sād, 269	uśás, 219, 309, 351
sthitá, 365	sídati, 64	uśáse, 309

uṣás, 327	vocat, 358, 359	yáva, 140
uṣásam, 309	vāhá, 160	yája-ti, 203
uṣásas, 328	vāká, 160	yūṣ-an, 340
va-vṛt-imá, 65	vāri, 122	á-da-dṛh-a-nta, 64
varśmán, 221	vārṣa, 160	á-gama-t, 63
varśmán, 350, 355	vāsá, 160	á-pa-pt-a-t, 64
varṣá, 160	vága, 160	á-sa-śc-a-t, 64
vasná, 155	váhana, 156	á-ti-tviṣ-a-nta, 64
vavṛtāná, 111	vár, 340	ádhitá, 238
vavárta, 65	vára, 160	ádṛsam, 63
vaśá, 160	vári, 340	áh-ar, 341
veś, 161	yaknás, 86	áhi, 414
veśá, 161	yaśás, 219	ákrata, 63
vi-mṛdh-ás, 310	yu-tá, 68	ákṛṇavam, 58
vṛtá, 160	yudhmá, 346	ákṣi, 338, 342
vṛṣan, 347	yudháye, 348	ápatam, 147
vṛṣaṇam, 347	yugmá, 346	árhati, 414
vyāla, 204	yuj, 310	áruhat, 63
vyāḍa, 204	yuktáyas, 357	ás-r-g, 341
vácas, 218, 219	yuktīnām, 316	ásth-i, 342
váhāmi, 165	yákṛt, 86	ásthita, 238
várcas, 219	yákṛt, -nás, 88	ávṛdhat, 63
várdhati, 63	yúdhyati, 354	ásnā, 203
vásu, 155	yúvānam, 324	ásva-, 147
vásyāmsam, 327	yúñj, 310	ásvam, 147

çritá, 278	gánu, 337	śamstāram, 351
údaka, 342	ś, 427	śānkate, 128
úras, 219	śatá-śārada, 260	śíras, 219
ā-pr̥k, 71	śaṅkhá, 161	śáka, 160
āmá, 270	śaṅkú, 349	śáli, 267
ās, 340	śrutvá, 338	śásmi, 267
āsyà, 340	śrávas, 219	śírṣṇás, 340
ágas, 250	śrótas, 154	śírṣṇé, 340
ásan, 203	śrótum, 338	ūcimá, 358
áyus, 123	śrāyá, 160	
ājá, 203	śvábhis, 105	*dadhám, 239
ātharí, 203	śvá, 301	*mādati, 268
āja-ti, 203	śák-r-t, 342	*sa-zd-imá, 65
ćākaçiti, 267	śamstar, 323, 348, 351	√pat, 146





# Bibliografia

- ALLEN, Joseph Henry e James Bradstreet GREENOUGH (1916). *Allen and Greenough's New Latin grammar for schools and colleges, founded on comparative grammar*. Ginn.
- ALLEN, William Sidney (1962). *Sandhi: The Theoretical, Phonetic, and Historical Bases of Word-Juncture in Sanskrit*. Vol. 17. *Janua Linguarum*. 's-Gravenhage: Mouton & Co.
- AMELUNG, Arthur (1871). *Die Bildung der Tempusstämme durch Vocalsteigerung im deutschen: eine sprachgeschichtliche Untersuchung*. Weidmann.
- BARTHOLOMAE, Christian (1895). *Vorgeschichte der iranischen Sprachen*. Vol. 1. KJ Trübner.
- BENVENISTE, Émile (1935). "Origines de la formation des noms en indo-européen". Em.
- (2016). *Dictionary of Indo-European concepts and society*. Hau Books, distributed by University of Chicago Press.
- BENWARE, W.A. (1974). *The Study of Indo-European Vocalism in the 19th Century: From the Beginnings of Whitney and Scherer: a Critical-historical Ac-*

- count*. Vol. 3. Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science. Benjamins.
- BERGOUNIOUX, Gabriel (2009). “L’ENJEU DE L’APOPHONIE DANS LE MÉMOIRE SOIXANTE ANNÉES D’ÉTUDES INDO-EUROPÉENNES”. Em: *Cahiers Ferdinand de Saussure* 62, pp. 33–46.
- BIKELIS, Edgard Santana (2017). “O ‘sistema de vogais’ no Mémoire de Ferdinand de Saussure (1879): uma proposta de tradução”. Mestrado em Semiótica e Linguística Geral. São Paulo: Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 207 f.
- BOUISSAC, Paul (2010). *Saussure: A Guide For The Perplexed*. Guides for the Perplexed. Continuum.
- BRÉAL, Michel (1875). *Les tables eugubines: Texte, trad. et commentaire avec une grammaire et une introd. historique*. Vol. 26. Vieweg.
- BRUGMANN, Karl (1876). “Nasalis sonans in der germanischen Grundsprache”. Em: *Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik*, pp. 285–338.
- CHAPMAN, S. e C. ROUTLEDGE (2005). *Key Thinkers in Linguistics and the Philosophy of Language*. Oxford University Press.
- COLLINGE, Neville Edgar (1985). *The laws of Indo-european*. Vol. 35. John Benjamins Publishing.
- COSENZA, Giuseppe (2016). *Dalle parole ai termini: i percorsi di pensiero di F. de Saussure*. Studi e ricerche. Edizioni dell’Orso.

- CULLER, J.D. (1986). *Ferdinand de Saussure*. Cornell paperbacks : Linguistics, literary criticism. Cornell University Press.
- DAVIES, Anna Morpurgo (1986). "Karl Brugmann and Late Nineteenth-century Linguistics". Em: *Studies in the history of Western linguistics. In honour of R. H. Robins*. Ed. por Thomas BYNON e F. R. PALMER. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 150–171.
- (2009). "Dynamic, organic, mechanical: the general significance of the debate about Indo-European Ablaut in the early nineteenth century". Em: *La Grammatica tra storia e teoria. Scritti in onore di Giorgio Graffi*. Ed. por Paola Cotticelli KURRAS e Alessandra TOMASELLI. Alessandria: Edizioni dell'Orso, pp. 133–152.
- DELBRÜCK, Berthold (1874). *Das altindische Verbum aus den Hymnen des Rigveda seinem Baue nach*. Buchhandlung des Waisenhauses.
- FICK, August (1873). *Die ehemalige Spracheinheit der indogermanen Europas: eine sprachgeschichtliche Untersuchung*. Vandenhoeck & Ruprecht.
- GODEL, Robert (1990). *An Introduction to the Study of Classical Armenian*. Dr Ludwig Reichert Verlag.
- GRASSMANN, Hermann (1873). *Wörterbuch zum Rig-veda*. FA Brockhaus.
- GRIMM, Jacob (1819 – 1832). *Deutsche Grammatik. 4 Bände*. Göttingen: Dieterich.
- HARRIS, R. e E. KOMATSU (2014). *Saussure's Third Course of Lectures on General Linguistics (1910-1911): (F. de Saussure - Troisième Cours de Linguistique*

*Générale (1910-1911)*. Language and Communication Library. Elsevier Science.

HOFFMAN, Karl e Bernhard FROSSMAN (1996). "Avestische Laut-und Flexionslehre Innsbruck". Em: *Institut für Sprach Wissenschaft der Universität*.

JOSEPH, John Earl (2012). *Saussure*. Oxford University Press.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad (1985). "The place of Saussure's 'Mémoire' in the development of historical linguistics". Em: *Papers from the VIth International Conference on Historical Linguistics*. Ed. por Jacek FISIĄK, pp. 323–345.

— (1988). "Jacob Grimm's Place in the Foundation of Linguistics as a Science". Em: *Word* 39.1, pp. 1–20.

— (1999). *Linguistic Historiography: Projects & prospects*. Studies in the History of the Language Sciences. John Benjamins Publishing Company.

KOPP, Waldemar (1873). *Römische Staatsalterthümer und Religionsalterthümer, für höhere Lehranstalten*. Römische Literaturgeschichte und Alterthümer. Springer Berlin Heidelberg.

MACEDO PINTO, J.F. de (1863). *Medicina administrativa e legislativa, obra destinada para servir de texto no ensino d'esta sciencia ... Medicina administrativa e legislativa, obra destinada para servir de texto no ensino d'esta sciencia*.

OSTHOFF, Hermann (1878). *Das verbum in der Nominalcomposition im deutschen, griechischen, slavischen und romanischen*. H. Costenoble.

- PLANCHE, Joseph (1817). *Dictionnaire grec-français, compose sur l'ouvrage intitulé Thesaurus linguae graecae, de Henri Etienne Seconde edition, revue, corrigee et considerablement augmentee*. Vol. 8. Le Normant.
- PRADO, Ana Lia do Amaral de Almeida (dez. de 2006). "Normas para a transliteração de termos e textos em grego antigo". Em: *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos* 19.2, pp. 298–299.
- PULLEYBLANK, Edwin George (1965). "The Indo-European Vowel System and the Qualitative Ablaut". Em: *WORD* 21.1, pp. 86–101.
- RENOU, Louis (1957). *Terminologie grammaticale du sanskrit: Bibliothèque de l'Ecole des Hautes Etudes, 4. Section Sciences Historiques et Philologiques*. Champion (Paris).
- ROBERT, P., A. REY e D. MORVAN (2001). *Le grand Robert de la langue française*. Dictionnaires Le Robert. Paris: Dictionnaires Le Robert.
- ROODBERGEN, Jouthe Anthon Fokko (2008). *Dictionary of Pāṇinian grammatical terminology*. Bhandarkar Oriental Research Institute.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1877). "Essai d'une distinction des différents indo-européens". Em: *Mémoires de la Société de Linguistique de Paris* 3.5, pp. 359–370.
- (1879). *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipsick: Teubner.
- (1916). *Cours de linguistique générale*. Ed. por Charles BALLY e with the collaboration of A. Riedlinger ALBERT SECHEHAYE. Lausanne e Paris: Payot.

- SAUSSURE, Ferdinand de (1922). "Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure". Em: *Société Anonyme des Éditions Sonor*.
- (1978). *Saggio sul vocalismo indoeuropeo*. Ed. por Giuseppe Carlo VICENZI. Bolonha: Cooperative Libreria Universitaria Editrice.
- SAUSSURE, Ferdinand de, Charles BALLY e Léopold GAUTIER (1922). *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*. Genève: Société anonyme des éditions Sonor.
- SCHLEICHER, August (1871). *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen Kurzer Abriss einer Laut-und Formenlere der indogermanischen Ursprache, des Altindischen, Alteranischen, Altgriechischen, Altitalischen, Altkeltischen, Altslawischen, Litauischen und Altdeutschen*.
- (1874). *A compendium of the comparative grammar of the Indo-European, Sanskrit, Greek and Latin languages*. Trad. por Herbert BENDALL. Vol. 1. Trubner & Company.
- (1877). *A compendium of the comparative grammar of the Indo-European, Sanskrit, Greek and Latin languages*. Trad. por Herbert BENDALL. Vol. 2. Trubner & Company.
- SCHMIDT, Moritz et al. (1867). *Hesychii Alexandrini Lexicon*. Jenae, Sumptibus Hermanni Dufftii (Libreria Maukiana).
- SILVA, L.A.R. da (1868). *Memória sobre a população e a agricultura de Portugal desde a fundação da monarchia até 1865: redigida por ordem da comissão de estatística rural*. Memória sobre a população e a agricultura de

- Portugal desde a fundação da monarchia até 1865: redigida por ordem da comissão de estatística rural pt. 1. Imprensa Nacional.
- SMYTH, Herbert Weir (1918). *Greek grammar*. Harvard University Press.
- SMYTH, Herbert Weir e Gordon M. MESSING (1920). *Greek grammar*. Harvard University Press.
- SPENCE, Joseph (1820). *Observations, Anecdotes, and Characters, of Books and Men*. J. Murray.
- SWIGGERS, Pierre (2004). “Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística”. Em: *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL*. Vol. 1, pp. 113–146.
- (2010). “História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações [traduzido por Cristina Altman]”. Em: *EUTOMIA. Revista Online de Literatura e Linguística* 3.2, pp. 1–18.
- (2012). “Linguistic Historiography: object, methodology, modelization”. Em: *Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura* 14.1.
- “Tenth International Congress of Orientalists, Held at Geneva” (1895). Em: *The Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*, pp. 879–892.
- TRASK, Robert Lawrence (2004). *A dictionary of phonetics and phonology*. Routledge.
- WEISS, Emmanuel (2016). “Les Tables d’Héraclée: étude historique et linguistique (Travaux et mémoires: Etudes anciennes 63)”. Em: *Nancy & Paris: ADRA & De Boccard*.

---

WHITNEY, William Dwight (1879). *A Sanskrit Grammar, including both the classical language, and the older dialects, of Veda and Brahmana*. London: Breitkopf e Härtel.